ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 31

JOÃO LUÍS CARDOSO

O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA
CINQUENTA ANOS DE TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS
(1972-2022)

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2022

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 31

JOÃO LUÍS CARDOSO
Professor Catedrático da Universidade Aberta
Sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa
Académico de número da Academia Portuguesa da História
Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do concelho de Oeiras
(Câmara Municipal de Oeiras)

O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA
CINQUENTA ANOS DE TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS
(1972-2022)

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2022

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

– Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)

– Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)

– Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)

– Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)

– Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)

– Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 31 • 2022 ISSN: 0872-6086

Autor – João Luís Cardoso

Desenho e Fotografia – Os desenhos são da autoria de Bernardo Lam Ferreira/João Luís Cardoso. As fotografias obtidas no decurso das escavações arqueológicas são da autoria de João Luís Cardoso e de Guilherme Cardoso. As restantes fotografias são da autoria de João Luís Cardoso, Guilherme Cardoso, Bernardo Lam Ferreira, Conceição André e Filipe Martins, e ainda do Arquivo pessoal do Autor. Os separadores dos capítulos basearam-se no tratamento gráfico de um quadro a acrílico sobre tela, da autoria de Bernardo Lam Ferreira e por este oferecido a João Luís Cardoso.

Produção – Gabinete de Comunicação / CMO

Correspondência – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontaínhas - Tercena
2730-085 BARCARENA

É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sem o prévio consentimento do Autor da obra.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkhr erwunscht

Orientação Gráfica e
Revisão de Provas – João Luís Cardoso
Paginação – César Antunes
Impressão e Acabamento – Graficamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735
Depósito Legal: 97312/96

ÍNDICE GERAL / CONTENTS

ISALTINO MORAIS
Apresentação 5

um
Razões de ser de um livro improvável 11

dois
Retornando às origens, a Carlos Ribeiro, e aos que se lhe seguiram 17

três
O processo de classificação de Leceia de 1963 e o processo de delimitação legal
da área de interesse arqueológico de 1986 29

quatro
A aquisição dos terrenos da área classificada pela Câmara Municipal de Oeiras 41

cinco
Aurora de uma vocação 51

seis
Vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002) 65

sete
As escavações e o seu quotidiano 389

oito
A sequência estratigráfica 405

nove
As cinco fases construtivas identificadas e o que elas representam 419

dez
Restauro de estruturas 443

onze
Trabalhos laboratoriais 451

doze
Visitantes 463

treze
Livros, exposições e colaborações 493

catorze
Palestras, conferências e comunicações 525

quinze
Publicações 535

dezasseis
Prémios 551

dezassete
Notícias na comunicação social 557

dezoito
Epílogo. 50 anos de um desígnio em construção. 619

Referências 635

APRESENTAÇÃO

Num já longínquo mês de Agosto de 1986, recebi convite para visitar umas escavações arqueológicas que então decorriam em Leceia. Ali compareci, ignorando em absoluto a realidade com que me iria deparar: uma área escavada, de extensão assinalável, com evidente método e rigor, de onde emergiam alinhamentos de blocos de calcário, que o meu anfitrião logo atribuiu a muros, muralhas e bastiões, como se de uma fortaleza se tratasse... ainda que os tais renques de pedras se desenvolvessem abaixo da superfície do terreno onde estávamos! Foi com alguma reserva mas sempre mantendo desperta a atenção, que segui as explicações que, com evidente entusiasmo, me eram apresentadas, acompanhadas de previsões quanto ao desenvolvimento no terreno daquelas estruturas arqueológicas, conforme então me foram apresentadas pelo meu anfitrião, que se apresentou como assistente universitário, e responsável pelo projecto arqueológico de Leceia, e que me informou estar devidamente autorizado e financiado pelo Instituto Português do Património Cultural. Na verdade, também a Câmara Municipal de Oeiras apoiava os ditos trabalhos, mediante o transporte dos participantes e a concessão de apoios financeiros anualmente atribuídos desde 1983, tendo a prossecução de tais apoios sido aprovada para o ano de 1986, o primeiro a que presidia aos destinos de Oeiras.

Foi algo de completamente novo que, naquele final de tarde, se deparou a meus olhos, cuja antiguidade não tinha comparação com outras estações arqueológicas, muito mais mediáticas e conhecidas do nosso País. Face à realidade observada, desde logo incumbi o meu interlocutor de organizar uma exposição que desse a conhecer, em primeiro lugar aos Oeirenses, aquelas ruínas várias vezes milenares, que a pouco e pouco iam sendo literalmente desenterradas do solo, com um método só comparável à pertinácia com que todos os jovens participantes davam provas na execução de tais trabalhos.

O sucesso que conheceu a exposição realizada no Palácio do Egipto, logo em Fevereiro de 1987, evidenciado pela grande afluência de público à abertura da mesma, em que fui acompanhado pelo saudoso Professor Noronha Feio, então Vereador do pelouro da Cultura, foi para mim essencial para confirmar que se iniciava naquele momento um novo campo de actuação em Oeiras, o qual, como muitos outros então postos em marcha, poderia vir a fazer parte de um Projecto de Desenvolvimento Integrado, em que esta nova realidade, com evidentes potencialidades, se inseria de pleno direito.

A constituição, por mim proposta, do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, como um serviço da Câmara Municipal de Oeiras, em Novembro de 1988, criou as condições essenciais para que, em Oeiras, a Arqueologia e tudo o que ela significava – investigação, inventariação, preservação, divulgação e reabilitação do Património Arqueológico – não fossem simples palavras ou lugares-comuns despidos de significado, mas correspondessem à realização de acções concretas, quotidianamente executadas naquele Centro, que prosseguem até hoje.

Não é este o momento de historiar a actuação do Centro desde a sua fundação, já em diversas oportunidades apresentada, aliás consubstanciada nos relatórios de actividades anualmente publicados, que bem reflectem a diversidade e riqueza das iniciativas ali desenvolvidas, entrosando-se com outros domínios de intervenção camarária, desde o planeamento urbanístico e o licenciamento de obras, até à intervenção nos centros históricos e nas áreas classificadas, passando pela notável actividade na área da Educação e da Cultura, exprimindo o sincretismo da realidade subjacente à sua própria existência, tanto no terreno como no gabinete.

Tal é também a realidade que se encontra expressa neste belo volume, propositadamente ilustrado exclusivamente a preto e branco, que agora se coloca à disposição de todos os interessados. Assim se constituiu um *corpus* documental único, correspondente a centenas de originais fotográficos, a maioria dos quais inéditos, e que agora se disponibilizam. Tal foi o suporte da proposta de faseamento das construções identificadas, com expressão estratigráfica e diacrónica, abarcando um intervalo de tempo superior a mil anos, entre cerca de 3300 e cerca de 2000 anos a.C.

Na primeira parte da obra, e depois de uma breve explicação da forma como o Autor do livro, o Prof. Doutor João Luís Cardoso – tal era o arqueólogo meu interlocutor de que há pouco falava – tomou conhecimento da existência do povoado pré-histórico de Leceia, são historiados os vinte anos de trabalhos arqueológicos de campo por ele ali dirigidos, entre 1983 e 2002, caracterizando-se as principais estruturas arqueológicas identificadas, fotografadas e cartografadas. Tive a oportunidade de presenciar *in loco*, ano após ano, a este exercício tão árduo quanto exigente, e que integrou, de forma admirável, muitos jovens de várias origens, habilitações e formações, a maioria oriundos de Programas destinados à Juventude, organizados pelo Gabinete da Juventude da Câmara Municipal de Oeiras em estreita articulação com o Centro de Estudos Arqueológicos.

Por via dos trabalhos de campo assim conduzidos e realizados, Leceia constituiu o primeiro grande povoado pré-histórico muralhado do Ocidente Peninsular em que foi possível apresentar uma proposta de evolução da ocupação de um mesmo espaço habitado ao longo do tempo, com base na articulação, sucessivamente confirmada no decurso das escavações, entre a sequência construtiva, e a sequência estratigráfica, com significado cultural e cronológico, definido pela tipologia dos espólios arqueológicos recolhidos em cada uma das camadas arqueológicas identificadas e pelas datações de radiocarbono desde logo realizadas.

A segunda parte da obra corresponde a um outro repositório de factos que muito me apraz registar, e que bem comprovam o notável esforço desenvolvido, especialmente desde 1988, na investigação, divulgação, valorização e reabilitação de Leceia. Tais acções passaram obrigatoriamente por diversas etapas, de que sublinho as seguintes:

– as aquisições de terrenos, primeiro na zona *non aedificandi* e depois na zona de protecção especial envolvente, que prosseguem presentemente, garantindo a posse dos mesmos pela Câmara Municipal de Oeiras, requisito essencial para os próximos passos já previstos e que têm a sua mais acabada expressão na construção de um novo edifício, destinado à instalação Centro de Estudos Arqueológicos;
– as campanhas plurianuais de reconstrução das mais importantes estruturas arqueológicas, que tiveram por objectivo torná-las mais perceptíveis ao visitante, ao mesmo tempo que asseguravam a sua protecção da acção permanente dos agentes meteóricos;
– a construção de passadiço de madeira, muito antes da prática da construção destes equipamentos se ter tornado corrente em Portugal, permitindo o acesso visual ao interior da área arqueológica, obviando às inevitáveis delapidações provocadas inadvertidamente nas estruturas arqueológicas pela circulação dos visitantes;
– a construção de uma vedação rígida, assente em sapata contínua de betão ao longo da zona *non aedificandi*, garantido assim a sua protecção física efectiva;
– e a construção de uma entrada condigna no espaço arqueológico, devidamente sinalizada e com visibilidade para todos os que circulam na via rodoviária adjacente.

Foram estas e outras iniciativas que viabilizaram e dignificaram as muitas visitas guiadas até hoje realizadas, enunciadas uma a uma neste livro, a par das centenas de palestras realizadas para diversos destinatários que, sendo por excelência acções de divulgação, só poderiam ser credíveis e consequentes, se baseadas em investigação de qualidade, em conformidade com a estratégia desde cedo adoptada. Assim se explicam as mais de cem publicações científicas até agora vindas a lume, entre as quais vários livros e monografias, que fazem de Leceia a mais exaustivamente estudada estação pré-histórica do território português: bastaria para o efeito lembrar que a totalidade dos espólios arqueológicos foram já objecto de trabalhos detalhados, constituindo verdadeiras monografias, por vezes de muitas centenas de páginas, entretanto publicadas.

A nova realidade digital em que vivemos explica, também, a concepção e realização de um vídeo em 3D sobre Leceia, recorrendo unicamente aos recursos do Centro de Estudos Arqueológicos, a que se soma a disponibilização de todas as publicações editadas na revista "Estudos Arqueológicos de Oeiras" entre 1991 e 2022, na plataforma OJS ("Open Journal Systems"), acessível em qualquer lugar do Mundo.

Com efeito, a projecção internacional dos resultados obtidos foi uma consequência lógica da sua reconhecida importância, sendo esta igualmente expressa pelos estudos publicados em prestigiadas revistas internacionais, e pela realização em Barcarena de várias reuniões científicas, sob a égide do Centro, onde foram apresentados alguns dos resultados mais relevantes obtidos em Leceia. Nelas participaram eminentes arqueólogos da actualidade, como os Professores Chris Scarre da Universidade de Durham, Martín Almagro-Gorbea da Universidade Complutense de Madrid, e Jean Guilaine, do Collège de France (Paris).

Importa ainda sublinhar as acções de cooperação institucional estabelecidas em Portugal e no estrangeiro, destacando-se, entre as primeiras, o Museu Nacional de Arqueologia, onde se realizou em 1997 exposição monográfica alusiva a Leceia, depois reorganizada na Fábrica da Pólvora de Barcarena, bem como a Associação dos Arqueólogos Portugueses, através de um *stand* dedicado a Leceia em diversas edições da "Festa da Arqueologia", no Museu Arqueológico do Carmo.

Convém, de facto, sublinhar a existência de três exposições permanentes de Arqueologia na Fábrica da Pólvora de Barcarena, a mais antiga das quais é dedicada ao povoado pré-histórico de

Leceia, servindo assim de complemento formativo aos grupos escolares que acorrem ao sítio arqueológico, para além de todos quantos a visitam.

Tal é a situação tão expressiva e objectivamente descrita neste livro, tornado possível pela competência com que o Prof. Doutor João Luís Cardoso realizou os múltiplos trabalhos que, ano após ano, lhe saíam e saem das mãos, com dedicação inexcedível, construindo solidamente uma obra a que tem devotado boa parte da sua operosa vida. Por isso me cabe agradecer-lhe, pessoalmente e como Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, sendo certo que o sucesso atingido se explica, também, pela capacidade que teve em motivar e coordenar os seus colaboradores mais próximos desde a primeira hora, os Drs. Maria da Conceição André e Bernardo Lam Ferreira a que se juntou, mais tarde, o Mestre Filipe Santos Martins.

Estou certo que este livro constituirá um marco metodológico da investigação arqueológica em Portugal, inspirador de outras iniciativas, inseridas na sociedade digital que é a nossa, dando sequência às já concretizadas no respeitante a Leceia neste domínio, e que são apenas o princípio de uma nova realidade, também no campo difícil da Arqueologia, no qual continuaremos a ser a um tempo protagonistas e inovadores.

Oeiras, 25 de Julho de 2022

O PRESIDENTE

(Isaltino Afonso Morais)

Ao dedicar este livro ao Dr. Isaltino Morais, Presidente da Câmara Municipal de Oeiras cometer-se-ia, apenas, um acto de justiça, se ele não significasse, também, uma grande admiração pelo Homem e pela Obra. Há que ser grato e manifestá-lo, publicamente, na altura certa.

Barcarena, 24 de Julho de 1989

Esta dedicatória foi impressa na primeira página da monografia respeitante às cinco primeiras campanhas de escavações realizadas em Leceia entre 1983 e 1988, publicada em 1989 pela Câmara Municipal de Oeiras. 33 anos depois, é a mesma vontade, servida por visão sempre esclarecida e determinada, que anima o Dr. Isaltino Morais, a mesma que continua a pautar também os meus passos. Por isso as palavras então encontradas para lhe testemunhar o meu agradecimento e admiração ganharam, com o tempo, um significado ainda mais profundo.

Barcarena 18 de Agosto de 2022

João Luís Cardoso
Coordenador Científico do Projecto de Investigação de Leceia
Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
(Câmara Municipal de Oeiras)

um

RAZÕES DE SER DE UM LIVRO IMPROVÁVEL

O povoado pré-histórico de Leceia, também designado Castro de Leceia, conhecido da literatura arqueológica desde 1878, foi classificado como "Imóvel de Interesse Público" em 1963 (Decreto n.º 45 327, de 25/10/1963). Mas sobre ele pairava grande desconhecimento até às escavações arqueológicas nele realizadas pelo Autor, em resultado de até então jamais ter sido objecto de trabalhos arqueológicos sistemáticos. Tal razão explica, aliás, a indefinição da área de efectivo interesse arqueológico, cuja planta não acompanhou a publicação do referido diploma. Nestes termos, a eficácia deste era pouco mais do que nula. E, não obstante, a tipologia dos materiais conhecidos, através das abundantes recolhas produzidas ao longo de décadas, indicava uma ocupação importante e longa do local, mas que importava comprovar.

Era esta a situação verificada no decurso da década de 1970, quando a delimitação da área a proteger se fazia sentir de modo cada vez mais urgente, dada a crescente pressão urbanística sentida no local. Em inícios da década de 1980 encontrava-se em apreciação, na Câmara Municipal de Oeiras, um Plano Geral de Urbanização para toda a zona, que, a ser aprovado, como tudo indicava que o fosse, conduziria à destruição total da jazida, mesmo antes de se poder fazer uma ideia do seu real interesse arqueológico.

Este desconhecimento era consequência directa do aparente desinteresse do meio arqueológico, apesar do abundante espólio recolhido à superfície, e que, à data, se encontrava disperso em colecções, públicas e privadas.

Foi na sequência destas preocupações imediatas que o Autor, à data geólogo do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, em parceria com Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, respectivamente dirigente do Museu de Arqueologia e Etnologia de Setúbal e responsável pelo Sector de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines, submeteram Projecto de Investigação ao então Instituto Português do Património Cultural, acompanhado de solicitação de autorização para a realização de trabalhos de escavação no local. Tais trabalhos vieram de facto a realizar-se em Agosto de 1983, beneficiando, para tal, de apoio financeiro do referido Instituto no valor de 100 000$00, que se afigurou essencial para dar início aos mesmos, a par do apoio logístico da Câmara Municipal de Oeiras. Estava-se então ainda muito longe de se poder sequer imaginar que tais trabalhos de campo se viriam a prolongar em continuidade, pelos vinte anos subsequentes, até ao então longínquo mês de Agosto de 2002!

Os resultados obtidos nas primeiras campanhas de escavação demonstraram a existência de estratigrafia e a existência de estruturas arqueológicas enterradas e bem conservadas. Esta situação constituiu evidente surpresa, por parte de todos os arqueólogos que, por julgarem conhecer bem a estação arqueológica, consideravam esta completamente arrasada ou em muito mau estado, não justificando o investimento em quaisquer trabalhos arqueológicos. Com efeito, para quem entrava no espaço arqueológico vindo da estrada que lhe passa junto, e especialmente para qualquer arqueólogo, logo se deparava com as extensas bancadas de calcários cretácicos aflorantes, concluindo erra-

damente que, apesar da riqueza de espólios arqueológicos que a par e passo pontuavam o terreno, a erosão tinha provocado a destruição de quaisquer estruturas ou restos de estratigrafia ainda eventualmente conservados. Uma intervenção arqueológica afigurava-se, assim, aparentemente, votada ao fracasso, o que explica o desinteresse dos arqueólogos, desconhecedores das condições geológicas da estação arqueológica, em nela realizarem escavações, apenas atraídos pela abundância de espólios arqueológicos que recolhiam sem dificuldade à superfície do terreno.

Porém, as primeiras escavações realizadas pelo Autor logo em Agosto de 1983, vieram contrariar de forma clara aquele pressuposto: era patente a irregularidade do substrato geológico que serve de embasamento à estação arqueológica, que nuns sectores aflorava no terreno, como se referiu, mas noutros evidenciava profundos desnivelamentos, o que permitiu, como depois se veio plenamente a confirmar, a boa conservação em profundidade das estruturas arqueológicas, e das estratigrafias a elas associadas.

Além disso, foi desde logo possível evidenciar várias camadas arqueológicas claramente distintas, e com espólios característicos, do Calcolítico Inicial e do Calcolítico Pleno, a que mais tarde, já no decurso das escavações, se veio a juntar os espólios do Neolítico Final, presentes na base da sequência.

Surgia, deste modo, e pela primeira vez, a possibilidade de se estar perante um sítio arqueológico de grande importância, até então insuspeita, conferindo urgência à prossecução dos trabalhos de campo, indispensáveis à delimitação rigorosa da área de efectivo interesse arqueológico e da respectiva zona de protecção envolvente.

Esta iniciativa foi assumida pelo Autor, com base nos resultados obtidos nas três primeiras campanhas de escavação ali por si dirigidas (1983 a 1985), de que resultou uma proposta cartográfica apresentada ao IPPC, contendo a zona *non aedificandi* e a zona de protecção especial. Depois de várias insistências telefónicas, mal compreendidas no secretariado da Presidência daquele Instituto, pois não encontravam explicação para tanto interesse e insistência, a protecção legal da área da jazida foi, enfim, assegurada com a publicação oficial dos respectivos limites, em 1986, pela Portaria n.º 470/86, de 27 de Agosto, no final da campanha de escavações daquele ano, constituindo assim um feliz corolário para os excelentes resultados obtidos naquele ano, como adiante se verá (**Fig. 1**).

Com efeito, a importância científica de Leceia, reforçada ano após ano com o progressivo alargamento da área escavada, foi acompanhada pelo valor patrimonial das estruturas que iam sendo postas a descoberto, cujas potencialidades eram acentuadas pela proximidade de grandes centros urbanos e pela fácil acessibilidade. Em consequência, impunha-se a adopção de medidas de recuperação e de restauro das mesmas, bem como o arranjo paisagístico da área circundante, tarefas que se iniciaram em 1988. A metodologia e critérios seguidos nessas acções foram sendo devidamente expostas pelo Autor em vários artigos publicados.

Após realização de tão árduos quanto exigentes objectivos que, em Portugal, não tinham até então paralelo na forma articulada como iam sendo levados a cabo, envolvendo a um tempo, escavações plurianuais, a recuperação e restauro das estruturas arqueológicas que entretanto se punham a descoberto e, finalmente, a publicação regular dos resultados obtidos e o usufruto público e aproveitamento sistemático da estação arqueológica, considerou-se que tinha chegado o momento de dar a conhecer, sob a forma de descrição pormenorizada dos acontecimentos, todos os passos que tinham tornado realidade este projecto, cujo sucesso era, à partida, altamente improvável. É esse o objectivo da presente obra.

O antecedente mais longínquo de esta remonta ao dia 2 de Fevereiro de 1877, data em que Carlos Ribeiro registou no seu caderno de campo as suas primeiras observações conhecidas efectuadas no terreno.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Instituto Português do Património Cultural

Portaria n.º 470/86

de 27 de Agosto

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Educação e Cultura, sob parecer dos serviços competentes, que, de acordo com o disposto no Decreto-Lei n.º 1/78, de 7 de Janeiro, na alínea *a*) do artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 59/80, de 3 de Abril, e no artigo 20.º do Decreto Regulamentar n.º 34/80, de 2 de Agosto, seja fixado, conforme planta anexa a esta portaria, o perímetro de protecção da Estação Eneolítica de Leceia, freguesia de Barcarena, concelho de Oeiras, classificada como imóvel de interesse público pelo Decreto n.º 45 327, de 25 de Outubro de 1963.

Ministério da Educação e Cultura.

Assinada em 30 de Junho de 1986.

Pelo Ministro da Educação e Cultura, *Fernando Nunes Ferreira Real*, Secretário de Estado do Ensino Superior.

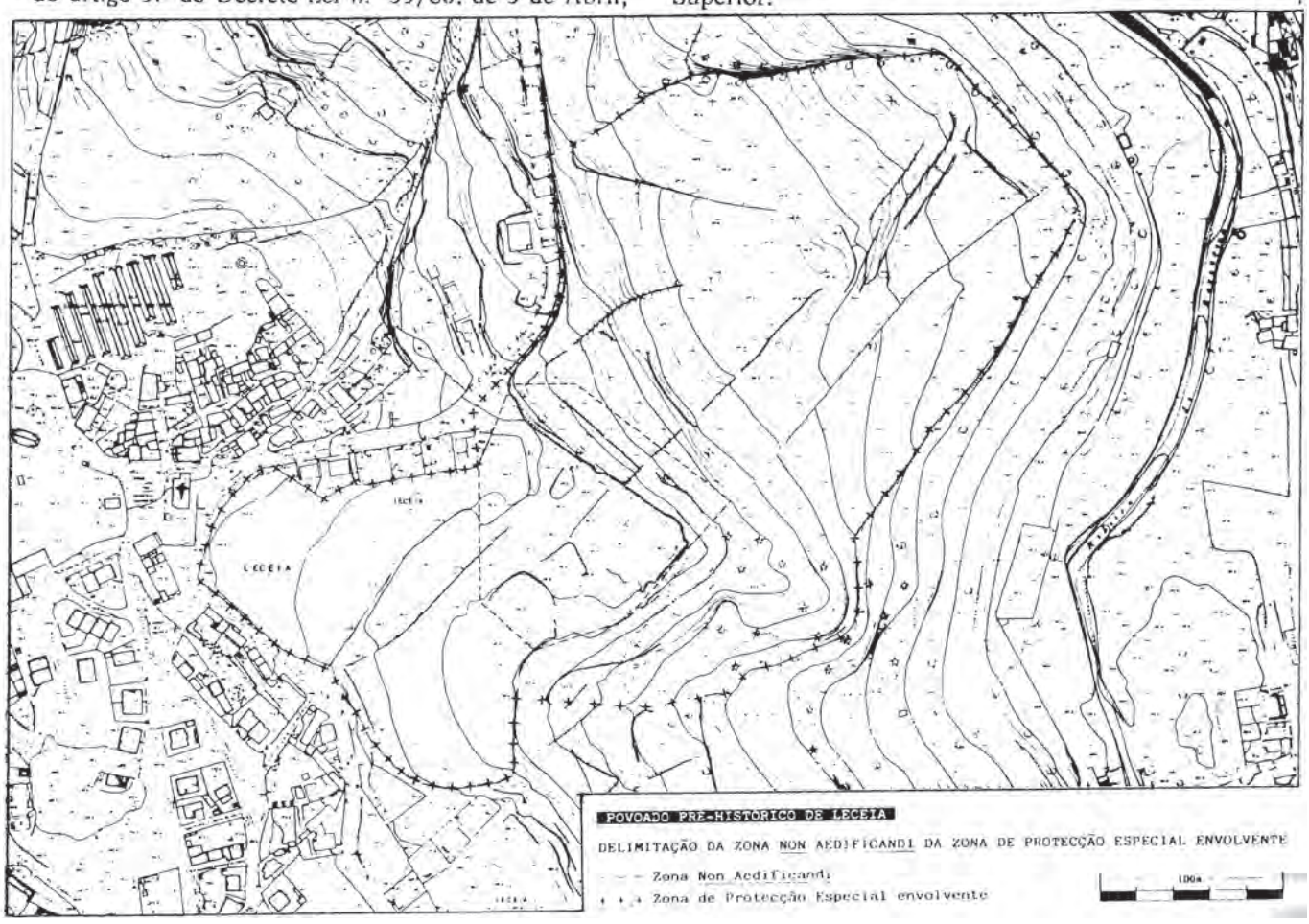


Fig. 1 – Planta da Zona *non aedificandi* e da Zona de protecção especial envolvente do povoado pré-histórico de Leceia, conforme a Portaria n.º 470/86, publicada em Diário da República, n.º 196/1986 1.ª Série, de 27 de Agosto.

Uma das partes mais importantes deste livro corresponde à descrição dos progressos dos trabalhos de campo, verificados ano após ano, com a identificação e interpretação das estruturas mais importantes sucessivamente postas e descoberto, ano após ano e o seu registo fotográfico o mais completo possível.

De particular importância foi a documentação iconográfica registada anualmente, em películas coloridas e sobretudo a preto e branco, tanto pelo Autor, como também por Guilherme Cardoso,

nos primeiros anos de escavações, o primeiro fazendo sobretudo uso da uma máquina Leica M4 de 35 mm, comprada com o seu primeiro ordenado, o segundo recorrendo especialmente a uma Hasselblad, que permitia a obtenção de magníficos negativos 6 por 6.

Dos milhares de fotos então obtidas, e que se mantiveram até ao presente em boa parte inéditas, foram seleccionadas para este livro algumas centenas, que se afiguraram determinantes para que a opção desta edição revestisse essencialmente a forma de documento gráfico, valorizando a iconografia tão expressiva do preto e branco, por forma a tirar partido máximo da qualidade e da beleza irrepetível das imagens assim fixadas.

Para o estabelecimento do fio condutor dos acontecimentos, recorreu-se aos conteúdos dos relatórios produzidos anualmente para a tutela, a par dos resultados que, ano após ano, iam sendo publicados, com destaque para as quatro monografias que, em 1989, 1994, 1997 e 2002 fizeram o ponto da situação no respeitante aos resultados obtidos nos trabalhos de campo.

O livro prossegue com a publicação de outros documentos cuja publicação se considerou oportuna, por fornecer uma visão real das circunstâncias em que se desenrolaram as escavações. Trata-se do conjunto de comprovativos de despesas realizadas no decurso dos vinte anos de escavações, num total de mais de quatrocentos documentos reunidos, que permitiram documentar certos pormenores do processo, na vertente arqueológica e no domínio das acções de valorização e protecção do património efectuadas. Na verdade, embora alguns desses documentos integrem os relatórios administrativos e financeiros remetidos entre 1983 e 2002 às sucessivas tutelas, não é usual que os mesmos sejam considerados nos trabalhos ulteriormente publicados. No caso presente, o interesse desta documentação, é o de permitir perceber o quotidiano das escavações, e as circunstâncias em que as mesmas decorreram, desde os comprovativos das chamadas telefónicas realizadas, tantas vezes para se combinarem reportagens dos muitos órgãos de comunicação, e que tinham de se fazer do único posto público então existente em Leceia, até aos equipamentos que constantemente se tinham de adquirir, ou aos mantimentos, comprados ao sabor das necessidades, ou aos recibos dos almoços fornecidos num tasco então existente num beco em Leceia, onde as moscas abundavam sobre os queijos, contrastando com os cafés hoje ali existentes.

Todo este laborioso esforço, expresso em resultados concretos e significativos, despertou o interesse de muitos órgãos de comunicação social local, regional ou nacional, que, sobretudo nos primeiros anos, e dada a novidade, acorreram a Leceia, na procura de notícias. Era o tempo em que o Autor, durante as escavações, redigia as notícias que eram depois difundidas pela Câmara, pelas vias então usuais, o fax e o telefone, para os órgãos de comunicação social, que depois contactavam o signatário, ao fim do dia ou logo às primeiras horas da manhã, numa época em que os telemóveis eram ainda desconhecidos.

É, pois, do que de mais importante foi realizado em Leceia até ao presente, nas diferentes vertentes de actuação que ali continuam quotidianamente a ser desenvolvidas, que trata este livro, registo do muito que foi feito, e das circunstâncias em que foi feito, na certeza do muito que há ainda por fazer, quando se perfazem cinquenta anos de trabalhos ininterruptos desenvolvidos em Leceia pelo Autor, entre 1972 e 2022.

dois

RETORNANDO ÀS ORIGENS, A CARLOS RIBEIRO, E AOS QUE SE LHE SEGUIRAM

O povoado pré-histórico de Leceia foi identificado por Carlos Ribeiro (1813-1882), pioneiro da Geologia e da Arqueologia em Portugal, aquando do reconhecimento geológico dos terrenos em torno de Lisboa por si realizado (**Fig. 2**). A mais antiga referência que sobre ele se conhece remonta a 2 de Fevereiro de 1877, encontrando-se essa data registada em dois documentos distintos:

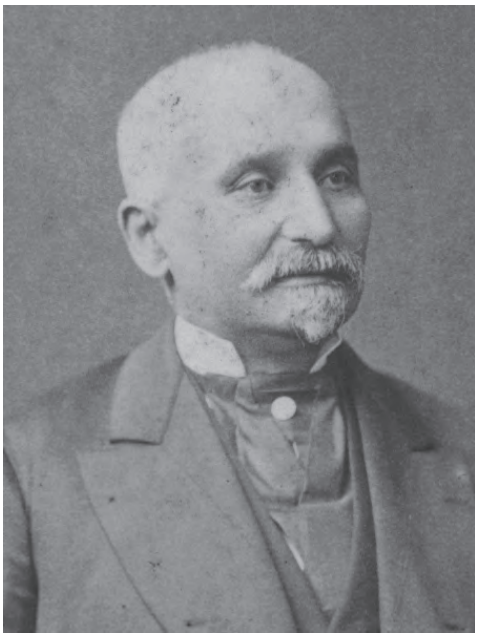


Fig. 2 – Carlos Ribeiro (1813-1882).

1 – no caderno de campo respeitante ao ano de 1877 onde, em cinco páginas sucessivas, a primeira das quais encimada com a referida data, descreve as condições geológicas do vale da ribeira de Barcarena, detendo-se depois nas respeitantes à implantação do povoado pré-histórico, detendo-se particularmente numa pequena estrutura pétrea que identificou na base da escarpa natural voltada a nascente. Esta estrutura que desenhou à vista, registando-lhe as dimensões, despertou-lhe grande interesse, considerando-a de época pré-histórica, tal como o recinto de planta rectangular no interior do qual se situava (**Fig. 3**).

Aquelas duas estruturas foram publicadas no ano seguinte pelo próprio na memória dedicada à estação arqueológica, com base nos desenhos obtidos no campo, tornando clara a relação de ambas com a escarpa rochosa à qual a maior delas se encosta (**Fig. 4**, em baixo).

No respeitante à escarpa rochosa, a que Carlos Ribeiro deu uma importância natural, já que constituiu a razão que determinou a escolha daquele local como espaço habitado pré-histórico (**Fig. 4**), foram também assim considerados os muros de pedra seca de suporte das terras que constituem a plataforma do moinho da Moura (ou do Pires) (RIBEIRO, 1978) o que, como se sabe hoje, não corresponde à verdade (**Fig. 5**).

Tal é também a situação respeitante à referida construção rectangular, bem como à pequena estrutura "megalítica" encontrada no seu interior a qual foi valorizada, a par de outras, uma delas noticiada ulteriormente por Carlos Ribeiro situada perto do dólmen de Monte Abraão (Belas) (RIBEIRO, 1880), às quais mais tarde O. da Veiga Ferreira dedicou um pequeno estudo monográfico (FERREIRA, 1975).

2 – De novo a data de 2 de Fevereiro de 1877 encima a primeira página de caderno autógrafo, de folhas pautadas com as dimensões de 32 por 21,5 cm (**Fig. 6**). Nele, Carlos Ribeiro descreveu detalhadamente as condições geológicas do vale da ribeira de Barcarena, bem como as construções suposta-

Fev 2 – 77

O Valle do ribeiro de Borcorema é cheio em basalt desde o Papel até a Fabrica – Planos aqui então abruptamente na margem a cima de altura (em 10 a 30 m) e depois em rampa aqui cultivados até a cerca do nível ~~abaixo~~ inferior do alto do Cotaxo e de Licca –

(em 100 m)

Ao aqui vimos de Borcorema o aspecto muda na margem direita do rio e começa se ver a camada de calcareo de cafirinha sobre os quais assenta o plano do basalt inclinando G. e N. logo depois desaparece a O. de Borcorema (Porc. esta na margem esquerda) começa a ser só o calcareo que se encobre próximo ao alto onde está defronte Licca indo até G N.

Desaparecendo na margem mais 300 k

O basalt pela margem esquerda começando a ter planos até longe e altos gantel – Sinais que no plano e cerca quinta se abancam e colunas que tomam G S. e Licca a posição horizontal em gt bancada.

O valle é aqui a 300 quinta desde Torcina até Borcorema, na defronte de Borcorema o plano aparece em colunas notaveis sobre os

este Licca, e nisma chapada que fica a S em 200 m até a nascente, e aqui se descobre nenhum outro –

Em um bello ponto de vista do qual se descobre o valle G. Borcorema em descobre-se o Oceano – descobre-se até o Papel, as alturas de Alagoa Nova e do Cotaxo –

Tufo – quartzo calcitufo pela aqueza vante

Para S. quando b. a cada [illegible] a perna limitar a margem [illegible] vertical e abrupta – para o lado do ribeiro, tem a margem abrupta e a perna repartida em vertical com G. e S. G. e N. taliam a perna

Área 40 m a E-O G 80 m a S. N

A Cadeia G. que taliam é aqui assim –

Descendo aqui vem a cama do que brasão encontrado pela cadeia abaixo – na margem esquerda como as camadas continuo a regular G. e S.

Nº 13

1 J. a 22 x 6 – 2,50 – 600 J

J. nº 14 – 21 x 7 – 2,75 500

14,77 x 25 metros

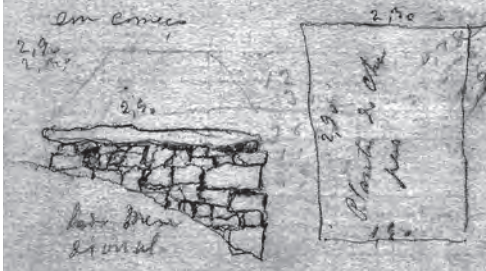
De nº 1 a 12

Ao todo 16 tiveram a ordem

Mais

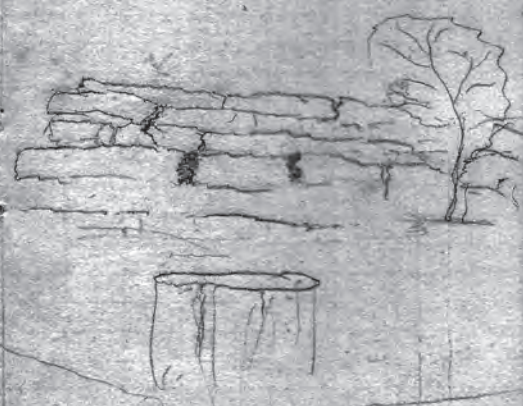
A nº 13 foram 7 a 8 meses a entular

Estas 4 tiveram a ordem – e mais seis em cima



Em um dos quartos que está do ribeiro precisa [illegible] de Alagoa Nova sente de um desmoronamento sente de um cercado uma cisterna de pedra (a N. m. de Alagoa) 3,50 até o nível e 70 de distancia)

que em planta tem a seguinte forma e dimensões



Entretanto esta cisterna tem que [illegible] um encanado ou até a profundidade de 3,50 m mas foi bem explorado G que a [illegible] cisterna.

A pedra da cisterna tem seguinte 5m cubicos ou 10 Tonelladas

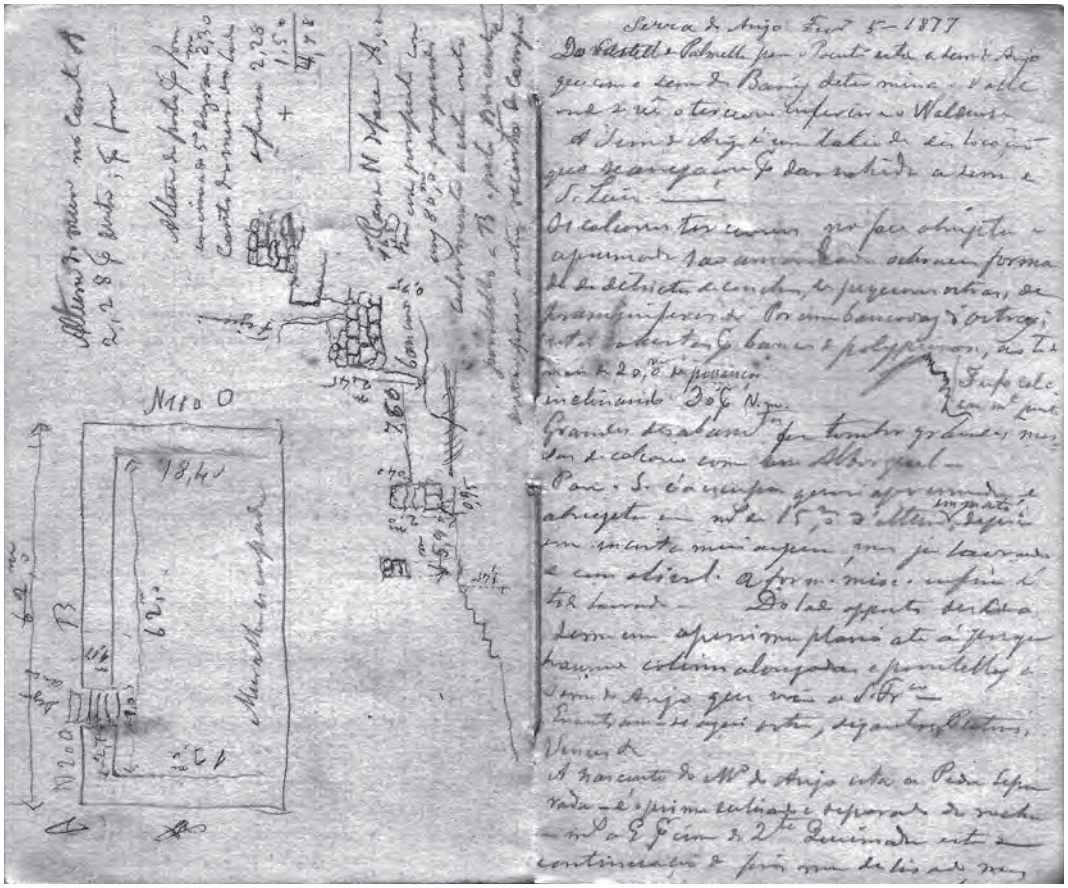


Fig. 3 – Reprodução de cinco páginas do caderno de campo de Carlos Ribeiro de 1877, respeitantes a anotações de estruturas e cortes por ele registados no povoado pré-histórico de Leceia no dia 2 de fevereiro de 1877, provavelmente quando visitou o local pela primeira vez, no âmbito do reconhecimento geológico dos terrenos das vizinhanças de Lisboa.

mente defensivas por ele observadas em Leceia e então consideradas pré-históricas, a par do recinto de planta rectangular e da estrutura que se encontrava no seu interior.

Desenvolveu considerações sobre a distribuição dos espólios arqueológicos recolhidos à superfície, a par dos provenientes de uma pequena cavidade natural situada na escarpa que delimita a plataforma de Leceia do lado nascente, por ele totalmente explorada, a qual se encontra representada na base da escarpa natural voltada a leste que delimita desse lado a plataforma onde se instalou o povoado pré-histórico. Dali obteve restos humanos e espólios arqueológicos e antropológicos, que estudou sumariamente, os quais vieram a juntar-se aos recolhidos na plataforma de Leceia e por ele também sumariamente descritos. É crível que este documento correspondesse a esboço resumido da memória pouco depois publicada, onde as mesmas matérias se apresentam muito mais desenvolvidas (RIBEIRO, 1878) (**Fig. 7**).

Foi, pois, esta bela publicação, onde o rigor científico se junta a considerações oportunas e legítimas sobre as características económicas e sociais destas populações, num exercício onde não deixou de apresentar judiciosas observações sobre a existência de duas culturas sucessivas ali identificadas por diversos indícios que apresenta, que inaugurou formalmente a longa série de estudos dedicados a Leceia, constituindo a primeira monografia respeitante a um povoado pré-histórico do território português, por muitos anos referido como o único exemplo de um sítio fortificado, ou "castro", de época pré-histórica.

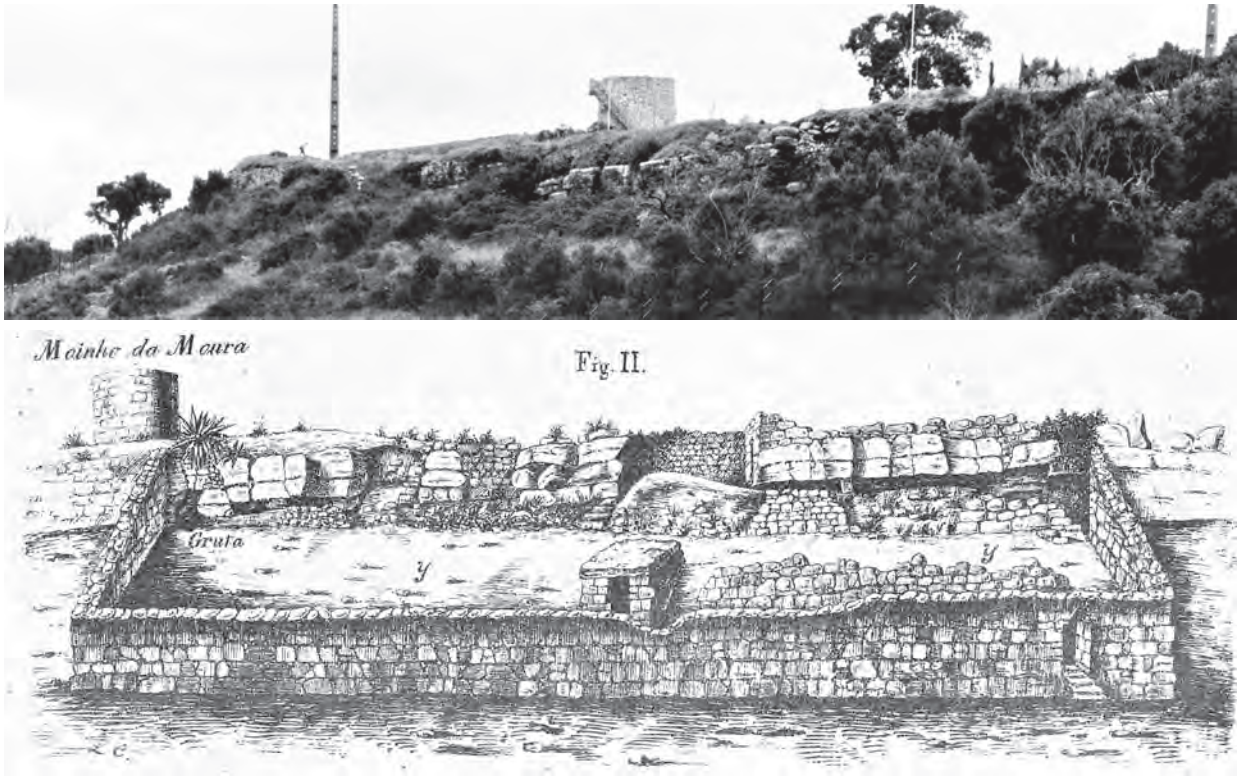


Fig. 4 – Em cima: vista geral obtida em 1997 da escarpa natural que delimita a nascente o povoado pré-histórico de Leceia. Em baixo: litografia publicada por Carlos Ribeiro do recinto de planta rectangular, e da pequena construção existente no interior dele, outrora existentes na base da escarpa natural que delimita a nascente o povoado pré-histórico de Leceia (RIBEIRO, 1878, Est. II, Fig. II).

Fig. 5 – Pormenor do cunhal de alvenaria insossa observado na extrema meridional da escarpa natural que delimita o povoado pré-histórico de Leceia.

Dois anos volvidos, em 1880, Francisco de Paula e Oliveira apresentou à IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, reunido em Lisboa, estudo dedicado aos espólios antropológicos conservados no Museu da Secção dos Trabalhos Geológicos, em Lisboa, referindo-se à existência de um crânio braquicéfalo feminino "en plus grande pureté" (OLIVEIRA, 1884, p. 299) (**Fig. 8**), proveniente da pequena gruta explorada por Carlos Ribeiro na base da escarpa natural que delimita do lado nascente a plataforma de Leceia. Esta característica contrasta com o predomínio dos crânios dolicocéfalos entre os exemplares neolíticos do território português então por ele estudados.

A publicação de Carlos Ribeiro conheceu ampla divulgação nacional e internacional, servindo o povoado pré-histórico de Leceia, por muitos anos, como exemplo único de um castro pré-histórico do território português. Tal foi a valorização feita por J. Leite de Vasconcelos, que, logo no primeiro volume de "O Arqueólogo Português", o apresentou como "typo de um castro neolithico, em

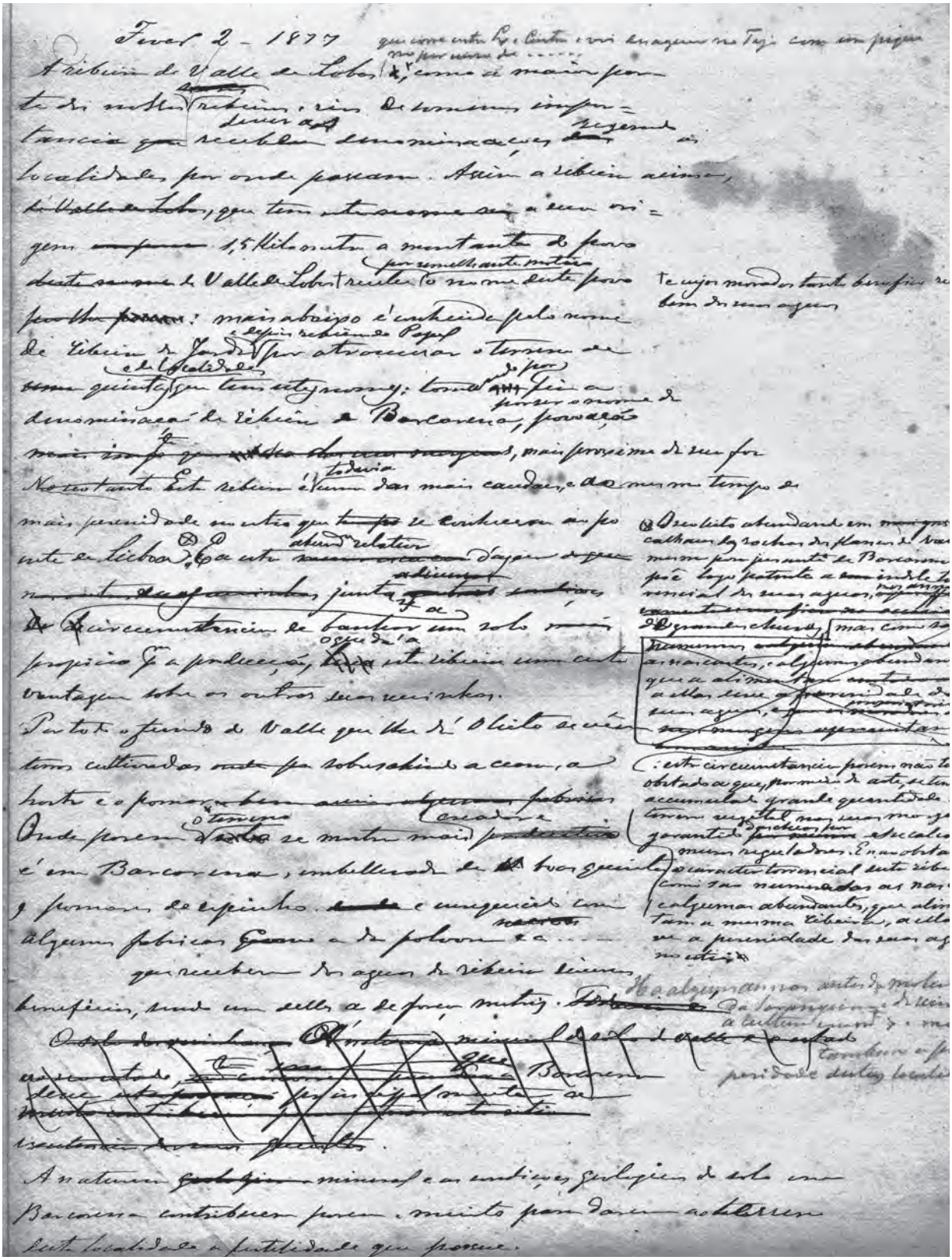
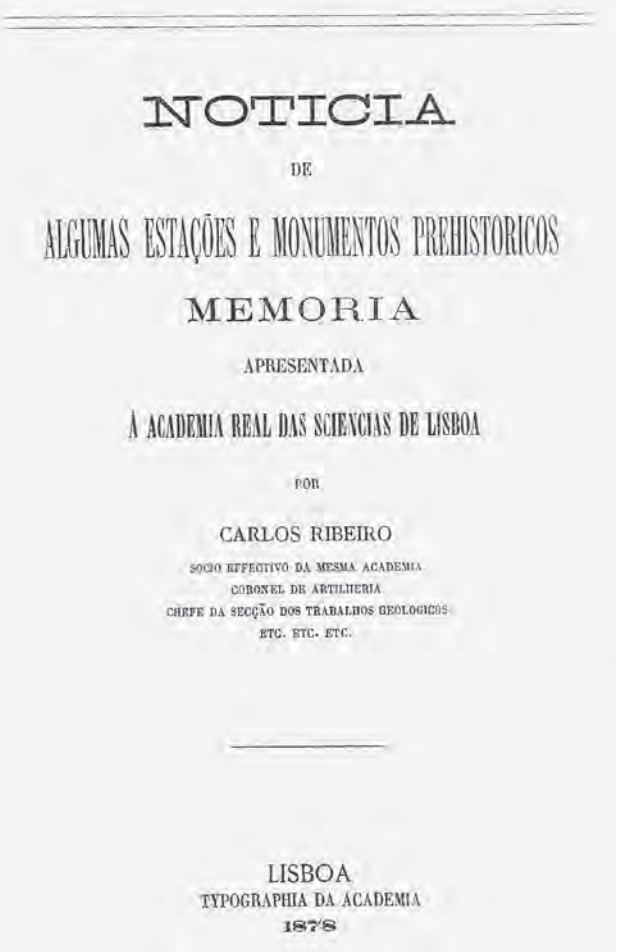


Fig. 6 – Primeira página do manuscrito autógrafo da autoria de Carlos Ribeiro, em folhas lisas com marca de água "THOMAR", de 32 cm por 21,5 cm, datado de 2 de fevereiro de 1877, respeitante à primeira versão da monografia sobre o povoado pré-histórico de Leceia publicada no ano seguinte (RIBEIRO, 1878).

que appareceram instrumentos de pedra e de osso, e vasos de barro grosseiro, - e onde se não achou objecto algum de metal." (VASCONCELOS, 1895, p. 5).

No primeiro volume de "As Religiões da Lusitânia" o referido autor desenvolve e fundamenta essa afirmação, dando notícia da abundância de materiais arqueológicos dispersos pelos campos circunvizinhos, por ele testemunhada em visita de campo realizada a 16 de Abril de 1893 bem como a remessa para seu primo Manuel Negrão, residente no Alto-Douro, de uma colecção de materiais de Leceia (VASCONCELOS, 1897, p. 48 e seg).

Na verdade, naquele tempo ainda não tinham sido recolhidos quaisquer objectos de metal, pelo que Leite de Vasconcelos o considerou exemplo único de um castro (enquanto sítio de natureza habitacional defendido) de cronologia pré-histórica. O interesse por Leceia do primeiro director do hoje designado Museu Nacional de Arqueologia manteve-se, devido à proximidade de Lisboa, fácil acesso e efectiva abundância de espólios arqueológicos, que a par e passo ali eram recolhidos. Assim se compreendem as notícias sucessivas sobre achados dali provenientes que publicitou nas páginas de "O Arqueólogo Português". Logo no



NOTICIA

DE

ALGUMAS ESTAÇÕES E MONUMENTOS PREHISTORICOS

MEMORIA

APRESENTADA

À ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

POR

CARLOS RIBEIRO

SOCIO EFFECTIVO DA MESMA ACADEMIA
CORONEL DE ARTILHERIA
CHEFE DA SECÇÃO DOS TRABALHOS GEOLOGICOS
ETC. ETC. ETC.

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA
1878

Fig. 7 – Folha de rosto da memória de Carlos Ribeiro publicada pela Academia das Ciências de Lisboa em 1878.

Fig. 8 – Duas vistas de crânio braquicéfalo feminino recolhido por Carlos Ribeiro na pequena gruta natural existente na base da escarpa do lado nascente do povoado pré-histórico de Leceia, apresentado por Francisco de Paula e Oliveira à IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, reunido em Lisboa em Setembro de 1880 (OLIVEIRA, 1884, Pl. IV, n.º 9 a, 9 b).

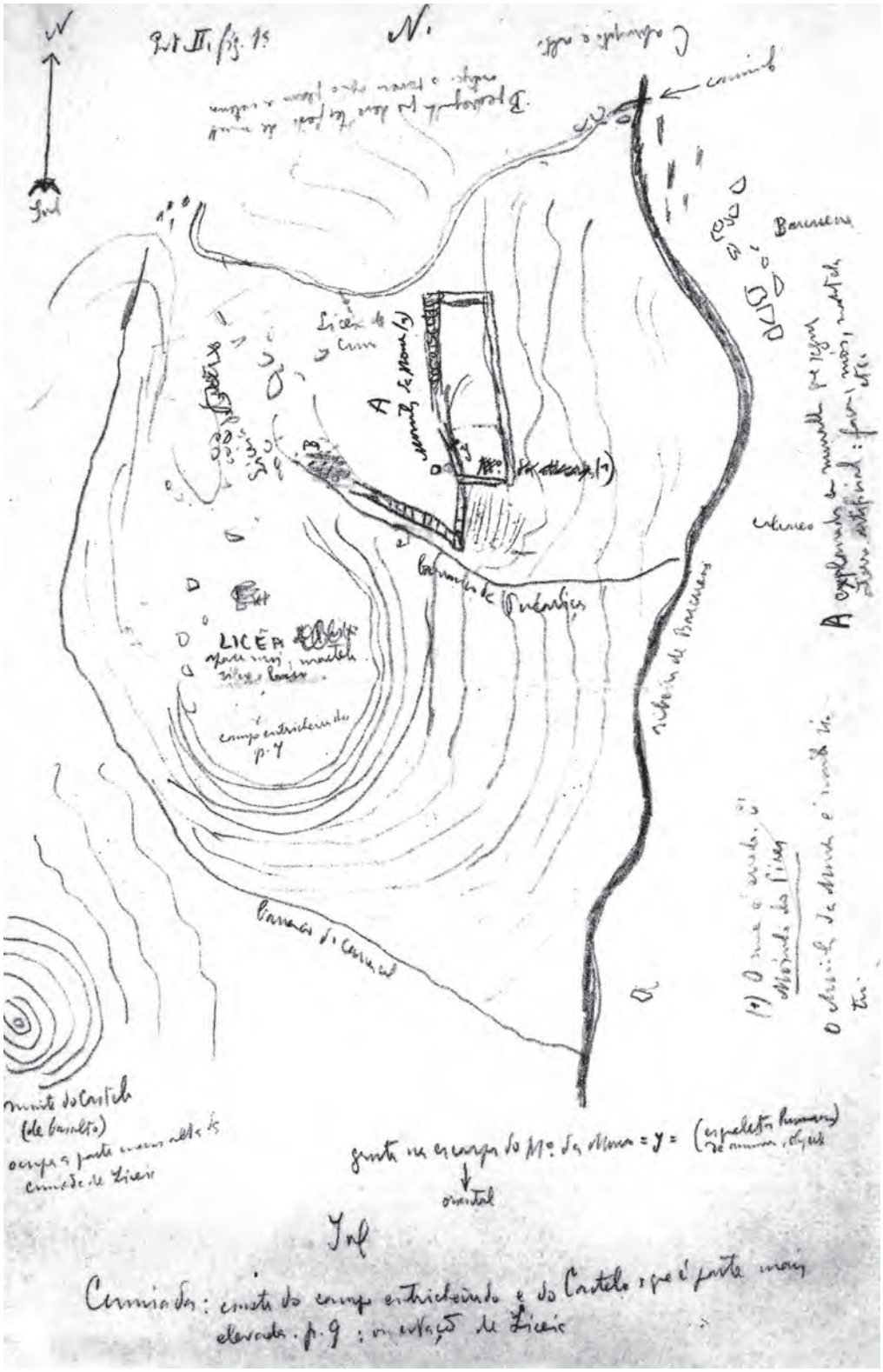


Fig. 9 – Esboço do povoado pré-histórico e áreas circundantes, da autoria de José Leite de Vasconcelos, inspirado na planta previamente publicada por Carlos Ribeiro (in COITO, CARDOSO & MARTINS, 2008, p. 142).

volume 18 (1913), dá a conhecer a entrada no Museu de materiais por ele próprio ali recolhidos (p. 131), em Fevereiro de 1910); em Maio do mesmo ano, nova notícia sobre a entrada no Museu de diversos materiais, oferecidos pelo Dr. Fernando Gonçalves (p. 136); em Agosto foi a vez de Joaquim Fontes, então ainda aluno finalista do Liceu, de oferecer mais materiais (p. 140), logo seguido, em Setembro, de José Santa Rita (p. 141). De novo, em Abril de 1912 dão entrada espólios obtidos pelo Dr. Vergílio Correia, então funcionário do Museu, que, conjuntamente com Leite de Vasconcelos, carrearam para o Museu, em Setembro do mesmo ano mais materiais (p. 162) para, finalmente, em Dezembro daquele ano, este último obter, por compra, entre outros, mais um machado de pedra polida (p. 164).

Todas estas aquisições justificaram a elaboração, em 1917, de uma notícia de Leite de Vasconcelos publicada nas páginas da revista que dirigia, intitulada "Arqueologia liceense" (VASCONCELOS, 1917).

O conhecimento do terreno obtido com estas recorrentes visitas dominicais a Leceia justificou a elaboração de um esboço a lápis da região onde se implantou o povoado pré-histórico, seguindo de perto figura já anteriormente publicada por Carlos Ribeiro em 1878, mas agora acrescida de alguns pormenores, como a distribuição dos espólios no terreno, valorizando a plataforma que se estende a cotas mais altas, correspondente ao topónimo de Leceia de Cima (**Fig. 9**). Na verdade, como as escavações arqueológicas vieram a comprovar, o sítio pré-histórico tem uma localização muito mais circunscrita e precisa, em torno da plataforma do moinho da Moura (ou do Pires), que correspondeu de facto à implantação do dispositivo defensivo, sem prejuízo de a dispersão de espólios ser muito mais vasta no terreno, em resultado do povoamento verificado em torno da fortificação propriamente dita, acentuada pela acção da gravidade e dos agentes atmosféricos, especialmente evidente na área da encosta voltada para a ribeira de Barcarena.

A notícia de 1917 de J. Leite de Vasconcelos tem o interesse de demonstrar a importância arqueológica de Leceia, apesar de, então, nada dela se conhecer no respeitante a estratigrafia, estruturas ou mesmo em relação aos espólios arqueológicos, que então ainda se conservavam no terreno. Reafirma-se que o nome correcto do moinho ali situado, é "moinho do Pires", e não "moinho da Moura", como registou Carlos Ribeiro e sublinha-se a importância do estudo por este realizado, o qual teria estado na origem da constituição, em 1909 de um Museu, por iniciativa de alguns barcarenenses, membros da "Liga dos interesses de Barcarena", destinado a recolher e expor os espólios que continuadamente se vinham obtendo em Leceia. Tal museu foi uma realidade, conforme declara o autor: "Como Barcarena e Liceia ficam perto de Lisboa, e a ida lá constitue um passeio dominical muito agradável, não raro o dou, ora sozinho, ora em companhia de amigos, em todos esses passeios tenho ocasião de examinar no Museu de Barcarena novos documentos do homem neolithico liceense, e de trazer para o Museu Ethnologico machados de pedra, sílices, fragmentos cerâmicos, percutores, mós, (…)" (VASCONCELOS, 1917, p. 203, 204).

Fig. 10 – Joaquim Fontes (1892-1960).

Neste artigo, Leite de Vasconcelos refere-se ao recinto rectangular situado na base da escarpa voltada a nascente, o qual, já no primeiro volume de "As Religiões de Lusitânia" (VASCONCELOS, 1897) considerou de época mais moderna, discordando com razão de Carlos Ribeiro.

Esse recinto foi totalmente desmontado, no Verão de 1923, exceptuando a sua parede meridional, para obtenção da pedra para construções da Fábrica da Pólvora de Barcarena, conforme informa Abílio Rozeira (ROZEIRA, 1926, nota 2), realidade que ainda hoje se pode facilmente constatar no local.

Também de época mais moderna é o parapeito de sustentação de terras, já atrás mencionado, embora sobre a idade do mesmo Vasconcelos não se pronuncie, limitando-se a descrever o seu modo de construção, integrando grandes blocos naturais não argamassados, assentes nas bancadas de calcários cretácicos.

Na verdade, compreende-se que tenha preferido não se pronunciar sobre aquela construção, pois era ela que dava substância à designação, por ele defendida, de "castro" para este sítio arqueológico. Mas tal parapeito é, inquestionavelmente de época moderna, servindo para sustentar o terrapleno efectuado em torno do moinho do Pires, datado de época próxima da construção do moinho, realizada em 1707, conforme se observa na verga da porta de entrada do mesmo. O Autor teve a oportunidade de, logo em 1971 verificar tal evidência, ao recolher materiais cerâmicos modernos em profundidade, no próprio terrapleno sustentado pelo referido parapeito, destinado apenas a colmatar as soluções de continuidade criadas pelas bancadas do próprio afloramento geológico.

Por outro lado, Leite de Vasconcelos não deixa de confirmar o que já antes fora admitido por Carlos Ribeiro, dado os materiais arqueológicos indicarem de facto duas fases culturais distintas: embora ainda se não tivessem recolhido materiais de cobre, algumas produções cerâmicas eram compatíveis com as encontradas em outras estações caracterizadas pela ocorrência de tais instrumentos, como é o caso das grutas da Quinta do Anjo (Palmela) e das suas produções campaniformes, também presentes em Leceia, devidamente valorizadas por Leite de Vasconcelos, conforme se conclui por um dos fragmentos decorado por ele publicado (VASCONCELOS, 1917, Fig. 2), obtido em uma das muitas excursões ali realizadas, a 1 de Janeiro de 1914.

Por via destas frequentes explorações, a quantidade de espólios de Leceia acumulados no Museu Nacional de Arqueologia não cessava de aumentar, para o que concorreram as recolhas de outros investigadores, destacando-se Abílio Rozeira. Este, publicou a primeira evidência da metalurgia pré-histórica no aro de Leceia, representada por um machado de alvado e um anel recolhido a algumas centenas de metros a norte da povoação de Leceia, em terrenos da Fábrica da Pólvora de Barcarena (ROZEIRA, 1926). Trata-se evidentemente, de uma produção do final do Bronze Final, objecto de recente estudo monográfico (CARDOSO, 2020), e que nada tem a ver com a ocupação do povoado de Leceia.

A quantidade dos materiais recolhidos em Leceia até meados da década de 1930 ascendia a muitas centenas de artefactos de pedra polida, os quais foram abreviadamente estudados na década de 1990 (LILLIOS, 2000), ainda que com evidentes lacunas e fragilidades, conforme foi já por diversas vezes referido pelo Autor (CARDOSO, 2004; CARDOSO, 2020), que teve a oportunidade de ulteriormente reapreciar esta colecção a par do estudo das centenas de exemplares obtidos nas escavações por si conduzidas em Leceia.

O povoado de Leceia continuou a ser referido esparsamente, embora só na década de 1950 se tenham feito na plataforma do moinho do Pires novas observações, depois das realizadas por Carlos Ribeiro. Foi seu autor Joaquim Fontes que, mais de 40 anos antes, tinha ali efectuado recolhas superficiais, como acima se referiu (**Fig. 10**). Apoiado pelo Escultor Álvaro de Brée (**Fig. 11**), então delegado da Junta Nacional de Educação no Concelho de Oeiras, e que possuía uma residência de férias em Barcarena, a "Quinta do Bré", teve o ensejo de realizar pequena vala, como o próprio declara, num local onde a cor da terra, mais escura, evidenciava acumulação de matéria orgânica, correspondendo a um, também por ele designado, "fundo de cabana" (FONTES, 1955, p. 345). Tratava-se,

possivelmente, de uma estrutura habitacional atribuível ao Calcolítico Pleno / Final, como muitas outras que depois se vieram a localizar naquela plataforma, enquadradas pelas estruturas defensivas então identificadas e exploradas. Assinala também a recolha, pela primeira vez relatada, de um artefacto de cobre, que se juntou a outros que então já incorporavam a colecção do Escultor Álvaro de Brée, como é o caso de pequeno machado plano de cobre, ulteriormente publicado pelo Autor (CARDOSO, 1981, Est. 13, n.º 167).

Fig. 11 – Álvaro de Brée (1903-1962).

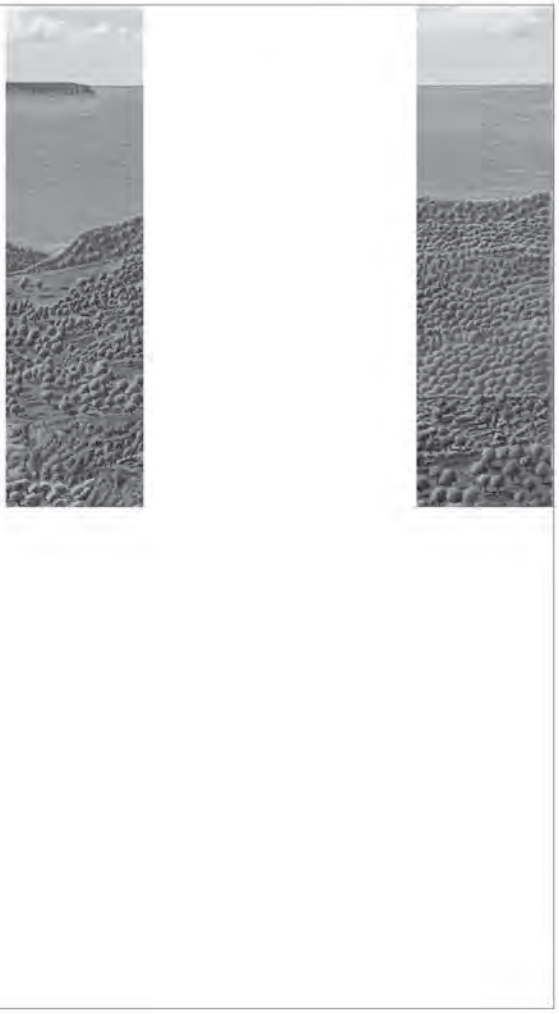
Joaquim Fontes não deixou, por outro lado, de valorizar a presença de um martelo mineiro, de pedra, do género dos publicados muitos anos antes por F. A. Pereira da Costa provenientes da mina de cobre de Ruy Gomes (Baixo Alentejo), e que documentaria a exploração mineira, muito provavelmente das bancadas cretácicas ricas de tablettes ou de nódulos de sílex. Ao discutir a presença da gruta funerária escavada por Carlos Ribeiro junto à área habitada, admite, incorrectamente, que a dita acumulação estos humanos corresponda a um "aluimento da escarpa no ponto aonde uma família eneolítica tinha estabelecido o seu lar." (FONTES, 1955, p. 351). Com efeito esta hipótese não é confirmada pela análise geológica realizada ao local, tratando-se, como tinha sido referido por Carlos Ribeiro, de uma pequena cavidade natural utilizada como sepultura. Também não tem razão acerca da interpretação de uma depressão por ele observada perto, que atribuiu ao aluimento do tecto de uma outra gruta ali existente. Com efeito, tal depressão resultou, simplesmente, da lavra de uma pedreira, das muitas existentes na região e na própria área da estação arqueológica, cuja exploração foi suspensa. A destruição de um segundo moinho existente perto da extremidade da plataforma onde se localiza o moinho ainda parcialmente conservado é uma prova da importância que atingiu tal actividade no local, especialmente depois do terramoto de 1755, quando o abastecimento de pedra se afigurou essencial para os trabalhos de reconstrução desde logo iniciados.

Para além do martelo mineiro com sulco perimetral referido por Joaquim Fontes, outras peças do importante espólio arqueológico guardado no Museu Nacional de Arqueologia foram referenciadas ao longo do tempo. Logo em 1912 se descreveu e reproduziu um estranho paralelepípedo de pedra, com incisões, reproduzido por Félix Alves Pereira, então funcionário do Museu (PEREIRA, 1912, p. 273, Fig. 6), o qual voltou a ser referido por Maria Amélia Horta Pereira (PEREIRA, 1970, Fig. 4, n.º 1) que lhe atribuiu, à falta de melhor alternativa, cronologia proto-histórica. Outra peça também precocemente referida foi um machado de sulco transversal, referenciado no estudo que J. Leite de Vasconcelos dedicou ao encabamento dos artefactos de pedra polida pré-históricos (VASCONCELOS, 1922).

O último registo bibliográfico especificamente dedicado a Leceia, publicado antes do início do novo ciclo de estudos sob a égide do Autor, corresponde a uma conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa, realizada em duas sessões, subordinada ao tema "Castros" respectivamente a 25 de Janeiro e a 8 de Fevereiro de 1968, onde Gustavo Marques deu conta dos resultados das prospecções de superfície por si realizadas em Pragança e em Leceia, apenas enunciadas no resumo publicado, de conteúdo genérico (MARQUES, 1968).

três

O PROCESSO DE CLASSIFICAÇÃO DE LECEIA DE 1963 E O PROCESSO DE DELIMITAÇÃO LEGAL DA ÁREA DE INTERESSE ARQUEOLÓGICO DE 1986



Com base no processo administrativo conservado na Direcção-Geral do Património Cultural, facultado para consulta ao signatário em 1983, aquando da reavaliação da área com efectivo interesse arqueológico, conjuntamente com a tutela, verifica-se que a iniciativa de classificação e, consequentemente, de preservação da estação arqueológica se deve a Álvaro de Brée, então delegado concelhio da Junta Nacional de Educação. Em documento datado de 23 de Novembro de 1959, este comunicou à Junta Nacional da Educação a necessidade de salvaguarda de três estações arqueológicas existentes na sua jurisdição administrativa: o mosaico romano situado em Oeiras, a estação pré-histórica de Leceia, e a gruta pré-histórica da Ponte da Laje. No que diz respeito ao povoado pré-histórico de Leceia alertou para o perigo de destruição da estação arqueológica por parte dos diferentes proprietários dos terrenos; um destes proprietários (imóvel rústico n.º 630 da matriz) (**Fig. 12**, em baixo) pretendia construir "uma oficina de canteiro", tendo outro já plantado algumas árvores em áreas com elevado interesse arqueológico, comprovadas pelos inúmeros materiais arqueológicos recolhidos à superfície, estudados por Joaquim Fontes, e atempadamente divulgados na Exposição Comemorativa do Centenário do Concelho de Oeiras realizada naquele mesmo ano. Deste modo, Álvaro de Brée pretendia alertar as entidades competentes para a urgência da classificação da estação arqueológica, indicando alguns números matriciais dessas propriedades, segundo se encontram registados no Cadastro da propriedade rústica da região.

No seguimento desta comunicação foi elaborado relatório por Joaquim Fontes, a 9 de Dezembro do mesmo ano, respeitante às medidas a adoptar para a salvaguarda de diversas estações arqueológicas do concelho de Oeiras. Para a estação de Leceia foi referido o seguinte:

"Há pois que evitar a plantação de árvores neste local para que esta estação não seja destruída. Porque assim é a 2.ª Sub-Secção da 6.ª Secção da Junta Nacional de Educação emite o parecer de que os terrenos demarcados por Álvaro de Brée sejam classificados de imóveis de interesse público. No relatório deste Senhor, e apenso a este documento, se diz os números dessas propriedades, segundo o Cadastro da propriedade rústica local." (Relatório de 9 de Dezembro de 1959 assinado por Joaquim Fontes, aprovado pela 2.ª Sub-Secção da 6.ª Secção da JNE em sessão de 9 de Dezembro de 1959).

Esta deliberação teve seguimento: por ofício do Director-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, de 22 de Janeiro de 1960, dirigida ao Director-Geral da Fazenda Pública e ao Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, remete-se o relatório elaborado por Joaquim Fontes e solicita-se informação sobre os diferentes proprietários dos terrenos onde se encontra a estação pré-histórica de Leceia, de acordo com os respectivos artigos cadastrais.

A 7 de Março, a Direcção-Geral da Fazenda Pública respondeu, revelando os nomes dos proprietários dos diferentes artigos cadastrais.

Após esta informação, a Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes procedeu, a 11 de Março, à notificação dos proprietários, por intermédio das respectivas administrações, para se

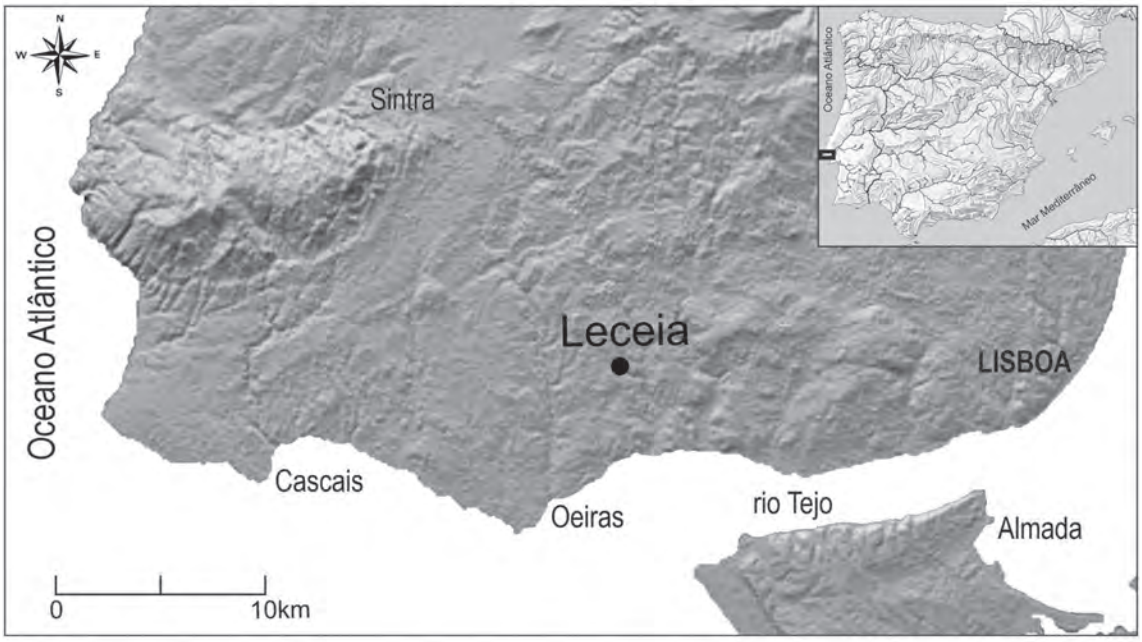


Fig. 12 – Artigos do cadastro rural da zona de Leceia, abarcados pelo povoado pré-histórico, situado ao centro e localização de Leceia na região ribeirinha da foz do Tejo e na Península Ibérica. Coordenadas: 38º 43´41´´ de latitude N; 9º 16´54´´ de longitude W. Altitude: 100 m.

pronunciarem sobre a classificação dos terrenos da estação arqueológica de Leceia situados na plataforma do moinho da Moura, ou do Pires, como imóvel de interesse público.

Seguiu-se então, durante largo período, a resposta de alguns interessados ao processo de classificação, arquivadas no processo administrativo presentemente conservado na DGPC e ao qual o Autor teve acesso em 1983.

Manifestaram-se os seguintes proprietários: Maria da Soledade Sequeira Sinel Cordes Bartolomeu; António Bernardino Ferreira Neta; João Franco Júnior; Agostinho de Jesus; e Serafim da Purificação Alves (QUADRO 1).

QUADRO 1 – Lista dos proprietários da área da estação arqueológica de Leceia.

Artigo Cadastral	Denominação do terreno	Propietário	Manifesto / data contra a classificação
637	–	Maria da Soledade Sequeira Sinel de Cordes Bartolomeu	Carta dirigida ao Director-Geral do Ensino Superior e Belas Artes - 2 Abr. 1960
631	"Cerrado da Pucariça"	António Bernardino Ferreira Neta	Requerimento dirigido à Câmara Municipal de Oeiras - 16 Jul. 1960
622	"Algare"	João Franco Júnior	Requerimento dirigido à Câmara Municipal de Oeiras - 18 Jul. 1960
619	"Algares"	Agostinho de Jesus	Carta dirigida ao Ministro da Educação Nacional - 3 Out. 1960
629	"Terra da Helena" ou "Pedregal" ou "Manga do José Coelho"	Serafim da Purificação Alves	Exposição dirigida à Câmara Municipal de Oeiras - 31 Dez. 1960
623	–	Samuel Assis Franco	Não deduziu oposição
628	–	António Duarte da Silva Santos	Não deduziu oposição
630	–	António Duarte da Silva Santos	Não deduziu oposição

Nas cartas enviadas para as autoridades indicadas no QUADRO 1 registam -se as razões da discordância dos diversos proprietários:

Excerto da carta manuscrita de Maria da Soledade Sequeira Sinel de Cordes Bartolomeu dirigida ao Director-Geral do Ensino Superior de Belas Artes – Lisboa, 2 Abril de 1960:

> "… vem, por este meio, declarar a V. Ex.ª que, de modo nenhum pode estar de acordo com a pretensa classificação, porquanto, sendo a referida propriedade constituída por uma terra de semeadura esta imediatamente se desvalorizará atendendo a que a sua área cultivável fica desta forma reduzida e, consequentemente, o seu rendimento baixará.
>
> Nestas circunstâncias, espera que V. Ex.ª reconsidere antes de tomar qualquer resolução sobre este assunto, pois a renda que de tal propriedade aufere constitue o seu único rendimento pessoal, ninguém a indemnizando do prejuízo que resultar de uma solução que venha afectar os seus legítimos interesses."

Excerto do requerimento de António Bernardino Ferreira Neta dirigido à Câmara Municipal de Oeiras – Oeiras, 16 Julho de 1960:

> "… tomei conhecimento de que se pretende classificar de "interesse público", uma terra, sita no mesmo lugar de Leceia, e denominada "Cerrado da Pucariça" inscrita no cadastro matricial sob o n.º 631, vem por este meio expor o seguinte: – Em virtude do requerente, assim como os restantes possuidores da mesma, serem bastantes pobres e viverem exclusivamente do seu trabalho de lavoura, é para estes bastante desolador, ver a dita propriedade considerada como "imóvel de interesse público". – A situação que se vem criar com o mesmo despacho, não só dificulta qualquer empréstimo a contrair pelos seus proprietários, ao qual muitas vezes se tem que

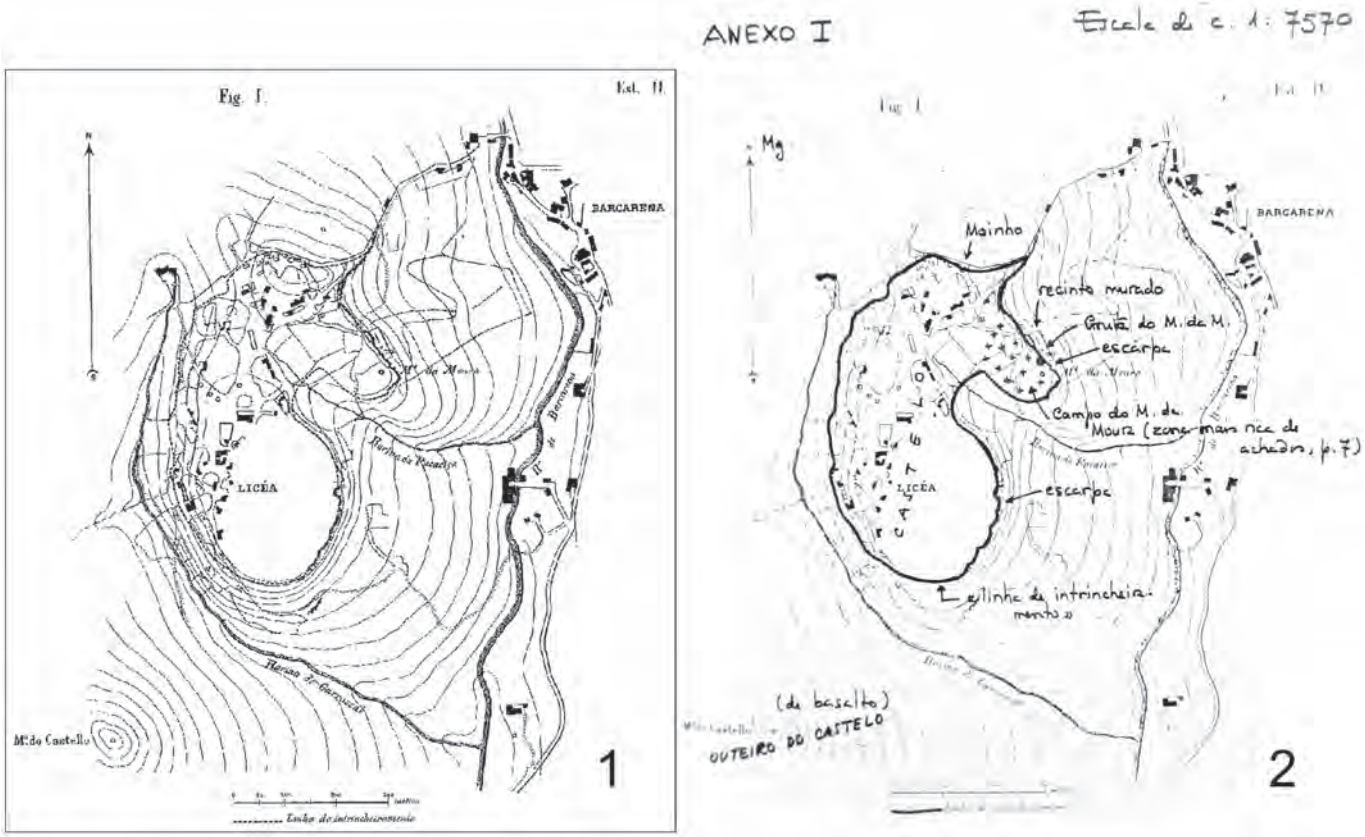


Fig. 13 – Delimitação da estação arqueológica de Leceia, conforme documentação anterior à publicação da Portaria n.º 470/86, de 27 de agosto. 1 – Planta de Carlos Ribeiro contendo a localização do povoado, na plataforma do Moinho da Moura, e delimitação da linha de entricheiramento por ele considerada (RIBEIRO, 1878, Est. II, Fig. 1); 2 – Utilização da mesma planta, validada em documento que consta do Processo de classificação relativo ao povoado pré-histórico, arquivado na DGPC, datado de 8 de Outubro de 1980, com anotações de Fernando Bandeira Ferreira, técnico superior do então IPPC.

recorrer para poderem manter a sua subsistência em anos afortunados, como põe de parte qualquer possibilidade de venda da respectiva propriedade. – Por todos estes factos requer-se (sic) a V. Ex.ª, que não seja considerado "monumento nacional" a referida terra."

Excerto do requerimento de João Franco Júnior dirigido à Câmara Municipal de Oeiras – Oeiras, 18 Julho de 1960:

"… acabando de tomar conhecimento de que se pretende classificar de "monumento nacional" uma terra de semeadura sita no mesmo lugar e denominada "Algare", vem nos termos do art.º 25º do decreto, com força de lei, n.º20.985, de 7 de Março de 1932 e demais legal, reclamar; e deduz essa reclamação pela seguinte forma: – 1º Essa propriedade, descrita na matriz rústica de Barcarena sob o n.º 622, na secção de folhas 27, e com a área de 1ha, 1960 anda semeada de trigo e é muito boa. E 2.º Quanto contribua por diminuir o valor económico da referida terra afectará gravemente a mãe do requerente, que é octogenária, e os demais irmãos do requerente, que são sete, além dos sobrinhos do requerente, filhos de uma irmã predefunta e 3.º Todos estes interessados são pobres, com grandes dificuldades vivendo da lavoura e por isso frequentemente forçados a recorrer ao crédito agrícola. Ora 4.º O simples facto de vir a ser considerado "monumento nacional" a dita propriedade, imediata e economicamente a diminue, pois (art.º 26º, 31º e os 1º e 2º do art.º 32º do dito decreto) 5.º Nessas circunstâncias ninguém terá interesse em

adquiri-la e, por consequência, em nenhuma circunstância a respectiva Caixa de Crédito Agrícola emprestará o que-quer-que-seja para a amanhar. Acresce que 6º Não se justifica por modo algum a classificação proposta, sem embargo das erróneas suposições do Exm.º Sr. Álvaro de Brée. Nestes termos, requere-se a V. Ex.ª que, com observância dos trâmites legais, não seja considerado "monumento nacional" a referida propriedade."

Excerto de carta dactilografada de Agostinho de Jesus dirigido ao Ministro da Educação Nacional – Leião, 3 de Outubro de 1960:

"Agostinho de Jesus, (…) vem deduzir oposição contra a classificação de imóvel de interesse público, (estação eneolítica de Leceia), do seu terreno inscrito sob o art.º 619 da freguesia de Barcarena, nos termos e com os fundamentos seguintes:

1.º Não há no terreno em causa, de que o oponente é proprietário, qualquer monumento megalítico, gruta, castro, rochedo fisionómico, penhas monolíticas ou quaisquer outros idênticos. Assim,

2.º Não suscita esse terreno qualquer valor histórico ou arqueológico que possa determinar a sua classificação como de interesse nacional.

3.º Trata -se dum terreno inteiramente plano, razo em absoluto.

4.º Nunca ali se deu pela existência de qualquer elemento de interesse arqueológico, nunca se achou ali qualquer construção, peça, pedra, ferro ou bronze que seja indício de qualquer antiguidade e, muito menos de antiguidade arqueológica.

5.º No terreno em causa só há terra, e … nada mais.

6.º De modo que além de não merecer qualquer interesse histórico o terreno em causa, a sua classificação como de interesse público apenas redundaria em prejuízo para o seu proprietário. De facto,

7.º O signatário é um simples e modestíssimo proprietário com apenas três ou quatro propriedades, todas de pequena superfície. Mais:

8.º É o signatário uma pessoa já de avançada idade e doente, já sem muitas forças para prover, por si, à sua manutenção e de sua família. De maneira que,

9.º Tudo o que seja cercear os parcos rendimentos que aufere e o valor das suas mingoadas propriedades, será contribuir para a sua insuficiência económica. Ora,

10.º É evidente que a classificação do aludido terreno como imóvel de interesse público, determinaria a sua manifesta desvalorização, dada a limitação dos direitos de propriedade que daí resultaria e, pràticamente até, a sua eliminação.

11.º Pelo exposto, deve excluir-se da classificação de monumento nacional ou imóvel de interesse público, o terreno acima referido, permanecendo livre e alodial para todos os efeitos, sem nenhuma limitação dos direitos de propriedade que ao signatário incumbe exercer, pois, conforme se referiu, não dá a sua concordância a que seja classificado como imóvel de interesse público o terreno, que lhe pertence, inscrito no art.º 619 da matriz rústica da freguesia de Barcarena, do concelho de Oeiras, denominado Algares, com a área de 10.940 m^2."

Excerto da exposição dactilografada de Serafim da Purificação Alves dirigido ao presidente da Câmara Municipal de Oeiras – Barcarena, 31 de Dezembro de 1960:

"SERAFIM DA PURIFICAÇÃO ALVES, empregado da Fábrica de Pólvora e Munições, de Barcarena, (…) vem, (…) deduzir a sua oposição, nos termos seguintes:

1º A classificação que se pretende dar á referida estação é absolutamente injustificável, pois que

2º É público e notório que naquele local, NUNCA SE DEU CONTA DE ACHADOS EM NÚMERO, QUANTIDADE OU QUALIDADE tais que AUTORIZEM A FAZER PRESUMIR ALI A EXISTÊNCIA DE VALORES ARQUEOLÓGICOS OU HISTÓRICOS DE RELEVO JUSTIFICATIVOS DA CLASSIFICAÇÃO PROPOSTA. Efectivamente,

3º As simples escavações feitas no local apenas têm fornecido vulgar pedra "LIOZ", e pouco mais.

4º Qualquer ligeira excepção que, porventura, possa apontar-se, de excepção não passa. Deste modo,

5º Parece fóra de dúvida que seria lamentável atentado aos interesses dos proprietários confinantes, e, portanto, aos do ora oponente, a aceitação de tal classificação, com o cortejo de consequência futuras que viriam a resultar daí.

6º O ora oponente é naquele local, proprietário duma modesta parcela de terreno denominado "TERRA DA HELENA", ou "PEDREGAL" ou "MANGA DO JOSÉ COELHO" inscrito na matriz cadastral da freguesia de Barcarena, sob o artigo 629, e descrito na Conservatória do Registo Predial de Sintra, a fls. 59, vº do Livro B -86, sob o n.º 34.303.

7º Esta modesta parcela adveio ao opoente por partilha aliás modestíssima, resultante de separação de pessoas e bens, de sua ex-consorte, necessitando o oponente do pequeno património que lhe coube, para o equilíbrio da sua vida económica, visto os seus ganhos na citada Fábrica serem exíguos, não lhe permitindo, só por si, fazer face á sua manutenção, á duma sua companheira e respectiva filha, para quem tem deveres indeclináveis moralmente, e ainda á assistência a uma sua madrinha, pessoa doente e de avançada idade.

Termos em que: se opõe á pretendida classificação, pelos prejuízos morais e materiais que acarreta, e por não ter justificação e características que a autorizem legalmente."

Após a consulta aos proprietários dos referidos terrenos, e registadas todas as suas respostas, que constituem, outrossim, um retrato vivo e genuíno da sociedade rural que habitava a pequena aldeia de Leceia nos inícios da década de 1960, situada a pouco mais de 10 km da cidade de Lisboa, o processo foi enviado à Junta Nacional da Educação para se pronunciar sobre as oposições à classificação proposta.

Tal processo durou três longos anos, até que a 16 de Março de 1963, o então relator do processo, Fernando Alberto Ricca Bandeira Ferreira, membro da 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação, emite parecer para se proceder de imediato à mencionada classificação do povoado pré-histórico de Leceia, como imóvel de interesse público, não obstante as oposições registadas, obtendo homologação ministerial em 9 de Abril de 1963. Deste modo, a estação arqueológica foi classificada de imóvel de interesse público pela publicação do Decreto n.º 45 327, de 25 de Outubro de 1963.

Cerca de duas décadas depois, a 15 de Dezembro de 1982, um breve documento do Instituto Português do Património Cultural, informa que o processo deveria ser arquivado, encerrando-se deste modo a classificação da estação arqueológica.

No entanto, para a real defesa de uma estação arqueológica como a de Leceia, sujeita a crescentes pressões urbanísticas, dado a mesma encontrar-se em boa parte envolvida pela actual povoação de Leceia, não bastava a classificação legal efectuada. Impunha-se a necessidade de elaborar uma planta pormenorizada do sítio arqueológico, que deveria englobar não só a área efectivamente ocupada pelo povoado como, também, o seu redor com a ideia futura de estabelecer uma área de protecção envolvente, uma vez que a sua classificação como imóvel de interesse público pelo Decreto n.º 45 327, de 25 de Outubro de 1963 não fora acompanhado deste

instrumento de gestão, por manifesta incapacidade de o produzir. Com efeito, o único documento até então existente, e utilizável para o efeito, correspondia à planta publicada em 1878 por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1878, Est. II, Fig. I), contendo a delimitação da suposta "linha de entricheiramento" por este definida com base na topografia do terreno e em critérios que não se baseavam em evidências arqueológicas seguras, como fossem restos de estruturas defensivas ou habitacionais, então completamente desconhecidas, mas apenas na presença mais ou menos dispersa de materiais arqueológicos no terreno. Além disso, tal planta afigurava-se, agora, de aplicação inviável, visto abranger a totalidade do próprio aglomerado urbano que entretanto tinha crescido de forma assinalável (**Fig. 13**). Deste modo, somente a distribuição dos prédios rústicos dos proprietários que haviam sido ouvidos aquando do processo de classificação, poderia servir de aproximação à delimitação da estação arqueológica, e mesmo assim de forma muito discutível.

A indefinição legal da área de efectivo interesse arqueológico explica a existência de várias tentativas de o ocupar, ao longo dos anos de 1960 e de 1970. Foi o caso da proposta de ampliação da pedreira do Cerrado das Mós que obteve parecer negativo por parte da JNE, a 24 de Setembro de 1968, por se considerar estar numa área abrangida pela estação arqueológica.

Por se revelar de interesse para a história da discussão da delimitação da estação arqueológica transcreve -se a informação manuscrita da Secretaria de Estado da Cultura, IPPC, de 8 de Outubro de 1980, elaborada por Fernando Alberto Ricca Bandeira Ferreira:

"**I**

1. Quando a JNE iniciou o processo de classificação do povoado calcolítico de Liceia (ou Leceia) que viria a terminar com a promulgação do Decreto n.º 45 327, de 25/Out/63, a única fonte cartográfica, de caracter arqueológico, disponível era a planta publicada por Carlos Ribeiro no último quartel do séc. XIX, in Noticia de Algumas Estações…, onde este insigne patriarca da Arqueologia Nacional marcou, a tracejado, o que designou por "linha de entrincheiramento" (v. Anexo I), que se pode considerar o limite da estação. Esta linha coincide em muitos pontos com a cornija da escarpa em que se abrem várias grutas.
2. A área classificada era – e é –, portanto, a circunscrita pela mesma linha e a respectiva zona de protecção, "automática", uma faixa circundante de 50 m de largura.
3. Após mais de 25 anos de ausência, voltei no passado dia 6 a Liceia para preparar um projecto de resposta ao ofício recentemente enviado pela Câmara Municipal de Oeiras a este Instituto. Acompanhou-me na visita a Sr.ª Dr.ª D. Salette Simões Salvado, dos Serviços Culturais da referida Câmara.
4. Apesar de estar já habituado a depredações praticadas em estações ou monumentos arqueológicos, as de que foi vítima o povoado em causa excede tudo quanto se possa imaginar: um número muito elevado de prédios (em geral vivendas) foi construído – após a classificação –, não na zona de protecção, mas na própria área classificada, causando a destruição de, pelo menos, 40% do povoado, admitindo que este tem os limites que lhe atribuiu Carlos Ribeiro!

Outra grande parte (c. 25%) foi destruído por pedreiras, cuja área de exploração foi muito alargada depois de 1942, como o prova o cotejo das edições de 1943 e de 1970 da folha n.º 430 da CMP (v. Anexos II e III). Admito, no entanto, que esse alargamento se tenha verificado sobretudo antes da classificação.

4.1 Praticamente, a única zona ainda intacta – ou relativamente intacta – é a pequena saliência, a NE, em que se situam as ruínas do moinho da Moura e que, por esta razão, Carlos Ribeiro

designou por "Campo do Moinho da Moura". Segundo o insigne investigador, essa saliência seria a zona mais fértil da estação – valha -nos, ao menos, isto!

5. Acrescentarei, ainda, que algumas das numerosas grutas que se abrem nas escarpas estão também danificadas, mas, segundo me pareceu, após rápido exame, por causas naturais. Não nos foi possível visitar a célebre gruta da Moura, subjacente ao moinho homónimo, que foi explorada por Carlos Ribeiro e lhe forneceu um espólio osteológico e arqueológico relativamente abundante, porque a sua entrada está num terreno cercado por uma vedação bastante alta que não pudemos transpor. Num parentese, direi que o muro representado na Figura II da Estampa II da Noticia…. (v. Anexo I) desapareceu na sua quase totalidade, bem como a pequena casa que se vê na mesma gravura.
6. Tudo o que acabo de descrever foi também observado pela Dr.ª Salette Salvado, a quem pedi que comunicasse à Câmara que tem de envidar todos os esforços no sentido de suster toda a actividade de construção e de exploração de pedreiras, não só na área do povoado, cujos limites lhe indiquei no terreno, como na zona de protecção vigente, informando-a, também, de que iria propor superiormente o alargamento dessa zona, como adiante farei.
7. Devo ainda dizer que há, construídas ou em construção, algumas vivendas dentro da zona de protecção, junto da estrada que sobe da ponte de Barcarena para Liceia.

II

Em face da situação, provocada por anos e anos de total indiferença da CM de Oeiras, e considerando que a zona de protecção dos 50 m é, em alguns pontos insuficientes, sugiro, como medidas imediatas, que:

1. Se estabeleça uma nova zona de protecção cujo limite externo seria constituído por uma linha que, arrancando da ribeira do Carrascal, junto da casa da Quinta da Fonte de Leceia, contornaria o povoado por noroeste, norte, nordeste e leste, a uma distância constante de 100 m, até voltar a encontrar a referida ribeira, cujo curso, a partir deste ponto, constituiria esse limite (por sul e oeste), até junto da casa indicada supra (v. Anexo IV);
2. Se confirme por ofício ao Presidente da Câmara o que transmiti verbalmente à Dr.ª Salette Salvado (v. n.º I. 6. desta informação).

III

Para finalizar, informei ainda V. Ex.ª de que a actual Câmara parece estar disposta a aproveitar como "Zona verde" a encosta que se estende entre as escarpas mencionadas e a ribeira de Barcarena.

Em meu entender, a ideia parece-me excelente, desde que um eventual plantio de árvores ou quaisquer outros trabalhos que impliquem remoção de terras sejam acompanhados por um arqueólogo que poderia ser a própria Dr.ª Salette Salvado.

A presente informação deverá, agora, ser presente à Comissão "ad hoc". 8/OUT/80." (Informação manuscrita ao Processo n.º 80/12 (14) da Secretaria de Estado da Cultura, IPPC, de 8 de Outubro de 1980".

Como se verifica na Fig. 13, n.º 2, a planta utilizada nos documentos administrativos nos inícios dos anos 80, adoptada por Fernando Bandeira Ferreira, ainda era a mesma da apresentada por Carlos Ribeiro, na sua obra de 1878 (Fig. 2, n.º 1; RIBEIRO, 1878, Est. II, Fig. I), apenas com a adição de anotações manuscritas. Pretendia-se, assim, manter, como válida e operativa, a linha de delimitação do povoado pré -histórico em toda a plataforma incluindo o próprio aglomerado urbano. Esta proposta, além de ser de aplicação à partida inviável, pois fazia da totalidade da povoação actual uma área

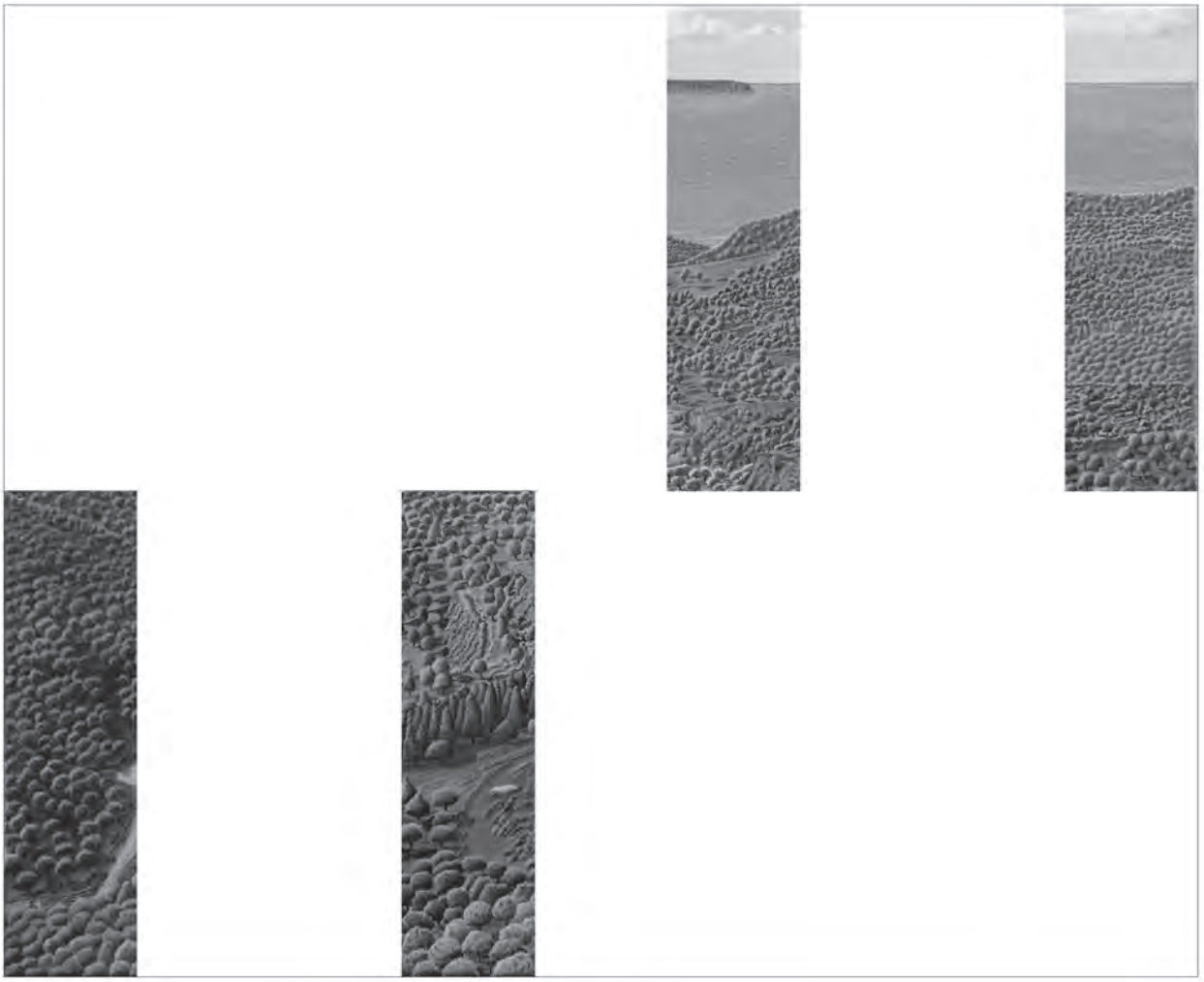
classificada, em que nada mais se poderia construir, ou sequer modificar – o que era um evidente menosprezo pelos direitos dos habitantes de uma pequena aldeia em processo mais do que legítimo de crescimento – provocaria um problema real, por ser desprovido de qualquer fundamentação, devidamente comprovada no terreno. Facilmente se compreende que tal proposta jamais tenha sido levada à prática.

Só em Agosto de 1986, depois de conhecida com exactidão a extensão da área de efectivo interesse arqueológico, conforme foi definida pelo Autor, com base nos resultados das três campanhas de escavação anteriormente efectuadas: 1983, 1984 e 1985, acompanhadas pela micro-prospecção de terreno, foi a mesma aprovada legalmente, como se disse, através de definição de duas áreas distintas: a zona *non aedificandi* e a zona especial de protecção envolvente (ver **Fig. 1**).

No entanto, como infelizmente se sabe, e muitos exemplos poderiam ser invocados a este respeito, para que a efectiva protecção do espaço arqueológico de Leceia fosse uma realidade, não bastaria classificá-lo, associando-o a uma simples planta publicada em Diário da República. Dada a forte pressão urbanística e populacional na área de efectivo interesse arqueológico, logo em Dezembro de 1986 a zona *non aedificandi*, conforme tinha sido classificada em Diário da República, foi vedada, por iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras, através da colocação de uma vedação em rede elástica, com cerca de 3.0 m de altura, criando assim uma barreira física no sentido de proteger a estação arqueológica, que continuava a ser objecto de depredações. Esta protecção veio a revelar-se insuficiente. Com efeito, nos trechos menos expostos da área vedada, a própria vedação foi objecto de furto, em maior ou menor extensão, para provavelmente ser reutilizada em cercados de animais. Tal situação determinou a instalação, em 1994, de uma vedação muito mais robusta, constituída por varões rígidos de ferro, assentes em sapata contínua de cimento, o que impossibilitava quaisquer malfeitorias na estação arqueológica. Essa vedação manteve-se até à actualidade e tem assegurado a efectiva protecção física da estação arqueológica, dignificando o próprio espaço em que se encontra inserida.

quatro

A AQUISIÇÃO DOS TERRENOS DA ÁREA CLASSIFICADA PELA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS



Como acima se disse, a Portaria n.º 470/86, de 27 de Agosto fixou o perímetro de protecção da Estação Arqueológica de Leceia, com a delimitação rigorosa da área de interesse arqueológico, a zona *non aedificandi*, e a zona de protecção envolvente.

Na zona *non aedificandi*, como o próprio nome indica, a construção é interdita; encontra-se fisicamente protegida desde 1986, primeiro através de construção de vedação metálica provisória, em rede elástica, substituída em 1994 por uma vedação rígida, de ferro, assente em sapata contínua de cimento, ambas instaladas pela Câmara Municipal de Oeiras, com o intuito de providenciar a protecção efectiva da estação arqueológica e as estruturas que a constituem;

Na zona de protecção especial envolvente, a construção ou qualquer outro projecto de ocupação do solo encontra-se limitado à prévia apreciação, tanto do organismo de tutela, como da Câmara Municipal de Oeiras. Considerou-se a necessidade de existência de uma zona especial de protecção tendo em conta a preservação visual da estação arqueológica: tratando-se de um povoado pré-histórico fortificado, a própria envolvência da plataforma elevada em que este se encontra implantado constitui, sem dúvida, um dos seus aspectos identitários mais relevantes, carecendo de protecção paisagística, que se pretendeu garantir através daquele meio.

Em 1990 foi solicitado parecer jurídico pela Câmara Municipal de Oeiras ao Dr. João Martins Claro, então Assistente da Faculdade de Direito de Lisboa, das consequências da classificação do povoado sobre eventuais loteamentos abrangidos pela zona *non aedificandi*, pois em 1983 encontrava-se em apreciação pela Câmara Municipal de Oeiras um Projecto Geral de Urbanização que interessava a referida zona.

Deste modo, considerando a forte pressão urbanística ali existente, a Câmara Municipal de Oeiras, no sentido de assegurar a efectiva protecção da área classificada, e de promover a valorização e aproveitamento integral da estação arqueológica, iniciou então processo de aquisição dos diversos lotes situados no perímetro da zona *non aedificandi*, com a declaração de Utilidade Pública, dando início à negociação com os respectivos proprietários.

Iniciado este processo em 1991, ao longo de vários anos, foram desenvolvidos esforços que envolveram os proprietários daqueles terrenos, por forma a atingir o indispensável acordo.

Em 1992, surgem dois pedidos de indeminização, através de requerimento apresentado por Francisco Botelho Caeiro, e por Maria da Conceição Pereira, ambos através da entidade de tutela (o IPPC / IPPAR), na qualidade de proprietários de parcelas de terrenos abrangidos pela zona *non aedificandi*.

A Câmara Municipal de Oeiras, empenhada em obter a posse dos terrenos situados no perímetro classificado, concluiu negociação com Maria da Conceição Pereira, com lote de terreno inserido na matriz cadastral n.º 629, com área de 315 m^2, no sítio denominado "Pedregal", consubstanciada em permuta de um fogo municipal para habitação, conforme deliberação tomada em reunião de Câmara realizada em 12/5/1993 e publicitada no Suplemento do Boletim Municipal, n.º 38 – Maio de 1993:

"Troca de prédios com Maria da Conceição Pereira com vista à zona de protecção envolvente do Castro de Leceia: – Deliberado efectuar com Maria da Conceição Pereira uma troca, segundo a qual a Câmara entregará um fogo municipal para habitação do tipo T1, correspondente a r/chão esquerdo com logradouro da Rua Instituto Conde de Agrolongo, situado no Alto da Loba, no valor de 5.305.000$00 e receberá daquela proprietária um terreno sito em Leceia, ao qual foi atribuído o valor do fogo que vai entregar e que, quando da celebração da escritura seja tido em consideração o ónus de Inalienabilidade que incide sobre o referido fogo."

Ao reafirmar o empenho da autarquia na posse dos terrenos, por ofício da Câmara Municipal de Oeiras de 20 de Setembro de 1993, registo n.º 026682, assinado pelo Presidente Isaltino Morais, determina-se que todos os requerimentos elaborados pelos proprietários ou seus representantes legais "serão apreciados pelos serviços competentes à luz do contido na Inf. n.º 484/92, anexa ao ofício n.º 016814/92/06/29".

Na continuidade deste processo, em 1994, o Gabinete de Contencioso e Apoio Jurídico da Câmara Municipal de Oeiras, solicitou ao Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CEACO/CMO) a preparação e envio da documentação cartográfica, necessária para instrução do processo de expropriação dos terrenos da zona vedada do povoado, designado por "**Processo de Expropriação n.º 133**", como consta em várias Informações, e ao qual se deu cumprimento, através da preparação das diversas peças desenhadas solicitadas (**Fig. 14**), acompanhadas da lista nominal e moradas conhecidas dos proprietários dos prédios rústicos registados, contidos no perímetro *non aedificandi*, conforme consta do QUADRO 2:

QUADRO 2 – Lista dos proprietários de parcelas de terrenos situados na zona *non aedificandi* da estação arqueológica de Leceia.

Artigo Cadastral	Denominação do terreno	Propietário e morada	Área (m2)
619	"Algarces"	INDRESO - Sociedade de Representações Industriais S.A.R.L. Quinta N.ª Sr.ª da Conceição, Barcarena 2745 Queluz	2400
622	"Algarces"	INDRESO - Sociedade de Representações Industriais S.A.R.L. Quinta N.ª Sr.ª da Conceição, Barcarena 2745 Queluz	1330
1/623	"Cerrado do Moinho do Pires"	Samuel Assis Franco Leceia, 2780 Oeiras	1040
2/623	"Cerrado do Moinho do Pires"	Samuel Assis Franco Leceia, 2780 Oeiras	1880
626	"terra e manga do Coelho"	Samuel Assis Franco e António Bernardino Ferreira Leceia, 2780 Oeiras	420
627	"Cerrado do José Coelho"	Carlos Manuel Dionísio Amorim Rua da Casquilha, 59, Lisboa	640
628	"Cerrado do Pires"	José Freire Rodrigues Rua 7 de Junho, 88, Leceia 2780 Oeiras	560
629	"Pedregal"	17 proprietários *	1040
630	"Cerrado da Figueira Verdial"	José Freire Rodrigues Rua 7 de Junho, 88, Leceia 2780 Oeiras	3820
1/637	"Pucariças"	INDRESO - Sociedade de Representações Industriais S.A.R.L. Quinta N.ª Sr.ª da Conceição, Barcarena 2745 Queluz	1110

* Art. 629 com 17 proprietários: Acácio da Silva; Adriana Agostinho Preto; Agueda da Silva Alexandre; António Alves Nobasco; António Antunes Preto; Antónia Farinha; António Fernando Moreira Monteiro; Francisco Botelho Caeiro; Francisco Santos Ribeiro; João Baptista Ferreira; Jorge Nunes Tumbal; José de Jesus Santos; Laura Maria dos Santos Miranda Costa; Manuel Rodrigues da Silva Arrojado; Manuel da Silva; Miguel Coelho Marques; e Rogério da Conceição; Bairro 7 castelos, Viv. Ribeiro, S. Domingos de Rana 2775 Parede.

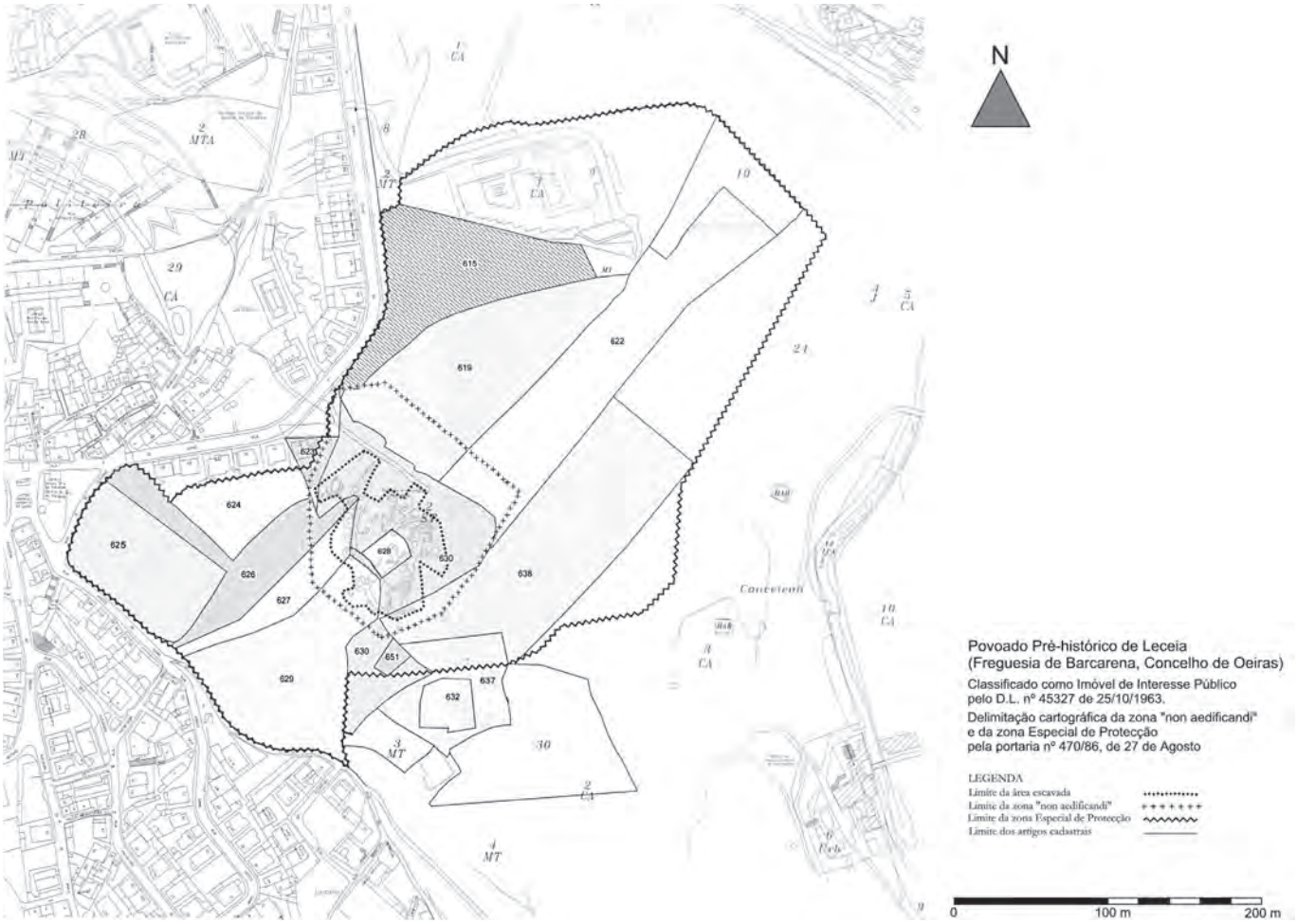


Fig. 14 – Delimitação da área escavada do povoado pré-historico de Leceia, zona *non aedificandi* e zona especial de protecção, e sua incidência no cadastro predial rústico existente conforme documento elaborado pelo CEACO/CMO.

No que se refere especificamente à zona *non aedificandi* os artigos matriciais identificados são os seguintes:

- Parte do 615; parte do 619; parte do 622; parte do 623; parte do 626; parte do 627; 628; parte do 629 e parte do 630.

No que se refere ao perímetro da zona especial de protecção envolvente, os artigos matriciais identificados são os seguintes:

615; 619; 622; parte do 623; parte do 624; 625; 626; 627; 628; 629; parte do 630; 631; parte do 632 e parte do 638.

A 18 de Novembro de 1994, através da Inf. n.º 60/94, o Autor reitera a urgência na conclusão das negociações com os proprietários relativamente à zona *non aedificandi* referindo eventual apoio do IPPAR na aquisição dos terrenos, situados na zona de protecção especial envolvente.

No dia 5 de janeiro de 1995 foi feita uma reunião com a presença do Presidente da CMO, do Autor em representação do CEACO/CMO, da Arq.ª Isabel Soromenho do DPGU/CMO, de Assessor Jurídico da CMO e do Dr. Fernando Real, Director do Departamento de Arqueologia do IPPAR com vista à

resolução de várias questões relacionadas com a zona *non aedificandi* e zona especial de protecção do povoado pré-histórico de Leceia. No respeitante a este último ponto, o Director do Departamento de Arqueologia do IPPAR sublinhou que na zona especial de protecção criada, era possível permitir a construção, "constituindo uma servidão administrativa que apenas condiciona as construções de imóveis à aprovação prévia do respectivo projecto elaborado por técnicos com a qualificação profissional constante do Decreto-Lei 205/88 de 16 de Julho" (síntese da reunião de 5/1/1995 na Câmara Municipal de Oeiras). Esta situação tinha a ver directamente com a pretensão de a Cooperativa de São Pedro – Educação e Reabilitação dos Cidadãos com Deficiência, CRL, em construir as suas novas instalações na encosta de Leceia, voltada para Barcarena, ocupando marginalmente a zona especial de protecção envolvente. Face ao interesse social da iniciativa, e à diminuta área a ser ocupada da zona classificada, por construções de baixa volumetria, que não interferiam na individualidade paisagística do sítio arqueológico, considerou-se que nada existia a opor à pretendida construção.

A 31 de Maio de 1995, a pedido do GCAJ, é solicitada a intervenção de um perito oficial, para proceder à avaliação dos terrenos incluídos na zona *non aedificandi*.

Encetadas negociações com os proprietários por parte da Câmara Municipal de Oeiras dos terrenos pertencentes à zona *non aedificandi*, chegou-se a acordo amigável, pela via do direito privado, com os proprietários dos artigos cadastrais 619, 622, 623 e 626, total ou parcialmente pertencentes à referida área, os quais pertencem actualmente ao Município de Oeiras.

Relativamente aos restantes artigos total ou parcialmente situados dentro da zona *non aedificandi*, foi encetada pela Câmara Municipal de Oeiras acção de expropriação, antecedida da Declaração de Utilidade Pública e da autorização para se proceder à posse administrativa dos mesmos, por ser indispensável ao prosseguimento dos trabalhos arqueológicos que se encontravam em curso e às acções de índole cultural ali desenvolvidas. Tal propósito foi oficialmente reconhecido pelo Governo, a 14 de Abril de 1997, através da Declaração de Utilidade Pública publicada em Diário da República n.º118, II série, de 22/05/97, comunicada aos proprietários dos terrenos abrangidos em Junho de 1997.

No âmbito da instrução deste processo de expropriação, foi realizada vistoria *Ad Perpertuam Rei Memoriam* em 3/09/97 e, tendo o processo de expropriação seguido por via litigiosa, foram nomeados pelo Tribunal, por despacho de 11/02/1998, os árbitros que constituíram a Arbitragem destinada a fixar o valor da indemnização a pagar aos proprietários abrangidos.

No entanto, a avaliação efectuada por grupo de arbitragem designado pelo Senhor Presidente do Tribunal da Relação de Lisboa, na sequência de visita de 2 de Abril de 1998, que constituía já uma segunda avaliação, sucedendo-se à efectuada em 10 de Setembro de 1997, exorbitou os montantes considerados aceitáveis, e praticados pela Câmara Municipal de Oeiras, em casos similares. Consequentemente, a CMO decidiu desistir da expropriação dos referidos terrenos, devolvendo a responsabilidade da expropriação ao Estado nos termos e para os efeitos do n.º 4 do Art.º 84 do Código das Expropriações.

Devido ao seu interesse, transcreve-se parte da Proposta de Deliberação aprovada em reunião de Câmara de 24 de Junho de 1998, assinada pelo Presidente Isaltino Morais, relativa a proposta de desistência da expropriação dos terrenos na zona *non aedificandi* do povoado pré-histórico de Leceia, por parte da Câmara:

> "… Em resultado do imposto pelos Artigos 37.º, 38.º, e 42.º do Código das Expropriações, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 438/91, de 9 de Novembro, e após a realização de todas as prévias diligências impostas pelo Código das Expropriações, foi promovida a constituição e funcionamento da arbitragem dos terrenos situados na zona vedada do Castro de Leceia.

Recebido o resultado da arbitragem verificou-se que aquele evidencia um manifesto desajustamento face à realidade, uma vez que aquelas avaliações se situam entre os 10.000$00 e os 12.000$00 o metro quadrado, em consequência, designadamente, de terem entendido os senhores árbitros que o valor médio das construções possíveis de edificar naquela zona se situariam nos 200.000$00/m2, sendo certo que a Câmara já havia firmado acordos no local a 2.000$00/m2.

Os valores arbitrados são, aliás, muito superiores aos valores de mercado no local, mormente tratando-se de terrenos situados em zona *non aedificandi*.

Em face da descrição factual expendida e por a competência da presente expropriação sempre ter cabido ao Estado, através do Ministério da Cultura, tendo apenas a Câmara assumido a iniciativa da Expropriação perante a inércia que verificou daquela entidade, susceptível de determinar a deterioração de Património Nacional, mas uma vez que os pressupostos se alteraram radicalmente, tornou-se o prosseguimento da expropriação por parte da Câmara, insustentável em termos económicos, entende-se devolver a responsabilidade da expropriação ao Estado, em face do que se propõe que a Câmara desista da presente expropriação nos termos e para os efeitos do número 4 do Artigo 84.º do Código das Expropriações."

Em Novembro de 1998, deu-se conhecimento aos proprietários do desinteresse da Câmara Municipal de Oeiras prosseguir a expropriação dos terrenos em causa. Depois de endereçada a comunicação do pedido da referida desistência ao Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território, Sua Excelência o Secretário de Estado da Administração Local e do Ordenamento do Território revogou o seu despacho de 10 de Abril de 1997, por despacho de 11 de Novembro de 1998, que tinha declarado a utilidade pública da expropriação dos terrenos em causa.

Toda esta situação foi relatada pelo Vereador do Pelouro da Cultura, José Tavares Salgado, a 7 de Dezembro de 2000, em resposta a ofício do Sr. Vice-Presidente do IPPAR, Paulo Pereira.

A 17 de Julho de 2001 foi produzido comunicado, assinado pelo Presidente Isaltino Morais, endereçado à Deputada Heloísa Apolónia do Grupo Parlamentar na Assembleia da República do Partido Ecologista "Os Verdes", na sequência do requerimento n.º 395/VIII (2.a) – AL, de 25 de Maio de 2001, esclarecendo o ponto da situação sobre a tentativa, sem sucesso, de aquisição de alguns dos terrenos pertencentes à zona *non aedificandi*, por parte da Câmara Municipal de Oeiras por meio de acção de expropriação.

No entanto, tendo-se verificado que alguns dos proprietários dos terrenos abrangidos continuaram a demandar directamente a Câmara Municipal de Oeiras visando obter um valor por eles considerado justo para os seus terrenos, por despacho de 17 de janeiro de 2005, exarado na informação n.º 31GCAJ/05, foi determinado retomar as negociações com os proprietários interessados.

De tais negociações resultaram as seguintes aquisições:

Em Março de 2005 com o proprietário José Freire Rodrigues:
– Artigo matricial n.º 628, com área de 560 m^2, pelo valor de 4.188,80 €;
– Artigo matricial n.º 630, com área de 5640 m^2, pelo valor de 42.187,20 €.

Em Maio de 2005, três parcelas do artigo matricial n.º 629:
– António Fernando Moreira Monteiro - 285 m^2, pelo valor de 2.132,36 €;
– Miguel Coelho Marques - 200 m^2, pelo valor de 1.496,39 €;
– Laura Maria dos Santos Miranda Costa - 313 m^2, pelo valor de 2.341,86 €.

O valor por metro quadrado, no montante de 7,48 €, estava de acordo com os valores propostos pela CMO no âmbito dos terrenos que, anteriormente à desistência da expropriação, se lograram adquirir.

Durante todo o processo, foram solicitados ao CEACO vários pareceres sobre algumas parcelas, informações e eventual interesse da Autarquia na aquisição de terrenos situados na zona *non aedificandi* e na zona especial de protecção do povoado pré-histórico de Leceia. Exemplo disso foram as várias informações sobre o processo requeridas pela INDRESO – Sociedade de representações Industriais SA, proprietária de terrenos inscritos na Matriz Predial Rústica sob o artigo 619, 622 e 637. Situação que culminou com a resposta ao solicitado, por parte do Autor, na Informação n.º 34/ CEACO/2009, do seguinte teor:

> "… A INDRESO – Sociedade de representações Industriais SA questionou, através do seu representante legal, a CMO, a 18 de Maio de 2002, sobre a oportunidade e interesse da Autarquia na aquisição dos terrenos descritos em epígrafe, de que é proprietária, integralmente situados na zona *non aedificandi* e na zona especial de protecção do povoado pré-histórico de Leceia, de acordo com a Portaria n.º 470/86, de 27 de Agosto.
> Da consulta do processo, parece concluir-se que a CMO já adquiriu, dos 11.960 m^2, que constituem o art.º 622, os 1.330 m^2 integrados na zona *non aedificandi* da estação arqueológica, por escritura pública celebrada a 28/10/1998.
> Deste modo, não reveste interesse prioritário a aquisição da parte remanescente do referido artigo, cuja quase totalidade se insere, de acordo com o PDM de Oeiras, em espaço natural e de protecção, onde a construção se afigura inviável, exceptuando uma faixa adjacente à zona *non aedificandi*, a qual, no entanto, se encontra sujeita ao regime de servidão administrativa do imóvel classificado".

Como síntese do resultado das negociações efectuadas, até ao momento, entre a Câmara Municipal de Oeiras e os respectivos proprietários das diferentes parcelas identificadas, apresenta-se o QUADRO 2, indicando os valores monetários da aquisição.

QUADRO 3 – Lista dos proprietários de parcelas de terreno na zona *non aedificandi* e valores de aquisição.

Parcela (Art. Matricial)	Área a adquirir	Valor aquisição	Proprietário	Comissão Arbitragem
619	2.400 m2	4.800.000$00 (2.000$00/m2)	CMO Escritura 28.10.1998	
622	1.330 m2	2.660.000$00 (2.000$00/m2)	CMO Escritura 28.10.1998	
623 (1)	1.040 m2	2.600.000$00 (2.500$00/m2)	CMO Escritura 29.05.1996	
623 (2)	1.8800 m2	3.760.000$00 (2.000$00/m2)	CMO Escritura 05.03.1996	
626	420 m2	1.050.000$00 (2.500$00/m2)	CMO Escritura 09.04.1997	
627	Área Total Prédio 2.120 m2 Área Pretendida 640 m2	CMO propõe 960.000$00 (1.500$00 x 640 m2) Particular contrapropõe totalidade do prédio (2.120 m2) no valor de 12.000$00/m2	Carlos Manuel Dionísio Amorim Rua da Casquilha, 59, Lisboa	6.400.000$00 (10.000$00/m2)

628	560 m2	4.188,80 € (7,48 €/m2)	CMO Março 2005	
629	285 m2	2.132,36 € (7,48 €/m2)	CMO Maio 2005	
	200 m2	1.496,39 € (7,48 €/m2)	CMO Maio 2005	
	313 m2	2.341,86 € (7,48 €/m2)	CMO Maio 2005	
	275 m2	CMO propõe 1.500$00/m2	Francisco Santos Ribeiro e outros, alguns em parte incerta - iniciou-se processo judicial de nomeação de curador provisório	2.750.000$00 (10.000$00/m2)
630	5.640 m2	42.187,20 € (7,48 €/m2)	CMO Março 2005	
1/637	1.110 m2	CMO propõe 1.500$00/m2	INDRESO - Sociedade de Representações Industriais S.A.R.L. (existem dúvidas sobre proprietários - CRP)	11.100.000$00 (10.000$00/m2)

A 11 de Setembro de 2007, em reunião com o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras e responsáveis da equipa de Planeamento Municipal, foi pedida ao Autor uma apreciação, no que se refere ao impacto arqueológico, do estudo de ocupação indicativo relativo a uma parcela municipal da Quinta de Nossa Senhora da Conceição (Barcarena), interessada pela construção de um conjunto urbano constituído por vinte e duas moradias unifamiliares. A Informação n.º 117/2007 – DPGU/DP formalizou tal pedido, tendo presente o parecer negativo da Direcção Regional de Cultura de Lisboa e Vale do Tejo (DRCLVT), atenta a necessidade de se proceder à caracterização arqueológica prévia do local.

Para dar resposta aos requisitos estabelecidos pela tutela, os terrenos interessados pelo empreendimento, implantados na zona de protecção especial envolvente do povoado pré-histórico de Leceia, foram alvo de trabalhos arqueológicos realizados nos meses de Setembro e Outubro de 2017, depois de aprovados por parte da DGPC os respectivos pedidos de autorização e plano de trabalhos arqueológicos propostos, tendo sido dirigidos pelo Autor, coadjuvado pela arqueóloga Raquel Henriques.

O objectivo desta intervenção centrou-se na identificação de eventuais vestígios arqueológicos ainda existentes e conservados em profundidade no sector da encosta direita do vale da ribeira de Barcarena, no sector imediatamente adjacente da plataforma onde se implantou o povoado pré-histórico, tendo presente a prossecução do futuro empreendimento urbanístico.

Com efeito, a construção das pretendidas moradias unifamiliares, depois de indicação por parte do Autor, em sede de apreciação do estudo prévio, para que se efectivasse um maior afastamento da moradia que se encontrava mais próxima da zona *non aedificandi*, recomendação que foi respeitada, não constituía impeditivo para a manutenção da adequada visibilidade paisagística da estação arqueológica.

Foram efectuadas 5 sondagens de 50 m de comprimento unitário, distantes entre si 20 m e com cerca de 0,50 m de largura, totalizando 250 m lineares de sondagens. Os resultados vieram demonstrar a assinalável evolução geomorfológica da encosta subjacente ao povoado pré-histórico de Leceia desde meados do 3.º milénio a.C., conforme se comprova pelos escassos materiais arqueológicos recolhidos, nalguns casos a mais de 2,0 m de profundidade. Os resultados obtidos encontram-se devidamente publicados, no Volume 24, da revista Estudos Arqueológicos de Oeiras (CARDOSO & HENRIQUES, 2018).

EPÍLOGO

As acções de investigação, musealização, animação e divulgação da estação arqueológica requeriam e requerem a posse efectiva dos terrenos por parte da Câmara Municipal de Oeiras, pelo menos dos correspondentes à zona *non aedificandi*. Trata-se de processo complexo, conduzido desde há vários anos pelo GCAJ/CMO, Gabinete de Contencioso e Apoio Jurídico da Câmara Municipal de Oeiras, mas dificultado pelo elevado número de proprietários e seus descendentes. Actualmente, boa parte dos terrenos são já propriedade municipal, por via de acordo extra-judicial conseguido com os respectivos proprietários; o processo foi reaberto recentemente, por forma a conseguir-se a compra das restantes parcelas, incluindo as situadas na zona de protecção especial envolvente, revestindo-se esta iniciativa no momento presente de grande importância no âmbito da valorização científica e patrimonial desta estação arqueológica, designadamente através da construção de um edifício de raiz destinado ao CEACO viabilizando a fruição de forma integral da estação arqueológica por parte da população.

cinco

AURORA DE UMA VOCAÇÃO

Apesar da actividade de natureza burocrática desenvolvida nos finais da década de 1950 e inícios da seguinte, conducente à classificação de Leceia como Imóvel de Interesse Público, nenhuma consequência daí adveio, mantendo-se os terrenos correspondentes à estação arqueológica agricultados em pequenos talhões agrícolas pelos seus proprietários ou arrendatários, bem visíveis na foto obtida a partir da actual povoação de Leceia, nos inícios da década de 1970, numa vista tirada de Oeste para Este (**Fig. 15**, em cima). É interessante, a título comparativo, confrontá-la com foto com o mesmo enquadramento, obtida em 1991, quando boa parte da estação já se encontrava escavada (**Fig. 15**, em baixo).

Em Outubro de 1970 foi o autor deste livro presenteado por seu primo, o médico Fernando da Cunha, filho do Conselheiro Augusto José da Cunha, antigo Presidente da Câmara dos Dignos Pares do Reino, Ministro das Obras Públicas de um governo progressista presidido por José Luciano de Castro, lente da Escola Politécnica e Professor de Matemática de El-Rei D. Carlos, com a monografia de Leceia que pertencera à sua biblioteca, e lhe fora oferecida pelo próprio Carlos Ribeiro, acompanhada de dedicatória (**Fig. 16**, em cima) agora valorizada com nova dedicatória, que fazia honras à sua qualidade de futuro arqueólogo (**Fig. 16**, em baixo): "Ao jovem arqueólogo autodidacta João Luís Cardoso uma lembrança do primo Fernando da Cunha".

O efeito desta oferta foi imediato: logo no fim-de-semana seguinte, o então jovem de 13 anos, aluno do Liceu Normal de Pedro Nunes (Lisboa), encheu-se de determinação. Percorrido de bicicleta, o trajecto entre Caxias, onde então residia com seus Pais, e Leceia, ao longo da estrada, ainda hoje bela e pitoresca, que serpenteia pela encosta esquerda da ribeira de Barcarena, não lhe foi difícil chegar ao local então assinalado em planta por Carlos Ribeiro e por ele cuidadosamente descrito em 1878: tratava-se de vasto espaço de topografia regular, no topo da encosta direita do vale da ribeira de Barcarena, a que se chegava facilmente pela estrada que, de Barcarena, conduzia à povoação de Leceia: mesmo antes de lá chegar, e a partir do lado esquerdo da estrada, acedia-se directamente aos terrenos agricultados onde, a par e passo, emergiam da terra, inúmeros fragmentos de cerâmica e lascas de sílex. Percebe-se a emoção sentida, com o livro de Carlos Ribeiro numa mão, e a bicicleta na outra, à vista de tão precioso manancial que até então admitia ser exclusivo das vitrinas de Museu, definitivamente resguardado de mãos profanas. Tal sentimento, de alguém já então fascinado pelo conhecimento do passado dos antigos povoadores pré-históricos do nosso território ficou assim registada, na monografia que deu conta dos resultados das primeiras cinco campanhas de escavações ali realizadas, entre 1983 e 1988:

"Desde as já longínquas visitas a Leceia quando, ainda aluno do Liceu, me comprazia com os humildes vestígios deixados no solo por aqueles longínquos e ignotos habitantes de há muitos milénios, e me emocionava, apenas, a ideia de um dia poder, ali, dar o melhor do meu esforço… até ao momento em que escrevo estas linhas, é o mesmo ideal na mesma vontade, e o mesmo amor,

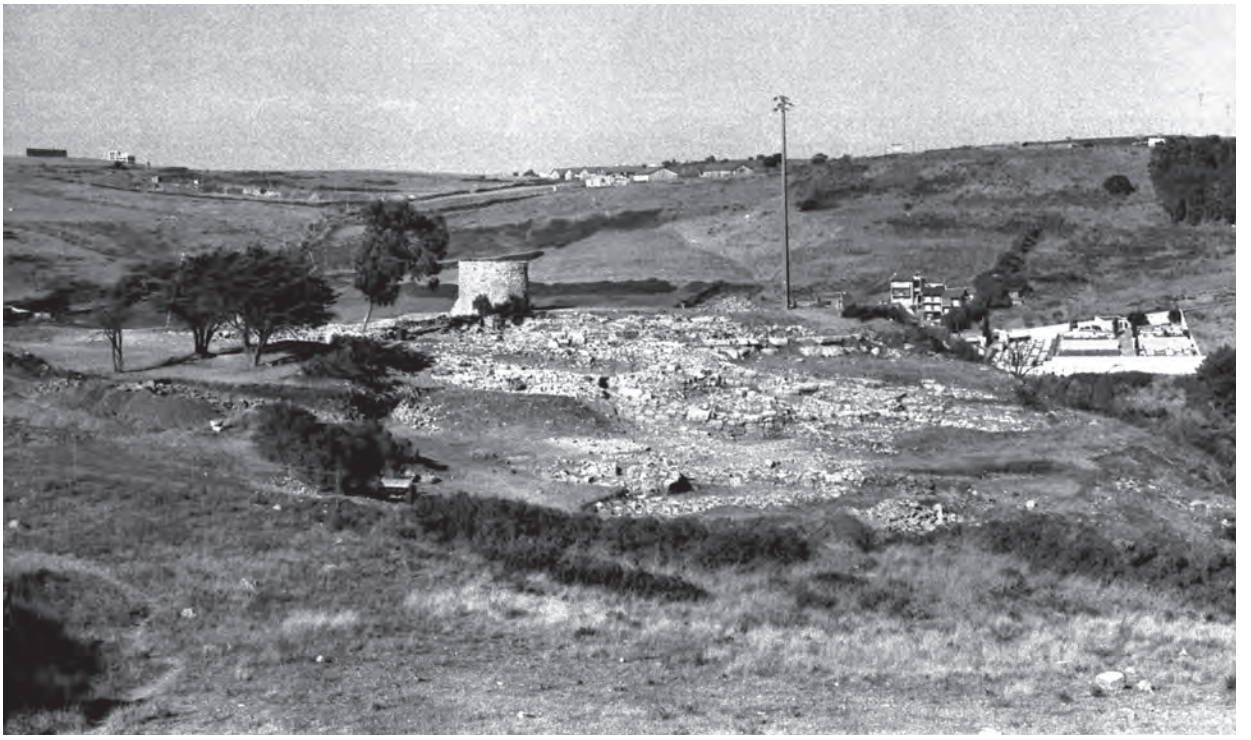
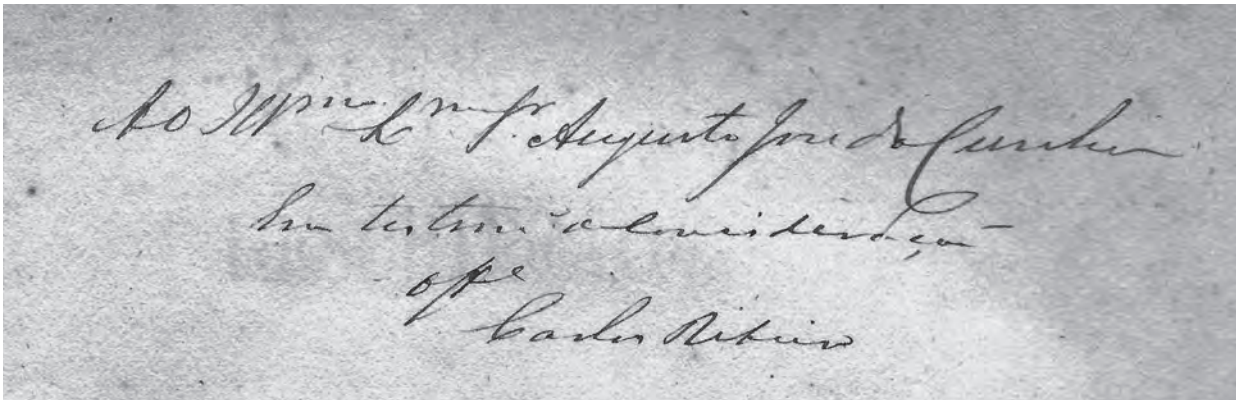
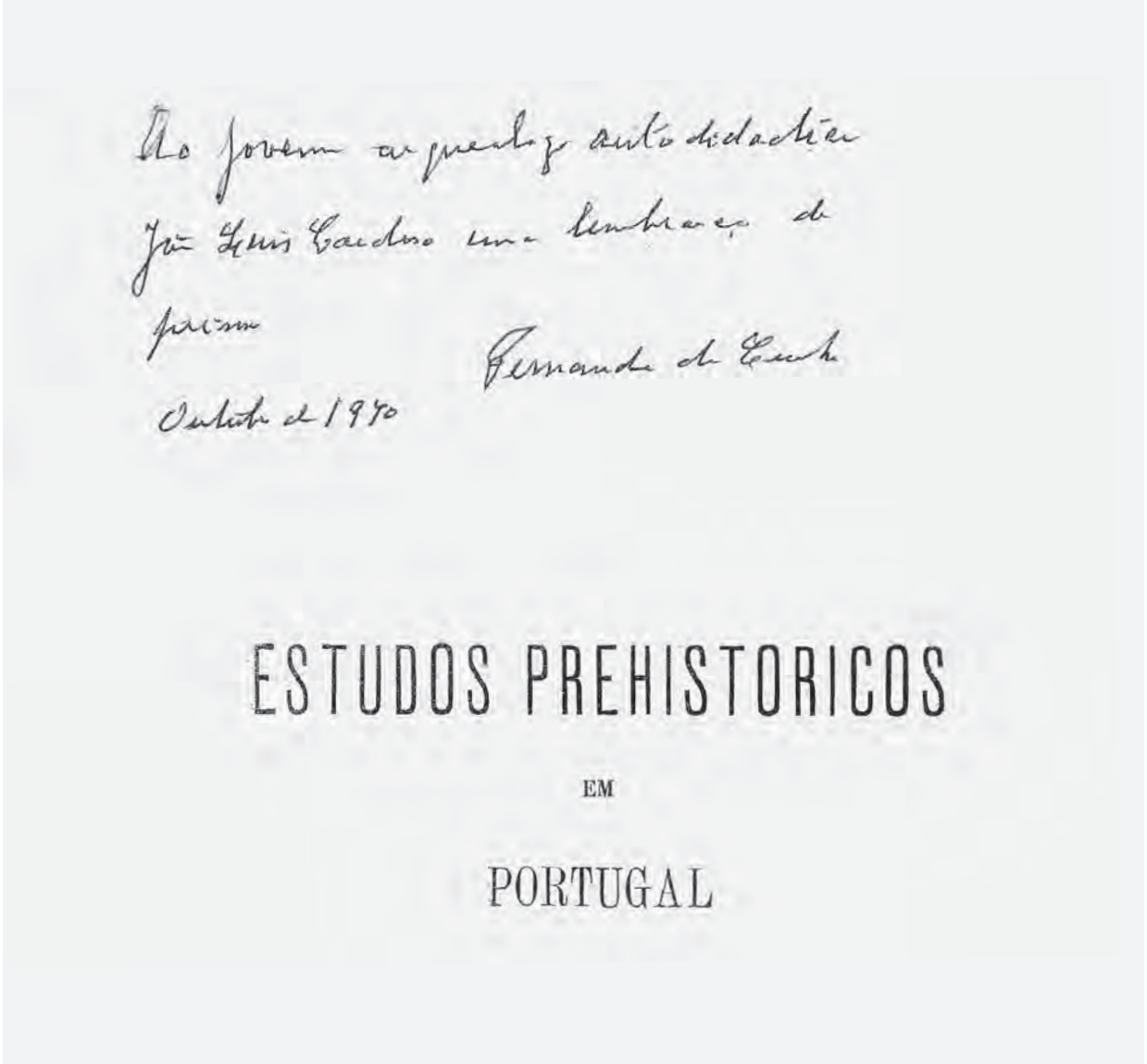


Fig. 15 – Em cima: foto do povoado pré-histórico de Leceia, de poente para nascente, a partir da actual povoação de Leceia, obtida em 1970. Note-se a existência de muros de pedra seca que delimitavam caminhos e pequenos talhões agrícolas, existentes em toda a área de interesse arqueológico antes da realização das escavações. Em baixo: vista do mesmo local do povoado pré-histórico de Leceia, obtida em 1991 evidenciando-se a existência, em primeiro plano, da primeira linha defensiva e, em segundo plano, da segunda linha defensiva, observando-se a grande torre maciça de planta circular ao centro, articulando esta com a terceira linha defensiva, visível perto do antigo moinho.


Ao Ill.mo e Ex.mo Augusto José da Cunha
em testemunho de consideração
o A.e
Carlos Ribeiro


Ao jovem arqueólogo autodidacta
João Luís Cardoso uma lembrança de
parente
Fernando da Cunha
Outubro de 1970

ESTUDOS PREHISTORICOS

EM

PORTUGAL

Fig. 16 – Em cima: página inicial da monografia de Carlos Ribeiro de 1878, com dedicatória do próprio ao Conselheiro Augusto José da Cunha. Em baixo: guarda da mesma monografia, com dedicatória do Dr. Fernando da Cunha, filho de Augusto José da Cunha ao seu Primo, o Autor da presente monografia, a quem lhe foi oferecida em Outubro de 1970.

estranho, que me fazem avançar, trabalhar, cada vez mais, e publicar, em letra de forma, o resultado dos muitos milhares de horas de trabalho" (CARDOSO, 1989, p. 7).

Foi este mesmo sentimento que, anos depois, se evocou de novo, aquando da publicação de nova monografia, abarcando os resultados obtidos até 1993:

> "A vontade de um dia podermos ali dar o melhor do nosso esforço, tornou-se realidade, numa altura em que a aprovação de um projecto de ocupação urbana daquele solo várias vezes milenário estava iminente. Dos antigos campos agricultados, onde não se vislumbrava o menor vestígio edificado, emerge, agora, um dos mais imponentes povoados fortificados pré-históricos peninsulares, precioso documento para a compreensão da génese das primeiras comunidades proto-urbanas da Europa ocidental." (CARDOSO, 1994, p. 7).

Tal era a determinação, já plenamente adquirida, desde as primeiras visitas a Leceia, inaugurando um longo caminho percorrido desde então, que agora perfaz meio século, contado sobre a primeira publicação que o Autor dedicou a Leceia, que explica o percurso percorrido e os resultados alcançados.

Em 1972, um ignoto órgão associativo, de seu nome "Ensaio" publicado por um grupo de jovens estudantes liceais residentes em Caxias, não menos anódino, o "Grupo Académico", então animado pelo saudoso Dr. João de Freitas Branco, deu nota de uma primeira notícia sobre a estação arqueológica assinada pelo Autor (CARDOSO, 1972) (**Fig. 17**).

Tal notícia era já o resultado das suas frequentes visitas à estação arqueológica, tanto aos fins de semana, como durante as férias e mesmo em tempo de aulas, aproveitando todos os momentos possíveis. Desses momentos de deambulação e solitárias prospecções no terreno resultou uma primeira carta do espaço arqueológico, elaborada em 1972 na qual se encontram assinalados os pequenos talhões agricultados, aproveitando a extrema fertilidade do solo, ainda com abundante matéria orgânica em resultado da sua ocupação pré-histórica (**Fig. 18**).

Deste modo, os espólios recolhidos à superfície do solo passaram a poder ser referenciados a cada um daqueles talhões agrícolas, delimitados por muros de pedra seca ou por caminhos, sendo registados e descritos, em entradas de inventário manuscritas, os locais de recolha, através de uma sequência alfabética previamente definida no terreno (**Fig. 19**). Era a aplicação cartográfica dos princípios da prospecção arqueológica a uma estação concreta, introduzindo assim, pela primeira vez, coerência e ordem nos milhares de objectos até então recolhidos à superfície, remontando o referido inventário igualmente a 1972.

Na altura, Leceia era uma ignota aldeia rural, havendo pessoas que durante anos a fio jamais dali saíam, ocupadas com o seu dia-a-dia de labuta nos campos e nas hortas que, a par da criação de diversos animais de capoeira, do gado e da produção de leite, bastavam à sua parca subsistência. Era uma comunidade em parte ainda auto-suficiente. O atraso era também evidente na escolaridade, conservando-se as gentes arreigadas a tradições longínquas hoje em dia completamente desaparecidas da região. Recorda-se apenas um episódio, que bem poderia passar-se nos tempos em que José Leite de Vasconcelos por ali deambulou, sessenta anos antes: por ele inspirado, em um dia de outono, já ao cair da noite, perguntei a um proprietário e residente em Leceia, que lavrava com uma junta de bois um dos pequenos talhões preferidos das minhas investigações, de nome João Franco (conforme ficou registado, seguindo a inspiração, sempre presente, de José Leite de Vasconcelos), se conhecia a existência por ali de "pedras de raio" (nome por que tradicionalmente eram designados os machados de pedra polida, entre as populações dos campos, acreditando que os mesmos correspondiam aos raios que, chegados à terra, nela se enterravam, pela força impacto). Para minha surpresa, respondeu-me que sim, que sabia muito bem o que eram e que até tinha um lá em casa…

ENSAIO----------Pág. 4

ARQUEOLOGIA

LECEIA- Introdução: Escolhi para assunto do meu trabalho de hoje falar sobre a estação pré-histórica de Leceia por várias razões. A primeira é por se situar relativamente perto das residências da maioria dos sócios do grupo, e portanto de fácil acesso por parte destes; mas d sde já provino: actualmente os vestígios reduzem-se sómente a uma pequena peneplanície denominada do Moinho da Moura, por se situar perto das ruínas de um moinho, desse nome, e visível quer de Barcarena quer da estrada que dá acesso a Leceia visto se situar a cerca de 100 metros à esquerda desta, na altura em que começa a povoação de Leceia, e de um muro de pedra tosca construído há cerca de 4000 anos, com um duplo sentido: suster da referida peneplanície onde se fazem a maior parte dos achados e ao mesmo tempo XXXXX criar um obstáculo quase intransponível contra os possíveis invasores da povoação primitiva. Das paredes das antigas habitações já não restam nenhuns vestígios; no entanto acham-se ainda uma enorme quantidade de restos dos seus antigos habitantes como bordas de vasos, dos quais acredito que hajam algumas dezenas de variantes.

Um estudo atento ao solo permite também encontrar objectos tais como, fragmentos de machados e de instrumentos de sílex.

A 2ª razão que eu tenho para falar desta antiga povoação é porque ela é a única das existentes em Portugal no período megalítico, que teve o seu apogeu cerca 2000 a.C., com caracteres atlânticos, isto é com influências de proximidade do oceâno, o que proporcionava a recolha de mariscos etc.

Estação pré-histórica de Leceia:

A povoação de Barcarena, recostada sobre o flanco esquerdo da ribeira, assenta em anfi-teatro sobre as bancadas de calcário, que formam uma série de ressaltos, desde o leito da ribeira, alvejando as casas por entre a verdura das hortas, quintas e arvoredos, o que dá às paisagem o mais risonho aspecto.

De fronte e a cavaleiro, vê-se apequena povoação de Leceia, de uns quarenta fogos pouco mais ou menos, com parte das suas casas derrocadas. No alto da encosta e em situação contígua ao povo deste nome, encontramos diversos produtos d'arte humana, como machados de pedra polida, sílex lascada e outros objetos; por em onde a exploração deu maior número destes objetos associados com restos de animais foi na pequena planura sensívelmente horizontal, que corôa a escarpa N da ravina da Pucariça e onde se ve ainda o muro circular de um velho moínho denominado Moinho da Moura.

Estes vestígios de indústria do homem, uns acumulados na referida planura do Moinho da Moura, outros dispersos em grande extenção na cumeada levaram-nos logo a pensar que fora ali outrora uma estação da Idade da Pedra; e o exame comparativo dos acidentes físicos e topográficos da localidade e o dos restos de mui toscas construções, ainda existentes, fez-nos supor que a estação de Leceia fosse defendida por um campo entrincheirado.

2- Entrincheiramento de Leceia

Efectivamente a observação feita em diversas regiões do ocidente da Europa tem dado a concluir que o homem da pedra polida se estabelecia de preferencia, e quando as circunstâncias se lhe proporcionavam nos planaltos e cumeadas, desassombrada de alturas que marcassem o horizonte, onde houvesse água potável e onde o solo oferecia condições de defesa, que pusessem a estação ao abrigo de qualquer surpresa.

(continua na pág. 8)

Fig. 17 – Página 4 do número 6 do jornal "Ensaio", órgão literário do "Grupo Académico", editado em Caxias a 15 de setembro de 1972, contendo o primeiro estudo do Autor dedicado ao povoado pré-histórico de Leceia e a transcrição parcial do estudo de Carlos Ribeiro, de 1878.

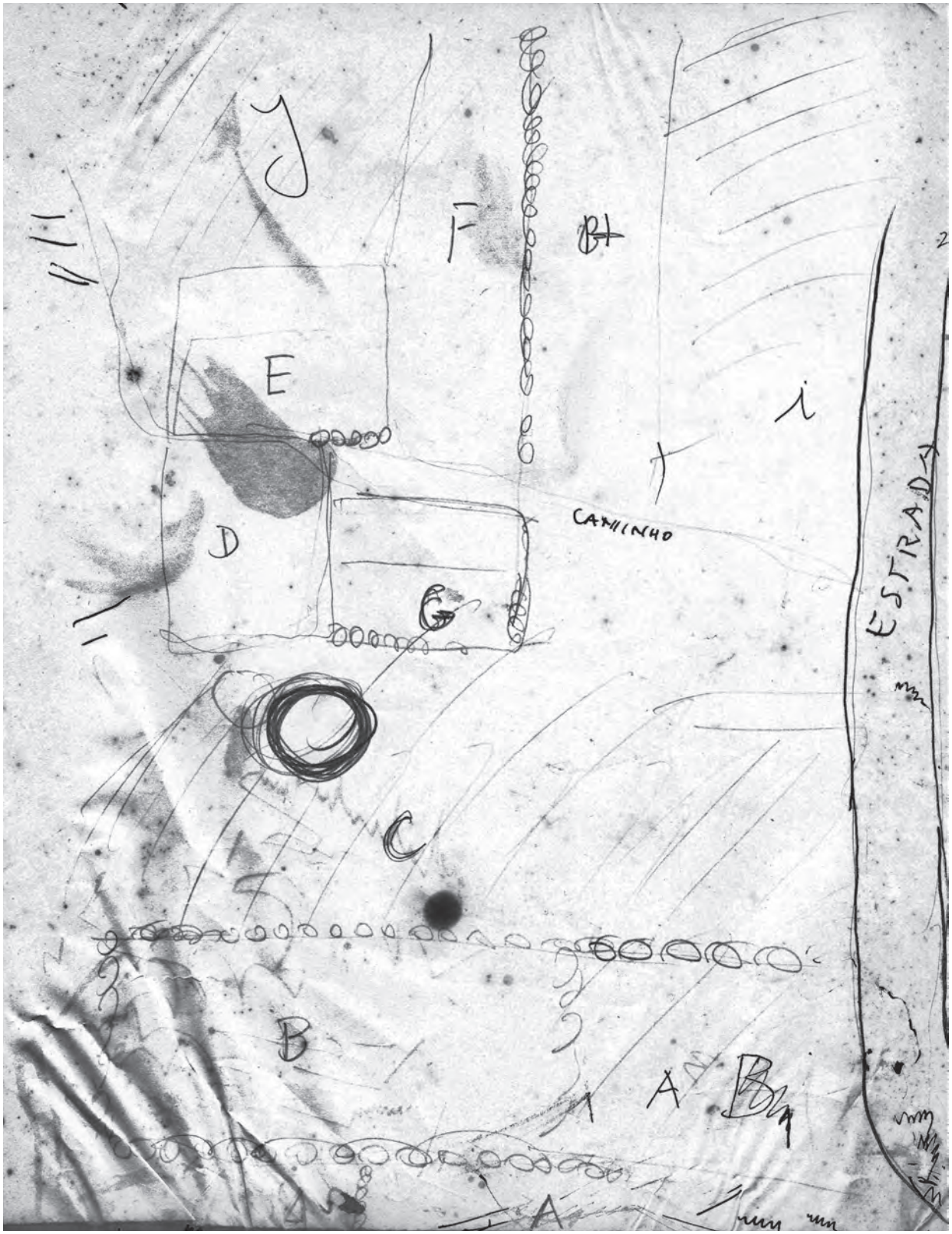


Fig. 18 – Esboço dos diversos sectores em que foi subdividida pelo Autor a área de interesse arqueológico do povoado pré-histórico de Leceia, assinalados por letras maiúsculas, de acordo com as delimitações existentes no terreno, essencialmente constituídas por caminhos e muros de pedra seca. O "moinho do Pires" assinala-se com uma circunferência, correspondendo as letras A e B aos sectores abaixo da escarpa voltada a nascente, indicada por alinhamento de pequenas circunferências.

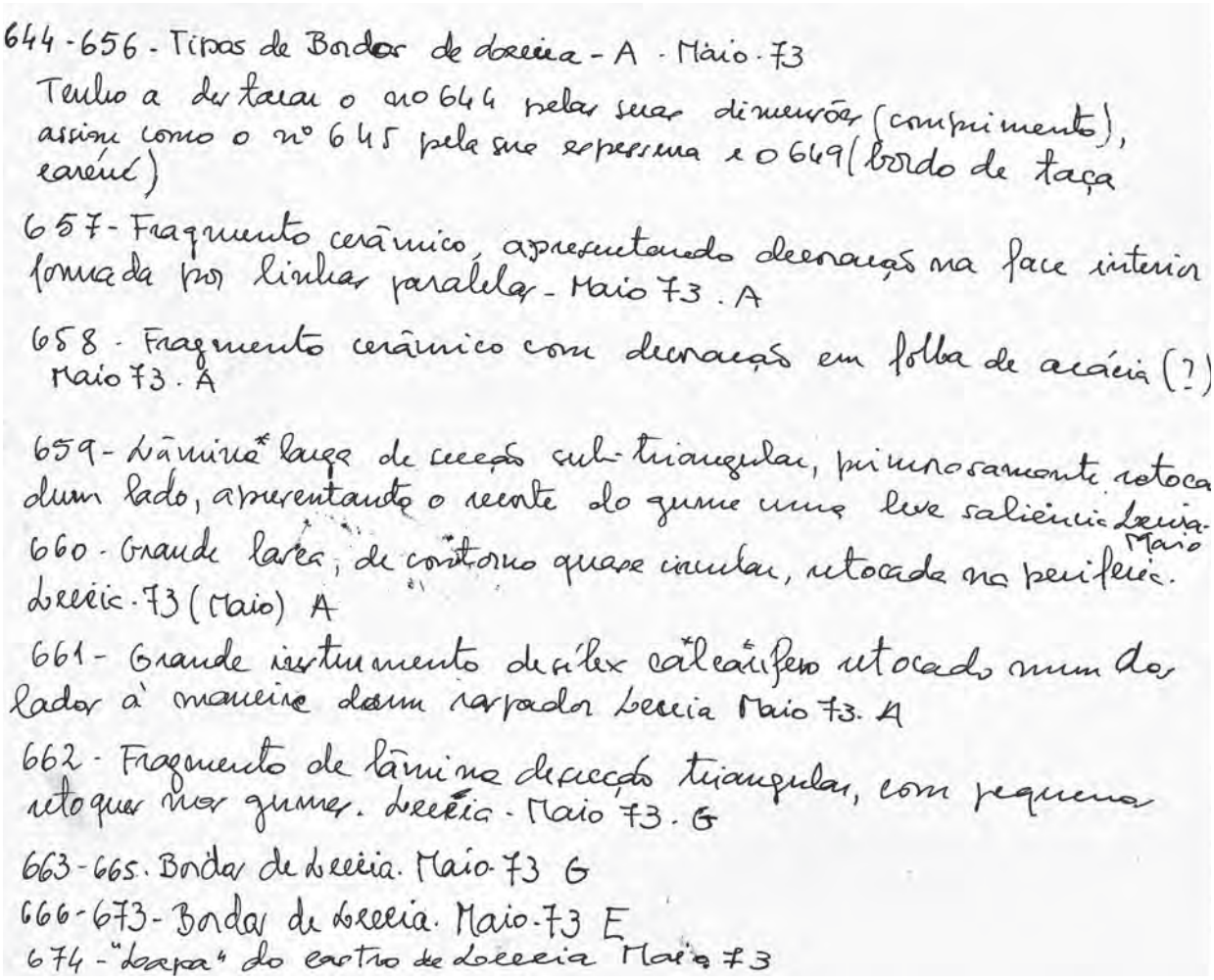

644-656 - Tipos de Bordos de Leceia - A - Maio - 73
Tenho a destacar o nº 644 pelas suas dimensões (comprimento), assim como o nº 645 pela sua espessura e o 649 (bordo de taça carénia)
657 - Fragmento cerâmico, apresentando decoração na face interior formada por linhas paralelas - Maio 73 . A
658 - Fragmento cerâmico com decoração em folha de acácia (?) Maio 73 . A
659 - Lâmina larga de secção sub-triangular, primorosamente retocada num lado, apresentando o recorte do gume uma leve saliência. Leceia - Maio 73 (Maio) A
660 - Grande lasca, de contorno quase circular, retocada na periferia. Leceia - 73 (Maio) A
661 - Grande instrumento de sílex calcarífero retocado num dos lados à maneira dum raspador Leceia Maio 73. A
662 - Fragmento de lâmina de secção triangular, com pequenos retoques nos gumes. Leceia - Maio 73 . G
663-665. Bordos de Leceia. Maio 73 G
666-673 - Bordos de Leceia. Maio - 73 E
674 - "Lasca" do centro de Leceia Maio 73

Fig. 19 – Exemplo de folha de inventário realizado pelo Autor, de espólios arqueológicos por si recolhidos à superfície no povoado pré-histórico de Leceia, contendo a respectiva descrição, a data e o local de recolha, assinalado por uma letra maiúscula (ver **Fig. 18**).

De imediato, pedi-lhe que me oferecesse o mesmo, ao que ele prontamente acedeu, fazendo ainda hoje parte das recordações de um tempo rico de motivações. Trata-se do exemplar com o número de inventário 987, recolhido a 27 de Outubro de 1973 do inventário da colecção iniciado em 1972, e que permanentemente se actualizava com as novas entradas.

Assim se constituiu uma colecção, que foi crescendo, até 1974, ano em que se considerou a possibilidade de redigir um primeiro trabalho, enriquecido com o historial da estação arqueológica, desde o tempo em que Carlos Ribeiro a identificou.

Conserva-se o original manuscrito do esboço da estrutura dessa obra, que já revelava claramente a organização que se pretendia fosse futuramente imprimida às investigações e à publicação das mesmas (**Fig. 20**):

"1.ª Parte

a) finalidade do trabalho; b) historiografia do povoado, desde a sua descoberta; c) situação (ambiente geológico) (geográfico) como ponto estratégico; d) períodos culturais que atravessou, com especial referência para o principal – área territorial abrangida por este período – povoados semelhantes – influências culturais distantes – vias de circulação; e) tipo étnico da antiga população.

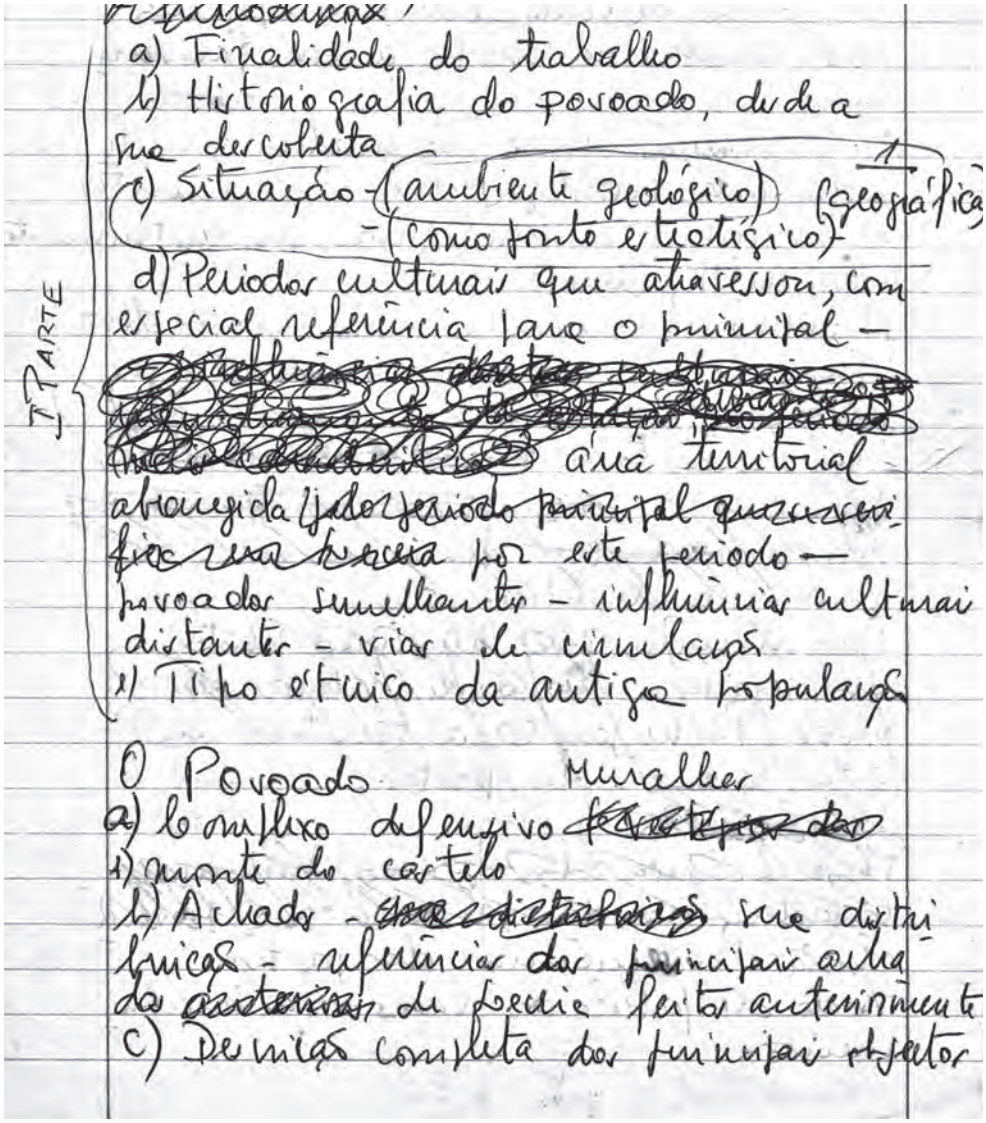

a) Finalidade do trabalho
b) Historiografia do povoado, desde a sua descoberta
c) Situação - (ambiente geológico) (geográfica)
- (como ponto estratégico)
d) Períodos culturais que atravessou, com especial referência para o principal -
área territorial abrangida pelo período principal que se fixa sua teoria por este período -
povoados semelhantes - influências culturais distantes - vias de circulação
e) Tipo étnico da antiga população
I PARTE
O Povoado
Muralhas
a) o complexo defensivo
1) monte do castelo
b) Achados - sua distribuição - referências principais achados de Leceia feitos anteriormente
c) Descrição completa dos principais objectos

Fig. 20 – Primeira página autógrafa do índice da obra cuja redacção foi projectada pelo Autor em Maio de 1974.

O povoado

a) o complexo defensivo – muralhas Monte do Castelo; b) achados – sua distribuição – referências dos principais achados de Leceia feitos anteriormente; c) descrição completa dos principais objectos de pedra lascada e de pedra polida indicando no mapa a sua proveniência precisa; d) conclusões acerca do material utilizado e da cronologia dos instrumentos; e) descrição e localização dos instrumentos de osso utilizados; f) estudo da cerâmica: proveniência das pastas – modo de fabrico dos vasos e seu acabamento – principais características diferenciadoras dos diversos tipos de pastas – referência aos principais tipos de bordos encontrados – descrição dos exemplares decorados de Leceia – distribuição da cerâmica em Leceia: localização dos principais exemplares – conclusões acerca desta distribuição – conclusões extraídas do estudo da cerâmica: sua cronologia (principalmente a partir das características das pastas empregadas e da tipologia da cerâmica decorada) – considerações sobre o material malacológico e osteoló-

gico encontrado em Leceia – considerações sobre a economia da antiga população (da recolecção à agricultura, o comércio – relações com outras tribos).

Notas finais

Necessidade de escavações metódicas, e de protecção do castro e áreas vizinhas – esclarecimento da proveniência exclusiva de superfície do material estudado."

Este programa, escrito em maio de 1974 numa mesa do refeitório do Liceu Normal de Pedro Nunes, em Lisboa, para ser desenvolvido ao longo da monografia que então se pretendia escrever revelava já a importância que devia ser concedida ao estudo exaustivo dos espólios, no caso recolhidos exclusivamente à superfície, como bem se assinala, o que constituía uma limitação forte para as próprias conclusões que se pretendiam apresentar, das quais se estava plenamente consciente. Em paralelo, importava realizar estudos de natureza analítica, como o da proveniência das pastas cerâmicas, preocupação que então constituía uma novidade para a Pré-História portuguesa, para o que seria indispensável o contributo da geologia, com a qual o autor já se encontrava familiarizado pela frequência assídua dos Serviços Geológicos de Portugal e do convívio com os seus mestres, os Doutores Georges Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira.

É de destacar, ainda, a preocupação, já então manifestada, de se promover a protecção da área de interesse arqueológico que se viesse a definir através da realização de escavações metódicas, objectivo só atingidos anos depois.

Pode pois concluir-se que, em 1974, o Autor dispunha já de um conhecimento aprofundado sobre a estação arqueológica, em resultado das prospecções recorrentemente realizadas quase sempre sozinho, ou acompanhado por amigos, dos quais importa referir Guilherme Cardoso e António Raposo, companheiros com quem se fizeram muitas saídas de campo, tanto a esta como a muitas outras estações conhecidas na região, abarcando os concelhos de Oeiras e de Cascais. Importa ainda referir António González, que na Amadora (então integrada no concelho de Oeiras) animava e desenvolvia, pela mesma altura, iniciativas semelhantes, em que o Autor também participou.

Tais actividades resultaram da frequência conjunta do curso Iniciação à Arqueologia Pré-Histórica, Curso Livre frequentado desde Outubro de 1972 no Centro Piloto de Arqueologia, do Secretariado para a Juventude do Ministério da Educação Nacional, que funcionava nas instalações do Palácio da Rosa, em Lisboa.

Assim se obtiveram, por via das palestras de Georges Zbyszewski (1909-1999) e de O. da Veiga Ferreira (1917-1997), muitos conhecimentos de arqueologia pré-histórica, tanto teóricos como práticos, na época impossíveis de obter na Faculdade de Letras de Lisboa.

Foi também por via destes dois Mestres que, em resultado do ano de inactividade imposta pela não abertura dos primeiros anos dos cursos universitários, em Outubro de 1974, substituído pelo funcionamento do Serviço Cívico Estudantil, se aproveitou a informação transmitida em 1973 pelo Doutor Georges Zbyszewski, da existência de uma bela colecção particular de materiais arqueológicos recolhida em Leceia, e conservada na quinta que o escultor Álvaro de Brée, já falecido, possuía em Barcarena. Uma visita conjunta a Madame Marcelle Monestier de Brée, viúva do escultor, também com a participação de O. da Veiga Ferreira,, permitiu abrir as portas ao estudo desta magnífica colecção. Assim, desde os inícios do ano de 1975, em vez do Autor dirigir os seus passos para a estação de Leceia, passou a frequentar diariamente aquela quinta, situada nas margens da ribeira de Barcarena, onde, numa casinha delineada pelo escultor propositadamente para albergar a sua colecção, situada no parque da propriedade, passava quase todas as tardes, até meados de Maio de 1975.

Fig. 21 – Um dos expositores de materiais arqueológicos concebidos pelo Escultor Álvaro de Brée para albergar espólios recolhidos no povoado pré-histórico de Leceia, conservados na pequena dependência propositadamente construída para o efeito, situada no parque da sua quinta, em Barcarena.

A colecção, apesar de não possuir nenhumas indicações estratigráficas, encontrava-se organizada pelo escultor Álvaro de Brée por tipologias de instrumentos, expostos em mostradores de madeira com gavetas, feitos também propositadamente para o efeito (**Fig. 21**). Para a sua adequada publicação, tornava-se essencial ao autor desenvolver as suas capacidades de desenhador, através da consulta de obras de referência. Assim se passaram os meses seguintes, com o acompanhamento do trabalho que ia sendo realizado por O. da Veiga Ferreira. Com este se combinou a publicação de estudo dedicado a um raro instrumento musical calcolítico feito num osso longo de ave, com bisel proximal e várias saídas de ar, provavelmente de ganso-patola, o qual ainda hoje é peça de evidente raridade no panorama arqueológico português e mesmo europeu (FERREIRA & CARDOSO, 1975). Possui 85 mm de comprimento e 13 mm de diâmetro, sendo munido de 2 furos de cada lado, totalizando 4 furos, com o bordo polido, assim como o bisel, também regularizado por polimento, sendo por conseguinte uma peça complexa e única (**Fig. 22**).

Entretanto, os esboços e as descrições das peças prosseguiam, em Barcarena, no acanhado espaço onde se guardava a colecção, enquanto a preparação dos desenhos definitivos era realizada em Caxias. Este trabalho foi concluído em Maio de 1975, pouco tempo antes da identificação da necrópole paleocristã de Talaíde e das escavações de emergência que logo ali se iniciaram, prolongando-se até 31 de Julho de 1975 conjuntamente com Guilherme Cardoso. Logo sobreveio o cumprimento do Serviço Cívico Estudantil, em Beja, até Setembro de 1975, a que se sucedeu a frequência do 1.º ano da Faculdade de Ciências de Lisboa, que obrigou a diminuir a cadência da preparação do manuscrito, envolvendo a leitura da vasta bibliografia disponível, indispensável à redacção do mesmo. Com efeito, o original só foi dado por concluído em 1979, reunindo a totalidade dos desenhos dos espólios executados desde 1975, a par da descrição e discussão dos mesmos, antecedendo as conclusões obtidas. Dada a assinalável extensão do trabalho assim realizado, com o apoio do Prof. Doutor Carlos Teixeira,

catedrático de Geologia da Faculdade de Ciências de Lisboa, foi o mesmo publicado em duas partes, em anos sucessivos, na "Revista de Guimarães" (CARDOSO, 1980, 1981), antecedido por um resumo publicado em 1979 no Boletim da Sociedade Geológica de Portugal (CARDOSO, 1979).

Data também de 1979 a publicação do primeiro estudo arqueometalúrgico de alguns artefactos de cobre recolhidos em Leceia por métodos não destrutivos realizado em Portugal, com base em análises efectuadas por fluorescência de Raios X, no ano anterior, no Centro de Física Nuclear/Instituto de Física e Matemática da Faculdade de Ciências de Lisboa, dirigido pelo Prof. Doutor Fernando Bragança Gil, com o apoio de Gaspar Ferreira (GIL, FERREIRA & CARDOSO, 1979), cuja génese merece ser contada. Em 1978, o Autor era estudante do 3.º ano do curso de Geologia da Faculdade de Ciências de Lisboa, quando um colega de Física e seu vizinho no concelho de Oeiras, com quem frequentes vezes partilhava as viagens de comboio, o informou da possibilidade de se realizarem análises não destrutivas de alguns dos exemplares metálicos pertencentes à colecção de Álvaro de Brée. Foi assim que, um dia, decidiu abordar o Prof. Fernando Bragança Gil, Catedrático de Física e responsável pelo Centro de Física Nuclear da Universidade de Lisboa, tendo ali sido recebido pelo próprio, acompanhado de Gaspar Barreira (que depois passou a ser conhecido por Gaspar Ferreira). O acolhimento não podia ter sido mais caloroso, declarando Bragança Gil que de há muito intentava a cooperação de arqueólogos para desenvolver uma linha de estudos de arqueometalurgia. Foi desta excelente colaboração que resultou o trabalho acima referido, e que depois abriu as portas a outros Arqueólogos para produzirem trabalhos da mesma índole, mais tarde, já na década de 1980.

Esse estudo foi, também, pioneiro, ao valorizar as marcas de uso evidenciadas em macrofotografia também então publicada de um desses exemplares, uma faca de corpo espatulado, da autoria do Prof. Doutor Fernando Barriga, então Assistente do Departamento de Geologia daquela Faculdade, e hoje Professor Catedrático aposentado da Universidade de Lisboa, que confirmou o modo de utilização daquele exemplar.

Como as considerações desenvolvidas sobre as produções cerâmicas do espólio de Álvaro de Brée ultrapassavam o espaço usualmente atribuído a um artigo publicado numa revista científica, por convite da Dr.ª Salete Simões Salvado, então Vereadora do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal

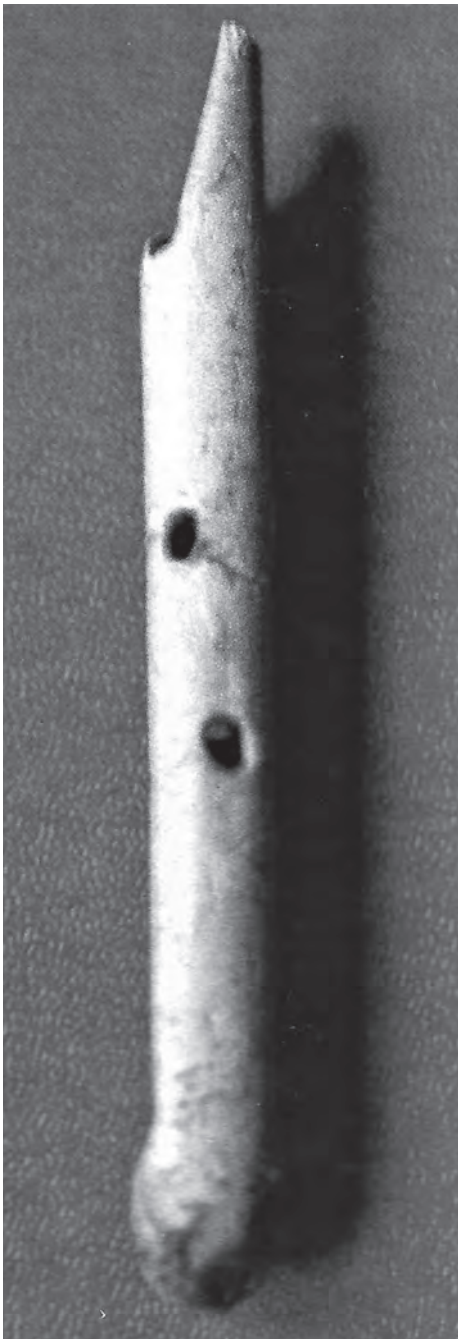


Fig. 22 – Uma das faces do instrumento musical estudado e publicado em 1975 (FERREIRA & CARDOSO, 1975), munido de um bisel terminal obtido por polimento e quatro furos, executado num osso longo de ave, provavelmente ganso-patola (*Morus bassanus*), conforme estudo ulteriormente realizado sobre a avifauna de Leceia (GOURICHON & CARDOSO, 1995), a maior ave marinha que frequenta presentemente o território português.

de Oeiras e empenhada no estudo e valorização do povoado pré-histórico de Leceia, conforme acima ficou devidamente expresso, foi preparada monografia dedicada exclusivamente aos espólios cerâmicos da colecção do escultor Álvaro de Brée, editada pouco depois (CARDOSO, 1982). Esta obra, de 57 páginas, termina, significativamente, do seguinte modo:

> "Estamos certos que muitas das incertezas com que nos defrontámos, seriam vantajosamente vencidas com escavações no local, as quais temos esperança que um dia venham a realizar-se".

Esta oportunidade viria, finalmente, a desenhar-se em 1982. Em visita efectuada à estação arqueológica, constatou o Autor a existência de numerosas caldeiras abertas com retroescavadora para o plantio de eucaliptos, que se somavam às executadas antes de Outubro de 1970 (altura da primeira visita do signatário), dos quais ainda subsistem presentemente dois exemplares no interior da área escavada. Tais atentados somavam-se à construção de um redondel de madeira para touradas. As terras removidas e expostas evidenciavam a abundância de espólios arqueológicos, o que exigiria uma intervenção urgente. O signatário era, na altura professor do Curso de Antropologia do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, a convite de Carlos Tavares da Silva e de Joaquina Soares, pelo que facilmente se estabeleceu com eles um programa de trabalhos, coordenado pelo Autor, a submeter ao Instituto Português do Património Cultural.

Os seus objectivos passavam pela verificação da efectiva importância arqueológica do sítio, o qual, embora classificado desde 1963 como Imóvel de Interesse Público, jamais fora objecto de uma delimitação cartográfica rigorosa, com base nas evidências arqueológicas que só uma escavação poderia proporcionar, conduzindo à salvaguarda definitiva da estação. Com efeito, para além das depredações realizadas em 1982, acima referidas, encontrava-se em apreciação na Câmara Municipal de Oeiras um Plano Geral de Urbanização que interessava a totalidade da plataforma correspondente ao povoado pré-histórico, o que constituía preocupação adicional a que importava rapidamente dar resposta.

Por outro lado, possuindo os espólios arqueológicos da colecção de Álvaro de Brée assinalável diacronia, importava confirmar a eventual preservação da estratigrafia sugerida especialmente pela tipologia das produções cerâmicas recentemente publicadas (CARDOSO, 1982), através da execução de cortes estratigráficos. Enfim, os resultados que se viessem a apurar ofereceriam interesse comparativo com os entretanto obtidos em um outro sítio fortificado calcolítico – o Monte da Tumba (Torrão) – permitindo a obtenção de conclusões com base nas sequências observadas em ambos os locais. Tal objectivo veio a concretizar-se anos depois, com a apresentação de comunicação nas Primeiras Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras, realizadas em 1987 (SILVA, SOARES & CARDOSO, 1995).

Tais foram as prioridades científicas apresentadas no Projecto de Investigação então submetido ao IPPC, que fundamentaram o pedido de autorização para a realização da primeira campanha de escavações em 1983, realizada no mês de Agosto, e cujos resultados justificaram a prossecução dos trabalhos de campo, de forma ininterrupta, no decurso dos 20 anos seguintes, para só se darem por concluídos em 2002, conforme adiante se descreve.

seis

VINTE ANOS DE ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS (1983-2002)

Neste Capítulo serão apresentados e descritos os principais progressos verificados nos trabalhos de campo, ano após ano, no decurso dos vinte anos de escavações realizadas em sucessivas campanhas anuais, sempre no mês de agosto, entre 1983 a 2002, e que puseram a descoberto estruturas habitacionais e defensivas de épocas diversas (do Neolítico Final ao final do Calcolítico). A estas campanhas sucediam-se, todos os anos, as semanas de desenhos arqueológicos realizados no campo por Bernardo Lam Bruno Ferreira, contratado como desenhador de Arqueologia pela Câmara Municipal de Oeiras, ingressando, em Novembro de 1988 no CEACO, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, onde ainda hoje presta serviço, correspondentes às plantas e aos cortes estratigráficos e alçados considerados mais importantes das estruturas arqueológicas postas a descoberto.

Este Capítulo integra a reprodução das mais importantes fotografias realizadas ano após ano, ascendendo a mais de três centenas de documentos, de entre os vários milhares de registos obtidos, constituindo repositório da maior importância para se compreender a progressão dos trabalhos de campo, corporizada pela reprodução das estruturas que foram sendo sucessivamente identificadas, escavadas e interpretadas, constituindo, no seu todo, um *corpus* precioso de informação, de características até ao presente únicas no nosso País, que a importância patrimonial e científica de Leceia justificava sobejamente.

1983

A primeira campanha de escavações foi antecedida da preparação de área seleccionada nas imediações do moinho arruinado (o já referido moinho "da Moura", ou "do Pires"), que foi dividida por quadrícula métrica (quadrados com 1 m de lado), orientada segundo um sistema de eixos ortogonais, o dos XX com o rumo N 44º E e os dos YY com o rumo N 55º W, relativamente ao Norte cartográfico. A origem deste sistema de coordenadas situava-se a 7,40 m N 80º W da face externa do moinho da Moura, ou do Pires, pelo que o terreno ficou dividido em quatro quadrantes, ou sectores, designados por algarismos romanos: I, II, III, e IV. Cada quadrado, ficou definido, portanto, para além daquele algarismo, por dois algarismos árabes, referindo-se o primeiro ao valor da abcissa e o segundo ao da ordenada. As unidades arquitectónicas – casas, muralhas, bastiões – foram designadas por letras maiúsculas. As estruturas elementares – muros – por letras minúsculas. As sub-unidades arquitectónicas – seteiras, lareiras, lajeados, entradas, etc. – pela letra maiúscula da unidade arquitectónica em que estão inseridas e por um algarismo árabe, relacionado com o número de ordem naquela estrutura. Os cortes estratigráficos representaram-se por algarismos romanos.

A área intervencionada em 1983, correspondeu a um rectângulo de 8 metros por 4, subdividido em quadrículas de 2 metros de lado (no sector IV).

Escavou-se, portanto, uma área rectangular de 32 m^2, que actualmente se situa no núcleo do antigo povoado pré-histórico, imediatamente adjacente à terceira linha defensiva.

No relatório apresentado pelo Autor ao IPPC, a 28 de Fevereiro de 1984, indica-se "que toda a zona, incluindo a área escavada, tinha sido há pouco severamente prejudicada pelo seu proprietário, quando executou, com retroescavadora, vários buracos para o plantio de árvores." No entanto, no decurso da campanha, os resultados apresentaram-se muito mais promissores do que inicialmente se podia prever.

Após remoção da camada superficial, de remeximento, aprofundou-se um sector da área referida, que permitiu a observação e registo de um alinhamento de blocos intencional, sugerindo a existência de estruturas.

Foi também possível identificar duas camadas arqueológicas culturalmente bem diferenciadas do Calcolítico e recuperar diferentes tipos de espólios associados a ambas; no entanto, não se atingiu naquele ano, na área estabelecida, o substrato geológico, mantendo-se a possibilidade da existência de outros depósitos arqueológicos mais antigos, assim como de estruturas habitacionais.

Fizeram também parte dos objectivos dos trabalhos de campo a delimitação da área de maior concentração de vestígios arqueológicos à superfície, conforme fora solicitado pelo IPPC. Tal área corresponde à actualização da planta apresentada pelo Autor em 1981 (CARDOSO, 1981, fig. D).

Após recepção do referido relatório, o IPPC solicitou o envio de um resumo para ser publicado na revista "Informação Arqueológica / 83", a que foi dada pronta resposta.

1984

A campanha de 1984 correspondeu ao alargamento e aprofundamento da área explorada em 1983, que atingiu 28 m^2, tendo-se realizado a observação de cortes estratigráficos, conforme é descrito no relatório da campanha de escavações, e no seu resumo datado de 15 de Maio de 1985.

Foram realizados dois cortes estratigráficos: o primeiro, aberto ao longo da face externa da **estrutura B (Figs. 29 e 50)**; e um outro, executado ao longo do lado SW dos quadrados IV 4.7 e 4.8.

Os resultados permitiram a identificação de estruturas pertencentes a duas fases construtivas, ambas fundadas na Camada 3, correspondentes a panos de grandes muros parcialmente sobrepostos (muros a e b da planta geral), cuja continuidade no terreno importava averiguar no ano seguinte.

Numa análise geral dos resultados obtidos nas duas primeiras campanhas de escavações realizadas no povoado (CARDOSO, SILVA & SOARES, 1983/1984) foi possível apresentar, pela primeira vez, elementos seguros de carácter estratigráfico, bem como várias estruturas defensivas e habitacionais, cuja efectiva diferenciação não tinha sido plenamente confirmada em 1983. As primeiras estruturas registadas, devidamente designadas pela sequência alfanumérica que foi seguida até ao final dos trabalhos foram: a **estrutura A (Figs. 26, 32 e 46)**, já então correctamente atribuída a uma unidade habitacional, possuindo no seu interior duas estruturas de combustão, **A1** e **A2**, também assinaladas na planta então publicada; e a **estrutura B (Figs. 29 e 50)**, então atribuída a uma "torre oca", que "integrava o sistema defensivo definido pelos muros a e b" (op. cit. p. 49). Na verdade, sabe-se hoje, a **estrutura A (Figs. 26, 32 e 46)** corresponde a uma unidade habitacional tal como a **estrutura B (Figs. 29 e 50)**, enquanto os dois muros a e b foram depois atribuídos, respectivamente, a duas estruturas independentes a **estrutura I**, do Calcolítico Pleno (Fase V construtiva), parcialmente sobreposta à **estrutura DD (Figs. 27, 28 e 29)**, do final do Calcolítico Inicial (Fase IV construtiva), correspondendo a um muro radial que compartimentava o espaço situado entre a segunda e a terceira linhas defensivas.

Por outro lado, a estratigrafia registada através de dois cortes então publicados (op. cit. Fig. 3 e Fig. 4) veio corroborar as conclusões extraídas da análise tipológica do espólio recolhido por Álvaro de Brée, sem contexto conhecido e previamente estudado (CARDOSO, 1980; CARDOSO, 1981) e, ao mesmo tempo, confirmar o verificado em outros povoados da Estremadura, no que concerne à existência de dois horizontes calcolíticos pré-campaniformes, a saber: o horizonte da cerâmica canelada (Calcolítico Inicial) e o horizonte da "folha de acácia" (Calcolítico Pleno/Final). No povoado de Leceia, estes horizontes identificam-se, respectivamente, com as Camadas 3 e 2, de acordo com a estratigrafia definida em 1984.

A sequência assim definida, embora faltasse ainda a identificação da camada correspondente à ocupação mais antiga, do Neolítico Final, possibilitava já o estabelecimento de correlações cronológico-culturais com as diversas fases conhecidas do Calcolítico do Sudoeste, representadas no povoado do Monte da Tumba (Torrão), que se encontrava também à época em processo de escavação e investigação, e que constituía um dos objectivos deste Projecto de Investigação. Tal objectivo foi logo atingido dois anos depois, aquando da realização das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras, em Abril de 1987, cujas actas só foram publicadas em 1995 e onde se apresentou um estudo comparado entre as sequências artefactuais e cronológico-culturais observadas em ambos os sítios (SILVA, SOARES & CARDOSO, 1995).

1985

Os trabalhos de campo abrangeram uma área de 140 m^2. Destes, 36 m^2 corresponderam a duas sondagens isoladas, destinadas a averiguar o prolongamento para sul do dispositivo defensivo, que não se confirmou.

Na área de maior dimensão, optou-se por escavar em extensão, por forma a definir-se o desenvolvimento das estruturas, no terreno, defensivas e habitacionais, representadas por diversas fases construtivas. Esta campanha, conforme se indicou no Relatório final de escavação, veio confirmar a sequência cronológico-cultural já definida no ano anterior. Pela sua importância, transcreve-se do mesmo, remetido pelo Autor ao Presidente do Instituto Português do Património Cultural a 30 de Dezembro de 1985, a sequência observada em corte estratigráfico realizado nesta campanha, aberto ao longo dos quadrados IV 1.1, 1.2, 1.3, 1.4 e 1.5, e abrangendo o muro e, correspondendo a secção longitudinal mediana no enchimento do interior da **estrutura C (Figs. 31, 35 e 38)**, a qual corresponde a um dos bastiões integrados na hoje designada terceira linha defensiva:

"C.1 – solo vegetal acastanhado a anegrado com cerâmicas modernas e materiais provenientes de revolvimento do topo da C.2 (espessura média de cerca de 0,15 m);

C.2 – camada acastanhada, mais clara que a anterior, com blocos calcários dispersos (0,10 m);

C.3a – camada de coloração esbranquiçada, de natureza margo-argilosa, sem blocos calcários. Esta camada possui na parte superior uma passagem acinzentada e friável, correspondendo a um nível de incêndio (ca. 0,20 m);

C.3b – camada de coloração castanho-escura, assente sobre o substrato geológico (ca. 0,10 m);

C.4 – substrato geológico, constituído por dois níveis: 4a – "terra rossa" avermelhada com pequenos nódulos calcários; 4b – calcários brancos e duros com a superfície muito irregular (microlapiás)."

Os trabalhos realizados nesta campanha mostraram a existência de mais uma fase construtiva, anterior às duas já anteriormente conhecidas, remontando ao Calcolítico Inicial, aumentado a complexidade da estação arqueológica, corporizada pela identificação da já referida **estrutura C (Figs. 31, 35 e 38)**, integrada, como hoje se sabe, na Fase II construtiva, do início do Calcolítico Inicial.

Com efeito, verificou-se então que a fundação da **estrutura C (Figs. 31, 35 e 38)** foi realizada no substrato geológico. Também a **estrutura D (Figs. 35, 36 e 37)**, foi atribuída então ao embasamento de uma grande torre com cerca de 7 metros de diâmetro, provavelmente maciça. Na verdade, embora tratando-se de uma estrutura maciça, o sector posto a descoberto em 1985 corresponde ao paramento externo da estrutura, o qual, por possuir ligeira curvatura entre as **estruturas C** e **G (Figs. 52, 53 e 55)**, sugeriu a referida interpretação. Na verdade, trata-se de sector do paramento externo da 3.ª linha defensiva.

A primeira fase construtiva estaria ainda representada pela **sub-estrutura elementar C1 (Figs. 40 e 45)**, identificada como lareira, situada no interior da referida estrutura, conclusão acertada à época, pois ainda se não tinha identificado qualquer vestígio construtivo mais antigo, reportado do Neolítico Final.

A segunda fase construtiva, como então foi definida, encontrar-se-ia representada pela **estrutura DD (Figs. 27, 28 e 29)** e pela **estrutura B (Figs. 29 e 50)**. Com efeito, esta última estrutura encontra-se parcialmente sobreposta por outra estrutura de planta circular, já anteriormente mencionada, a **estrutura E (Figs. 33 e 49)**. Esta estrutura pertence, de acordo com o relatório final, à terceira e última fase construtiva até agora identificada. Nela se integram a **estrutura A (Figs. 26, 32 e 46)**, escavada no ano anterior, e a **estrutura F (Figs. 26, 32 e 46)**, escavada durante esta 3.ª campanha, ambas de natureza habitacional. Este faseamento em termos de sequência construtiva relativa, permanece absolutamente correcto; com efeito:

– as **estruturas C** e **D (Figs. 35, 36 e 37)** integram-se na Fase II construtiva (início do Calcolítico Inicial);
– as **estruturas DD (Figs. 27, 28 e 29)** e **B** integram-se na Fase IV construtiva (final do Calcolítico Inicial);
– finalmente, as **estruturas A** e **F (Figs. 26, 32 e 46)** integram-se na quinta e última fase construtiva, do Calcolítico Pleno/Final, como hoje se sabe.

A sul do dispositivo defensivo, na zona onde foram abertas as sondagens isoladas, verificou-se que as estruturas arqueológicas ali eventualmente existentes, especialmente de natureza habitacional, dado corresponder ao espaço mais protegido da plataforma, terão sido totalmente arrasadas por uma pedreira que a partir dos meados do XVIII explorou os grandes amontoados de blocos que ali existiriam, em consequência dos derrubes das antigas construções, prosseguindo a lavra pelas bancadas calcárias, especialmente após o grande terramoto de 1 de Novembro de 1755, devido à carência de pedra para a reconstrução de Lisboa. Tal pedreira foi, aliás, a responsável pela destruição de um moinho semelhante ao ainda hoje ali existente, bem como a suspensão definitiva da laboração deste último, cuja fundação remonta a 1707, conforme data visível na verga da porta ainda conservada.

No final dos trabalhos, os locais com algumas estruturas mais sensíveis foram cobertos, com materiais extraídos da própria escavação, acompanhados de deposição de gravilha calcária, para melhor preservação daquelas.

1986

Abandonou-se, neste ano, a metodologia de referenciação de espólios adoptada até 1985, com base na definição de um sistema de coordenadas cartesianas. Na verdade, esta metodologia não se coadunava com a realização da escavação de um grande povoado calcolítico, como era o caso. Assim sendo, passou-se a escavar em área aberta com a referenciação dos materiais exumados, à medida que iam sendo recuperados, à estrutura arqueológica previamente identificada mais próxima, o que flexibilizou extraordinariamente o sistema de registo, sem que o mesmo deixasse de ser rigoroso. Tal procedimento veio introduzir, por outro lado, uma muito maior operacionalidade na referenciação dos materiais, uma vez que se substituiu uma indicação anódina e abstracta, correspondente a um par de coordenadas aferidas ao respectivo quadrante, por uma estrutura, facilmente localizada no terreno. No respeitante à referência à profundidade de colheita, esta passou a ser vantajosamente substituída pela da camada arqueológica correspondente, tendo presente a sequência estratigráfica previamente definida.

Os trabalhos de campo permitiram escavar um conjunto de estruturas defensivas e habitacionais, de se destacam as seguintes:

No respeitante às estruturas defensivas, evidencia-se a **estrutura G (Figs. 52, 53 e 55)**, correspondente a grande bastião adossado ao paramento externo da terceira linha defensiva, representada localmente pela **estrutura D (Figs. 35, 36 e 37)**. Este bastião encontra-se afastado de apenas 3 metros da **estrutura C**, que corresponde a outro bastião da mesma fase construtiva (Fase II construtiva, do início do Calcolítico Inicial), tendo sido reforçado, logo depois, por uma fiada de grandes blocos colocados ao longo de todo o seu paramento externo. Tal reforço (**estrutura G1 (Figs. 57 e 116)**), integrado na Fase III construtiva, correspondente a fase média do Calcolítico Inicial), teve por objectivo o alargamento do embasamento da estrutura, por forma a permitir o respectivo alteamento. Esta interpretação é condizente com o preenchimento interno da estrutura, então efectuado, através de blocos engrenados uns nos outros, transformando-a em uma estrutura maciça. Deste modo, é muito provável que, na época, a mesma constituísse uma plataforma sobreelevada, dominando visualmente todo o espaço defendido e também todo o vale da ribeira de Barcarena, até ao estuário do Tejo, que se divisa ao fundo.

As estruturas de natureza habitacional mais importantes identificadas em 1996 foram as seguintes:

- **estruturas L (Figs. 73, 74 e 75), M (Figs. 74, 79 e 80), N (Figs. 74, 79 e 80) e Z (Fig. 116)** (atribuídas à Fase IV construtiva – final do Calcolítico Inicial);
- **estruturas A, F (Figs. 26, 32 e 46) e P (Figs. 53, 56 e 81)** (atribuídas à Fase V construtiva – Calcolítico Pleno).

Foram também executados, em 1986, mais dois cortes estratigráficos: o primeiro, feito paralelamente ao do ano anterior, e dele distanciado um metro; e um outro, observado ao longo do limite setentrional da área escavada, na vertical da **estrutura L1 (Figs. 75 e 77)**, quadrado II, 3.4, 8.9.

A conjugação dos cortes analisados e a sua relação permitiu obter uma sequência estratigráfica geral mais detalhada, apresentada no Relatório final dos trabalhos realizados, remetido a 14 de Fevereiro de 1987 pelo Autor ao Presidente do IPPC, assim constituída, de cima para baixo:

C.1 – Solo vegetal negro, com pequenos blocos calcários, com cerca de 0,15 m de potência. Trata-se de camada superficial remexida, com materiais pré-históricos associados a cerâ-

micas modernas, contemporâneas da utilização do moinho. Esta camada, bem como as subjacentes, tinham sido severamente perturbadas, embora pontualmente, pela abertura de numerosos buracos, com abre-valas, meses antes de se iniciarem os trabalhos, em 1983.

C.2 – Camada com ca. 0,30 m de espessura; subdivide-se em dois níveis distintos:

2a – Nível constituído por grandes e pequenos blocos calcários resultantes do derrube de construções mais antigas. Sofreu processo pedogénico, encontrando-se por isso os referidos blocos envoltos em matriz constituída por solo vegetal escuro que se diferencia apenas da C.1 pela ausência de materiais modernos e pelo maior tamanho dos blocos. É neste nível que ocorrem escassos materiais campaniformes, integráveis no Calcolítico Final (como então se referiu) da Estremadura.

2b – Corresponde à fase construtiva mais recente e aos solos de habitação datados do Calcolítico Pleno (como então se referiu). Espessura muito variável, aumentando de Este para Oeste, atingindo espessura máxima de cerca de 1 m.

C.3 – Com ca. 1,5 m de espessura máxima conhecida, esta camada subdivide-se, igualmente, em cinco níveis distintos:

3a – Corresponde ao nível de derrube e de fundação e aos solos de habitação das estruturas defensivas e habitacionais integráveis na fase construtiva mais recente do Calcolítico Inicial; tais estruturas foram edificadas sobre fundações escavadas no nível subjacente;

3b – Depósito margo-argiloso esbranquiçado, correlativo de fase de derrube de construções previamente existentes; trata-se de construções de carácter defensivo e habitacional, construídas com blocos cimentados com materiais com aquelas características. Este nível ter-se-ia formado pela fluência daqueles materiais, constituindo camada homogénea formada em período de abandono parcial ou total da estação;

3c – Nível correspondente à construção das estruturas integráveis na fase média do Calcolítico Inicial;

3d – Nível de derrube das estruturas correspondentes ao Calcolítico Inicial, fase inicial. Trata-se de depósito que, pelas suas características, é muito semelhante ao nível 3b, denotando estruturas igualmente cimentadas por argamassas;

3e – Nível correspondente à fundação das primeiras estruturas do Calcolítico Inicial, e à sua ocupação;

C.4 – Sobre o substrato geológico, observa-se camada castanho-escura avermelhada, com 0,20 m de espessura máxima imediatamente subjacente à fundação das primeiras estruturas calcolíticas. Corresponde à primeira ocupação pré-histórica do local, pertencente a período integrável no Neolítico Final da Estremadura;

C.5 – Substrato geológico, representado por bancadas de calcário duro do Cenomaniano Superior, ligeiramente basculadas e profundamente recortadas por cavidades muito irregulares.

Deste modo, verifica-se que foi em 1986 que, pela primeira vez, se identificou o nível de ocupação arqueológica mais antigo, assente no substrato geológico, a C.4, com espólios cuja tipologia indica claramente o Neolítico Final da Estremadura.

1987

Continuou a privilegiar-se a escavação em extensão, tal como já havia acontecido em 1985 e 1986, mantendo-se, para o efeito, a referenciação dos espólios consoante a sua posição relativamente à estrutura arqueológica mais próxima e de acordo com a sequência estratigráfica geral previamente definida, validada para a totalidade da estação arqueológica. O principal objectivo desta campanha foi o prosseguimento da escavação do dispositivo defensivo, procurando-se estabelecer relações funcionais entre estruturas defensivas e habitacionais, numa perspectiva diacrónica.

Os trabalhos interessaram, sobretudo, o espaço exterior à fortificação central (depois designada por terceira linha defensiva, a mais interna das três), parcialmente escavada nos anos anteriores. Através do prosseguimento da escavação em extensão, identificou-se grande parte do traçado de uma segunda linha defensiva, exterior à referida, munida, tal como a primeira, de bastiões do seu lado externo. Foi também neste ano que se identificaram as primeiras estruturas correspondentes aos mais antigos habitantes do povoado, anteriores à construção das duas linhas defensivas já aludidas. Iniciou-se a escavação da segunda linha defensiva, tendo-se verificado a existência de diversas fases construtivas, representadas por acrescentos e sobreposições às edificações anteriormente existentes. No final da campanha, a área escavada atingia cerca de 800 m^2, possibilitando antever o desenvolvimento das principais estruturas defensivas, integradas na estratégia de ocupação da plataforma.

Em 1987, escavaram-se as seguintes estruturas de carácter defensivo, atribuídas ao Calcolítico Inicial (Fase II, de ocupação), com base nas informações e descrições extraídas do Relatório final das escavações remetido ao Instituto Português do Património Cultural a 8 de Fevereiro de 1988:

- **estruturas S e U (Figs. 90, 95 e 96)**, correspondentes a dois bastiões maciços, no todo (**estrutura S**) ou em parte (**estrutura U (Figs. 90, 95 e 96)**), adossados ao lado externo da **estrutura O (Figs. 89, 93 e 96)** correspondente à primeira linha defensiva, todas elas pertencentes à Fase II construtiva, do início do Calcolítico Inicial;
- **estrutura BB (Figs. 92, 94 e 97)** (Fase III construtiva, da fase média do Calcolítico Inicial), que constitui troço de muralha integrado na terceira linha defensiva, correspondente a prolongamento da **estrutura D**, construído a partir do remate desta estrutura, mais antiga, pertencente à Fase II construtiva, do início do Calcolítico Inicial;
- **estrutura AA (Figs. 91, 92 e 97)**, correspondente a bastião oco com o chão interior forrado de lajes, adossado à **estrutura BB (Figs. 92, 94 e 97)** e consequentemente mais recente do que esta (Fase IV construtiva, do final do Calcolítico Inicial);
- **estruturas D1 (Figs. 35, 36 e 37) e D3 (Fig. 36)**, definindo um corredor longilíneo, que comunicava directamente com o interior da fortificação central (Fase IV construtiva).

Foram ainda escavadas as seguintes estruturas atribuídas ao Calcolítico Pleno/Final, todas elas de natureza habitacional (Fase III de ocupação):

- **estrutura E (Figs. 33 e 49)**, interpretada anteriormente como torre, trata-se de unidade habitacional de planta sub-circular (Fase V construtiva);
- **estruturas V e X (Fig. 316)**, de natureza habitacional, correspondentes a lajeados melhor ou pior definidos, interpretados como pisos de habitações de natureza precária, e também integradas na Fase V construtiva:
- **estrutura Z (Fig. 116)**, correspondente a unidade habitacional aproveitando oportunisticamente de três lados paredes pré-existentes (respectivamente das **estruturas G1 (Figs. 57**

e 116), D, BB (Figs. 92, 94 e 97) e AA (Figs. 91, 92 e 97)), possuindo uma área lajeada que coalesce com a vasta área lajeada **RR**, e que, tal como aquela, se encontra associada a uma estrutura de combustão, a **estrutura Z1 (Fig. 116)**. Importa salientar que foi neste recinto habitacional assim precariamente definido, que o Autor pessoalmente recolheu uma das mais notáveis peças arqueológicas do acervo de Leceia: trata-se de um pequeno cilindro de calcário, com a representação gravada do triângulo púbico feminino, numa clara afirmação sexual associada à divindade calcolítica, já muitas vezes reproduzido, a primeira das quais logo em 1989 (CARDOSO, 1989, Fig. 110, n.º 6).

No decurso da campanha de 1987, o substrato geológico foi atingido em vários locais, o que permitiu confirmar plenamente as observações estabelecidas no ano anterior.

O relatório informa que os materiais exumados, conjuntamente com os materiais recolhidos desde 1983, à guarda do Autor, seriam transferidos brevemente para as futuras instalações cedidas para o efeito, da Câmara Municipal de Oeiras, previstas para Março de 1988, como de facto se veio a verificar (transferência para os Serviços Técnicos, no Edifício de Paço de Arcos, onde se ocupou uma vasta sala, pertencente ao piso térreo daquele edifício).

Naquele mesmo ano foi conhecido o resultado de uma análise de datação absoluta efectuada pelo método do Carbono 14, sobre uma amostra de carvão proveniente da **estrutura P (Figs. 53, 56 e 81)**, do Calcolítico Pleno/Final, efectuada no Laboratório de Radiocarbono do Département des Sciences de la Terre, Université Claude Bernard-Lyon II, no valor de 2.200.00 Francos, com apoio financeiro da Câmara Municipal de Oeiras; e de mais quatro análises (amostras de ossos, conchas e carvões) também pelo método do Carbono 14, realizadas no Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (LNETI), no valor de 80.000$00, graças a um apoio adicional do IPPC, rentabilizando a actividade paga daquele laboratório acabado então de entrar em plena fase operativa.

1988

O objectivo principal dos trabalhos realizados em 1988, foi o de prosseguir a escavação em extensão, de modo a estabelecer relações funcionais entre os diversos tipos de estruturas identificadas.

A área intervencionada desenvolveu-se por forma a prolongar lateralmente a escavação da segunda linha defensiva, bem como da área exterior a esta, tendo por objectivo a confirmação da existência de uma linha defensiva ainda mais externa, que alterações na microtopografia do terreno pareciam indicar; prosseguiu também a escavação da terceira linha defensiva para Oeste, de modo a definir a forma como se processava a junção com a segunda linha defensiva.

As estruturas defensivas identificadas ou cuja escavação prosseguiu em 1988, foram as seguintes:

– a **estrutura MM (Figs. 124, 125 e 126)**, correspondente a uma torre maciça, de planta subcircular que assegurava a procurada junção da fortificação central à segunda linha defensiva;
– as **estruturas O (Figs. 89, 93 e 96), U (Figs. 90, 95 e 96), OO (Figs. 292, 293 e 294)** e **GG (Figs. 106, 109 e 110)**, correspondentes a panos de muralha ou a bastiões pertencentes à segunda linha defensiva e à Fase II construtiva, do início do Calcolítico Inicial;
– a **estrutura AA (Figs. 91, 92 e 97)**, já referida no ano anterior, correspondente a bastião adossado à terceira linha defensiva, ou fortificação central, pertencente à Fase IV construtiva, do final do Calcolítico Inicial.

Foram igualmente identificadas algumas estruturas de natureza habitacional:

– a **estrutura HH (Figs. 105, 106 e 260)**, correspondente a unidade habitacional encostada à face interna do reforço **GG2 (Figs. 105, 106 e 107)**, integrada na Fase IV construtiva, do final do Calcolítico Inicial;
– a **estrutura FF**, correspondente a porção de unidade de combustão ulteriormente removida para se poder continuar a escavar em profundidade aquele sector localizado no lado interno da segunda linha defensiva, igualmente pertencente àquela fase construtiva.

Enfim, identificaram-se no espaço entre as duas referidas linhas defensivas, várias estruturas de carácter precário, do Calcolítico Pleno/Final, definidas por lajeados ou estruturas de combustão, bem exemplificadas pela **estrutura RR (Fig. 120)** e **RR1 (Fig. 120)**, pertencentes à última fase de ocupação de Leceia, a Fase V construtiva, integrada no Calcolítico Pleno/Final.

A preocupação com a informação estratigráfica foi uma constante, por forma a garantir a fiabilidade das atribuições cronológico-culturais de acordo com o quadro anteriormente traçado. Em 1988 executou-se um corte estratigráfico ao longo da face interna da muralha GG, o qual permitiu estabelecer, pela primeira vez, a estratigrafia adentro da fase cultural correspondente ao Calcolítico Inicial da Estremadura, cuja diferenciação era já indicada pelas três fases construtivas incluídas naquela fase cultural (ver **Fig. 321**).

1989

A área escavada desenvolveu-se por forma a prosseguir a identificação da segunda e da terceira linhas defensivas e da área situada entre ambas. Os elementos obtidos apresentaram-se coerentes com as conclusões apresentadas anteriormente no respeitante às sucessivas fases construtivas, as quais se encontram consubstanciadas, na área escavada, pelas estruturas seguintes:

– identificação do prolongamento da **estrutura MM (Figs. 124, 125 e 126)** para Sul, concluindo-se a sua delimitação em planta (atribuída à Fase II construtiva, do início do Calcolítico inicial);
– **estrutura MM1 (Figs. 124, 125 e 128)**, (atribuída à Fase III construtiva, da fase média do Calcolítico Inicial);
– **estrutura XX (Figs. 128, 129 e 133)**, correspondente a muralha que prolonga para sul a segunda linha defensiva (atribuída à Fase IV construtiva, do final do Calcolítico Inicial);
– **estrutura ZZ (Figs. 127, 142 e 143)**, correspondente a cabana de planta sub-circular, com a **estrutura ZZ1** no seu interior, correspondente a estrutura de combustão (ambas pertencentes à Fase III construtiva, da fase média do Calcolítico Inicial);
– **estrutura AC (Figs. 147, 149 e 150)**, correspondente a caminho lajeado e com degraus, que em parte se sobrepõe à estrutura anterior, pelo que foi atribuída à Fase IV construtiva, do final do Calcolítico Inicial.

1990

Os trabalhos de 1990 privilegiaram, tal como os dos anos anteriores, a escavação em extensão, por forma a ser possível adquirir a percepção global da estratégia construtiva evidenciada pelas estruturas, de natureza defensiva e habitacional que sucessivamente foram sendo postas a descoberto..

O significativo aumento da área escavada assegurou o prosseguimento de um dos objectivos do Projecto de Investigação: a caracterização, de forma una e global, da organização do espaço em termos diacrónicos, de um grande povoado calcolítico. O substracto geológico foi atingido na zona central da área escavada, facto que permitiu confirmar a sequência estratigráfica anteriormente definida (CARDOSO, 1989).

A área escavada em 1990 foi definida no terreno por forma a obter-se informação sobre o espaço situado a Oeste da grande estrutura maciça, de contorno sub-circular, a **estrutura MM (Figs. 124, 125 e 126)**, que parecia rematar a segunda linha defensiva, articulando a sua extremidade meridional com a terceira linha defensiva, a chamada fortificação central. Em 1990 foi posta a descoberto a totalidade do paramento desta imponente estrutura na parte voltada a Sul, desenvolvendo-se a escavação, quase exclusivamente, a partir desse paramento em direcção a poente, ao longo de uma faixa de terreno com cerca de 20 m de largura por cerca de 40 m de comprimento. Deste modo, foi possível, pela primeira vez, confirmar a existência de uma linha defensiva que se desenvolvia do lado externo das duas já conhecidas, constituindo desde modo a primeira linha defensiva do dispositivo, pois seria aquela a primeira com a qual contactaria qualquer visitante, ou grupo invasor, oriundo do exterior. Deste modo as mais importantes estruturas, de natureza defensiva, escavadas em 1990 foram as seguintes:

– **estrutura EH (Figs. 154, 156 e 158)**, que corresponde ao pano de muralha corporizando no sector escavado a primeira linha defensiva, munida de diversos reforços que, em épocas distintas, lhe foram sendo adicionados, tendo por principal objectivo possibilitar o seu alteamento, por alargamento da base de sustentação, correspondendo a sua fase construtiva mais antiga ao início do Calcolítico Inicial (Fase II construtiva);
– as **estruturas EI (Figs. 154, 155 e 156)** e **EO**, correspondendo a dois bastiões que reforçavam o paramento externo da **estrutura EH (Figs. 154, 156 e 158)**, sendo, como aquela, atribuídas à Fase II construtiva, do início do Calcolítico inicial;
– as **estruturas EH1 (Figs. 154 e 170)** e **EH2**, correspondentes a reforços da **estrutura EH (Figs. 154, 156 e 158)**, realizados respectivamente do lado interno e do lado externo daquela, com o propósito já anteriormente referido, de possibilitarem o seu alteamento pertencentes a fase média do Calcolítico Inicial (Fase III construtiva).

As estruturas de natureza habitacional identificadas em 1990 foram as seguintes:

– a **estrutura EJ (Figs. 155, 156 e 160)**, correspondendo a acrescento do lado interno da **estrutura EI (Figs. 154, 155 e 156)**, com o interior da qual comunica directamente, do final do Calcolítico Inicial (Fase IV construtiva);
– a **estrutura EL (Figs. 153, 166 e 167)** e a **estrutura EF (Figs. 153, 166 e 167)**, formando, no conjunto, um vasto lajeado no espaço intramuros, podendo serem cobertas ou situar-se a céu aberto, constituindo local de reunião de pessoas ou de animais, especialmente em situações de conflito. Foram atribuídas à Fase IV construtiva, do final do Calcolítico inicial;
– **estrutura EN (Figs. 155, 164 e 172)**, correspondendo a pequena cabana campaniforme de planta elipsoidal atribuída à Fase V construtiva, já do Calcolítico Pleno/Final.

Por fim, há ainda a referir uma outra estrutura de natureza comunitária, que se soma aos dois lajeados antes referidos:

– **estrutura EM (Figs. 165, 167 e 168)**, só parcialmente escavada em 1990, e que corresponde a empedrado de planta sub-circular, ulteriormente ampliado por uma coroa circular exterior,

interpretado como embasamento de eira, à semelhança das **estruturas M (Figs. 74, 79 e 80)** e **N (Figs. 74, 79 e 80)**, exploradas em 1987.

Deste modo, o principal resultado obtido em 1990 foi a identificação e o início da escavação da linha defensiva mais externa, de planta curvilínea, envolvendo toda a área anteriormente escavada, a qual era até então completamente desconhecida, associada a importantes estruturas, tanto defensivas como habitacionais.

1991

A área explorada em 1991 foi definida no prolongamento do traçado da primeira linha defensiva, cuja directriz tinha sido definida em 1990. Desta forma, alargou-se a escavação tanto para norte como para sul da área explorada em 1990.

Do lado Sul, foi possível confirmar o prolongamento da muralha integrada na primeira linha defensiva, **estrutura EH**, bem como a existência de um bastião – a **estrutura EO** – adossado ao paramento externo daquela muralha, muito mal conservado.

No Sector Norte as estruturas identificadas encontravam-se em melhor estado de conservação, definindo claramente o desenvolvimento da primeira linha defensiva desse lado. Os dois bastiões explorados, ambos adossados ao paramento externo da muralha identificada no ano transacto, a **estrutura EH**, apresentam-se constituídos por grandes blocos, de dimensões ciclópicas, o que lhes conferiu alguma irregularidade, especialmente a uma delas – **estrutura EQ (Figs. 180, 190 e 191)** – revelando a outra – **estrutura EP (Figs. 180, 182 e 184)** – uma construção mais regular que, embora integrando blocos de dimensões assinaláveis, possui dois paramentos, com enchimento intermédio de blocos de menores dimensões. Trata-se de conjunto edificado logo no início do Calcolítico Inicial, integrando-se na Fase II construtiva.

Observou-se uma área, a sul da **estrutura EP (Figs. 180, 182 e 184)**, e até à **estrutura EI (Figs. 154, 155 e 156)**, escavada em 1990, em que se verifica solução de continuidade do circuito defensivo, o qual falta em absoluto no terreno. É provável que essa destruição seja muito antiga, já que, aquando da escavação, foi necessário remover mais de 2 m de potência de terras, até atingir o nível arqueológico com espólios do Neolítico Final. Que essa destruição tenha sido intencional, é o que sugere a forma abrupta como, tanto a muralha, como a **estrutura EP (Figs. 180, 182 e 184)** são interrompidas no terreno.

Outra particularidade observada num dos bastiões escavados em 1991 – a **estrutura EP** – é a existência de uma abertura existente no mesmo, comunicando directamente para o exterior do espaço defendido (**estrutura EP1 (Figs. 182, 183 e 188)**). Tal situação verificou-se, no ano seguinte, em outras estruturas congéneres então exploradas e carece de explicação à luz dos critérios funcionalistas do presente.

Para além das descritas, foram identificadas outras estruturas, de carácter habitacional:

– **estrutura ER (Figs. 175 e 177)** e **estrutura ES**, provavelmente de combustão, atribuídas à Fase I construtiva, do Neolítico Final, as quais se situam no local onde deveria fundar-se o troço de muralha hoje completamente desaparecido;
– **estrutura ET (Figs. 175 e 177)**, que correspondia a uma concentração de cinzas oriundas provavelmente das estruturas de combustão já referidas;

– **estrutura EM (Figs. 165, 167 e 168)**, cuja escavação foi concluída em 1991, atribuída à Fase III construtiva, integrada em fase média do Calcolítico Inicial.

Em suma, do ponto de vista do estudo científico da estação, na campanha de escavações de 1991, confirmaram-se plenamente as grandes fases construtivas anteriormente definidas, as quais se revestem de grande uniformidade, independentemente do local considerado da estação. As estruturas de carácter defensivo escavadas em 1991 e que, tal como as exploradas no ano transacto, se integram logo na primeira fase construtiva do Calcolítico Inicial, vieram demonstrar que a construção de todo o dispositivo defensivo se efectuou de uma só vez e num curto espaço de tempo, respeitando um modelo previamente concebido e levado à prática de forma rigorosa, muito embora tivesse, ulteriormente, sido sujeito a adaptações e reforços.

Outra importante constatação consiste na ausência de relação entre estas imponentes muralhas e a metalurgia do cobre, a qual, com efeito, é vestigial ao longo de todo o Calcolítico Inicial, para só ser praticada no local, de forma assinalável, no decurso do Calcolítico Pleno/Final, quando todo o dispositivo defensivo se encontrava muito degradado e até, talvez, já parcialmente arruinado.

1992

Os trabalhos de escavação realizados em 1992 interessaram uma área de cerca de 500 m^2. A área escavada foi definida no prolongamento da escavação de 1991, dando seguimento à exploração de um sector da primeira linha defensiva, que se desenvolvia na direcção de Nordeste.

A metodologia seguida na escavação respeitou o procedimento de anos anteriores: exploração em extensão e por unidades construtivas/estruturais, tendo-se continuado a adoptar, na designação das estruturas, terminologia alfanumérica.

Verificou-se, tal como em 1991, a boa conservação da primeira linha defensiva, da qual foi escavada um troço com cerca de 30 metros de comprimento, constituído pela muralha, defendida do lado externo por dois bastiões ocos, de contorno aproximadamente semi-circular. Trata-se da situação já identificada nos dois anos anteriores, perfazendo o número de seis os bastiões identificados do lado externo da muralha, aos quais se poderia juntar mais um, eventualmente existente na solução de continuidade observada no terreno entre dois dos bastiões anteriormente escavados (**estruturas EI** e **EP**).

É interessante verificar que os dois bastiões identificados e escavados em 1992 – **estruturas EU (Figs. 197, 199 e 200)** e **EX (Figs. 209, 210 e 211)** – possuem entradas que comunicam directamente para o exterior do espaço defendido (**estruturas EU1 (Figs. 204, 205 e 206)** e **EX3 (Figs. 201, 211 e 217)**), apresentando-se um deles munido de reforço do lado externo, mediante o adossamento da uma fiada de grandes blocos ao paramento pré existente (**estrutura EU2**), o mesmo se verificando na muralha que integra a primeira linha defensiva, munida de dois reforços executados sucessivamente em sector do seu paramento interno. Trata-se da **estrutura EH1 (Figs. 154 e 170)**, já identificada em 1991, e que aparenta corresponder a um reforço com assinalável continuidade, ainda que falte num sector da muralha correspondente às **estruturas EP** e **EQ (Figs. 180, 190 e 191)**, a que se juntam as **estruturas EH2, EH3** e **EH4**, cuja construção se prolongou até ao final do Calcolítico Inicial.

Enfim, importa destacar outra estrutura, de assinalável interesse, correspondente a estreita passagem existente no pano da muralha adjacente à **estrutura EQ (Figs. 180, 190 e 191)**, a **estrutura EH5 (Fig. 208)**, a qual foi ulteriormente obturada com um grande bloco calcário colocado de través.

Em 1992 concluiu-se a escavação da muralha que integra a primeira linha defensiva, a **estrutura EH**, abarcando quase todo o espaço defendido.

Verificou-se que o seu remate é constituído por uma estrutura de planta curvilínea – **estrutura EX2 (Fig. 217)** – situada no interior do último bastião do lado norte, a **estrutura EX (Figs. 209, 210 e 211)**.

Importa destacar a existência de uma estrutura de combustão (**estrutura EX1 (Figs. 209, 210 e 212)**), situada no interior da **estrutura EX (Figs. 209, 210 e 211)**, demonstrando, à semelhança do já verificado, em 1986, no respeitante a um dos bastiões integrantes da terceira linha defensiva, a **estrutura C**, que tais estruturas, ainda que fazendo parte integrante do dispositivo defensivo, poderiam ser utilizadas secundariamente como habitações, ou outras estruturas de finalidade doméstica, como silos de armazenamento de cereais.

No respeitante à integração das estruturas identificadas na sequência construtiva e cultural previamente definida, verificou-se a seguinte distribuição:

À Fase construtiva II, do início do Calcolítico Inicial pertencem todas as estruturas defensivas identificadas – as **estruturas EH, EU (Figs. 197, 199 e 200)** e **EX**, bem como a **estrutura EX2 (Fig. 217)**; à Fase construtiva III, da fase média do Calcolítico Inicial, pertencem os **reforços EU1, e EH 1**. Por fim, à Fase construtiva IV, do final do Calcolítico Inicial, pertencem os reforços mais modernos verificados na **estrutura EH**, respectivamente **EH2, EH3** e **EH4**. A única estrutura que se pode considerar de natureza habitacional – a **estrutura EX1 (Figs. 209, 210 e 212)**, estrutura de combustão identificada no interior da **estrutura EX**, é dela coeva, pelo que integra a Fase II construtiva, do início do Calcolítico Inicial.

Importa sublinhar que se continuou a verificar a total ausência de artefactos de cobre nos depósitos coevos da construção e utilização das estruturas escavadas, demostrando, uma vez mais, que tal produto só residualmente foi utilizado no Calcolítico Inicial em Leceia, reforçando a completa ausência de relação entre estruturas defensivas e a prática da metalurgia do cobre e a sua utilização.

O relatório dos trabalhos de campo, salienta ainda a identificação, no limite setentrional da área escavada, de uma passagem, das mais importantes de todo o dispositivo defensivo, situada na primeira linha defensiva. Trata-se da **estrutura EZ (Figs. 276, 277 e 279)**, constituída por lajeado flanqueado pelo paramento externo da **estrutura EX**. Situada na parte de mais fácil acesso à zona defendida, na área mais regular da plataforma onde se implantou o povoado, articula-se com um caminho que atravessava todo o espaço situado entre a primeira e a segunda linha defensiva, e atravessando esta através da **estrutura O1 (Figs. 88, 89 e 90)**, permitia o acesso ao espaço por esta defendida, comunicando com um terceira entrada, situada na terceira linha defensiva, situada entre as **estruturas C** e **H (Fig. 69)**. Ou seja, até penetrar no interior da zona nuclear da fortificação seria necessário atravessar ainda mais duas entradas, escavadas em 1986 e 1987, as quais evidenciam, também, atenção particular na sua protecção, através da construção de reforços e no estreitamento progressivo que conheceram, ao longo das diversas fases construtivas ali identificadas (CARDOSO, 1989). Ia-se, deste modo, com o alargamento da área escavada ao longo dos anos, obtendo um conhecimento cada vez mais detalhado das estratégias de ocupação do espaço, evidenciadas pelas próprias estruturas que progressivamente eram postas a descoberto, revelando, pela sua disposição no terreno, um efectivo planeamento da própria área construída.

1993

A área escavada em 1993 situa-se no prolongamento do sector meridional da escavação de 1991, tendo por objectivo essencial concluir a caracterização, do lado meridional, da primeira linha defen-

siva, representada pela **estrutura EH**, que de facto se efectivou nesse ano, bem como de outras estruturas a ela adjacentes.

Tratou-se, pois, da exploração de zona directamente relacionada com a primeira linha defensiva. Desta forma, a partir do "terminus" da área escavada em 1991, a escavação foi estendida para Sudeste, tendo-se identificado e escavado as seguintes estruturas, repartidas por diversas fases construtivas:

– **estrutura EH** (troço de muralha, integrada na primeira linha defensiva); **estruturas EH6 (Figs. 221, 222 e 223)** (passagem na **estrutura EH**); **estruturas EH7 (Fig. 228)** e **EH8 (Fig. 222)** (cubelos adjacentes a ambos os lados da **estrutura EH6 (Figs. 221, 222 e 223)**); **estrutura EH13 (Figs. 235, 236 e 237)** (passagem na **estrutura EH**); **estrutura FB (Figs. 221, 226 e 227)** (parapeito fronteiro do lado interno à passagem **EH6 (Figs. 221, 222 e 223)**); **estrutura FA (Figs. 230 e 232)**, que define um corredor na zona intramuros, conjuntamente com a **estrutura FB (Figs. 221, 226 e 227)**, todas atribuídas à Fase II construtiva, do início do Calcolítico inicial).

À Fase construtiva III, correspondente à fase média do Calcolítico Inicial, podem ser reportadas as **estruturas EH10** e **EH11**, integradas numa estratégia de reforço interno da **estrutura EH6** (passagem existente na **estrutura EH**).

Pertencem à Fase construtiva IV, da fase final do Calcolítico Inicial) as seguintes estruturas:

– **estrutura EH9**; **estruturas XX1 (Figs. 138, 234 e 238)** a **XX4 (Figs. 234, 240 e 245)** (reforços da **estrutura XX (Figs. 128, 129 e 133)**); **estruturas FD (Figs. 240 e 245), FE (Fig. 248)** e **FI (Figs. 242, 243 e 244)** (lajeados relacionados com áreas de circulação); **estrutura FG (Fig. 246)/FG1 (Fig. 246)** (lajeado relacionado com estrutura habitacional);

À Fase construtiva V, do Calcolítico Pleno/Final, pertence a **estrutura FC (Figs. 231, 240 e 241)**, correspondente a unidade habitacional, associada à **estrutura FC1 (Figs. 230, 231 e 240)** (estrutura de combustão) e a **estrutura FH (Fig. 135)**, que poderia corresponder a uma grande unidade habitacional de planta elipsoidal, ou, entre outras utilizações, a redil para gado.

Os resultados obtidos em 1993 foram particularmente importantes, porquanto documentaram diversas estruturas de grande interesse no respeitante a ausência de paralelos observados em outros sítios coevos. Mencionam-se as duas passagens existentes na **estrutura EH** (**estruturas EH6** e **EH13 (Fig. 235, 236 e 237)**). A primeira possui o chão lajeado, sendo reforçada internamente por dois cubelos de planta quadrangular, provavelmente associados a estrutura de fecho, de madeira, sendo a outra munida de três degraus para vencer o desnível existente no terreno, que é particularmente acentuado neste sector terminal da primeira linha defensiva, o que se explica pela sua proximidade da escarpa rochosa. São ainda de referir, a este título, duas estruturas habitacionais do Calcolítico Pleno/Final, uma cabana de planta elipsoidal (**estrutura FC (Figs. 231, 240 e 241)**) e uma outra estrutura, de planta semelhante, mas de muito maiores dimensões (**estrutura FH (Fig. 135)**) e que deste modo poderia ser, como acima se disse, um redil para gado.

É ainda de realçar a existência, no decurso do Calcolítico Inicial, de provas de evidente instabilidade social, atestada pelos sucessivos reforços observados no remate da segunda linha defensiva, transformando-a aparentemente numa estrutura em degraus: a **estrutura XX (Figs. 128, 129 e 133)** e os seus sucessivos reforços, **XX1 (Figs. 138, 234 e 238)** a **XX4 (Figs. 234, 240 e 245)**. Entre esta e a primeira linha defensiva, representada pela **estrutura EH** e a **estrutura EH13 (Fig. 235, 236 e 237)**, correspondente à mencionada passagem com degraus para vencer o declive, existiria um estreito caminho de circulação intramuros, com o chão lajeado (**estrutura FD (Figs. 240 e 245)**), que é condi-

zente com as preocupações defensivas, especialmente daquele lado do dispositivo defensivo, onde o maior declive poderia propiciar um ataque de surpresa.

Enfim, os resultados obtidos vieram confirmar plenamente as grandes etapas construtivas e de remodelação do povoado pré-histórico anteriormente definidas, as quais se revestem de grande uniformidade, independentemente do local considerado.

Com efeito, a execução simultânea dos três circuitos muralhados que constituem o dispositivo defensivo, revelam uma coerência não só da construção inicial, reflectida mas também nas sucessivas e ulteriores fases de adaptação, reforço ou remodelação nela observadas.

Das três fases culturais globalmente representadas em Leceia, recolheram-se evidências materiais de duas, em 1993, também plasmadas pelas fases construtivas correspondentes e acima descritas. Trata-se da Fase II de ocupação – Calcolítico Inicial da Estremadura; e da Fase III de ocupação – Calcolítico Pleno/Final da Estremadura, ambas representadas por numerosos artefactos, com destaque para a cerâmica decorada, que caracteriza cada uma delas. No tocante ao restante espólio, é de sublinhar a total ausência do cobre na Fase II, tal como já se observava em anos anteriores, reforçando a completa independência entre a presença da metalurgia e as causas que motivaram a construção de todo o dispositivo defensivo.

1994

Em 1994 realizou-se importante programa de cortes estratigráficos visando a confirmação das sequências anteriormente definidas e a extensão e generalização daquelas observações à totalidade da estação. Tal objectivo foi plenamente atingido, com a realização de três extensos e importantes cortes estratigráficos que serão estudados no capítulo seguinte.

O primeiro corte foi efectuado do lado interno da **estrutura GG2 (Figs. 105, 106 e 107)**, em uma zona escavada em 1988. Anteriormente, tal zona tinha sido já objecto de corte estratigráfico, entretanto publicado (CARDOSO, 1989, Fig. 30) (ver **Fig. 321**). O corte executado em 1994 desenvolveu-se paralelamente ao anterior, distanciando do último cerca de 0,50 metros, confirmando em absoluto as observações realizadas em 1988.

Os outros dois cortes realizaram-se em área situada entre a primeira linha defensiva (**estrutura EH**) e a segunda linha defensiva (**estrutura GG (Figs. 106, 109 e 110)**), correspondendo a uma linha quebrada, com cerca de 17 metros de extensão, ao longo de duas direcções ortogonais, respectivamente com 10 metros e 7 metros de comprimento (corte 2, cf. **Fig. 322**).

Estes cortes permitiram interpretar em uma grande extensão e na zona nuclear do antigo povoado, onde a potência estratigráfica se revelava mais importante, o desenvolvimento de cada camada, tanto horizontal como vertical, a importância relativa das mesmas, bem como a sucessão estratigráfica geral observada em cada um deles, a qual veio confirmar inteiramente anteriores afirmações.

Por outro lado, a escavação da área definida pelos cortes referidos veio permitir a identificação de um tipo de estrutura habitacional até então desconhecido, pertencente à primeira fase construtiva, integrada no Neolítico Final: trata-se de um corredor delimitado por dois muros curvilíneos e paralelos, o **Corredor FJ**. A assinalável monumentalidade desta estrutura comprova que, logo no início da ocupação do sítio, existiria uma importante ocupação em extensão, dado que esta estrutura, pela sua natureza, vocacionada à circulação de pessoas, seria condizente com assinalável população, que ocuparia toda a plataforma, como aliás se veio a demonstrar pela dispersão de espólios e de estruturas do Neolítico Final observados no terreno. No caso desta estrutura, a continuação da sua

escavação não foi possível dada a existência de estruturas situadas em níveis mais altos que necessariamente teriam de ser removidas, o que não se afigurou desejável.

As características do aparelho pétreo utilizado nos dois lados do corredor revelam assinaláveis diferenças, que não são facilmente explicáveis: assim, se a **estrutura FJ1 (Figs. 254, 255 e 256)** é definida por monólitos colocados verticalmente, definindo um alinhamento curvilíneo, até ser interrompido pela frente da escavação que não foi prosseguida em extensão, já a **estrutura FJ2 (Figs. 254 e 255)** é constituída por um aparelho de alvenaria de blocos de médias dimensões, dispostos horizontalmente.

Duas outras estruturas identificadas e escavadas em 1994, ambas de natureza habitacional, que importa destacar, são as seguintes:

– a **estrutura FL (Figs. 259 e 260)**, correspondente a uma cabana de planta sub-circular definida por alinhamento simples de blocos mais ou menos contínuos, munida de uma estrutura de combustão, ao centro (**estrutura FL1 (Figs. 259 e 260)**). Foi atribuída à Fase III construtiva, integrada em fase média do Calcolítico inicial.
– a **estrutura EN (Figs. 155, 164 e 172)**, identificada em 1990, mas apenas escavada em 1994, corresponde a uma cabana de planta elipsoidal campaniforme, definida por alinhamento simples de blocos fixados no solo a pouca profundidade. Todos os fragmentos de cerâmica decorada a ela associados inscreviam-se naquele grupo, designadamente no dos recipientes incisos. Construída na área extramuros e na camada pedregosa de derrubes ocupando vasta área, parcialmente escavada, foi atribuída à Fase V construtiva, integrada no Calcolítico Pleno/Final.

A estratigrafia observada, respeitante a esta cabana situada extramuros, mostra que, na época da sua edificação, toda a fortificação se encontrava em fase de ruína acelerada. Esta unidade habitacional campaniforme corresponderia, assim, a pequeno grupo que teria esporadicamente frequentado o local, então ainda ocupado, contrastando com a realidade evidenciada pela outra cabana campaniforme, muito anterior, adiante abordada, escavada em 1995 e 1996.

1995

A campanha de 1995 interessou exclusivamente uma área extramuros adjacente à primeira linha defensiva. Pretendia-se averiguar o seu efectivo interesse arqueológico tendo presente a implantação do futuro Museu de sítio naquele espaço, de topografia regular e próximo da entrada do espaço arqueológico, pelo que reunia as condições adequadas àquela finalidade. Tal opção respeitou, a decisão, tomada no local, em reunião em que participaram, entre outros, o Autor, o Director do Departamento de Arqueologia do IPPAR e o Dr. Clementino Amaro, arqueólogo daquele organismo, em Março de 1995.

Os trabalhos realizados corresponderam à escavação de área de contorno trapezoidal, com o comprimento máximo de 22,3 metros e a largura máxima de 13,5 metros, distanciada cerca de 10 metros do paramento exterior da primeira linha defensiva, seguindo a metodologia dos anos transactos em que se privilegiou a escavação em extensão.

Concluiu-se que o local escolhido para a implantação do futuro Museu de sítio correspondia em parte a grande bancada de calcários duros do Cretácico, cuja delimitação e aprofundamento, de um dos lados, evidenciou indícios de ter sido explorada como pedreira, em época pré-história, dali se obtendo provavelmente alguns dos grandes blocos que, com um mínimo de transporte, foram direc-

tamente colocados nas estruturas defensivas situadas próximo, integrando, designadamente, os bastiões da primeira linha defensiva (**estruturas EX, EU (Figs. 197, 199 e 200), EQ** e **EP**).

Em área adjacente, identificou-se uma estrutura habitacional que se escavou na íntegra, em que uma das suas extremidades se adossava à frente da antiga exploração, confirmando a sua cronologia pré-histórica.

Trata-se de uma grande cabana campaniforme – a **estrutura FM (Figs. 262, 263 e 264)** – de planta elipsoidal, definida por blocos calcários, dispostos em duas fiadas paralelas e distanciadas entre 2 e 4 metros, das quais em 1995 se explorou a fiada interna, com o comprimento máximo de cerca de 10 metros e a largura máxima de cerca de 5,6 metros. A cobertura respectiva seria constituída por ramagens e outros materiais perecíveis.

A camada arqueológica coeva da sua construção e utilização (Camada 2) forneceu abundantes cerâmicas decoradas campaniformes (mais de 150 fragmentos), que eram exclusivas no conjunto das produções decoradas ali encontradas, a par de materiais líticos, ósseos e faunísticos, constituindo o primeiro contexto de carácter habitacional de época campaniforme, claramente associado a uma estrutura habitacional, identificado no território português. Bastaria tal facto para sublinhar o valor científico desta estrutura, inviabilizando o propósito de ali se edificar a pretendida estrutura museológica. O interesse científico desta cabana soma-se à existência da **estrutura EN (Figs. 155, 164 e 172)**, correspondente também a uma cabana campaniforme identificada na área extramuros, cuja exploração foi concluída no ano anterior.

A camada arqueológica subjacente a esta unidade habitacional, a Camada 4, continha abundantes materiais característicos do Neolítico Final, avultando as taças carenadas e os vasos de bordo denteado, faltando qualquer contexto estratigráfico atribuível ao Calcolítico Inicial. Esta realidade leva a concluir que naquela época, a população se concentraria essencialmente no espaço intramuros, sendo o espaço exterior utilizado para a agro-pastorícia. De acordo com o faseamento clássico estabelecido na década de 1970 para o Calcolítico da Estremadura, caberia a sua última fase à emergência das produções campaniformes na região (SOARES & SILVA, 1974/1977). Como se sabe, este esquema linear foi posto em causa pelas datações absolutas obtidas para materiais ósseos recolhidos nesta estrutura pelo método do radiocarbono tradicional e por AMS, que vieram demonstrar de forma concludente que a emergência das produções campaniformes se verificou na região pelo menos cerca de 2700/2600 a.C. (CARDOSO, 1997/1998; 2014 a; 2014 b; 2017), coincidindo portanto com o final do Calcolítico Inicial e sua transição para o Calcolítico Pleno. Dada a importância desta estrutura, decidiu-se prosseguir com a escavação da mesma no ano seguinte, o que proporcionou novas informações como se verá a seguir.

1996

Numa primeira fase dos trabalhos procedeu-se ao alargamento da área escavada em 1995 para melhor definição da **estrutura FM (Figs. 262, 263 e 264)** que assumiu contorno pentagonal, passando de 22,3 metros de comprimento máximo para 30,5 metros, e de 13,3 metros de largura máxima para 16,5 metros. Foi assim possível identificar, acompanhando o muro que constituía o recinto interno da cabana (**estrutura FM1 (Fig. 266)**) posto a descoberto em 1995, um muro exterior (**estrutura FM3 (Figs. 266 e 268)**), igualmente constituído por um alinhamento simples de grandes blocos, assentes na camada basal (C.4), com materiais do Neolítico Final. O espaço intermédio, definido pelos dois muros da estrutura, poderia ser utilizado para armazenamento de bens ou como abrigo para pessoas e/ou animais. As suas grandes dimensões evocam uma grande cabana comu-

nitária. É interessante sublinhar a existência de passagem estruturada, que permitia o acesso ao recinto interno da cabana, bem marcada por uma soleira, definida por laje posta de cutelo transversalmente à entrada (**estrutura FM2 (Fig. 267)**), acompanhada de uma outra estrutura semelhante e adjacente, correspondente a uma entrada independente comunicando com o espaço mais externo da cabana (**estrutura FM4**).

Os trabalhos de campo prosseguiram depois, estendendo-se a sector adjacente à **estrutura EX**, dando seguimento à escavação em extensão daquela área realizada em 1992. Verificou-se então que o dispositivo defensivo correspondente à primeira linha defensiva se prolongava para norte por meio de uma muralha rectilínea, a **estrutura FN**, constituída por grandes blocos colocados sobre derrubes, muito pedregosos, inscrevendo-se na mesma época da primeira linha defensiva, do início do Calcolítico Inicial (Fase II construtiva). De facto, a presente configuração da muralha sucedeu-se a uma outra, de que apenas subsistem os alicerces no terreno, e que correspondia a pano de muralha que se desenvolvia em sector frontal e exterior à **estrutura EX**. A remodelação consistiu, por conseguinte, na construção de um remate curvilíneo (**estrutura FN1 (Figs. 277, 279 e 280)**). Conseguiu-se, deste modo, criar um estreitamento na passagem definida entre esta estrutura e o paramento externo da **estrutura EX**, para o interior do recinto defendido, possuindo o piso forrado de lajes (**estrutura EZ (Figs. 276, 277 e 279)**). A intencionalidade deste estreitamento era acompanhada da criação de um recôncavo produzido no lado interno da muralha, correspondente à **estrutura FN2**, propiciando uma melhor defesa daquela passagem.

1997

Em 1997 prosseguiram os trabalhos de escavação do prolongamento da primeira linha defensiva, de modo a conhecer o desenvolvimento da **estrutura FN (Figs. 277, 278 e 279)** identificada e parcialmente escavada no ano anterior, mediante a escavação de uma área aproximadamente rectangular, com 21 metros de comprimento por 16 metros de largura média, com orientação geral Nordeste-Sudoeste.

A escavação desenvolveu-se a partir da frente de 1996, na zona adjacente à **estrutura FN**. Nesse local foi executado um corte vertical que permitiu observar a sucessão de camadas, e demonstrar a modernidade dos dois alinhamentos que afloravam à superfície, incluídos em camada que forneceu diversos materiais cerâmicos e outros, modernos e contemporâneos. De facto, os referidos alinhamentos, correspondiam à delimitação de caminho medieval e moderno que atravessava a área de interesse arqueológico, e onde se recolheram diversas moedas e outros artefactos, entretanto publicados (CARDOSO & MAGRO, 1999/2000).

Foi posta a descoberto uma vasta área ocupada por bancadas regulares de calcários cretácicos, com ligeiro pendor para Sudeste, sub-aflorantes no terreno. Tais bancadas, que ocupam a parte setentrional do espaço investigado, apresentam-se abruptamente interrompidas, formando uma depressão alongada, com mais de 15 metros de comprimento, e cuja largura é de cerca de 3,5 m a 4 metros, constituindo um verdadeiro fosso natural, propício à defesa da própria plataforma em que se integrava. Para o efeito, bastaria regularizar ambas as frentes que delimitam a depressão, através da justaposição de grandes blocos, formando um paramento mais ou menos regular, consoante os locais considerados, constituindo assim o prolongamento da **estrutura FN (Figs. 277, 278 e 279)**.

Deste modo, uma das conclusões mais interessantes, obtidas em 1997, consistiu na demonstração do inteligente aproveitamento das condicionantes topográficas pré-existentes, no próprio dispositivo

defensivo, onde foram perfeitamente integradas. Tratou-se, com efeito, do primeiro registo em território português, num povoado calcolítico, da articulação, para fins defensivos, entre fossos, enquanto estruturas negativas, e muralhas pétreas, enquanto estruturas positivas.

1998

Em 1998 importava concluir a escavação do fosso natural que, dando continuidade à **estrutura FN**, correspondente à primeira linha defensiva, com ela se articulava, como acima se referiu. A área explorada correspondeu aproximadamente a rectângulo com cerca de 20 metros de comprimento (o comprimento do próprio fosso), por cerca de 3,5 metros de largura média, isto é, a largura atingida por aquele, procedendo-se a um rebaixamento do seu fundo até se atingir o substrato geológico, cerca de 1 metro abaixo da cota atingida em 1997. Em resultado, confirmou-se que o fosso se manteve limpo, por forma a permanecer funcional, enquanto a fortificação esteve activa. A sua colmatação por sedimentos efectuou-se apenas no Calcolítico Pleno/Final, época correspondente ao declínio e progressivo abandono das estruturas defensivas, conforme é indicado pela tipologia dos materiais cerâmicos nele recolhidos. O paramento, que regulariza a frente rochosa, do fosso natural do lado da fortificação, é em geral de má qualidade construtiva, apesar de poder reportar-se ao início do Calcolítico Inicial (Fase II construtiva). Integra-se, deste modo, na concepção original que presidiu à edificação da fortificação.

Uma vez concluída a escavação do fosso, e dado que o espaço intramuros a ele adjacente ou se encontrava ocupado por afloramentos calcários, ou por uma antiga pedreira, entretanto colmatada por terras oriundas da própria escavação, passou-se à escavação de um sector situado entre a primeira e a segunda linhas defensivas, em relação com a passagem situada nesta última identificada e parcialmente escavada em 1987, a **estrutura O1 (Figs. 88, 89 e 90)**.

A área explorada, de contorno sub-rectangular, plana e regular, atingiu cerca de 100 metros quadrados, onde o substrato geológico ocorria sempre a pequena profundidade, e permitiu estabelecer ligação com o sector escavado onze anos atrás, conduzindo a observações de grande relevância sobre a organização do espaço intramuros. Com características ainda desconhecidas neste sítio arqueológico, é a **estrutura FO (Figs. 289, 290 e 291)**, de natureza especializada, destinada à farinação, na qual se recolheram os dormentes de seis mós manuais e vários moventes. Trata-se de construção, de contorno sub-circular, definida por embasamento constituído por alinhamento simples de blocos calcários. É muito provável que ali se farinassem os cereais processados nas **estruturas M (Figs. 74, 79 e 80)** e **N (Figs. 74, 79 e 80)**, situadas já no espaço intramuros à segunda linha defensiva, exploradas em 1987. Deste modo, é lícito considerar que se trata de estrutura coeva destas, sendo atribuível a fase final do Calcolítico Inicial (Fase IV construtiva).

Em espaço fronteiro à **estrutura FO (Figs. 289, 290 e 291)**, separado por caminho de circulação que atravessa todo o espaço intramuros entre a primeira e a segunda linhas defensivas (**estrutura FP (Figs. 300 e 301)**), escavou-se parcialmente uma cabana de planta elipsoidal, com muro de alvenaria de boa qualidade, constituída por dois paramentos de blocos alinhados, com preenchimento intermédio de blocos de menores dimensões: trata-se da **estrutura PP (Figs. 292, 293 e 294)**, que só parcialmente foi posta à vista em 1998. Esta estrutura, deve inscrever-se na Fase V construtiva, pertencente ao Calcolítico Pleno/Final. Com efeito, verificou-se que a sua construção se encontra integrada na camada de derrubes das estruturas anteriormente construídas (a C. 2 da sequência

estratigráfica geral), conclusão corroborada pela presença de cerâmicas decoradas do tipo "folha de acácia" e "crucífera", características daquela fase cultural.

A escavação prosseguiu em extensão, no caminho de acesso ao interior da segunda linha defensiva, atravessada pela **estrutura O1 (Figs. 88, 89 e 90)**, reforçada do lado externo por cunhal já posto a descoberto em 1987, a **estrutura OO1 (Figs. 99, 294 e 296)**, que tal como a **estrutura OO2 (Figs. 99, 292 e 294)**, adossada à **estrutura OO**, se destinavam a dificultar a transposição da referida passagem. Estas duas estruturas de reforço evidenciam épocas diferentes de construção, tendo presente as cotas relativas das respectivas fundações, mais ou menos profundas. Assim, a **estrutura OO (Figs. 292, 293 e 294)** afigura-se solidária com a **estrutura OO** (Fase II construtiva, do início do Calcolítico Inicial), que flanqueia do lado externo a passagem existente na segunda linha defensiva (**estrutura O1**), enquanto a **estrutura OO2 (Figs. 99, 292 e 294)** é mais recente, reportável à Fase IV construtiva, do final do Calcolítico Inicial.

Enfim, ao Calcolítico Pleno/Final pertence uma estrutura habitacional explorada em 1987 e cuja cronologia foi agora confirmada: trata-se da **estrutura JJ (Figs. 118 e 296)**, parcialmente sobreposta à **estrutura OO (Figs. 292, 293 e 294)**, de natureza defensiva, já acima referida, à qual se associa uma lareira estruturada de planta sub-circular, a **estrutura JJ1 (Fig. 118)**, igualmente integrada na Fase V construtiva.

1999

A 17.ª campanha de escavações realizada em Leceia teve como objectivo primordial o alargamento das áreas escavadas no espaço entre a primeira e a segunda linhas defensivas, com o objecto de recolher mais informação acerca da organização arquitectónica e da natureza funcional das diversas estruturas ali existentes.

Em 1999 procedeu-se à abertura de dois sectores, separados por passadiço de madeira entretanto construído. Assim, do lado nascente deste, a escavação partiu do limite atingido pela mesma em 1998. Concluiu-se a escavação da **estrutura PP (Figs. 292, 293 e 294)**, confirmando-se a planta elipsoidal da mesma, correspondente a uma grande estrutura habitacional revelando duas fases construtivas, ambas integráveis no Calcolítico Pleno/Final (Fase V construtiva). Em local adjacente, e parcialmente sobreposta à **estrutura PP (Figs. 292, 293 e 294)**, identificou-se outra estrutura, da mesma época e características, também de grandes dimensões e igualmente de planta elipsoidal, com muro robusto, definido por dois alinhamentos de blocos com enchimento intermédio, a **estrutura FR (Figs. 117 e 308)**. No interior desta estrutura, correspondente a espaço parcialmente comum ao interior da **estrutura PP**, desenvolvia-se superfície lajeada, correspondentes às **estruturas FS** e **FV**.

Na extremidade meridional deste sector, identificou-se uma terceira estrutura do mesmo tipo, e a mais importante de todas, tanto pelas dimensões, como pela qualidade da construção evidenciada. Trata-se da **estrutura FT (Figs. 303, 304 e 305)**, de planta elipsoidal como as duas anteriores, possuindo um eixo maior com cerca a 14,0 metros de comprimento e um eixo menor com cerca de 6,0 metros de comprimento, inscrevendo-se, como aquelas, na fase final da ocupação do povoado, o Calcolítico Pleno/Final (Fase V construtiva). É digna de registo a qualidade construtiva evidenciada pelo duplo paramento de blocos arrumados, com enchimento intermédio, a par da passagem nela identificada, a **estrutura FT1 (Figs. 303, 304 e 305)**, constituindo corredor com o piso lajeado, a que se acede, vindo do exterior, através de área igualmente lajeada. Ambas as extremidades deste corredor encontram-se definidas por lajes estreitas e alongadas colocadas transversalmente, consti-

tuindo soleiras, idênticas à observada na **estrutura L (Figs. 73, 74 e 75)**, explorada em 1986, embora esta seja de fase construtiva mais antiga (Fase IV construtiva, do final do Calcolítico Inicial).

É ainda de referir a **estrutura EV (Fig. 117)**, de planta curvilínea adossada ao paramento externo da **estrutura U** e da **estrutura O**, integradas na segunda linha defensiva, claramente de cronologia mais recente, integrada no Calcolítico Pleno/Final (Fase V construtiva). Sob este aspecto, é evidente a sua semelhança com a **estrutura HH (Figs. 105, 106 e 260)**, explorada em 1988, totalmente adossada à **estrutura GG2 (Figs. 105, 106 e 107)**, e, tal como ela, munida de uma estrutura de combustão, a **estrutura EV1**.

Enfim, do lado externo da **estrutura EV (Fig. 117)** e adjacente às **estruturas FR (Figs. 117 e 308)** e **FT (Figs. 303, 304 e 305)**, identificou-se lajeado correspondente a uma área de circulação a céu aberto, de serventia àquelas unidades habitacionais, a **estrutura FZ (Fig. 117)**, naturalmente pertencente à mesma época, o Calcolítico Pleno/Final (Fase V construtiva).

No sector situado a poente do passadiço, foi escavada área de planta sub-trapezoidal alongada, com 11 metros de comprimento por 5 metros de largura, na qual se registaram diversas estruturas de carácter habitacional, igualmente inscritas no Calcolítico Pleno/Final (Fase V construtiva).

Para além das **estruturas FR (Figs. 117 e 308)** e **FT (Figs. 303, 304 e 305)**, foram postas a descoberto duas estruturas de combustão geminadas, as **estruturas FX1 (Figs. 308 e 309)** e **FX2 (Figs. 308 e 309)**, com paralelos nas que em 1983 se escavaram no interior da **estrutura A**, as **estruturas A1 (Fig. 32)** e **A2 (Fig. 32)**, também do Calcolítico Pleno/Final (Fase V construtiva). Esta situação pode estar relacionada com distintos usos culinários para estes pares de estruturas, que assim se complementavam funcionalmente. É interessante notar que, no caso das exploradas em 1999, se observou a utilização de pequenos blocos alongados de basalto, a par dos de calcário, evidenciando o pragmatismo destes últimos habitantes do povoado.

O principal resultado obtido nesta campanha de escavações foi a demonstração da intensa ocupação de natureza habitacional do espaço situado entre a primeira e a segunda linhas defensivas, caracterizado pela construção de grandes estruturas de uma assinalável qualidade construtiva e coerência arquitectónica, caracterizadas por plantas elipsoidais, susceptíveis de albergar cada uma delas até cerca de duas dezenas de habitantes.

2000

Prosseguiu o alargamento para sul da área escavada em 1999, tendo por objectivo a conclusão da investigação da grande estrutura de planta elipsoidal que se identificou nesse ano (**estrutura FT**), tendo-se verificado a interrupção da mesma no terreno, permitindo, no entanto, calcular as suas dimensões, acima indicadas.

Neste ano, escavou-se uma área aproximadamente rectangular, com cerca de 120 m^2 em continuidade com a frente da escavação de 1999, com o comprimento de 15 metros, e a largura média de 8 metros. Foi identificada outra estrutura habitacional – **estrutura GA (Figs. 307, 310 e 311)** – do Calcolítico Pleno/Final (Fase V construtiva). É interessante verificar que, no interior se dispersavam várias lajes que correspondiam aos vestígios do chão pavimentado que outrora ali teria existido. Nela se recolheu numeroso espólio, destacando-se importante conjunto de peças de cobre e de osso; destaca-se um cinzel, pequenos furadores de secção rectangular e a metade distal de pequeno machado de cobre, recolhido na camada subjacente à **estrutura FT** (CARDOSO et al, 2020, Fig. 5, n.º 1).

A presença de peças de cobre, por um lado, e as informações estratigráficas, por outro, são condizentes com a atribuição desta estrutura ao Calcolítico Pleno/Final. Com efeito a estrutura foi construída no nível de derrubes pedregosos já em parte anteriormente formados, correspondente à Camada 2 da sequência geral estabelecida, onde abundam materiais arqueológicos do grupo "folha de acácia" e "crucífera", conferindo a todo o espaço entre a primeira e a segunda linhas defensivas um acentuado cunho habitacional, que ascenderia a várias dezenas de potenciais ocupantes.

A escavação parcial da **estrutura GA (Figs. 307, 310 e 311)** veio revelar a assinalável potência estratigráfica a ela subjacente, justificando-se a realização, no ano seguinte, de um novo corte estratigráfico susceptível de atingir o substrato geológico, encontrado a assinalável profundidade.

Por outro lado, verificou-se que a Camada 2, cuja formação foi coeva da construção e utilização destas estruturas, se encontrava sobreposta por espessa camada de época moderna, terrosa, húmica, anegrada, com potência média de 0,60 metros, resultante de aterro realizado nos séculos XV ou XVI, com sucessivos contributos ulteriores, até ao século XVIII, como comprovam os numismas e as características das cerâmicas recolhidas (CARDOSO & MAGRO, 1999/2000). É crível que tais entulhos tenham origem na povoação vizinha, sendo provavelmente relacionáveis com o antigo caminho que atravessava o povoado pré-histórico, ligando Barcarena a Leceia de Baixo, pequeno núcleo urbano separado ainda em 1878 de Leceia de Cima, como é indicado na planta de Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1878).

2001

Na campanha de 2001 procedeu-se ao alargamento para sul da área escavada em 2000, correspondendo aproximadamente a um rectângulo com 4 metros de lado por 8 metros de comprimento, tendo por objectivo concluir a escavação da **estrutura GA (Figs. 307, 310 e 311)** e proceder a vários cortes estratigráficos, face à assinalável potência da sucessão estratigráfica, conforme já verificado na campanha do ano transacto. Deste modo, confirmou-se a integração da **estrutura GA** no Calcolítico Pleno/Final, tendo-se verificado que o interior do recinto, se encontrava forrado por pequenas lajes tabulares de calcário, parcialmente conservadas, denotando que o pavimento fora objecto de rearranjos, pois as pequenas lajes que o constituíam, por vezes, apresentavam-se sobrepostas.

Realizou-se, através de corte executado transversalmente à estrutura acima referida, a caracterização detalhada da estratigrafia, com cerca de 2,5 metros de potência, representada por uma sucessão completa, confirmando plenamente as observações dos registos anteriores. Com efeito, a área em causa correspondia à zona nuclear do povoado pré-histórico, sendo assim propícia a assinalável acumulação de depósitos, os quais se conservaram devido á existência de um importante desnível no substrato rochoso. Deste modo, foi possível a realização de cinco cortes estratigráficos completos, interessando toda a sucessão, até ao substrato, e a recolha de um copioso conjunto artefactual, especialmente na camada mais profunda, do Neolítico Final, o pior representado.

O corte realizado na frente sul da escavação pode considerar-se como sendo o que oferece maior riqueza descritiva, conforme se encontra indicado no capítulo Oito, dedicado ao estudo dos diversos cortes estratigráficos realizados em Leceia desde o início das escavações (ver **Fig. 322**).

2002

A campanha de escavações de 2002 tinha por objectivo a investigação de um sector intramuros que ainda não tinha sido efectuada em profundidade. Trata-se de uma zona situada entre a segunda e a terceira linhas defensivas, na zona nuclear do espaço outrora habitado, a qual apenas tinha sido superficialmente escavada entre 1983 e 1987 (Camada 2), tendo presente a possibilidade de ali também existir – à semelhança do verificado em 2001 – uma sequência estratigráfica ainda bem conservada em profundidade, coeva da construção da fortificação, bem como de estruturas arqueológicas de carácter habitacional, para além de importante espólio arqueológico bem estratigrafado.

A extensão e a geometria da área escavada em 2002, de contorno poligonal, foi condicionada pela pré-existência, do lado ocidental, do paramento interno da **Muralha O**, integrada na segunda linha defensiva; do lado oriental, o limite da escavação foi imposto pelo desenvolvimento do passadiço de madeira, instalado para a circulação de visitantes; e, por último, tanto a Norte como a Sul, pela existência de estruturas arqueológicas, ou pela própria presença de afloramentos geológicos, que a limitaram de aqueles dois lados.

Foi possível identificar e isolar duas estruturas de natureza distinta: a **estrutura GB (Figs. 316 e 317)** e a **estrutura GC (Fig. 316)**. Ambas se situam na base da Camada 3, sendo, deste modo, atribuídas à Fase II construtiva, do início do Calcolítico inicial e, por conseguinte coevas da fase construtiva inicial de todo o dispositivo defensivo.

A **estrutura GB** corresponde a lajeado formado por robustos blocos irregulares de calcário, ajustados entre si, definindo uma superfície nivelada, conectada com a existência de uma entrada situada na **Muralha O** (segunda linha defensiva), a qual ainda não tinha sido reconhecida. Esta estrutura é, na sua constituição, muito distinta dos lajeados de natureza habitacional do Calcolítico Pleno, destinados a forrar o interior das habitações, constituídos em geral por lajes mais finas e tabulares.

A **estrutura GC (Fig. 316)** é uma lareira estruturada, sem que tenha sido determinada relação espacial com qualquer unidade habitacional, podendo, deste modo, ser interpretada como de ar livre.

Tal como na campanha anterior, o espólio arqueológico recuperado foi também numeroso e significativo, neste caso reservado à Camada 3, do Calcolítico Inicial, já que a Camada 2 tinha sido removida em 1986.

No conjunto do espólio arqueológico recolhido, destacam-se alguns exemplares de relevância particular, como são os pequenos cilindros achatados, de osso ou de calcite, e os alfinetes, representados por exemplar intacto, com cabeça torneada em forma de bolbo de papoila e outro, fragmentado, de marfim – a primeira peça feita inquestionavelmente em tal matéria-prima, recolhida em Leceia – que documenta, por si só, contactos directos ou indirectos com o território norte-africano. Tal motivo justificou a publicação, logo naquele mesmo ano de 2002, de um estudo monográfico (CARDOSO, 2002), o primeiro desta índole realizado para uma produção calcolítica do território português, o qual foi prosseguido por outros, que deram a conhecer a, até então, insuspeitada riqueza e diversidade de tais produções calcolíticas na região estremenha (SCHUHMACHER, BANERJEE & CARDOSO, 2009; SCHUHMACHER & CARDOSO, 2007; CARDOSO & SCHUHMACHER, 2012).

Outra observação científica relevante obtida em 2002 foi a recolha de um depósito constituído por número assinalável de machados de pedra polida, constituindo provavelmente uma reserva que seria utilizada à medida das necessidades.

EPÍLOGO

Após vinte anos de escavações ininterruptas, sempre dirigidas pelo Autor, deram-se por concluídos os trabalhos, por se considerar que, escavada a estação na sua quase totalidade, importava proceder à continuação do estudo sistemático dos materiais recolhidos. Com a conclusão dos trabalhos de campo, reuniam-se também as condições adequadas para a musealização da estação, cujo aproveitamento lúdico-cultural remonta a 1988.

No final da campanha de 2002, cerca de 90% da área primitivamente ocupada pela estação (área intramuros) encontrava-se escavada, correspondendo a, aproximadamente, 11 000 metros quadrados. Tal área faz de Leceia o povoado pré-histórico existente no território português até ao presente escavado em maior extensão, e com mais e melhor informação recolhida, pois foi possível, pela primeira vez, relacionar de forma articulada e coerente, sem necessidade de recurso a reconstituições produzidas depois dos trabalhos de campo terem sido concluídos, e por conseguinte impossíveis de comprovação no terreno três vertentes principais, cuja articulação se revelou determinante para a reconstituição da evolução da ocupação humana observada:

i) a sequência estratigráfica, controlada pela cronologia absoluta, com base nas dezenas de amostras datadas até ao presente;
ii) a integração cultural da sequência estratigráfica com base na tipologia dos materiais arqueológicos correspondentes a cada uma das camadas registadas;
iii) a sequência construtiva, representada por estruturas de natureza defensiva e habitacional que ao longo do tempo foram sendo construídas e sua correlação com a sequência estratigráfica definida.

Tais princípios, exaustivamente valorizados ao longo dos anos, como evidenciam as publicações produzidas, conferem a Leceia importância ímpar, no contexto da pré-história do ocidente europeu, conforme vem sendo reconhecido internacionalmente.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Fig. 23 – Leceia 1983. Vista geral da área escavada, com a camada de derrubes parcialmente removida, evidenciando-se o alinhamento de blocos correspondente à **estrutura I**, em 1º plano, ao centro. Notem-se as caldeiras realizadas para o plantio de eucaliptos, antes do início das escavações.

Fig. 24 – Leceia 1983. Vista parcial da área escavada, evidenciando-se, em 1º plano, o desenvolvimento da **estrutura I**, sob a camada de derrubes observada em 2º plano.

Fig. 25 – Leceia 1983. Vista geral das escavações, observando-se o moinho ainda arruinado, designado por Carlos Ribeiro por "moinho da Moura" e, mais tarde, por Leite de Vasconcelos por "moinho do Pires".

Fig. 26 – Leceia 1984. Vista parcial da área escavada, com a abertura de mais um sector (à direita), evidenciando-se em segundo plano alinhamento de blocos correspondentes à **estrutura F**. Em último plano, observa-se pequena porção da face externa da **estrutura A**.

Fig. 27 – Leceia 1984. Vista geral do sector cuja escavação se iniciou em 1983, evidenciando-se com o aprofundamento da escavação, as duas fases construtivas ali identificadas através da sobreposição da **estrutura I** (Calcolítico Pleno/Final) à **estrutura DD** (Calcolítico Inicial).

Fig. 28 – Leceia 1984. Vista parcial da área escavada evidenciando-se a sobreposição da **estrutura I** à **estrutura DD**.

Fig. 29 – Leceia 1984. Pormenor da junção da **estrutura DD** (à esquerda) à **estrutura B** observando-se o nível de fundação de ambas, assente em camada amarelada do Calcolítico Inicial (C.3). Na base, sobre o substrato geológico, correspondente a bancada de calcário duro cretácico, conservou-se camada castanho-avermelhada com espólios do Neolítico Final (C.4).

Fig. 30 – Leceia 1984. Pormenor de um vaso esférico, de grandes dimensões ("vaso de provisões") esmagado *in situ*, com a característica decoração em "folha de acácia" e em "crucífera", típica do Calcolítico Pleno/Final da Estremadura, recolhido na camada 2.

LECEIA
84-V2
Q2

LECEIA
84-V6
Q2

Fig. 31 – Leceia 1984. Pormenor da estratigrafia observada no exterior da **estrutura C**, situada do lado direito da foto (não visível), evidenciando-se a imbricação dos derrubes dela provenientes.

Fig. 32 – Leceia 1984. Pormenor da **estrutura A**, no interior da qual se observam duas estruturas de combustão geminadas (**estruturas A1** e **A2**), implantadas no canto da habitação, delimitado pelas **estruturas F** e **I**.

Fig. 33 – Leceia 1984. Ao centro observa-se a junção da **estrutura DD** à **estrutura E**, com duas fases construtivas, observando-se, no interior da mesma, parte das lages de calcário que forravam o piso da respectiva habitação (**estrutura B**).

Fig. 34 – Leceia 1984. Pormenor dos trabalhos de escavação.

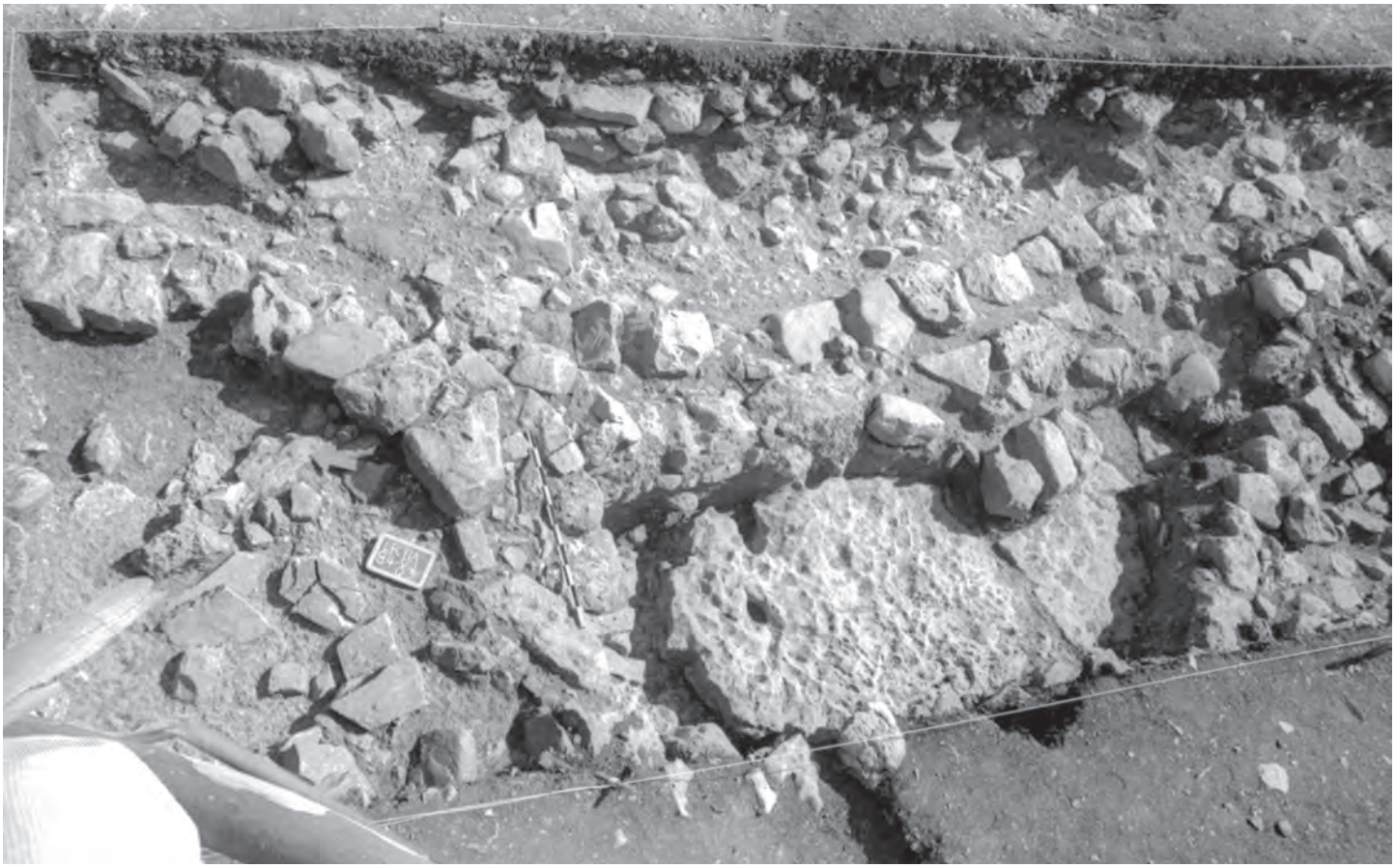


Fig. 35 – Leceia 1985. Vista parcial da área escavada observando-se, da esquerda para a direita o estreito corredor rectilíneo existente intramuros (**estruturas D1** e **D3**), a face externa da **estrutura D**, à qual se encosta a **estrutura C**, visível do lado direito da foto.

Fig. 36 – Leceia 1985. Aspecto parcial do caminho parcialmente forrado por grandes lajes horizontais existente do lado interno da **estrutura D**, definido pelas **estruturas D1** e **D3**, correspondentes a muros rectilíneos.

Fig. 37 – Leceia 1985. Vista parcial do caminho parcialmente forrado de grandes lajes horizontais existente do lado interno da **estrutura D**, definido pelas **estruturas D1** e **D3**, correspondentes a muros rectilíneos.

Fig. 38 – Leceia 1985. Vista parcial da área escavada. Em primeiro plano, observa-se a **estrutura I** correspondente a muro rectilíneo com paramento duplo, identificado em 1984. Em segundo plano, observa-se a **estrutura C** e a **estrutura D**, então acabadas de identificar.

Fig. 39 – Leceia 1985. Vista parcial lateral da **estrutura D**, evidenciada pelo paramento externo, à direita, terminando em bisel, em primeiro plano.

Fig. 40 – Leceia 1985. Pormenor da **estrutura C**, munida de uma fresta que a atravessava (**estrutura C2**) pouco acima do embasamento, podendo relacionar-se com a ventilação de uma estrutura de combustão identificada no seu interior, visível em 2º plano (**estrutura C1**).

Fig. 41 – Leceia 1985. Pormenor da definição do paramento externo da **estrutura D** integrada na terceira linha defensiva.

Fig. 42 – Leceia 1985. Vista frontal parcial da **estrutura C**, evidenciando-se, ao centro, a fresta que a atravessava, provavelmente destinada ao arejamento do seu interior.

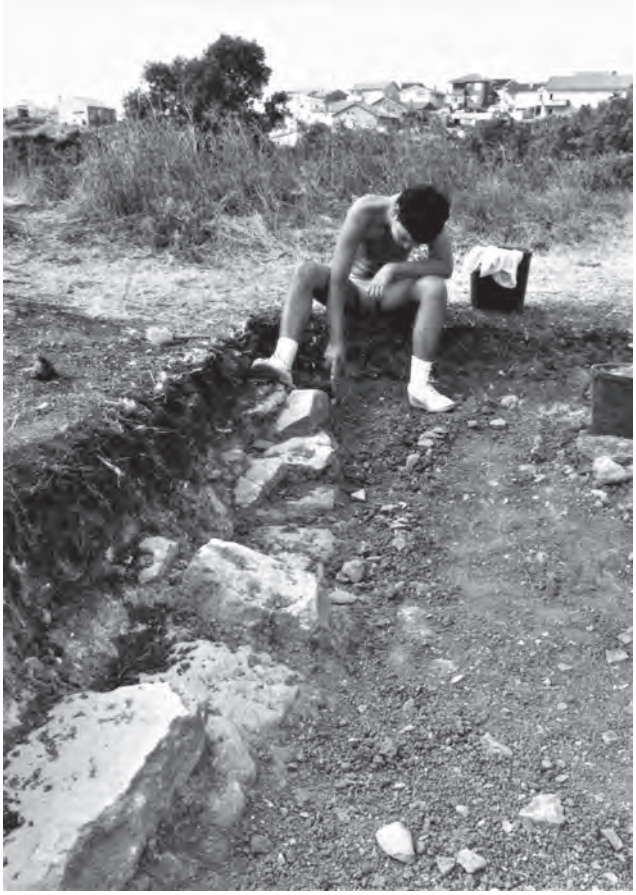


Fig. 43 – Leceia 1985. Vista parcial da área escavada evidenciando-se a sobreposição da **estrutura I** à **estrutura DD**, conforme ficou evidenciado no ano anterior.

Fig. 44 – Leceia 1985. Pormenor da fundação da **estrutura C** no sector onde se observa uma fresta (**estrutura C 2**) provavelmente destinada ao arejamento interior daquela.

LEDEIA
13-8-85
QIV3;1

Fig. 45 – Leceia 1985. Vista parcial da área escavada, observando-se ao fundo a face externa da **estrutura D**, à qual se adossou a **estrutura C**, no interior da qual se identificou estrutura de combustão (**C1**). Notar alguns blocos imbricados, correspondentes a derrubes da **estrutura C**.

Fig. 46 – Leceia 1985. Vista parcial da área escavada evidenciando-se a sobreposição da **estrutura I** à **estrutura DD**, tendo aquela sido parcialmente destruída antes do início das escavações pela abertura de caldeiras para a plantação de eucaliptos. A **estrutura I** delimita conjuntamente com a **estrutura F**, uma unidade habitacional (**A**) possuindo o chão revestido de lajes, visíveis na foto.

Fig. 47 – Leceia 1985. Pormenor da junção da face externa da **estrutura D** à **estrutura C**, fundadas na C.4, de coloração castanho--avermelhada, com espólios do Neolítico Final.

Fig. 48 – Leceia 1985. A **estrutura A**, com o piso interior parcialmente lajeado, definida pela **estrutura I,** em primeiro plano, e pela **estrutura F**, correspondente a muro rectilíneo, visível do lado esquerdo.

LECEIA
85 QL4

LECEIA
85 QL4.2

Fig. 49 – Leceia 1985. Vista parcial da **estrutura E**, evidenciando-se duas fases construtivas: do lado direito, a mais antiga, do Calcolítico Inicial; do lado esquerdo, a mais moderna, do Calcolítico Pleno/Final, fundada em sedimentos argilosos compactos amarelados (C.3).

Fig. 50 – Leceia 1985. Vista parcial das duas fases construtivas da **estrutura B**, definida por muros de épocas distintas: o da esquerda mais antigo do que o da direita, respectivamente do Calcolítico Inicial e do Calcolítico Pleno/Final.

LECEIA
85 QI5;9

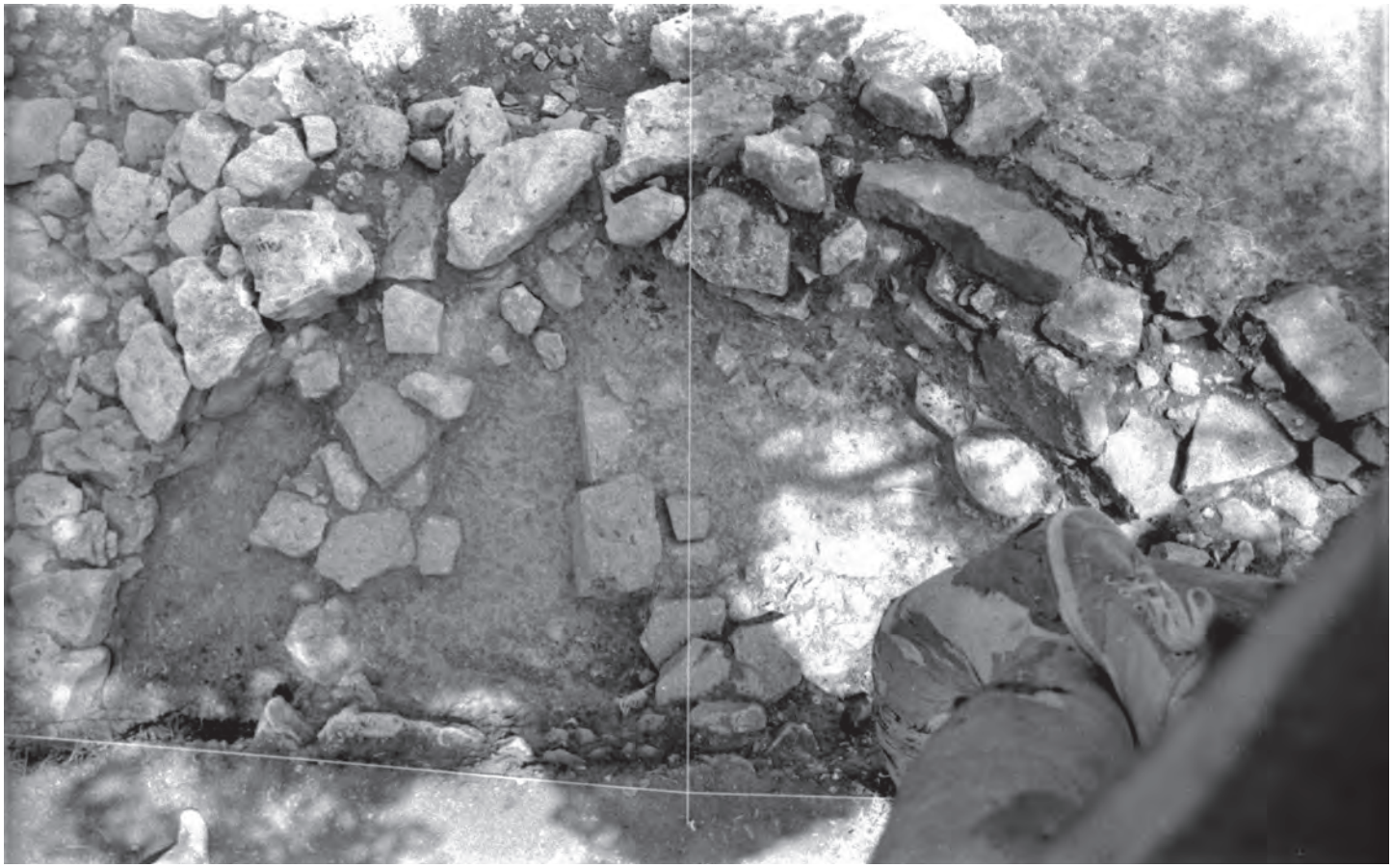


Fig. 51 – Leceia 1986. Vista parcial da área explorada. Ao centro, a **estrutura C**, integrada na terceira linha defensiva.

Fig. 52 – Leceia 1986. Vista parcial da área escavada. Ao centro observa-se, do lado esquerdo, parte da **estrutura C**, e do lado direito a **estrutura G**, integradas na terceira linha defensiva. Em primeiro plano, e fechando o espaço exterior definido pelas duas estruturas referidas, desenvolve-se em posição frontal a estas a **estrutura F**, definindo em conjunto um espaço habitacional (**a estrutura P**), em cujo chão foi construída uma estrutura de combustão, correspondente a empedrado de contorno sub-rectangular (**estrutura P 1**).

Fig. 53 – Leceia 1986. Vista parcial da área escavada. Ao centro, a **estrutura P**, delimitada do lado esquerdo e do lado direito, respectivamente pelas **estruturas C e G** e, em primeiro plano, pela **estrutura F**, destinada a encerrar o espaço habitacional assim criado.

Fig. 54 – Leceia 1986. Vista parcial da área escavada, observando-se o desenvolvimento longitudinal da terceira linha defensiva. Do lado interior desta, identificou-se estrutura habitacional definida por muro curvilíneo a ela adossada, com o interior forrado de lajes (**estrutura D2**) e, do lado esquerdo desta, um caminho estreito, definido de ambos os lados por muros rectilíneos (**estruturas D1** e **D3**).

Fig. 55 – Leceia 1986. Vista parcial da área escavada, correspondente à vista lateral da terceira linha defensiva, integrando a **estrutura D**, à esquerda, e as **estruturas C** e **G**, a ela adossadas, delimitando um espaço fechado por muro rectilíneo, a **estrutura F**, definindo em conjunto a **estrutura P**.

Fig. 56 – Leceia 1986. Ao centro, a **estrutura P**, delimitada de dois lados pelas **estruturas C** e **G**, respectivamente em primeiro e em segundo plano, a qual é fechada pelo muro rectilíneo, a **estrutura F**, visível do lado direito da foto.

Fig. 57 – Leceia 1986. Vista geral da **estrutura G**, no início da sua exploração, evidenciando-se o reforço (**estrutura G1**), constituído por grandes blocos calcários com o intuito de aumentar a espessura do muro, por forma a possibilitarem o respectivo alteamento.

Fig. 58 – Leceia 1986. Vista lateral do desenvolvimento da terceira linha defensiva, integrando diversos bastiões do seu lado externo (**estruturas C** e **G**). Note-se que o interior da **estrutura C** comunica directamente através da passagem visível em primeiro plano, com o pavimento lajeado (**estrutura D5**).

Fig. 59 – Leceia 1986. A **estrutura G** em curso de escavação, evidenciando-se o enchimento caótico de blocos, em parte engrenados uns nos outros, indiciando acumulação intencional por forma a transformá-la numa estrutura maciça.

Fig. 60 – Leceia 1986. Vista geral da **estrutura G** em curso de escavação, evidenciando-se em primeiro plano o alinhamento de grandes blocos correspondentes ao paramento externo da **estrutura D**, correspondente à terceira linha defensiva.

Fig. 61 – Leceia 1986. Vista do lado interno da **estrutura G**, adossada à **estrutura D**, em primeiro plano, fundadas no substrato geológico constituído por bancadas de calcários subcristalinos cretácicos, ou nos enchimentos existentes entre estas com materiais do Neolítico Final.

Fig. 62 – Leceia 1986. Pormenor do paramento interno da **estrutura G**, fundada em bancada de calcários duros cretácicos.

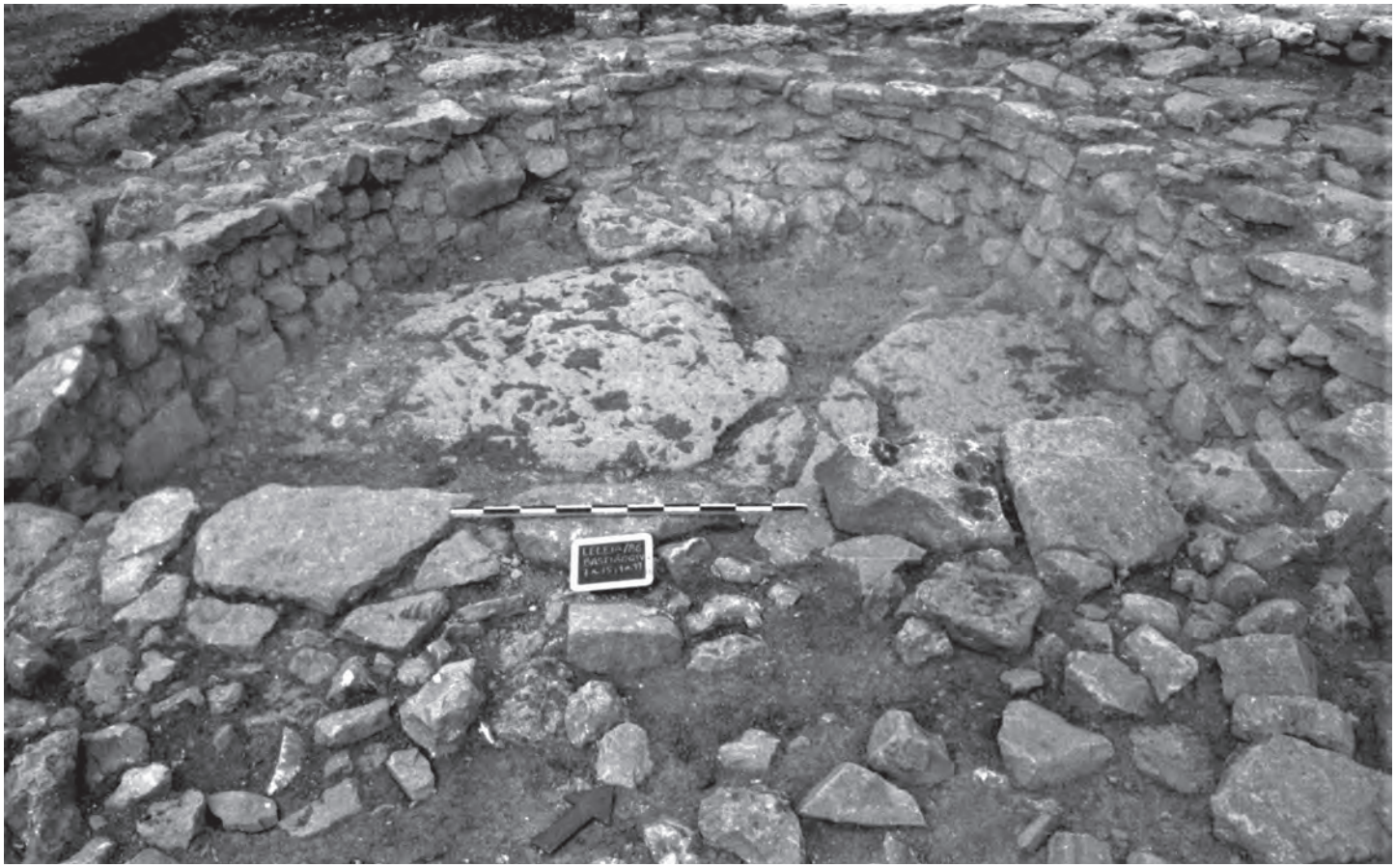


Fig. 63 – Leceia 1986. Vista parcial do interior da **estrutura G** observando-se a sua junção à **estrutura D**, ambas fundadas no substrato geológico construído por calcários duros cretácicos, ou nos enchimentos entre estes existentes, com materiais do Neolítico Final.

Fig. 64 – Leceia 1986. Pormenor do aparelho construtivo do paramento externo da **estrutura D**, observado no sector interno da **estrutura G**, fundado no substrato geológico constituído por bancadas de calcários duros cretácicos.

Fig. 65 – Leceia 1986. Vista geral da **estrutura G**, depois de completamente explorada, e sua integração na paisagem envolvente.

Fig. 66 – Leceia 1986. Pormenor da **estrutura G**, em fase de escavação, adossada à **estrutura D**, evidenciando duas fases de construção bem definidas, correspondendo a mais moderna ao seu reforço do lado externo por grandes blocos adossados ao paramento pré-existente.

Fig. 67 – Leceia 1986. Pormenor do encontro da **estrutura G** (lado setentrional), evidenciando-se as duas fases construtivas nela identificadas, com o paramento externo da **estrutura D**.

Fig. 68 – A **estrutura G**, depois de completamente explorada. Nota-se a existência de duas fases construtivas, a mais recente corporizada por blocos de grandes dimensões adossados ao paramento externo primitivo da estrutura, a qual se encontra fundada no substrato geológico ou no enchimento das anfractuosidades deste, com materiais do Neolítico Final. Em segundo plano, observa-se o paramento externo da **estrutura D**.

Fig. 69 – Leceia 1986. Vista vertical da passagem lajeada (**estrutura D5**), definida na terceira linha defensiva pelas **estruturas H**, em primeiro plano, e **C**, em segundo plano. Sob a escala, desenvolve-se a **estrutura D4**, correspondente a um maciço de alvenaria de planta rectangular, adossado à **estrutura H**, destinado a dificultar a circulação ou em alternativa relacionado com um sistema de fecho da passagem, em madeira.

Fig. 70 – Leceia 1986. Vista parcial obtida no decurso dos trabalhos de campo, observando-se em primeiro plano, o interior da **estrutura G**, já completamente escavado.

Fig. 71 – Leceia 1986. Vista parcial do interior da **estrutura G**, evidenciando-se as bancadas calcárias cretácicas sobre as quais foi fundada, bem como nos preenchimentos entre aquelas, com espólios do Neolítico Final.

Fig. 72 – Leceia 1986. Vista parcial da área escavada evidenciando-se, em primeiro plano, o desenvolvimento curvilíneo da **estrutura NN**, vista do seu lado interno, correspondendo os dois blocos de grandes dimensões colocados verticalmente, visíveis em segundo plano, ao paramento interno da **estrutura D**.

Fig. 73 – Leceia 1986. Vista parcial da área escavada, observando-se à esquerda e em primeiro plano a **estrutura C**, a partir da qual se desenvolve a **estrutura DD**, à esquerda, e, à direita, as **estruturas J, Q** e **L** que definem em conjunto, com a anterior, um caminho sinuoso que atravessa todo o espaço situado entre a segunda e a terceira linhas defensivas, articulado com duas passagens existentes em cada uma delas.

Fig. 74 – Leceia 1986. Vista parcial da área escavada, evidenciando-se, ao centro, a **estrutura L** e, em segundo plano, as **estruturas M** e **N**.

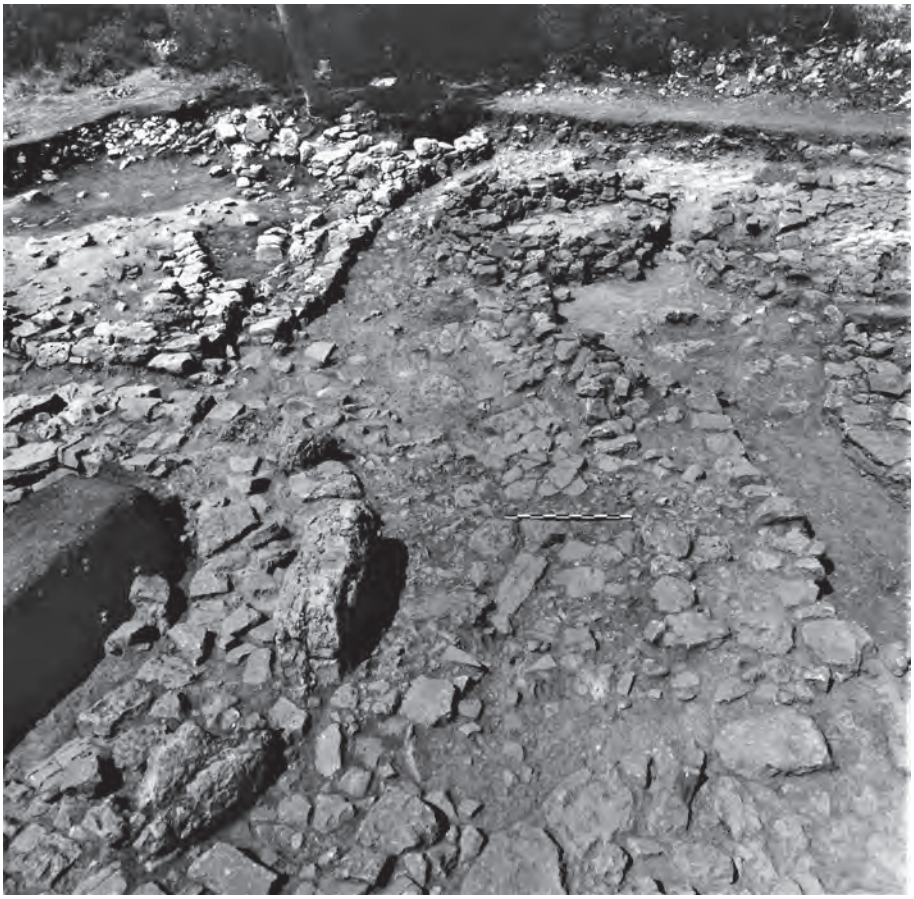


Fig. 75 – Leceia 1986. Vista geral da **estrutura L**, depois de escavada, de planta sub-circular com o interior pavimentado por lajes, que se prolongam por um átrio exterior (**estrutura L1**). Note-se a existência de uma soleira, marcando a entrada no interior do recinto.

Fig. 76 – Leceia 1986. Vista geral da **estrutura L**, de planta sub-circular, definida por muro com duplo paramento, interior lajeado e entrada marcada por soleira exterior, associada a lajeado parcialmente visível em primeiro plano.

Fig. 77 – Leceia 1986. Vista parcial da **estrutura L1**, correspondente a lajeado exterior da **estrutura L**, cuja soleira, marcando a respectiva entrada, se vê em primeiro plano.

Fig. 78 – Leceia 1986. Vista do interior da **estrutura L**, com o pavimento revestido de lajes, comunicando com o exterior por uma passagem munida de uma laje disposta transversalmente do lado externo.

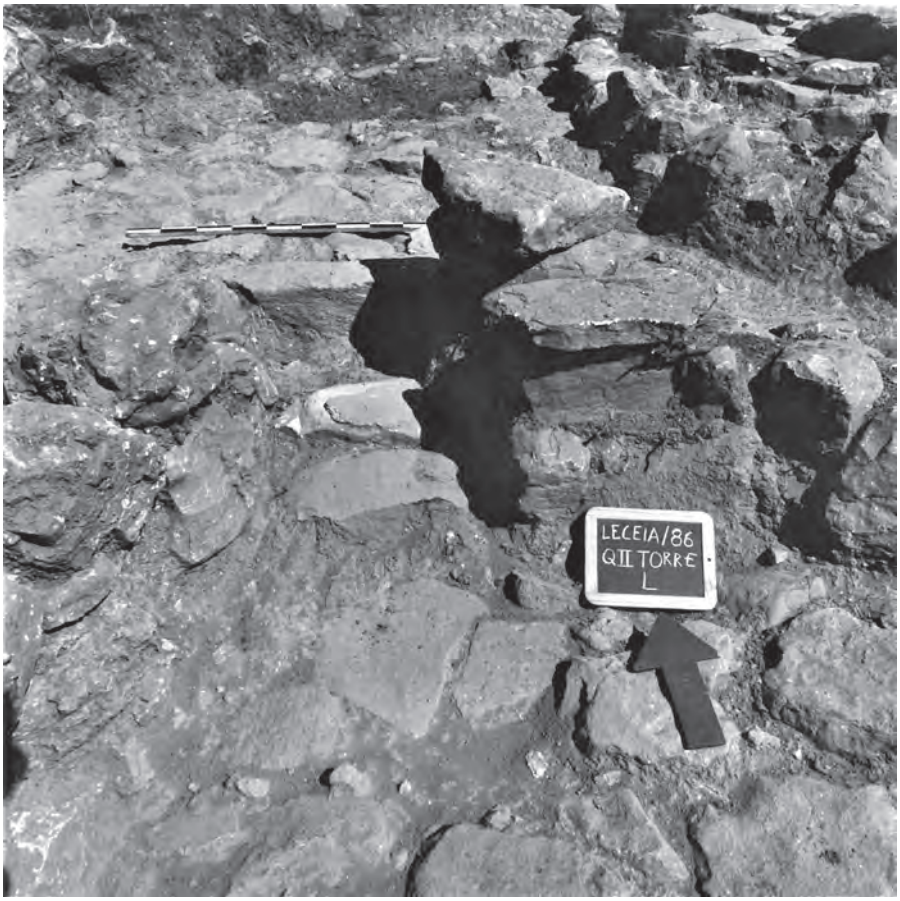

LECEIA/86
Q.II TORRE
L

Fig. 79 – Leceia 1986. Vista parcial da área escavada, evidenciando-se, à direita, as duas estruturas correspondentes a empedrados, **estruturas M** e **N**, atribuídas ao embasamento de eiras.

Fig. 80 – Leceia 1986. Vista parcial obtida no decurso dos trabalhos de campo observando-se ao centro, a **estrutura J**, que delimita parcialmente uma via de circulação principal, que se desenvolvia do seu lado esquerdo entre a segunda e a terceira linhas defensivas. À direita, observam-se dois lajeados de planta sub-circular interpretados como embasamentos de eiras (**estruturas M** e **N**).

Fig. 81 – Leceia 1986. Vista parcial obtida no decurso dos trabalhos de campo. Em primeiro plano, o espaço situado entre as **estruturas C** e **G**, que se verificou corresponder a unidade habitacional (**estrutura P**), em curso de escavação.

Fig. 82 – Leceia 1986. Vista de Nordeste-Sudoeste, observando-se, ao centro uma entrada (**estrutura P4**) dando acesso ao interior da **estrutura P**, que se desenvolve em segundo plano. A referida entrada encontra-se flanqueada pela **estrutura C**, cujo paramento externo se desenvolve do lado esquerdo da foto.

L.E.C.LUVOS
Q.TI.BASTIO
C

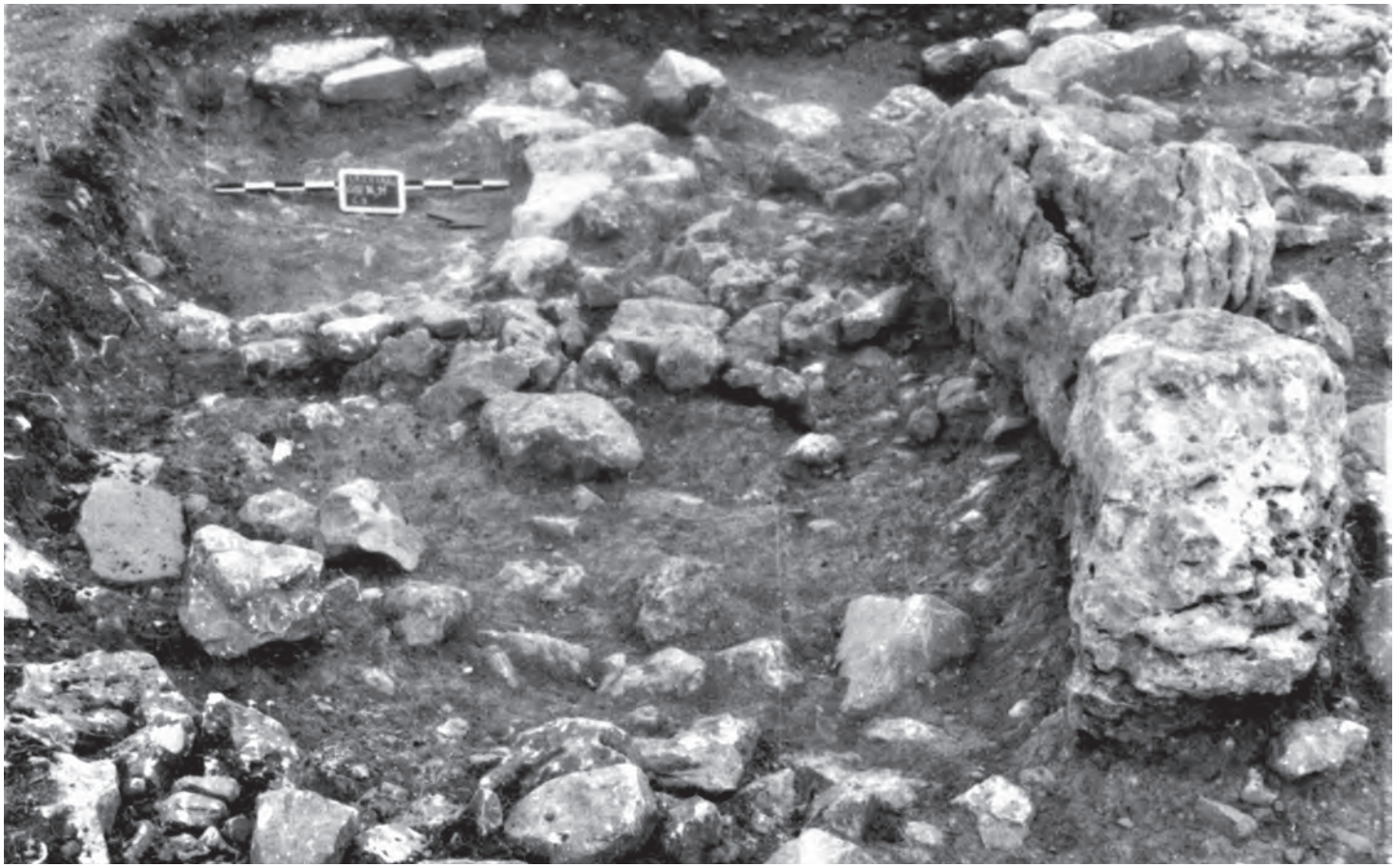
Fig. 83 – Leceia 1986. Vista parcial da **estrutura P**, de natureza habitacional, com o pequeno empedrado de planta sub-quadrangular (**estrutura P1**) na sua parte central, observando-se, em segundo plano, a **estrutura C**, que a delimita de um dos lados.

Fig. 84 – Leceia 1986. Pequeno empedrado de planta sub-quadrangular (**estrutura P1**) existente no interior do espaço habitacional respectivo (**estrutura P**).

LEC EIN 08
QIV ESTR
P-1

Fig. 85 – Leceia 1986. Vista parcial da **estrutura D**, cujo paramento interno se encontra localmente definido por dois grandes blocos calcários colocados ao alto. Do lado interno desta estrutura, observa-se a **estrutura NN**, de planta arqueada, parcialmente escavada, correspondente a unidade habitacional.

Fig. 86 – Leceia 1986. Pormenor da técnica construtiva da **estrutura C**, correspondente, ao sector onde o seu paramento externo se encontra reforçado por dois grandes blocos colocados verticalmente, dos quais se observa um deles.



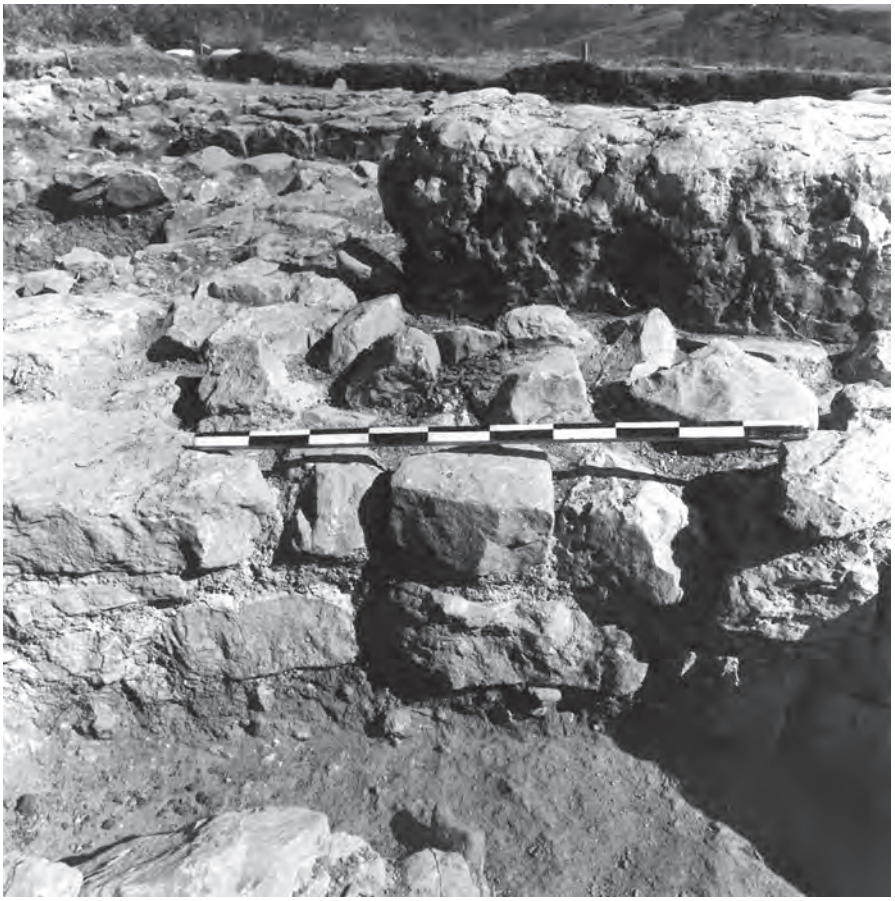


Fig. 87 – Leceia 1987. Vista dos dois lajeados de planta sub-circular (**estruturas M** e **N**), parcialmente destruídas pela abertura de caldeiras para o plantio de eucaliptos, antes do início das escavações, interpretadas como o embasamento de eiras. Em primeiro plano, a **estrutura N**, evidenciando duas fases construtivas, correspondendo a mais antiga, a estrutura de maiores dimensões.

Fig. 88 – Leceia 1987. A passagem (**estrutura O1**) existente na segunda linha defensiva, com apenas cerca de 1,0 m de largura.

LECTIVA
LINHA

Fig. 89 – Leceia 1987. Alçado do lado nascente da passagem (**estrutura O1**) existente na segunda linha defensiva, evidenciando duas fases construtivas por adição à **estrutura O** (à esquerda), de uma nova estrutura (**estrutura O2**), com o objectivo de permitir o seu alteamento (à direita).

Fig. 90 – Leceia 1987. Pormenor do alçado do lado poente da passagem (**estrutura O1**) existente na segunda linha defensiva, evidenciando duas fases construtivas, a mais antiga observada do lado direito integrada na **estrutura U**, a mais recente, situada do lado esquerdo, com um aparelho construtivo totalmente diferente, constituído por lajes dispostas horizontalmente; note-se a solução de continuidade observada entre os dois aparelhos colmatada por dois blocos ali ulteriormente colocados.

1ª LINHA

1ª LINHA
ENTRADA

Fig. 91 – Leceia 1987. Ao centro, observa-se o paramento externo da **estrutura AA**, integrada na terceira linha defensiva, que se observa em segundo plano.

Fig. 92 – Leceia 1988. Vista geral do interior da **estrutura AA**, adossada à **estrutura BB** cujo paramento externo se observa do lado direito da fotografia. Com o interior originalmente lajeado, foi depois parcialmente preenchida por estrutura maciça construída no seu interior (**estrutura AA1**), no âmbito da remodelação deste sector da terceira linha defensiva.

Fig. 93 – Leceia 1987. Pormenor, em primeiro plano, da **estrutura R**, de desenvolvimento rectilíneo, do Neolítico Final, sobreposta pela **estrutura O**, do Calcolítico Inicial, em segundo plano, integrada na segunda linha defensiva.

Fig. 94 – Leceia 1987. Vista parcial do paramento interno da **estrutura BB**, integrada na terceira linha defensiva, assente em parte nas bancadas de calcários duros cretácicos, então aflorantes.

Fig. 95 – Leceia 1988. Vista frontal da **estrutura U**, integrada na segunda linha defensiva, flanqueando de um dos lados a **estrutura O1**, correspondendo a passagem existente naquela linha defensiva, visível do lado esquerdo da fotografia.

Fig. 96 – Leceia 1988. Vista parcial da frente externa da segunda linha defensiva, observando-se do lado esquerdo parte do paramento da **estrutura U**, conectada com a **estrutura O**, evidenciando uma técnica construtiva peculiar correspondendo à fixação vertical de grandes blocos, travados entre si por blocos de menores dimensões, dispostos horizontalmente.

Fig. 97 – Leceia 1988. Vista longitudinal de sector da terceira linha defensiva. Em primeiro plano, a **estrutura D**, rematada por alinhamento transversal de grandes blocos, a que se sucede a **estrutura BB**, mais moderna, que dá continuidade ao desenvolvimento daquela linha defensiva, munida do lado externo de um bastião (**estrutura AA**), visível do lado direito da fotografia.

Fig. 98 – Leceia 1988. Vista da **estrutura AA**, integrada na terceira linha defensiva, observando-se o seu adossamento à **estrutura BB**, cujo paramento externo se encontra evidenciado pelo alinhamento de grandes blocos visíveis em primeiro plano.

Fig. 99 – Leceia 1988. Vista parcial da área escavada do lado externo da segunda linha defensiva. Ao centro, em segundo plano, observa-se passagem nela existente (**estrutura O1**), flanqueada, do lado direito pela **estrutura U**. Em primeiro plano evidencia-se um cunhal anguloso destinado a dificultar o acesso à passagem existente na muralha (**estrutura OO2**), semelhante a outro cunhal situado mais perto da passagem existente na muralha (**estrutura OO1**). Em segundo plano, observa-se o moinho arruinado moderno.

Fig. 100 – Leceia 1988. Vista do lado externo da passagem existente na segunda linha defensiva (**estrutura O1**). À direita, observa-se o paramento da **estrutura U**, que a flanqueia daquele lado; à esquerda, em primeiro plano, vê-se o cunhal anguloso destinado a dificultar a circulação naquele local (**estrutura OO1**).

Fig. 101 – Leceia 1988. Vista parcial do lado interno da segunda linha defensiva, observando-se, ao centro, a passagem correspondente a corredor com piso lajeado que se foi progressivamente estreitando por acrescentos laterais sucessivamente realizados a partir de ambos os lados (**estrutura CC2**).

Fig. 102 – Leceia 1988. Vista do lado externo da passagem existente na segunda linha defensiva (**estrutura CC2**), correspondendo a sua fase mais recente, a estreito corredor com piso lajeado com menos de 1,0 m de largura, em resultado de sucessivos acrescentos laterais executados na primitiva entrada, inicialmente com mais de 5 m de largura.

LECELIA
1988
CC1 C3

Fig. 103 – Leceia 1988. Pormenor do alçado do lado ocidental da **estrutura UU**, correspondente a passagem existente na junção entre a segunda e a terceira linhas defensivas, encontrando-se a escala e o quadro assentes na **estrutura CC1**, correspondente à referida passagem.

Fig. 104 – Leceia 1988. Vista da área adjacente ao lado externo da segunda linha defensiva, junto da passagem nela existente (**estrutura O1**), flanqueada pela **estrutura U**, visível do lado direito da foto.

LECEIA
M88
MURALHA
CC CS

Fig. 105 – Leceia 1988. A **estrutura HH**, constituída por muro curvilíneo de blocos, com duplo paramento, adossado à face interna da **estrutura GG2**. Evidenciam-se duas fases de utilização, a mais antiga correspondente à construção no seu interior de uma estrutura de combustão (**estrutura HH1**), a mais recente coeva do lajeado observado do lado esquerdo da fotografia, cobrindo-a totalmente.

Fig. 106 – Leceia 1988. Interior da **estrutura HH**, definida por muro curvilíneo adossado à face interna da **estrutura GG2**. Observa-se, ao centro, uma estrutura de combustão (**estrutura HH1**), ulteriormente sobreposta por lajeado, que revestiu o piso da habitação.

Fig. 107 – Leceia 1988. Vista frontal do lado interno da passagem existente na segunda linha defensiva (**estrutura GG1**) evidenciando-se, de ambos os lados, dois reforços ulteriormente executados (**estruturas GG2 e GG3**).

Fig. 108 – Leceia 1988. A **estrutura GG1**, correspondente a passagem existente na segunda linha defensiva, vista do seu lado externo. Note-se a existência do piso lajeado, para garantir a resistência do mesmo à circulação de pessoas e animais.

MURALHA
66 C.S

Fig. 109 – Leceia 1988. Vista parcial da segunda linha defensiva (**estrutura GG**), à direita, interrompida por uma passagem (**estrutura GG1**), no exterior da qual se observa a **estrutura II**, correspondente provavelmente a um silo reutilizado como lixeira.

Fig. 110 – Leceia 1988. Vista parcial da área escavada, observando-se o desenvolvimento longitudinal da segunda linha defensiva, munida de uma passagem (**estrutura GG**), no exterior da qual se observa a **estrutura II**, de planta sub-circular fechada, correspondente provavelmente a um silo reaproveitado como lixeira.

Fig. 111 – Leceia 1988. Vista geral da **estrutura II**, correspondendo provavelmente a um silo, reaproveitado como lixeira. Ao fundo, em segundo plano, observa-se passagem na segunda linha defensiva (**estrutura GG1**), vista do lado externo.

Fig. 112 – Leceia 1988. Vista lateral do alçado poente da passagem existente na segunda linha defensiva (**estrutura O1**) evidenciando duas fases construtivas bem diferenciadas pelas características dos respectivos aparelhos.

Fig. 113 – Leceia 1988. Vista frontal da passagem existente na segunda linha defensiva (**estrutura O1**) observada do seu lado interno.

Fig. 114 – Leceia 1989. Vista frontal do paramento externo da **estrutura XX**, integrada na segunda linha defensiva, fundada em depósitos do Calcolítico Inicial. Evidencia-se, do lado esquerdo da foto, assinalável acumulação de blocos, resultantes dos generalizados derrubes das estruturas verificados no decurso do Calcolítico Pleno/Final.

I. ECEIA
1989
XX

Fig. 115 – Leceia 1988. Pormenor da sequência estratigráfica observada no interior da **estrutura HH**, correspondente a unidade habitacional. Observa-se a camada argilosa onde assenta o piso lajeado, correspondente à última fase de ocupação, antecedida pela que corresponde à lareira estruturada correspondendo a caixa rectangular (**estrutura HH1**), parcialmente visível, em segundo plano (ver Figs. 105 e 106).

Fig. 116 – Leceia 1988. Vista parcial do espaço adjacente ao lado externo da **estrutura AA**, integrada na terceira linha defensiva visível do lado esquerdo da fotografia, correspondente a área habitacional, a **estrutura Z**, integrando uma área lajeada (**Z1**) e um empedrado (**Z2**).

LECCIA
1988
CASA 11H
C3

LECCIA
1988
CC C3

Fig. 117 – Leceia 1988. Vista parcial da **estrutura FZ**, situada entre a segunda e a primeira linha defensivas. Em segundo plano observa-se o paramento externo de **estrutura U**, integrada na segunda linha defensiva, defronte da qual se identificaram vestígios das estruturas curvilíneas (**estruturas EV** e **FR**) correspondentes a duas unidades habitacionais.

Fig. 118 – Leceia 1988. Vista da **estrutura JJ**, implantada no lado externo da segunda linha defensiva, constituída por piso lajeado e estrutura de combustão (**estrutura JJ1**). Em segundo plano observa-se o paramento externo da **estrutura U**, integrada naquela linha defensiva.

LECEIA
1988
CASA J J
C2

Fig. 119 – Leceia 1988. Vista frontal da **estrutura LL**, de natureza habitacional, aproveitando o paramento externo da **estrutura O**, integrada na segunda linha defensiva.

Fig. 120 – Leceia 1988. **Estrutura RR**, de natureza habitacional, implantada entre a segunda e a terceira linhas defensivas, constituída por lajeado correspondente ao interior de antiga cabana, associado a uma estrutura de combustão (**estrutura RR1**), de planta sub-circular, possuindo igualmente o fundo lajeado.

LECEIA
1988
RR1 C2

Fig. 121 – Leceia 1988. Vista parcial da área de carácter habitacional identificada do lado externo da **estrutura AA**, integrada na terceira linha defensiva, visível do lado direito da fotografia, correspondente a espaço lajeado (**estrutura TT**), limitado do lado esquerdo por muro rectilíneo (**estrutura SS**).

Fig. 122 – Leceia 1988. Vista da **estrutura NN**, correspondente a unidade habitacional de planta sub-circular implantada em espaço adjacente ao lado interno da terceira linha defensiva, na junção das **estruturas D** e **BB**, observando-se o paramento desta última estrutura, constituído por grandes blocos alinhados, em segundo plano.

Fig. 123 – Leceia 1988. Sequência estratigráfica observada do lado interno da segunda linha defensiva observando-se, assente no substrato geológico correspondente a bancadas de calcários duros cretácicos, camada castanho-avermelhada com materiais do Neolítico Final (C.4), relacionada com um alinhamento de blocos visível em primeiro plano (**estrutura QQ**).

Fig. 124 – Leceia 1989. Vista parcial do topo da **estrutura MM1**, em primeiro plano, em início de escavação, adossada à **estrutura MM**, em segundo plano, ambas definidas por paramentos construídos por grandes blocos calcários, corporizando aparelho ciclópico.

Fig. 125 – Leceia 1989. Vista do início dos trabalhos de escavação, evidenciando-se alinhamento de grandes blocos aflorantes no terreno, correspondentes ao topo das **estruturas MM** e **MM1**.

Fig. 126 – Leceia 1989. Vista parcial do paramento da grande estrutura maciça de planta sub-circular (**estrutura MM**) que articula a terceira e a segunda linhas defensivas, constituído por grandes blocos calcários dando origem a aparelho de natureza ciclópica, assentes directamente nas bancadas calcárias então aflorantes, visíveis em primeiro plano.

LECEIA
1989
MM

Fig. 127 – Leceia 1989. Vista parcial do paramento da grande estrutura maciça de planta sub-circular (**estrutura MM**) que articula a terceira e a segunda linhas defensivas observando-se parcialmente a estrutura interna correspondente ao seu enchimento. Do lado direito observa-se parcialmente a **estrutura ZZ**, correspondente a unidade habitacional do final do Calcolítico Inicial.

Fig. 128 – Leceia 1989. À esquerda, vista do paramento interno de **estrutura XX**, integrando a segunda linha defensiva, mais recente que a **estrutura MM1**, à direita, à qual se encontra adossada.

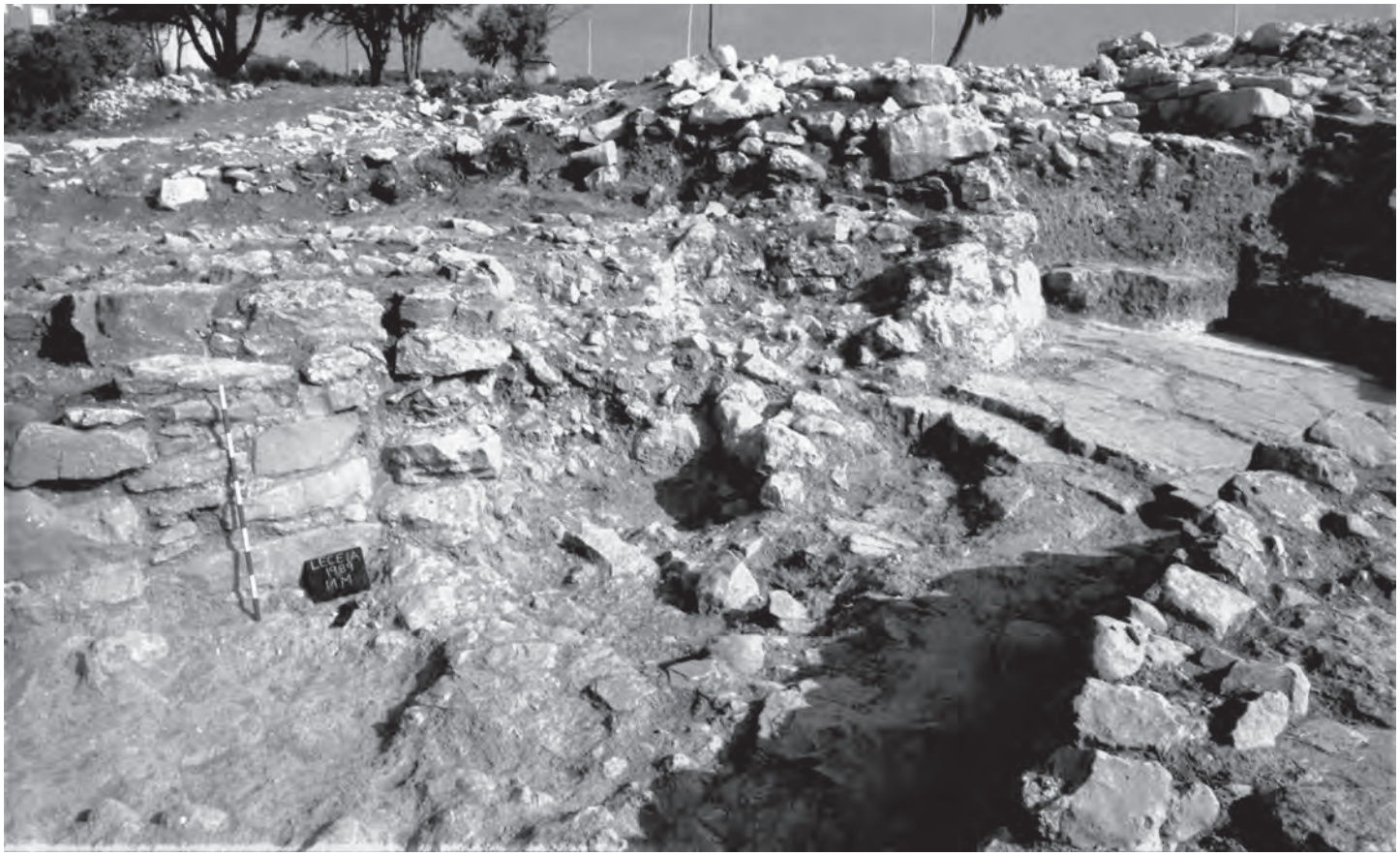


Fig. 129 – Leceia 1989. Ao centro, vista parcial do paramento da **estrutura MM1**, em curso de escavação, ao qual se encontra adossada a **estrutura XX**, integrando a segunda linha defensiva, pertencente a uma fase construtiva mais moderna, do final do Calcolítico Inicial.

Fig. 130 – Leceia 1989. Vista do paramento da grande estrutura maciça de planta sub-circular (**estrutura MM**), ao centro, assente em grande bancada regular de calcários duros cretácicos.

LECEIA
1984
MM

Fig. 131 – Leceia 1989. Sequência estratigráfica observada sob a **estrutura CC2**, em segundo plano, na junção da segunda com a terceira linhas defensivas, evidenciando assinalável potência. Do lado esquerdo da foto, vê-se o paramento externo da **estrutura MM**, anterior à referida acumulação estratigráfica.

Fig. 132 – Leceia 1989. Vista das **estruturas CC**, à esquerda, e **AE**, à direita, fundadas no substrato geológico e integradas na primeira linha defensiva, formando parapeito defronte do lado interno da passagem existente na junção da segunda à terceira linhas defensivas (**estrutura CC2**).

LECEIA
1984
14M

Fig. 133 – Leceia 1988. Vista parcial da segunda linha defensiva (**estrutura GG**), observando-se em primeiro plano passagem de acesso ao interior do espaço muralhado (**estrutura GG1**). Note-se o reforço do muro original, pelo adossamento, do seu lado interno, de um acrescento (**estrutura GG2**), que resultou no aumento do comprimento da passagem primitiva. Este acrescento está evidenciado por um ressalto, bem visível na fotografia. Em segundo plano, observa-se a **estrutura HH**, adossada ao reforço interno da muralha, acima referido (**estrutura GG2**).

Fig. 134 – Leceia 1989. Vista do paramento externo da **estrutura XX**, integrada na segunda linha defensiva (ver **Fig. 114**).

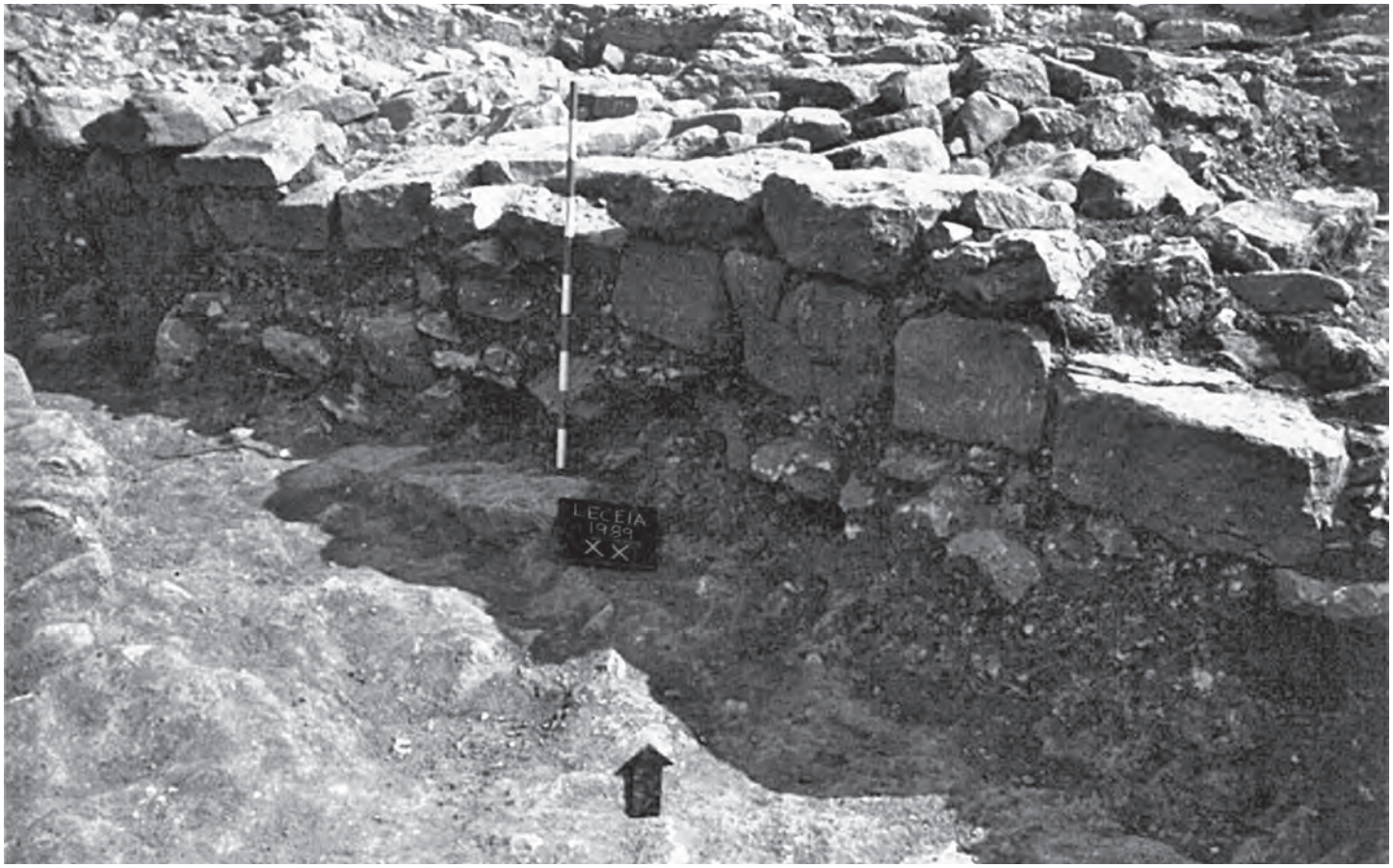

LECEIA
1989
XX

Fig. 135 – Leceia 1989. Vista longitudinal da **estrutura XX**, tomada do lado externo, integrada na segunda linha defensiva. Ao fundo, observa-se parcialmente o paramento da **estrutura MM1**, correspondente a reforço de **estrutura MM**, grande construção maciça de contorno sub-circular. Em primeiro plano, pode ver-se alinhamento duplo de blocos, correspondentes à **estrutura FH**, já do Calcolítico Pleno/Final (ver **Fig. 114**).

Fig. 136 – Leceia 1989. Vista de estrutura maciça (**estrutura XX1**), com o paramento definido por grandes blocos depositados horizontalmente, assentes em camada arqueológica previamente formada, do Calcolítico Inicial (C.3). Esta estrutura corresponde ao remate de um muro radial que compartimentava o espaço intramuros, corporizando prolongamento tardio da segunda linha defensiva até à junção com a primeira linha defensiva, junto à escarpa natural voltada a sul, correspondendo à **estrutura XX**.

Fig. 137 – Leceia 1989. Vista da **estrutura XX1**, remate da **estrutura XX**, correspondente a muro rectilíneo parcialmente visível do lado esquerdo. Em segundo plano, ao centro, pode ver-se a **estrutura AD** atribuída ao Neolítico Final, fundada no substrato geológico, incompleta, correspondendo provavelmente a uma estrutura de combustão.

Fig. 138 – Leceia 1989. Vista frontal do lado externo da **estrutura XX**, integrada na segunda linha defensiva, fundada em depósitos do Calcolítico Inicial. Do lado direito da foto, observa-se o paramento da **estrutura XX1**, correspondente a remate da anterior.

LECEIA
1989
XX

Fig. 139 – Leceia 1989. Pormenor do nível fundacional das **estruturas XX**, à esquerda, e **XX1**, à direita, assentes em depósitos arqueológicos do Calcolítico Inicial, permitindo estabelecer a época da sua construção no final desta fase cronológico-cultural.

Fig. 140 – Leceia 1989. Vista frontal do paramento externo da **estrutura GG**, integrada na segunda linha defensiva, visível ao centro da fotografia. Em primeiro plano, a **estrutura II** fundada em derrubes do Calcolítico Pleno/Final, atribuída a um silo ulteriormente reaproveitado como lixeira.

LECEIA
1989
XX

Fig. 141 – Leceia 1989. Em primeiro plano, a **estrutura II**, fundada em derrubes do Calcolítico Pleno/Final, de planta sub-circular, utilizada provavelmente como silo e depois reutilizada como lixeira, situada no exterior da **estrutura GG** que se desenvolve em segundo plano, e defronte de uma passagem nela existente, visível do lado direito da fotografia (**estrutura GG1**).

Fig. 142 – Leceia 1989. Em primeiro plano observa-se a **estrutura CC2**, correspondendo a passagem existente na confluência da segunda com a terceira linhas defensivas, dando acesso ao espaço melhor defendido do povoado, onde se implantou a **estrutura ZZ**, visível em segundo plano.

Fig. 143 – Leceia 1989. Vista parcial da área escavada, evidenciando-se ao centro a **estrutura ZZ**, fundada em camada arqueológica do Calcolítico Inicial (C.3), assente directamente em vasta área ocupada por bancadas de calcários duros cretácicos, de grande regularidade, então aflorantes. Em primeiro plano, a **estrutura CC2**, correspondente a passagem existente na junção da segunda à terceira linhas defensivas. Do lado esquerdo da foto, e parcialmente sobreposta à estrutura anterior, observa-se a **estrutura AC**, correspondente a caminho lajeado que atravessa toda a área defendida pela terceira linha defensiva.

Fig. 144 – Leceia 1989. Vista da **estrutura ZZ**, de planta sub-circular, correspondente a unidade habitacional munida no seu interior de uma estrutura de combustão (**estrutura ZZ1**). Em segundo plano observa-se a **estrutura AC**, correspondente a caminho lajeado que atravessa toda a área defendida pela terceira linha defensiva.

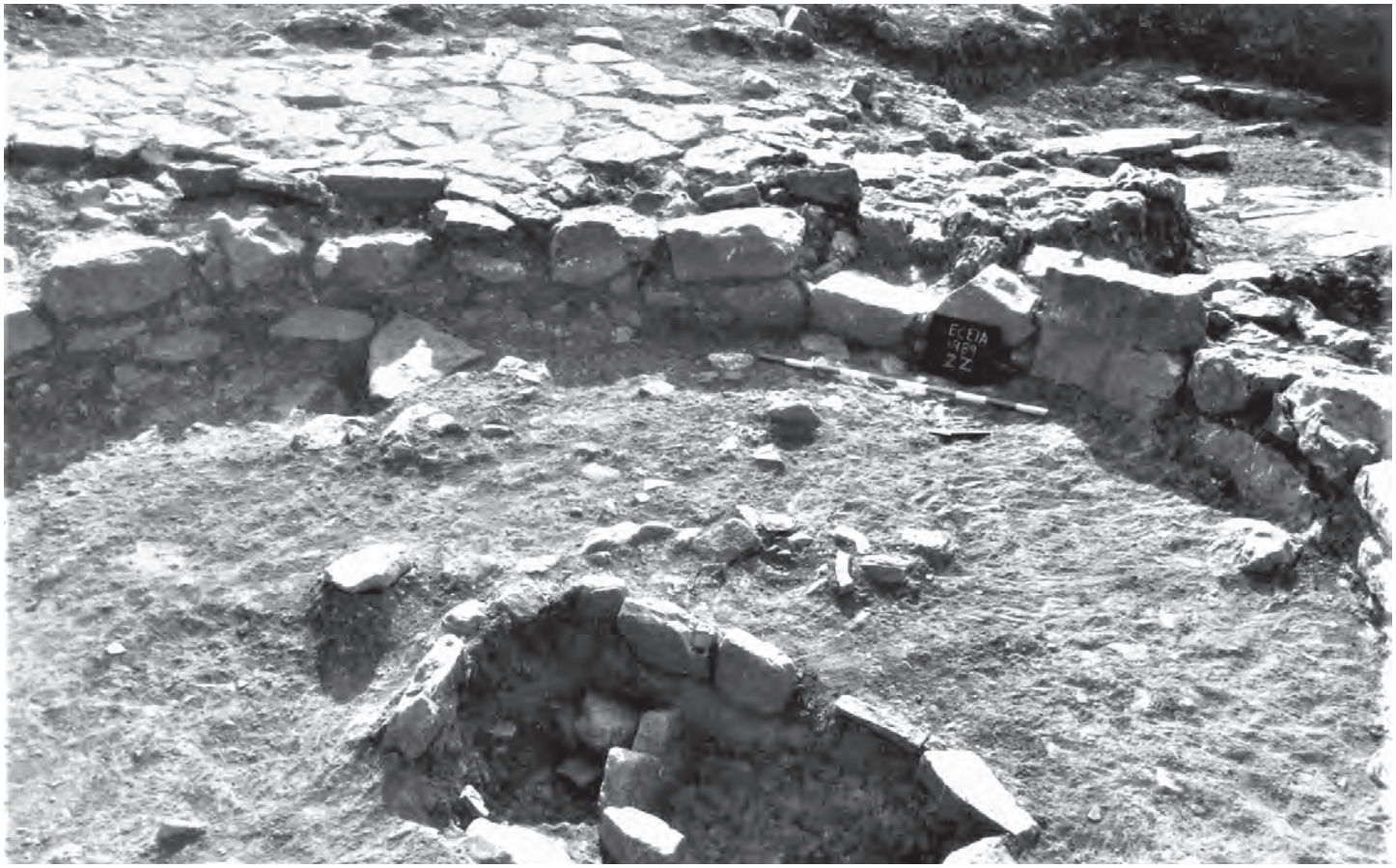
Fig. 145 – Leceia 1989. Pormenor do paramento externo da **estrutura ZZ**, correspondendo a embasamento de alvenaria argamassada assente em camada (C.3) com materiais do Calcolítico Inicial.

Fig. 146 – Leceia 1989. À esquerda vista parcial da **estrutura ZZ** correspondente a unidade habitacional de planta subcircular, à qual se encostou ulteriormente a **estrutura XX**, integrada na segunda linha defensiva, no final do Calcolítico Inicial. Note-se a utilização pontual de grande ortóstato no paramento (neste caso externo) da estrutura.

LECEIA
1989
ZZ

Fig. 147 – Leceia 1989. Pormenor do interior da **estrutura ZZ**, evidenciando-se o seu paramento interno. Aberta no chão primitivo desta, de terra batida, identificou-se uma estrutura de combustão, cujo interior se encontrava totalmente preenchido de cinzas (**estrutura ZZ1**). Em segundo plano observa-se a **estrutura AC**, que ulteriormente cobriu parte desta unidade habitacional, correspondente a caminho lajeado existente no interior da área defendida.

Fig. 148 – Leceia 1989. Pormenor da **estrutura ZZ1**, situada no interior da **estrutura ZZ**, evidenciando duas fases de utilização, correspondendo a mais antiga a uma estrutura de combustão de menores dimensões e situada a uma cota inferior à da fase mais recente.


LECEIA
1989
ZZ

LECEIA
1989
ZZ1

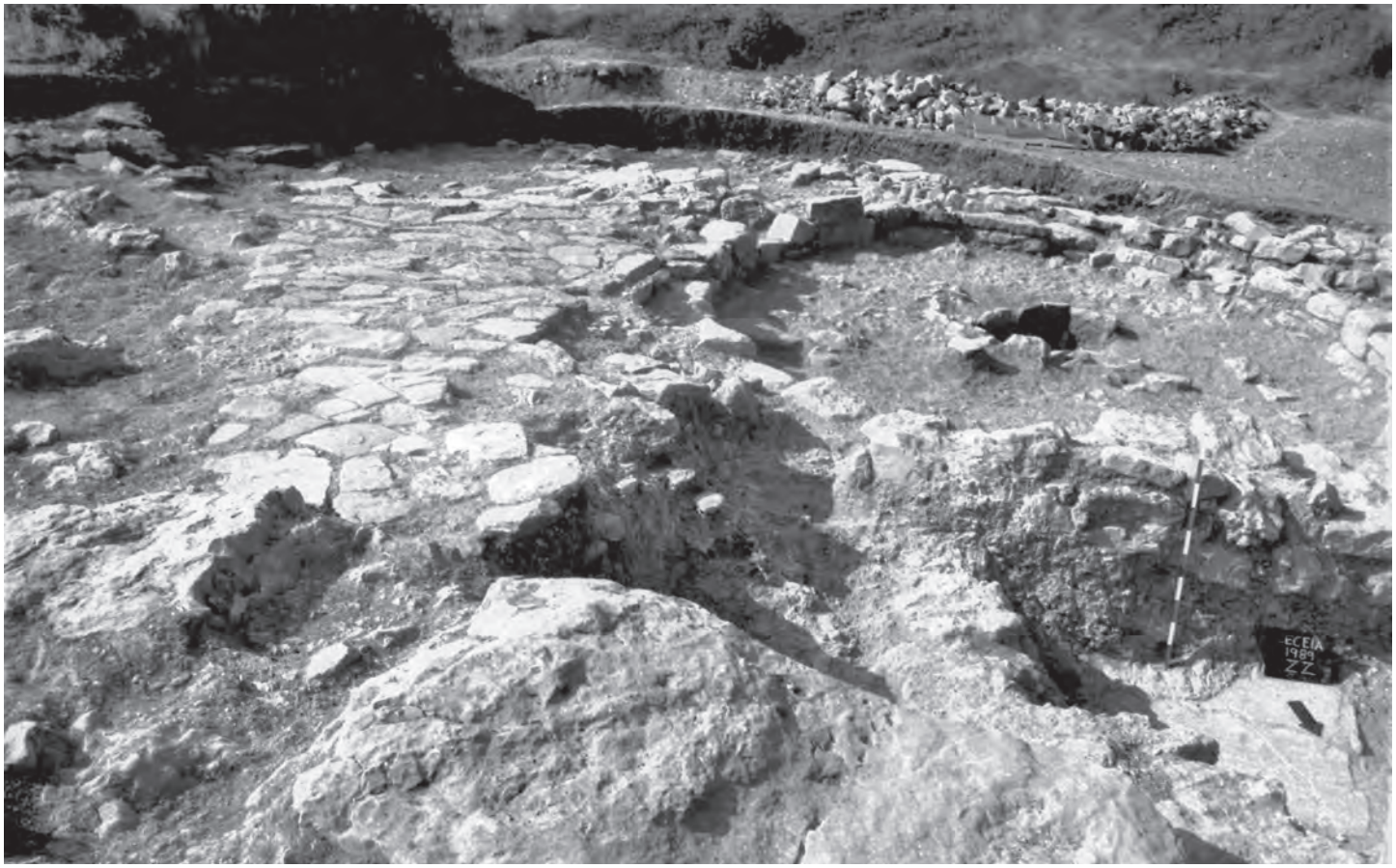
Fig. 149 – Leceia 1989. Ao centro, a **estrutura AC**, separada por um degrau da **estrutura AB**, ambas integrando um caminho lajeado que atravessa todo o espaço entre a terceira linha defensiva e a escarpa que delimitava do lado sul o povoado pré-histórico. De notar, em primeiro plano, as bancadas de calcário duro cretácicas, então aflorantes.

Fig. 150 – Leceia 1989. Vista da **estrutura AC**, e da **estrutura AB**, separadas por degrau, ao centro, correspondente a caminho lajeado munido de degraus, para vencer o declive. Em segundo plano observa-se a **estrutura ZZ**, mais antiga, a qual foi parcialmente sobreposta por esta.

LECETA
1989
AC

Fig. 151 – Leceia 1989. Vista parcial da área escavada. À esquerda observa-se a **estrutura AC** correspondente a caminho lajeado que atravessa todo o espaço situado entre a passagem localizada na junção da segunda com a terceira linha defensivas, de onde foi obtida esta fotografia, e uma passagem entretanto desaparecida, que comunicava directamente com o exterior do povoado, vencendo a escarpa rochosa que o delimita. À direita observa-se a **estrutura ZZ**, correspondente a unidade habitacional parcialmente sobreposta pela estrutura anterior, mais moderna.

Fig. 152 – Leceia 1989. **Estrutura AD** incompleta, podendo corresponder a uma estrutura de combustão. Trata-se de uma das mais antigas estruturas habitacionais identificadas, encontrando-se fundada no substrato geológico, remontando ao Neolítico Final.


LECEIA
1989
ZZ

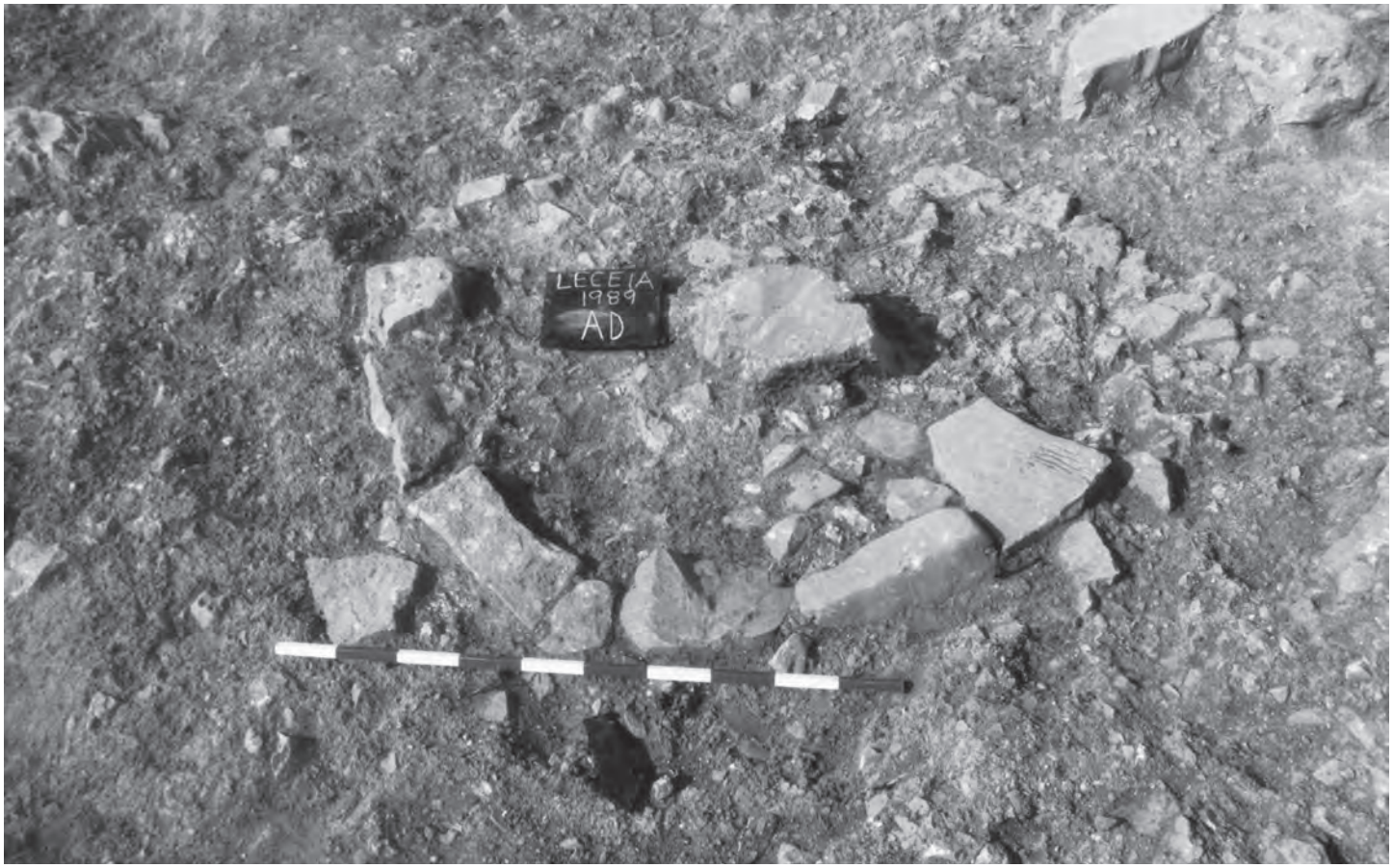

LECEIA
1989
AD

Fig. 153 – Leceia 1990. Vista frontal da grande estrutura maciça de planta circular (**estruturas MM** e **MM1**), à frente da qual se desenvolve grande área lajeada (**estruturas EF** e **EL**), em primeiro plano.

Fig. 154 – Leceia 1990. Vista longitudinal de troço da **estrutura EH** (integrada na primeira linha defensiva), munida de um reforço do lado externo (**estrutura EH1**), adossado longitudinalmente ao paramento original daquela; do lado esquerdo, vê-se a **estrutura EI**, correspondente a bastião adossado à primeira linha defensiva (**estrutura EH**).

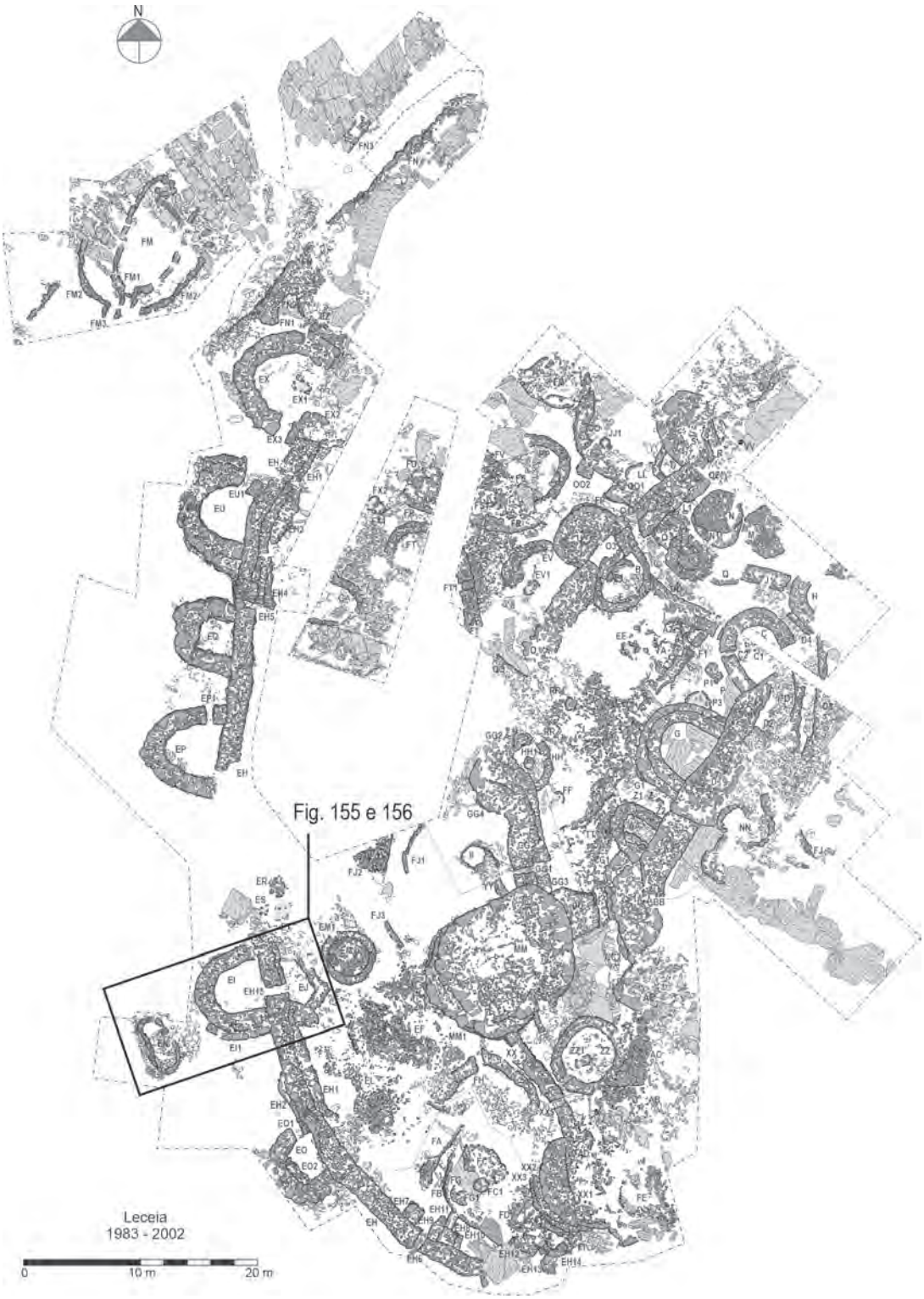


Fig. 155 – Leceia 1990. Vista da **estrutura EJ** (primeira linha defensiva), a partir da qual se desenvolve, do seu lado externo, a **estrutura EI**. Em último plano evidencia-se o nível de derrubes pedregoso do Calcolítico Pleno/Final, no qual se implantou a **estrutura EN** (cabana campaniforme de planta elipsoidal), no exterior do espaço muralhado.

Fig. 156 – Leceia 1990. Pormenor da passagem existente na **estrutura EH** (**estrutura EH15**), permitindo a comunicação entre o interior da **estrutura EI**, em segundo plano e o interior da **estrutura EJ**, em primeiro plano.

Fig. 157 – Leceia 1990. Vista parcial da **estrutura EI**, evidenciando-se, do lado esquerdo e adossado ao paramento externo original da mesma, um alinhamento de grandes blocos correspondentes a reforço da estrutura (**estrutura EI1**), para permitir o seu alteamento.

Fig. 158 – Leceia 1990. Pormenor da fundação da **estrutura EH**, à direita, na camada com materiais do Neolítico Final (C.4), e do seu reforço (**estrutura EI1**), do lado esquerdo, evidenciado por um grande bloco, assente em camada argilosa amarelada do Calcolítico Inicial (C.3), cuja fixação foi travada com pequenas cunhas.

LECEIA
1990
E I

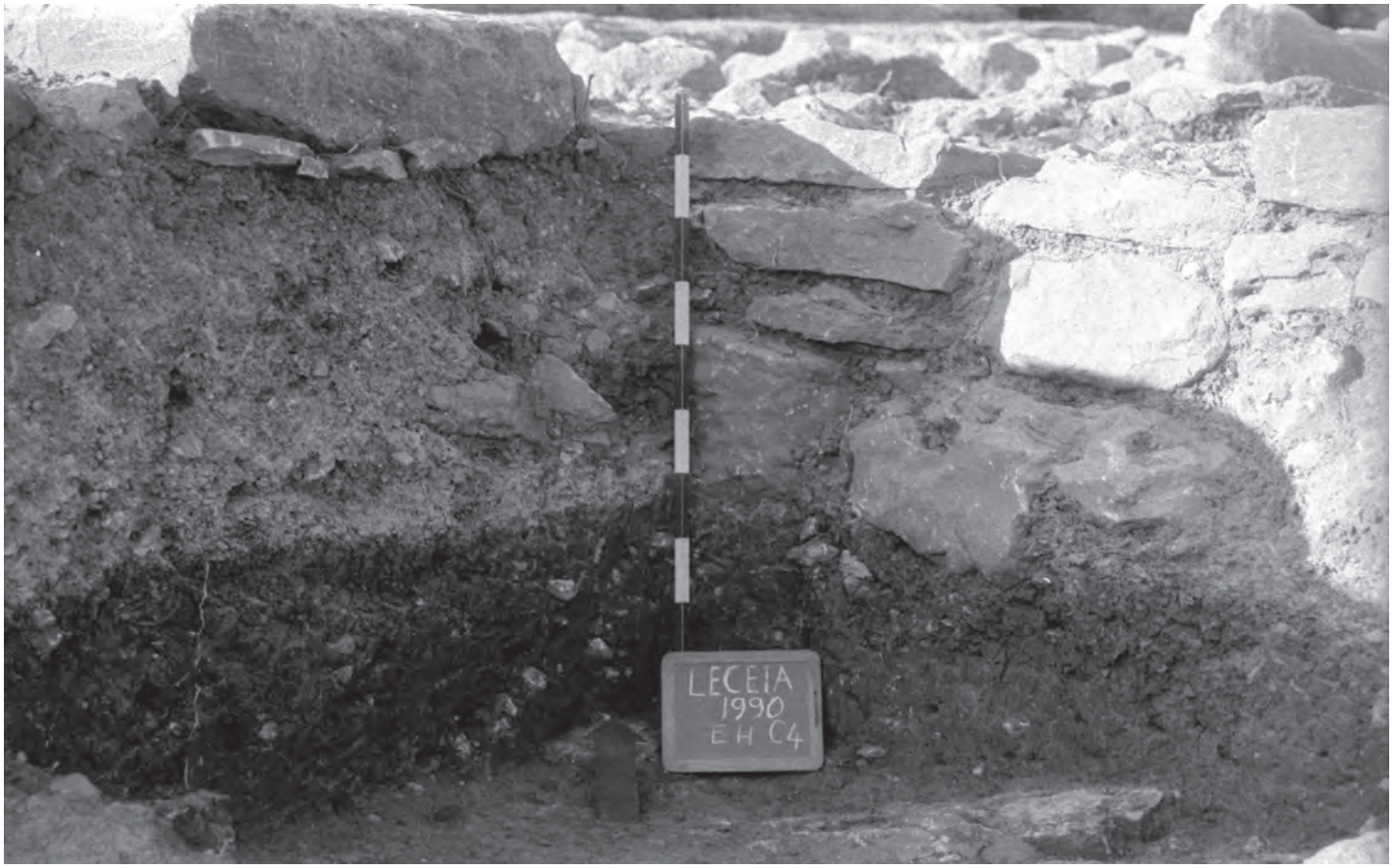

LECEIA
1990
E H C4

Fig. 159 – Leceia 1990. Pormenor da fundação da **estrutura EI1**, correspondente a reforço da **estrutura EI**, definido por alinhamento de grandes blocos, bem visíveis na fotografia, assentes em camada argilosa esbranquiçada do Calcolítico Inicial, dois deles travados com pequenas cunhas. Na base do corte, observa-se camada acastanhada, argilosa, com materiais do Neolítico Final, que se prolonga sob a fundação da **estrutura EH**, cujo paramento externo se vê do lado direito da fotografia.

Fig. 160 – Leceia 1990. Vista da **estrutura EI**, construída no lado externo da **estrutura EH** (primeira linha defensiva) observando-se ao centro uma passagem (**estrutura EH15**) que comunica com o interior do espaço muralhado (**estrutura EJ**).

LECEIA
1990
EH C4

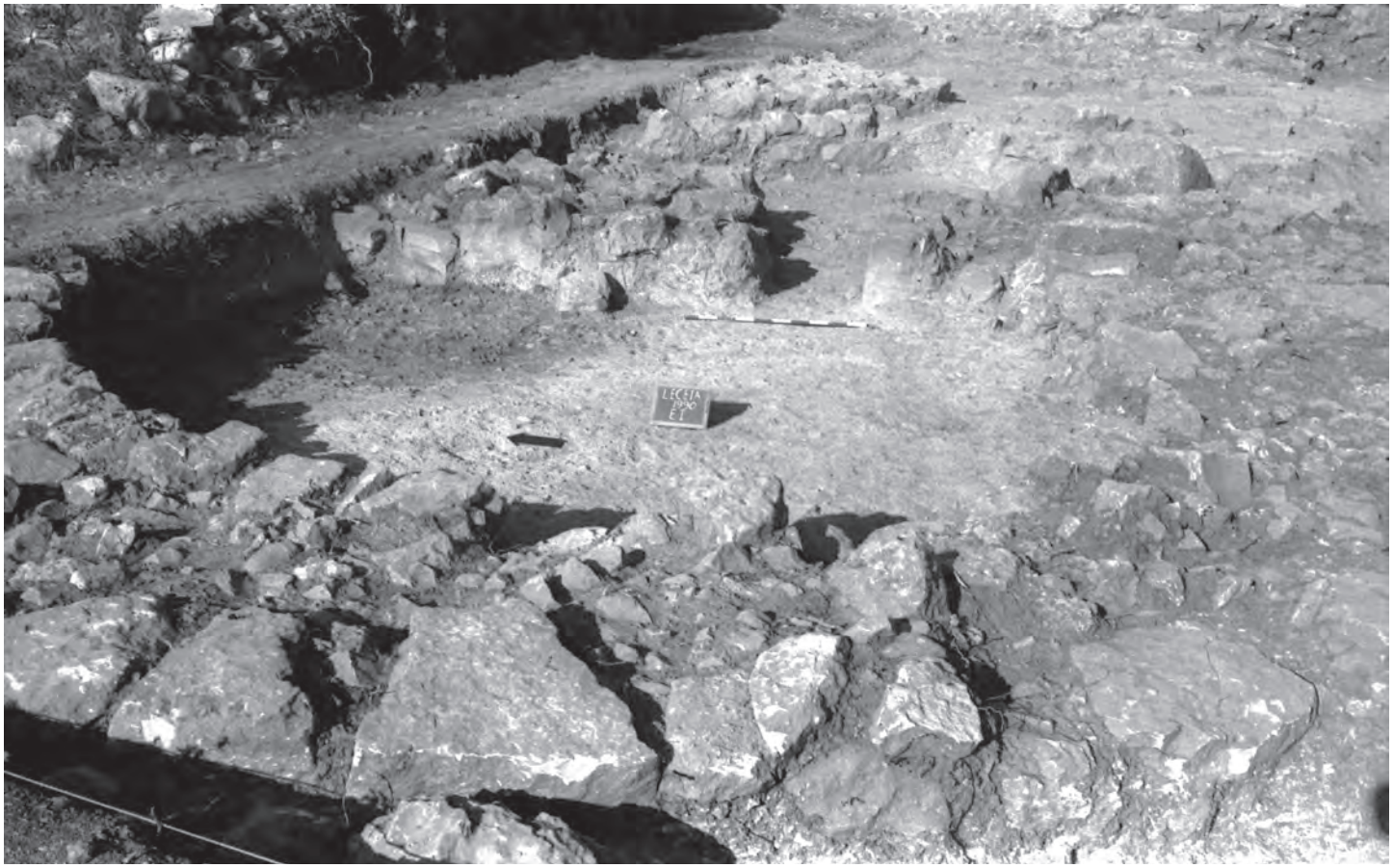

LECEIA
1990
E1

Fig. 161 – Leceia 1990. Pormenor de troço longitudinal da **estrutura EH** (primeira linha defensiva), interrompido por passagem (**estrutura EH15**) comunicando com o interior do recinto defensivo, que se desenvolve do lado esquerdo da fotografia.

Fig. 162 – Leceia 1990. Em primeiro plano, observa-se a estrutura curvilínea (**estrutura EJ**), situada do lado interno da **estrutura EH**, em segundo plano, a qual comunica através de uma passagem existente na primeira linha defensiva (**estrutura EH15**), bem visível na imagem, com o interior da **estrutura EI**.

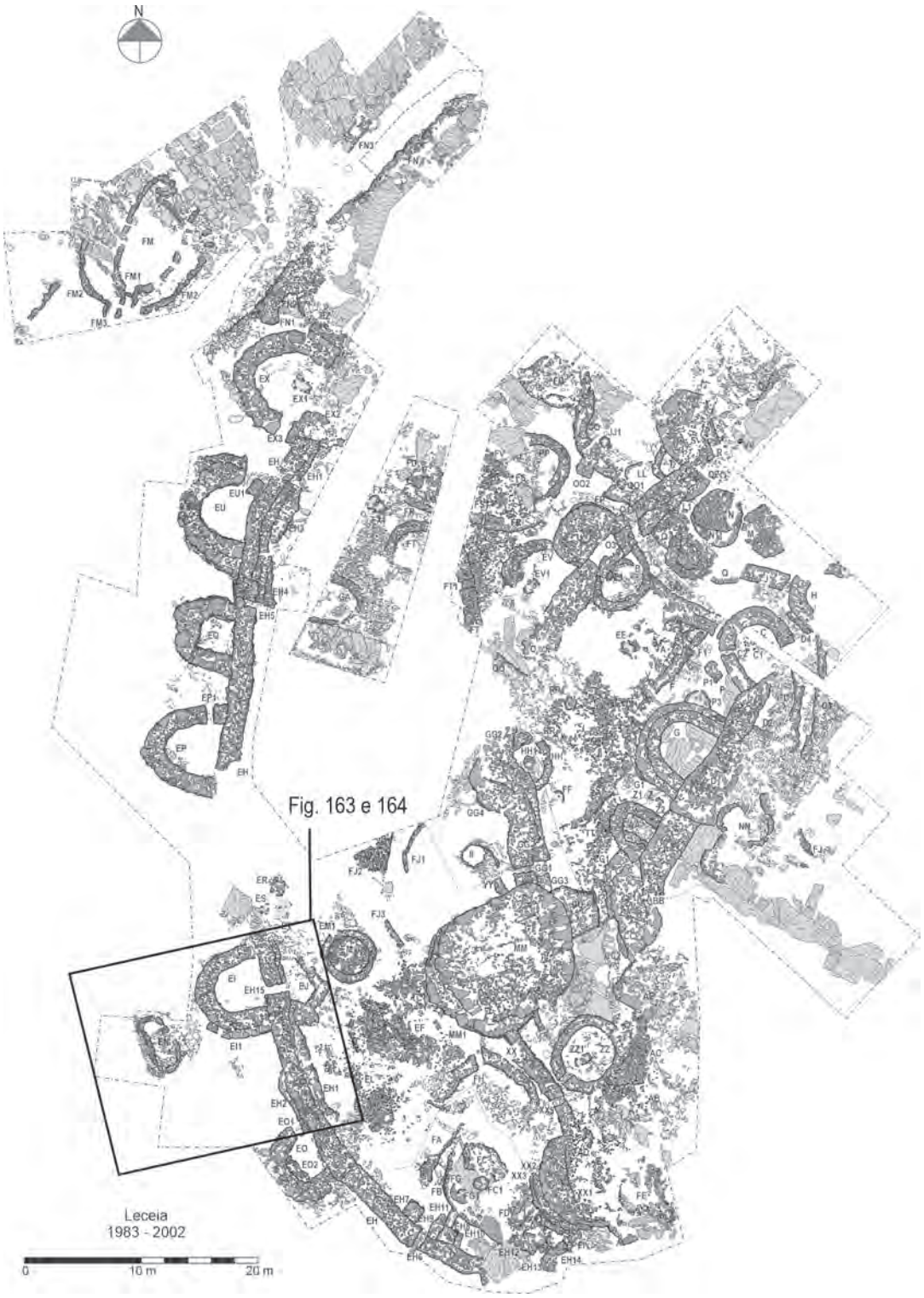


Fig. 163 – Leceia 1990. À esquerda, vista da **estrutura EJ**, de planta curvilínea, que comunica com o interior da **estrutura EI** através de uma passagem (**estrutura EH15**), visível do lado direito da imagem.

Fig. 164 – Leceia 1990. Vista geral da área escavada, obtida da **estrutura MM**, evidenciando-se, da esquerda para a direita, a **estrutura EJ**, que comunica com o interior da **estrutura EI** por uma passagem existente na **estrutura EH**, integrada na primeira linha defensiva (**estrutura EH15**). Em segundo plano evidencia-se vasta área pedregosa correspondente a derrubes oriundos das estruturas, formados no decurso do Calcolítico Pleno/Final, na qual foi construída uma cabana campaniforme (**estrutura EN**).

Fig. 165 – Leceia 1990. Vista parcial da área escavada. Em primeiro plano, à esquerda, a **estrutura EM**. Ao centro, a estrutura curvilínea (**estrutura EJ**) relacionada com a utilização da **estrutura EI**, com a qual comunica através de uma passagem (**estrutura EH15**), existente na primeira linha defensiva (**estrutura EH**).

Fig. 166 – Leceia 1990. Vista geral de grande superfície lajeada (**estruturas EF** e **EL**), desenvolvendo-se entre a **estrutura MM1**, à esquerda, e a primeira linha defensiva, à direita, não visível na fotografia.

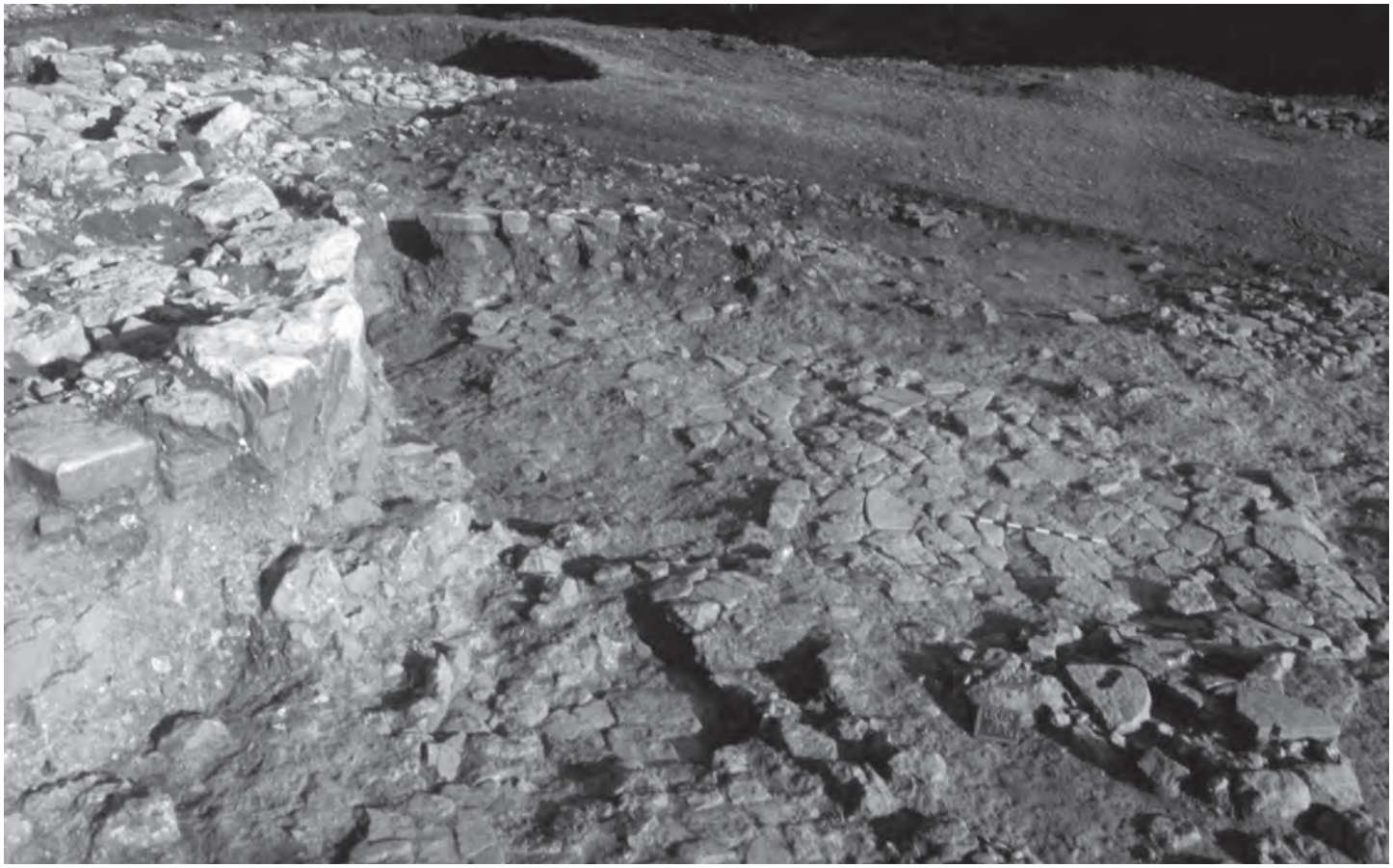


Fig. 167 – Leceia 1990. Vista parcial da área escavada, evidenciando-se grande superfície lajeada provavelmente a céu aberto compartimentada interiormente por um alinhamento de blocos, sobreelevado (**estruturas EF** e **EL**). Em segundo plano observa-se a **estrutura EM**, parcialmente explorada em 1990.

Fig. 168 – Leceia 1990. Vista parcial da vasta área lajeada que se desenvolve intramuros à primeira linha defensiva, em segundo plano, observando-se alinhamento de blocos sobreelevado que a compartimenta interiormente (**estruturas EF** e **EL**). Do lado direito da fotografia vê-se a **estrutura EM**, então ainda não completamente explorada.

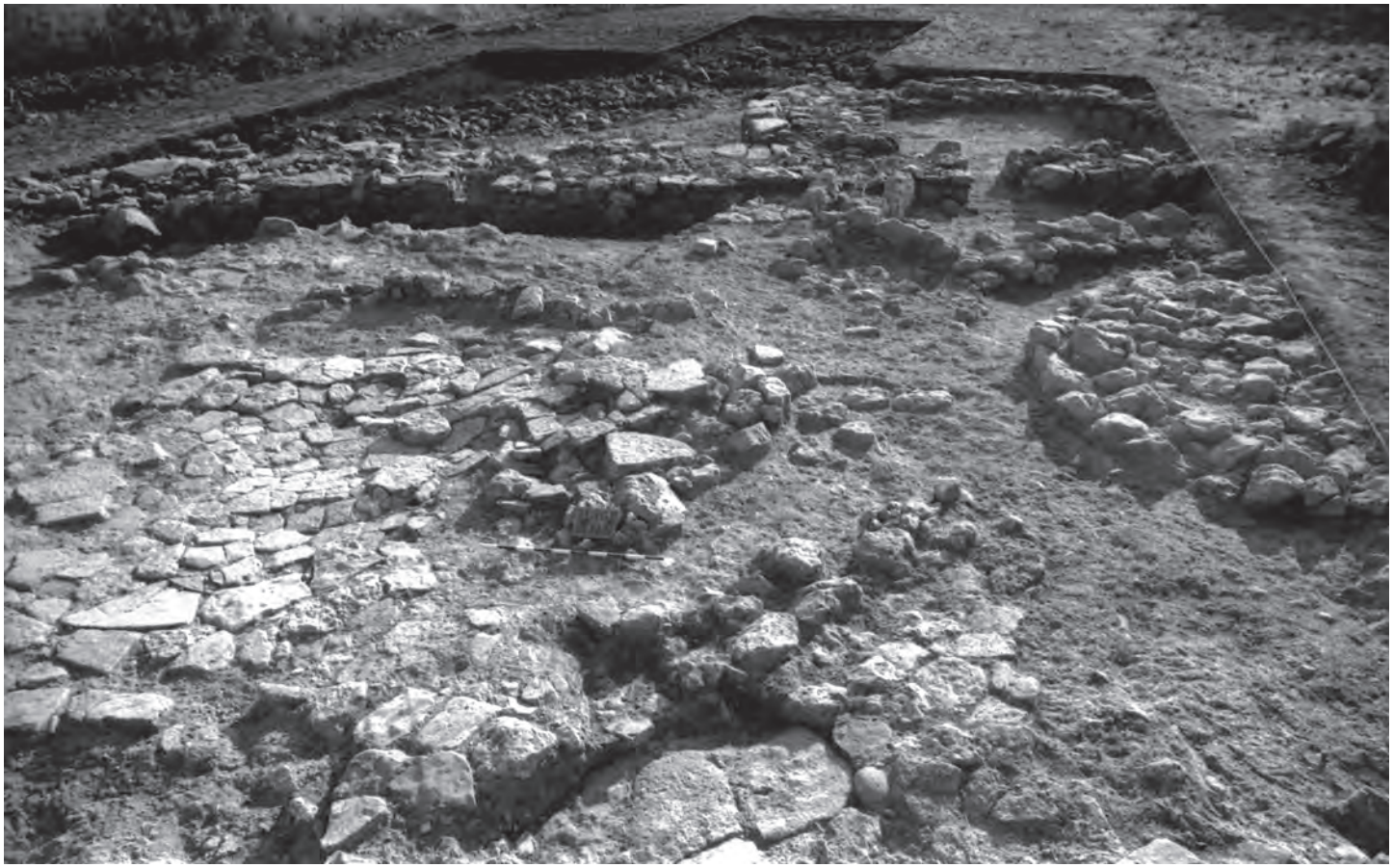
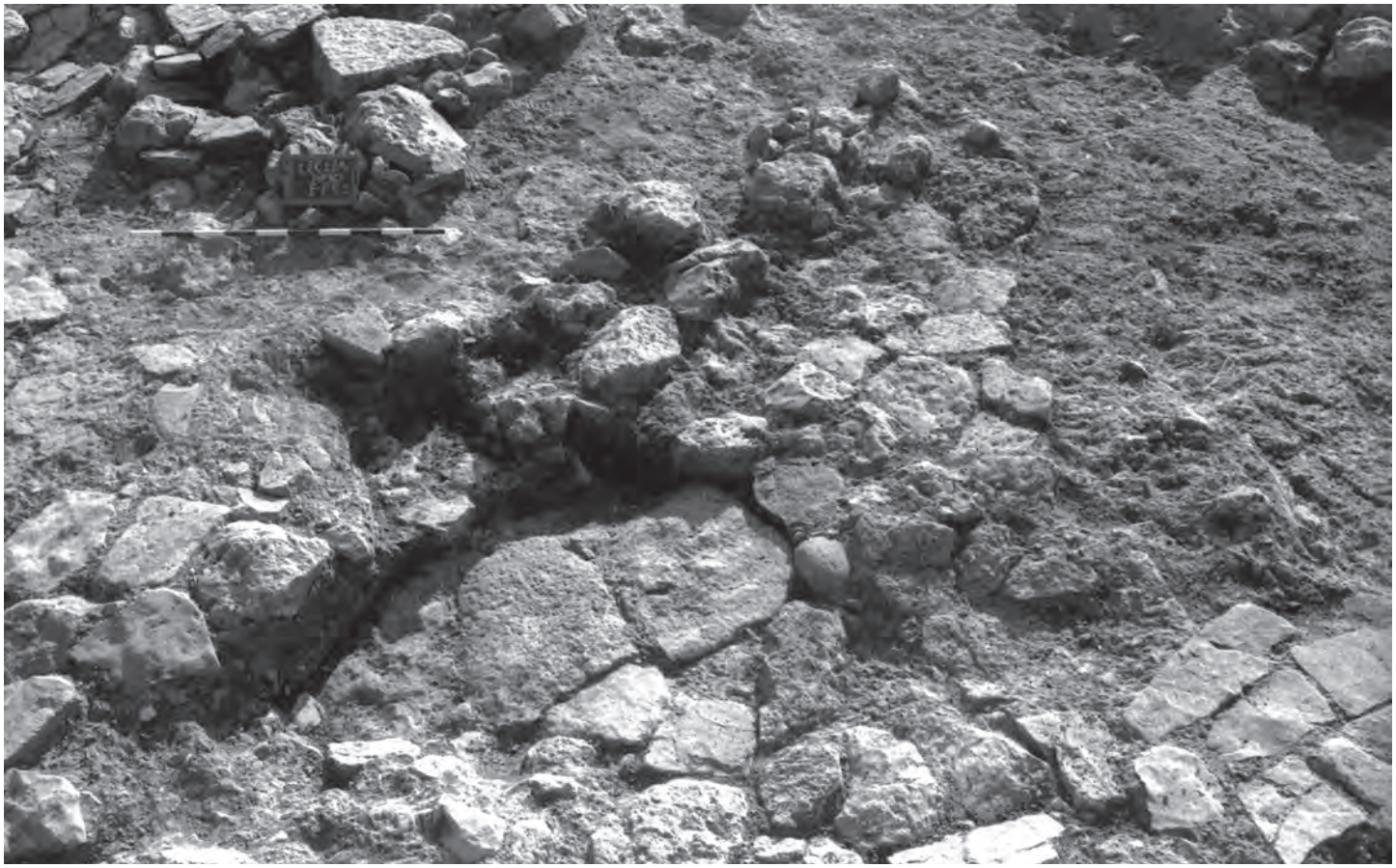


Fig. 169 – Leceia 1990. Pormenor de alinhamento rectilíneo de blocos sobreelevados que separam internamente a vasta área lajeada correspondente às **estruturas MM** e **EH**.

Fig. 170 – Leceia 1990. Vista geral do vasto lajeado (**estruturas EF** e **EL**) que se desenvolve do lado externo da **estrutura MM1**, de onde esta fotografia foi obtida, até à face interna da **estrutura EH** (primeira linha defensiva), visível em último plano.



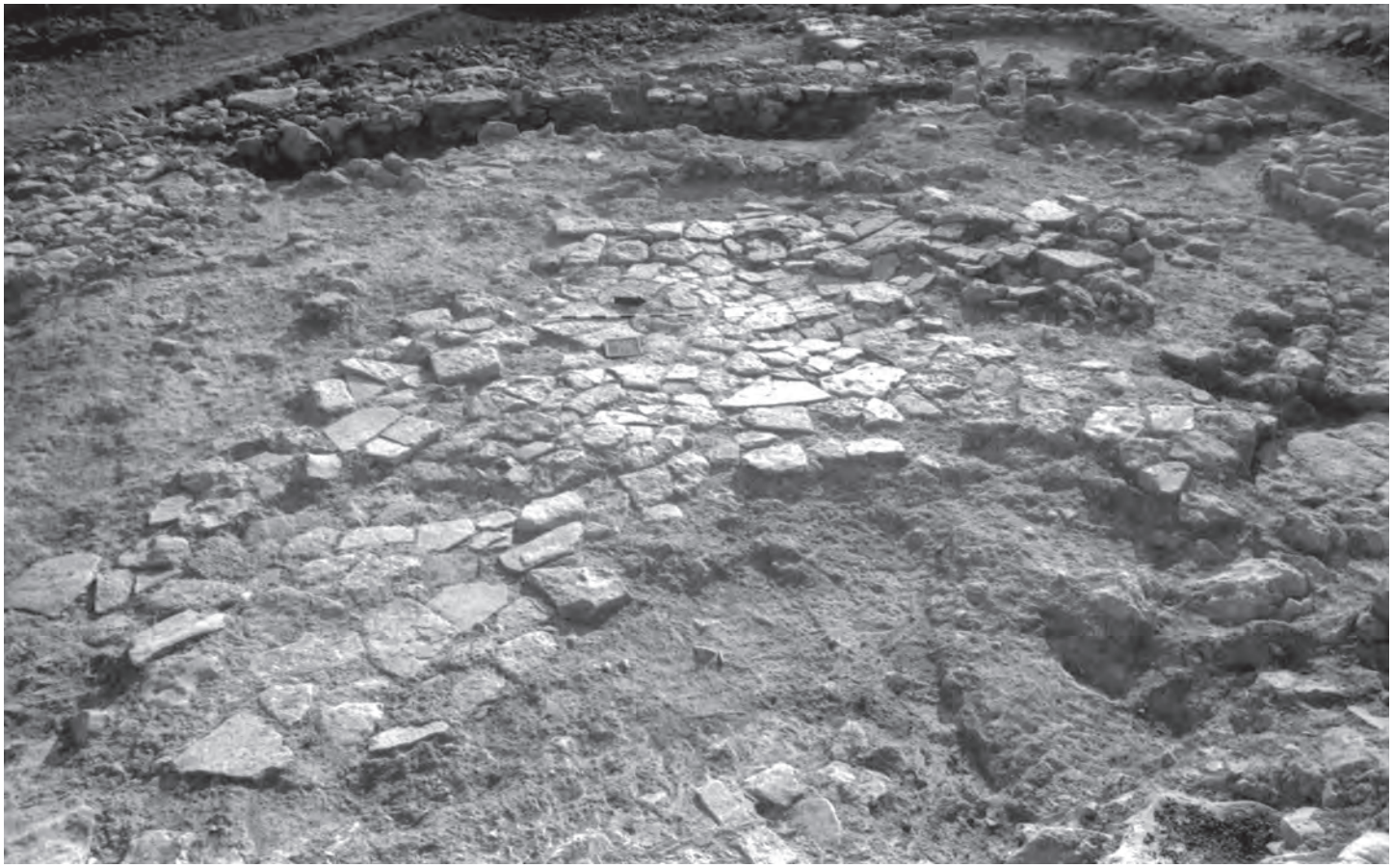


Fig. 171 – Leceia 1990. Vista parcial da grande área lajeada que se desenvolve no interior do espaço definido pela **estrutura EH** (primeira linha defensiva), dominando a paisagem do lado meridional, em segundo plano.

Fig. 172 – Leceia 1990. Vista da **estrutura EN**, de planta elipsoidal, construída nos derrubes do Calcolítico Pleno/Final que se desenvolvem em camada contínua no exterior da área muralhada, correspondente a cabana de época campaniforme.

Fig. 173 – Leceia 1991. Vista lateral da **estrutura EI**, adossada à primeira linha defensiva, cujo paramento externo se vê do lado esquerdo (**estrutura EH**).

Fig. 174 – Leceia 1991. Vista parcial da área escavada, evidenciando-se em primeiro plano camada de derrubes constituída por blocos oriundos das estruturas, formada no decurso do Calcolítico Pleno/Final. Em segundo plano observa-se a **estrutura EI**, adossada à **estrutura EH**, visível à direita, integrada na primeira linha defensiva.

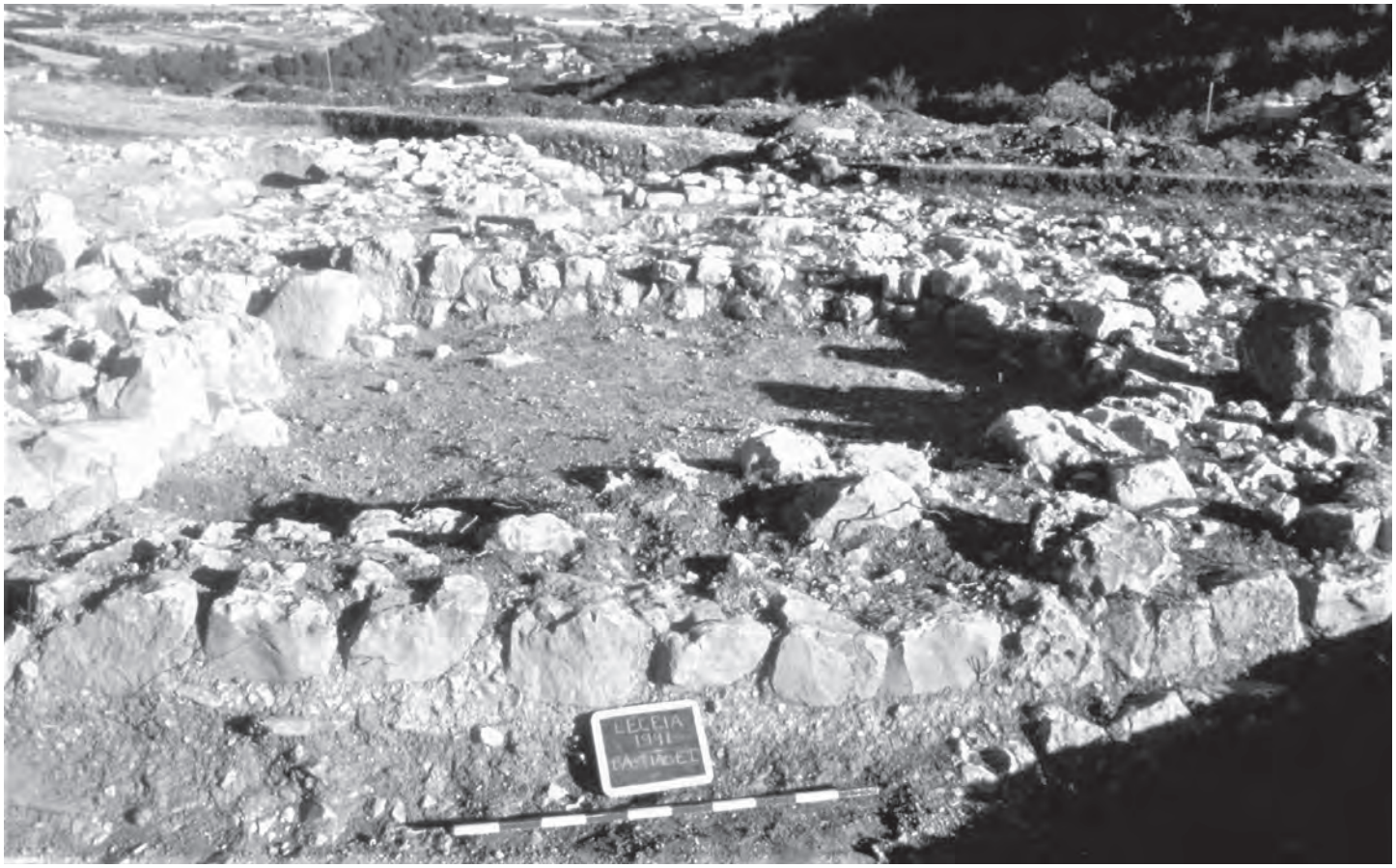

LELEIA
1991
CARTAGE

Fig. 175 – Leceia 1991. Vista parcial da área escavada, observando-se em primeiro plano um pequeno empedrado (**estrutura ER**), possivelmente relacionado com processos de combustão, cujos vestígios se acumularam perto (**estrutura ET**), situado do lado interno da primeira linha defensiva, visível em segundo plano (**estrutura EH**). Observa-se ainda, em primeiro plano, uma vasta bancada calcária, então aflorante.

Fig. 176 – Leceia 1991. Vista parcial da primeira linha defensiva em curso de escavação, obtida de sul para norte, evidenciando-se a **estrutura EH**, cujo paramento interno se encontra definido por alinhamento de blocos.

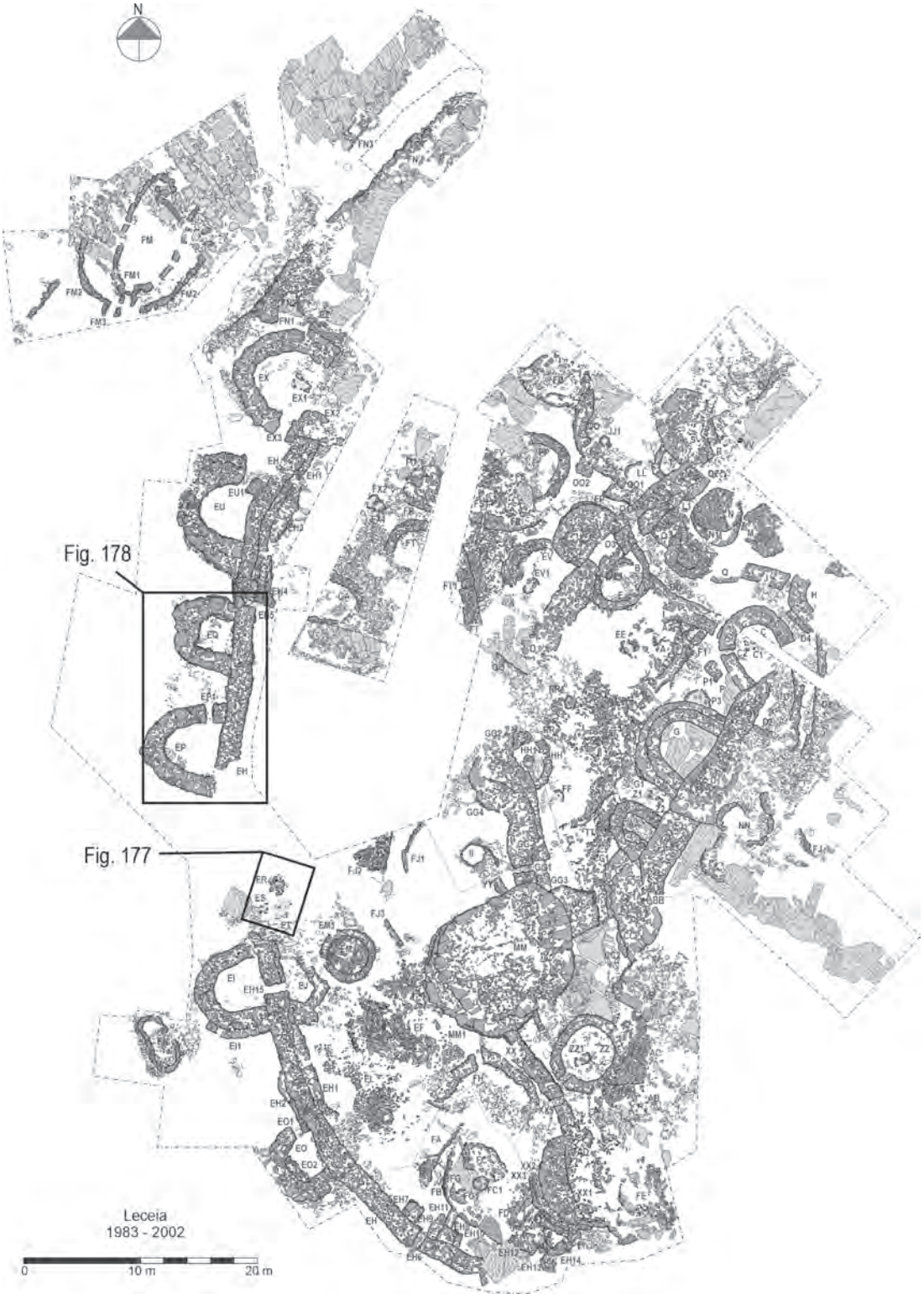


Fig. 177 – Leceia 1991. A **estrutura ER**, constituída por blocos formando empedrado irregular, atribuível a estrutura de combustão, cujas cinzas foram acumuladas próximo, em local visível em segundo plano (**estrutura ET**).

Fig. 178 – Leceia 1991. Vista oblíqua do paramento interno da **estrutura EH**, integrada na primeira linha defensiva. Em primeiro plano observa-se solução de continuidade existente na **estrutura EH**, correspondendo a uma passagem existente originalmente na mesma, ulteriormente selada por grande bloco colocado sobre a mesma.

Fig. 179 – Leceia 1991. Pormenor do paramento interno da **estrutura EH**, integrada na primeira linha defensiva, evidenciando a construção por fiadas de blocos calcários isométricos.

Fig. 180 – Leceia 1991. Vista longitudinal da **estrutura EH**, integrada na primeira linha defensiva, reforçada do lado externo por diversos bastiões a ela adossados: **estruturas EQ**, **EP** e, em último plano a **estrutura EI**. Em primeiro plano observa-se solução de continuidade existente na **estrutura EH**, correspondendo a passagem ulteriormente selada por grande bloco colocado sobre a mesma.

LECCIA
1991
MUSCHNIEJ

Fig. 181 – Leceia 1991. Pormenor da solução de continuidade observada entre dois troços da **estrutura EH**, integrada na primeira linha defensiva, correspondente a passagem muito estreita nela existente, ulteriormente obstruída por um grande bloco visível em cima, à esquerda.

Fig. 182 – Leceia 1991. Pormenor da **estrutura EP1**, correspondente a passagem da **estrutura EP**, comunicando directamente para o exterior do espaço defendido.

LECEIA
1991

LECEIA
1991

Fig. 183 – Leceia 1992. Pormenor da passagem existente na **estrutura EP1**, adossada à primeira linha defensiva (**estrutura EH**).

Fig. 184 – Leceia 1991. Vista frontal da **estrutura EP**, adossada externamente à primeira linha defensiva, representada pela **estrutura EH**, visível em último plano. Evidencia-se a integração de grandes blocos na estrutura, conjuntamente com blocos de menores dimensões.

LECEIA
1992
EP
C3

Fig. 185 – Leceia 1991. Vista parcial do paramento interno da **estrutura EP**, adossada à muralha (**estrutura EH**) pertencente à primeira linha defensiva, parcialmente visível em primeiro plano.

Fig. 186 – Leceia 1991. Vista geral da **estrutura EP**, adossada ao paramento externo da **estrutura EH** integrada na primeira linha defensiva, visível em primeiro plano. Nota-se a existência de uma passagem situada do lado direito daquela, comunicando directamente para o espaço extramuros.

Fig. 187 – Leceia 1991. Vista lateral da **estrutura EP**, adossada ao paramento externo da **estrutura EH**, visível do lado direito da fotografia. Note-se a integração de grandes blocos calcários colocados verticalmente, a par de outros, de menores dimensões, dispostos na horizontal.

Fig. 188 – Leceia 1991. Em primeiro plano, a passagem (**estrutura EP1**) existente na **estrutura EP**, comunicando directamente para o espaço extramuros à primeira linha defensiva, correspondente à **estrutura EH**, visível do lado esquerdo.

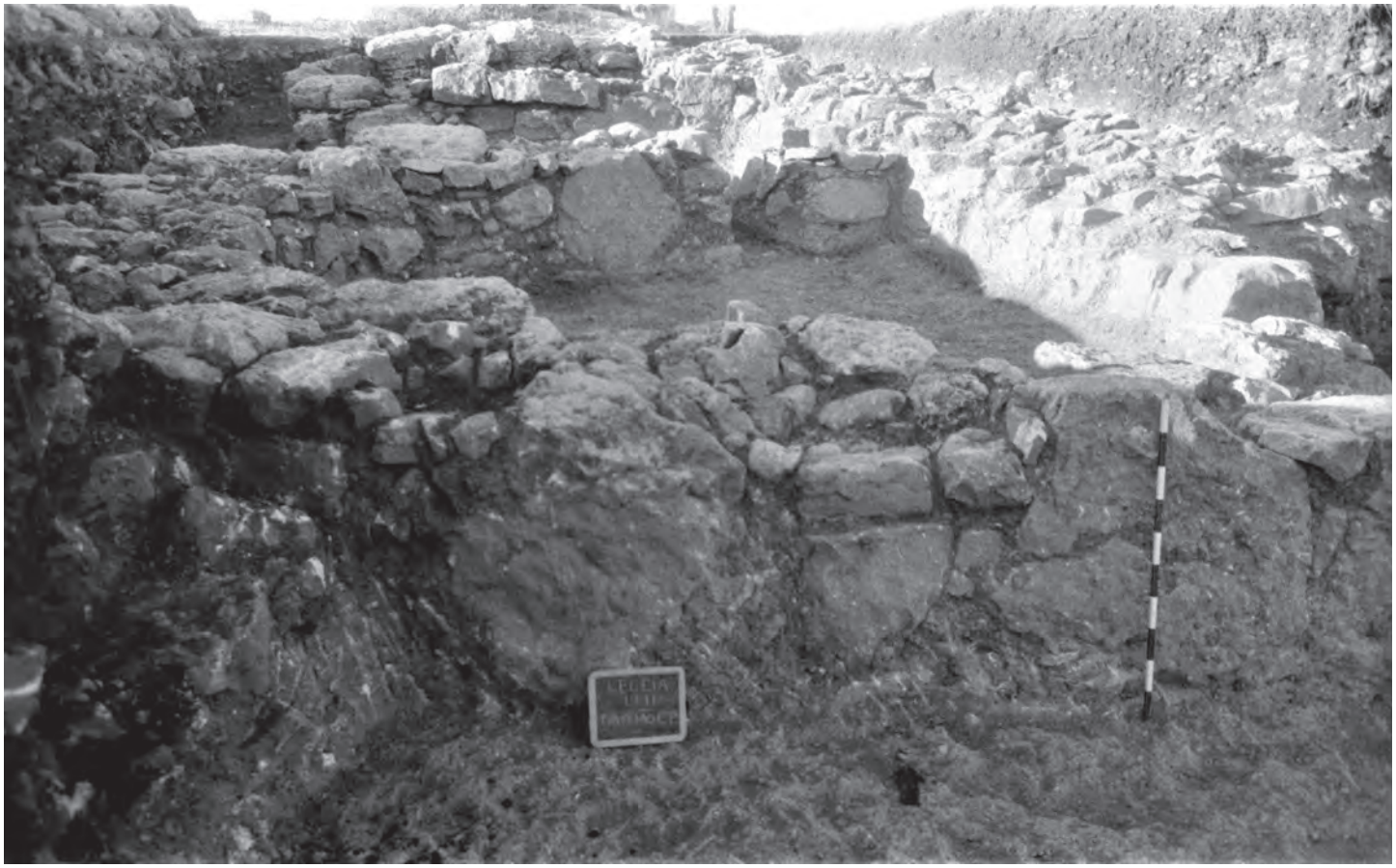


Fig. 189 – Leceia 1992. Vista parcial do paramento interno da **estrutura EP** adossada à primeira linha defensiva (**estrutura EH**), constituído por grandes blocos calcários.

Fig. 190 – Leceia 1991. Vista longitudinal da área escavada da primeira linha defensiva, vendo-se sucessivamente, do lado externo desta, as **estruturas EQ** e **EP** e, em último plano, a **estrutura EI**.

LLGEM
1972
EP
C3

Fig. 191 – Leceia 1991. Vista parcial do paramento externo da **estrutura EQ**, constituída por grandes blocos calcários de aspecto ciclópico, fundados em depósitos com espólios do Neolítico Final (em primeiro plano).

Fig. 192 – Leceia 1991. Vista da **estrutura EQ** e do troço correspondente da **estrutura EH**, integrada na primeira linha defensiva.

LECLEIA
1991
BASTIÃO ER

Fig. 193 – Leceia 1991. Vista do paramento interno da **estrutura EQ**, evidenciando-se a presença de grandes blocos calcários conferindo ao aparelho construtivo aspecto ciclópico. Em primeiro plano observa-se a **estrutura EH**, à qual aquela se encontra adossada, integrando a primeira linha defensiva.

Fig. 194 – Leceia 1991. Vista frontal da **estrutura EQ**, adossada externamente à primeira linha defensiva, representada pela **estrutura EH**, visível em último plano. Evidencia-se a integração de grandes blocos na estrutura, conjuntamente com blocos de menores dimensões.

LECLIA
1992
EQ

Fig. 195 – Leceia 1991. Vista longitudinal da área escavada ao longo da primeira linha defensiva, evidenciando-se em primeiro plano a **estrutura EQ**, constituída por grandes blocos calcários de aparelho com aspecto ciclópico e, em segundo plano, a **estrutura EP**, ambas adossadas ao paramento externo da **estrutura EH**.

Fig. 196 – Leceia 1992. Vista longitudinal de um troço da **estrutura EH** integrada na primeira linha defensiva, evidenciando-se o paramento interno original da mesma, sucessivamente reforçado por acrescentos adossados longitudinalmente, por forma a permitirem, com o alargamento da base, o alteamento da estrutura.

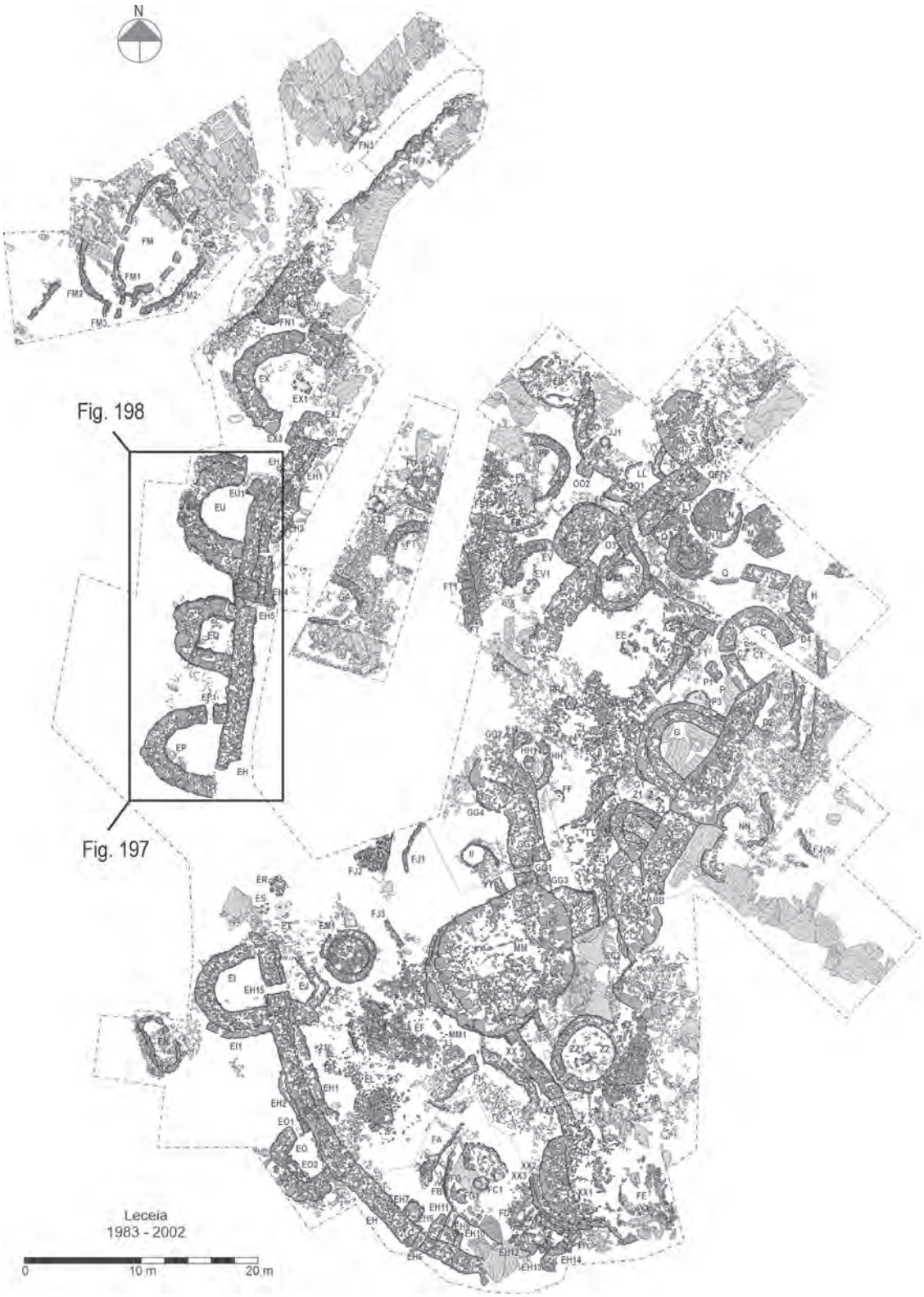


Fig. 197 – Leceia 1992. Vista parcial do lado externo da primeira linha defensiva, reforçada por bastiões, observando-se, da esquerda para a direita, sucessivamente, as **estruturas EU**, **EQ** e **EP**.

Fig. 198 – Leceia 1992. Vista longitudinal da primeira linha defensiva, reforçada do lado externo por sucessivos bastiões, observando-se, ao centro, um deles (**estrutura EQ**), integrando blocos de dimensões ciclópicas.

Fig. 199 – Leceia 1992. Vista longitudinal da primeira linha defensiva em curso de escavação. À esquerda, a **estrutura EH**, à qual se encontra adossada a **estrutura EU**, visível do lado direito da fotografia.

Fig. 200 – Leceia 1992. Vista frontal do paramento externo da **estrutura EU**, integrado na primeira linha defensiva, constituído essencialmente por blocos de grandes dimensões, conferindo ao aparelho aspecto ciclópico e irregular.

LECLIA
1992
EU
CS

Fig. 201 – Leceia 1992. A **estrutura EU**, adossada ao paramento externo da **estrutura EH**, visível do lado direito da fotografia, integrada na primeira linha defensiva.

Fig. 202 – Leceia 1992. Vista geral da **estrutura EU**, do seu lado interno, a qual se encontra adossada à **estrutura EH**, integrando a primeira linha defensiva, visível em primeiro plano.

Fig. 203 – Leceia 1992. Vista parcial do paramento interno da **estrutura EU**, pertencente à primeira linha defensiva.

Fig. 204 – Leceia 1992. Vista do lado interno da **estrutura EU1**, correspondente a passagem existente na **estrutura EU**, comunicando directamente para o exterior da fortificação. Do lado direito da fotografia observa-se o paramento externo da **estrutura EH**, integrando a primeira linha defensiva. Em primeiro plano observa-se o nível de embasamento da estrutura, correspondente a camada argilosa amarelada (C.3), por sua vez assente em camada acastanhada, com materiais do Neolítico Final.

LECEIA
1992
EU
C3

LECEIA
1992
EU
C3

Fig. 205 – Leceia 1992. Vista do interior da **estrutura EU**, a partir da passagem nela existente **(EU1)**, comunicando directamente para o exterior da área defendida.

Fig. 206 – Leceia 1992. Vista do lado externo da **estrutura EU1**, correspondente a passagem definida por grandes blocos calcários de ambos os lados, comunicando com o interior da **estrutura EU**, cujo paramento interno é visível em segundo plano.

LECEIA
1992
EU
C3

Fig. 207 – Leceia 1992. Vista frontal da **estrutura EU**, adossada ao paramento externo da **estrutura EH**, visível em segundo plano, integrada na primeira linha defensiva.

Fig. 208 – Leceia 1992. Vista frontal do lado externo da primeira linha defensiva, entre as **estruturas EU**, à esquerda, e **EQ**, à direita. Adjacente a esta última, observa-se estreita passagem existente na muralha (**estrutura EH15**), ulteriormente colmatada e selada por grande bloco calcário, visível sobre a mesma.

LEGIA
1992
EQ
ES

Fig. 209 – Leceia 1992. Em primeiro plano, a **estrutura EH** integrando a primeira linha defensiva, evidenciada por alinhamento de blocos correspondente ao seu lado interno; em segundo plano, observa-se o interior da **estrutura EX**, com uma estrutura de combustão na sua parte central (**estrutura EX1**).

Fig. 210 – Leceia 1992. Vista, em primeiro plano, da **estrutura EX3** definida de ambos os lados por grandes blocos calcários, correspondente a passagem comunicando com o interior da **estrutura EX**, visível em segundo plano, no centro da qual se observa uma estrutura de combustão (**estrutura EX1**).

LECEIA
1992
EX
C3

Fig. 211 – Leceia 1992. Vista parcial da **estrutura EX**, integrada na primeira linha defensiva, observando-se em segundo plano, a **estrutura EX3**, correspondendo a área lajeada permitindo o acesso ao interior da área intramuros.

Fig. 212 – Leceia 1992. Vista parcial do interior da **estrutura EX**, observando-se, ao centro, uma estrutura de combustão (**estrutura EX1**).

LEGEIA
1992
EX
C3

Fig. 213 – Leceia 1992. Vista parcial da **estrutura EX**, com ambos os paramentos definidos por alinhamentos de grandes blocos calcários, com o núcleo preenchido por blocos de pequenas e médias dimensões.

Fig. 214 – Leceia 1992. Vista do interior da **estrutura EX** integrada na primeira linha defensiva, definida por grandes blocos calcários no centro da qual se observa uma estrutura de combustão (**estrutura EX1**). Observa-se, em segundo plano, lajeado a sua ligação ao interior da área defendida, a **estrutura EX 3**.

LECEIA
1992
EX
E3

LECEIA
1992
EX
E2

Fig. 215 – Leceia 1992. Vista de pormenor da **estrutura EX1**, correspondente a estrutura de combustão situada no interior da **estrutura EX**, demonstrando o carácter polivalente desta, integrando a componente habitacional.

Fig. 216 – Leceia 1992. Pormenor do chão primitivo da **estrutura EX**, integrada na primeira linha defensiva, evidenciando-se o alinhamento de grandes blocos calcários definindo o seu paramento interno. Em primeiro plano observa-se uma estrutura de combustão construída no seu interior (**estrutura EX1**).

LECEIA
1992
EX
C2

LECEIA
1992
EX
C3

Fig. 217 – Leceia 1992. Remate da primeira linha defensiva, correspondente a um alinhamento de blocos de planta curvilínea (**estrutura EX2**), que flanqueia de um dos lados a passagem lajeada que comunica a **estrutura EX** com o interior da primeira linha defensiva. Do lado direito observa-se parcialmente a entrada **EX3** comunicando directamente para a área extramutos.

Fig. 218 – Leceia 1992. Vista parcial da **estrutura EX**, integrada na primeira linha defensiva, flanqueando, do lado direito da fotografia, uma passagem lajeada que conduzia directamente ao interior da fortificação (**estrutura EZ**).

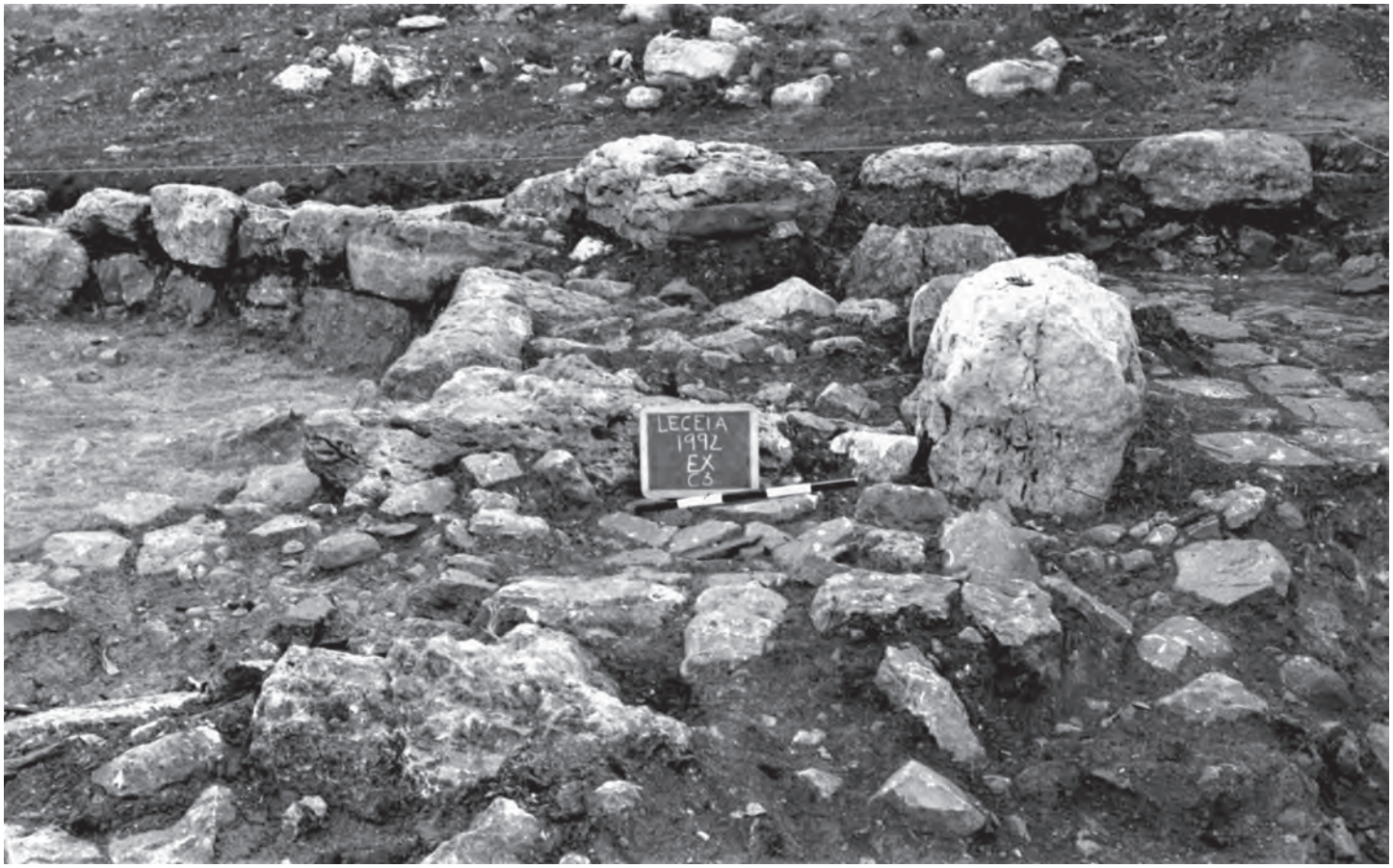

LECEIA
1992
EX
C3

Fig. 219 – Leceia 1992. Pormenor, em primeiro plano, da passagem lajeada (**estrutura EZ**) que conduzia, directamente ao interior do recinto fortificado situado do lado esquerdo da fotografia, flanqueando a **estrutura EX**, definida por grandes blocos calcários do seu lado externo.

Fig. 220 – Leceia 1992. Pormenor do **lajeado EZ**, de época tardia, flanqueado, do lado esquerdo da fotografia, pelo paramento externo da **estrutura EX**, integrada na primeira linha defensiva. Ao fundo observa-se alinhamento de grandes blocos calcários correspondentes à delimitação de um caminho de época medieval/moderna.

LECEIA
1992
EX
C5

LECEIA
1992
EX
C5

Fig. 221 – Leceia 1993. Vista lateral do dispositivo de reforço interno de uma das passagens na primeira linha defensiva (**estrutura EH6**), realizado do seu lado oriental, tendo por objectivo o fecho do espaço até à **estrutura FB**, correspondente a parapeito frontal à referida passagem, visível do lado esquerdo da fotografia.

Fig. 222 – Leceia 1993. Vista frontal da primeira linha defensiva (**estrutura EH**), no sector a nascente da **entrada EH6**, visível do lado esquerdo da fotografia. Em segundo plano, observa-se o conjunto de reforços executados do seu lado interno, destacando-se maciço de alvenaria de planta quadrangular (**estrutura EH8**).

Fig. 223 – Leceia 1993. Vista longitudinal da primeira linha defensiva (**estrutura EH**) tomada a partir da passagem nela existente (**estrutura EH6**). Nota-se a estreita articulação com a topografia pré-existente, imposta pelos afloramentos calcários que foram integrados no dispositivo defensivo.

Fig. 224 – Leceia 1993. Vista oblíqua da passagem existente na primeira linha defensiva (**estrutura EH6**) observando-se de ambos os lados desta a respectiva muralha (**estrutura EH**). Em segundo plano, evidenciam-se os reforços construídos do lado interno da referida passagem, correspondentes a dois maciços de alvenaria relacionados provavelmente com um dispositivo de madeira de fecho daquela passagem.

Fig. 225 – Leceia 1993. Pormenor do lado sul da passagem existente na primeira linha defensiva (**estrutura EH6**), observando-se a sucessão de reforços e acrescentos nela efectuados. A entrada propriamente dita, com o piso lajeado, observa-se do lado direito da fotografia.

Fig. 226 – Leceia 1993. Vista geral da primeira linha defensiva (**estrutura EH**) observando-se à direita a passagem nela existente (**estrutura EH6**) e, do seu lado interno, os reforços efectuados em ambos os seus lados. Em segundo plano e em posição frontal, vê-se o parapeito curvilíneo que delimitava átrio interior (**estrutura FB**).

Fig. 227 – Leceia 1993. Vista oblíqua, do exterior para o interior, da passagem existente na primeira linha defensiva, cujo piso se apresenta lajeado (**estrutura EH6**). Do lado direito da fotografia evidencia-se a sucessão de reforços executados, com o objectivo de fechar o espaço intramuros, até ao parapeito, visível em segundo plano (**estrutura FB**).

Fig. 228 – Leceia 1993. Vista oblíqua, do exterior para o interior, da passagem com o piso lajeado, existente na primeira linha defensiva (**estrutura EH6**). Do lado esquerdo da fotografia, evidencia-se reforço de planta rectangular (**estrutura EH7**), relacionada provavelmente com uma estrutura de fecho da passagem, de madeira.

Fig. 229 – Leceia 1993. Em primeiro plano observa-se troço da primeira linha defensiva (**estrutura EH**) a leste da passagem nele existente (**estrutura EH6**). Note-se o aproveitamento do grande afloramento calcário, visível em segundo plano, como componente do dispositivo defensivo.

Fig. 230 – Leceia 1993. Em primeiro plano é visível a **estrutura FA**, que conjuntamente com a **estrutura FB**, define um corredor que circunscreve a circulação na área intramuros. Em segundo plano pode observar-se estrutura de combustão (**estrutura FC1**).

Fig. 231 – Leceia 1993. Vista parcial da área escavada, ao longo do limite sul-oriental da plataforma rochosa, dominando o vale da ribeira de Barcarena, visível em segundo plano. Em primeiro plano observa-se a **estrutura FB**, correspondente a parapeito frontal à passagem na primeira linha defensiva (**estrutura EH6**), não visível na fotografia. Por detrás, vê-se uma estrutura habitacional (**estrutura FC**), à qual se encontra associada a estrutura de combustão (**estrutura FC1**), de época tardia (Calcolítico Pleno/Final).

Fig. 232 – Leceia 1993. Vista da área adjacente ao lado interno da passagem existente na primeira linha defensiva, visível do lado direito da fotografia (**estrutura EH6**). Em posição frontal àquela, desenvolve-se um parapeito curvilíneo (**estrutura FB**), flanqueado pela **estrutura FA**, definindo ambas estreito corredor comunicando com o interior da área situada entre a primeira e a segunda linhas defensivas.

FB
C1

Fig. 233 – Leceia 1993. Vista parcial da área escavada. Ao centro, desenvolve-se a **estrutura FB**, regularizando um afloramento de calcários pré-existente. Do lado direito, observa-se a **estrutura EH**, integrada na primeira linha defensiva, vendo-se em segundo plano uma das passagens nela existentes (**estrutura EH6**). Nota-se a inteligente adaptação à topografia natural pré-existente, caracterizada por forte declive, das soluções construtivas adoptadas.

Fig. 234 – Leceia 1993. Vista longitudinal da **estrutura XX1**, correspondendo a reforço arqueado da segunda linha defensiva, observando-se, da direita para a esquerda, os sucessivos reforços, que se desenvolvem em degraus (**estruturas XX2**, **XX3** e **XX4**) evidenciados por fiadas de blocos justapostos longitudinalmente.

Fig. 235 – Leceia 1993. Ao centro, em primeiro plano, vista frontal da passagem munida de degraus para vencer o forte declive observado naquele sector da primeira linha defensiva (**estrutura EH13**). Em segundo plano observam-se os sucessivos reforços executados do lado externo da **estrutura XX**, da segunda linha defensiva.

Fig. 236 – Leceia 1993. Vista frontal, de cima para baixo, da passagem munida de degraus (**estrutura EH13**), ao centro, para vencer o declive observado naquela área, próxima da escarpa meridional que delimitou a plataforma onde se implantou o povoado.

EF6
C3

EH
C3

Fig. 237 – Leceia 1993. Vista frontal, do lado externo, da passagem existente na primeira linha defensiva, munida de degraus para vencer o declive (**estrutura EH13**); de ambos os lados desta, observam-se os dois sectores da respectiva muralha (**estruturas EH12** e **EH14**) e, em segundo plano, os diversos reforços da **estrutura XX**, integrada na segunda linha defensiva.

Fig. 238 – Leceia 1993. Vista frontal, do lado externo, de passagem com degraus existente na primeira linha defensiva (**estrutura EH13**), flanqueada de ambos os lados pela correspondente muralha (**estrutura XX1**), de planta arqueada, com seus sucessivos reforços.

LECLIA/93
EH
C3

LECLIA/93
EF6
C3

Fig. 239 – Leceia 1993. Pormenor dos sucessivos reforços executados no lado externo da **estrutura XX1**, integrada na segunda linha defensiva.

Fig. 240 – Leceia 1993. Vista parcial da área escavada, observando-se em primeiro plano, à esquerda, a **estrutura FD**, correspondente a lajeado adjacente aos sucessivos reforços da **estrutura XX** (**XX1** a **XX4**). Em segundo plano, situa-se a **estrutura FC**, de natureza habitacional, vendo-se à esquerda a estrutura de combustão (**estrutura FC1**) já do Calcolítico Pleno/Final.

LECEIVES
XXI
C3

LECEIVES
XXI
C3

Fig. 241 – Leceia 1993. Estrutura de combustão (**estrutura FC1**), associada à unidade habitacional (**estrutura FC**), pertencente a fase avançada da ocupação do sítio, integrável no Calcolítico Pleno/Final.

Fig. 242 – Leceia 1993. Vista parcial da área escavada. Em primeiro plano, a **estrutura FI**, correspondente a lajeado assente no substrato geológico para o efeito afeiçoado. Em segundo plano observam-se os quatro reforços executados na **estrutura XX**, integrada na segunda linha defensiva, evidenciados pelos correspondentes alinhamentos de blocos longitudinalmente justapostos.

LECEIA/93
FC1
C2

Fig. 243 – Leceia 1993. Em primeiro plano observa-se parcialmente a **estrutura FI**, correspondente a lajeado encastrado no substrato geológico afeiçoado para o efeito, visível em segundo plano, no qual se fundou localmente a **estrutura XX**, representada por alinhamento de blocos. É provável que o referido lajeado correspondesse ao interior de uma habitação existente do lado interno da **estrutura EH**, desaparecida neste sector devido à proximidade da escarpa rochosa que delimitava do lado meridional o povoado.

Fig. 244 – Leceia 1993. Em primeiro plano observa-se pequeno lajeado (**estrutura FI**), fundado no substrato geológico que foi afeiçoado para a sua implantação, situado em área adjacente à **estrutura XX** e seus sucessivos reforços, em segundo plano.

LLCLWB
XX1
C3

LLCLWB
F1
C3

Fig. 245 – Leceia 1993. Em primeiro plano, vista do lajeado (**estrutura FD**) que se desenvolvia em posição adjacente à **estrutura XX** e seus sucessivos reforços: **estruturas XX1**, **XX2**, **XX3** e **XX4**, todos eles evidenciados pelos alinhamentos longitudinais de blocos que os definem.

Fig. 246 – Leceia 1993. Pormenor das duas fases de construção da **estrutura FG**, a mais antiga do lado esquerdo (**estrutura FG**), sobreposta pela mais moderna do lado direito (**estrutura FG1**), correspondente a lajeado que forraria provavelmente o chão de pequena habitação de planta semi-circular.

LECEIA/93
FD
C3

LECEIA/93
FG
C3

Fig. 247 – Leceia 1993. Pormenor da **estrutura FI**, correspondente a lajeado assente no substrato geológico, do lado externo do remate da segunda linha defensiva, representada pela **estrutura XX1**, visível em segundo plano, em local onde a primeira linha defensiva terá colapsado devido à proximidade da escarpa rochosa que delimita deste lado o sítio arqueológico.

Fig. 248 – Leceia 1993. Em primeiro plano, evidencia-se porção do caminho lajeado (**estrutura FE**), que comunicava com a área extramuros, relacionando-se com uma entrada por certo existente na primeira linha defensiva, desaparecida em resultado do colapso desta, dada a proximidade da escarpa rochosa.

Fig. 249 – Leceia 1994. Vista parcial do paramento externo da **estrutura MM**, correspondente a grande torre de planta sub-circular maciça, integrando blocos de grandes dimensões, a qual foi ulteriormente reforçada por um acrescento (**estrutura MM1**), adossado ao paramento pré-existente, visível do lado direito da fotografia. Note-se a fundação de ambas as estruturas em camada de embasamento amarelada, argilosa, assente em camada mais escura, com espólios do Neolítico Final.

Fig. 250 – Igual à legenda de cima (Fig. 249).

Fig. 251 – Leceia 1994. Vista frontal do paramento da grande torre maciça (**estrutura MM**) situada na junção da segunda com a terceira linhas defensivas, evidenciando-se, do lado direito, o reforço (**estrutura MM1**), destinado a permitir o alteamento da estrutura mediante o alargamento da sua base de sustentação. Observe-se ainda a camada argilosa amarelada em que a estrutura e o seu reforço se encontra fundada, assente por sua vez em camada acastanhada, na base, com materiais do Neolítico Final.

Fig. 252 – Leceia 1994. Pormenor do paramento primitivo da **estrutura MM**, constituído por grandes blocos calcários de aspecto ciclópico, assentes em camada argilosa amarelada a qual, por sua vez, se desenvolve sobre camada acastanhada, na base, com materiais do Neolítico Final.

LELEJA 96
MM
C3

Fig. 253 – Leceia 1994. Vista frontal do lado externo da passagem (**estrutura GG1**), existente na segunda linha defensiva (**estrutura GG**), evidenciando-se a diferença de cotas de fundação face à observada na **estrutura MM**, cujo paramento externo é parcialmente visível do lado direito da fotografia, que, por conseguinte, é mais antiga. Note-se a inclusão esporádica de grandes blocos basálticos no paramento da primeira das referidas estruturas.

Fig. 254 – Leceia 1994. Vista geral do amplo corredor edificado no Neolítico Final, só parcialmente escavado, definido do seu lado direito por um alinhamento simples de blocos colocados verticalmente, e do seu lado esquerdo por um muro com aparelho de alvenaria totalmente diferente, evidenciando assim a coexistência de ambas as tecnologias construtivas (**estruturas FJ1** e **FJ2**).

LECHAYU
GG
C3

LECHAYU
FJ
C3

Fig. 255 – Leceia 1994. Vista oblíqua do amplo corredor edificado no Neolítico Final, definido por dois muros, a **estrutura FJ1**, em segundo plano, e a **estrutura FJ2**, em primeiro plano, anterior à edificação da fortificação calcolítica.

Fig. 256 – Leceia 1994. Pormenor da **estrutura FJ1** definida por um alinhamento de grandes blocos calcários, correspondente a um dos lados de amplo corredor só parcialmente escavado edificado no Neolítico Final, com correspondência na camada basal observada no corte estratigráfico (C.4).

LEC E1A/94
F3
C3

LEC E1A/94
F3
C3

Fig. 257 – Leceia 1994. A **estrutura EM**, ao centro, situada no espaço entre a **estrutura MM**, em segundo plano, e a primeira linha defensiva, não visível na fotografia. Em segundo plano observa-se o grande lajeado (**estrutura EF**).

Fig. 258 – Leceia 1994. Vista geral da **estrutura EM**, depois de completamente escavada, correspondendo a um empedrado de planta circular situado entre a **estrutura MM**, visível em segundo plano, ao fundo, e a primeira linha defensiva (**estrutura EH**). Note-se o ulterior acrescento da sua área útil, através da construção de um anel periférico constituído por uma fiada dupla de blocos. À semelhança das **estruturas M** e **N**, foi interpretada como o embasamento de uma eira para o processamento de cereais.

Fig. 259 – Leceia 1994. Vista do interior da **estrutura FL**, correspondente a estrutura habitacional de planta sub-circular possuindo na área central uma estrutura de combustão (**estrutura FL1**).

Fig. 260 – Leceia 1994. Vista parcial da **estrutura FL**, correspondente a estrutura habitacional de planta sub-circular definida por alinhamento regular de blocos, ao centro, de época anterior à **estrutura HH**, visível em segundo plano, correspondendo a outra unidade habitacional adossada ao reforço (**estrutura GG2**) da muralha (**estrutura GG**), integrada na segunda linha defensiva, visível do lado esquerdo da fotografia. De notar, ao centro, no local ocupado pelo quadro, a existência de uma estrutura de combustão (**estrutura FL1**).

LEC 11/4/44
FL
C5

Fig. 261 – Leceia 1994. Vista da **estrutura EN**, correspondente a unidade habitacional de planta elipsoidal, de época campaniforme, situada no espaço extramuros adjacente à **estrutura EI** e construída no nível de derrubes dela resultantes, do Calcolítico Pleno/Final, depois de completamente escavada.

Fig. 262 – Leceia 1995. Vista parcial da **estrutura FM**, correspondente ao muro interno (**FM1**) de cabana campaniforme de planta elipsoidal. Note-se o encosto da estrutura ao afloramento de calcários duros cretácicos anteriormente explorado como pedreira, para extracção de grandes blocos colocados directamente nas muralhas e bastiões edificados no início do Calcolítico Inicial.

LELEWH
EN
C2

Fig. 263 – Leceia 1995. Vista parcial da **estrutura FM**, correspondente ao muro interno (**FM1**) da cabana campaniforme de planta elipsoidal parcialmente posta a descoberto. Note-se o alinhamento simples de blocos calcários assentes na camada arqueológica com materiais do Neolítico Final (C.4).

Fig. 264 – Leceia 1995. Vista axial da **estrutura FM**, com o muro interno da mesma então posto a descoberto (**estrutura FM1**), observando-se em primeiro plano o afloramento de calcários duros cretácicos anteriormente explorado como pedreira para a edificação do dispositivo defensivo, logo no início do Calcolítico Inicial, ao qual esta estrutura habitacional se encontra adossada.

Fig. 265 – Leceia 1995. Localização da **estrutura FM** na área extramuros, evidenciando-se o muro interno da mesma (**estrutura FM1**) então posto a descoberto e, do lado esquerdo da fotografia, o afloramento de calcários duros cretácicos anteriormente explorado como pedreira para a edificação do dispositivo defensivo, logo no início do Calcolítico Inicial.

Fig. 266 – Leceia 1996. Vista parcial da **estrutura FM**, evidenciando-se o duplo muro que a integrava, correspondendo o muro interno (**estrutura FM1**) ao recinto habitacional propriamente dito que, conjuntamente com o muro externo (**estrutura FM3**) definia a globalidade do recinto coberto. Note-se, em primeiro plano, a entrada do recinto interno, marcada por uma pedra de soleira colocada de cutelo e, do lado esquerdo, a entrada no recinto externo da cabana (**estruturas FM2** e **FM4**, respectivamente).

UCEM
1999
FM 02

Fig. 267 – Leceia 1996. Vista oblíqua da **estrutura FM2**, dando acesso ao recinto interno da **estrutura FM**, cuja entrada se encontra marcada por uma pedra de soleira colocada de cutelo. Em segundo plano, observa-se o muro externo da mesma estrutura (**estrutura FM3**), rematado por um corredor de acesso ao exterior (**estrutura FM4**) visível em primeiro plano.

Fig. 268 – Leceia 1996. Vista frontal da **estrutura FM2**, correspondente à entrada no recinto interno da cabana campaniforme (**estrutura FM**), marcada por uma soleira constituída por pedra colocada de cutelo.

LGCEIA
1990
FM C2

Fig. 269 – Leceia 1996. Pormenor da dupla entrada existente na **estrutura FM** constituída, do lado direito, por pequeno corredor marcado por pedra de soleira colocada de cutelo, definindo a entrada no recinto habitacional e, do lado esquerdo, por corredor que assegurava o acesso exclusivamente ao recinto exterior da habitação.

Fig. 270 – Leceia 1996. Vista frontal do recinto interno da **estrutura FM**, observando-se, em segundo plano, o afloramento de calcários duros cretácicos anteriormente explorados como pedreira aquando da construção do dispositivo defensivo no início do Calcolítico Inicial e ao qual esta estrutura se adossou.

LFCEIA
1996
FM C2

Fig. 271 – Leceia 1996. Vista parcial da **estrutura FM**, correspondente a unidade habitacional de planta elipsoidal campaniforme evidenciando-se o duplo muro que a constituí, e o afloramento de calcários duros cretácicos aos quais se adossou, depois de o mesmo ter sido explorado como pedreira, para a construção da fortificação, no início do Calcolítico Inicial. Em primeiro plano, ao centro, observa-se dupla entrada, dando acesso a ambos os recintos – o interno e o externo – que constituem a cabana.

Fig. 272 – Leceia 1996. Vista do recinto interno da **estrutura FM**, unidade habitacional campaniforme, observando-se, em segundo plano, o muro externo que a envolvia completamente, criando um segundo recinto que poderia ser utilizado para abrigar pessoas e/ou animais.

Fig. 273 – Leceia 1996. Vista parcial da **estrutura FM**, correspondente a unidade habitacional campaniforme, evidenciando-se os dois muros que a definem, depois de completamente escavada.

Fig. 274 – Leceia 1996. Vista geral da **estrutura FM** correspondente a unidade habitacional campaniforme.

Fig. 275 – Leceia 1996. Vista geral da **estrutura FM** correspondente a unidade habitacional campaniforme implantada na área extramuros do povoado Calcolítico, notando-se a **estrutura EX**, visível em segundo plano, à direita, integrada na primeira linha defensiva, da qual dista cerca de 10 m.

Fig. 276 – Leceia 1996. Vista parcial da área escavada evidenciando-se, ao centro, a **estrutura EZ**, correspondente a caminho lajeado que dava acesso ao interior da fortificação, sendo flanqueado de um dos lados pelo paramento externo da **estrutura EX**, definido por grandes blocos alinhados, integrada na primeira linha defensiva.

LECCIA 9
FN
C3

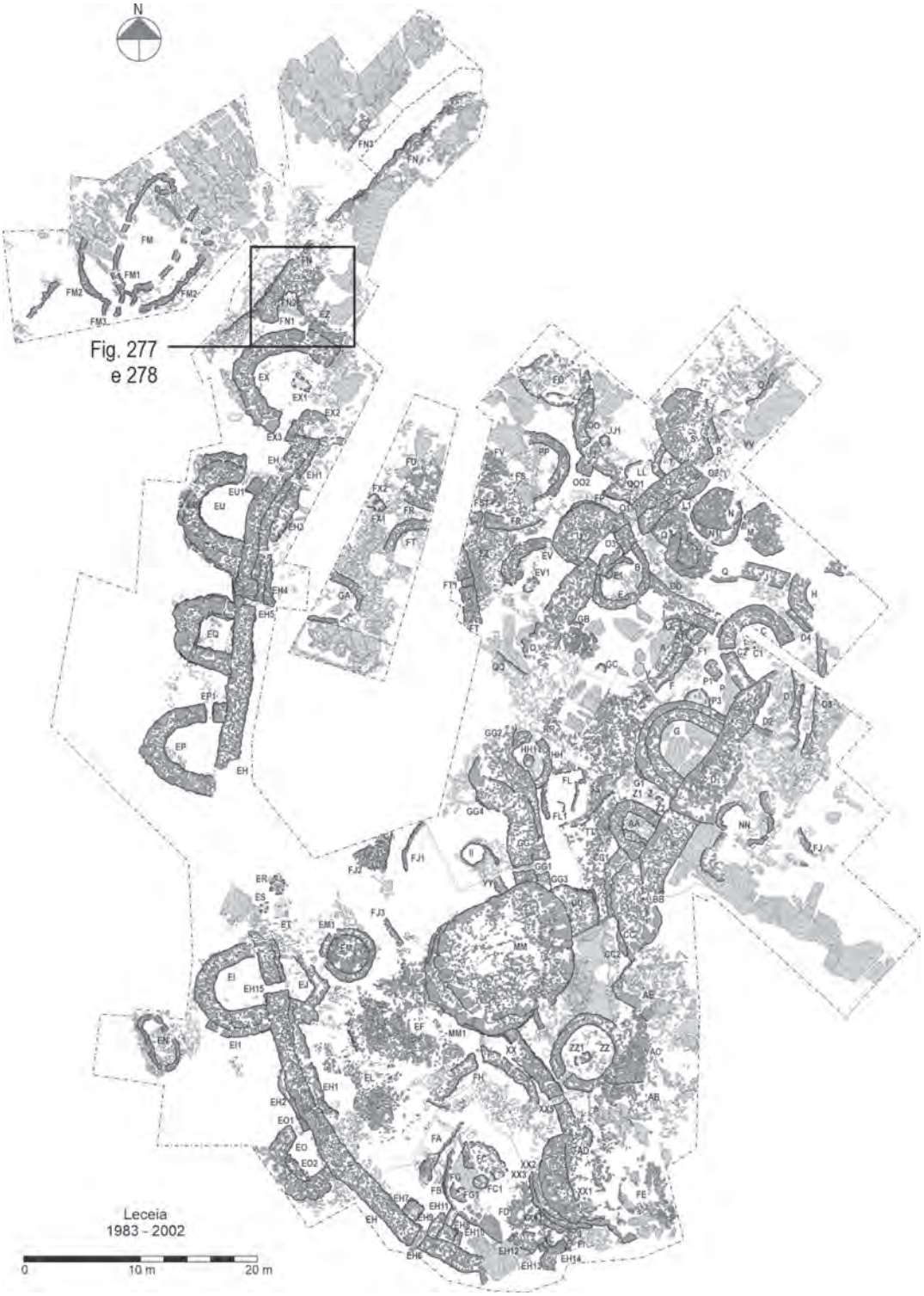


Fig. 277 – Leceia 1996. Vista da **estrutura FN**, integrada na primeira linha defensiva, correspondente a prolongamento lateral da **estrutura EH**. Nota-se ter havido uma prévia demolição parcial desta estrutura, evidenciada pelo alinhamento de blocos visível em primeiro plano. A sua reconfiguração no terreno, conjuntamente com a **estrutura EX**, visível do lado direito da fotografia, deu origem a uma passagem na primeira linha defensiva (**estrutura FN1**), depois prolongada no interior desta pelo lajeado já anteriormente referido (**estrutura EZ**).

Fig. 278 – Leceia 1996. Vista do paramento externo da **estrutura FN**, correspondente ao prolongamento lateral da **estrutura EH** e integrada, tal como aquela, na 1.ª linha defensiva.

LECCIA
F/V
C3

Fig. 279 – Leceia 1996. Vista, em primeiro plano, da **estrutura FN**, correspondente ao prolongamento lateral da **estrutura EH**, e integrada, tal como aquela, na 1.ª linha defensiva, observando-se em segundo plano o seu remate (**estrutura FN1**) definindo, com a **estrutura EX**, visível ao fundo da fotografia, uma entrada no interior do recinto muralhado, prolongada pela **estrutura EZ**, correspondente a lajeado, visível à esquerda.

Fig. 280 – Leceia 1997. Pormenor da **estrutura FN1**, à direita, correspondente a remate da **estrutura FN**. Em segundo plano vê-se a concavidade formada pelo seu paramento interno, formando um "cul de sac" com intuitos defensivos.

LECEIA
FN
C3

Fig. 281 – Leceia 1997. Pormenor do aparelho de alvenaria (**estrutura FN**) correspondendo ao revestimento do lado sul do fosso natural integrado no dispositivo defensivo.

Fig. 282 – Leceia 1997. Vista longitudinal da **estrutura FN**, correspondendo ao revestimento do lado sul, formado por grandes blocos, do fosso natural integrado no dispositivo defensivo.

LECEIA97
FN
C3

Fig. 283 – Leceia 1997. Vista frontal do remate da **estrutura FN** correspondente ao revestimento do lado sul do fosso natural integrado no dispositivo defensivo. Note-se, em segundo plano, a frente primitiva das bancadas calcárias assim regularizadas.

Fig. 284 – Leceia 1997. Vista longitudinal do remate da **estrutura FN** situada do lado sul do fosso natural integrado no dispositivo defensivo. Note-se, em segundo plano, a frente primitiva das bancadas calcárias assim regularizadas.

Fig. 285 – Leceia 1997. Vista parcial do aparelho de alvenaria (**estrutura FN**) constituído por blocos irregularmente dispostos, correspondente ao revestimento do lado sul do fosso natural integrado no dispositivo defensivo. Note-se, em segundo plano, a frente das bancadas de calcário assim regularizadas.

Fig. 286 – Leceia 1997-1998. Vista transversal do antigo fosso natural, formado por descontinuidade existente nas bancadas calcárias que o definiam, cujas frentes foram ulteriormente regularizadas pelo adossamento de grandes blocos, aquando da sua integração no dispositivo defensivo.

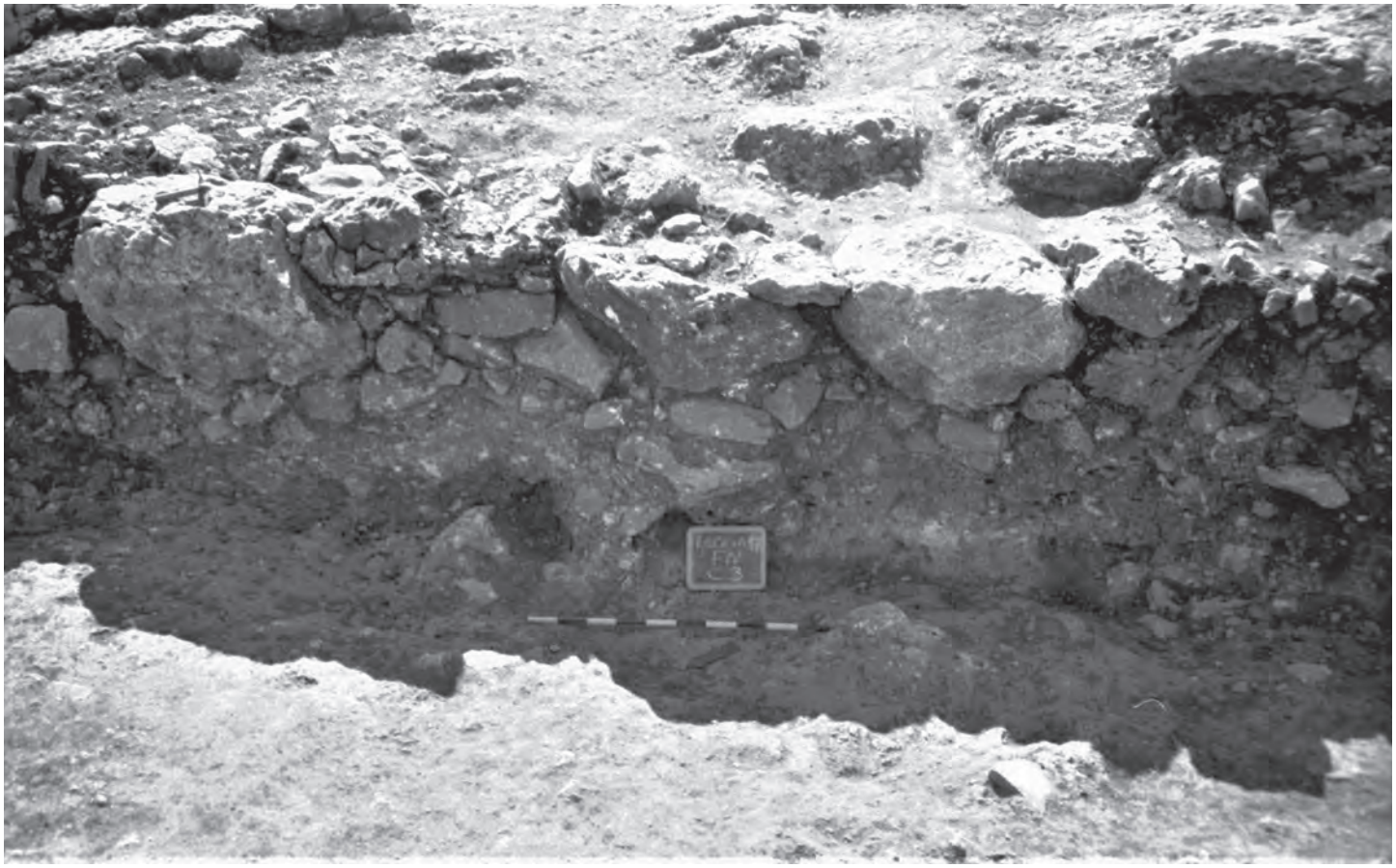


Fig. 287 – Leceia 1997. Vista parcial da **estrutura FN3**, correspondente a blocos dispostos ao longo da frente das bancadas calcárias que constituíam a parede setentrional do fosso natural integrado no dispositivo defensivo. Em primeiro plano observa-se a **estrutura FN**, correspondente à parede que delimita o antigo fosso natural, do lado oposto.

Fig. 288 – Leceia 1997-98. Vista parcial do paramento de blocos heterométricos (**estrutura FN**) adossados às bancadas calcárias correspondentes ao lado sul do antigo fosso natural, cuja parede foi assim regularizada, por forma a ser integrado no dispositivo defensivo.

Fig. 289 – Leceia 1998. Vista geral da **estrutura FO**, situada entre a primeira e a segunda linhas defensivas, associada à prática intensiva de farinação, em resultado do número de elementos de moagem nela recolhidos. Do lado direito observa-se o eixo de circulação principal que se articula com duas passagens existentes na primeira e na segunda linha defensivas, respectivamente as **estruturas EZ** e **O1**.

Fig. 290 – Leceia 1998. Vista da **estrutura FO**, em parte assente no substrato geológico, representado por uma extensa bancada calcária visível do lado direito da foto, correspondente a uma unidade especializada de produção (moagem de cereais), evidenciada pela assinalável presença de elementos de mós manuais, localizada de um dos lados do caminho que atravessava todo o espaço situado entre a primeira e a segunda linhas defensivas.

Fig. 291 – Leceia 1998. Pormenor construtivo do embasamento da **estrutura FO**, correspondente a um alinhamento de blocos de médias dimensões. Notar os vestígios de lajeado interior, definido por lajes dispostas horizontalmente.

Fig. 292 – Leceia 1998. Vista parcial do caminho que atravessa o espaço intramuros entre a primeira e a segunda linhas defensivas delimitado de ambos os lados por diversas estruturas visíveis na fotografia. À esquerda, as **estruturas FO**, **OO** e **OO2**; à direita, a **estrutura PP**. Note-se que parte do chão deste caminho era constituído pela extensa bancada calcária aflorante em primeiro plano.

LECEIA
1998
FO/C3

Fig. 293 – Leceia 1998. Em primeiro plano observa-se o caminho, de planta sinuosa, que atravessa todo o espaço situado entre a primeira e a segunda linhas defensivas, delimitado neste sector pela **estrutura OO**, cujo paramento externo se observa em segundo plano e, do lado oposto, pela **estrutura PP**, visível do lado direito da fotografia.

Fig. 294 – Leceia 1998. Vista parcial do caminho que atravessa o espaço intramuros entre a primeira e a segunda linhas defensivas, no presente sector marginado à esquerda pela **estrutura OO**, com um cunhal saliente (**estrutura OO2**), destinado a dificultar o acesso ao interior da segunda linha defensiva e, à direita, pela parede da **estrutura PP**. Em segundo plano observa-se a passagem (**estrutura O1**), existente naquela linha defensiva.

Fig. 295 – Leceia 1998. Pormenor do estreitamento no caminho que atravessa todo o espaço intramuros entre a primeira e a segunda linhas defensivas, verificado entre as **estruturas OO2** e **PP**.

Fig. 296 – Leceia 1998. Vista parcial do caminho sinuoso que articulava as passagens existentes na primeira e na segunda linhas defensivas, respectivamente as **estruturas EZ** e **O1**, delimitado do lado esquerdo da fotografia pelas **estruturas OO** e **JJ**, reforçadas por dois cunhais (**estruturas OO2** e **OO1**), ambos visíveis e, do lado direito, pelas **estruturas PP** e **U**, conduzindo à passagem na segunda linha defensiva (**estrutura O1**), visível ao fundo.

LECEIA
1998
FQ/C3

Fig. 297 – Leceia 1998. Em primeiro plano, aspecto parcial da **estrutura PP**, estrutura habitacional de planta elipsoidal definida por muro constituído por um duplo paramento. Esta estrutura margina de um dos lados um caminho, delimitado do outro lado, neste sector, pela **estrutura FO**, visível em segundo plano.

Fig. 298 – Leceia 1998. Vista do acima referido caminho antes de este atingir a passagem existente na segunda linha defensiva, visível em segundo plano (**estrutura O1**). Evidenciam-se, do lado esquerdo, sucessivamente, os cunhais (**estruturas OO2** e **OO1**), adossados ao paramento primitivo da **estrutura OO**, destinados a dificultar o acesso ao interior da área defendida.

Fig. 299 – Leceia 1998. Vista parcial da área escavada. À esquerda a **estrutura PP** que delimita deste lado o caminho sinuoso que atravessa todo o espaço intramuros entre a primeira e a segunda linhas defensivas. À direita, ao centro, o cunhal (**estrutura OO2**), encostado à **estrutura OO**, visível por detrás, construído em época tardia, com o objectivo de provocar um estreitamento no referido caminho. Em último plano, a **estrutura FO**.

Fig. 300 – Leceia 1998. Pormenor da passagem existente na segunda linha defensiva (**estrutura O1**). Do lado esquerdo, observa-se o cunhal (**estrutura OO1**) destinado a dificultar a progressão no espaço defendido. Do lado direito, evidencia-se o paramento da **estrutura U**, que flanqueia a referida passagem de um dos lados. Note-se a existência do piso lajeado, em parte desaparecido (**estrutura FP**).

LECFIA
1998
IQ/C

LECFIA
1998
FP/C3

Fig. 301 – Leceia 1998. Passagem existente na segunda linha defensiva, vista do lado externo (**estrutura O1**). Do lado esquerdo da fotografia evidenciam-se dois cunhais destinados a dificultar a progressão no espaço defendido, respectivamente as **estruturas OO2** e **OO1**. Do lado direito observa-se, parcialmente, o paramento externo da **estrutura U**, que flanqueia daquele lado a referida passagem. Note-se a existência do piso lajeado, em parte já desaparecido (**estrutura FP**).

Fig. 302 – Leceia 1999. Vista do lado interno da **estrutura PP**, correspondente a uma grande cabana de planta elipsoidal, definida por muro construído por duplo alinhamento de blocos, possuindo o interior o piso lajeado.

LECFIA
FP/C2

LECFIA
FP C2

Fig. 303 – Leceia 1999. Ao centro, a **estrutura FT1** correspondente a passagem existente na grande cabana de planta elipsoidal (**estrutura FT**), cujo contorno e dimensões se evidenciam pelo alinhamento curvilíneo de blocos que definem o seu lado externo. Note-se o lajeado adjacente à entrada, do lado externo, importante sobretudo no tempo chuvoso para evitar o empoçamento da mesma.

Fig. 304 – Leceia 1999. Vista frontal, do lado externo, da **estrutura FT1**, correspondente a passagem da grande cabana de planta elipsoidal (**estrutura FT**). Note-se o lajeado exterior, adjacente à entrada, que se prolonga pelo corredor da mesma.

Fig. 305 – Leceia 1999. Pormenor da **estrutura FT1** vista de cima e do seu lado interno, correspondendo a passagem para o interior da grande cabana de planta elipsoidal (**estrutura FT**). Note-se a existência de corredor com o piso forrado de lajes, encontrando-se as duas extremidades deste definidas por duas lajes colocadas transversalmente, servindo de soleiras. Note-se ainda o desnível negativo do interior da cabana, face à cota do exterior e o lajeado adjacente à entrada, visível em segundo plano.

Fig. 306 – Leceia 1999. Vista vertical da **estrutura FT1**, correspondente a passagem existente para o interior da grande cabana de planta elipsoidal (**estrutura FT**), evidenciando-se o desenvolvimento do muro desta, do lado esquerdo da fotografia, constituído por dois paramentos, com um enchimento intermédio de blocos miúdos. Note-se o lajeado existente na área externa adjacente à entrada, que se prolonga pelo corredor, bem como as duas lajes colocadas transversalmente, em ambas as extremidades deste, servindo de soleiras.

Fig. 307 – Leceia 2000. Vista de topo de parte da **estrutura GA**, correspondente a cabana de planta elipsoidal definida por duplo muro de blocos alinhados. Note-se a assinalável quantidade de derrubes situados no lado externo da estrutura, em resultado do colapso desta e de outras ali previamente existentes. O interior da estrutura, depois de limpo de tais derrubes revelou algumas lajes dispersas, que primitivamente forravam o chão da habitação.

Fig. 308 – Leceia 2000. Vista parcial da grande cabana de planta elipsoidal (**estrutura FT**), evidenciando-se o seu contorno curvilíneo definido por dois alinhamentos de blocos, correspondentes aos paramentos externo e interno, com enchimento intermédio de elementos de menores dimensões. Do lado direito da fotografia observa-se alinhamento semelhante, integrado numa unidade habitacional comparável (**estrutura FR**) e, em último plano, junto ao limite da escavação, duas estruturas de combustão (**estruturas FX1** e **FX2**) integrando elementos basálticos.

Fig. 309 – Leceia 2000. Vista de topo de duas estruturas de combustão coalescentes (**estruturas FX1** e **FX2**) integrando pequenos elementos calcários e basálticos, colocados de cutelo.

Fig. 310 – Leceia 2001. Vista oblíqua da **estrutura GA**, evidenciando-se o seu contorno elipsoidal e a presença de lajes no seu interior, vestígios do antigo piso que o forrava. Em primeiro plano, o corte estratigráfico executado no seu lado externo até ao substrato geológico, visível no canto inferior direito da fotografia.

LECEIA
2000
FX 1/2 / C 2

LECEIA
2001

Fig. 311 – Leceia 2001. Vista do eixo maior da **estrutura GA**, correspondente a cabana de planta elipsoidal parcialmente explorada, evidenciando-se algumas lajes dispersas no seu interior, vestígios do antigo piso que o forrava. Em segundo plano observa-se o substrato geológico posto a descoberto pelo corte estratigráfico realizado.

Fig. 312 – Leceia 2001. Vista lateral da **estrutura GA** envolvida por abundantes blocos formando camada contínua (C.2) resultante dos derrubes verificados nas estruturas edificadas na área intramuros. Note-se a existência de lajes dispersas, vestígios do piso que forrava o seu interior.

Fig. 313 – Leceia 2001. Vista de corte estratigráfico formado essencialmente por materiais argilosos (C.3) executado sob a **estrutura GA**, correspondente a cabana de planta elipsoidal. Na base, evidencia-se o desenvolvimento das bancadas de calcários duros cretácicos aflorantes em toda a plataforma rochosa aquando da primeira ocupação arqueológica, do Neolítico Final.

Fig. 314 – Leceia 2001. Vista parcial da área explorada. Do lado esquerdo observa-se parte da **estrutura GA**; ao centro, as bancadas de calcários duros cretácicos, aflorantes antes da primeira ocupação, do Neolítico Final; à direita, vê-se o corte estratigráfico evidenciando a sequência estratigráfica usualmente verificada em Leceia, com uma camada terrosa e pouco compacta, rica em blocos calcários (C.2) resultantes dos derrubes das estruturas ao nível da sua componente de alvenaria, sucedida em profundidade por camada mais compacta, amarelada e argilosa (C.3) formada pelo espalhamento pela área arqueológica dos materiais que integravam a parte superior das estruturas habitacionais (adobes, taipa) e que revestiriam provavelmente os paramentos das estruturas defensivas. Na base, observa-se a camada com materiais do Neolítico Final (C.4), assente directamente nas bancadas de calcários duros cretácicos.

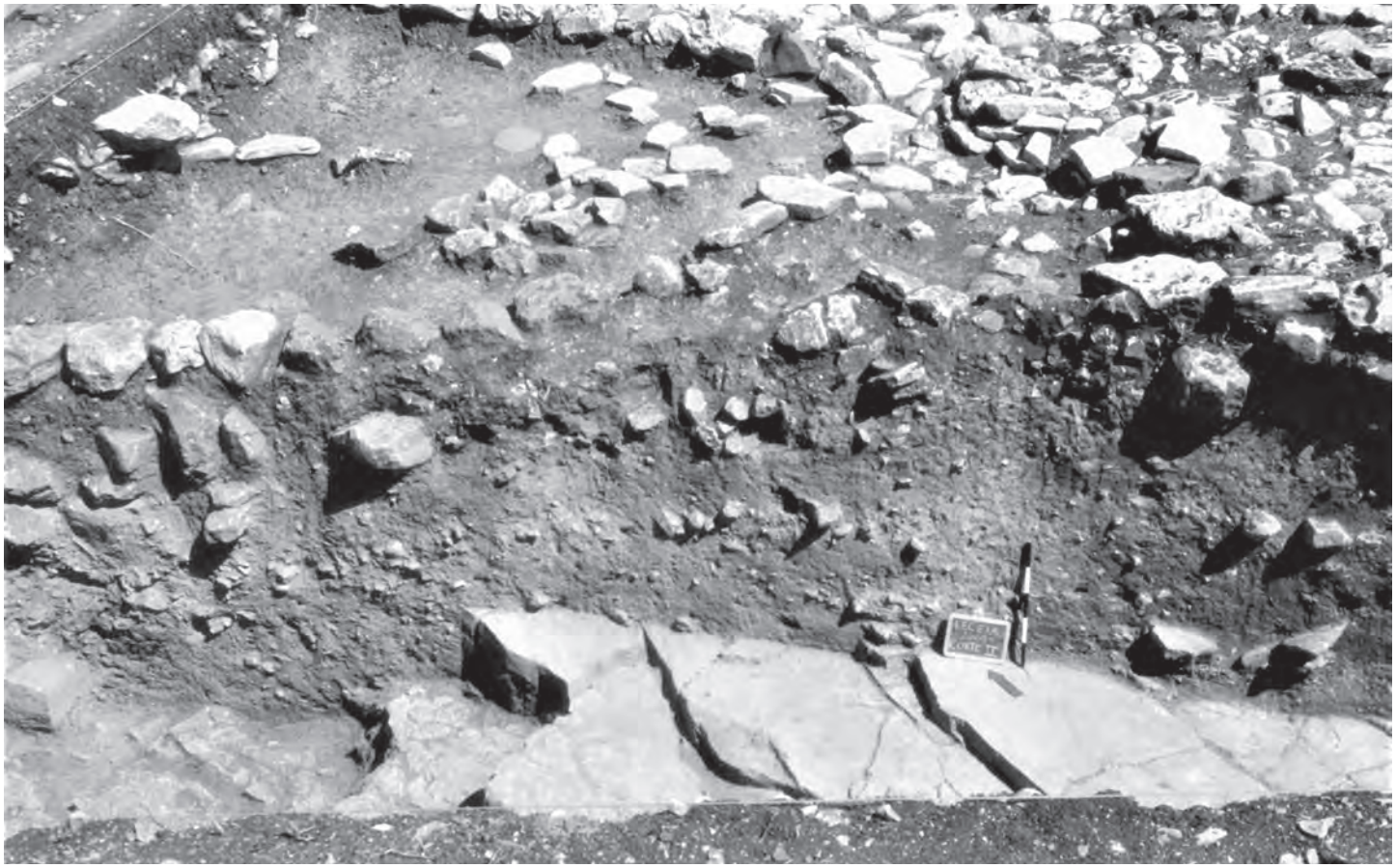


Fig. 315 – Leceia 2001. Corte estratigráfico evidenciando a sucessão usualmente verificada em Leceia, com uma camada pedregosa muito importante, na sua parte mais alta, resultante dos derrubes das estruturas arqueológicas verificado ao nível do seu embasamento de alvenaria (C. 2), a que se sucede, em profundidade, uma camada mais compacta e argilosa, de coloração amarelada provavelmente formada pelos materiais provenientes da parte superior das estruturas habitacionais de adobe, bem como dos revestimentos dos paramentos das estruturas defensivas (C. 3). Note-se, na base desta camada, um alinhamento horizontal de blocos correspondentes por certo ao seccionamento de um piso lajeado. Na base observa-se bancada de calcários duros cretácicos, que afloravam originalmente no terreno, sobre a qual se formou a primeira camada arqueológica (C.4), com materiais do Neolítico Final.

Fig. 316 – Leceia 2002. Vista parcial da área escavada, evidenciando solo de ocupação do Calcolítico Inicial. Em segundo plano, ao centro, observa-se estrutura de combustão (**estrutura GC**), a pouca distância do empedrado visível do lado direito (**estrutura GB**), adossado ao paramento interno da **estrutura O**, não visível, integrada na segunda linha defensiva. Trata-se de um empedrado situado do lado interno de uma passagem existente na referida estrutura, que até então não tinha sido evidenciada.

Fig. 317 – Leceia 2002. Pormenor do empedrado (**estrutura GB**), situado do lado interno de uma passagem existente na **estrutura O**, integrada na segunda linha defensiva. Note-se a espessa camada argilosa, de taipa, greda ou adobe, depositada sobre este nível habitacional (C.3) resultante da degradação da parte superior das estruturas arqueológicas desta mesma época.

Fig. 318 – Leceia 2002. Em primeiro plano evidencia-se particularismo do aparelho construtivo patente no paramento externo da **estrutura O**, integrada na segunda linha defensiva, correspondente à alternância de blocos colocados ao alto com blocos de travamento dispostos ao baixo, nos espaços intermédios (ver **Fig. 96**).

sete

AS ESCAVAÇÕES E O SEU QUOTIDIANO

Ao longo dos vinte anos de escavações arqueológicas, registou-se a participação de mais de duas centenas de jovens, alguns deles de forma repetida em diversas campanhas. Pela sua regularidade, são de destacar alguns dos elementos do Agrupamento do Estoril do Corpo Nacional de Escutas; vários estudantes universitários, oriundos da Universidade de Lisboa, da Universidade Técnica de Lisboa, da Universidade Nova de Lisboa, da Universidade Aberta e da Universidade Autónoma de Lisboa; jovens integrados no Programa OTL da Câmara Municipal de Oeiras, coordenado pelo Gabinete de Apoio à Juventude, previamente seleccionados por entrevista; e jovens integrados no Programa "Acções de Formação em Arqueologia" promovido pela Câmara Municipal de Oeiras através do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/CMO, doravante CEACO.

Foi certamente o gosto pela arqueologia e a motivação provocada pelo desenrolar dos trabalhos de escavação do povoado pré-histórico onde, ano após ano, se iam pondo a descoberto, de forma inesperada, as magníficas estruturas defensivas que o integram, que explica a adesão recorrente de jovens, atraídos por um trabalho de assinalável exigência física, desenrolado sob a torreira do sol de Agosto, trocando as delícias de uma férias na praia ou no campo por um quotidiano de esforço suado, temperado pela poeira generalizada. Na **Fig. 319** apresenta-se reprodução de folha de presenças diárias dos participantes da 3.ª campanha de escavações, relativa a 1985.

No QUADRO 4 indica-se a duração de cada campanha anual e o respectivo número de participantes, embora nem todos eles tivessem comparecido na totalidade do tempo.

QUADRO 4 – Número de dias úteis de trabalho e de participantes em cada campanha de escavações arqueológicas.

Ano	Escavação arqueológica	Trabalhos de escavação			Número de Participantes
		Inicio	Fim	Dias úteis	
1983	1.ª Campanha	01/ago	14/ago	12 dias	11
1984	2.ª Campanha	08/ago	28/ago	18 dias	10
1985	3.ª Campanha	29/jul	20/ago	17 dias	25
1986	4.ª Campanha	04/ago	29/ago	20 dias	32
1987	5.ª Campanha	03/ago	28/ago	20 dias	33
1988	6.ª Campanha	01/ago	26/ago	20 dias	26
1989	7.ª Campanha	31/jul	25/ago	20 dias	20
1990	8.ª Campanha	01/ago	24/ago	18 dias	16
1991	9.ª Campanha	05/ago	30/ago	19 dias	19
1992	10.ª Campanha	10/ago	28/ago	16 dias	16
1993	11.ª Campanha	09/ago	27/ago	15 dias	9

Ano	Escavação arqueológica	Trabalhos de escavação			Número de Participantes
		Inicio	Fim	Dias úteis	
1995	13.ª Campanha	07/ago	25/ago	15 dias	17
1996	14.ª Campanha	05/ago	23/ago	15 dias	16
1997	15.ª Campanha	04/ago	22/ago	15 dias	16
1998	16.ª Campanha	03/ago	21/ago	15 dias	15
1999	17.ª Campanha	09/ago	27/ago	15 dias	13
2000	18.ª Campanha	07/ago	25/ago	15 dias	14
2001	19.ª Campanha	06/ago	31/ago	9 dias	11
2002	20.ª Campanha	05/ago	30/ago	10 dias	11

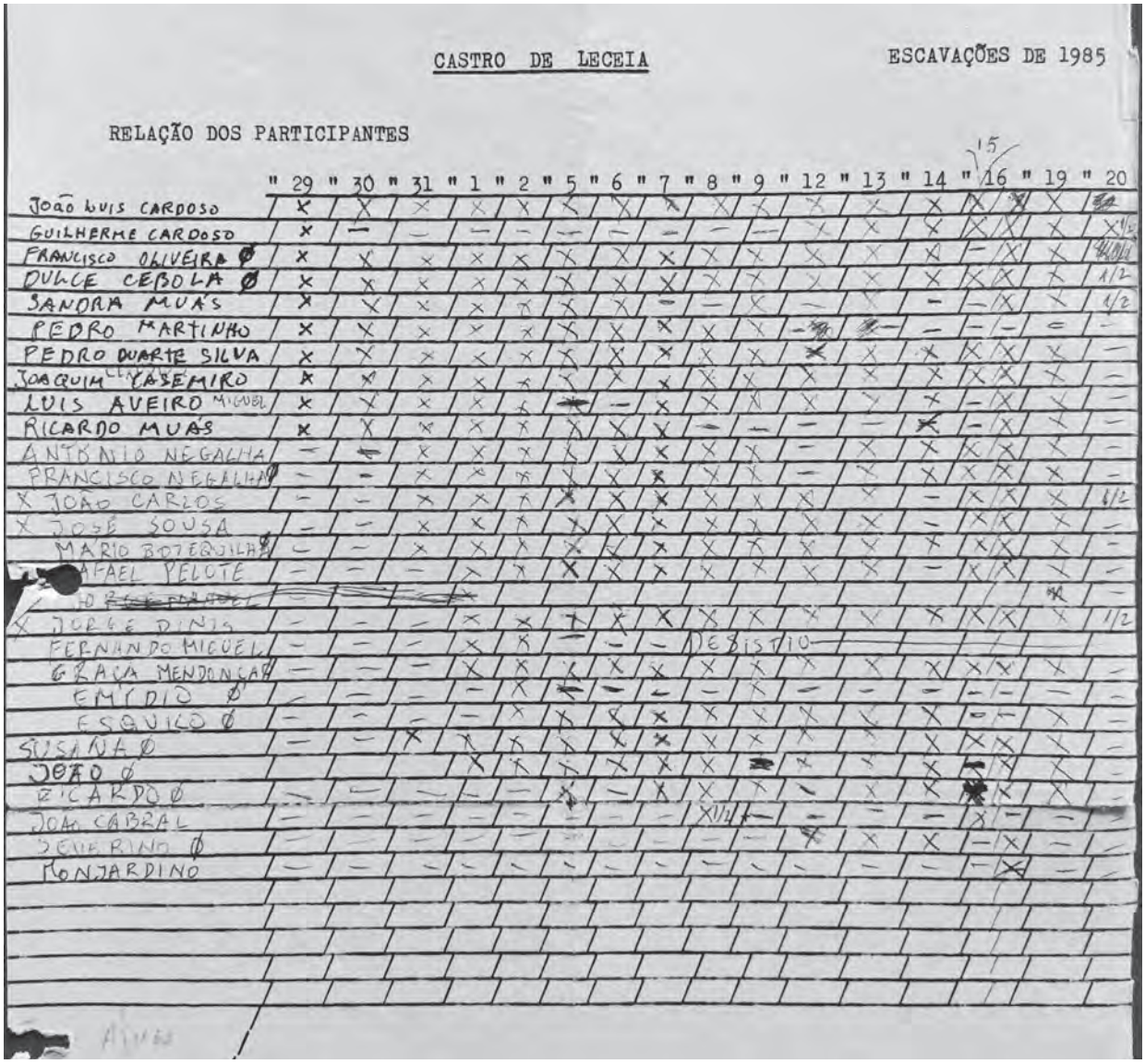
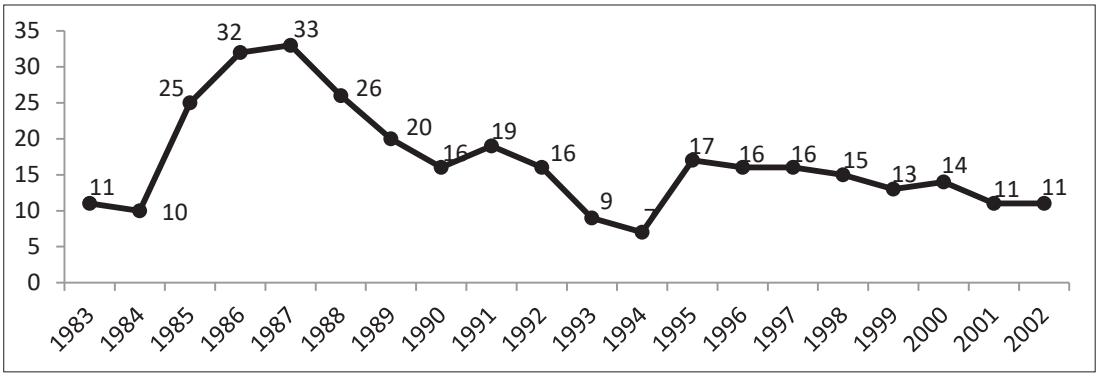


Fig. 319 – Leceia. Lista diária dos participantes na campanha de 1985, elaborada pelo Autor.

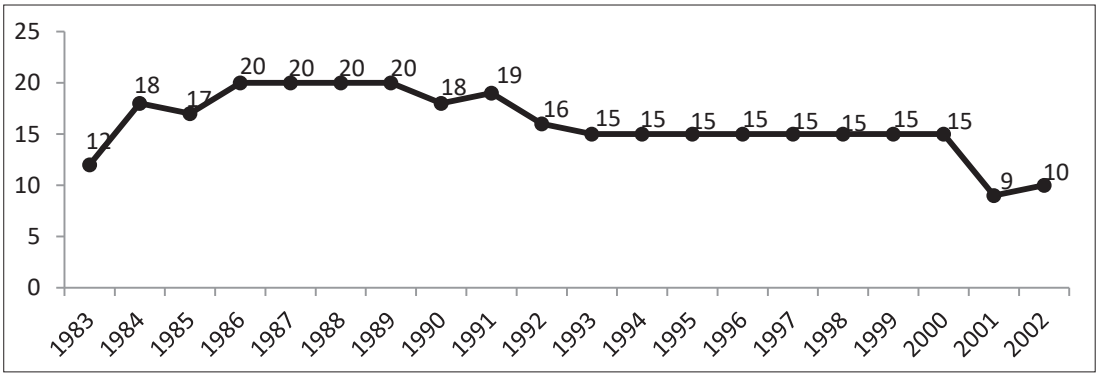
Ao longo dos anos, o número de participantes foi variável consoante a necessidade das intervenções no campo e da sua duração, definida antecipadamente, em cada ano, pelo Autor (GRÁFICO 1).

GRÁFICO 1 – Indicação do número de participantes nos trabalhos de escavação realizados nas campanhas anualmente realizadas no povoado pré-histórico de Leceia.



Ao longo das vinte campanhas anuais, foram cumpridos 319 dias úteis de trabalho de campo, numa média de 16 dias úteis de trabalho de campo por ano, realizados sempre no mês de Agosto, de modo a poder integrar os jovens estudantes que se encontravam em época de férias escolares (GRÁFICO 2).

GRÁFICO 2 – Dias úteis de trabalho de escavação nas campanhas anualmente realizadas no povoado pré-histórico de Leceia.



Coligiram-se os nomes dos participantes nos trabalhos de campo, por ordem alfabética, ao longo das vinte campanhas de escavações realizadas. Alguns deles trabalharam em várias campanhas, conforme se indica no QUADRO 5. A estes haverá a somar os participantes que foram dispensados dos seus serviços de origem da CMO, pessoal afecto aos jardins municipais, e que, ao longo dos anos prestaram a sua melhor colaboração, chegando alguns deles a entusiasmar-se com os trabalhos em que participaram, que saíam completamente da rotina a que estavam habituados: era frequente, após um primeiro momento de rejeição, pela incompreensão do objectivo do esforço que lhes era solicitado, envolvendo trabalhos de picareta e de pá ao longo de todo o dia e via de regra sem o abrigo de uma sombra, vendo o envolvimento das raparigas e dos rapazes, que podiam ser, na maioria dos casos, seus filhos, eles próprios começarem a prestar maior atenção e tornarem-se membros perfeitamente integrados da equipa.

A rotina foi sendo invariavelmente cumprida ano após ano, pois era a única forma de garantir a eficácia indispensável ao cumprimento dos resultados pretendidos, por mais irresistíveis que os prolongamentos dos momentos de lazer se afigurassem, especialmente depois da refeição tomada no campo ou, para alguns, na tasca mais próxima, depois no café/pastelaria em que foi transformada (sinais dos tempos…): o início dos trabalhos foi invariavelmente cumprido ao longo dos anos: às 10.00 h da manhã, todos davam o primeiro contributo desse dia, depois de retirados todos equipamentos e materiais de escavação na meia hora antecedente, e preparados os participantes com vestuário adequado e os indispensáveis protectores solares para umas boas horas de trabalho sob o quente sol de Agosto; a pausa para almoço, às 13.00 h, era aguardada sempre com expectativa, mas era o Autor que, tradicionalmente, dava o tão esperado sinal, à hora em ponto, que todos rapidamente cumpriram, de acordo com estratégias sempre repetidas: a procura com maior ou menor rapidez, de uma sombra; ir a Leceia para refrescar o corpo, no chafariz ali existente, também utilizado para o abastecimento de água, aproveitando a sombra convidativa e protectora das árvores ali existentes; ou, em alternativa, um dos cafés ali próximos, que com o tempo, passou a ser quase sempre o mesmo: era o Café Trieme, no centro da povoação, no local onde outrora existia uma tasca, cujo dono, entusiasmado com os progressos das escavações decidiu decorar as paredes com painéis de azulejos alusivos das escavações, infelizmente desaparecidos aquando de uma recente remodelação do estabelecimento; o recomeço dos trabalhos era rigorosamente cumprido, às 14.00 h e a finalização dos mesmos, às 17.00 h, era seguida da etiquetagem, pelo Autor, de todos os sacos de materiais recolhidos, com a referência da data, respectiva camada arqueológica e da estrutura mais próxima do local da recolha, cuja referência era criada na altura, e registada para depois ser lançada na planta que só se dava por terminada após a finalização dos trabalhos de campo.

O curto caminho entre as escavações e a povoação de Leceia era percorrido a pé, várias vezes ao dia, fosse para o Autor fazer uma chamada telefónica – no tempo em que não existiam telemóveis – para o IPPC, quando por vezes se verificava atraso na disponibilização do cheque respeitante ao subsídio financeiro, que tinha de ser levantado na tesouraria do Palácio da Ajuda (mediante entrega de recibo em papel selado de 25 linhas…), fosse para acertar algum pormenor de entrevista ou de reportagem com qualquer órgão de comunicação, fosse ainda para estabelecer contactos telefónicos com Setúbal, quando era imperioso acertar visitas de Carlos Tavares da Silva e de Joaquina Soares, tradicionalmente arredios a quaisquer meios de comunicação, ainda que absolutamente necessários. Outras vezes, era a simples compra de uma garrafa de água fresca, de fio ou corda fina para marcação do terreno, de óleo ou de massa consistente para os eixos dos carrinhos de mão, obtida numa oficina de mecânico e bate-chapa existente à saída de Leceia, que justificavam aquelas deslocações, sempre com tempo contado.

Para substituição de materiais de escavação, era necessário ir a Oeiras, ao final da tarde à casa de ferragens Fragoso & Higino, ou mais próximo, na Drogaria de Caxias, do Senhor António, gerente da firma Antunes & Carvalho, situada ao lado da casa onde residia o Autor, mas que raramente tinha picadeiras de pedreiro, muito menos os pequenos colherins em bico, instrumentos essenciais a qualquer trabalho arqueológico, enquanto a aquisição de um simples cabo de picareta, de enxada ou de picadeira que se tivesse partido, também poderia ser feita na altura em Barcarena.

Além da necessidade de dar resposta a estas e outras situações pontuais, mas que faziam parte da rotina de uma empresa de assinalável envergadura como esta, envolvendo a presença diária de, por vezes, mais de três dezenas de participantes no terreno, a preparação de cada campanha de escavações era cuidadosamente realizada nas duas semanas antecedentes ao início dos trabalhos de campo. Assim, sendo uma parte dos participantes, estudantes universitários de diversas univer-

sidades portuguesas, era importante a realização de uma reunião prévia, onde se apresentassem os princípios gerais a seguir durante os trabalhos, com as respostas a todas as perguntas apresentadas, para obviar ao surgimento de qualquer equívoco por falta de esclarecimento prévio. Assim, os futuros participantes ficavam desde logo cientes, à partida, das metodologias que iriam ser seguidas nos trabalhos de campo, eventualmente distintas das que tinham aprendido nos livros ou nas aulas, e, sobretudo, dos esforços que lhes iriam ser pedidos, em função da capacidade de resposta de cada um. Também não se deixavam de destacar os benefícios que por eles seriam colhidos em primeira mão, a começar pelo privilégio de poder contribuir e serem protagonistas da construção do conhecimento de um sítio tão importante como era Leceia, já por eles sobejamente conhecido através da bibliografia.

O mesmo princípio era adoptado para os participantes, em maior número, integrados em programas organizados pela Câmara Municipal de Oeiras, tanto através do Gabinete de Apoio à Juventude, como por via deste e do CEACO, no âmbito das acções de formação em Arqueologia então levadas a cabo: nestes casos, as por vezes dezenas de inscritos nos referidos programas, com uma idade mínima de 16 anos, eram também convidados a comparecer a uma reunião prévia, onde podiam apresentar de viva voz os objectivos e motivos da sua inscrição, sendo assim selecionados, depois de devidamente cientes das exigências das tarefas em que iriam participar, tendo o Autor o cuidado de exagerar as dificuldades das mesmas, para se assegurar que os que ali iriam participar estariam perfeitamente conscientes da situação de que seriam protagonistas. Felizmente que esta preocupação surtiu efeitos, pois, houve alguns que depois de ouvir as explicações do Autor, e julgando que a Arqueologia era um simples convívio entre jovens, munidos apenas de pincéis, ou pequenas escovas, sem responsabilidades e obrigações, conforme viam em programas de televisão, rapidamente desistiam, para não perderem os prazeres das ondas e das praias, ali tão próximas…

Só os voluntários do Agrupamento do Estoril do Corpo Nacional de Escutas não passaram por este "crivo" prévio, de alguma forma dispensado por terem já participado nas escavações que Guilherme Cardoso, dirigente daquele Agrupamento, realizava ao tempo em Freiria.

Assim se evitaram por certo mal-entendidos que uma informação deficiente previamente comunicada conduziria inevitavelmente.

Merecem referência especial os participantes que recorrentemente, ao longo de vários anos, colaboraram nos trabalhos, conforme se indica no QUADRO 2 e que só um genuíno entusiasmo e interesse pelos resultados que se iam a pouco e pouco obtendo poderá explicar.

Entre os participantes alguns, infelizmente, já não estão entre nós: é o caso da Ana Margarida Martins, residente em Carcavelos que, depois de concluir a licenciatura em Arqueologia ingressou nos quadros do Instituto Português de Arqueologia, de boa memória, onde continuei a beneficiar do seu convívio, sempre amigo e cordial. É com mágoa e saudade que agora recordo o seu nome e a sua participação, activa e interessada, nos dois anos em que participou nos trabalhos de campo. Também Manuel António Anão, um dos pioneiros daqueles primeiros anos inesquecíveis, já nos deixou. Recordo a presença deste jovem dos Agrupamento do Estoril do Corpo Nacional de Escutas.

Os trabalhos beneficiaram ao longo dos anos do apoio de Guilherme Cardoso, Amigo e Compadre, que conseguiu mobilizar para Leceia muitos dos jovens do Agrupamento do Estoril do Corpo Nacional de Escutas, por si dirigido e que depois os acompanhava por vezes no terreno. Como fotógrafo profissional que então era, acorria pontualmente, no último dia das primeiras campanhas de escavação, ou no dia seguinte à conclusão das mesmas, sempre um sábado, no súbito silêncio que então envolvia a estação arqueológica, para realizar algumas das fotos da campanha que acabava de terminar, com

toda a calma e concentração, aproveitando, conforme os casos, a luz difusa do poente ou do nascente, proporcionando algumas das melhoras fotografias de Leceia, agora publicadas pela primeira vez.

Francisco de Sousa Câmara Negalha, igualmente Amigo e Compadre, então residente em Caxias como eu, participou, até a sua vida o permitir, nas sucessivas campanhas de escavação, antes de se ter fixado nos Açores.

Outra jovem cujo nome importa deixar registado é o de Inês Mendes da Silva, que, logo que terminado o seu curso de Arqueologia foi incorporada em empresa de serviços do sector, onde permanece desde então. O seu gosto pela Arqueologia, verificado muito antes de terminado o Ensino Secundário, foi incentivado pelo Pai, responsável pela sua participação nas escavações: residindo em Lisboa, era ele que a transportava diariamente, ao longo dos seis anos em que participou nos trabalhos de campo, entre 1993 e 1998. Ficou célebre a energia com que manobrava o carrinho de mão, que depois de descarregada a terra, "voava" até ao local de novo carregamento, não dando descanso aos rapazes a quem cabia tal operação, apodando-os de pouco produtivos.

Importa não esquecer alguns jovens de Leceia, sobretudo aqueles que, por vários anos participaram nas escavações, como foi o caso de João Carlos Máximo e Nelson da Silva Pedro, criando por essa via raízes acrescidas ao sítio onde viviam e, inversamente, fortalecendo a relação dos trabalhos arqueológicos à própria população local.

Alguns, então sem qualquer ligação à Universidade, encontraram depois ali o local ideal para dar continuidade à experiência vivenciada em Leceia. Foi o caso do Severino Rodrigues, que depois a frequentou, tornando-se arqueólogo, sendo hoje dirigente na área da Cultura e Património da Câmara Municipal de Cascais. A este título importa referir também Cleia Detry, licenciada em Biologia e logo atraída pelo estudo das faunas arqueológicas, que teve em Leceia oportunidade para a prática directa da sua futura actividade profissional como investigadora e docente, hoje exercida na Faculdade de Letras de Lisboa.

Enfim, havia jovens de muitas origens sociais, desde os residentes na Zona J de Chelas, que viam nas gratificações recebidas o principal motivo para participarem nas escavações, a que sempre prestaram excelentes contributos, até aos de classes sociais mais favorecidas, que, ulteriormente, seguiram percursos profissionais na sua maioria muito distintos; todos se integraram na dinâmica do grupo e que, por um momento, talvez único, nas suas vidas, souberam conviver entre si, partilhando um objectivo comum, trabalhando em rigorosa igualdade, numa experiência que seguramente jamais esquecerão.

Foram os primeiros dois anos de escavações – 1983 e 1984 – aqueles que ficaram mais presentes na memória do Autor, por vários motivos… Dada a pequenez da equipa, todos cabiam num jipão Land-Rover da Câmara Municipal de Oeiras, prolongando os momentos de animado e despreocupado convívio vividos no campo, sem tempo marcado para suspender o trabalho ou voltar para casa, realidade que depois se perdeu, em resultado das responsabilidades advindas do aumento da importância da estação arqueológica, por via das próprias escavações realizadas, e do maior rigor e cumprimento das acções previamente planeadas e, consequentemente, dos horários de trabalho. Era o tempo, como um dia disse o Mestre e Amigo Georges Zbyszewski quando as suas responsabilidades em Portugal aumentaram, por via da sua contratação, em Janeiro de 1940, para os Serviços Geológicos de Portugal em que "Já não era suficiente cantar óperas no campo. Tornou-se necessário compor óperas novas e mesmo vivê-las!" (ZBYSZEWSKI, 1984, p. 51).

Tiveram assim de acabar os jogos de matraquilhos que se sucediam muito para além da hora estipulada para o re-início dos trabalhos da parte da tarde, disputados num telheiro nos fundos da única tasca que em Leceia servia almoços, depois várias vezes remodelada até aos dias de hoje.

Se a despreocupada relação entre todos existente, e na qual a componente lúdica estava bem presente nos dois primeiros anos se dissipou com o acréscimo das tarefas de responsabilidade, reforçou-se, pelo contrário, no espírito dos mais empenhados, o sentimento partilhado, de participação colectiva na descoberta de algo completamente novo e desconhecido. Eram as próprias estruturas arqueológicas que a pouco e pouco iam sendo postas à vista, que constituíam o maior incentivo, por configurarem os restos de uma imponente fortificação, há milhares da anos ali construída, ainda que tão próxima da vida trepidante que, a poucos metros, quotidianamente se desenrolava, perante a surpresa de muitos !

Pode dizer-se, em suma, que as escavações de Leceia, ao incorporarem sobretudo jovens que não pretendiam fazer da Arqueologia a sua actividade profissional futura, pois os programas estavam abertos a todos, privilegiando os jovens residentes na região, constituíram um poderoso elemento formativo e de exercício da cidadania, tornado inesquecível no espírito de todos os que tiveram a oportunidade de participarem, ao longo de vinte anos ininterruptos, neste projecto único e irrepetível.

QUADRO 5 – Participantes nas escavações realizadas no povoado pré-histórico de Leceia entre 1983 e 2002.

Participantes na escavação	Campanha de escavação
Abel Fernando Duarte	1987
Ana Alexandra de Araújo	1997
Ana Cristina Pegado Fonseca	2000
Ana Filipa Vicente Casimiro	2000
Ana Isabel Vaz Mendes Lopes	1999
Ana Isabel Lima e Pinto Neves dos Santos	2001
Ana Luísa Marques Fontes	1983
Ana Margarida Nunes Martins	1989; 1990
Ana Maria Roseiro dos Santos Ramos	1988
Ana Paula da Costa Nicolau	2001
Ana Rita Tavares Gomes	1999
Ana Sofia de Carvalho Duarte	2000
Ana Sofia Soares	1995
André Ramos da Silva	1998; 1999; 2002
Ângela Custódio Gouveia	1989
Ângela Maria Alves Carneiro	1988
António Carlos Gomes Modesto da Silva	1992
António Emídio dos Santos	1983; 1984; 1985
António Guilherme Campeão Carriço	1991
António Humberto Negalha	1985; 1986; 1987
António José Raposo	1986
António José Santos	1987
António Miguel Pardal Claudino	1990
António Pedro Cabral	1983; 1986
António Pires Curado	1987
Bruno Mateus Lourenço	1995; 1996
Bruno Miguel de Oliveira Santos	1993
Carla Fátima Gonçalves	1987
Carla Sofia Pina Silva	1995
Carla Sofia Rigueiro Martinho	2000; 2001; 2002
Carlos Alberto Monteiro de Sousa	1988; 1989
Carlos Eduardo Afonso Aires	1988
Carlos Frederico Costa da Silva	1994
Carlos Gustavo Ramos	1987
Carlos José Cebola	1987

Participantes na escavação	Campanha de escavação
Fernando Correia e Cunha	1986
Fernando José Nunes Herculano	1995
Fernando Manuel Neto de Sousa	1986
Fernando Miguel de Sena Alhinho	1992
Fernando Nuno Pereira	1984; 1985
Filipa	2000
Filipe Miguel Esteves Pedro	1997; 1998
Filipe Santos Martins	2001; 2002
Francisco António da Silva	1984
Francisco José Carvalho Pereira	1986
Francisco José de Sousa Câmara Negalha	1983; 1985; 1986; 1989; 1990; 1991; 1992; 1993; 1994; 1996; 2001
Francisco Miguel Oliveira	1983; 1984; 1985
Frederico José Tátá dos Anjos Regala	2002
Gonçalo Maria Souto Carneiro	1989; 1991
Guilherme Libório	1998
Guilherme Silva Hilário	1995
Hélder Leovil Almeida Coelho	1991; 1992; 1995
Helena Isabel Marques	1986
Helena Paula Vicente	1985
Henrique Eduardo Afonso	1987
Henrique Manuel Gonçalves	1987
Henrique Manuel Messias da Silva Botequilha	1987; 1989
Hugo Alexandre Vargas	1997
Idália Maria Custódio	1987
Inês Amélia Costa Mendes da Silva	1993; 1994; 1995; 1996; 1997; 1998
Inês Maria de Amorim Pacheco	2002
Isa Teresa de Matos Fernandes	1999
Isabel Maria Mendes Simões	1999
Isabel Rosa Baptista	1986
Isabel Tiago de Oliveira	2001
Joana Coelho Santos	1998
João António de Almeida	1985
João Carlos Dinis	1985; 1986
João Carlos Ferreira	1987
João Carlos Flores de Campos	1991

Participantes na escavação	Campanha de escavação
Carlos Manuel da Silva Miranda	1988
Carlos Manuel Rodrigues Vieira	1989; 1990
Carlos Miguel Coelho Tomás	1998
Carlos Miguel Gonçalves da Silva Conde	1996
Carlos Miguel Leocádio Alves	1995
Carlos Miguel Magalhães Romão	1991
Carlos Nuno Albergaria	1989
Catarina da Silva Neves	1997
Catarina Monteiro Sobral	1998
Catarina Rodrigues Aguiar Ferreira	2001
Cleia Detry Cardoso e Cunha	2001; 2002
Cristina Fortes	1989
Diana Coelho	2000
Dória Livramento Pintro dos Santos	1997
Duarte Alexandre Serrano Ribeiro	2000
Duarte Maria Souto Carneiro	1990
Esmeralda Helena Gomes	2002
Eurico Jorge Fernandes Carvalho	1988
Ezequiel Fernando Azevedo dos Santos	1989
Fausto Faria Nunes Lopes Matos	1997
Jorge Miguel Martins Prudêncio	1986; 1987; 1988
José António Severino Rodrigues	1983; 1985; 1986; 1987
José Carlos Soares Teixeira Rosa	1991; 1992
José Carlos Vieira Rodrigues	1988; 1989
José Eduardo Palma Baptista Marques	1996
José Manuel de Amaral Branco Freire	2000
José Manuel Rodrigues Vieira	1986; 1987; 1989
José Miguel Libério	1986
José Miguel Pires Neves	2000
José Raimundo Sousa	1985
Julieta Maria Araújo	1984
Leonel João Fernandes Spencer	1988; 1989; 1990; 1991
Leonel Jorge Alonso Alves	1988; 1989
Licínia Isabel Delgado Figueira	1998
Liliana Marques Calcinha	2001
Lourenço Barros Monteiro	1992
Lúcia Correia José	1996
Luís Bernardo Messias de Oliveira Miranda	1990
Luís Fernando Oliveira Pedroso	1990
Luís Filipe de Sousa Gonçalves Rodrigues	1992
Luís Miguel Aveiro	1985
Luís Miguel Fernandes	1987
Luís Miguel Malcata	1986
Luís Miguel Romão de Campos	1992
Luís Miguel Teixeira	1987
Luís Vicente dos Santos	1986
Luísa da Fonseca Casinhas	1991
Luísa Marta Dias	1995
Manuel António Anão	1983
Maria da Graça Correia	1984; 1985
Maria da Graça de Jesus Filipe	1988
Maria da Saúde da Costa Partius	1991
Maria de Lurdes Ferraria Amoedo	1988
Maria Dulce Miguel Cebola	1984; 1985; 1986; 1987; 1988

Participantes na escavação	Campanha de escavação
João Carlos Lourenço Máximo	1991; 1992; 1993; 1994; 1995
João Carlos Mouga Silva Nazário	1988
João Eduardo Ferreira	1983; 1985
João Filipe Rodrigues	1988
João Gabriel Valério Sequeira	2000
João Luís Pires Martins	1999
João Miguel Morais Borges	1990
João Paulo Cardoso	1986
João Pedro Correia Vaz Valente	1995; 1996; 1997
João Pedro Mata da Silva	1998
João Rafael Trincão Monjardino	1983; 1985; 1986; 1988
João Vasco da Silva Serôdio	1990; 1991
Joaquim Cláudio Casimiro	1985; 1986; 1987
Jorge Afonso Silva Paulo	1986; 1988
Jorge Filipe Brandão Quinta-Nova	1993
Jorge Manuel Azevedo de Almeida	1988
Jorge Manuel Dinis	1985; 1986
Jorge Miguel Carneiro Miranda	1995; 1996; 1998
Jorge Miguel Faria de Matos	1990
Jorge Miguel Gonçalves	1987
Patrícia Sofia de Serra Marques	1999
Paula Cristina Macedo Guerra	1988
Paulo Alexandre Campos	1987
Paulo Alexandre dos Santos	1987
Paulo Jorge da Silva	1986
Paulo Jorge Fonseca	1987
Paulo Jorge Marques Gameira Borges	1988
Paulo Jorge Santimano Sequeira	1992
Paulo Matos Menezes Vidal Silva	1996
Paulo Miguel Pereira	1987
Pedro Alexandre Colaço	1987
Pedro Duarte Silva	1985; 1986; 1987
Pedro José Fernandes Araújo	1996
Pedro Miguel Ribeiro Gonçalves	1999
Pedro Robalo Lopes	1991
Rafael Nuno Pelote	1985; 1986
Ramiro Félix Cruz	1993
Raquel Maria Gama Costa	1999
Raquel Nunes Sequeira	1997
Ricardo André Esteves Pedro	1997; 1998
Ricardo Hugo Moreira Marques Lourenço	1983; 1984; 1985; 1987; 1988
Ricardo José da Silva Monteiro	2001
Ricardo Manuel Machado Pires	1997
Ricardo Monteiro Dias Lacerda	1996
Ricardo Nuno Muás	1985
Rodrigo Camões Godinho	1986
Rui Alexandre Fernandes Araújo	1995
Rui Francisco da Cruz	1998
Rui Manuel dos Reis Fernandes	1987; 1988; 1989; 1990; 1991; 1992
Rui Mário Guerreiro Almeida	1996; 1997
Rui Miguel Figueiredo	1996
Rui Paulo da Silva Frazão	1989
Rui Pedro Gomes Cardoso	1990
Rui Pedro Nunes	1987

Participantes na escavação	Campanha de escavação
Maria Emília de Oliveira Gonçalves	1988
Maria João Almeida Pimenta	1989
Maria Leonor Gonzalez	1984
Maria Teresa Almodôvar	1985
Maria Teresa Barbosa Varela	1999; 2000
Maria Teresa Santiago	1986
Mariana Dimas Brás	1997
Mariana Mata da Silva	1997; 1998
Marília Mártires Santos	1998
Mário Paulo Duarte	1987
Mário Rui Botequilha	1984; 1985; 1986
Mário Rui Duarte	1996
Marta Fonseca Araújo	2002
Marta Oliveira Spínola	1997
Miguel Lourenço Marques Mendonça	1990
Nelson José da Silva Pedro	1991; 1992; 1993; 1994
Nuno Filipe Baptista	1987
Nuno João Barroso Martins	1999; 2000
Nuno Miguel Mimoso Aniceto	1992
Nuno Miguel Paixão	1995; 1996
Nuno Miguel Ramos da Graça Aleixo	1986; 1988; 1989
Nuno Ricardo Figueiredo	1987
Nuno Silva Ramos	1987
Orlando Figueiredo Veiga	1988

Participantes na escavação	Campanha de escavação
Rui Pedro Pinho Pinto	1997
Rui Sérgio Marques Gameira Borges	1988; 1989
Sandra Cristina Lopes Alves	1995
Sandra Isabel Magalhães Romão	1991; 1992
Sandra Maria Muás	1985; 1986
Sérgio Paulo Aveiro	1986
Sílvia Almeida dos Santos Rosa	2000
Sílvia Margarida Ramos Sousa	1996
Sofia Isabel Monteiro de Albuquerque	2002
Sónia Cristina Araújo Marcos	1991
Sónia Vieitas Marques de Mendonça Ferreira	1989
Susana Gonçalves Tavares Gomes	1999
Susana Karopos Lameira	1983; 1985
Susana Nobre	2000
Tânia Calinas	1999
Tatiana Buarque de Hollanda	1990
Tiago Ferraz de Fontes	1998
Tiago Miguel Furtado Cabeleira	2002
Ulisses Rodrigues de Sales Alves	1993
Vanessa Ferreira Loureiro	2001; 2002
Vasco José dos Reis Fernandes	1990; 1991
Vera Maria Ribeiro Domingos	1994
Victor Ângelo Santimano Sequeira	1992
Victor Miguel Borralho	1992

Os trabalhos de campo, ao logo dos vinte anos da sua realização no terreno, tiveram suporte legal em quatro Projectos de Investigação, sucessivamente aprovados pelo Instituo Português do Património Cultural, depois Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, e, finalmente, pelo Instituto Português de Arqueologia, a partir de 1998 e até 2002. Tais entidades concederam apoios financeiros necessários para a realização da missão pré-estabelecida, somando-se ao indispensável apoio financeiro, anualmente concedido, pela Câmara Municipal de Oeiras, para além do apoio técnico-logístico, consubstanciado no transporte diário dos participantes, na cedência de materiais e equipamentos, no levantamento de pontos cotados na área escavada, a cargo da Unidade de Topografia e Cadastro Predial/CMO e na cedência anual de cantoneiros para os trabalhos de desmatação e de escavação, a cargo, sobretudo, da Divisão de Espaços Verdes/CMO.

Os trabalhos prosseguiam no gabinete, com a lavagem, marcação, e inventariação de todos os espólios recolhidos, o que só foi possível a partir do momento em que foi disponibilizada uma sala para o efeito, das antigas instalações da Companhia Nacional de Petroquímica em Paço de Arcos, adquiridas pela Câmara Municipal de Oeiras, cedida para o efeito, em 1988, antecedendo de escassos meses a criação do CEACO, em Novembro de 1988, por deliberação do executivo municipal. Tal sala, onde estava instalado o antigo laboratório químico daquela empresa, possuía uma vasta bancada central adequada para o efeito, que ainda hoje se conserva nas instalações do CEACO na Fábrica da Pólvora de Barcarena. Ali se passaram a efectuar aqueles trabalhos, que vieram a beneficiar, pouco depois, de reforço importante, com a participação de jovens integrados nos programas de Actividades dos Tempos livres, coordenados pelo Gabinete de Apoio à Juventude/CMO. Tais trabalhos prosseguiram com o tratamento de espólios de muitas outras escavações, até o presente, sempre coordenados pelo Autor, em estreita articulação coma Dr.ª Conceição André, que continua a prestar a sua colaboração ao CEACO, com a mesma boa-vontade e disponibilidade de sempre, e que estiveram na origem da sua contratação como Técnico Superior da CMO naquele já longínquo ano de 1988.

Por outro lado, importava realizar, logo nos meses seguintes aos trabalhos de campo, a planta da área escavada, a par do desenho dos espólios mais importantes que iam sendo identificados, tendo em vista a sua publicação. Estas tarefas, de início realizadas pelo Autor com a colaboração de Severino Rodrigues, passaram a ser realizadas a partir de 1987 por desenhador de Arqueologia, o Dr. Bernardo Ferreira, então contratado pela Câmara Municipal de Oeiras exclusivamente para aquele efeito e que rapidamente compreendeu os segredos do desenho arqueológico, tanto de terreno como de gabinete e as suas exigências, de que se tornou exímio executante.

É, pois, com um sentimento de missão cumprida e de agradecimento, que registo a presença e convívio diário, no CEACO, trinta e cinco anos volvidos, de estes dois colaboradores. Assim se constituiu uma equipa pequena, mas estável e permanente, e que permanece até o presente, explicando, em grande parte, o sucesso da empresa empreendida, desde sempre norteada por objetivos claramente definidos, ao longo dos anos, cada vez mais diversificados e exigentes, e com recurso a novas tecnologias, mas sempre metodicamente levados à prática, através de uma clara repartição de tarefas, muito antes da existência dos modernos instrumentos municipais de avaliação e de gestão de pessoas.

Tal foi a realidade que, desde logo, permitiu ao Autor a elaboração dos Relatórios das escavações em melhores condições das anteriormente existentes, evitando situações em que os grandes "ozalides" chegaram a ser por si dobrados manualmente, muitas vezes na própria estação dos correios dos Restauradores, a única aberta depois do horário normal, para cumprir a regra imposta ao tempo, de tais documentos, acompanhados dos documentos originais das despesas realizadas, terem de ser impreterivelmente enviados até ao final de cada ano civil… o que obrigava a deslocações àquela estação de Correios, no final do dia 31 de Janeiro, e antes da meia-noite, para cumprir determinação tão draconiana, depois alterada para mais tarde. Desses dias de azáfama resultaram os Relatórios que depois eram apreciados e aprovados pelo Instituto Português do Património Cultural, já no Palácio Nacional da Ajuda, onde ainda hoje se encontram arquivados e disponíveis para consulta.

Era também um tempo em que havia a prática saudável da própria tutela disponibilizar aos arqueólogos a oportunidade de publicarem rapidamente e de forma preliminar os resultados das suas investigações, através de um breve resumo do referido Relatório na revista, hoje desaparecida, "Informação Arqueológica", o que facilitou o conhecimento da própria estação arqueológica com conteúdos que complementavam os das notícias veiculadas, de forma intensa, nos primeiros anos de escavações, pela generalidade dos órgãos de comunicação social.

A apresentação obrigatória dos resultados científicos anualmente obtidos em cada campanha de escavações através de um Relatório remetido à tutela, era acompanhada da prestação de contas através dos respectivos comprovativos das despesas efectuadas respeitantes aos apoios financeiros recebidos, destinados a cobrir as diversas despesas inerentes aos trabalhos de escavação. Tal tarefa foi sempre gerida pelo Autor, enquanto Coordenador científico dos trabalhos arqueológicos, e responsável pela gestão administrativa e financeira do Projecto.

A título de exemplo, apresenta-se documento autógrafo, assinado pelo Autor, datado de Janeiro de 1984, correspondente a minuta da síntese do relatório administrativo-financeiro dos trabalhos arqueológicos respeitante à primeira campanha de escavações, em 1983 (**Fig. 320**), apresentado ao então IPPC, e acompanhando os documentos comprovativos das despesas efectuadas naquele ano.

As despesas realizadas podem ser agrupadas nas seguintes categorias:

– Gratificações aos participantes nos trabalhos de campo, atribuindo-lhes um valor diário, muitas vezes somado ao auferido como participante nos Programas de Tempos Livres da

Relatório administrativo-financeiro
de trabalhos arqueológicos
Leceia, 1983

- data de realização dos trabalhos – 1 a 14 de Agosto
- subsídio atribuído pelo IPPC – 100.000$00
- Apoio logístico da Câmara Municipal de Oeiras (transporte de pessoal e equipamentos)
- arqueólogos – 3
- técnicos e auxiliares de arqueologia – 2
- outros participantes ou colaboradores – 10

15

Alojamento – deslocação diária dos participantes para a escavação

Transportes – deslocação de alguns participantes em transportes públicos, até ao local de encontro com a viatura camarária

Remuneração média dos operários contratados (diária) – 800$00

Despesas com trabalhos de consolidação e protecção – 4000$00

Despesas com trabalhos de gabinete e elaboração do relatório – – – – – – – – 2580$00

Cómputo geral (aproximado) do custo dos trabalhos – 102109$00

28/2/84 João Cardoso

Fig. 320 – Leceia. Manuscrito assinado pelo Autor relativo ao relatório administrativo-financeiro dos trabalhos arqueológicos de 1983, apresentado ao IPPC.

CMO, que envolviam apenas uma parte da jornada de seis horas de trabalho diário, além do pagamento dos transportes, desde o local de residência até ao do encontro com a viatura camarária;

– Despesas correntes, tais como: materiais de construção, ferramentas e outros equipamentos para a realização das escavações arqueológicas; material fotográfico; despesas de alimentação; despesas de transportes (combustível; táxis); comunicações telefónicas; e despesas de papelaria (fotocópias).

Como exemplos, apresentam-se, nos QUADROS 6 e 7, relativos aos anos de 1985 e de 1990, algumas das despesas correntes, então realizadas:

QUADRO 6 – Despesas correntes realizadas em 1985 na 3.ª campanha de escavações arqueológicas.

Despesas correntes / Facturas apresentadas	Valor
Materiais de escavação - Ferragens de Oeiras, Lda. (2 facturas)	13.500$00
Material fotográfico (4 facturas)	9.676$00
Materiais de escavação - Telelux, Antunes & Carvalho, Lda. (5 facturas)	3.979$00
Gasóleo - Petrogal, Galp - Auto monumental do Areeiro, Lda.	3.000$00
Almoços - José Sales, Casa de Pasto (2 facturas)	2.710$00
Comunicações telefónicas (12 facturas)	2.709$00
Acetatos - Tabacaria Nova Esperança, Lda.	1.845$00
Fotocópias (4 facturas)	1.003$50
Baldes e pás de zinco - Sérgio dos Santos, Materiais de construção	685$00
Serviço de Táxi	630$00
Vassouras - Sérgio dos Santos, Materiais de construção	615$00
Cola Platex - F. H. Rodrigues	400$00
Reparação de peneira	300$00
Cordel - Sérgio dos Santos, Materiais de construção	251$50
Fita	200$00
Farmácia Oeiras	172$00
Frasco álcool - Sérgio dos Santos, Materiais de construção	172$00
Corda e giz - Sérgio dos Santos, Materiais de construção	107$50
Cola Platex - Sérgio dos Santos, Materiais de construção	70$00
TOTAL despesas correntes	**42.025$50**

QUADRO 7 (continuação) – Despesas correntes realizadas em 1990 na 8.ª campanha de escavações arqueológicas.

Despesas correntes / Facturas apresentadas	Valor
Almoços (25 facturas)	63.174$00
Material fotográfico: Fotografia César, Cascais	29.300$00
Combustível (9 facturas)	22.151$00
Transportes: Passe, Estação Carcavelos	980$00
Diversos: 2 vassouras e 20m de fio de *nylon*	901$00
Antunes & Carvalho, Lda.: 3 cabos de picareta	750$00
Correios: telefone	730$00
4 Cabos de picareta (2 facturas)	700$00
Diversos	650$00
Antunes & Carvalho, Lda.: 1 rolo fio	625$00
Diversos: Soldar e reforçar carro de mão	300$00
1 Cabo picareta e óleo	285$00
Serviço de táxi	250$00
Corda de *nylon*	227$00
1 Vassoura: Mercearia, O celeirinho Pedro Miguel	210$00
Diversos: Soldar carro de mão	200$00
Pregos e óleo	169$50
TOTAL despesas correntes	**121.602$50**

Para além deste tipo de despesas, que revelam, como acima se referiu, as necessidades sentidas no decurso dos trabalhos de campo, reflectindo assim o quotidiano destes, importa considerar as respeitantes a acções continuadas de protecção e reabilitação da estação arqueológica, de que se destacam as seguintes:

– Recuperação do moinho do Pires (ou da Moura), em 1988, custeada pela CMO, situado na parte mais proeminente da plataforma, datado de 1707, com o acompanhamento e coordenação da Arq.ª Isabel Soromenho, da CMO. A sua reconstrução permitiu o aproveitamento do espaço interior como zona expositiva, constituindo o terraço da cobertura plataforma de visualização de toda a área escavada.

– Trabalhos de reconstrução e recuperação de estruturas, os quais foram orientados pelo Autor e executados por técnicos da firma CRESL, Lda.. (financiados pela CMO) (ver Capítulo 10).

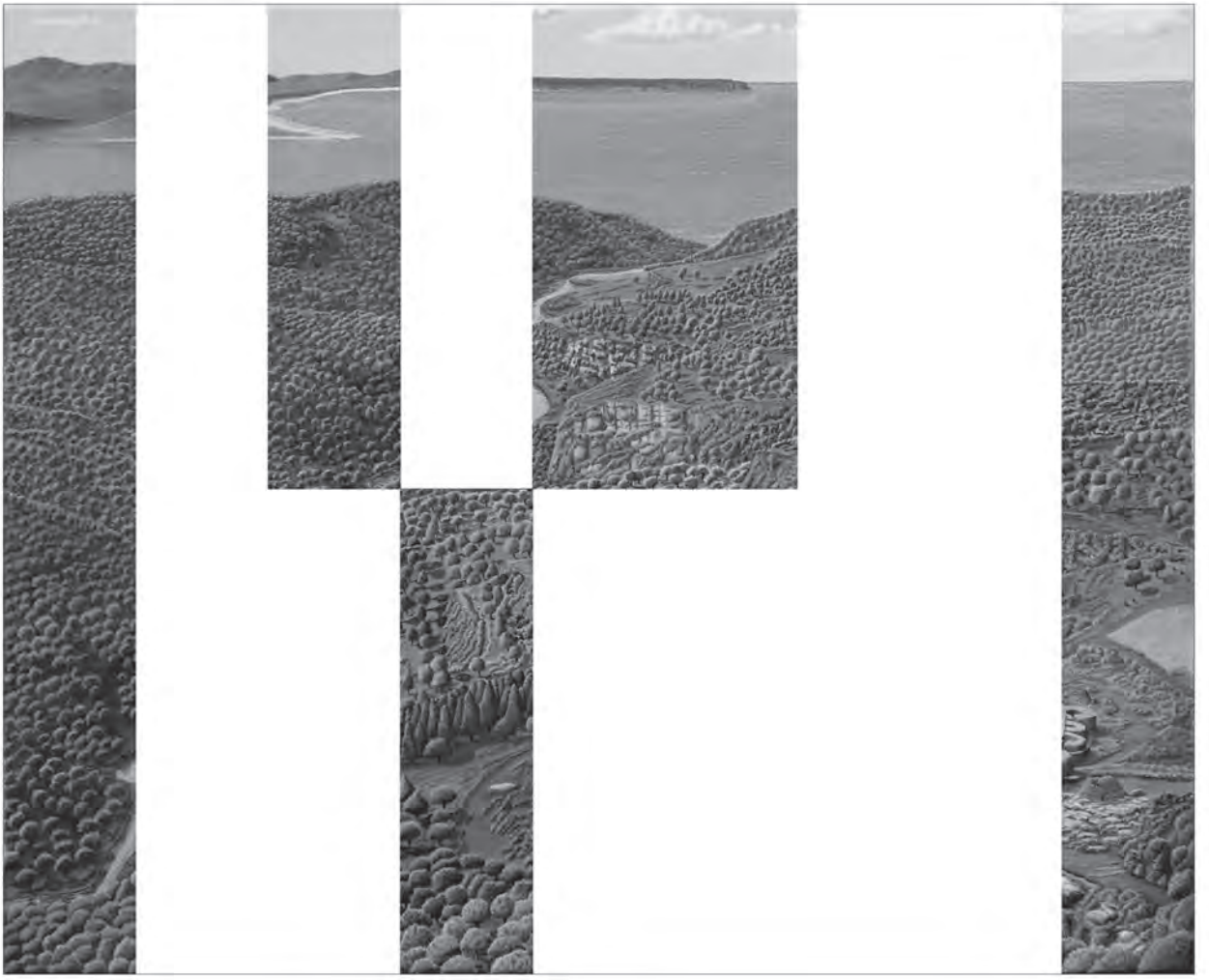
– Construção do circuito pedonal de visita, segundo traçado delineado pelo Autor, inteiramente custeado pela Câmara Municipal de Oeiras, sendo composto de um passadiço de madeira, com o objectivo de facilitar a circulação dos visitantes, evitando-se os prejuízos causados pela crescente pressão sobre a integridade das estruturas arqueológicas. Obra executada em 1996;

– Protecção da zona *non aedificandi* por vedação metálica, igualmente custeada na íntegra pela Câmara Municipal de Oeiras, primeiro através da instalação de rede em malha metálica elástica, instalada em 1986 e, mais tarde, em 1994, através da colocação de uma vedação de ferro rígida, assente em sapata contínua de betão.

Em todas estas acções, genericamente descritas neste livro, avulta a marca do Presidente da Câmara Municipal de Oeiras Dr. Isaltino Morais, que esteve sempre presente nos momentos decisivos das investigações arqueológicas relacionadas com Leceia. O Autor, primeiro enquanto jovem arqueólogo e assistente universitário e, depois, a partir de novembro de 1988, como Coordenador do CEACO – serviço cuja existência se deve também à iniciativa de Isaltino Morais – deve-lhe a confiança e o apoio necessários para a execução do que foi até agora realizado e do muito que ainda falta realizar, como corolário do esforço dispendido e dos resultados obtidos, conforme se encontram apresentados neste livro.

oito

A SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA



O estabelecimento de sequências estratigráficas credíveis, susceptíveis de conferirem compreensão à diversidade dos espólios arqueológicos recolhidos em Leceia, desde o tempo de Carlos Ribeiro, cuja tipologia indicava assinalável diacronia, conforme ficou bem evidenciado logo nas primeiras publicações (CARDOSO, 1979, 1982), foi um dos objectivos primaciais desde logo definidos para as escavações iniciadas em 1983.

Logo naquele ano se verificou a existência de estratigrafia bem conservada, tendo os primeiros cortes estratigráficos sido realizados em 1984, quando a escavação, pela primeira vez, atingiu o substrato geológico.

Pouco depois, publicaram-se dois cortes estratigráficos (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1985, Figs. 3 e 4).

O primeiro corte foi executado ao longo da face externa da **estrutura B** (ver **Fig. 334**), cuja cronologia se integra na Fase III construtiva (final do Calcolítico Inicial), tendo o segundo corte sido efectuado ao longo do limite SW da escavação realizada em 1984. A sequência observada em ambos, de cima para baixo, afigurou-se coerente: depois de uma camada superficial, registada no segundo corte (C. 1), correspondente a solo vegetal anegrado, com potência de cerca de 0,15 m, com espólios pré-históricos misturados com materiais modernos, seguia-se camada de natureza semelhante (C. 2), exclusivamente com espólios pré-históricos, a qual, como a anterior, tinha sido recentemente remexida pela abertura de caldeiras para o plantio de eucaliptos. Com cerca de 0.30 m de potência, foi subdividida em dois níveis distintos, C. 2 a, constituído por grandes blocos calcários, que já em 1985 se interpretaram como resultantes do derrube das construções pré-históricas, e a C. 2 b, associada à fase construtiva em que se integram as duas estruturas a ela associadas, a **estrutura B** e a **estrutura DD**, assentes, por sua vez, na C. 3, subdividida em dois níveis distintos:

– C. 3 a, correspondente a depósito margo-argiloso esbranquiçado, interpretado como resultante de fase de derrube de construções em adobe ou argila, com abundantes fragmentos de cerâmica dispostos em finos leitos horizontais, formando estratificação incipiente. Tal realidade evidenciava sedimentação subaérea em ambiente pouco dinâmico, correspondendo a fase de abandono, total ou parcial, do sítio arqueológico. As referidas produções cerâmicas, caracterizadas pela técnica canelada, aplicada a taças em calote e aos chamados “copos”, são características do Calcolítico Inicial. A fase de construção a que as duas estruturas acima referidas devem ser reportadas, é a correspondente ao final do Calcolítico Inicial, já que se encontram sobrepostas por estruturas mais modernas, do Calcolítico Pleno/Final, integradas na última fase construtiva identificada em Leceia. São elas, a **estrutura E**, que parcialmente se sobrepôs à **estrutura B** do final do Calcolítico Inicial, e a **estrutura I**, que parcialmente se sobrepôs à **estrutura DD,** igualmente reportada ao final do Calcolítico Inicial (ver **Fig. 334**).

– C 3 b, correspondente a um nível castanho-escuro com cerca de 0,20 m de potência, cobrindo o substrato geológico, então aflorante, com espólios arqueológicos então atribuídos ao Calcolítico Inicial. Só mais tarde esta primeira ocupação foi atribuída ao Neolítico Final, após a recolha de materiais arqueológicos característicos desta época.

Nas campanhas de 1985 e de 1986 foram realizados novos cortes estratigráficos. Assim, em 1985 registou-se a estratigrafia observada no interior da **estrutura C**, correspondente a bastião integrado na terceira linha defensiva, que revelou o processo que presidiu à colmatação da mesma (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1987, Fig. 1), cujas observações foram complementadas com a realização de um outro corte, paralelo àquele e dele distanciado 1,0 m.

No final da campanha de 1986, concluiu-se mais um corte, realizado do lado externo da **estrutura L1**, correspondente a lajeado adjacente à **estrutura L** (ver **Fig. 334**).

Na descrição de sequência estratigráfica apresentada naquele estudo foi possível englobar todas as observações anteriormente realizadas, suportando uma sequência única e global que as integrasse. Deste modo, confirmou-se a existência de uma camada estratigráfica associado à última ocupação arqueológica atribuída ao Calcolítico Médio/Final, a C. 2, sobreposta a uma camada mais antiga, claramente diferenciada daquela pela natureza dos depósitos e dos espólios arqueológicos neles embalados, atribuível ao Calcolítico Inicial, a C. 3.

A maior novidade de 1986 foi a atribuição do depósito arqueológico mais antigo, a uma camada independente, a C. 4, assente nas bancadas de calcários cretácicos, já identificada em 1984, mas só agora atribuída ao Neolítico Final, tendo presente a tipologia dos respectivos espólios arqueológicos. A importância cultural desta constatação justificou a alteração da nomenclatura geral, tendo a anteriormente C. 3 b passado a ser designada por C. 4. Tais espólios eram sobretudo caracterizados ao nível das produções cerâmicas, quase exclusivamente não decoradas, com recipientes "por vezes com o bordo denteado, e onde abundam as taças carenadas" (op. cit., p.13).

O ponto da situação realizado em 1989, quando se publicou nova monografia relativa aos resultados obtidos nas seis campanhas arqueológicas realizadas desde o início das escavações em 1983, até 1988, segue sem alteração as observações anteriormente apresentadas, agora apoiadas em um importante corte realizado ao longo da face interna da **estrutura GG 1** (**Fig. 321**), então designado por corte VI (CARDOSO, 1989, p. 39), que corresponde ao Corte 1 do presente trabalho (ver **Fig. 323**). Este corte permitiu, pela primeira vez, estabelecer uma sequência estratigráfica fina da fase cultural correspondente ao Calcolítico Inicial da Estremadura (C. 3), associada às diversas fases construtivas correlativas.

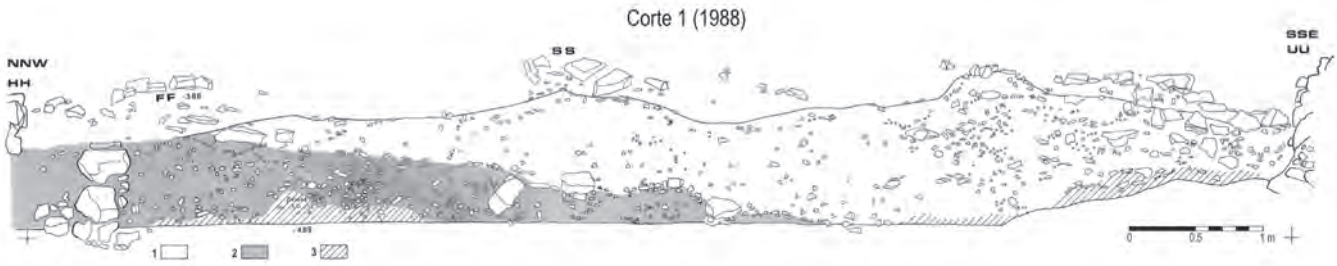


Fig. 321 – Leceia. Corte estratigrafico 1 realizado em 1988 ao longo da face interna da estrutura GG1.

Já no respeitante ao Neolítico Final, a espessura residual dos depósitos arqueológicos que se conservaram não permitiu a identificação individualizada de qualquer nível de fundação dos escassos e sempre muito incompletos vestígios de estruturas nele integráveis, susceptível de ser cabalmente diferenciado do nível correspondente ao derrube destas.

A sequência estratigráfica assim definida, conjuntamente com a informação tipológica fornecida pelos respectivos espólios e as diversas fases construtivas previamente identificadas, permitiu estabelecer a existência de três fases culturais ou de ocupação – Calcolítico Pleno/Final (Fase I); Calcolítico Inicial (Fase II); e Neolítico Final (Fase III) – as quais, por seu turno, se entrosam com cinco fases construtivas sucessivas – Fase V construtiva (Calcolítico Pleno/Final); Fase IV construtiva (final do Calcolítico Inicial); Fase III construtiva (fase média do Calcolítico Inicial); Fase II construtiva (início do Calcolítico Inicial); e Fase I construtiva (Neolítico Final), as quais serão caracterizadas no capítulo seguinte.

Deste modo, importa sublinhar que a forma como se sucederam as ocupações humanas em Leceia, ocupando globalmente uma diacronia de cerca de mil anos, fora já solidamente definida no final das primeiras seis campanhas de escavações, entre 1983 e 1988, conforme os resultados publicados em 1989 (CARDOSO, 1989), os quais foram sendo plenamente confirmados ao longo dos anos seguintes.

Com efeito, as informações contidas na monografia publicada cinco anos depois (CARDOSO, 1994), com base nas cinco campanhas de escavações subsequentes, realizadas entre 1989 e 1994, confirmaram plenamente as anteriormente apresentadas. A história da ocupação humana verificada em Leceia, então apresentada, baseou-se assim num conjunto de elementos estratigráficos, estruturais, cronológicos (conferida pelas dezenas de datações obtidas) e tipológicos, com base nas características dos espólios recolhidos.

Foi aquela mesma orientação que se seguiu no texto da monografia poucos anos volvidos publicada, por ocasião da realização de uma exposição no Museu Nacional de Arqueologia, intitulada "O povoado pré-histórico de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo", ali inaugurada no dia 17 de Julho de 1997, correspondendo à primeira de uma série de exposições feitas naquele Museu Nacional em parceria com diversas autarquias (CARDOSO, 1997).

Já na monografia publicada em 2003, por ocasião da inauguração da requalificação da entrada no espaço arqueológico, ocorrida no dia 28 de novembro daquele ano, procedeu-se mais uma vez a uma descrição da estratigrafia observada, devidamente articulada com os respectivos espólios e sua tipologia. Chamou-se, então, a atenção, para a importância da informação fornecida pela distribuição vertical das produções cerâmicas, sublinhando-se a incidência dos fenómenos sin- ou pós-deposicionais que poderiam ter perturbado aquela distribuição, tornando necessária uma apreciação detalhada do impacto deste fenómeno. Vale a pena transcrever o que então se referiu a tal respeito, a propósito da distribuição das produções do Calcolítico Pleno/Final, pois tais considerações reflectem-se directamente na interpretação das sequências estratigráficas em causa e mantêm-se plenamente válidas:

> "Ao nível do espólio arqueológico, destaca-se a cerâmica, que constitui, uma vez mais, o melhor elemento diferenciador face ao conjunto do Calcolítico Inicial: com efeito, os copos com decoração brunida e canelada, (...) só vestigialmente ocorrem. Na maioria dos casos, a sua presença na Camada 2 dever-se-á imputar à dificuldade de separar, em vastas áreas escavadas, pela sua irregularidade, o tecto da Camada 3 da base da Camada 2; mas há sempre que admitir o transporte post-deposicional de materiais e a migração vertical dos mesmos, constituindo outras tantas razões para a presença esporádica de materiais de épocas diferentes, em aparente associação estratigráfica" (CARDOSO, 2003 a, p. 15, 16).

Estas considerações foram escritas ainda antes de se ter procedido ao estudo sistemático da totalidade dos milhares de fragmentos cerâmicos decorados recolhidos em Leceia ao longo dos vinte anos de escavações ali realizadas, exceptuando os espólios campaniformes. Tal estudo, publicado em 2006, alargou a discussão aos conjuntos do Neolítico Final, recolhidos na base da sequência estratigráfica (C. 4) e do Calcolítico Inicial, correspondentes à sua parte média (C. 3).

A questão em causa foi então discutida do seguinte modo (CARDOSO, 2006, p. 25):

"Do ponto de vista tipológico, a variedade de formas decoradas, técnicas e padrões decorativos, é claramente superior à observada na fase cultural anterior. Importa discutir, antes de mais, a presença, em contextos do Calcolítico Inicial, de produções características da fase cultural antecedente, com destaque para os bordos denteados. A questão que se coloca é a de saber se se trata de produções coevas das características do Calcolítico Inicial – constituindo, deste modo, as derradeiras produções de tais recipientes – ou, em alternativa, de misturas devidas a movimentos post-deposicionais ou, simplesmente, à dificuldade de, no decurso das escavações, se identificar rigorosamente a separação entre a Camada 3 e a Camada 4, produzindo inevitáveis misturas de materiais.

Posta a questão nos termos referidos, a hipótese mais aceitável é a de admitir misturas de materiais de diferentes idades, e não a continuidade de produções de recipientes de bordos denteados no Calcolítico Inicial, por diversas razões:

em primeiro lugar, a aludida e demonstrada existência de um hiato de algumas dezenas de anos na ocupação do local, entre a deposição da Camada 4 e a da Camada 3, correspondente à ocupação do Calcolítico Inicial, prova a descontinuidade da presença humana no local: com a chegada de novas populações, chegariam também produções diferentes, que pouco teriam a ver com as anteriores. Por outro lado, a irregularidade do contacto da Camada 4 com a Camada 3, explica que, no decurso das escavações, fosse difícil ou mesmo impossível identificar claramente a transição entre ambas; tal dificuldade estará na origem de misturas, sempre esporádicas e ocasionais, de materiais de épocas diferentes, por processos mecânicos decorrentes da própria escavação. Importa sublinhar que, enquanto no espólio cerâmico da Camada 4 são raras as produções cerâmicas usualmente atribuídas ao Calcolítico Inicial, já entre o espólio da Camada 3 são mais numerosos os exemplares característicos do Neolítico Final. Esta realidade tem explicação pelo modo como se desenrolaram os trabalhos de campo: no decurso do rebaixamento da superfície da área escavada da Camada 3, ao se atingir o tecto da Camada 4, os primeiros materiais a esta pertencentes podem ter sido ainda incorporados entre os recolhidos na Camada 3; depois, com o prosseguimento da escavação em profundidade da Camada 4, já então plenamente identificada, só excepcionalmente aí se recolheram materiais da Camada 3, explicados por fenómenos de migração vertical, de cima para baixo, por efeito da gravidade, ou devido a misturas provocadas no decurso da própria escavação.

Quaisquer das razões acima apresentadas conduzem a considerar que os exemplares de bordos denteados, entre outros materiais característicos do Neolítico Final, dados como da Camada 3, não faziam, originalmente, dela parte integrante."

Ficava assim cabalmente interpretada a realidade observada no respeitante à distribuição estratigráfica das produções cerâmicas do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial.

Por outro lado, o referido estudo de 2006 ocupou-se também da questão, já anteriormente discutida na monografia de 2003, da coexistência de dois grupos bem diferenciados de produções cerâmicas de tradições culturais distintas, que desde há muito vinham a ser valorizadas como marcadores culturais do faseamento do Calcolítico estremenho, designadamente:

– o primeiro grupo corresponde às cerâmicas com decoração canelada, onde avultam os bem conhecidos "copos", valorizados como marcadores culturais, pela primeira vez, no povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja), onde caracterizavam a camada basal da fortificação central (PAÇO, 1959), que hoje se sabe corresponde ao final do Calcolítico Inicial. A datação obtida sobre uma omoplata de caprino juvenil, recolhida por O. da Veiga Ferreira no decurso dos trabalhos por ele ali dirigidos no início da década de 1980 na camada de fundação da fortificação central (CARDOSO, 2019), deu o seguinte resultado:

Wk – 46030 – 4067 +/- 17 BP

Este resultado, depois de calibrado utilizando os programas OxCalv4.3.2, cf. Bronk Ramsey, 2017 e Int.Cal13, cf. Reimer et al., 2013, corresponde, para uma probabilidade de 77,1%, ao intervalo de 2670-2560 cal BC, que é compatível com fase avançada do Calcolítico Inicial de Leceia (SOARES & CARDOSO, 1995; CARDOSO & SOARES, 1996).

– o segundo grupo corresponde às produções "folha de acácia" e "crucífera", integráveis no Calcolítico Pleno/Final. Estas produções eram originalmente reportadas apenas ao Calcolítico Pleno da Estremadura, antecedendo a eclosão das produções campaniformes nesta região, que corresponderiam ao Calcolítico Final (SOARES & SILVA, 1974/1977).

No entanto, esta visão, que veio a ser adoptada pela generalidade dos investigadores, foi posta em causa pelas datas absolutas para a **cabana FM** de Leceia, as quais demonstraram que a emergência das produções campaniformes na região ascendia a época situada em torno de 2700 cal BC, quando ainda se encontrava vigente a produção de "copos" canelados, típicos do Calcolítico Inicial (CARDOSO, 2006; CARDOSO, 2014 c). Assim sendo, as cerâmicas do grupo "folha de acácia" e "crucífera", que emergiram na Estremadura cerca de 2600/2500 cal BC, prosseguindo o seu fabrico até ao último quartel do 3.º milénio .C., teriam forçosamente de ser coevas das produções campaniformes. Daí que a designação mais adequada, para este período, do ponto de vista cronológico-cultural, já não possa ser a de Calcolítico Pleno, mas sim a de Calcolítico Pleno/Final, dada a coexistência total entre cerâmicas campaniformes e as produções do referido grupo.

A discussão da distribuição estratigráfica em Leceia das cerâmicas caneladas e das produções do grupo "folha de acácia" e "crucífera" na perspectiva de confirmar a sua valia como marcadores cronológico-culturais foi fundamentada no estudo de 2006, que abrangeu a totalidade dos exemplares decorados com informações estratigráficas pertencentes a ambos os grupos. Deste modo, torna-se relevante proceder à transcrição das conclusões então obtidas (CARDOSO, 2006, p. 29):

"A ocorrência de materiais cerâmicos típicos do Calcolítico Pleno (leia-se, Calcolítico Pleno/Final), na Camada 3, do Calcolítico Inicial, poderá ter várias explicações (tenham-se em conta as anteriormente apresentadas para a discussão de situação análoga, verificada entre a Camada 4 e a Camada 3):

– por uma progressiva substituição das produções, existindo largos períodos de coexistência entre produções distintas, e sucessivas; esta hipótese foi demonstrada estatisticamente no estudo dos grupos de cerâmicas decoradas do povoado fortificado calcolítico do Zambujal, Torres Vedras (KUNST, 1987, 1996): trata-se de uma explicação para a realidade ali objectivamente observada que perfilhamos, sem contudo lhe conferir o estatuto único, já que existem outras explicações, a seguir enunciadas;
– por fenómenos sin-deposicionais: o conjunto cerâmico do Calcolítico Inicial foi recolhido em acumulações ulteriores à correspondente presença humana, em sedimentos formados a partir

do desmonte de estruturas defensivas e habitacionais; nada mais natural que, no decurso destas acções erosivas, bem como na sequência do transporte de sedimentos e de materiais arqueológicos até ao local em que foram finalmente depositados, estes tenham sido misturados com as novas produções, utilizadas pelos ocupantes do povoado do Calcolítico Pleno (leia-se, Calcolítico Pleno/Final), então restringidos à zona nuclear do mesmo;

– por fenómenos post-deposicionais, dando origem à mistura de materiais mais recentes com materiais mais antigos, devido à gravidade e à penetração vertical, através de fissuras, ou outras descontinuidades, existentes no solo;
– por misturas produzidas no momento da escavação, sempre inevitáveis, nas superfícies de interface entre camadas distintas, para mais quando estas se apresentam irregulares e não permitem imediata diferenciação;
– ou, em alternativa, por alguns ou todos os quatro mecanismos descritos, em simultâneo, sendo cada um deles independente dos outros.

É maior a quantidade de produções cerâmicas características do Calcolítico Pleno (leia-se, Calcolítico Pleno/Final) que foram encontradas na Camada 3, comparativamente às cerâmicas características desta última camada que foram encontradas na Camada 4; a explicação para tal realidade reside em parte no facto de ser maior a superfície de contacto escavada entre a Camada 2 e a Camada 3, comparativamente à superfície de contacto entre a Camada 3 e a Camada 4".

As considerações acima apresentadas só foram possíveis pela realização de outros cortes, depois do efectuado em 1988; em 1994, procedeu-se à realização de mais um corte (CARDOSO, 2006, Fig. 3, em cima), correspondente ao corte 2 do presente trabalho (**Fig. 322**), executado ao longo da frente da escavação então existente situada a pouca distância da **estrutura II** (ver localização na **Fig. 323**) e que abarcou toda a sequência estratigráfica, até à camada basal (C. 4), rica de espólios do Neolítico Final.

Embora o controlo estratigráfico da escavação estivesse claramente adquirido, consolidado pelas sucessivas observações que até 1995 se executaram, aproveitou-se a realização da penúltima campanha de escavações, em 2001, numa zona do antigo povoado com a mais elevada potência estratigráfica verificada em toda a área por ele outrora ocupada, para a realização de três cortes estratigráficos, também já anteriormente publicados (CARDOSO, 2006, Fig. 3): são os cortes 3, 4 e 5 do presente trabalho, todos eles reproduzidos na **Fig. 322**.

A sequência estratigráfica geral, comum a todos eles, pode ser descrita do seguinte modo, conforme se apresenta na legenda da **Fig. 322**:

Camada 1 (C.1) – terras castanho-anegradas, com abundantes pedras miúdas, raízes e materiais modernos, incluindo fragmentos de cerâmicas comuns e faianças portuguesas do séculos XVII/XVIII (0,25 m de potência média);

A Camada 1 corresponde ao momento mais recente de ocupação da zona, a qual, desde o final da Idade Média, até meados do século XX, foi transformada em campos agrícolas. O aproveitamento da terra requereu a preparação de terraços, com a consequente terraplenagem de algumas zonas de topografia mais acentuada, como seria a que correspondeu à área explorada em 2001. Tal situação explica a ocorrência de materiais modernos até cerca de 0,30 metros de profundidade, oriundos certamente da vizinha povoação de Leceia, já constituída desde pelo menos o século XIII em aglomerado registado na documentação (CARDOSO & MAGRO, 1999/2000).

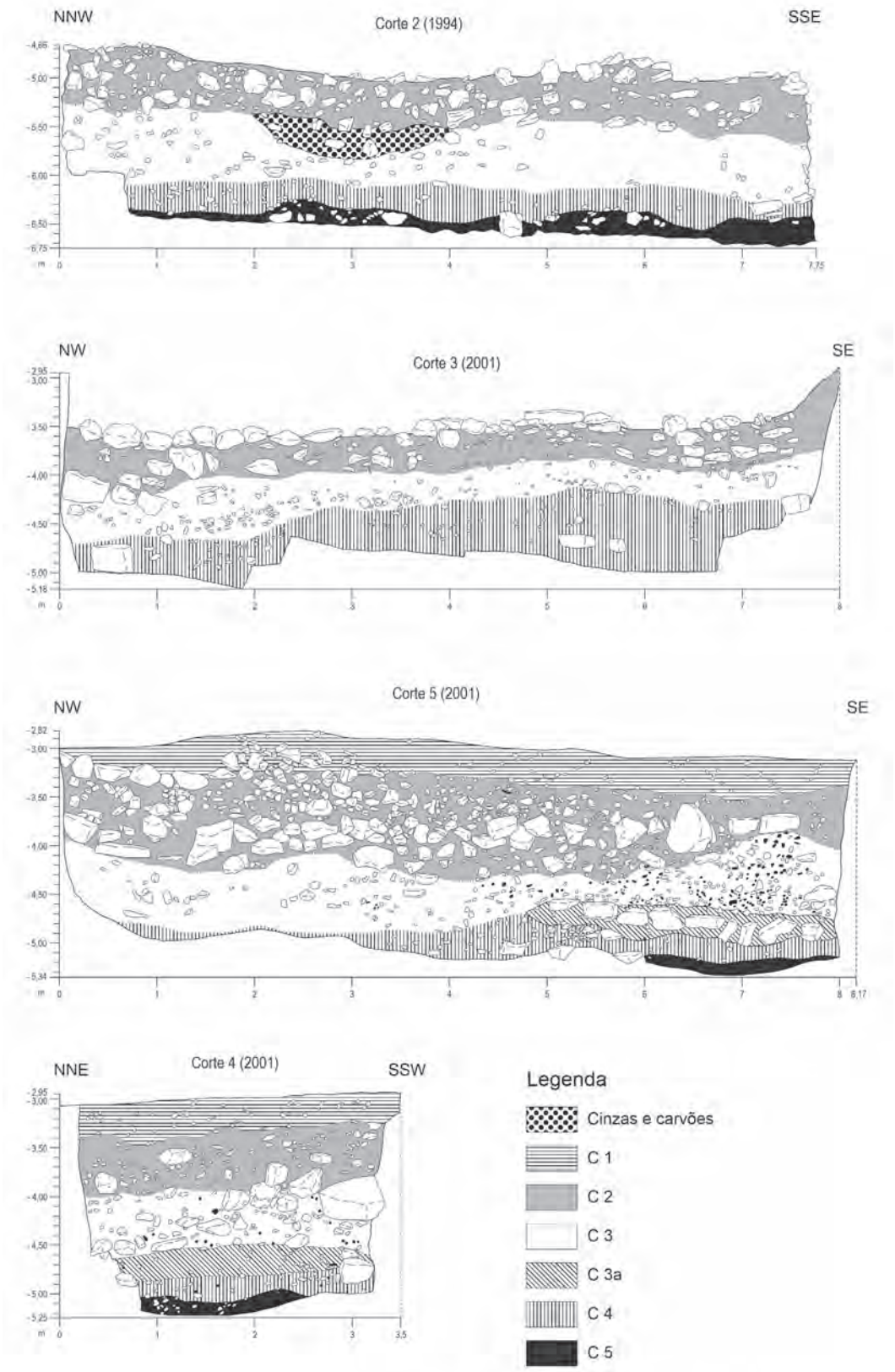


Fig. 322 – Leceia. Cortes estratigráficos 2, 3, 4 e 5, interessando toda a sequência estratigráfica observada no povoado.

Fig. 323 – Leceia. Planta geral da estação arqueológica com a localização dos 5 cortes estratigráficos agora publicados.

Camada 2 (C.2) – terras castanho-anegradas, pouco compactas, com numerosos blocos calcários, mas sem materiais modernos. Os materiais pré-históricos são muito abundantes, sobressaindo, de entre cerâmica, os fragmentos com as características decorações em "folha de acácia" e em "crucífera"; os materiais campaniformes, que em outros locais da estação ocorrem na parte superior desta camada são quase inexistentes, indício de que este sector não teria sido então ocupado (0,50 m de potência média);

A Camada 2, pelos materiais que possui, é reportável ao Calcolítico Pleno/Final. Corresponde a fase do povoado pré-histórico de franco declínio, no decurso da qual o dispositivo defensivo já se encontrava abandonado e, certamente, derruído; é deste modo que se pode interpretar crescente abundância de blocos calcários, que integram esta camada.

Camada 3 (C. 3) – depósito argiloso amarelo-acastanhado, compacto, com abundantes blocos de diversas dimensões nele dispersos, pontuado por muitos carvões que, pela coloração, contrastam com a matriz onde se encontram. Forneceu um menor número de artefactos arqueológicos, com destaque para os recipientes em forma de "copo" com decorações caneladas, de que se recolheram diversos exemplares (0,50 m de potência média); por vezes, esta camada engloba níveis de natureza antrópica, por vezes relacionados directamente com estruturas habitacionais, como lareiras, evidenciadas quando seccionadas em corte, ou passagens de argila moída com fragmentos margosos (greda), de coloração branco-amarelada, correspondentes a pisos de habitação, igualmente seccionados por alguns dos cortes realizados;

A Camada 3 diferencia-se nitidamente, tanto pela textura, como pela coloração, da camada antecedente. Também ao nível do conteúdo arqueológico se observam variações marcantes. Assim, a ausência quase total das cerâmicas decoradas que ocorriam na Camada 2 e o aparecimento das produções com decoração canelada (com destaque para os "copos"), indica uma fase cultural mais antiga, o Calcolítico Inicial da Estremadura. Por outro lado, a existência de uma matriz argilosa compacta, que não se evidenciou na C.2, mostra que, à data da formação desta, a degradação das construções estava ainda em fase incipiente, aceitando que a sua parte superior fosse constituída por paredes de adobe ou de taipa, o primeiro dos sectores a ser atingido. Estar-se-ia, pois, perante as primeiras evidências do declínio, que teria atingido as edificações defensivas de Leceia no final do Calcolítico Inicial. É deste modo que se interpreta a franca acumulação de materiais de construção daquele tipo na base da referida camada, cuja expressão estratigráfica é significativa;

Camada 4 (C. 4) – depósito acastanhado, compacto, com numerosos materiais arqueológicos, de que se destacam os característicos vasos de bordo denteado e as taças carenadas lisas, do Neolítico Final da Estremadura (0,20 m de potência média);

A Camada 4 corresponde à primeira fase de ocupação da plataforma de Leceia, cuja superfície topográfica era então ocupada pelos afloramentos de calcário duro sub-recifal, ou pelos produtos da sua alteração, como se verifica no local correspondente a estes cortes. A respectiva tipologia indica o Neolítico Final da Estremadura, situável em Leceia nos últimos séculos do IV milénio a. C. ou nos primórdios do milénio seguinte. Outra verificação importante corresponde ao facto de, independentemente do local da estação investigado, sempre que se atinge o substracto geológico, se encontrar a referida camada, o que indicia a existência, logo no Neolítico Final, de um povoado extenso, espalhado por toda a plataforma, ainda que não se tenham identificado vestígios de construções defensivas.

Camada 5 (C. 5) – depósito avermelhado, muito argiloso e estéril, correspondente à alteração do substrato geológico, colmatando soluções de continuidade das extensas e regulares bancadas de

calcários duros do Cretácico (Cenomaniano Superior), observado, via de regra, na parte mais profunda de cada corte.

A interpretação cronológica-cultural da sucessão descrita é, pois, semelhante, às registadas nas campanhas anteriores.

Deste modo, Leceia configura, como nenhum outro povoado fortificado da Estremadura, a possibilidade de se articularem de forma coerente informações de diversa origem e natureza – estratigráfica, tipológica, cronológica e construtiva – por forma a fornecer um quadro coerente da evolução da ocupação humana verificada naquela plataforma rochosa, ao longo de cerca de mil anos, entre o último quartel do 4.º milénio a.C. e o último quartel do milénio seguinte.

Tais resultados encontram-se sumarizados na **Fig. 324**, já recorrentemente dada a conhecer, antecedendo os resultados que, no respeitante ao faseamento da sequência construtiva, se irão apresentar no capítulo seguinte.

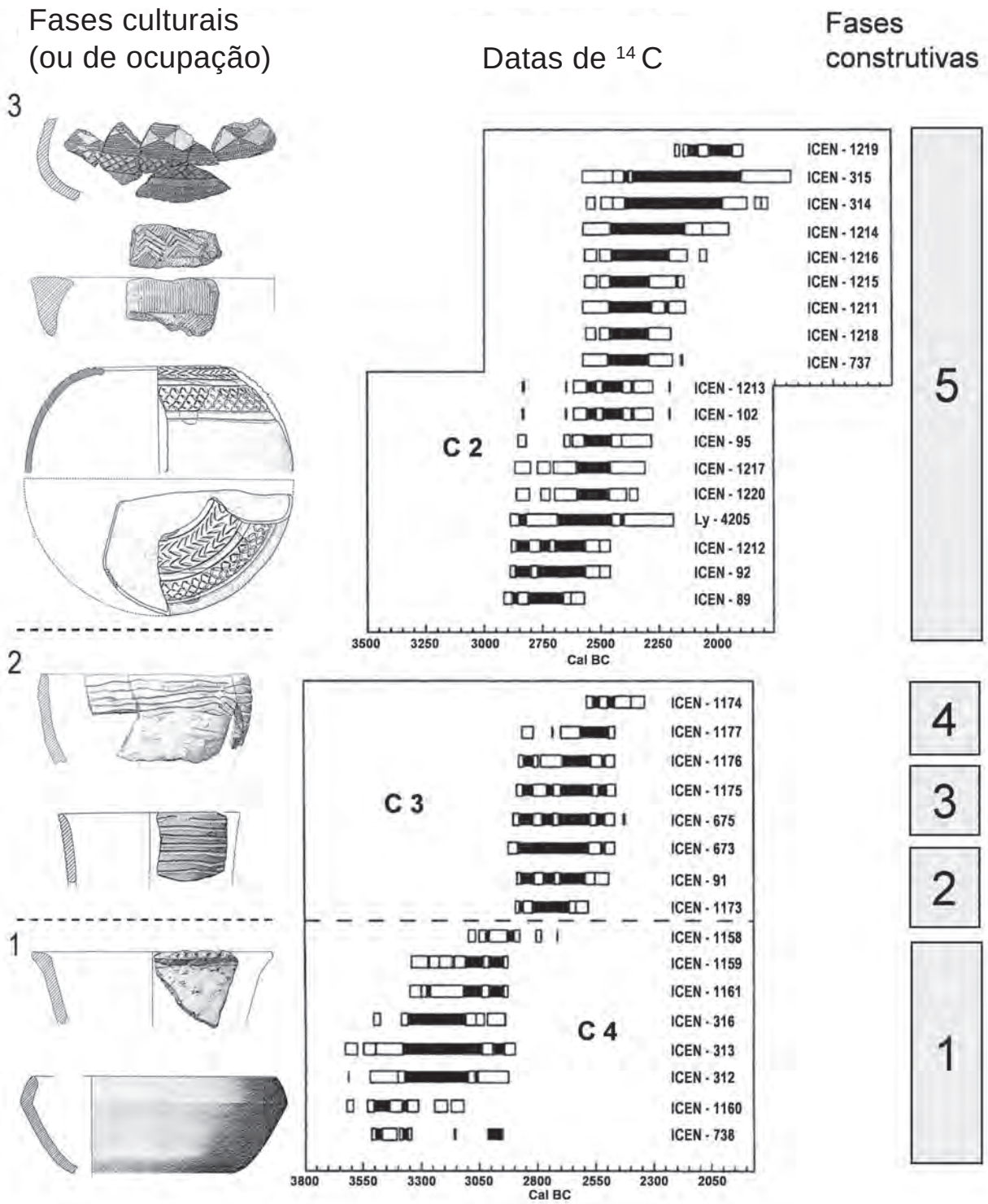
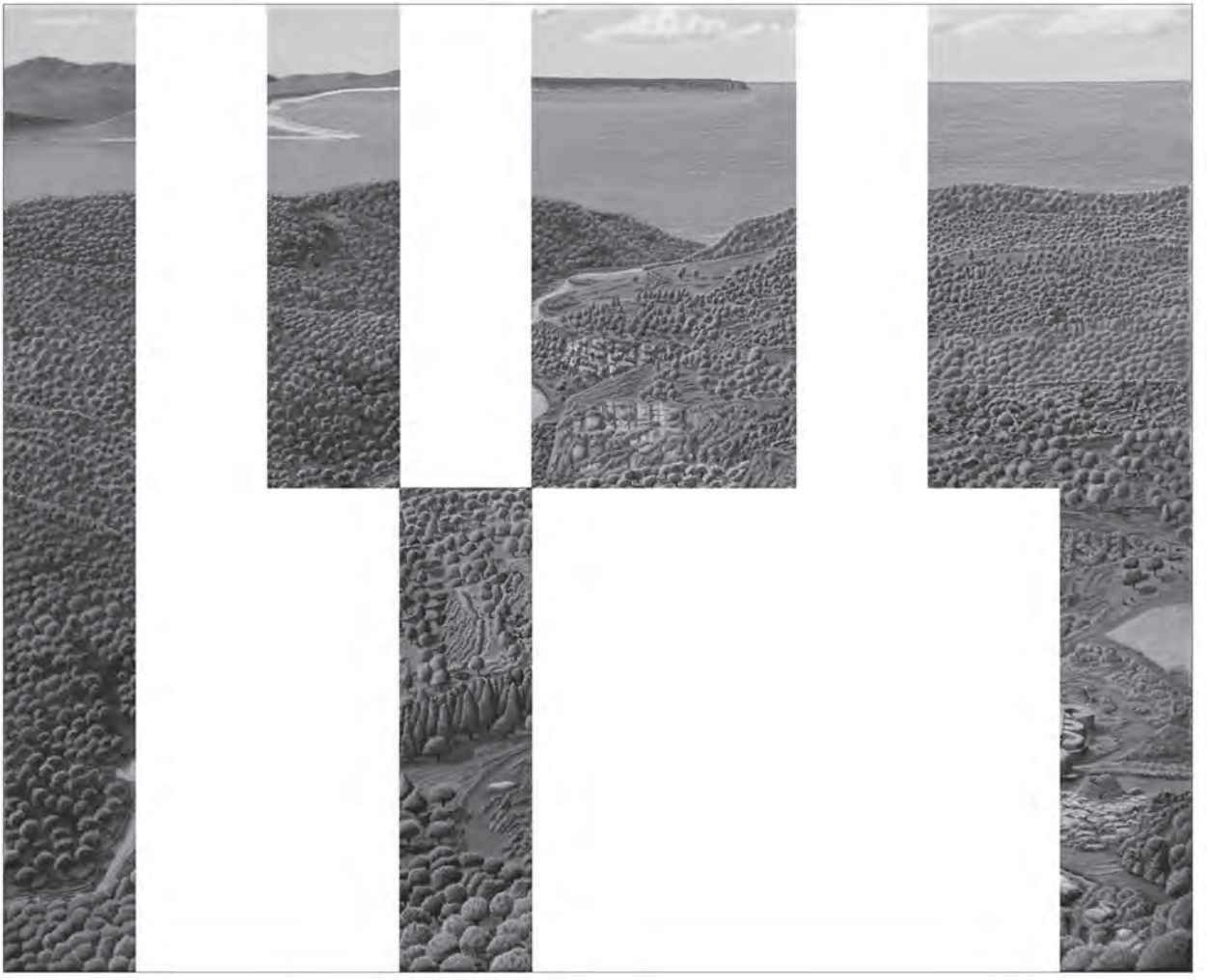


Fig. 324 – Leceia. Fases culturais (ou de ocupação), sequência estratigráfica, fases construtivas e cronologia absoluta. Ensaio de correlação realizado com base nas observações realizadas no decurso das escavações (1983-2002).

nove

AS CINCO FASES CONSTRUTIVAS IDENTIFICADAS E O QUE ELAS REPRESENTAM



A nitidez da estratigrafia observada, o bom estado de conservação das estruturas e o modo claro como estas se interpõem ou se relacionam geometricamente entre si, conduziram às seguintes conclusões gerais quanto à sequência construtiva observada, **chamando-se desde já a atenção para a possibilidade de localização de todas as estruturas a seguir referidas na planta geral da área escavada correspondente à Fig. 334**:

1 – Antes da primeira ocupação humana com carácter permanente no local, este apresentava-se como uma plataforma rochosa, constituindo promontório debruçado sobre o vale da ribeira de Barcarena, que domina do alto da sua margem direita. No entanto, importa sublinhar que tal plataforma não corresponde ao local de maior altitude daquela encosta. Este reporta-se à plataforma onde, até à década de 1940, existia ainda um moinho de vento em funcionamento, presentemente ocupada pela parte mais alta da povoação de Leceia. Uma fotografia então obtida (**Fig. 325**) evidencia essa realidade, do mesmo modo que sublinha as características únicas da plataforma onde se implantou o

Fig. 325 – Leceia. Foto do início da década de 1940 com a povoação de Leceia, logo seguida do povoado pré-histórico, mais abaixo, dominando o fértil vale da ribeira de Barcarena. No alto da encosta, observa-se moinho de vento, então ainda em funcionamento.

povoado pré-histórico. Com efeito, a existência de duas escarpas calcárias, com mais de 7 m de altura, formando uma cunha rochosa apontada para sul, constituíam defesas naturais que, não existindo em qualquer outro local das redondezas, foram determinantes para a escolha daquela plataforma, assim tão claramente delimitada, para local de habitação permanente.

Tal situação é evidenciada pela forma como o dispositivo defensivo se desenvolveu no terreno, fechando o lado de mais fácil acesso da referida plataforma, ao incluir, de maneira muito clara, simples e eficaz, a própria topografia natural pré-existente, que deste modo passou a fazer parte integrante daquele (**Fig. 326**).

Foi por isso que a morfologia dos terrenos envolventes do sítio arqueológico foi, desde logo, considerada como componente do mesmo, justificando a criação de uma zona especial de protecção, definida legalmente em 1986, como acima se referiu.

Fig. 326 – Leceia 1983-2002. Planta da área escavada com implantação das estruturas na topografia do terreno.

O espaço arqueológico apresentava-se, então, na sua quase totalidade, ocupado pelos calcários duros recifais, da base do Cretácico Superior (Cenomaniano Superior), pouco basculados, que afloravam em bancadas de assinalável extensão, evidenciando um processo de lapialização incipiente.

No decurso das escavações, foram recolhidos diversos fósseis, delas originários, como é o caso de duas pequenas carapaças de equinodermes regulares, os comuns "ouriços do mar" (**Fig. 327**), que revelam a existência de um litoral constituído por barreira de recifes de rudistas, separando o mar aberto de lagunas de pequena profundidade junto à costa, onde a sedimentação era calma, possibilitando a boa conservação de uma rica fauna ictiológica recolhida nas antigas pedreiras existentes perto de Barcarena, no Murganhal e em Caxias.

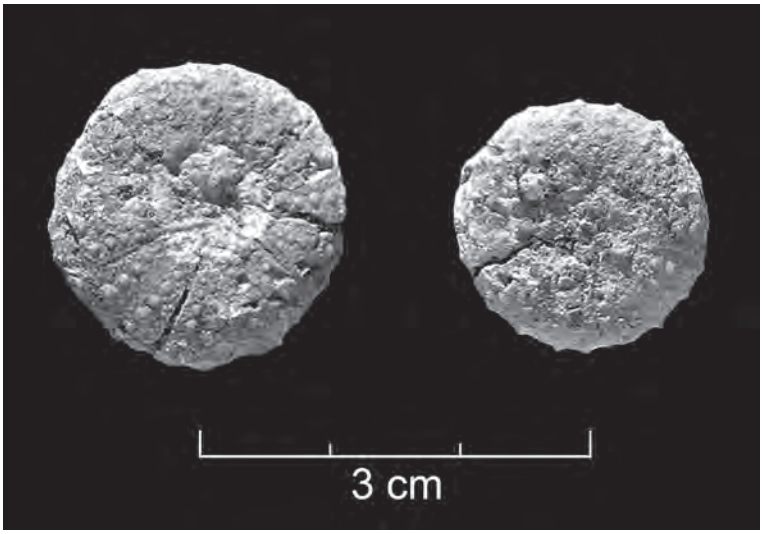


Fig. 327 – Leceia. Dois fósseis de equinodermes regulares recolhidos no decurso das escavações, originários dos calcários duros recifais, da base do Cretácico Superior (Cenomaniano Superior), aflorantes na plataforma rochosa onde se implantou o povoado pré-histórico.

2 – Foi sobre estas bancadas rochosas, com soluções de continuidade mais ou menos desenvolvidas, preenchidas por materiais argilosos residuais ("terra rossa"), e desniveladas por vezes de alguns metros na vertical que se processou a primeira ocupação humana com carácter permanente no local, as quais só localmente foram postas a descoberto no decurso das escavações (**Fig. 328**).

A Fase I de ocupação, do Neolítico Final, a que corresponde a **Fase I construtiva** encontra-se representada, pelas primeiras construções edificadas directamente sobre o substrato geológico, verificou-se no último quartel do 4.º milénio a.C. As escassas estruturas identificadas, em geral muito mal conservadas (**Fig. 329**), não permitem compreender como se teria processado a organização do espaço ocupado, sem dúvida de grande amplitude, uma vez que as mesmas se dispersam, ainda que de forma muito descontínua, por toda a área escavada. Apenas num local foi possível estabelecer uma finalidade para tais vestígios (as **estruturas FJ1 e FJ 2**), que definem conjuntamente um corredor ou entrada, de assinalável amplitude, cujo desenvolvimento não se seguiu no terreno uma vez que, para tal, seria necessário remover várias estruturas arqueológicas mais modernas, igualmente importantes. Face à distribuição no terreno dos vestígios de estruturas e da abundância dos espólios correlativos que foi possível recolher, pode afirmar-se que, no decurso do último quartel do 4.º milénio a.C. e até inícios do milénio seguinte, se estabeleceu ali uma comunidade numerosa e importante.

Na Fase II de ocupação, pertencente ao Calcolítico Inicial da Estremadura – "horizonte da cerâmica canelada" – identificaram-se três fases construtivas, reportadas sucessivamente à fase inicial (Fase II construtiva), plena (Fase III construtiva) e final (Fase IV construtiva) daquela etapa cronológico-cultural:

Fig. 328 – Leceia 1983-2002. Planta da área escavada com o registo do substrato rochoso, do Cenomaniano Superior, constituído por extensas bancadas de calcários duros recifais, postas a descoberto no decurso das escavações.

Fig. 329 – Leceia 1983-2002. Planta da Fase I construtiva (Neolítico Final, Fase I de ocupação).

– na **Fase II construtiva** (**Fig. 330**) constrói-se a fortificação central, também designada como terceira linha defensiva, a mais interna das três que foram implantadas no terreno, escavada em 1985 e 1986 e em 1988; dessa mesma época é a construção da segunda linha defensiva, situada entre aquela e a primeira linha defensiva, cuja escavação foi realizada entre 1987 e 1989; também a primeira linha defensiva, que envolvia todo o espaço muralhado, escavada entre 1990 e 1994, a par do fosso que se encontra a ela associado, escavado em 1997 e 1998, foram reportados a esta fase construtiva. Tal significa que a concepção arquitectónica do que viria a ser um complexo dispositivo defensivo, é uma evidência bem situada no tempo, tendo sido levada à prática de uma só vez e em curto espaço de tempo. Não se trata, pois, de um dispositivo defensivo realizado ao longo do tempo e ao sabor das necessidades, mas, pelo contrário, uma obra devidamente planeada, destinada a ocupar um determinado espaço, ao qual se adaptou, com um propósito defensivo claro. A época da sua construção foi situada na fase inicial do Calcolítico Inicial. Contrastando com a monumentalidade e abundância das estruturas defensivas, constituídas por panos de muralha, torres maciças e bastiões ocos ou maciços, adossados aos paramentos externos da muralha, as estruturas habitacionais integradas nesta fase são raras. Tal poderá dever-se às construções mais modernas, da mesma natureza, que as cobriram, edificadas em diversos locais do espaço intramuros. Deste modo, as estruturas habitacionais mais antigas, para serem postas à vista, obrigava a que estas fossem removidas do terreno. Por outro lado, importa também ter presente que a área melhor defendida do recinto, situada por detrás da terceira linha defensiva foi completamente destruída no século XVIII por via da instalação de uma pedreira, também responsável pelo desmonte integral de um moinho situado perto da extremidade da plataforma e, por certo, pela suspensão da laboração do que parcialmente se manteve até à actualidade.

Apesar daquelas tão evidentes precauções com a funcionalidade e eficácia do dispositivo defensivo, existem alguns aspectos de natureza arquitectónica que não foram cabalmente explicados. Um deles refere-se à proximidade que se observa entre os bastiões adossados aos lados externos dos circuitos muralhados, situação particularmente evidente na primeira e na terceira linhas defensivas. Tal situação poderá afigurar-se, aos olhos do arqueólogo do século XXI de difícil explicação do foro estritamente funcional, pelo que terá tendência para recorrer a argumentos do foro da própria natureza e simbolismo da fortificação, enquanto monumento colectivo e que expressava o próprio sucesso do grupo ali instalado. É também problemática a existência de aberturas verificadas em quatro dos seis bastiões que integram a primeira linha defensiva directamente para o exterior da fortificação, quando o que seria lógico era que tais passagens só existissem – como se observa nalguns casos – para o interior do espaço muralhado, numa perspectiva puramente defensiva.

Seja como for, uma apreciação global da disposição das três linhas defensivas no terreno evidencia o perfeito entrosamento entre elas, articulando-se com o desenvolvimento do esporão rochoso, que desta forma ficou triplamente defendido a partir do sector de mais fácil acesso, como bem se evidencia na **Fig. 326**. A este respeito, importa valorizar três aspectos.

O primeiro aspecto respeita ao facto de todos os bastiões estarem voltados para o mesmo lado, precisamente aquele de onde poderia surgir o maior perigo, já que as defesas naturais existentes dos dois outros lados do esporão rochoso asseguravam eficazmente a segurança dos ocupantes da plataforma assim definida.

Torna-se expressiva tal preocupação, quando se verifica que os bastiões da terceira linha defensiva, tal como os da segunda linha, foram ocupar importantes áreas que, de outra forma, seriam vantajosamente utilizadas por espaços domésticos.

Fig. 330 – Leceia 1983-2002. Planta da Fase II construtiva (Calcolítico Inicial, Fase II de ocupação).

O segundo aspecto que merece discussão respeita à distância que separa as três linhas defensivas. O espaço médio de cerca de 18 m de afastamento entre a primeira e a segunda das linhas defensivas é compatível com a eficácia de um disparo de arma neurobalística da época, do tipo tiro com arco. Já a distância entre a segunda e a terceira das linhas defensivas é compreensivelmente menor, devido à concentração de estruturas à medida que se chega ao núcleo do dispositivo defensivo, em que o conflito assumiria essencialmente o papel de combate a curta distância.

Há ainda um terceiro aspecto a considerar, respeitante ao desenvolvimento das vias de circulação então existentes na área intramuros directamente relacionado com a concepção arquitectónica da ocupação do espaço defendido. Identificou-se um eixo de circulação principal na área intramuros, de desenvolvimento intencionalmente sinuoso e que se encontra balizado por passagem situada na primeira linha defensiva, a **estrutura EZ**, flanqueada pelas **estruturas EX e FN1**, a que se sucede, na segunda linha defensiva, uma outra passagem a **estrutura O1**, aberta na própria muralha, a **estrutura O**, cujo acesso se encontra dificultado por dois cunhais situados de um dos seus lados, as **estruturas OO1 e OO2**, criando evidente constrangimento a quem pretendesse atingi-la. Uma vez transposta esta passagem, o caminho seguia, assinalavelmente sinuoso, atravessando o espaço entre a segunda e a terceira linhas defensivas, marginado de ambos os lados por muros que o delimitavam, evitando que qualquer grupo invasor se dispersasse pela área intramuros – a **estrutura DD**, de um dos lados, e as **estruturas Q, J e L**, do outro – no caso de ultrapassada a passagem referida. É interessante verificar que a **estrutura L**, sendo de natureza habitacional, foi integrada neste alinhamento murado, seguindo o princípio da sua utilização combinada, como aliás se verificava com certas unidades arquitectónicas defensivivas, como os bastiões, pelo menos em dois casos munidos no seu interior – **estruturas C e EX** – de estruturas de combustão, indício da sua utilização também como unidades habitacionais.

A linha de circulação principal que se tem vindo a descrever transpunha a terceira linha defensiva numa passagem estreita, existente entre dois bastiões – as **estruturas C e H** – permitindo o acesso directo ao interior da área melhor defendida. Porém, chegados a esta, o eventual grupo atacante continuava muito constrangido nos seus movimentos, visto a sua progressão estar, uma vez mais, limitada a um estreito e longo corredor, de planta rectilínea, situado já no lado interno da muralha constituinte da terceira linha defensiva, definido por dois muros paralelos, **D1 e D3**.

Uma outra entrada, a **estrutura EH6**, situada na primeira linha defensiva e pertencente a esta mesma fase, encontra-se associada também a um estreito corredor que se desenvolve do seu lado interno, igualmente delimitado de ambos os lados por duas estruturas alongadas, respectivamente as **estruturas FA** e **FB**, que, em conjunto, definiam um corredor progressivamente mais afunilado, à medida que se progredia no interior do espaço defendido.

Outro eixo de circulação principal identificado no interior do dispositivo defensivo pode, de igual modo, ser definido com base na correlação entre duas passagens identificadas. Na segunda linhas defensiva, a **estrutura O4**, identificada na última campanha de escavações, realizada em 2002, permitia ingressar no espaço intramuros, seguindo uma via de circulação existente ao longo do lado externo da terceira linha defensiva, a qual era transposta em passagem inicialmente muito ampla, situada entre o remate original da muralha, correspondente à **estrutura D** e a **estrutura MM**, situada do lado oposto. Esta passagem veio a ser sucessivamente estreitada, denotando as evidentes preocupações defensivas, sempre presentes no quotidiano dos habitantes do povoado no decurso do 3.º milénio a.C. Transposta esta passagem, a **estrutura CC2**, entrava-se no amplo espaço melhor defendido do povoado. Neste, identificou-se um caminho lajeado, munido de degraus para vencer o declive crescente deste sector, cuja orientação aponta para a referida passagem. Tudo indica, pelo seu desenvolvimento no terreno, que conduziria a uma outra passagem conforme indica um pequeno

retalho de piso lajeado junto à escarpa que limita do lado sul a plataforma rochosa. Tal passagem, existente próximo da escarpa, permitia o acesso a um profundo vale subsidiário da margem direita da ribeira de Barcarena, designada por Carlos Ribeiro como ravina da Pucariça, e, dali, ao próprio leito da ribeira, a partir do qual se acedia directamente à margem norte do estuário do Tejo.

Importa, com efeito, ter presente que a relação dos habitantes com o estuário do Tejo era permanente, como atesta a assinalável quantidade de restos malacológicos recuperados, confirmando a importância da recolecção, realizada nas margens do estuário, o qual dista na actualidade cerca de 4 km do povoado pré-histórico, mas então muito mais próximo e acessível devido à maior profundidade e amplitude da ribeira de Barcarena, que constituía na confluência com o Tejo um paleoestuário hoje completamente desaparecido (CARDOSO, 2013).

Prova dessa relação privilegiada e prioritária com o estuário, frequentado em permanência pelos habitantes de Leceia, é a existência, para além da passagem acima referida, entretanto desaparecida, de duas outras passagens, perto uma da outra, voltadas a sul, as quais também proporcionavam acesso fácil e directo à ravina da Pucariça e, dali, à ribeira de Barcarena. São a **estrutura EH6**, com piso lajeado, munida de dois cubelos interiores maciços, eventualmente relacionados com um dispositivo de fecho, de madeira; e a **estrutura EH13**, munida de degraus, para vencer o acentuado declive do terreno ali existente.

Uma novidade no respeitante às arquitecturas calcolíticas do território português, identificada em Leceia, foi a existência de um fosso natural, explorado em 1997 e 1998, aproveitado como uma importante estrutura defensiva negativa situada no extremo norte da área explorada, em continuidade com uma estrutura positiva, no caso a muralha que integra a primeira linha defensiva.

– na **Fase III construtiva**, o dispositivo defensivo edificado não sofre alterações substanciais, correspondendo estas, essencialmente, a reforços e a acrescentos (**Fig. 331**), facto que denotará a manutenção da instabilidade social, com provável aumento das situações de conflito. Alguns bastiões são reforçados por fiadas de grandes blocos do lado externo. O facto de tais reforços se observarem em diversas áreas e nas três linhas defensivas, resulta de estas alterações terem também respeitado um plano geral que interessou todo o espaço construído, contrariando a leitura de simples alterações pontuais, feitas ao sabor das circunstâncias das necessidades pontualmente sentidas. É o caso das estruturas **G, EH** e **EU**, o mesmo se verificando com a grande torre maciça (**estrutura MM**) que articula a segunda e a terceira linhas defensivas. Também alguns troços das três linhas defensivas previamente construídas, são então reforçados ao longo dos respectivos paramentos internos e, mais raramente, externos. Excepcionalmente observou-se que um bastião, além de reforçado ao longo do seu paramento externo, foi transformado numa estrutura maciça através do entulhamento do seu interior com blocos engrenados uns nos outros (**estrutura G**).

O objectivo destes trabalhos não foi o de conferir às construções maior solidez, a qual era mais do que suficiente para as necessidades da época. O intuito destes reforços, ao alargarem a base de sustentação das estruturas pré-existentes, consistiu na possibilidade de as mesmas poderem ser alteadas, aumentando assim a visibilidade que se detinha do topo das estruturas que integravam o dispositivo defensivo.

Tal propósito é exemplarmente evidenciado pela **estrutura MM** já anteriormente referida, com cerca de 10 m de diâmetro basal. O acrescento que se verifica de um dos seus lados teve certamente como objectivo permitir o alteamento da estrutura, essencial para se poder dominar visualmente a profunda ravina situada do lado meridional do povoado e de onde poderia provir um ataque surpresa.

Fig. 331 – Leceia 1983-2002. Planta da Fase III construtiva (Calcolítico Inicial, Fase II de ocupação).

Estes reforços, nalguns casos, tiveram como consequência o aumento do comprimento das diversas passagens existentes na segunda linha defensiva (**estruturas O1** e **GG1**), de que resultou a melhoria da sua defensabilidade, noutros casos conseguida pelo estreitamento da própria passagem, como se observa em duas situações existentes na terceira linha defensiva, as **estruturas D3** e **CC2**. No primeiro caso, foi construído um cubelo no corredor da passagem primitiva, com o qual a circulação de pessoas ficou mais difícil. No segundo caso, a entrada foi sendo progressivamente estreitada por adição de estruturas a partir de ambos os lados, que prosseguiu pela fase construtiva seguinte. Os objectivos eram idênticos, visando dificultar o acesso ao interior das áreas defendidas.

No respeitante às estruturas de carácter habitacional, a larga maioria das mesmas estaria concentrada na área melhor defendida, por detrás da terceira linha defensiva; tal área foi quase totalmente destruída pela instalação da já referida pedreira, na segunda metade do século XVIII. A única das estruturas habitacionais situada naquele sector e que subsistiu é uma unidade de grande qualidade arquitectónica e planta sub-circular, a **estrutura ZZ**, contrastando com a qualidade das suas congéneres da fase construtiva seguinte;

– na **Fase IV construtiva** (**Fig. 332**) identificaram-se diversas estruturas de natureza defensiva e habitacional e, pela primeira vez, algumas de cunho comunitário. De um modo geral, o aparelho construtivo utilizado denota menor robustez que o das fases anteriores; embora os blocos ainda sejam argamassados, como aqueles, por argila de origem local, são em geral de menores dimensões. As construções defensivas resumem-se, via de regra, a reforços das anteriores, sendo excepcionais as construções de raiz: entre estas conta-se um pequeno bastião, adossado ao paramento externo do prolongamento da muralha da terceira linha defensiva; trata-se da **estrutura AA**, distanciada escassos 3 metros do bastião adjacente, a **estrutura G**; ainda assim, a sua construção pode explicar-se por criar um saliente na muralha pré-existente, tal como os seus congéneres, dificultando o assédio por parte de um grupo atacante. Esta estrutura possui o piso lajeado, tendo sido, pouco depois da sua construção, parcialmente preenchida interiormente por um murete, transformando-a numa estrutura semi-maciça. Outra relevante estrutura defensiva construída nesta fase corresponde ao fecho do espaço intramuros, através da construção de um pano de muralha que, a partir da **estrutura MM**, atingia a escarpa natural, munida de um remate curvilíneo, sucessivamente reforçado do lado externo por diversos contrafortes por forma a assegurar a estabilidade, neste sector da encosta de assinalável declive. Trata-se da **estrutura XX**.

Reportam-se também a esta fase construtiva diversos pares de muros paralelos, já acima referidos, formando corredores destinados a compartimentar o espaço e a limitar as possibilidades de um grupo invasor rapidamente se poder dispersar na área intramuros, observados tanto entre a segunda e a terceira linhas defensivas, como já no interior desta última.

No entanto, é no capítulo das construções de natureza habitacional que esta fase se encontra melhor representada. Em geral, tais unidades aproveitaram as paredes de estruturas previamente construídas, situadas em locais muito diversificados da área construída. É o caso da **estrutura HH**, e da **estrutura EJ**; mas outras ocorrem isoladas, possuindo plantas sub-circulares, como é o caso da **estrutura FL** construída do lado interno de **GG2** a qual, tal como a **estrutura ZZ**, possui uma lareira no seu interior; outra unidade habitacional com características semelhantes é a **estrutura NN**, indício de que nesta fase construtiva coexistiam dois tipos de cabanas: as de planta circular, construídas isoladamente, e as que de forma oportunística aproveitavam pré-existências, o que condicionava a sua morfologia.

Nesta fase construtiva ocorrem, pela primeira vez, algumas estruturas de natureza comunitária como acima se referiu. É o caso da **estrutura AC**, correspondente a caminho lajeado munido

Fig. 332 – Leceia 1983-2002. Planta da Fase IV construtiva (Calcolítico Inicial, Fase II de ocupação).

de degraus, relacionado com uma das vias de circulação principais do espaço intramuros; e de três lajeados de planta sub-circular, atribuíveis ao embasamento de eiras, respectivamente as **estrutura M**, **estrutura N** e **estrutura EM**. Tal atribuição funcional é reforçada pelo facto de numa delas se ter encontrado o resto de uma argamassa do tipo greda, que corresponderia à superficie funcional regularizada sobre o empedrado que constitui o respectivo embasamento. Duas delas evidenciam alterações da superfície útil, num caso com o seu aumento (**estrutura EM e EM1**), noutro caso com a sua diminuição (**estrutura N e N1**) . A produção cerealífera era, pois, uma actividade de alto interesse económico e de carácter estratégico, pelo que se compreende, face ao clima de instabilidade e de tensão social que se vivia, que a mesma estivesse situada na área intramuros e não, como seria mais natural, no exterior do espaço defendido pelas muralhas.

À actividade especializada que era a descasca dos cereais, corporizada pelas três estruturas acima referidas, soma-se a da farinação dos mesmos, conhecendo-se uma evidência directa, representada por uma construção de planta sub-circular, a **estrutura FO**, no interior da qual se recolheram diversos elementos de moagem. Deste modo, a farinação seria uma actividade especializada, encontrando--se centralizada numa única estrutura, existente igualmente na área intramuros, sendo a farinha ali produzida distribuída pelos diversos núcleos familiares que integravam o povoado.

É sugestivo admitir que o armazenamento dos cereais e da farinha assim produzida fosse realizado em estruturas fechadas, como poderia ser o caso de uma unidade que nada diferenciaria de uma cabana, com entrada marcada por soleira e chão interior forrado de lajes, a **estrutura L**, cujas pequenas dimensões sugerem tal utilização reforçada pelo facto de se situar a pouca distância das **estruturas M** e **N**.

Importa ainda referir um ampla área lajeada, a **estrutura EF**, associada a outra de menores dimensões, a **estrutura EF**, que se desenvolvem no interior da primeira linha defensiva, até à grande **estrutura MM**. A finalidade de tal espaço não é evidente: o mesmo poderia destinar-se à recolha de bens e animais em situações de conflito, podendo, em alternativa, ter sido protegido por cobertura leve, de madeira e colmo, constituindo deste modo uma vasta estrutura comunitária.

Deste modo, o conjunto diversificado das estruturas de carácter comunitário identificadas em Leceia no decurso dos finais do Calcolítico Inicial, comprova e existência de construções relacionadas com actividades especializadas, a par da organização do espaço habitado, com áreas de circulação e de associação bem definidas, estreitamente relacionadas com as três linhas defensivas previamente construídas, pelo que poderá designar-se, com fundamento, como exemplo de um urbanismo primitivo.

A **Fase III de ocupação**, pertencente ao Calcolítico Pleno/Final, caracterizada pela presença de uma produção de cerâmica decorada característica, a “folha de acácia” e a “crucífera”, acompanha a plena afirmação das produções campaniformes. Corresponde-lhe apenas uma única fase construtiva, a **Fase V construtiva** (**Fig. 333**).

Desconhece-se a existência de construções defensivas reportadas a esta fase construtiva; com efeito a **estrutura I**, identificada logo no primeiro ano de escavações e desde logo assim considerada, caracterizada por um muro constituído por duplo alinhamento de blocos com um enchimento intermédio de pedras miúdas, contrastava, à data da sua identificação, com as unidades habitacionais então conhecidas da mesma fase construtiva. Porém, ulteriormente, vieram e encontrar-se, como adiante se dirá, embasamentos de grandes cabanas desta mesma época, possuindo as mesmas características construtivas, pelo que a referida estrutura deverá ser reportada a uma unidade habitacional. Tal interpretação pode ser igualmente extensiva à **estrutura J**. A completa ausência de estruturas defensivas na última fase de ocupação do povoado é acompanhada da assinalável retracção do

Fig. 333 – Leceia 1983-2002. Planta da Fase V construtiva (Calcolítico Pleno/Final, Fase III de ocupação).

espaço habitado, concentrando-se as estruturas, exclusivamente de carácter habitacional, na área mais alta da plataforma, situada no espaço em torno da segunda linha defensiva e desta, até à terceira linha defensiva. Foram então ali construídas numerosas cabanas, em geral de carácter muito precário, evidenciadas por lajeados associados a estruturas de combustão, de que é bom exemplo a **estrutura JJ** que se encontra associada à respectiva lareira, a **estrutura JJ1**. Outro bom exemplo, este situado em local muito afastado do núcleo ocupado com maior intensidade na época em apreço, é fornecido pela **estrutura FC**, igualmente associada a uma lareira, a **estrutura FC1**. Estes espaços possuem contorno quase sempre pouco definido, a menos que tenham aproveitado em parte construções mais antigas, especialmente de carácter defensivo, de há muito existentes e então ainda parcialmente de pé. Um bom exemplo é a **estrutura P**, correspondente a uma unidade habitacional aproveitando um sector do paramento externo da terceira linha defensiva, situado entre dois bastiões fechada por um muro rectilíneo frontal, a **estrutura F**, ficando assim claramente delimitada, no interior da qual se identificaram diversas estruturas de combustão, como é o caso da **estrutura P1**, correspondente a um empedrado e da **estrutura P3**, adossada à **estrutura G**. Outro bom exemplo de aproveitamento do paramento de uma estrutura defensiva é fornecido pela **estrutura LL**, aproveitando em parte a pré-existência correspondente ao paramento externo da muralha da segunda linha defensiva, no caso representada pela **estrutura O**.

Enfim, as duas primeiras estruturas de combustão, identificadas logo no início das escavações, as **estruturas A1** e **A2**, aproveitaram a já referida **estrutura F**, que passou assim a delimitar, de um lado a **estrutura P** e, do outro a **estrutura A**, que deste modo correspondem a duas unidades habitacionais distintas, apenas separadas por um muro, o que evidencia a densidade da ocupação deste sector do povoado.

Para além deste tipo de unidades habitacionais de natureza "oportunista", aproveitando em boa parte pré-existências estruturais, houve outras que foram construídas de raiz, na tradição já anteriormente verificada. É o caso da **estrutura E**, correspondente a uma pequena cabana de planta sub-elipsoidal, parcialmente sobreposta a uma outra, integrada na fase construtiva anterior, a **estrutura B**, possuindo idênticas características.

A escavação de um vasto sector situado entre a primeira e a segunda linhas defensivas, entre 1998 e 2001, colocou a descoberto um notável conjunto de quatro cabanas elipsoidais, situadas junto umas das outras e por vezes em parte sobrepostas, algumas de grandes dimensões, verificando-se que o esforço anteriormente mobilizado para a construção da fortificação se transferiu para a edificação destas notáveis cabanas, as quais dispensavam a existência de defesas, pois outras eram já as condições e o sistema económico e social em que as respectivas populações se integravam. Neste aspecto, importa valorizar a abundância de peças de cobre em contextos do Calcolítico Pleno/Final, contrastando com a sua quase ausência nos contextos do Calcolítico Inicial, época em que precisamente se construiu o imponente dispositivo defensivo. Com efeito, a presença do cobre nos contextos calcolíticos mais antigos afigura-se residual, ou mesmo inexistente, dado que os escassíssimos artefactos reportados àquela época (CARDOSO et al., 2020), podem, na verdade, ter migrado por gravidade para a respectiva camada, a C. 3, em resultado do peso e da sua pequenez, percolando facilmente as fendas verticais existentes no solo, ou como consequência das perturbações mecânicas, de natureza antrópica ou natural, sem esquecer a dificuldade frequente na separação de camadas de épocas sucessivas. Apenas um fragmento de cadinho de fundição, o único que foi recolhido em Leceia, poderia ser com maior segurança reportado ao Calcolítico Inicial, dadas as suas características (op. cit., Fig. 8). A ausência de relação entre a prática da metalurgia do cobre, uma das actividades económicas do Calcolítico mais relevantes, e o fenómeno da fortificação, ajuda a explicar, como é

que, no decurso do Calcolítico Pleno/Final, a metalurgia poderia ser produzida e utilizada em abundância, sem que a fortificação fosse requerida.

No conjunto das quatro unidades habitacionais de grandes dimensões então construídas, avultam as seguintes:

– a **estrutura PP**, cujo muro, fortemente curvilíneo, foi edificado com duas fiadas de blocos, sendo o espaço intermédio preenchido com pedra miúda; o interior da estrutura conserva ainda restos do primitivo chão forrado de lajes;
– a **estrutura FT**, a maior de todas, de planta elipsoidal, com cerca de 15 m de eixo maior, por cerca de 5 m de eixo menor, munida de uma passagem de grande qualidade construtiva, correspondente a corredor lajeado, marcado tanto do lado de fora como no lado de dentro, por lajes colocadas transversalmente, formando duas soleiras, sendo a do lado externo associada a área lajeada; tal como na anterior, observaram-se, dispersas, algumas lajes dispostas em posição horizontal, restos do chão primitivo da cabana;
– a **estrutura GA**, onde, igualmente, se evidencia no seu interior a dispersão de lajes colocadas horizontalmente, levando à conclusão que se tratava de habitação, tal como as duas anteriormente referidas, com assinalável qualidade construtiva.

É certo que estas unidades arquitectónicas coexistissem com cabanas de construção mais precária, como as anteriormente mencionadas. Tal realidade poderá relacionar-se com o uso diferenciado de umas e de outras, a menos que reflectisse já algum tipo de diferenciação social intracomunitária, herdado do Calcolítico Inicial, agora mais evidente.

Deste modo, pode concluir-se que os espaços intramuros, delimitados pelas três linhas defensivas, eram intensamente ocupados por diversos tipos de cabanas, encontrando-se melhor preservadas e em maior abundância, como seria de esperar, as cabanas da fase construtiva mais recente.

Também nesta fase se identificaram duas estruturas de natureza comunitária:

– **estrutura II**, correspondente a um recinto fechado, de planta sub-circular com apenas cerca de 1,5 m de diâmetro, definido em boa parte do seu circuito por ortóstatos calcários. A construção do mesmo numa época já avançada do Calcolítico Pleno/Final é indicada pelo facto de se encontrar fundado na camada de derrubes daquela época, constituída em boa parte por blocos calcários oriundos das estruturas defensivas, indício de que as mesmas se encontravam já fortemente degradadas, por vezes até ao embasamento.

A finalidade desta estrutura, situada imediatamente do lado externo de entrada existente na segunda linha defensiva, a **estrutura GG1**, pode relacionar-se com a sua utilização primária, provavelmente um silo para o armazenamento de cereais. Como é usual neste tipo de estruturas, a sua vida útil prolongou-se com a sua reutilização como lixeira doméstica, como é indicado pela natureza dos materiais ali exumados: a par de uma grande abundância de restos faunísticos e fragmentos cerâmicos, ocorriam em grande quantidade conchas de caracóis terrestres do género *Helix* sp., frequentes em ambientes ricos de matéria orgânica. É, pois, possível, que este recinto servisse de lixeira aos derradeiros habitantes do povoado, sendo periodicamente esvaziado, e os produtos dele extraídos utilizados na fertilização dos terrenos de cultivo em torno do povoado, correspondendo a um exemplo primitivo de compostagem. Trata-se, pois, da primeira evidência de gestão dos lixos domésticos e sua ulterior reciclagem. Esta estrutura recebeu restos humanos, correspondendo a um mínimo de 4 indivíduos, e, sempre que foi possível determinar o sexo e a idade, a jovens adultos ou adultos, todos do sexo masculino (CARDOSO, CUNHA & AGUIAR, 1991). Era, pois, legítimo admitir que correspon-

dessem a uma horda invasora que, tendo sido dizimada, os seus elementos não tivessem merecido sepultura e sido rejeitados da forma como foram encontrados. No entanto, as datações absolutas por radiocarbono entretanto realizadas pelo método de AMS vieram demonstrar que, na verdade, correspondiam a indivíduos do Bronze Pleno que teriam frequentado a plataforma onde outrora se erguia o povoado pré-histórico, meio milénio após o seu definitivo abandono, transformado então num monumental monte de ruínas (KUNST, CARDOSO & WATERMAN, 2014). Tal resultado não deixa de ser igualmente interessante, pois comprova a frequência esporádica do local do antigo povoado, no decurso dos tempos seguintes ao seu abandono, por grupos humanos por certo atraídos pela carga simbólica que lhe estava associada.

– **estrutura FH**, que corresponde a um vasto recinto muito incompleto, constituído por muros de planta arqueada, separados por uma passagem intermédia. Poderia constituir um redil para reunião do gado na zona intramuros, que então já não se encontrava protegida pelas estruturas defensivas, entretanto arruinadas. Daí que tenha sido necessário construir este recinto de alvenaria, ao contrário do que se verificou anteriormente, com as **estruturas EF** e **EL**, que aproveitaram a protecção oferecida pela primeira linha defensiva.

Ainda integradas nesta última fase construtiva devem consideradas as duas cabanas campaniformes identificadas e exploradas no exterior da fortificação:

– a **estrutura EN**, identificada em 1990 e explorada em 1994, situa-se defronte de um dos bastiões da primeira linha defensiva, a **estrutura EI** e possui planta elipsoidal, com 6 m de comprimento por 2 a 3 m de largura. Encontra-se fundada na camada de derrubes da fortificação calcolítica, constituída por uma amálgama de blocos (C. 2). Esta realidade é compatível com a modernidade tipológica dos espólios campaniformes nela recolhidos, integrados no chamado "grupo Inciso". As datações obtidas por radiocarbono sobre restos faunísticos da biosfera terrestre vieram comprovar tal modernidade, situando a instalação desta pequena unidade habitacional em época coeva da fase final da ocupação de Leceia, correspondente ao Calcolítico Pleno/Final no interior da qual ocorriam produções campaniformes consideradas mais antigas, integráveis no chamado "grupo Internacional" (CARDOSO, 1997/1998; CARDOSO, 2014 c; CARDOSO, 2017); é assim lícito concluir que existiriam diferenças de estatuto social entre as duas comunidades, matéria objecto de discussão, entre outros, nos estudos citados.

– a **estrutura FM**, igualmente situada no espaço extramuros, e explorada em 1995 e 1996, encontra-se afastada menos de 10 m da primeira linha defensiva. À semelhança da **estrutura EN**, possui planta elipsoidal, apresentando o recinto interno que a constitui cerca de 10 m de comprimento por 5,6 m de largura máxima. Possui um recinto externo, formado por um muro paralelo ao anterior, destinado a armazenar produtos, ou ao resguardo de animais, ou mesmo de pessoas, conferindo por esta via maior conforto térmico aos ocupantes do espaço nuclear da habitação. Ao contrário da **estrutura EN**, a fundação desta cabana, igualmente definida por grandes blocos alinhados, funda-se directamente na camada arqueológica mais antiga, com espólios do Neolítico Final (C.4). A sua cronologia adrede o Calcolítico foi confirmada por um conjunto de datações por radiocarbono sobre restos faunísticos da biosfera terrestre, algumas por AMS, as quais situaram a sua utilização em torno de 2700/2600 cal BC, ou seja, numa época em que ainda se produziam os espólios característicos do Calcolítico Inicial, representados pelas produções de cerâmicas com decoração canelada, as quais faltam inteiramente neste espaço doméstico. Esta realidade é compatível com a hipótese de terem as produções campaniformes

consideradas mais antigas, representadas pelos vasos "marítimos", substituído os típicos "copos" canelados do Calcolítico Inicial da Estremadura (ver, por todos, CARDOSO, 2019), o que explicaria a sua total ausência do presente contexto.

Com efeito, as únicas cerâmicas decoradas recuperadas nesta unidade habitacional, ascendendo a várias dezenas de exemplares, são exclusivamente campaniformes, o que não deixa dúvidas sobre a integração cultural dos seus ocupantes. Mas as suas características tipológicas diferem das respeitantes às cerâmicas recolhidas na **estrutura EN**, dada a sua assinalável diversidade tipológica, coexistindo decorações a pontilhado e incisas, incluindo vasos "marítimos", comprovando que, desde época muito recuada, os diversos grupos em que tradicionalmente se têm subdividido as produções campaniformes na região estremenha coexistiram entre si (CARDOSO, 1997/1998; CARDOSO, 2014c; CARDOSO, 2017). Importa, assim, discutir a relação estabelecida por estes grupos humanos portadores de produções campaniformes com os habitantes do povoado calcolítico adjacente. Tudo indica que, num primeiro momento, os habitantes da fortificação tenham estabelecido relações de boa convivência com aquelas comunidades, podendo estas, numa fase de declínio da fortificação, terem obtido o domínio da mesma. É o que sugere a existência, na área intramuros, de produções de maior requinte, correspondentes aos vasos "marítimos", a par das produções locais, que continuaram a produzir-se, representadas pelos grupos "folha de acácia" e "crucífera", coexistindo ambos os grupos no registo estratigráfico. Tais produções poderiam deste modo ser associadas a um segmento social da comunidade então formada distinto daquele que, disperso pelos campos em redor, em pequenas unidades domésticas, assegurava o sustento essencial dos ocupantes de Leceia. Este segmento, coevo do anterior, caracterizava-se pela utilização de uma baixela de menor qualidade, com produções mais grosseiras, de onde estavam ausentes os vasos "marítimos", mas onde, em compensação, eram comuns as produções incisas, aplicadas a uma grande diversidade de recipientes. Assim se pode explicar a natureza tipológica das produções campaniformes recolhidas na **estrutura EN**, construída e numa fase já adiantada da presença campaniforme na região, provavelmente por um pequeno grupo familiar dos muitos que ocupavam o espaço circundante.

Face ao exposto, pode concluir-se que, embora arquitectonicamente semelhantes, as duas unidades habitacionais campaniformes identificadas na área extramuros de Leceia nada têm de comum entre si, situando-se uma nos primórdios daquela presença na região, cerca de 2700/2600 cal BC, e outra quando a mesma já tinha atingido a sua plenitude, a partir de 2500 cal BC, e até aos finais do milénio.

Em suma, a planta geral das estruturas defensivas, habitacionais e comunitárias identificadas em Leceia ao longo dos vinte anos de escavações ali realizadas faz deste sítio fortificado calcolítico o mais complexo e completo em termos de riqueza informativa, de todos os que até agora foram explorados em território português (**Fig. 334**). Apesar de as estruturas se não encontrarem desenvolvidas em altura, como em outros locais coevos, devido à intensa utilização do solo aqui realizada em épocas históricas sucessivas, até à actualidade, foi possível registar os respectivos desenvolvimentos no terreno, evidenciando, de acordo com as observações acima apresentadas, uma riqueza única, considerando também as informações estratigráficas, devidamente ilustradas pela tipologia dos espólios arqueológicos e balizadas pela cronologia absoluta viabilizada pelas dezenas de datações de radiocarbono efectuadas. A esta realidade soma-se, ainda, a importância das observações realizadas acerca da presença campaniforme ali observada para o conhecimento deste fenómeno, à escala peninsular.

São, pois, as vicissitudes de um sítio longamente ocupado por mais de mil anos, por sucessivas comunidades humanas que, em cada época, souberam adaptar-se ao meio envolvente, que explo-

raram de forma integrada e exaustiva, que as escavações arqueológicas conseguiram dar a conhecer em alguns dos seus aspectos essenciais.

Mas não haja ilusões: o exercício realizado no terreno, com a escavação quase completa de um grande povoado fortificado calcolítico, durante vinte anos, depois prosseguido até o presente no laboratório e no gabinete pelo estudo exaustivo de todos os espólios recolhidos, cuja realização e publicação requereu outros tantos anos, e que constitui igualmente um exemplo único no que respeita à prática arqueológica em Portugal, permitiu, apesar de tudo, entrever apenas alguns aspectos do que teria sido a realidade social e económica daquelas populações, e as relações por elas estabelecidas entre si e com outras comunidades.

No entanto, uma vasta área, de conhecimentos relativa ao domínio cognitivo, às crenças, rituais e práticas simbólicas, em que as tarefas do quotidiano se entrosavam forma inextricável com o mundo imaterial, incluindo o mundo funerário, ficou definitivamente inacessível ao conhecimento propiciado pela arqueologia e só conjecturas serão possíveis, baseadas nas escassas evidências materiais recolhidas. Disso há que estar plenamente consciente.

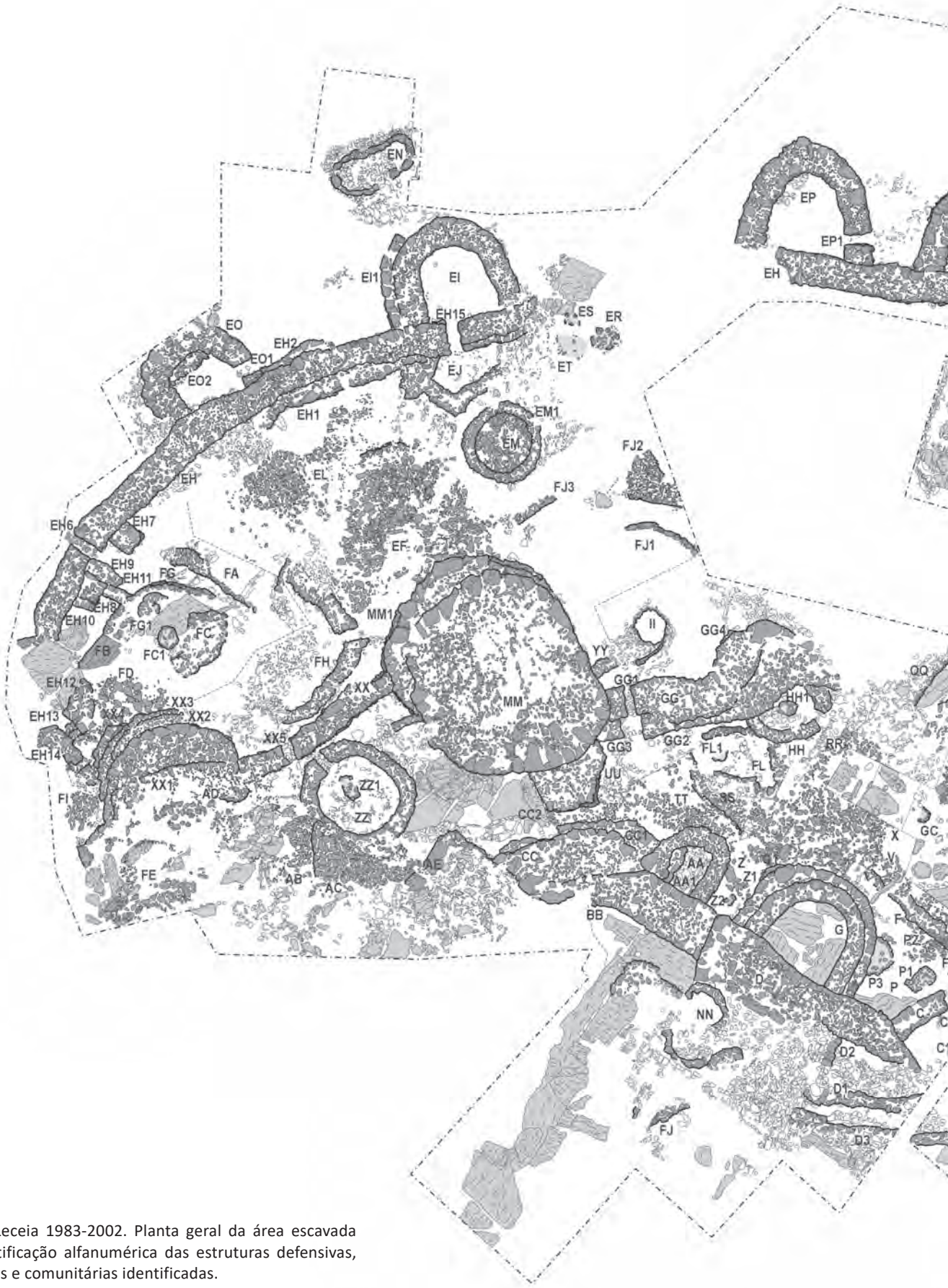
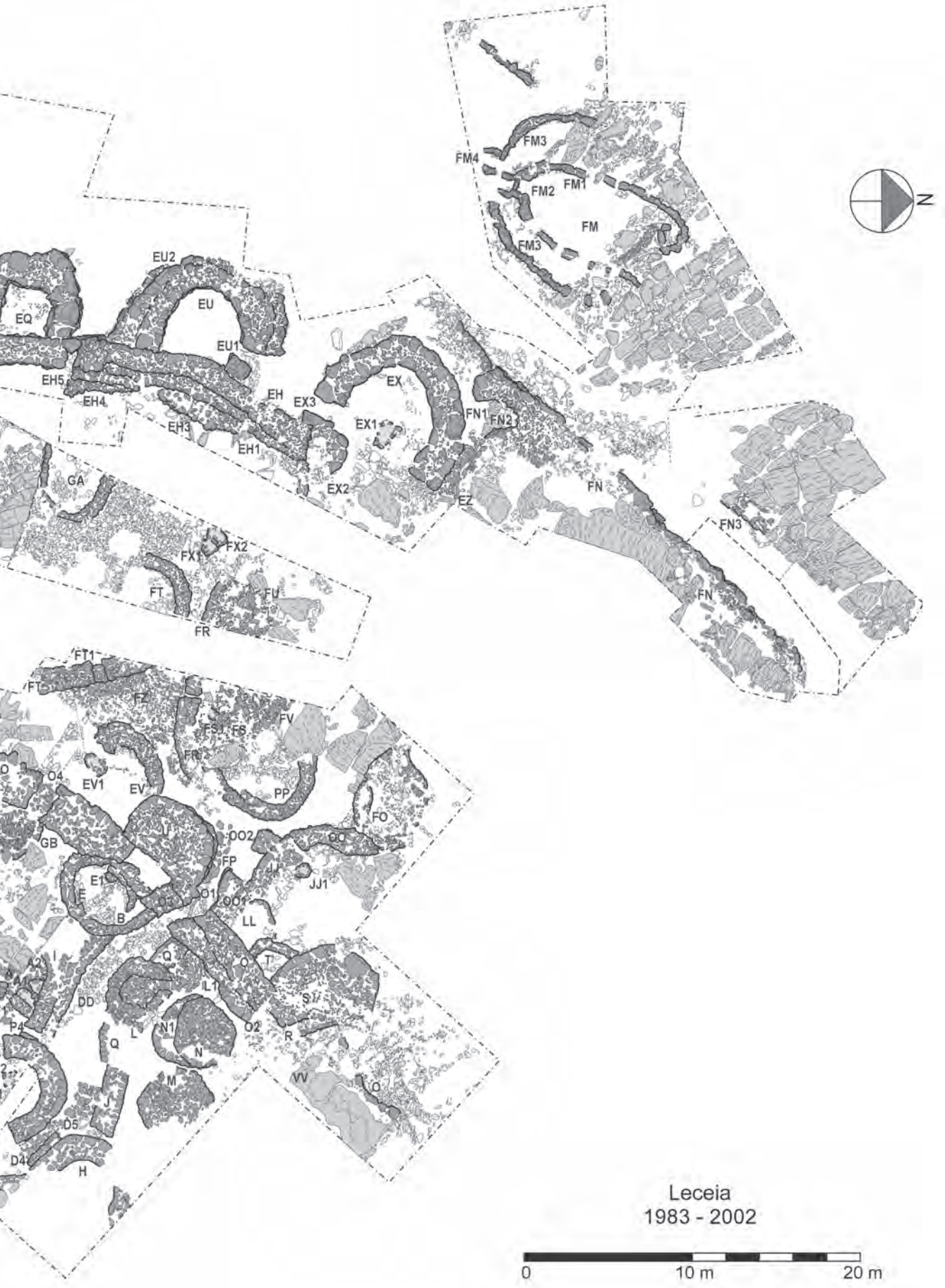
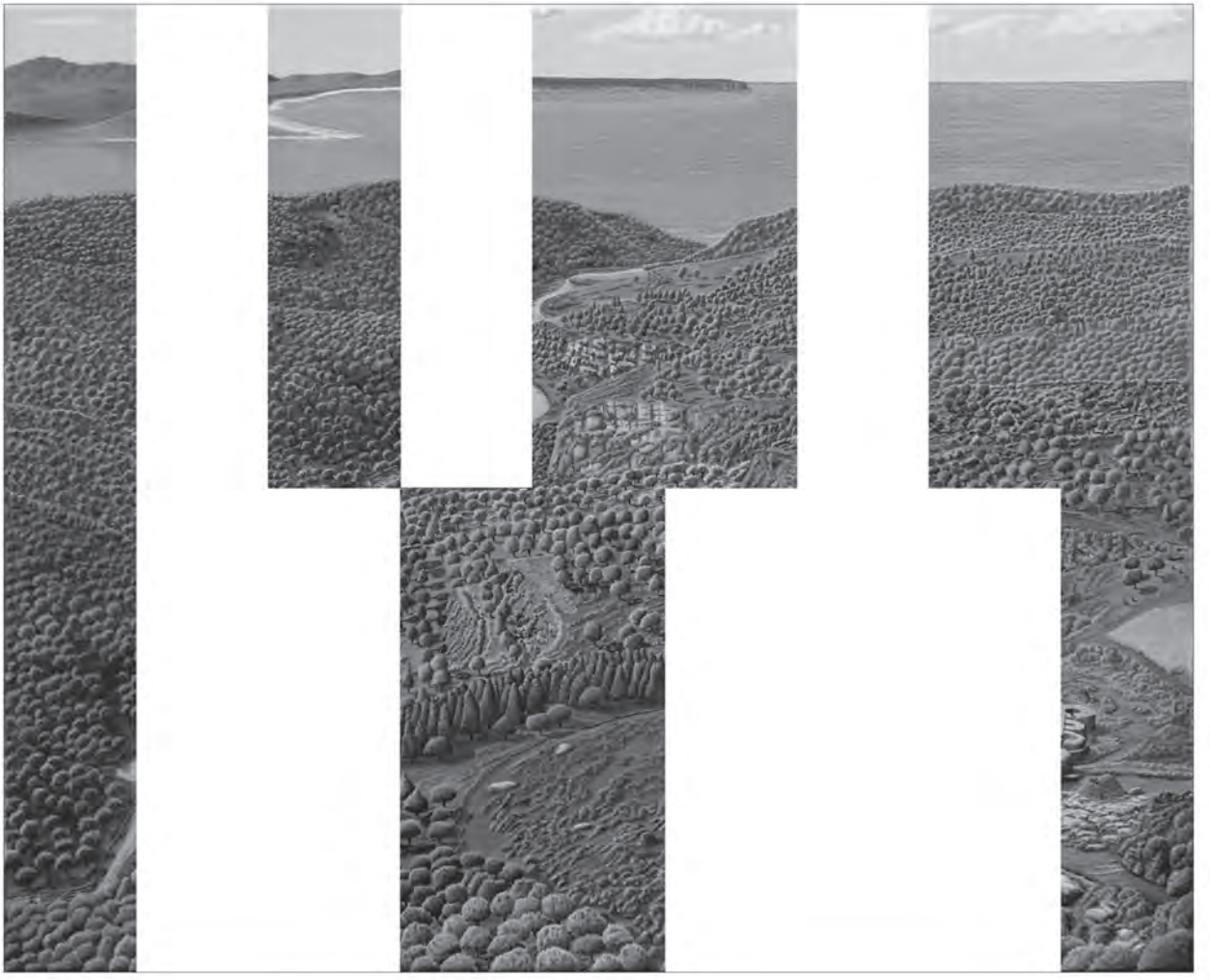


Fig. 334 – Leceia 1983-2002. Planta geral da área escavada com a identificação alfanumérica das estruturas defensivas, habitacionais e comunitárias identificadas.


FM3
FM4
FM1
FM2
FM
FM3
N
EU2
EU
EQ
EU1
EH5
EH4
EH
EX3
EX
EX1
FN1
FN2
EH3
EH1
EX2
EZ
FN
FN3
GA
FX2
FX1
FT
FU
FR
FN
FT1
FT
FZ
FS1
FS
FV
FR
O
O4
EV1
EV
PP
FO
GB
U
OO2
OO
FP
JJ
JJ1
E1
E
O3
O1
OO1
B
LL
I
Q
T
A2
IL1
DD
S
P4
L
N1
O2
R
Q
N
M
VV
O
D5
D4
H
Leceia
1983 - 2002
0
10 m
20 m

dez

RESTAURO DE ESTRUTURAS



Tendo presente que um dos objectivos finais dos trabalhos encetados em 1983 consistia na escavação integral, seguida da recuperação das estruturas postas a descoberto, com vista ao seu usufruto cultural, iniciaram-se em 1987 acções de protecção de estruturas, e em 1988 acções de restauro, consolidação e recuperação das que entretanto iam sendo postas a descoberto. Os trabalhos integraram-se numa experiência-piloto, recorrendo a formandos de um Curso de Restauro então ministrado em Conímbriga, e tiveram o apoio do então Director do Departamento de Arqueologia do IPPC, Dr. Fernando Real, e da Directora do Museu Monográfico de Conímbriga, Dra. Adília Alarcão.

As primeiras acções de protecção, realizadas em 1987 foram consubstanciadas na colocação de gravilha fina nas estruturas mais frágeis, nomeadamente estruturas de combustão e lajeados da última fase de ocupação (Fase V construtiva; Fase III de ocupação).

Em 1988 foram iniciados os trabalhos de restauro com o apoio financeiro e técnico do Departamento de Arqueologia do IPPC por dois alunos do Curso de Restauro acima mencionado (António Torrão e António Simões), que decorria na época em Conímbriga. Esta acção privilegiou as estruturas que se mostravam mais sensíveis à acção dos agentes atmosféricos, em resultado da evolução comportamento dos elementos pétreos que as integravam dando, deste modo, início às tarefas de recuperação geral da estação, tendo em vista o seu aproveitamento turístico-cultural. Os trabalhos decorreram durante o mês de Agosto, por forma a coincidir com o período de escavações, possibilitando assim ao Autor o acompanhamento e direcção dos referidos trabalhos, com metodologia previamente definida. Deste modo, recuperaram-se as seguintes estruturas: **estrutura B**; **estrutura E** (**Fig. 335**); **estrutura L**; e **estrutura J**.

Durante o ano de 1988 foi também recuperado o moinho existente na zona *non aedificandi*, o designado moinho da Moura, por Carlos Ribeiro, ou, mais correctamente moinho do Pires, de acordo com Leite de Vasconcelos. Esta obra foi inteiramente custeada pela Câmara Municipal de Oeiras, com o objectivo de constituir um espaço aproveitado como Museu de Sítio, servindo, ao mesmo tempo, a cobertura, então reconstruída, à maneira de terraço, como ponto de observação privilegiado de toda a estação arqueológica.

Esta acção foi discutida no local com o Director do Departamento de Arqueologia do IPPC, Dr. Fernando Real.

Em 1989 prosseguiram as acções de recuperação de estruturas com o patrocínio do Departamento de Arqueologia do IPPC. Os trabalhos foram, como anteriormente, coordenados pelo Autor, enquanto responsável científico da estação, e decorreram durante toda a campanha, sendo realizados por diversos alunos do referido Curso de Restauro a decorrer no Museu Monográfico de Conimbriga. Recuperaram-se as estruturas situadas no prolongamento das intervencionadas no ano transacto e na zona adjacente ao moinho, nomeadamente a **estrutura N**, a **estrutura M**, ambas muito prejudicadas pela abertura de caldeiras para o plantio de eucaliptos, poucos meses antes de iniciados os trabalhos arqueológicos em 1983, a **estrutura H**, e a **estrutura C** (**Fig. 336**).

Fig. 335 – Leceia. Pormenor dos trabalhos de consolidação e restauro de estruturas arqueológicas efectuados em 1988.

Fig. 336 – Leceia. Vista parcial da primeira linha defensiva do povoado pré-histórico de Leceia depois das reconstruções nela realizadas em 1989, com recurso aos blocos recolhidos nas correspondentes camadas de derrubes.

Dado existirem na área intervencionada estruturas de diferentes épocas, adoptou-se o critério de proceder à sua diferenciação através de alteamentos a cotas variáveis, correspondendo as cotas mais altas às fases construtivas mais antigas.

Os materiais utilizados nas reconstruções foram recuperados na própria estação, em camadas de derrubes. Trata-se de blocos calcários de origem local. O ligante utilizado foi uma mistura de cimento e de materiais geológicos naturais, margo-argilosos, que fariam parte integrante das antigas estruturas.

Em 1990, os trabalhos decorreram depois da campanha de escavação, na segunda e terceira semanas de Outubro e deles se encarregaram dois técnicos de restauro da empresa contratada pelo IPPC, os mesmos que, enquanto alunos do Curso de Restauro ministrado no Museu Monográfico de Conimbriga, colaboraram com o Autor em 1989.

Recuperaram-se as estruturas situadas no prolongamento das intervencionadas no ano transacto. Continuou-se a respeitar o critério anteriormente adoptado, evitando-se intervir em zonas isoladas da estação, que diluiriam o efeito didáctico e visual pretendido. Foram intervencionadas a **estrutura G**; a **estrutura D**; e o espaço entre as **estruturas C** e **G**.

O critério adoptado foi o de proceder, tal como anteriormente, ao alteamento das estruturas, diferenciando-as consoante a maior ou menor modernidade destas, sendo que as mais antigas se elevavam a uma cota sempre superior às mais modernas, no caso de se verificarem adossamentos entre estruturas de várias épocas. Por outro lado, a diferenciação entre a parte reconstruída e a parte original ficou sempre salvaguardada pela colocação de separadores de tijolo, ao longo das respectivas superfícies de contacto.

Sobre a metodologia e problemática envolvida nestes trabalhos, apresentou o Autor comunicação às IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, Maio de 1990), intitulada: "A reconstrução de grandes estruturas em povoados calcolíticos. O exemplo de Leceia (Oeiras)", publicada no ano seguinte (CARDOSO, 1991).

As acções de recuperação e restauro de estruturas prosseguiram em 1991, e foram também integralmente custeadas pela Câmara Municipal de Oeiras, tendo sido asseguradas durante os meses de Agosto, Novembro e Dezembro, por dois técnicos e um auxiliar da empresa CRESL, conservação e restauro do património arqueológico e histórico, Lda., com sede em Soure, Condeixa, sob orientação do Autor.

Durante este ano, os restauros efectuados interessaram as seguintes estruturas: **estrutura D**: alteamento e restauro do paramento interno; **estrutura BB**: alteamento; **estruturas CC** e **CC1**: alteamento e preenchimento interno; **estrutura AA**: alteamento; **estrutura G**: alteamento e restauro, diferenciando a fase em que esta estrutura foi ulteriormente reforçada.

Estes trabalhos prosseguiram em 1992, dentro dos mesmos princípios (**Fig. 337**). Os trabalhos iniciaram-se em Maio e prolongaram-se, com diversas interrupções, até Novembro. Recuperaram-se as estruturas situadas no prolongamento das intervencionadas em 1991, assegurando-se, assim, o prosseguimento metódico da valorização da estação. Os restauros efectuados em 1992 interessaram as seguintes estruturas: **estrutura O**: alteamento e restauro do paramento interno e externo; **estrutura GG**: alteamento e restauro do paramento interno e externo; **estrutura GG2**: alteamento inferior ao da estrutura imediatamente mais antiga; **estrutura HH**: alteamento e restauro, diferenciando-se a fase mais recente em que esta estrutura foi ulteriormente reforçada, comparativamente às duas fases anteriores.

Em 1993, os trabalhos iniciaram-se em Março e prosseguiram, com diversas interrupções, até Outubro. Tal como em anos anteriores, foi no período em que decorreram as escavações que tiveram a máxima incidência.

Fig. 337 – Leceia. Trabalhos de consolidação, alteamento e restauro de estruturas arqueológicas realizados em 1992.

Recuperaram-se as estruturas situadas no prolongamento das intervencionadas em 1992, tendo em vista, como anteriormente se referiu, uma optimização dos esforços, que uma intervenção simultânea em diversos locais não favorecia. Desta forma, deu-se seguimento aos trabalhos de restauro nas seguintes estruturas: **estrutura GG**: alteamento e restauro da parte mais antiga desta estrutura, acompanhado do alteamento diferenciado, através de desnível de cerca de 20 cm, do reforço nela observado, mais tardio; **estrutura HH**: alteamento e restauro; reconstrução total no sector entre as **estruturas EI** e **EP**, e alteamento de dois reforços nele existentes, as **estruturas EH1** e **EH2**, adossados respectivamente ao paramento interno e externo observados naquele sector; **estrutura EI**: alteamento; **estrutura EO**: alteamento até o topo da **Muralha EH**.

Os trabalhos permitiram visualizar, de forma global, parte da segunda linha defensiva, do lado ocidental, completando deste modo os trabalhos iniciados em 1992. Porém, o maior investimento verificou-se em importante sector da primeira linha defensiva, em parte totalmente desaparecida. Os importantes trabalhos realizados conduziram à recuperação visual tanto da muralha como dos bastiões a ela adjacentes, assegurando o efeito didáctico pretendido, a par do outro objectivo principal, a efectiva protecção e conservação das estruturas arqueológicas postas a descoberto desde 1983.

No ano seguinte (1994) prosseguiram as acções de restauro parciais das estruturas arqueológicas, concretizadas por equipa de restauro da empresa acima referida, ao abrigo de sucessivos contratos celebrados com a Câmara Municipal de Oeiras. Tais trabalhos iniciaram-se em Agosto, tendo-se prolongado até ao final de Novembro. Recuperaram-se as estruturas situadas no prolonga-

mento das intervencionadas em 1993, todas da primeira linha defensiva; **estrutura EO**: alteamento, em cerca de dois metros, por forma a atingir a cota da muralha correspondente; **estrutura EH**: reconstrução e alteamento; **estruturas EH12, EH13** e **EH14**: alteamentos diferenciados consoante a sua cronologia relativa; **estruturas EH6, EH7** e **EH8**: alteamentos diferenciados consoante a sua cronologia relativa; **estruturas EH9, EH10** e **EH11**: alteamentos diferenciados consoante a sua cronologia relativa (**Fig. 338**).

O vasto programa plurianual de restauro, recuperação e consolidação das estruturas arqueológicas, desenvolvido em continuidade de 1987 a 1994, foi dado por concluído no final deste último ano, uma vez assegurado o objectivo de conservação das estruturas arquitectónicas mais importantes, tornando-as, simultaneamente, visualmente mais aliciantes e compreensíveis por parte dos visitantes.

As acções referidas foram complementadas no terreno com a organização de circuito de visita constituído por passadiço de madeira. O traçado escolhido privilegiou as zonas mais internas da área escavada, dificilmente acessíveis de outro modo pelos visitantes, evitando-se, assim, o seu atravessamento, com os danos consequentes, ainda que inadvertidos, das estruturas arqueológicas e também os acidentes e quedas inevitavelmente associados. Para não prejudicar nenhuma das estruturas arqueológicas postas a descoberto, parte daquele circuito teve de ser assente em pilares de madeira, a pequena altura, permitindo a observação directa do terreno em condições adequadas (**Fig. 339**).

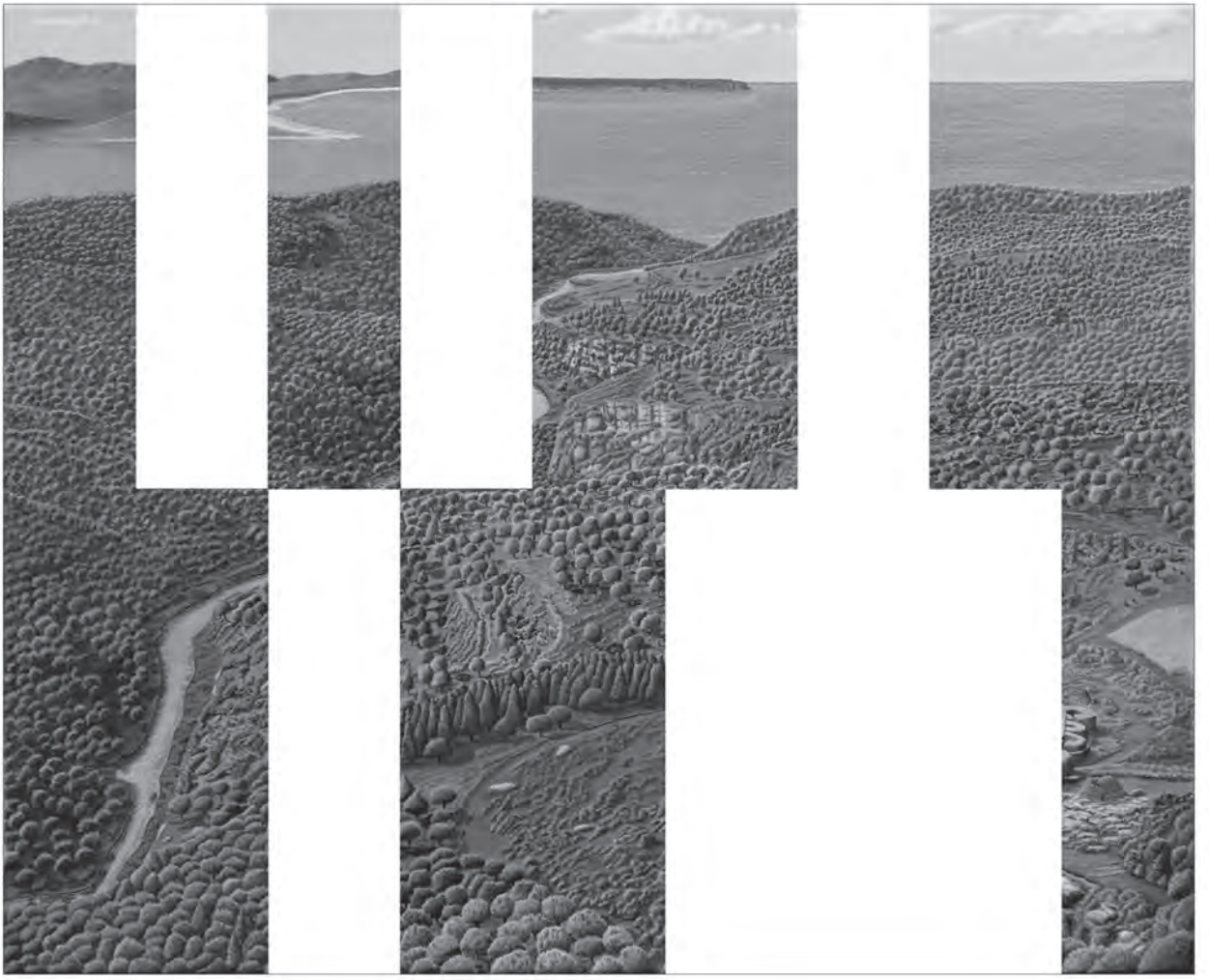
Fig. 338 – Leceia. Trabalhos de consolidação e restauro de estruturas arqueológicas realizados em 1994, com alteamentos diferenciados consoante a respectiva cronologia relativa.

Fig. 339 – Leceia. Vista parcial de circuito de visita instalado em 1996 na área escavada, constituído por passadiço de madeira.

Na periferia imediata da área escavada, e ainda dentro da zona *non aedificandi*, para além da sua limpeza periódica permitindo a visita à estação arqueológica em condições de dignidade adequadas, optou-se por um programa de arranjo paisagístico, iniciado em 1993, com o plantio de árvores de espécies pertencentes à flora tradicional da região, consideradas autóctones, como carvalhos e oliveiras, a par de outras, associadas a ambientes arqueológicos de cunho mediterrâneo, como é o caso dos cedros.

onze

TRABALHOS LABORATORIAIS



Este capítulo sintetiza as principais acções laboratoriais e de gabinete realizadas a partir de 1988, após criação do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, sobre espólios e materiais exumados em Leceia, dando origem a abundantes publicações científicas, algumas delas pioneiras em Portugal no seu domínio específico.

O Centro foi inicialmente instalado numa sala do Edifício dos Serviços Técnicos da CMO, em Paço de Arcos, com o objectivo inicial de providenciar a acomodação dos espólios que se recolheram em Leceia, entre 1983 e 1987, os quais se iam acumulando numa arrecadação da habitação do Autor, que já não dispunha de mais espaço útil. Quando, em Paço de Arcos, o local passou a ser demasiado pequeno para as necessidades de trabalho e de acomodação dos espólios arqueológicos, foi o Centro transferido para a Fábrica da Pólvora de Barcarena, tendo sido o primeiro serviço da Câmara Municipal de Oeiras a ser ali instalado, tendo presente a cabal resposta ao trabalho desenvolvido, cada vez mais intenso e diversificado, no âmbito das suas atribuições e competências (**Fig. 340**).

Fig. 340 – Pormenor do interior de uma das dependências do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, utilizado para acomodação, inventariação, e arquivo dos espólios arqueológicos de Leceia.

Ali se realizam presentemente múltiplas tarefas, como o desenho, a fotografia e o estudo de materiais arqueológicos, acompanhados por diversas actividades laboratoriais, desde a lavagem, marcação e restauro de espécimes arqueológicos, até à respectiva inventariação e arquivo (**Fig. 341**).

Os desenhos de materiais arqueológicos referidos têm sido realizados no CEACO desde 1988 por desenhador especialista de Arqueologia do Quadro da CMO, o Dr. Bernardo Ferreira, mais tarde em parceria com o Dr. Filipe Martins, a partir da sua contratação em 2002, de forma ininterrupta até ao presente (**Fig. 342**).

Os estudos laboratoriais sobre materiais arqueológicos têm sido desenvolvidos por vários investigadores envolvendo domínios muito diversos. Merecem uma referência especial, visto que constituem um dos campos de afirmação científica por excelência do CEACO, e de projecção internacional do trabalho nele desenvolvido, mercê das publicações de evidente impacto científico que por esta via têm sido ali desenvolvidas. São de referir as seguintes iniciativas, sem preocupação de exaustividade:

– o primeiro trabalho laboratorial realizado sobre amostras recolhidas em Leceia, ainda antes da criação do CEACO, em Novembro de 1988, refere-se à pesquisa de pólenes em sedimentos recolhidos naquele mesmo ano de 1988, aquando da realização de um importante corte estratigráfico (**Fig. 321**). Os estudos então realizados no CEACO e no Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa, pelo saudoso Prof. João Pais, deram origem a um relatório não publicado (PAIS, 1989), que sugeriam escassez do coberto vegetal na área do povoado e respectiva envolvente, mas os resultados obtidos são demasiado pobres para que se possam retirar conclusões seguras (MONTEIRO & CARDOSO, 2019);

Fig. 341 – Contribuição, em 2004, de jovem integrado em projecto O.T.L. na lavagem, marcação e inventariação de artefactos arqueológicos recolhidos em Leceia.

Fig. 342 – Desenho de materiais arqueológicos realizados em 2004 por Bernardo Ferreira, desenhador especialista de Arqueologia do Quadro da C.M.O.

– a escavação em Leceia, no ano de 1992, da **estrutura EX** proporcionou a recolha de um dente de asinino, desde logo identificado pelo Autor como tal, e que poderia ser compatível com burro doméstico; o seu estudo paleontológico, feito pouco depois com a especialista Vera Eisenmann do Instituto de Paleontologia do Museu Nacional de História Natural de Paris, levou a essa conclusão, tendo uma datação de radiocarbono, pelo método AMS confirmado a idade calcolítica do exemplar, reportado ao último quartel do 3.º Milénio a.C. Faltava, no entanto, a demonstração desta conclusão, com recurso a estudos genéticos, pelo que se recorreu ao especialista L. Orlando, da Universidade Paul Sabatier, de Toulouse, os quais vieram confirmar plenamente aquela conclusão. Trata-se, pois, da demonstração da presença ainda no 3.º milénio a.C. de um animal doméstico que se julgava ter sido apenas introduzido na Península Ibérica pelos Fenícios. O interesse deste resultado justificou pronta publicação, em revista internacional de grande prestígio em 2013 (CARDOSO et al., 2013).

– a pesquisa de restos de avifauna provenientes do povoado pré-histórico de Leceia, em 1994, pelo Dr. L. Gourichon, da Universidade Claude - Bernard - Lyon I, França, cuja estadia foi custeada pela CMO. O estudo, feito em co-autoria, foi publicado no voluma 5 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (GOURICHON & CARDOSO, 1995) correspondendo ao primeiro contributo publicado sobre a avifauna de época calcolítica do território português;

– o estudo dos restos ictiológicos recolhidos entre 1983 e 1994 estava por fazer. Tal constituía objectivo importante, até para enquadrar a presença de anzóis de cobre e pesos de pesca, publicados pelo Autor em 1995. Deste modo, foi preparado artigo com o especialista M. Telles Antunes, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, o qual também veio a público naquele ano (ANTUNES & CARDOSO, 1995);

– a triagem de sedimentos obtidos no povoado pré·histórico de Leceia à lupa binocular, tendo em vista a obtenção de restos de pequenos mamíferos, especialmente roedores e insectívoros, que permitiram, pela primeira vez em Portugal, a caracterização da pequena fauna comensal do homem no decurso do Calcolítico, objecto de publicação no volume 6 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (CARDOSO, ANTUNES & MEIN, 1996), sendo de destacar o contributo de um dos autores, Pierre Mein, da Universidade Claude-Bernard - Lyon 2.

– a triagem de grãos de quartzo de sedimentos de Leceia, para estudos morfoscópicos, com o intuito de conhecer a origem e a história sedimentológica dos mesmos;

– em 1993 procedeu-se a amostragem de artefactos de cobre para serem estudados por métodos não invasivos, com recurso a electrões rápidos produzidos no ciclotrão do CERN, em Genebra (CARDOSO & GUERRA, 1997/1998). Foi a primeira e até agora a única vez em que se utilizou este método analítico para obter informações rigorosas sobre a composição de ligas metálicas de peças arqueológicas sem recorrer a métodos invasivos;

– em 1994, foi realizado o estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre, depois publicado (CARDOSO & FERNANDES, 1995) fornecendo indicações sobre os processos de produção de artefactos de cobre seguidos em Leceia;

– naquele mesmo ano de 1994 realizou-se a selecção de exemplares de pedra polida recolhidos nas escavações de Leceia para a realização de lâminas delgadas tendo em vista a respectiva caracterização petrográfica, e a consequente determinação da origem das rochas utilizadas estudo que viria a ser publicado no ano seguinte, com a participação de António de Barros e Carvalhosa, geólogo do então designado Instituto Geológico e Mineiro (CARDOSO & CARVALHOSA, 1995). Pela primeira vez, demonstrou-se o aumento da interacção cultural transregional, ao longo de todo o 3.º milénio a.C., por via da intensificação das trocas comerciais, no caso anfibolitos, rocha estratégica para a confecção da utensilagem de pedra polida, proveniente do Alto-Alentejo; estes resultados foram mais tarde completados e sistematizados em duas publicações internacionais (CARDOSO, 2004 a; CARDOSO, 2020);

– ainda em 1994, recolheu-se em Leceia uma bela conta que foi desde logo classificada pelo Autor como sendo de fluorite, tendo sido assim publicada pouco depois (CARDOSO, 1997, p. 97); no entanto, este exemplar carecia de um estudo analítico mais desenvolvido, e a sua integração no conjunto até então conhecido das contas pré-históricas daquele mineral da região estremenha (CARDOSO, DOMINGUEZ-BELLA & MARTÍNEZ-LÓPEZ, 2012). Mais tarde, este exemplar foi de novo objecto de análise, que confirmou a sua classificação inicial, juntando-se a outros, inventariados no território peninsular, o que propiciou a publicação de diversos estudos de conjunto, sucessivamente actualizados, sobre tais ocorrências (ODRIOZOLA et al., 2018; GARRIDO-CORDERO et al., 2020; GARRIDO-CORDERO et al, 2021);

– em 1995 foi publicado em co-autoria com Miguel Telles Antunes, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa estudo de caráter paleontológico, sobre os dentes fósseis de tubarões, pertencentes a diferentes espécies, recolhidos em Leceia, mas oriundos de depósitos miocénicos existentes em diversos locais do concelho de Oeiras, onde foram colhidos por antigos habitantes de Leceia para o seu aproveitamento como adornos e elementos de indumentária, evidenciando a exploração minuciosa de todos os recursos disponíveis na região envolvente, com múltiplas finalidades (ANTUNES & CARDOSO, 1995);

– em Leceia, a ocorrência de contas de minerais verdes já se conhecia de há muito, por algumas delas incluírem a colecção do Escultor Álvaro de Brée, tendo sido publicadas pelo Autor (CARDOSO, 1980; CARDOSO, 1981). As escavações propiciaram novos exemplares, reproduzidos recorrentemente.

Contudo, os mesmos careciam de um estudo composicional, susceptível de conduzirem a uma classificação mineralógica rigorosa. Para tal efeito, procedeu-se a uma amostragem e análise sistemática por métodos químicos não destrutivos de todos os exemplares, por duas equipas distintas, mas que deram os mesmos resultados. A primeira equipa foi acolhida em Portugal pelo Autor, sendo dirigida por Salvador Domínguez-Bella, da Universidade de Cádiz, tendo realizado amostragens em 2010 que, porém, só foram publicadas em 2019 (DOMÍNGUEZ-BELLA et al., 2019). Entretanto, outra equipa, liderada por C. Odriozola, da Universidade de Sevilha, manifestou interesse na realização de estudos análogos, sobre os mesmo exemplares, igualmente por métodos analíticos não invasivos, tendo os mesmos exemplares sido facultados para o efeito, desenrolando-se os estudos analíticos nas instalações do CEACO. Estes novos resultados, que foram publicados com maior rapidez, vieram confirmar aqueles (ODRIOZOLA et al., 2013), demonstrando ser a origem da variscite compatível com a região de Zamora, mina de Palazuelo de las Cuevas, ao contrário do que seria de esperar, visto que, a uma distância muito menor e com maior acessibilidade, na região de Badajoz, se situavam as minas de Encinasola, cujas variscites possuem no entanto composição química distinta dos exemplares de Leceia.

– em 2001 a realização do estágio científico do final da licenciatura em Biologia da Faculdade de Ciências de Lisboa de Filipa Pires, dedicado à fauna de Carnívoros do povoado pré-histórico de Leceia, e do estágio de pós-graduação, apoiado pela Câmara Municipal de Oeiras, de Cleia Detry Cardoso e Cunha, do estudo da Fauna de Mamíferos do povoado pré-histórico de Leceia (**Fig. 343**) deram origem a dois artigos diferentes, que vieram a ser publicados, na revista Estudos Arqueológicos de Oeiras no mesmo ano (PIRES, CARDOSO & PETRUCCI-FONSECA, 2001/2002; CARDOSO & DETRY, 2001/2002).

– em 2002 foi publicado estudo dos restos malacológicos recolhidos ao longo das sucessivas campanhas de escavação, em co-autoria com especialista português (GUERREIRO & CARDOSO, 2001/2002). Tais resultados, além de darem informações sobre a extensão do litoral estuarino e

Fig. 343 – Estudo dos restos de ungulados realizado em 2001 por Cleia Detry e pelo Autor.

marinho adjacente que era objecto de exploração pelas antigas populações de Leceia, permitiu, mais tarde, elaborar proposta sobre a evolução do paleo-estuário da ribeira de Barcarena, com base nesta e noutra informação, recolhida na vizinha estação neolítica do Carrascal, até ao seu completo assoreamento, verificado no Calcolítico (CARDOSO, 2013);

– ainda em 2002, na 20.ª e última campanha de escavações realizada em Leceia, foi encontrado e identificado pelo Autor um fragmento de alfinete cujas características desde logo evidenciaram tratar-se de exemplar de marfim, e como tal foi pouco depois publicado (CARDOSO, 2004 b). A presença em Portugal, pouco tempo depois, de uma equipa com o objectivo de estudar peças nesta matéria-prima, exigindo equipamentos laboratoriais especializados, não disponíveis em Portugal, conduziu ao estudo deste exemplar na Alemanha, dando origem a uma primeira publicação em 2007 sobre a ocorrência de mais exemplares de marfim provenientes de Leceia (SCHUHMACHER & CARDOSO, 2007), propiciando trabalhos de maior abrangência, de evidente impacto internacional, onde aquelas peças foram integradas, conjuntamente com outras que entretanto se vieram a identificar, e que, no respeitante ao território português, se concluiu serem de marfim africano (SCHUHMACHER, CARDOSO & BANERJEE, 2009; CARDOSO & SHUHMACHER, 2012).

– em 2003, a recolha de medidas de materiais osteológicos do género *Sus* sp. no povoado pré-histórico de Leceia, no âmbito do projecto de investigação "The archeology of pig domestication and husbandry" da Universidade de Durham (Reino Unido) pelos Doutores Simon Davis e Umberto Albarella, deu origem a artigo por eles publicado;

– ainda em 2003 realizou-se em Lisboa o 7th European Meeting on Ancient Ceramics (EMAC´03), reunião científica em que foi apresentada comunicação sobre a composição mineralógica das pastas de cerâmicas campaniformes recolhidas em Leceia, resultantes de amostragem realizada em 2002 pelo especialista francês Guirec Querré, da Universidade de Rennes, de materiais obtidos nas escavações em Leceia dirigidas pelo Autor (CARDOSO, QUERRÉ & SALANOVA, 2005). Tratou-se do primeiro estudo realizado sobre cerâmicas campaniformes da Estremadura, com o objectivo de discutir, com bases científicas, a questão das suas origens, e, consequentemente, das vias de circulação a que poderiam estar associadas;

– em 2008, os estudos de arqueometalurgia pelo investigador alemão Roland Muller (**Fig. 344**) sobre os materiais de cobre de Leceia, para obtenção de informações acerca da sua proveniência, com base na identificação dos isótopos de Chumbo, deu origem a publicação internacional (MULLER & CARDOSO, 2008);

– em 2009 as recolhas de restos faunísticos por Maria Hillier, tendo em vista estudos isotópicos susceptíveis de conferirem uma base comparativa com os resultados obtidos em restos humanos na perspectiva da caracterização da sua alimentação; os resultados assim obtidos, foram integrados no vasto conjunto de elementos coligidos pelos autores, dando ulteriormente origem a publicação na prestigiada revista "Antiquity" (GUIRY et al., 2016);

– em 2010 foram estudadas pelo investigador Juan Gibaja Bao do Consejo Superior de Investigaciones Cientificas (CSIC), de Madrid um conjunto de elementos bifaciais de sílex, associados usualmente à ceifa de cereais, tendo como objectivo a confirmação de tal utilização com base nos vestígios traceológicos observados ao microscópio electrónico de varrimento. Os resultados obtidos foram ulteriormente publicados revista daquele Instituto (CARDOSO & GIBAJA, 2019).

– em 2015, os estudos de isótopos em materiais faunísticos de Leceia pela investigadora norte-americana Lizzie Wright (**Fig. 345**), tendo como objectivo a recolha de informações sobre a mobilidade dos rebanhos no decurso do Calcolítico na Estremadura portuguesa, deram origem a publicação em relevante revista internacional (WRIGHT et al., 2019);

Fig. 344 – Estudos de arqueometalurgia realizados em 2008 por Roland Muller e pelo Autor.

Fig. 345 – Recolha de amostras de ungulados para estudos isotópicos por Lizzie Wright, em 2015, em colaboração com o Autor.

– ainda em 2015, os estudos dos martelos líticos realizados pelos investigadores Dirk Brandherm, da Queen´s University, Belfast e Linda Boutoille, da mesma Universidade (**Fig. 346**), tendo como objectivo a identificação de micro-evidências susceptíveis de confirmarem a sua utilização como artefactos metalúrgicos na manufactura de artefactos de cobre, deram origem a publicação em relevante revista internacional (CARDOSO, BRANDHERM & BOUTOUILLE, 2018);

– em 2017, as observações de lâminas e lamelas pelo investigador Juan Gibaja Bao do Consejo Superior de Investigaciones Cientificas (CSIC), de Madrid (**Fig. 347**), tendo em vista a identificação de elementos cortantes de sílex susceptíveis de serem utilizados em foices, para a ceifa de cereais no Neolítico Antigo;

– também em 2017, a amostragem de restos ósseos de cães calcolíticos recolhidos em Leceia, com o objectivo de se obterem informações genéticas sobre a antiguidade e origem dos genótipos presentes, deu origem a duas publicações, uma sob a forma de poster, em 2019, a que se seguiu outra, mais completa, publicada já no ano corrente (BLASCHIKOFF et al., 2019; BLASCHIKOFF et al., 2022);

Fig. 346 – Observação com recurso a imagens 3D de superfícies de trabalho de martelos líticos por Dirk Brandherm e Linda Boutoille,em 2015, em colaboração com o Autor.

– em 2018, os estudos e levantamento 3D dos foliáceos (indústria lítica) do povoado de Leceia, realizado pelo investigador João Cascalheira, da Universidade do Algarve (**Fig. 348**);

– os macrorrestos vegetais recolhidos em Leceia, ao longo das escavações plurianuais ali realizadas foram sendo conservados para estudo, tendo presente as importantes informações que poderiam fornecer, como forneceram através do seu estudo, igualmente em 2019, feito em co-autoria com Patrícia Monteiro, presentemente funcionária da Direcção-Geral do Património Cultural, tanto da natureza do coberto vegetal, como da estratégia de recolecção de lenhas nas imediações para combustível. Tais objectivos foram plenamente alcançados através do estudo que se publicou em 2019 (MONTEIRO & CARDOSO, 2019);

– em 2019 foi realizado novo estudo analítico não destrutivo, agora envolvendo a totalidade da utensilagem de cobre recuperada em Leceia, por uma equipa do Laboratório Hércules (Universidade de Évora) liderada por Carlo Bottaini, dando continuidade aos estudos arqueometalúrgicos anteriormente realizados. Os resultados foram publicados pouco depois (CARDOSO et al., 2020);

– em 2021, a realização de nova amostragem sobre cerâmicas campaniformes recolhidas pelo Autor em Leceia conduziu a estudo, a cargo do especialista francês Fabien Convertini do Institut national de recherches archéologiques préventives, Paris (INRAP), com o objectivo de completar as observações ao microscópio de luz polarizada em lâmina delgada anteriormente publicadas, e que efectivamente conduziram a novos resultados, publicados já no decurso do corrente ano de 2022 (CONVERTINI & CARDOSO, 2022).

Fig. 347 – Amostragem, realizada em 2017, para observações ao microscópio electrónico de marcas de utilização em lâminas e lamelas, por Juan Gibaja, em colaboração com o Autor.

Todas as contribuições científicas acima referidas deram origem, como ficou evidenciado, a artigos científicos, preparados em co-autoria, e publicados na revista "Estudos Arqueológicos de Oeiras", sendo igualmente apresentadas a diversas reuniões científicas e revistas internacionais. Tal realidade evidenciou uma das características essenciais da investigação desde cedo desenvolvida no CEACO: o seu cunho interdisciplinar e marcado pela internacionalização, aplicado à Arqueologia, e, em particular, à realidade identificada em Leceia, potenciando o alcance, representatividade e importância das conclusões sobre as sucessivas comunidades ali sediadas, com base nos diversos materiais que integraram o seu quotidiano, estudados de uma forma abrangente, tirando partido de toda a informação neles potencialmente contida.

Outras actividades passaram pela manutenção e gestão das exposições permanentes de arqueologia, incluindo o espaço arqueológico do povoado pré-histórico de Leceia e a respectiva Sala de Arqueologia, na Fábrica da Pólvora de Barcarena, vectores em que se tem afirmado a actividade do CEACO.

É neste âmbito que se enquadra o restauro de cerâmicas recolhidas nas escavações de Leceia, destinadas a integrarem duas exposições permanentes patentes ao público na Fábrica da Pólvora de Barcarena, respectivamente a dedicada ao povoado pré-histórico de Leceia, inaugurada em 1998, e a que foi inaugurada em 2011, "Arqueologia do concelho de Oeiras", trabalhos realizados pela Dr.ª Maria Margarida Santos, técnica de restauro.

A valorização daquele espaço arqueológico passou também por outros trabalhos de gabinete; é o caso da produção de textos destinados a painéis explicativos situados junto à entrada do espaço

arqueológico, em colaboração com o então designado Departamento de Projectos Especiais/CMO, adiante referidos no Capítulo 13.

Também a divulgação da estação arqueológica, temática exaustivamente tratada nos Capítulos 12 a 15, recorreu desde cedo à informática, com a construção do "site" na Internet, a pedido da empresa *Sercultur*, intitulado: "Povoado pré-histórico de Leceia e Sala de Arqueologia da Fábrica da Pólvora", cujos conteúdos foram elaborados pelo Autor.

Tais iniciativas inseriram-se na necessidade de garantir a divulgação sistemática alargada, com recurso à Internet, dos resultados das investigações arqueológicas realizadas, a par da sua publicação sistemática nos "Estudos Arqueológicos de Oeiras", para além da elaboração de desdobráveis, folhetos e publicações de divulgação, de grande tiragem.

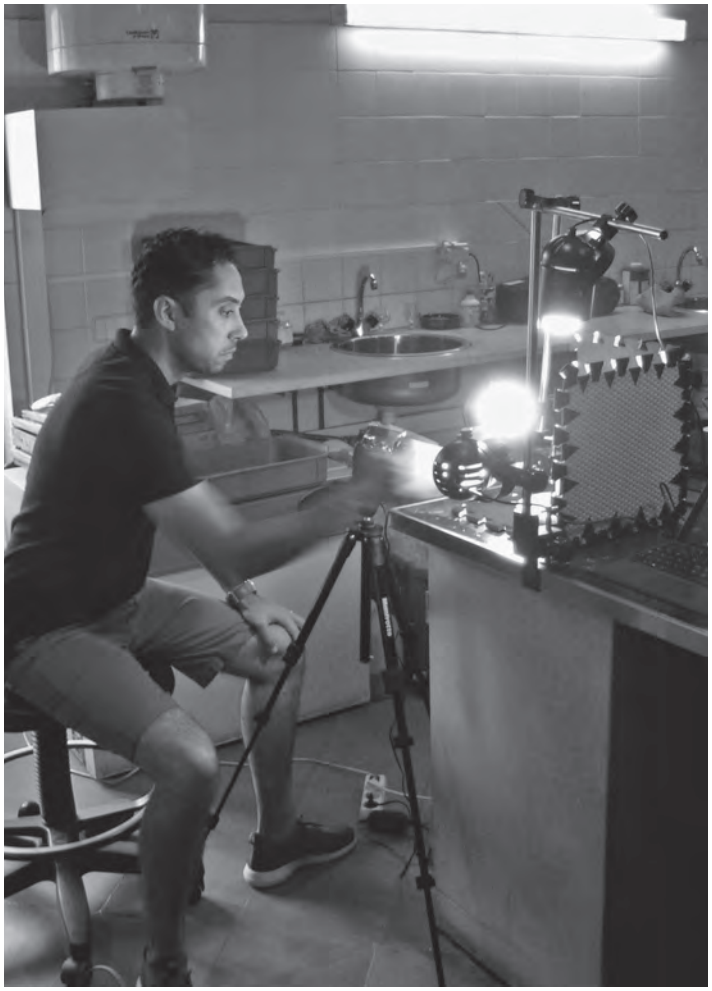


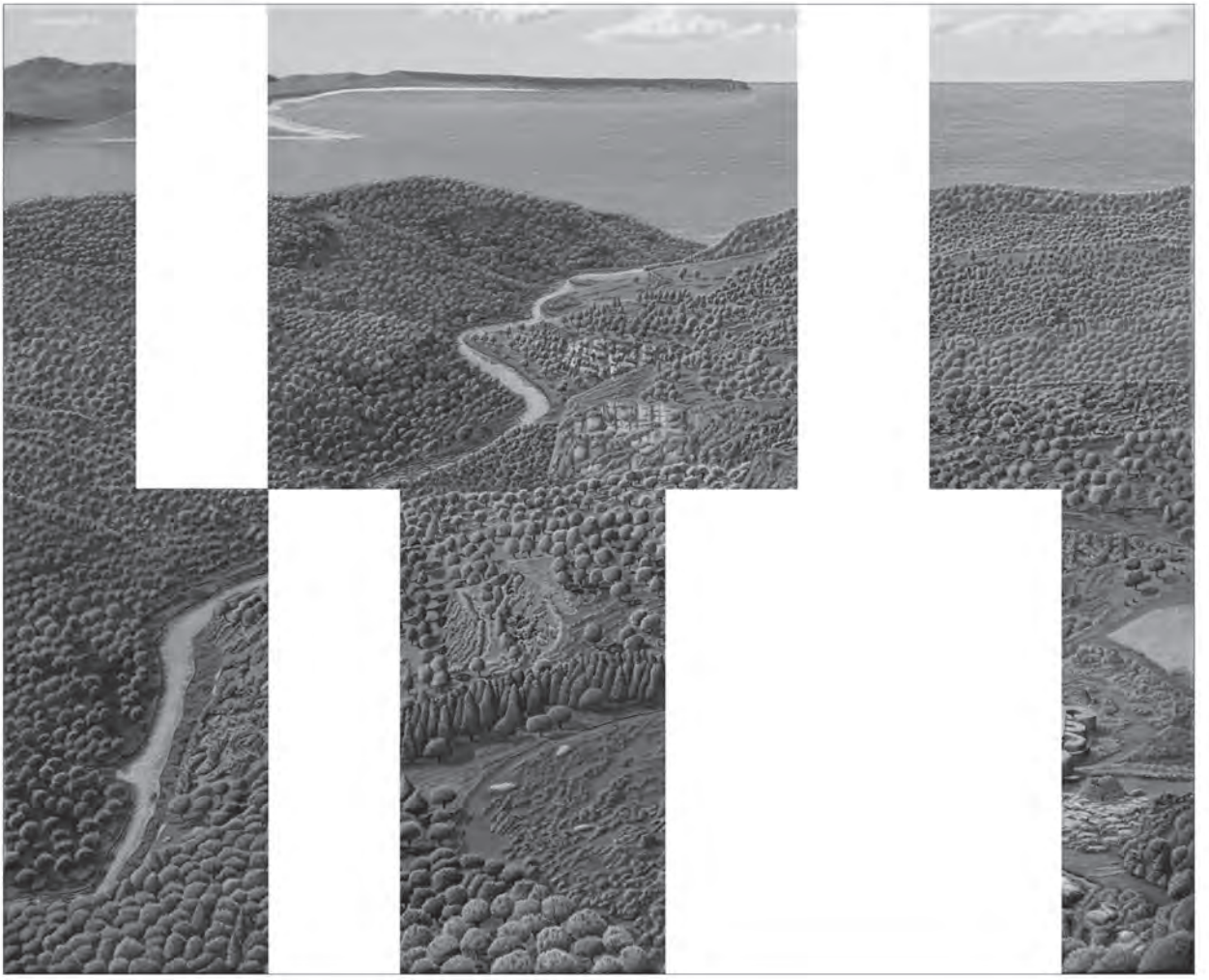
Fig. 348 – Estudo em registo 3D das lâminas foliáceas por João Cascalheira, em 2018, em colaboração com o Autor.

Na verdade, a preocupação de garantir a maior difusão que fosse possível conferir à informação produzida passou, desde cedo, pela informatização de todos os títulos publicados nos "Estudos Arqueológicos de Oeiras", tendo em vista a sua disponibilização gratuita alargada, realidade em que o CEACO foi precursor, e que, ao longo dos anos, foi sendo enriquecida através do carregamento permanente no site municipal. Esta realidade conheceu recentemente uma visibilidade acrescida com a disponibilização integral dos volumes publicados dos "Estudos Arqueológicos de Oeiras" e, individualmente, de todos os artigos que os constituem, na Plataforma OJS – Open Journal Systems, depois de a revista ter sido reconhecida e agregada ao RCAAP (Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal) gerido pela Universidade do Minho. Desta forma, foi possível potenciar o acesso directo e instantâneo a nível mundial a qualquer dos conteúdos publicados naquela revista; ver https://eao.cm-oeiras.pt/index.php/DOC.

A conclusão em finais de 2018 de um DVD animado por processos digitais, integralmente preparado no CEACO e dedicado ao povoado pré-histórico de Leceia, incluindo a reconstituição das actividades quotidianas desenvolvidas naquele povoado, efectuado por Dr. Bernardo Ferreira, desenhador de Arqueologia do CEACO, e pelo Autor, constitui outro importante objectivo atingido no domínio da divulgação pedagógica da informação recolhida. Com a duração de cerca de 10 minutos, este vídeo destina-se fundamentalmente à população escolar do Concelho encontrando-se disponível na plataforma "Oeiras Educa", desde 2020: https://www.oeiras.pt/exposi%C3%A7oes-de-arqueologia.

doze

VISITANTES



Foram muitas centenas as visitas realizadas ao povoado de Leceia desde que as mesmas começaram a adquirir um carácter sistemático, ainda antes da criação do CEACO, em Novembro de 1988, tendo sido um dos motivos estruturantes que levaram a tal decisão.

Mesmo durante as escavações, o local foi visitado por personalidades especialmente convidadas, para além de colegas que procuraram inteirar-se no local do progresso dos trabalhos.

São de destacar as visitas efectuadas em quase todas as campanhas, pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais, sozinho ou acompanhado de técnicos autárquicos **(Fig. 349 a 351).**

Em 1986 visitaram o povoado: o Prof. Dr. O. da Veiga Ferreira e Prof. Dr. G. Zbyszewski, dos Serviços Geológicos de Portugal e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (**Fig. 352**); o Prof. Dr. M. Telles Antunes, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa; o Sr. Leonel Trindade, do Museu Municipal de Torres Vedras, acompanhado de arqueólogos daquele Museu; o Prof. Dr. H. Schubart, o Prof. Dr. Th. Hauschild e a Dr.ª Ph. Kalb, todos eles pertencentes ao Instituto Arqueológico Alemão.

Fig. 349 – Leceia. Primeira visita do Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais, às escavações, em 1986, pouco meses depois de iniciado o seu primeiro mandato.

Fig. 350 – Leceia. Visita do Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais, no decurso da 10.ª campanha de escavações, em 1992.

Fig. 351 – Leceia. Visita do Presidente da Câmara Municipal de Oeiras ao povoado pré-histórico de Leceia, no decurso da 11.ª campanha de escavações, em 1993.

Fig. 352 – Leceia. Visita ao povoado pré-histórico de Leceia, em 1986, dos Professores Doutores Georges Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, em troca de impressões com o Autor.

Nesse ano, após a conclusão dos trabalhos, deslocou-se ao local o Dr. António Carlos Silva, Director do Departamento de Arqueologia do IPPC, tendo-se discutido com o Autor e com a Arquitecta Isabel Soromenho, técnica dos Departamento de Planeamento da Câmara Municipal de Oeiras, as formas para promover uma rápida valorização cultural da estação. Tais acções passavam pela recuperação parcial das estruturas descobertas.

Em 1987, a escavação foi visitada por outros responsáveis do IPPC, entre os quais o Dr. A. Cavaleiro Paixão.

Nos anos seguintes (1988 e 1989), a escavação foi visitada de novo pelo Director do Departamento de Arqueologia do IPPC, Dr. Fernando Real, em sucessivas deslocações, acompanhando de perto os trabalhos de escavação e de reconstrução das estruturas arqueológicas.

Importa destacar as visitas de trabalho, realizadas nos primeiros anos, pelos Drs. Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, sobretudo a realizada em 1985 (**Fig. 353**), quando as estruturas arqueológicas assumiram a sua real dimensão e importância, no sentido de se definirem critérios objectivos, essenciais para o faseamento da sequência estratigráfica e da sequência construtiva, os quais foram seguidos de forma coerente até ao final dos trabalhos de campo.

A actividade do CEACO, a partir de 1988, conheceu um importante incremento com a realização de visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, especialmente dedicadas à população escolar da área concelhia e regiões limítrofes, em estreita articulação com as escolas, constituindo um dos vectores essenciais da sua actividade e uma das razões que estiveram na origem da sua própria criação.

Fig. 353 – Leceia. Visita de trabalho, realizada em 1985, pelos Drs. Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, aqui a procurarem, na presença do Autor, identificar os níveis de fundação da **estrutura C** e da **estrutura D** tendo em vista determinar a sua idade relativa.

As visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia foram complementadas, a partir de junho de 1998, da visita à exposição monográfica permanente sobre o mesmo sítio arqueológico, patente ao público na Fábrica da Pólvora de Barcarena, tendo sido asseguradas pelo Autor e pela Dr.ª Conceição André, no que se refere a pedidos oriundos de estabelecimentos de ensino Básico e Secundário e também de Universidades, nacionais e estrangeiras.

1989

São de referir as numerosas visitas e excursões atempadamente solicitadas, sobretudo por parte de estabelecimentos escolares, de todos os graus de ensino, muito especialmente os situados na área do Concelho, bem como as visitas de diversas associações profissionais ou sócio-culturais (**Fig. 354 a 356**).

Foram realizadas 28 visitas guiadas em 1989. O número total aproximado de visitantes foi de cerca de 858 pessoas, assim distribuídas: Externato "As Descobertas", do Restelo; Externato "Gil Eanes", Linda-a-Velha; Escola Preparatória de S. Julião da Barra, Oeiras; Escola Secundária de Linda-a-Velha; Escola Secundária Sebastião e Silva, Oeiras; Centro de Arqueologia de Almada; Gabinete de Apoio à Juventude CMO.

Fig. 354 – Leceia. Visita de grupo da Universidade Sénior de Oeiras ao povoado pré-histórico de Leceia realizada em 1989.

Fig. 355 – Visita de grupo da Universidade Sénior de Oeiras, realizada em 1989, ao Centro de Estudos Arqueológicos, então instalado no Edifício dos Serviços Técnicos, em Paço de Arcos. Na foto, os visitantes observam espólios provenientes das escavações em Leceia.

Fig. 356 – Visita de grupo de Deputados da Assembleia da República, em 1989, ao Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, então instalado no Edifício dos Serviços Técnicos, em Paço de Arcos.

1990

Em 1990 foram realizadas 40 visitas guiadas, promovidas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (**Fig. 357**). O número total aproximado de visitantes foi de cerca de 1082 pessoas, assim distribuídas: Escola Primária de Leceia; Escola Primária n.º 1 de Algés; Escola Primária n.º 1 e n.º 2 de Barcarena; Escola Primária de Valejas, Oeiras; Escola n.º 3 de Viseu, "Viriatinhos"; Escola Preparatória de Oeiras; Escola Preparatória de Paço de Arcos; Escola Preparatória de S. Julião da Barra, Oeiras; Escola Secundária de Linda-a-Velha; Escola Secundária de Porto Salvo; Escola Secundária de Velas, Açores (pelo agrupamento 242 do corpo nacional de escutas); Uniarq – Unidade de Arqueologia, centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Licenciatura em História, disciplina de Pré-História; College Institute Fontainebleau; Escola de Ruan, França; Associação "Amigos de Lisboa"; Gabinete de Apoio à Juventude da CMO; Grupo Sénior dos Serviços Sociais da Presidência do Conselho de Ministros; Grupo de delegados da Organização dos Trabalhadores Científicos; Grupo de profissionais de saúde dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

1991

Foram realizadas 23 visitas guiadas. O número total aproximado de visitantes foi de cerca de 710 pessoas, das seguintes instituições: Colégio Portugal, da Parede; Escola Secundária da Parede; Escola Secundária de S. Julião da Barra, Oeiras; Escola Secundária Sebastião e Silva, Oeiras; Universidade Lusíada, Licenciatura de História, alunos da disciplina de Arqueologia; Universidade Autónoma de Lisboa, alunos do Curso Livre de especialização em Arqueologia; Grupo de alunos de Pré-história Peninsular do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra; Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, disciplina de Pré-história; Curso de Azulejaria promovido pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional; Grupo do Comando da Escola Militar de Electromecânica de Paço de Arcos; Grupo de arqueólogos marroquinos, por via do Departamento de Arqueologia do IPPC; Associação "Amigos dos Castelos"; Associação "Mulheres que trabalham em casa"; participantes nas 1.as Jornadas poéticas do Concelho de Oeiras, organizado pela CMO; Grupo de antigos alunos do seminário dos Olivais; Programa "Conhecer o Concelho de Oeiras", do Gabinete de Apoio à Juventude, CMO; Grupo de estudantes espanhóis promovido pela Associação Cristã da Mocidade, integrados em programa organizado pela CMO.

Fig. 357 – Leceia. Visita de escola de 1°.Ciclo do concelho de Oeiras, em 1990, ao povoado pré-histórico.

1992

Prosseguiram as visitas guiadas solicitadas por associações culturais ou sócio-profissionais e, sobretudo, por estabelecimentos escolares do Concelho de Oeiras, coordenadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras.

Foram realizadas 28 visitas guiadas em 1992. O número total aproximado de visitantes foi de cerca de 816 pessoas, assim distribuídas: Escola Primária, n.º 1 de Queluz; Escola Primária, n.º 2 de Barcarena; Escola Primária, n.º 3 de Oeiras; Escola Preparatória de Carnaxide; Escola Secundária de Queluz, n.º 1; Escola Secundária de Carnaxide; Escola Secundária de Porto Salvo; Escola Secundária Delfim Guimarães, da Amadora; Escola Secundária de Linda-a-Velha; Escola Secundária de Paço de Arcos; Escola Secundária Aquilino Ribeiro, Porto Salvo; Estudantes de arqueologia do Departamento de Pré-história da Universidade de Valladolid, Espanha; participantes no Programa "Conhecer o Concelho de Oeiras", do Gabinete de Apoio à Juventude, CMO; membros do GEOTA – Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente; membros da ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora; Grupo de professores de linguística da Universidade de Calgary, Canadá; membros do Alliance Clube de Paço de Arcos; funcionários da Companhia Carris de Ferro de Lisboa.

1993

Prosseguiram as visitas guiadas ao povoado por solicitação de associações culturais e sócio--profissionais e, sobretudo, de estabelecimentos de ensino, com destaque para os do Concelho de Oeiras, coordenadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, totalizando 26 visitas guiadas e 853 visitantes, assim distribuídos: Colégio "Portugal", da Parede; Escola Primária n.º 2 de Caxias; Escola Primária n.º 2 e 3 de Oeiras; Cooperativa de Ensino "A Torre", Restelo; Escola Preparatória de Algés; Escola Preparatória de Oeiras; Escola Preparatória de Paço de Arcos; Escola Secundária de Carnaxide e do "Collège la Providence de Poitiers"; Escola Secundária de Santo António dos Cavaleiros, Loures; Escola Secundária Conde de Oeiras; Grupo da Licenciatura de Antropologia do Instituto Superior de Ciências Sociais e Politicas da Universidade Técnica de Lisboa; Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Grupo da Escola Profissional de Ciências do Património Cultural – museologia; Participantes no Simpósio "O 4.º e 3.º milénio no Centro/Sul de Portugal ", organizado pela Câmara Municipal de Cascais e pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Associação Cultural e Recreativa do Alto do Lagoal – ACRA; Grupo do Centro Nacional de Cultura; Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário, pertencente à Sociedade Geológica de Portugal; Grupo de técnicos da Divisão de Gestão Urbanística da CMO; Participantes nas Conferências da Biblioteca Operária Oeirense, no âmbito do "Encontro com a História do Concelho de Oeiras"; Grupo da "Pedagogisch Technische Hogeschool te Amsterdam", organizado pelo Sector de Turismo/ CMO; Grupo de arqueologia da Universidade Popular de Almendralejo de Badajoz, Espanha; Sociedade Portuguesa de Estomatologia Arqueológica; Grupo de jovens do programa do Gabinete de Apoio à Juventude/CMO: "Quero Conhecer o Concelho de Oeiras".

1994

Prosseguiram as visitas guiadas ao povoado por solicitação de associações culturais e sócio--profissionais, destacando-se diversas visitas de instituições internacionais e de estabelecimentos de diversos graus de ensino (preparatório, secundário e universitário) da área da Grande Lisboa, coordenadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, totalizando 14 visitas e 490 visitantes, assim distribuídos: Externato "As descobertas", do Restelo; Escola Primária de Queluz de Baixo; Escola Primária Cruz Quebrada; Escola n.º 2 de Barcarena; Escola Secundária Porto Salvo;

Grupo de alunos de Licenciatura em Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa; Grupo de alunos da Licenciatura em História da Universidade Autónoma de Lisboa; Grupo sénior: "Reencontro com o Concelho", organizado pelo Departamento dos Assuntos Sociais/CMO; Visita de membros "Bronze Age Group"; Participantes dos 1.os Cursos Internacionais de Verão de Cascais; Academia Sénior de Oeiras; Escola Secundária Sebastião e Silva de Oeiras; Grupo cultural e desportivo do Banco Crédito Predial Português; Grupo "Relembrar a História"; Programa do Gabinete de Apoio à Juventude/ CMO: "Quero Conhecer o Concelho de Oeiras".

1995

Foram realizadas 26 visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia a pedido de diversos estabelecimentos de ensino (preparatório, secundário e universitário) da área da Grande Lisboa, de organismos oficiais ou no âmbito de visitas organizadas pelo Município, através do Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras, totalizando 1131 visitantes, assim distribuídos: Externato "Charlot", de Tercena; Escola Primária de Tercena; Escola Primária de Paço de Arcos, n.º 4; Escola Primária de Oeiras, n.º 4; Escola Primária, n.º 3 de Linda-a-Pastora; Escola Secundária Seomara da Costa Primo, da Amadora; Escola Secundária de Santo António dos Cavaleiros; Escola Secundária de Belém – Algés; Escola Secundária Aquilino Ribeiro, Oeiras; Alunos de Licenciatura em História, variante Arqueologia, da Faculdade de Letras de Lisboa; grupo de estudantes da disciplina de Antropobiologia do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa; grupo de estudantes espanhóis em intercâmbio com o GAJ/CMO; Associação "Amigos de Lisboa"; grupo de diversos interessados organizados de forma independente; grupo de Lyon, França, em intercâmbio com o GAJ/CMO; membros dos Serviços Sociais da Presidência do Conselho de Ministros; membros do GEOTA – Grupo de Estudos do Ordenamento do Território e Ambiente; Programa do Gabinete de Apoio à Juventude/ CMO: "Quero Conhecer o Concelho de Oeiras"; participantes dos 2.os Cursos Internacionais de Verão de Cascais; grupo do projecto "Conhecer a Amadora", do Sector da Juventude da Câmara Municipal da Amadora; Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espectáculo – Chapitô; Agrupamento 407 do Corpo Nacional de Escutas.

1996

Realizaram-se 25 visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, a pedido de diversos estabelecimentos de ensino (preparatório, secundário e universitário) da área da Grande Lisboa, de organismos oficiais e particulares, ou no âmbito de visitas ao concelho organizadas pelo Município com o apoio do CEACO. O número total aproximado de visitantes foi de cerca de 965 pessoas, assim distribuídas: Externato "As descobertas", do Restelo; Escola Primária n.º 4 de Oeiras; Escola Secundária de Freixianda, Concelho de Ourém; Escola Secundária Camilo Castelo Branco de Carnaxide; Escola Secundária do Bombarral; Escola Secundária de Porto Salvo; Escola Secundária de Mafra; Centro Escolar Cultural Português de Lyon – França (estudantes do 12º ano); grupo no âmbito do programa "Reencontro com o Concelho"; Associação "Olho Vivo", de Queluz; Associação Nacional de Professores – Secção de Pombal; grupo de jovens do programa do Gabinete de Apoio à Juventude/CMO: "Quero Conhecer o Concelho de Oeiras"; participantes do IV Encontro Nacional dos Municípios com Centro Histórico; participantes na Exposição "Preparar Oeiras para o século XXI"; Academia Cultural para

a Terceira Idade, de Oeiras; participantes no 1º. Ciclo de Estudos Oeirenses; Escola Secundária da Amadora; Universidade Lusíada de Lisboa, alunos da licenciatura em História; Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa (alunos da Licenciatura em Antropologia, disciplina de Antropobiologia); Encontro sobre Imprensa Regional do Continente e Ilhas; Centro Português de Geo-História e Pré-História; Grupo de Estudos do Ordenamento do Território e Ambiente (GEOTA).

1997

No total foram realizadas 27 visitas guiadas em 1997. O número de visitantes foi de cerca de 983 pessoas, de natureza e características idênticas às dos anos anteriores, assim distribuídas: Escola D. Manuel I de Pernes; Escola Secundária Luís de Freitas Branco de Paço de Arcos; Escola Secundária da Parede; Escola Secundária Prof. Noronha Feio, de Queijas; Escola Secundária Aquilino Ribeiro, de Talaíde; Escola n.º 1 de Barcarena; Escola EB 2-3 do Alto do Moinho – Catujal, Loures; Escola EB 2-3 do Monte Abraão; Escola n.º 2 de Oeiras; Escola n.º 1 de Paço de Arcos; Centro Escolar Cultural Português de Lyon – França; Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espectáculo; Instituto Luso-Africano (grupo de estudantes universitários); Universidade Atlântica, curso de Gestão do Ambiente; Grupo integrado no programa" Reencontro com o Concelho" do Sector de Acção Social CMO; participantes no III Encontro de Cultura e Educação; professores de Escolas Preparatórias e Secundárias concelhias, no âmbito de visitas programadas aos Núcleos de Interesse Histórico no Concelho de Oeiras; Associação do Desenvolvimento Cultural da Parede; tripulantes do Veleiro "Wegewind", em visita a Lisboa, no âmbito de programa de intercâmbio internacional organizado pela Liga do Mar – Mar Azul, em visita ao Concelho de Oeiras; participantes no programa "Reencontro com o Concelho"; membros da Associação Olho Vivo de Queluz; Universidade de Groningen – Holanda (alunos e docentes da licenciatura em Arqueologia); Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa (alunos da Licenciatura em Antropologia, disciplina de Antropobiologia); Universidade de Leipzig, Alemanha (estudantes do Mestrado de Pré e Proto-História), acompanhados de membros do Instituto Arqueológico Alemão (Delegação de Lisboa); Grupo de Presidentes de Juntas de Freguesia do Concelho de Oeiras; Centro Nacional de Cultura; participantes na Mesa Redonda "O Campaniforme – novos elementos para a sua reinterpretação", promovida pela Associação dos Arqueólogos Portugueses; Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos; Centro de Arqueologia de Almada; Visita do Prof. Dr. José Hermano Saraiva no âmbito das gravações do programa "Horizontes da Memória" para a RTP2 (**Fig. 358**).

Além das referidas visitas guiadas, as portas da estação arqueológica estiveram franqueadas à visita de numeroso público, todos os Sábados, de Agosto a Novembro de 1997, completando-se a visita com a deslocação dos mais interessados à exposição monográfica "Leceia sentinela do Tejo no 3.º milénio antes de Cristo" que nesse período esteve patente ao público no mosteiro dos Jerónimos – Museu Nacional de Arqueologia.

1998

No ano de 1998 realizaram-se, no âmbito das actividades do CEACO, 29 visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, as quais tiveram, na larga maioria dos casos, um complemento na visita à

Fig. 358 – Leceia. Visita do Dr. José Hermano Saraiva ao povoado pré-histórico de Leceia, em 1997, acompanhado pelo Autor, no âmbito das gravações do programa "Horizontes da Memória" para a RTP 2.

Sala de Arqueologia patente ao público na Fábrica da Pólvora de Barcarena. Destaque para os estabelecimentos de ensino (preparatório, secundário e universitário) da área da grande Lisboa, sendo de referir, ainda, os pedidos oriundos de organismos oficiais e particulares, para além das visitas organizadas no âmbito de programas do próprio Município, totalizando cerca de 1200 participantes, assim distribuídos: Externato "As Descobertas", do Restelo; Externato S. José, de Lisboa; Escola Secundária de Miraflores; Escola n.º 5 de Oeiras; Colégio Boa-Sorte de Queijas; Colégio da Bafureira da Parede; Salas de Estudo Prof. Pardal de Oeiras; Universidade Moderna, de Lisboa (Licenciatura em Arquitectura); Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; Programa "Reencontro com o Concelho – À Descoberta de outros Concelhos", do Sector de Acção Social /CMO; funcionários do Sector do Património Histórico-Cultural e Turismo da CMO; Associação de Reformados dos Correios de Portugal - Telecom; Programa "Conhecer o Concelho de Oeiras", do G.AJ./CMO; Associação de Moradores 18 de Maio; Programa "Circuitos Turísticos", organizado pelo Sector do Turismo da D.C.T./CMO; Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos; Comissão de Reformados do Banco de Portugal; Órgãos de Comunicação Social nacionais: A Capital e O Diabo, de que resultaram extensas reportagens publicadas em ambos; Programa "Reencontro com o Concelho - À Descoberta de outros Concelhos", do Sector de Acção Social/CMO; Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra (alunos de Licenciatura); Círculo de Estudos Arqueológicos (C. E. A.) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Participantes no curso de Mestrado em Museologia e Património, no âmbito do Seminário de "Musealização: Teoria e Aplicações", da Universidade Nova de Lisboa, Departamento de Antropologia; Faculdade de Letras do Porto (alunos da Licenciatura em História; Director do Museu da Ciência

acompanhado por diversos técnicos (Universidade de Lisboa); Instituto D. António Ferreira Gomes, do Porto; arqueóloga Alexandra Gradim, da Câmara Municipal de Alcoutim e Sr. Vereador da Cultura daquele Município; Representantes de órgãos de Comunicação Social nacionais e regionais: Jornal de Notícias, Público, Correio da Manhã e Correio da Linha, de que resultou a publicação de extensas reportagens, em quase todos eles.

1999

Realizaram-se, no âmbito das actividades do CEACO, 29 visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, as quais tiveram, na larga maioria dos casos, um complemento na visita à Sala de Arqueologia patente ao público na Fábrica da Pólvora de Barcarena, com a participação de cerca de 1200 visitantes assim distribuídos: Externato Sport Algés e Dafundo; Escola Secundária Seomara da Costa Primo da Amadora; Escola Secundária de Queluz; Escola n.º 2 de Barcarena; Escola n.º 2 e 4 de Oeiras; Escola Secundária Camilo Castelo Branco, de Linda-a-Velha; Escola Básica 2/3, Dr. Joaquim de Barros, de Paço de Arcos; Colégio Portugal; Colégio Monteflor de Carnaxide; Universidade Atlântica; Licenciados e finalistas de Licenciatura em História e em Arqueologia, em estágio na empresa "Era - Arqueologia, Lda."; Cursos de Verão da UCCLA; Membros do Lyons Club; membros do Rotary Club de Odivelas; Programa "Reencontro com o Concelho – À Descoberta de outros concelhos", do Sector de Acção Social/CMO; Programa "Circuitos Turísticos" do Sector do Turismo / D.A.S.C./CMO; Grupo dos "Archeological Group" através da agência turística Equador; Delegação do Município de Inhambane (Moçambique); Programa "Conhecer o Concelho de Oeiras" do G.AJ./CMO; Programa "Conviver em Linda-a-Velha", organizado pela Junta de Freguesia de Linda-a-Velha; Grupo BTTeam; Universidade Lusíada de Lisboa (alunos de Licenciatura em História, da disciplina de Pré-história); Associação "Archéologie et Gobelets pour la diffusion des connaissances et la promotion de la recherche sur le campaniforme" (**Fig. 359**).

2000

Foram realizadas pelo CEACO, durante o ano de 2000, 30 visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia e respectiva Sala de Arqueologia, na Fábrica da Pólvora de Barcarena, a pedido de diversos estabelecimentos de ensino (preparatório, secundário e universitário) da área da grande Lisboa, de organismos oficiais e particulares, ou no âmbito de visitas ao Concelho organizadas pelo Município. O número total de visitantes foi de cerca de 912 pessoas, assim distribuídas: Jardim de Infância "O Nosso Miminho"; Externato "O Baloiço", da Amadora; Externato Júlio César de Lisboa; Escola n.º 5 de Oeiras; Escola Básica do 1.º ciclo de Barcarena n.º 1 – clube dos tempos livres; Escola Secundária Luís de Freitas Branco, de Paço de Arcos; Escola Secundária Seomara da Costa Primo, da Amadora; Escola Secundária Sebastião e Silva; Escola B, 2, 3 Secundária José Falcão, de Miranda do Corvo; Grupo Explorador 41 dos Escuteiros de S. Domingos de Rana; Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (licenciatura em Antropologia, cadeira de Antropobiologia); Centro de Formação de Professores de Carnaxide "Formar para Educar" em colaboração com a D.E./CMO, no âmbito do projecto "Conhecer Oeiras"; Departamento de Pré-história da Universidade de Valladolid, Espanha, em visita organizada pela Associação Leonel Trindade de Torres Vedras; Programa da Divisão de Acção

Social/CMO, "Reencontro com o Concelho – À Descoberta de outros Concelhos"; arqueólogos franceses, em deslocação a Portugal, por ocasião da realização de colóquio internacional de Arqueologia em Reguengos de Monsaraz; seminário de Arqueologia organizado pelo Instituto Geológico e Mineiro; Academia do Bacalhau; ex-militares do S.T.M. e C.C.P. (1962/65 – Guiné), a pedido do Gabinete do Senhor Vereador Arnaldo Pereira – Pelouro do Desporto, Património e Centros Históricos; arqueólogo Dr. Miguel Cura e Moreira e esposa do Instituto Proto-História de Buenas Letras de Barcelona; Centro Hellen Keller de Lisboa; Projecto "Conhecer o Concelho de Oeiras" do Gabinete de Apoio à Juventude/CMO; Programa "Circuitos Turísticos", organizado pelo Sector do Turismo da D.C.T./CMO; Associação "Costa do Estoril"; grupo de professores, organizada pela Divisão de Património Histórico-Cultural da Câmara Municipal de Cascais e Gabinete de Arqueologia, em colaboração com o Sector do Turismo/C.M.O; participantes no 6.º Encontro da Associação Europeia de Arqueólogos, em colaboração com o Instituto Português de Arqueologia; Programa "Reencontro com o Concelho – À descoberta de outros Concelhos", do Sector de Acção Social/CMO; Cooperativa de Ensino "A Torre" do Restelo; Centro de Formação de Professores de Carnaxide "Formar para Educar" organizada em colaboração com a D.E./CMO; Academia Cultural para a Terceira Idade de Oeiras – disciplina de Antropologia Cultural e Física; Escola Superior de Tecnologia de Tomar (Instituto Politécnico de Tomar – alunos e docentes da disciplina "Património Arqueológico"); ex-combatentes do STM e CCP na Guiné (1962/1965); Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa (alunos da Licenciatura em Antropologia); Universidade Atlântica (Oeiras); Membros da Academia Portuguesa da História.

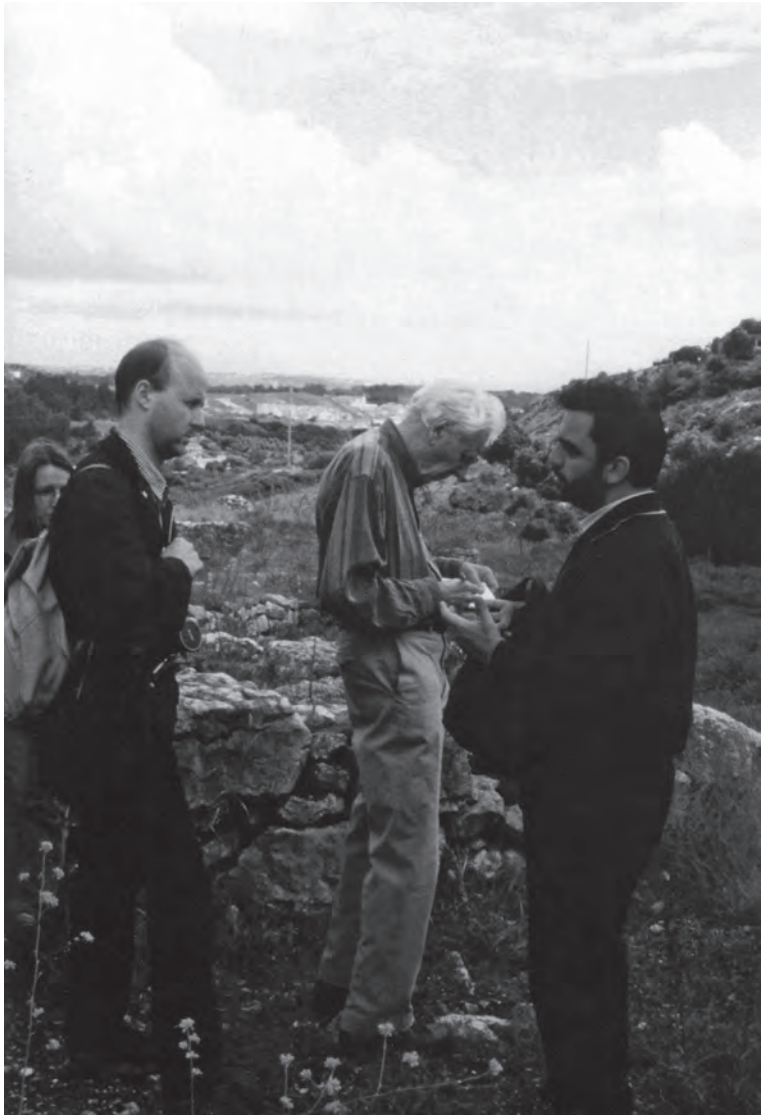


Fig. 359 – Leceia. Visita do grupo internacional "Archéologie et Gobelets", em 1990 ao povoado pré-histórico. Em segundo plano vê-se o Doutor Humphrey Case, eminente pré-historiador inglês, especialista no período campaniforme.

2001

No âmbito das actividades do CEACO, foram realizadas 25 visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia e Sala de Arqueologia, a pedido de diversos estabelecimentos de ensino (preparatório, secundário e universitário) da área da grande Lisboa, de organismos oficiais e particulares, ou integradas em visitas ao Concelho, organizadas pelo Município. O número total aproximado de visitantes foi de cerca 1163 pessoas, assim distribuídas: Externato "A Palmeirinha"; Escola n.º 4 de Oeiras; Escola Nova Apostólica; Escola Básica de Freiria, Torres Vedras; Escola B., 2, 3 de S. João da Talha; Escola B., 2, 3, António Sérgio, do Cacém; Escola B., 2, 3 do Cartaxo; Escola B., 2, 3 de Caxias; Escola Salesiana de Manique; Escola Básica 2, 3, Visconde de Juromenha da Tapada das Merçês; Grupo de aposentados do Laboratório Nacional de Engenharia Civil; Programa "Reencontro com o Concelho – À descoberta de outros Concelhos", da D.A.S./CMO; Programa "Circuitos Turísticos" do Sector do Turismo da D.C.T./CMO; grupo de reformados do Banco de Portugal; Academia do Centro Social Paroquial de Olivais Sul; participantes no programa "Avô Jovem", organizado pelo Gabinete Médico e Divisão de Acção Social/CMO; Instituto Politécnico de Tomar; Membros do GEOTA (Grupo de Estudos do Ordenamento do Território e do Ambiente).

2002

As visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, seguidas de visita à exposição monográfica permanente, patente ao público na Fábrica da Pólvora de Barcarena, continuaram a constituir, no decurso de 2002, um das principais vectores da actividade deste Centro de Estudos Arqueológicos, como se poderá facilmente verificar pela enumeração das 34 visitas, correspondendo a cerca de 1.100 pessoas, integrando os seguintes grupos: Externato "As Descobertas" de Lisboa; Externato "A Minha Escola", de Paço de Arcos; Escola St. Julian´s de Carcavelos - Secção Portuguesa; Escola EB 1, n.º 2 e n.º 5 de Oeiras; Escola EB, n.º 1, da Mina, Amadora; Escola EB, 2, 3, Visconde de Juromenha, de Mem Martins; Escola EB 2, 3, Agostinho da Silva, de Casal de Cambra; Escola EB, 2 – Prof. Pedro D´Orey da Cunha; Escola Salesiana de Manique; Escola Secundária Sebastião e Silva; Colégio Monte Flor de Carnaxide; Colégio Inglês - Secção Portuguesa, de Carcavelos; participantes no IV Encontro de Escultura Romana da Hispânia; professores do Centro de Formação de Professores de Carnaxide "Formar para Educar" em colaboração com a Divisão de Educação/CMO, no âmbito do projecto "Conhecer Oeiras"; aposentados dos Serviços Sociais do Ministério da Saúde; ATL da Associação "O cantinho da pequenada", de Frielas, Loures; Centro da Área Educativa da Grande Lisboa; participantes no programa "Melhor Exercício, Mais Saúde", organizado pela Divisão de Desporto/CMO; participantes no programa "Circuitos Turísticos", Divisão de Cultura e Turismo/CMO; Associação "Olho Vivo"; Instituto Politécnico de Tomar (Seminário de Arqueologia do Ambiente); Universidade Lusófona de Lisboa (Licenciatura em História, cadeira de Pré-história); participantes inscritos no I Encontro Internacional de Escultura Romana (Cascais/Lisboa).

2003

Foram realizadas, no decurso de 2003, trinta e seis visitas, seguidas de visita à exposição monográfica permanente sobre o mesmo sítio arqueológico, patente ao público na Fábrica da Pólvora

de Barcarena. O número total aproximado de visitantes foi de cerca de 958 pessoas, assim distribuídas: Escola Secundária Manuel Cargaleiro da Amora, Seixal; Escola EB, 2, 3, Conde de Oeiras; Escola EB, n.º 3 e n.º 5 de Oeiras; Escola EB, 2, 3, Dr. Joaquim de Barros, de Paço de Arcos; Escola EB, 2, 3, Visconde de Juromenha, de Mem Martins; Escola do 1.º Ciclo da Várzea de Sintra; Escola Secundária de Seomara da Costa Primo; Escola Secundária Luís de Freitas Branco, de Paço de Arcos; Escola Cooperativa "A Torre", do Restelo; Escola António Sérgio, do Cacém; Escola Secundária Stuart Carvalhais (Clube do Património); Colégio Inglês de Carcavelos - Secção Portuguesa; Colégio Monte Flor, de Carnaxide; "Boston College" em intercâmbio com a Câmara Municipal de Cascais, integrados nos X Cursos Internacionais de Verão de Cascais; Universidade de Goettingen, Alemanha (alunos de Arqueologia); Instituto Politécnico de Tomar (alunos do Departamento de Gestão do Território); Universidade da 3.ª Idade; Programa de promoção de actividades ao ar livre, da Divisão de Desporto/CMO; Programa "Circuitos Turísticos" da Divisão de Cultura e Turismo/CMO; Participantes no XXIASP World Conference on Science and Technology Parks, 2003, no âmbito de programa organizado pela Divisão de Cultura e Turismo/CMO; OTL´s do Departamento Assuntos Sociais e Juventude da Câmara Municipal de Odivelas; Associação Cultural Aeterna; Aposentados dos Serviços Sociais do Ministério da Saúde, Núcleo de Animação Social de Cultura; Centro Cultural de Belém – Museu do Design; Associação Soroptimist International, União Portugal; grupo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, acompanhando o Sr. Arq.º Manuel Seleiro, Director Regional de Lisboa e funcionários do Departamento de Projectos Especiais/CMO;

2004

Realizaram-se no âmbito das actividades deste CEACO, 44 visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia e Sala de Arqueologia. O número total aproximado de visitantes, de natureza e características semelhantes aos dos anos anteriores foi de cerca de 1330 pessoas, assim distribuídas: Externato Nova Oeiras; Externato "As Descobertas" do Restelo; Escola Básica 2+3 da Alapraia; Escola Básica 2, 3 Francisco de Arruda de Lisboa; Escola EB, n.º 1 de Linda-a-Pastora; Escola EB1, n.º 2 e n.º 5 de Oeiras; Escola n.º 4 de Oeiras; Escola Secundária Aquilino Ribeiro de Talaíde; Escola Secundária Sebastião e Silva de Oeiras; Escola Secundária Luís de Freitas Branco de Paço de Arcos; Escola Salesiana de Manique; Escola EB 2,3 Conde de Oeiras; Colégio Quinta do Lago, de S. Domingos de Rana; Colégio St. Julian´s de Carcavelos; Instituto Politécnico de Tomar (Seminário da Licenciatura em Gestão do Território, variante Arqueologia); ISCSP (Licenciatura em Antropologia, cadeira de Antropobiologia); Estudantes universitários alemães e espanhóis, participantes nas escavações do povoado pré-histórico do Zambujal, Torres Vedras; Grupo "Mil Rumos" e particulares que se associaram à mesma; Associação Juvenil Éden Luso Africano, organizada pelo Sector do Turismo/CMO; Santa Casa da Misericórdia de Oeiras; Programa das Actividades ao Ar Livre da Divisão de Desporto/CMO; Grupo de jovens do Bairro dos Navegadores de Talaíde, organizado pelo Programa "Escolhas"; Participantes no "Archaeological Tours"; Participantes nas "Jornadas Europeias do Património", organizada pelo Sector de Acção Cultural/CMO; Participantes em programa organizado pela ARQA - Associação de Arqueologia da Amadora; Grupo da AGIC - Associação Portuguesa dos Guias Intérpretes e Correios de Turismo, organizada pelo Sector de Turismo/CMO; Cooperativa "A Torre", do Restelo; Grupo de Profissionais de Informação Turística de Concelhos Limítrofes e de recepcionistas de Hotéis do Concelho de Oeiras, organizada pelo Sector de Turismo/CMO; alunos do Mestrado de Pré-História e Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

2005

Foram realizadas 16 visitas guiadas, com um número total aproximado de cerca de 720 visitantes de características semelhantes aos dos anos anteriores, assim distribuídas: Colégio "Quinta do Lago" de S. Domingos de Rana; Externato "Mãe de Deus" de Lisboa; Escola EB1, João de Freitas Branco de Caxias; Escola n.º 1, n.º 3 e n.º 4 de Oeiras; Escola EB.1, n.º 2 de Barcarena; Escola EB 1, n.º 3 de Oeiras; Escola Secundária Aquilino Ribeiro de Porto Salvo; Universidade Sénior da Amadora (curso de paleontologia e antropologia); Universidade Autónoma de Lisboa; Programa de Promoção de Actividades de Ar Livre, da Divisão de Desporto/CMO; Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa (Licenciatura em Arqueologia e História); ATL´s da Junta de Freguesia da Falagueira, Amadora; Centro Português de Arqueologia Subaquática;

Foram também efectuadas visitas guiadas ao povoado e às respectivas exposições de arqueologia, proferidas pelo Autor no âmbito de actividades lectivas, colóquios e reuniões científicas aos seguintes grupos: participantes no Colóquio Internacional " Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal, 3.550 a 2.000 a. C." organizado pela Câmara Municipal de Cascais e pelo Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Universidade de Toronto (alunos de Arqueologia do Departamento de Antropologia); Universidade Aberta (alunos do Mestrado em Estudos do Património).

2006

Nesse ano foram realizadas um total de 14 visitas guiadas num total de 509 visitantes, de características semelhantes aos dos anos anteriores, distribuídos pelos seguintes grupos: Jardim de Infância "Novo Pinóquio" de Algés; Escola Básica 2, 3, S. Julião da Barra, Oeiras; Escola Básica do 2, 3 de Fitares, Rio de Mouro; Escola EB1 de Miraflores; Escola Secundária Miguel Torga de Massamá; Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa (Licenciatura em Arqueologia e História); Centro de Convívio da Santa Casa da Misericórdia de Cascais; Visita do arqueólogo norueguês, Dr. Norton Kutscheera do Museu de Bergman, acompanhado pela Dr.ª Isabel Barreto do Sector do Turismo, CMO; Participantes no programa de Promoção de Actividades ao Ar Livre da Divisão de Desporto/CMO e alguns munícipes; Participantes no XV Congresso da UISPP – União Internacional das Ciências Pré-históricas e Proto-Históricas, realizado em Lisboa.

2007

Foram realizadas um total de 39 visitas guiadas em 2007, contabilizando cerca de 1288 participantes, de características semelhantes aos dos anos anteriores, assim distribuídos: Escola Jorge Mineiro de Queluz de Baixo; Escola EB1, António Rebelo de Andrade, de Oeiras; Escola EB, 2º, 3º ciclo de Aveiras de Cima; Escola EB, 2º, 3º ciclo de Fitares; Escola EB, 2º, 3º ciclo de S. Julião da Barra; Escola EB1, St.º António de Tercena; Escola EB1, de J.L. Sofia de Carvalho, Algés; Escola EB1 J.L. Terra dos Arcos, Lisboa; Escola EB1, n.º 2 de Carcavelos; Escola EB 1, Gomes Freire de Andrade (n.º 3 de Oeiras); Escola EB1, n.º 2 de Oeiras; Escola EB, 2º, 3º ciclo Visconde de Juromenha, de Mem Martins; Escola Secundária de Carcavelos; Escola Secundária Luís de Freitas Branco, de Paço

de Arcos; Colégio St. Julian, Secção Portuguesa, de Carcavelos; Cooperativa "A Torre", de Lisboa; Instituto Politécnico de Tomar (alunos de Arqueologia); Participantes no projecto "Conversa da treta", do Centro de Saúde de Cascais; Participantes no Programa de Promoção de Actividades de Ar Livre 2007, da Divisão de Desporto/CMO; Participantes, originários de Países da América Latina, no programa de visitas ao Concelho, organizado pelo Sector de Turismo/CMO, no âmbito da frequência de curso de Alta Direcção em Administração Pública no INA; Centro Paroquial do Estoril; Participantes no programa de visitas organizado pelo MNA e o CEACO/CMO, no âmbito da comemoração do Dia Internacional dos Museus; Universidade Lusófona de Lisboa (Licenciatura em História, Introdução à Arqueologia); Departamento de Pré-História e Arqueologia da Universidade de Granada; Director do Museu Nacional de História Natural (Lisboa), acompanhado de outros investigadores.

2008

Foram realizadas 12 visitas guiadas em 2008, totalizando cerca de 538 visitantes, de características semelhantes aos dos anos anteriores, assim distribuídos: Escola EB1 Gomes Freire de Andrade; Escola EB1 António Rebelo de Andrade; Escola Secundária de Carcavelos; Participantes no programa de Promoção de Actividades de Ar Livre 2008, da Divisão de Desporto/CMO; Participantes no programa de visitas organizado pelo MNA e o CEACO/CMO, no âmbito da comemoração do Dia Internacional dos Museus; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (alunos da licenciatura em Arqueologia); Participantes no Encontro Internacional de Arqueologia "Vasos campaniformes – Símbolos de uma comunidade cultural europeia há 5.000 anos" promovido pela Câmara Municipal de Torres Vedras (**Fig. 360 a 362**);

2009

Foram realizadas 9 visitas guiadas em 2009, totalizando cerca de 249 visitantes, de características semelhantes aos dos anos anteriores, distribuídos pelos seguintes grupos: Externato "O Nicho" do Estoril; Escola EB1 "Visconde de Leceia"; Escola E.B, n.º 2, Carcavelos; Centro de Estudos After-school de Carcavelos; Participantes no programa de promoção das actividades de Ar Livre da Divisão de Desporto/CMO; Assistentes da Exposição das Comemorações dos 250 anos – "Celebrar Oeiras"; Universidade Autónoma de Lisboa (Licenciatura em História); Ordem Sagrada da Cavalaria de Portugal, a pedido do Sr. João Monjardino; Grupo dos "Amigos dos Castelos"; Investigadores da Universidade de Rennes.

2010

Foram realizadas 18 visitas guiadas em 2010, totalizando cerca de 657 pessoas, distribuídas pelos seguintes grupos: Externato "A Minha Escola" de Paço de Arcos; Escola E.B.1 Conde de Ferreira, de Oeiras; Escola Secundária de Carcavelos; Escola Secundária de Sacavém; Escola EB1 Firmino Rebelo, de Porto Salvo; Escola EB 2, 3, de S. Bruno, Caxias; Escola EB1/J1 Sá de Miranda; Escola Básica, 2, 3, S. Julião da Barra, Oeiras; Cooperativa "A Torre", do Restelo; grupo de estudantes de Arqueologia e Pré-história da Universidade de Tubingen, Alemanha (**Fig. 363**); Liga dos

Amigos de Linda-a-Velha; participantes no programa "A Descoberta do Património", em colaboração com o Núcleo de Museologia/CMO; participantes do programa "Campo Sénior 2010", da Câmara Municipal de Lisboa.

Em 2010, o número das visitas guiadas conheceu assinalável incremento, pois, comparativamente às visitas realizadas em 2009, o número cresceu para cerca do dobro. Esta situação tem uma dupla explicação: por um lado, resultou da iniciativa do envio a todas as escolas do concelho de Oeiras de informação relativa à possibilidade de auferirem deste serviço educativo especializado; por outro lado, foi o reflexo da implementação, em colaboração com o Museu da Pólvora Negra /Divisão de Património Histórico e Museológico/CMO e com a Junta de Freguesia de Barcarena, de um programa que decorreu de Abril a Outubro, envolvendo visitas guiadas ao povoado Pré-Histórico de Leceia, nos terceiros domingos de cada mês, sucedidas pela visita à Exposição "Fio da Memória – Operários da Fábrica da Pólvora de Barcarena" e à exposição monográfica permanente dedicada ao povoado pré-histórico de Leceia, ambas na Fábrica da Pólvora de Barcarena; investigadores e professores de Arqueologia da Universidade de Rennes.

2011

As visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, seguidas de visita à respectiva exposição monográfica permanente, na Fábrica da Pólvora de Barcarena, estenderam-se, a partir de 16 de Junho de 2011 à exposição "Arqueologia do concelho de Oeiras", inaugurada naquela data na "Casa do Salitre", igualmente situada na Fábrica da Pólvora de Barcarena.

Fig. 360 – Leceia. Visita ao povoado pré-histórico de Leceia em 2008, dos participantes do Encontro Internacional "Vasos Campaniformes – símbolos de uma Comunidade Cultural Europeia há 5000 anos".

Fig. 361 – Visita ao povoado pré-histórico de Leceia dos investigadores Béatrice Blance e Hermanfrid Schubart, em 2008, no âmbito do Encontro Internacional "Vasos Campaniformes – símbolos de uma Comunidade Cultural Europeia há 5000 anos", fotografados com o Autor.

Fig. 362 – Visita à Exposição Permanente na Fábrica da Pólvora de Barcarena sobre o povoado pré-histórico de Leceia, dos participantes do Encontro Internacional "Vasos Campaniformes – símbolos de uma Comunidade Cultural Europeia há 5000 anos", em 2008.

Fig. 363 – Leceia. Visita ao povoado pré-histórico de Leceia de estudantes de Arqueologia e Pré-história da Universidade de Tubingen, Alemanha, em 2010.

Em 2011 foram realizadas 29 visitas guiadas, totalizando cerca de 763 participantes, de características semelhantes aos dos anos anteriores, assim distribuídos: Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola EB1 Visconde de Leceia – ATLs; Centro de Estudos "Franjinhas e Traquinas"; Colégio S. Francisco de Assis, Porto Salvo; Escola EB1 Gil Vicente, Queijas; Escola EB1 Gomes Freire de Andrade; Escola EB1 Lombos, de Carcavelos; Escola EB1 Pedro Álvares Cabral, Porto Salvo; Escola EB2, 3 Vasco Santana, Ramada, Odivelas; Escola Secundária da Quinta do Marquês, Oeiras; Externato "A Minha Escola", Paço de Arcos; Universidade Aberta; Faculdade de Belas Artes, licenciatura em Ciências do Património; Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, licenciatura em Arqueologia; Universidade Lusófona de Lisboa, curso de História e Ciência das Religiões; Academia sénior da Academia das Ciências de Lisboa; participantes no programa "À Descoberta do Património", em colaboração com o Núcleo de Museologia/CMO; grupo de munícipes, constituído de forma independente; Centro de Yoga de Queluz.

2012

Foram realizadas 38 visitas guiadas em 2012 (cerca de 1058 pessoas), distribuídas pelos seguintes grupos, de características semelhantes aos dos anos anteriores: Centro de Estudos After School Serviços Educativos, Carcavelos; Escola EB1 Conde de Ferreira, Oeiras; Escola EB1 João Freitas Branco – Escola do Agrupamento de São Bruno – Caxias; Escola EB1 Lombos, Carcavelos; Escola EB1 Nossa Senhora do Vale – Escola do Agrupamento de São Bruno – Caxias; Escola EB1 São

Bruno, Escola do Agrupamento de São Bruno – Caxias; Escola EB1 Sá de Miranda, Oeiras; Escola EB1 Samuel Johnson – Escola do Agrupamento de São Bruno – Caxias; Escola EB1 Tercena; Escola EB1 Visconde de Leceia – Escola do Agrupamento de São Bruno – Caxias; Escola Secundária Aquilino Ribeiro, Oeiras, programa PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação); Externato "A Minha Escola", Paço de Arcos; Externato "Cinderela", Amadora; Universidade Aberta, Mestrado em Ciências do Património (**Fig. 364**); Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, licenciatura em Arqueologia; participantes na "Festa da Arqueologia" promovida pela Associação dos Arqueólogos Portugueses e com a participação do CEACO/CMO; arqueólogos franceses inseridos em programa turístico--cultural de carácter arqueológico; oficiais superiores da Armada Portuguesa, no âmbito de visita ao Concelho, organizada pela Divisão de Cultura e Turismo da CMO; professores e colaboradores da Escola Secundária Henriques Nogueira de Torres Vedras; jovens integrados no programa "Mexe-te nas Férias 2012" do Núcleo de Juventude da CMO; jovens integrados no programa "Actividades de Verão da Rede Juventude" do Núcleo de Juventude da CMO e pessoas interessadas; grupo de interessados, organizado de forma independente por munícipe residente em Leceia; associados do Clube Millennium Bcp; professores aposentados, do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa; grupo de aposentados "Os Incansáveis"; Presidente da Câmara Municipal de Oeiras acompanhado de grupo de jovens de Algés e Miraflores; alunos do Mestrado em Ensino da História/Geografia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Fig. 364 – Visita à Exposição Permanente "Arqueologia do Concelho de Oeiras", na Fábrica da Pólvora de Barcarena, onde se encontra representado o povoado pré-histórico de Leceia, de grupo de estudantes do Mestrado em Estudos do Património da Universidade Aberta, em 2012.

2013

Foram realizadas 32 visitas guiadas em 2013 (cerca de 876 pessoas), distribuídas pelos seguintes grupos de características semelhantes aos dos anos anteriores: Centro de Estudos Bestkids and Teens, Porto Salvo; Centro de Estudos Lxkids, Lisboa; Cooperativa "A Torre", Restelo; Escola EB1 do Arneiro; Escola EB1 Lombos, Carcavelos; Escola EB1 Mafra – Sede do agrupamento de Mafra; Escola EB1 Gomes Freire de Andrade, Oeiras; Escola EB1 de Sassoeiros; Escola Secundária Quinta do Marquês, Oeiras; Jardim Escola João de Deus, Olivais, Lisboa; Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, licenciatura em Arqueologia; Escola Secundária Aquilino Ribeiro, curso profissional de técnico de turismo; grupo "Pequenos Coiotes"; professores aposentados, do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa; participantes no Programa Comemorativo do Dia Internacional dos Museus e Sítios – 2013, organizado pela Divisão do Património Histórico Museológico/CMO em colaboração com o CEACO (**Fig. 365**); Escoteiros de Barcarena; participantes na "Festa da Arqueologia" promovida pela Associação dos Arqueólogos Portugueses e com a participação do CEACO/CMO; participantes no Programa "Mexe-te nas Férias", do Núcleo de Juventude/CMO; Junta de Freguesia do Lumiar; membros da Archaeological Society, da Irlanda do Norte; grupo de munícipes, organizado de forma independente; Universidade Sénior de Oeiras; Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras.

Fig. 365 – Leceia. Visita ao povoado pré-histórico de um grupo de participantes no Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, em 2013.

2014

Foram realizadas 14 visitas guiadas em 2014. O número total aproximado foi de 430 visitantes, de características semelhantes aos dos anos anteriores assim distribuídos: Centro de Estudos "Esquina das Letras" de Barcarena; Centro de Estudos "Academia Morangos Damaia"; Jardim-Escola João de deus dos Olivais; Centro de Estudos "Toca a Estudar" de S. Marcos; Actividades Educativas OTL's do Sector da Juventude da Câmara Municipal de Odivelas; Vereador Ângelo Pereira, acompanhado da Adjunta, do Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Barcarena e de técnicos da Junta de Freguesia de Barcarena; Membros da Instituição ARIA, Instituição Particular de Solidariedade Social, Oeiras; grupo sénior do Centro Social e Paroquial de S. Julião da Barra; grupo sénior independente da área metropolitana de Lisboa; ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora; Grupo do curso de História Local e Património de Cascais da Academia Sénior da Cruz Vermelha de Cascais; Participantes no 6.º Congresso Internacional do ICAZ, organização científica dedicada à Arqueozoologia (**Fig. 366**); Grupo do GAL – Grupo dos Amigos de Lisboa.

2015

Foram realizadas 18 visitas guiadas em 2015. O número total aproximado foi de 475 visitantes, de características semelhantes aos dos anos anteriores, assim distribuídos: Escola EB 1 Visconde de Leceia; Escola EB 1 Gomes Freire de Andrade de Oeiras; Escola EB 1 dos Lombos de Carcavelos;

Fig. 366 – Leceia. Visita ao povoado pré-histórico dos participantes no 6.º Congresso do "International Council of Archaeozoology", em 2014.

Centro de Estudos "Park Kids" de Oeiras; Instituto Espanhol de Lisboa; Universidade Sénior de Almada; grupo de aposentados da Marinha Portuguesa; corpo docente do Instituto Espanhol; grupo independente de aposentados; Grupo de aposentados do Banco de Portugal; Grupo da Universidade Sénior de Oeiras e Associação Sénior Nova Atena de Linda-a-Velha; Associação cultural "Casa do Fauno" de Sintra; participantes do curso "História do Concelho de Cascais", da Academia Sénior da Cruz Vermelha de Cascais; estudantes e antigos estudantes da Universidade Aberta; Clube Militar de Oficiais de Mafra.

2016

Foram realizadas 30 visitas guiadas em 2016, correspondentes a cerca de 700 visitantes, de características semelhantes aos dos anos anteriores, assim distribuídos: Agrupamento de Escoteiros de Outurela 1373; Escola EB Gomes Freire de Andrade; Escola EB 2,3 Secundária Aquilino Ribeiro; Escola EB1 de Tercena; Centro de formação e apoio escolar "Sóprasaber" de Barcarena; Escola EB São João de Deus, de Lisboa; Academia da Cruz Vermelha, Polo da Parede; alunos do Curso Técnico Profissional de Turismo da Escola Secundária Aquilino Ribeiro; Associação Numismática de Portugal; arqueólogos franceses do Grupo Archéologique des Pyrénées Ocidentales; Grupo de alunos dos ATL's da Escola Secundária Aquilino Ribeiro; grupo de professores brasileiros; participantes nas Jornadas Europeias do Património, Divisão de Cultura e Turismo/CMO; participantes no programa das comemorações do Dia Internacional dos Museus 2016 – "Museus e paisagens Culturais" – Fábrica da Pólvora de Barcarena; participantes nos programas "Viva as Férias" da Oeiras e Viva EM – Barcarena; grupo de técnicos da Divisão de Cultura e Turismo/CMO; Universidade Sénior da Ajuda, Lisboa; USCAL – Universidade Sénior de Carnaxide, Aprendizagem e Lazer; Instituto Espanhol de Lisboa; Jardim Escola João de Deus, Olivais, Lisboa.

2017

Foram realizadas 21 visitas guiadas em 2017. O número total aproximado de visitantes foi de cerca de 650 pessoas, assim distribuídas: Escola Cooperativa "A Torre" do Restelo; Escola EB1 dos Lombos de Carcavelos; Escola Joaquim de Barros de Paço de Arcos; Grupo da Academia Sénior da Cruz Vermelha de Cascais; Grupo do Clube Sénior do Ramalhal e Museu Municipal Leonel Trindade de Torres Vedras; Grupo do CPAS e interessados; Grupo da Embaixada da Suécia; Grupo "Beato Jovem" da Junta de Freguesia do Beato; Grupo do Projecto social Orienta.Te de S. Domingos de Rana; Grupo da Secção de Arqueologia da SGL e Olisipo Fórum; Grupo Sénior da União de Freguesias de Oeiras, Paço de Arcos e Caxias; Grupo turístico de interessados franceses; Instituto Espanhol de Lisboa; Jardim-Escola João de Deus, Olivais de Lisboa; Visita ao povoado pré-histórico de Leceia e à exposição permanente "Arqueologia do concelho de Oeiras", na Fábrica da Pólvora de Barcarena, dos investigadores Martín Almagro Gorbea e Chris Scarre (**Fig. 367**).

2018

Foram realizadas 21 visitas guiadas em 2018. O número total aproximado de visitantes foi de cerca de 593 pessoas, assim distribuídas: Colégio Europeu-Astória de Lisboa; Escola EB 1 Santo

Fig. 367 – Leceia. Visita ao povoado pré-histórico de Martín Almagro Gorbea e Chris Scarre, respectivamente o segundo e o primeiro do lado esquerdo da foto, acompanhados do Autor.

António de Tercena; Escola Secundária Miguel Torga de Queluz, Massamá; Sociedade Histórica da Independência de Portugal (SHIP); participantes no programa de férias para jovens entre os 6-12 anos da Cooperativa Nova Morada, de Oeiras; Escola EB 1 de Carcavelos; Escola EB 1 do Arneiro; Escola EB 1 de Miraflores; Jardim Escola João de Deus dos Olivais, Lisboa; Escola EB 1 dos Lombos, Carcavelos; Escola EB 1 de Sassoeiros; Visita a grupo cultural de Lisboa; Visita do Prof. Jean Guilaine às exposições permanentes "Povoado pré-histórico de Leceia" e "Arqueologia do concelho de Oeiras", na Fábrica da Pólvora de Barcarena, no âmbito da sua conferência sobre o fenómeno campaniforme, antecedendo a apresentação do volume 24 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, comemorativo do XXX aniversário do CEACO (**Fig. 368**).

2019

A pedido de diversos estabelecimentos de ensino (básico, secundário e universitário) da área da grande Lisboa, de organismos oficiais e particulares, ou no âmbito de visitas ao Concelho organizadas pelo Município e por parte de outras entidades, foram realizadas 24 visitas guiadas em 2019. O número total aproximado de visitantes foi de cerca de 650 pessoas, assim distribuídas: Academia Sénior de Sacavém; Associação de reformados e idosos do Murtal; Centro de ATL, "Pirata Sabichão"; Centro de Estudos "Alicerces do Saber" de Leião; Cooperativa "A Torre" de Lisboa; Escola EB1 dos Lombos; Escola EB1 da Rebelva; Escola EB 2/3 Aquilino Ribeiro; Escola ES de Carcavelos; Escola ES 1

Miraflores; Escola ES 3 Quinta do Marquês; Estagiários da Divisão de Turismo/CMO; Universidade Autónoma de Lisboa; Universidade de Évora; Universidade Sénior de Almada; Universidade de Tubingen, Alemanha.

As visitas foram integradas, desde há anos, como complemento de estudo no quadro da programação escolar, constituindo objecto de avaliação junto dos alunos, desde os níveis de ensino básico (3.º e 4.ºs anos) até ao secundário (12.º ano) e universitário, e foram reforçadas, em 2019, com a adesão ao Programa "Oeiras Educa" do Departamento de Educação/CMO, destinado a escolas do Concelho.

2020

Em virtude da Pandemia Covid 19 e das medidas de segurança adoptadas, o número de visitas escolares ao povoado pré-histórico de Leceia foi significativamente reduzido, comparativamente com o verificado em anos transactos. Ainda assim, em 2020, registaram-se 8 visitas guiadas, com o número total aproximado de 210 visitantes, assim distribuídos: Assistentes do posto de Turismo da Divisão de Turismo e Gestão de Eventos/CMO; Cooperativa "A Torre"; Escola EB 2/3 Aquilino Ribeiro; Escola ES 1 Miraflores; Programa Edu4work da Escola Secundária Sebastião e Silva.

Fig. 368 – O Prof. Jean Guilaine em visita à Exposição Permanente "Arqueologia do concelho de Oeiras", na Fábrica da Pólvora de Barcarena, no âmbito da sua conferência sobre o fenómeno campaniforme, fotografado, com o Autor, junto ao maior vaso campaniforme conhecido no território português, recolhido no povoado pré-histórico de Leceia.

2021

Em 2021, apesar das continuação das restrições provocadas pela Pandemia Covid-19, registaram-se 10 visitas guiadas com o número total aproximado de 210 visitantes, assim distribuídos: Associação Evoluir Oeiras; Escola EB 2/3 Aquilino Ribeiro; Escola EB1 do Arneiro; Escola ES/3 Quinta do Marquês; Diversos grupos de interessados.

O número de visitantes ao povoado pré-histórico de Leceia, e às respectivas exposições de Arqueologia patentes ao público na Fábrica da Pólvora de Barcarena, designadamente à "Exposição Monográfica do povoado pré-histórico de Leceia" e à "Exposição de Arqueologia do Concelho de Oeiras", foi variando ao longo do tempo, de acordo com as várias iniciativas promovidas pelo CEACO. Nos últimos dois anos, as visitas guiadas foram afectadas pelos impactos da Pandemia Covid-19, que se somou à situação desfavorável de diminuição da possibilidade dos alunos as poderem realizar nos períodos lectivos normais, atendendo à sobrecarga horária, o que limitou a disponibilidade de os mesmos, bem como dos respectivos docentes. Contudo, manteve-se vivo, dentro daquelas limitações, o interesse e procura por parte da maioria dos agrupamentos escolares, que ao longo dos anos adquiriram a prática de, anualmente, as realizarem, situação que tem sido em épocas mais recentes fortalecida pela integração de tais visitas no Programa Educa, da CMO, que assegura os indispensáveis transportes, em datas previamente estabelecidas.

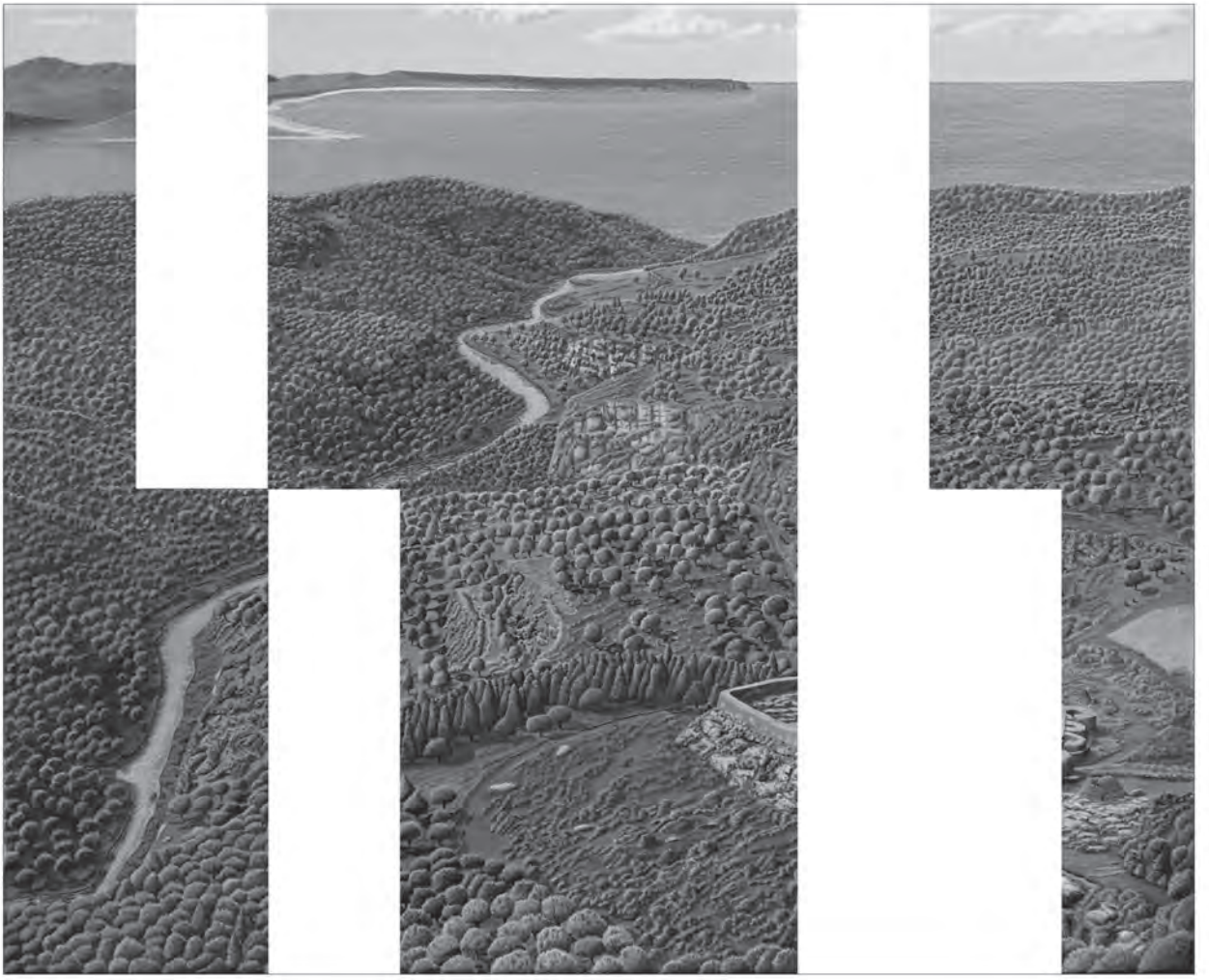
Através do elenco sistemático das instituições e dos grupos organizados que, desde 1989, se integraram em visitas ao povoado pré-histórico de Leceia, numa média anual de 800 participantes, verifica-se o importante papel que este equipamento de natureza pedagógica, lúdica e cultural tem desempenhado na formação das camadas jovens do concelho de Oeiras, bem como, de forma mais alargada, na população escolar da região da Grande Lisboa, incluindo estudantes de vários graus de ensino, onde importa destacar os estudantes universitários de Arqueologia.

Enfim, a importância desta estação arqueológica desde cedo se projectou aquém e além-fronteiras, como evidencia, por um lado, o vasto e diversificado conjunto de instituições nacionais que a visitaram, e por outro, o assinalável conjunto de arqueólogos e de estudantes universitários de Arqueologia estrangeiros, integrados em reuniões científicas realizadas em Portugal, ou em programas de estudos previamente preparados. Pode, pois, afirmar-se que, presentemente, Leceia constitui uma das estações arqueológicas portuguesas mais conhecidas e recorrentemente visitadas, para o que concorre a sua fácil acessibilidade, o estado de apresentação e de manutenção do local, a existência de uma estrutura municipal preparada para acolher e acompanhar os visitantes, que podem complementar a sua digressão pela estação arqueológica com a visita às exposições permanentes de Arqueologia na Fábrica da Pólvora de Barcarena, uma delas dedicada exclusivamente a este sítio arqueológico.

A tudo o que se referiu, soma-se ainda o investimento intenso nos últimos anos na difusão da informação por vias digitais, em permanente evolução, propícias a um acréscimo dos visitantes a este sítio arqueológico. Leceia adquiriu assim, por méritos próprios, e mercê dos trabalhos de investigação e de ulterior valorização e difusão cultural desenvolvidos em permanente melhoria, o merecido estatuto de estação arqueológica de projecção internacional, encontrando-se citada em obras de referência sobre Pré-História peninsular e europeia e assinalada em diversos museus, como é o caso do *Museo Arqueologico Nacional*, em Madrid.

treze

LIVROS, EXPOSIÇÕES E COLABORAÇÕES



Foram e são várias as acções no âmbito da divulgação e promoção do povoado pré-histórico de Leceia, que se somam às que foram detalhadamente descritas no capítulo anterior e com elas se encontram estreitamente relacionadas, designadamente a apresentação de obras decorrentes das investigações desenvolvidas em Leceia, actos comemorativos diversos, inaugurações de exposições e colaborações com outras instituições, de que resultaram a projecção pública da própria estação arqueológica. Entre outros, destacam-se os eventos que, por ordem cronológica, seguidamente se apresentam:

1986

Colaboração nas comemorações do Dia dos Castelos. Em Outubro de 1986 foi prestado apoio às comemorações do Dia dos Castelos, tendo-se para o efeito, preparado diversos painéis alusivos às escavações, destinados a exposição integrada no referido evento.

1987

Exposição monográfica "Oeiras há 5000 anos". A 23 de Fevereiro de 1987, foi inaugurada a exposição "Oeiras há 5000 anos", no palácio do Egipto (Oeiras), tratando-se de uma retrospectiva das escavações realizadas até então, com a respectiva monografia expressamente preparada para a exposição (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1987) (**Fig. 369 e 370**).

1989

Exposição monográfica do povoado pré-histórico de Leceia. A 24 de Junho de 1989 foi inaugurado um pequeno espaço expositivo no interior do moinho existente no povoado pré-histórico de Leceia, depois de o mesmo ter sido recuperado. Esteve presente uma delegação do Município de Oeiras do Piauí (Brasil), e o Dr. Fernando Real, então Director do Departamento de Arqueologia do IPPC (**Fig. 371 e 372**).

Por ocasião das Festas do Concelho, foi inaugurada exposição de arqueologia alusiva às escavações realizadas em Leceia, no Jardim de Oeiras (**Fig. 373 e 374**).

A 12 de julho de 1989 foi feita a apresentação da monografia "Leceia resultado das escavações realizadas. 1983-1988", que sumariza os resultados obtidos nas seis primeiras campanhas de escavações arqueológicas, realizadas em 1983 e 1988 (CARDOSO, 1989) (**Fig. 375**).

Fig. 369 – Inauguração da exposição "Oeiras há 5000 anos", no Palácio do Egipto (Oeiras), em 1987, encontrando-se o Autor a demonstrar o modo de funcionamento de um moinho manual com base em exemplar recolhido em Leceia.

Fig. 370 – 1987 – Inauguração da exposição "Oeiras há 5000 anos", no Palácio do Egipto (Oeiras) e apresentação pública da monografia respectiva, com o mesmo nome, pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras Dr. Isaltino Morais. Em primeiro plano, o Prof. Noronha Feio, Vereador do Pelouro da Cultura.

Fig. 371 – Leceia. Inauguração da exposição monográfica de arqueologia no moinho existente no povoado pré-histórico de Leceia, em 1989, depois de recuperado, pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais. Entre os presentes, uma delegação do Município de Oeiras do Piauí (Brasil), o Dr. Fernando Real, então Director do Departamento de Arqueologia do IPPC e a Arq. Isabel Soromenho (DPGU/CMO).

Fig. 372 – Inauguração da exposição de arqueologia no moinho existente no povoado pré-histórico de Leceia, depois de recuperado, em 1989 (ver **Fig. 371**). De fato escuro, na primeira fila, o terceiro a contar da esquerda, vê-se o antigo Vereador Miguel Vieira da Luz.

Fig. 373 – Stand alusivo ao povoado pré-histórico de Leceia, no Jardim de Oeiras, por ocasião das Festas do Concelho, em fase final de preparação, no âmbito das Festas do Concelho de 1989.

Fig. 374 – Inauguração do stand alusivo ao povoado pré-histórico de Leceia, no Jardim de Oeiras, por ocasião das Festas do Concelho, pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras Dr. Isaltino Morais, acompanhado de vários Vereadores, entre os quais o Dr. José Carlos Estorninho e o Prof. Noronha Feio, respectivamente o segundo e o primeiro do lado direito.

Fig. 375 – Apresentação do livro *Leceia resultados das escavações realizadas. 1983-1988* (CARDOSO, 1989), em 1989.

1991

No Dia do Município de Oeiras, 7 de junho, foi apresentado o volume 1 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, no Terraço das Araucárias, nos jardins do palácio dos marqueses de Pombal, com presença de inúmeros convidados de variados sectores da vida concelhia e nacional, em sessão presidida pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais, acompanhado do então Presidente do Instituto Nacional de Administração, Prof. Fraústo da Silva, recentemente falecido.

Trata-se de publicação em "fac-simile" da obra de Carlos Ribeiro, originalmente editada em 1878, "Notícia da Estação Humana de Licêa", com prefácio de Isaltino de Morais, nota bio-bibliográfica de G. Zbyszewski e notas e comentários, ao longo do texto, do Autor.

1992

No dia 20 de Fevereiro, no restaurante "Pérgula", em Santo Amaro de Oeiras, foi realizada a apresentação do vol. 2 dos "Estudos Arqueológicos de Oeiras" (**Fig. 376**). A obra, intitulada "O Homem Pré-Histórico no Concelho de Oeiras" é da responsabilidade do Autor, em colaboração com dois especialistas em Antropologia Física e Odontologia, os Prof. Dr. A. Santinho Cunha e o Dr. Delberto de Aguiar (CARDOSO, CUNHA & AGUIAR, 1991). Trata-se da síntese sobre todos os restos humanos pré-históricos recolhidos no concelho de Oeiras, nas estações arqueológicas conhecidas até aquela época, onde se integraram os recolhidos no decurso das escavações do povoado pré-histórico de Leceia, que se juntaram aos materiais arqueológicos ali obtidos em 1877 por Carlos Ribeiro (RIBEIRO, 1878), e pouco depois parcialmente estudados por Francisco de Paula e Oliveira (OLIVEIRA, 1884), presentemente conservados no Museu Geológico do LNEG.

Fig. 376 – Apresentação do volume 2 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, em 1992, no restaurante Pérgula, em Santo Amaro de Oeiras. Da direita para a esquerda, o Presidente da Câmara Municipal de Oeiras Dr. Isaltino Morais, o Autor, o Prof. A. Santinho Cunha, o Dr. José de Castro, do Protocolo da Câmara Municipal de Oeiras, o Dr. Delberto Aguiar, e três dirigentes autárquicos, respectivamente os Vereadores Dr.ª Virgínia de Carvalho e Sr. José Serra e o Presidente da Junta de Freguesia de Oeiras, Sr. José Gomes dos Santos.

Fig. 377 – Apresentação do volume 4 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, no restaurante Caravela d´Ouro, em Algés. No uso da palavra, o Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, acompanhado dos Autores e de quatro Vereadores, respetivamente o Prof. Doutor David Justino (à direita), a Sr.ª D. Aline Bettencourt, ao centro e, à esquerda, o Eng. José Neno (Vice-Presidente) e o Dr. Arnaldo Pereira.

1994

No dia 25 de maio de 1994 teve lugar no restaurante *Rota de Colombo*, em Algés, a apresentação do volume 4 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, inteiramente dedicado à publicação da Carta Arqueológica do concelho de Oeiras, em co-autoria com Guilherme Cardoso, em cerimónia presidida pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, do Autor, Dr. Isaltino Morais, acompanhado de diversos vereadores (**Fig. 377**). Tratou-se de documento pioneiro para a época, e cujo alcance ultrapassa largamente o de simples repositório de informação, para se tornar parte activa e essencial das acções de planeamento regional e urbano ao nível municipal, plasmadas no Plano Director Municipal.

1996

A inauguração da nova Biblioteca Municipal de Oeiras, no dia 25 de Abril, envolveu a colaboração na exposição então ali organizada, através da cedência de fotografias alusivas às escavações em Leceia, com a presença de Sua Excelência o Ministro da Cultura, Doutor Manuel Maria Carrilho e de outras autoridades municipais. Na ocasião, foi apresentado publicamente o volume 5 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (**Fig. 378**).

Fig. 378 – Apresentação do volume 5 dos Estudos Arqueológicos de Oeiras, em 1996, aquando da inauguração da Biblioteca Municipal de Oeiras, em Oeiras. Na primeira fila, da direita para a esquerda: Dr. Nuno Campilho, Adjunto do Presidente; Vereadora Dr.ª Virgínia de Carvalho; Vereador Dr. Tavares Salgado; Dr. Jorge Coelho; Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais; Ministro da Cultura, Prof. Doutor Manuel Maria Carrilho; por detrás dele a Vereadora D. Aline Bettencourt; Dr.ª Ana Runkel, Directora de Biblioteca Municipal de Oeiras e Dr. José de Castro, do Protocolo da Câmara Municipal de Oeiras. Por detrás do Presidente, o Vereador Dr. José da Silva Pinto, antigo Ministro do Governo de Portugal.

1997

Com a coordenação do Autor, foi organizada e montada exposição monográfica alusiva ao povoado pré-histórico de Leceia no Museu Nacional de Arqueologia (Mosteiro dos Jerónimos), intitulada "Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo", inaugurada no dia 17 de Julho e patente naquela instituição até 16 de Março de 1998. Ao acto, que foi presidido por Sua Excelência o Ministro da Cultura, Prof. Doutor Manuel Maria Carrilho e pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino

Morais, recebidos pela Directora do Instituto Português de Museus, Dr.ª Maria Antónia Pinto de Matos e pelo Director do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. Luís Raposo, assistiu numeroso público (**Figs. 379, 380**). Foi a primeira vez que se realizou naquele Museu Nacional uma exposição conjunta com uma autarquia, tendo, em consequência dos excelentes resultados obtidos, inaugurado um ciclo de exposições com outras autarquias, de norte a sul do País, que se prolongaram até o presente.

1998

Com o encerramento, a 16 de março de 1998, da exposição inaugurada no Museu Nacional de Arqueologia acima descrita, impunha-se aproveitar os investimentos realizados, tanto financeiros como outros, rentabilizando, em especial, o esforço desenvolvido, requerido para a concretização de uma iniciativa desta envergadura. Afigurava-se prioritária a remontagem daquela exposição em um local do concelho de Oeiras onde a mesma pudesse continuar a ser aproveitada. A ocasião surgiu, em resultado da recente requalificação da área meridional da Fábrica da Pólvora de Barcarena, envolvendo um amplo edifício outrora utilizado como armazém da pólvora. A exposição, no seu novo espaço, conheceu alguns melhoramentos, especialmente na animação da grande maqueta reproduzindo todas as estruturas arqueológicas postas a descoberto em Leceia, através do desenvolvimento de um programa informático sincronizado de luz e som, da responsabilidade da mesma firma de engenharia que anteriormente tinha concebido e executado a primeira versão do mesmo. Foi inaugu-

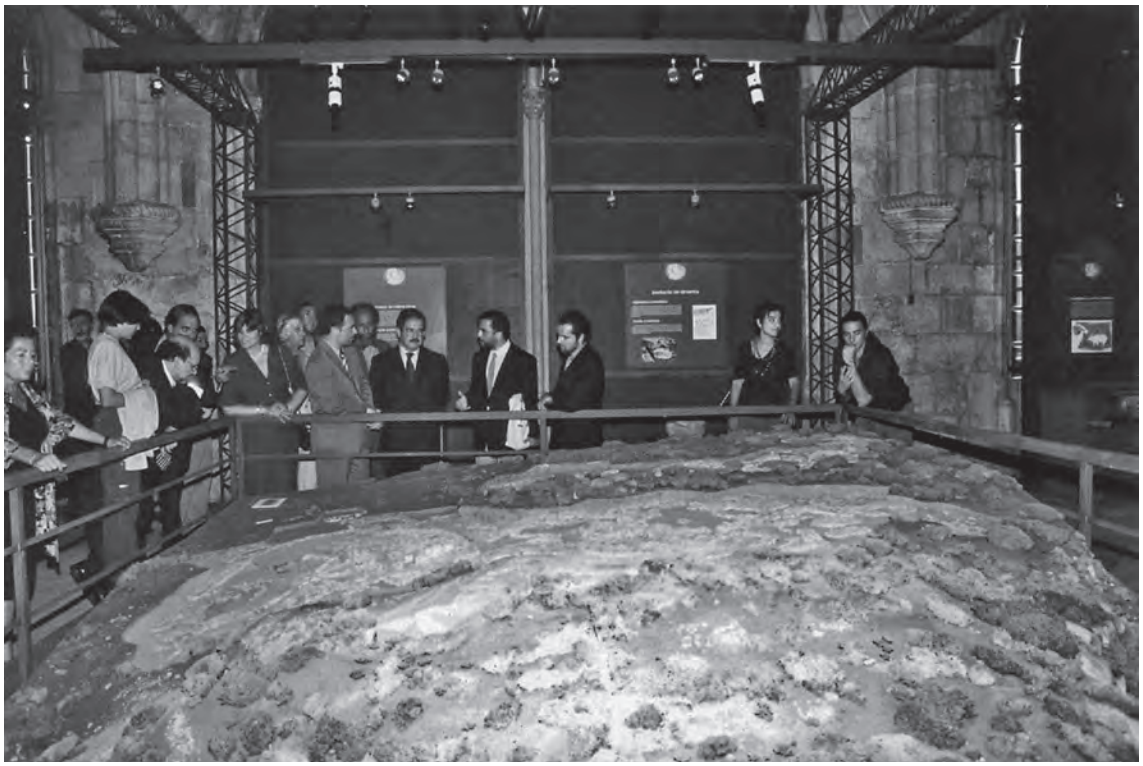


Fig. 379 – Inauguração da exposição "O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio a.C.", no Museu Nacional de Arqueologia, em 1997, pelo Ministro da Cultura, Prof. Doutor José Maria Carrilho e pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais.

Fig. 380 – Vista parcial da exposição "O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio a.C.", no Museu Nacional de Arqueologia.

rada no Dia do Município de Oeiras, 7 de Junho de 1998, em cerimónia presidida por Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado da Administração Local, Dr. José Junqueiro e pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais, na presença de ilustres convidados (**Fig. 381**). Este novo espaço cultural e científico, concebido pelo Autor (**Fig. 382**), vinha, deste modo, integrar-se na requalificação e recuperação ambiental e patrimonial da Fábrica da Pólvora de Barcarena, enquanto projecto estratégico da Câmara Municipal de Oeiras.

Destaca-se, para além da grande maquete, com a réplica das muralhas do povoado, a maior existente em exposições portuguesas da mesma índole, a sua associação a um sistema de luz e som, acima referido, permitindo uma rápida e completa apreensão das características, significado e importância da estação arqueológica, por parte de todos os visitantes. Foram também apresentadas mais duas pequenas maquetes e os artefactos, recolhidos nas escavações realizadas, mais representativos, em vinte e três expositores e igual número de painéis explicativos. A criação deste espaço museológico, desde sempre gerido pelo CEACO, correspondeu a compromisso eleitoral publicamente assumido pela força partidária ganhadora das eleições municipais, realizadas pouco antes.

Por ocasião da visita, a 17 de Junho de 1998, de Sua Excelência o Senhor Presidente da República à Fábrica da Pólvora de Barcarena, onde inaugurou o Museu da Pólvora Negra, o Dr. Jorge Sampaio, conduzido pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais, não deixou de visitar a sala de Arqueologia, tendo apreciado em especial, a qualidade da maqueta e os pormenores que esta evidencia (**Fig. 383**).

Fig. 381 – Inauguração, no Dia do Município, 7 de Junho de 1998, da Exposição Permanente dedicada ao povoado pré-histórico de Leceia na Fábrica da Pólvora de Barcarena pelo Secretário de Estado da Administração Local Dr. José Junqueiro e pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras Dr. Isaltino Morais.

Fig. 382 – Vista parcial da Exposição Permanente dedicada ao povoado pré-histórico de Leceia na Fábrica da Pólvora de Barcarena, na altura da sua inauguração, em 1998.

Fig. 383 – Visita de Sua Excelência o Presidente da República Dr. Jorge Sampaio à Exposição Permanente de Arqueologia, alusiva ao povoado pré-histórico de Leceia, instalada na Fábrica da Pólvora de Barcarena, em 1998, pouco depois da sua inauguração.

2001

A visibilidade adquirida pelas escavações realizadas em Leceia proporcionou a elaboração de um livro juvenil de banda desenhada "O povoado pré-histórico de Leceia", da autoria de Alexandre Gonçalves e de José Santos, servido por um grafismo rico e sugestivo, o qual foi apresentado publicamente na Galeria Verney, em Oeiras, no dia 12 de Junho de 2001 na presença do Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais.

2003

No dia 28 de Novembro de 2003 foi inaugurada pela Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr.ª Teresa Pais Zambujo, a entrada requalificada do povoado pré-histórico de Leceia, correspondente à renovação arquitectónica da zona adjacente à entrada já existente no recinto arqueológico. Esta iniciativa, da responsabilidade do Departamento de Projectos Especiais dirigido pelo Arq. Pedro Carrilho, teve a coordenação do Arq. Nuno Freitas Lopes. O Autor, enquanto Coordenador do CEACO e arqueólogo responsável pela estação, foi chamado a colaborar desde a fase inicial do Projecto (**Fig. 384**); deve-se-lhe, designadamente, a preparação dos textos que se encontram presentes no local, em cinco placas de ferro colocadas verticalmente no solo, alusivas à estação pré-histórica, bem como o acompanhamento arqueológico da abertura das fundações das estruturas, como foi determinado pelas disposições legais em vigor (**Fig. 385**).

Fig. 384 – Inauguração em 2003 da requalificação arquitectónica da entrada do povoado pré-histórico de Leceia pela Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr.ª Teresa Zambujo no uso da palavra.

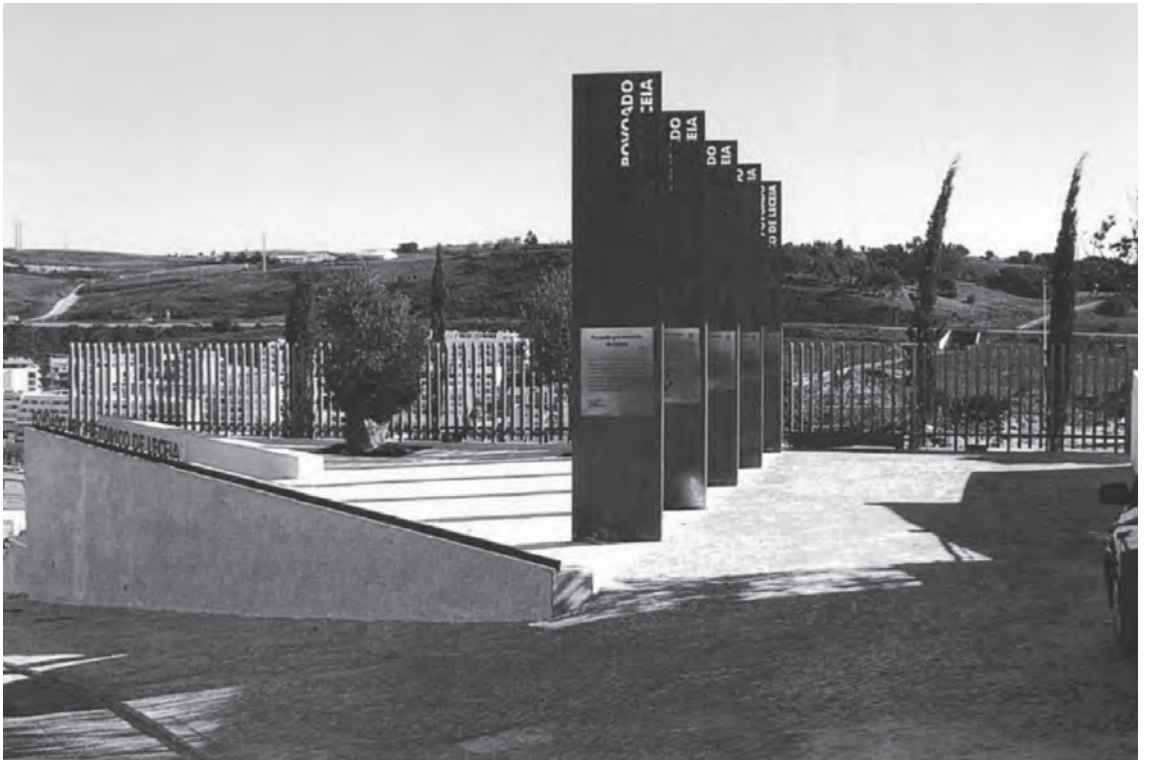


Fig. 385 – Vista geral da requalificação arquitectónica da entrada do povoado pré-histórico de Leceia, pouco antes da sua inauguração, em 2003.

Outros técnicos intervieram na elaboração do Projecto e na execução da obra, que envolveu as seguintes especialidades: design (Arq. designer Gonçalo Pestana); paisagismo (Arq. pais. Alexandre Eurico Lisboa e Arq.ª pais. Carla Correia); estabilidade (Eng. João Cruz); e fiscalidade (Eng. Lapas Soares), pertencentes, para além do Departamento de Projectos Especiais, aos Departamentos de Infraestruturas Municipais/CMO e de Ambiente e Equipamento/CMO (CARDOSO, 2003 b, p. 333-336).

A obra foi totalmente financiada pela Autarquia, no valor de 171 mil euros, e foi amplamente divulgada na comunicação social regional.

Logo após a inauguração da obra descrita, teve lugar a apresentação pública da obra *O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português. Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002)* (CARDOSO, 2003, a), que se realizou no Restaurante "Albapólvora", na Fábrica da Pólvora de Barcarena. A cerimónia, de novo presidida pela Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr.ª Teresa Pais Zambujo, contou com a presença de vários vereadores da Câmara Municipal de Oeiras, incluindo o Vice-Presidente da autarquia, Eng. José Arménio Neno, a par de numerosos dirigentes, técnicos superiores, e muitos convidados (**Fig. 386**). A mesa de honra era constituída ainda pelo Senhor Vereador do Pelouro da Cultura, Dr. Jorge Barreto Xavier, bem como pelo autor da obra, que fez a apresentação desta (CARDOSO, 2003 c, p. 337-343).

Fig. 386 – Apresentação do livro *O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português*, editado pela Câmara Municipal de Oeiras e apresentado no restaurante Albapólvora, na Fábrica da Pólvora de Barcarena, na sequência da inauguração da requalificação da entrada do povoado pré-histórico de Leceia.

2007

Na senda da profícua colaboração anteriormente estabelecida com o Museu Nacional de Arqueologia, merece destaque a iniciativa conjunta que, a propósito do Dia Internacional dos Museus, realizado em Maio, tomou de novo o povoado pré-histórico de Leceia como objecto de promoção e de divulgação junto do público em geral. Deste modo, por Deliberação de 8 de Maio de 2007, a CMO atribuiu um subsídio ao Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arqueologia, como entidade patrocinadora da realização da Festa dos Museus, no âmbito das comemorações do Dia Internacional dos Museus, que teve lugar naquele Museu nos dias 17, 18 e 19 de Maio, acompanhado da aprovação da realização conjunta de um programa de animação patrimonial. No respeitante a Leceia, foram disponibilizados dois autocarros que, em regime permanente, nos dias 18 e 19 de Maio, asseguraram o transporte de participantes entre as exposições patentes no Museu e o povoado pré-histórico de Leceia, onde integraram sucessivos grupos de visitas guiadas.

Destaca-se, ainda, pela sua importância, a proposta de realização de reunião científica preparada pelo Autor, também na qualidade de Presidente da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, e por si apresentada ao Presidente da Câmara Municipal de Oeiras. Por despacho deste, reuniram-se as condições para se organizar, em parceria estabelecida entre ambas as Instituições, o I Colóquio de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa/Câmara Municipal de Oeiras, realizado a 30 de Outubro de 2007, sob o tema "A arqueologia portuguesa e o espaço europeu. Balanços e perspectivas", cuja temática se afigurou então oportuna, tendo presente a presidência portuguesa da União Europeia que decorria naquela altura (**Fig. 387**).

Fig. 387 – Cerimónia inaugural do I Colóquio de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa/Câmara Municipal de Oeiras, realizado na primeira das instituições, em 2007, *A Arqueologia portuguesa e o espaço europeu balanços e perspectivas.* No uso da palavra, o Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, Prof. Eng. Luís Aires-Barros, ladeado, do lado direito, pelo Autor e pela Prof. Doutora Mariana Diniz e, do lado esquerdo, pela Dr.ª Maria Cristina Neto e pelo Prof. Doutor António Faustino de Carvalho.

Este encontro, limitado a uma jornada de trabalhos, destinou-se à apresentação de sínteses de temática arqueológica, tendo em vista o estabelecimento de balanços e perspectivas actualizadas e inovadoras, sobre as características e natureza das relações que, ao longo dos tempos, as sucessivas populações que habitaram o território português estabeleceram com as suas homólogas de outras áreas do espaço actualmente europeu, ou da bacia mediterrânea. Ao povoado pré-histórico de Leceia foi dado o devido destaque, com a apresentação da comunicação "Ivory objects from the Chalcolithc fortification of Leceia (Oeiras)" (**Fig. 388**), procurando ilustrar as relações transregionais, neste caso de natureza comercial, com o norte do continente africano, através da presença de objectos de marfim recolhidos no decurso das escavações, feita em colaboração com o Doutor T. X. Scuhmacher. As actas respectivas constituem na íntegra o volume 15 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, intitulado "A Arqueologia portuguesa e o espaço europeu balanços e perspectivas", constituindo, ainda hoje, obra de elevado interesse científico.

2008

Neste ano, merecem destaque duas iniciativas coordenadas pelo Autor, a primeira em articulação com o Director do Museu Nacional de Arqueologia na Comemoração do Dia Internacional dos Museus, e a segunda na realização da segunda reunião científica em parceria com a Sociedade de Geografia de Lisboa, dando seguimento à realizada no ano transacto.

A primeira colaboração referida, proposta pelo Dr. Luís Raposo, teve como resultado, tal como no ano anterior, a realização de visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, nos dias 17 e 18

Fig. 388 – Aspecto de uma das sessões de trabalho do I Colóquio de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa/Câmara Municipal de Oeiras, *A Arqueologia portuguesa e o espaço europeu balanços e perspectivas.*

de Maio, na modalidade "non stop", sendo assegurado o transporte dos visitantes, entre a Praça do Império (Belém) e Leceia, por autocarros da CMO.

A segunda colaboração mencionada, após despacho favorável do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais, conduziu ao II Colóquio de Arqueologia de Sociedade de Geografia de Lisboa/Câmara Municipal de Oeiras, o qual se efectivou a 3 de Dezembro de 2008, subordinado ao tema "Práticas rituais entre o 4.º milénio e o 1.º milénio a.C. no território português". As comunicações a esta reunião científica, muito concorrida de público, foram publicadas na íntegra no volume 17 dos *Estudos Arqueológicos Oeiras*, comemorativo do XX aniversário do CEACO.

Em 2008 foi ainda estabelecida colaboração institucional no âmbito da realização do Encontro Internacional "Vasos campaniformes. Símbolos de uma Comunidade Cultural Europeia com 5000 anos", com a Câmara Municipal de Torres Vedras e o Instituto Arqueológico Alemão. Tal colaboração corporizou-se no apoio à exposição então realizada no Museu Municipal Leonel Trindade, através da cedência de espólios arqueológicos provenientes de várias estações arqueológicas concelhias, entre as quais o povoado pré-histórico de Leceia, em depósito no CEACO, bem como a preparação de textos explicativos alusivos às mesmas, assegurados pelo Autor, conforme pedido oficial da Câmara Municipal de Torres Vedras.

Ainda no âmbito do referido Encontro Internacional, foi realizada uma visita guiada ao povoado pré-histórico de Leceia (**Figs. 360 e 361**) e à exposição monográfica permanente alusiva ao mesmo (**Fig. 362**) patente ao público na Fábrica da Pólvora de Barcarena, seguida de uma recepção oferecida pela Câmara Municipal de Oeiras aos cerca de 100 participantes. Esta colaboração institucional foi noticiada na revista "Oeiras Actual", n.º 185, Junho de 2008, pág. 26, intitulada: "Encontro Internacional de Arqueologia" a qual, pelo seu interesse, se transcreve na íntegra;

"*Decorreu em Torres Vedras, de 1 a 5 de Maio, o Encontro Internacional de Arqueologia subordinado ao tema «Vasos campaniformes – símbolos de uma comunidade cultural europeia há 5.000 anos», organizado pela respectiva Câmara Municipal e pelo Instituto Arqueológico Alemão.*

No âmbito das sessões científicas, o Prof. Doutor João Luís Cardoso apresentou comunicação dedicada à presença campaniforme na baixa península de Lisboa, onde caracterizou os mais importantes materiais daquela época existentes nas colecções do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, oriundos das estações pré-históricas de Leceia, da gruta da Ponte da Lage, do Casal de Barronhos e de Carnaxide. No âmbito das excursões pós-reunião, os participantes visitaram o povoado pré-histórico de Leceia e depois a Sala de Arqueologia dedicada àquela notável estação arqueológica, situada na Fábrica da Pólvora de Barcarena.

Reunindo mais de cem especialistas na matéria, oriundos de diversos países (França, Suíça, Espanha, Itália, Eslováquia, Marrocos, Holanda, Áustria, Alemanha e Portugal), a vinda desta comitiva ao concelho de Oeiras constituiu importante oportunidade para apresentar e divulgar publicamente o trabalho que tem vindo a ser realizado no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras.

Paralelamente, foi inaugurada uma exposição temática sobre o campaniforme europeu, que esteve patente no Museu Municipal de Torres Vedras Leonel Trindade, até finais de Maio."

Pouco depois, a 4 de junho de 2008, teve lugar, na Sociedade de Geografia de Lisboa, a apresentação do volume 15 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* contendo as comunicações apresentadas no ano transacto ao I Colóquio de Arqueologia realizado entre aquela Instituição e a Câmara Municipal de Oeiras, acima referido, em cerimónia presidida pelo Presidente da mesma Sociedade, Prof. Eng. Luís Aires-Barros (**Fig. 389**).

Fig. 389 – Apresentação do volume 15 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 2008, correspondente às actas do Colóquio *A Arqueologia portuguesa e o espaço europeu balanços e perspectivas*, ali realizado no ano anterior. Na mesa, ao centro, o Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, Prof. Eng. Luís Aires-Barros, ladeado pelo Autor, no uso da palavra, e pelo Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida, Vice-Presidente da referida Sociedade.

Enfim, no dia 9 de Dezembro de 2008, no Palácio Anjos em Algés/CAMB efectuou-se cerimónia comemorativa do XX aniversário do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, presidida pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras. Nesta cerimónia foi assinado o Protocolo de depósito de espólios arqueológicos entre o Município de Oeiras e o Museu Nacional de Arqueologia, representados pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais e pelo Director do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. Luís Raposo, perante numerosa assistência (**Fig. 390**). Alguns dos referidos materiais, da estação da Idade do Ferro de Gamelas 3, situada na área actualmente ocupada pelo Parque dos Poetas, encontravam-se patentes ao público, depois dos trabalhos de restauro de que foram alvo, custeados pela Câmara Municipal de Oeiras. Na ocasião, foi apresentado o livro de Homenagem "Octávio da Veiga Ferreira – homenagem ao Homem, ao Arqueólogo e ao Professor", dedicado à memória do ilustre investigador, o qual constitui o volume 17 da série "Estudos Arqueológicos de Oeiras". Em testemunho de agradecimento pelas honrosas colaborações contidas naquele volume, foi oferecida a cada um dos autores uma escultura de cobre assente em base do mesmo metal, com inscrição comemorativa do aniversário que então se celebrava, reproduzindo estatueta de barro de suídeo recolhida no povoado pré-histórico de Leceia (**Fig. 391**) a qual foi executada por fundição artesanal pela firma Salvador Nunes Cid Herdeiros – Fundição de Metais, com sede em Lisboa (**Fig. 392**).

Fig. 390 – Comemorações dos 20 anos do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, no Palácio Anjos (Algés), em 2008, com a apresentação pública do volume 16 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, de Homenagem ao Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira, acompanhada da oferta a todos os Autores de uma escultura de cobre assente em placa, comemorativa daquele aniversário, reproduzindo um suídeo, de barro, recolhida no nível de ocupação do Neolítico Final do povoado pré-histórico de Leceia. Na mesa, do lado esquerdo do Autor, no uso da palavra, o Eng. Thomas North e o Prof. Doutor Miguel Telles Antunes; do seu lado direito, o Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, que presidiu à sessão, o Dr. Luís Raposo, Director do Museu Nacional de Arqueologia e o Prof. Doutor Carlos Fabião.

Fig. 391 – Escultura fundida, de cobre, assente em placa, comemorativa dos 20 anos do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, reproduzindo um suídeo, de barro, recolhido no nível de ocupação do Neolítico Final do povoado pré-histórico de Leceia.

Fig. 392 – 2008 – Execução artesanal da escultura fundida de cobre da **Fig. 391** pela firma Salvador Nunes Cid Herdeiros, Fundições de Metais (Lisboa).

2009

Por Ofício endereçado pela Câmara Municipal de Torres Vedras ainda no ano de 2008 foi solicitada a cedência de um anzol de cobre recolhido nas escavações realizadas no povoado pré-histórico de Leceia, para integrar a exposição temporária "Um pouco mais de Azul/Um pouco mais de Vento", patente ao público até Setembro de 2009 no Museu Municipal Leonel Trindade.

A 15 de Abril de 2009, foi pedido, pelo Director do Museu Nacional de Arqueologia, no âmbito da "Exposição Vasos Campaniformes", patente ao público naquele Museu entre 15 de Maio e 15 de Outubro de 2009, o empréstimo de um conjunto de fragmentos cerâmicos recolhidos nos sítios arqueológicos de Leceia e Monte do Castelo (Leceia), o qual, tendo sido foi despachado favoravelmente, viabilizou a exposição pública daqueles exemplares, constituindo mais um contributo para a divulgação, ao mais alto nível, da estação arqueológica de Leceia.

Mais tarde, a 17/9/2009, foi proposta pelo Autor a transferência do espólio gráfico, correspondente à componente arqueológica da Expo "Celebrar Oeiras – 250 anos", comemorativa dos 250 anos de criação do concelho de Oeiras, do pavilhão da Fundição de Oeiras, para a Sala do Salitre da Fábrica da Pólvora de Barcarena, que teve a concordância do Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais, o que viabilizou a organização de uma exposição permenente, naquele importante espaço patrimonial dedicada à Arqueologia do concelho de Oeiras. O ano de 2009 foi preenchido a organizar e preparar a referida exposição, sob responsabilidade directa do Autor, contendo os espólios mais representativos em posse do CEACO das diversas etapas da evolução humana representadas no território oeirense. Nela, o povoado pré-histórico de Leceia está convenientemente representado, complementando os materiais expostos a informação apresenta da na vizinha exposição monográfica

a ele dedicada. Merece destaque o grande vaso campaniforme liso, restaurado em 2010, que corresponde ao maior exemplar conhecido em território português (**Fig. 368**).

2010

Neste ano, o CEACO foi convidado pela Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses a estar representado na Festa da Arqueologia, que teve lugar na sua sede, no Museu Arqueológico do Carmo, nos dias 3 e 4 de Julho.

Esta iniciativa, destinada a dar a conhecer de forma atraente a Arqueologia às famílias, teve assinalável presença de público, constituindo deste modo uma importante oportunidade de apresentar publicamente, de forma alargada, as actividades que iam sendo desenvolvidas pelo CEACO. O mesmo esteve representado com um "stand" incluindo uma maquete do povoado pré-histórico de Leceia, a revista "Estudos Arqueológicos de Oeiras", e ainda diversos desdobráveis e outras publicações de arqueologia publicadas ao longo dos anos (**Fig. 393**).

2011

A 16 de Junho de 2011 foi inaugurada pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais, a exposição permanente "Arqueologia do Concelho de Oeiras" (**Figs. 394, 395**), organizada na

Fig. 393 – Colaboração institucional com a Associação dos Arqueólogos Portugueses na 1.ª edição da Festa da Arqueologia, em 2010, através da apresentação de um stand alusivo ao povoado pré-histórico de Leceia.

Fig. 394 – Inauguração da Exposição Permanente "Arqueologia do Concelho de Oeiras", na Casa do Salitre da Fábrica da Pólvora de Barcarena, em 2011, pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras Dr. Isaltino Morais.

antiga "Casa do Salitre" da Fábrica da Pólvora de Barcarena. Na mesma altura, foi feita a publicação do respectivo catálogo, que, sob a designação "Arqueologia do Concelho de Oeiras – do Paleolítico Inferior Arcaico ao século XVIII", correspondente a um verdadeiro roteiro onde os exemplares expostos foram integrados nos respectivos contextos histórico-arqueológicos, correspondentes à caracterização dos locais onde foram recolhidos (CARDOSO, 2011). É de salientar que a preparação deste catálogo contou com as importantes colaborações de técnicos da CMO, designadamente do fotógrafo Carlos Santos e da designer Rosa Pascoal do núcleo criativo do Gabinete de Comunicação.

2012

Em 2012 o CEACO foi de novo convidado pela Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses a estar representado na Festa da Arqueologia, que teve lugar na sua sede, no Museu Arqueológico do Carmo. Esta iniciativa destinou-se a divulgar a Arqueologia junto de todos, especialmente das famílias. Com assinalável presença de público, constituiu mais uma importante oportunidade de dar a conhecer, de forma alargada, as actividades que iam sendo desenvolvidas pelo CEACO. A 2.ª edição realizou-se entre os dias 4 e 6 de Maio de 2012, tendo o CEACO apresentado, no seu stand, uma maquete do povoado pré-histórico de Leceia, todos os números da revista "Estudos Arqueológicos de Oeiras" destinados a dar a conhecer ao grande público esta importante publicação periódica de Arqueologia, réplicas de artefactos arqueológicos destinados a serem manuseados pelos visitantes, e ainda diversos desdobráveis e outras publicações de arqueologia que o CEACO tem promovido ao longo dos anos (**Fig. 396**).

Fig. 395 – Vista geral da Exposição Permanente "Arqueologia do Concelho de Oeiras", pouco tempo depois da sua inauguração na antiga Casa do Salitre da Fábrica da Pólvora de Barcarena.

Fig. 396 – Colaboração institucional com a Associação dos Arqueólogos Portugueses na 2.ª edição da Festa da Arqueologia, em 2012, através da apresentação de um stand alusivo ao povoado pré-histórico de Leceia.

No âmbito deste evento, foi estabelecido um programa "non stop" de visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, com horas fixas pré-definidas de partidas e de chegadas ao Largo do Carmo, de autocarros da CMO, iniciativa que potenciou o conhecimento directo da realidade oferecida por aquela estação arqueológica.

2013

De novo a convite da Associação dos Arqueólogos Portuguesas, o CEACO participou na 3.ª edição da Festa da Arqueologia, realizada no Museu Arqueológico do Carmo, de 8 a 9 de Junho, a qual seguiu moldes idênticos aos anteriores, afigurando-se a sua repetição um sinal evidente de sucesso, e de plena aceitação das famílias à oferta que lhes foi apresentada (**Fig. 397**).

2014

A proposta de realização de um Seminário de Arqueologia, dedicado à figura de Carlos Ribeiro, surgiu para comemorar os 200 anos do seu nascimento, sendo o quarto a ser organizado pelo CEACO. Teve lugar a 23 de Junho de 2014 no Salão Nobre da Academia das Ciências de Lisboa, subordinado ao tema "Carlos Ribeiro, Geólogo e Arqueólogo (1813-1882)", tendo os trabalhos sido presididos pelo Senhor Vice-Presidente da Academia das Ciências de Lisboa e Presidente da Classe de Ciências, Prof. Eng. Luís Aires-Barros, a cuja intervenção se seguiram as Comunicações dos Conferencistas.

Fig. 397 – Colaboração institucional com a Associação dos Arqueólogos Portugueses na 3.ª edição da Festa da Arqueologia, em 2013, através da apresentação de um stand alusivo ao povoado pré-histórico de Leceia.

No final das comunicações, o Seminário terminou com a apresentação do volume 20 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, com a presença do Sr. Vice-Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Sr. Carlos Morgado, dedicado a homenagear a memória do ilustre geólogo e arqueólogo, que publicou as comunicações apresentadas ao longo da tarde, cuja evocação, a cargo do Autor, não deixou de salientar a sua importância na identificação, primeira exploração e publicação dos resultados respeitantes ao povoado pré-histórico de Leceia.

2015

A 11 de Dezembro de 2015, teve lugar a apresentação pública do volume 21 da revista "Estudos Arqueológicos de Oeiras", no Salão Nobre do Palácio Marquês de Pombal em Oeiras, antecedendo a inauguração da Exposição "Arqueologia subaquática do Concelho de Oeiras", contando com as intervenções do Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Paulo Vistas, do Prof. Doutor João Paulo Oliveira e Costa, Director do Centro de História d'Aquém e d'Além Mar (FCSH/UNL) e do Arq. João Carlos Santos, Director-Geral do Património Cultural, a que se seguiu a intervenção do Autor, que efectuou depois a visita guiada à exposição. O volume contém uma síntese, da responsabilidade do Autor, dedicada ao estudo da presença campaniforme no território português, na qual as informações fornecidas pelas estruturas, cronologias e espólios campaniformes recuperados em Leceia constituem parte importante do referido contributo (CARDOSO, 2014 c).

2017

Face à visibilidade e importância dos resultados obtidos no CEACO respeitantes às investigações de Arqueologia nele desenvolvidas, justificava-se a realização de um colóquio internacional inteiramente organizado pela Câmara Municipal de Oeiras através do CEACO, dando continuidade às duas reuniões anteriormente realizadas em parceria com a Sociedade de Geografia de Lisboa. O colóquio, subordinado ao título: "1.º Colóquio Internacional História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia", teve lugar no Auditório da Câmara Municipal de Oeiras na Universidade Atlântica, na Fábrica da Pólvora de Barcarena, a 27 de Maio de 2017. Após a abertura pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Paulo Vistas, seguiram-se as Comunicações dos Conferencistas, contando com a presença de 70 participantes. O povoado pré-histórico de Leceia foi abordado e apresentado pelo Autor, no quadro da problemática das fortificações calcolíticas peninsulares, seu significado e conexões mediterrâneas ao longo do 3.º milénio a.C.

No mesmo dia, após o encerramento desta reunião científica, teve lugar a apresentação do volume 23 da "Revista Estudos Arqueológicos de Oeiras" (2016-2017), dedicado a homenagear a memória do arqueólogo Rui Boaventura (**Fig. 398**) no pátio do Museu da Pólvora Negra, em singela mas significativa cerimónia presidida pelo Dr. Paulo Vistas, Presidente da Câmara Municipal de Oeiras.

2018

A 20 de Outubro de 2018, teve lugar a Comemoração do XXX aniversário do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, no Edifício do Salitre, na Fábrica da Pólvora de Barcarena, em cerimónia presidida pelo Vereador Doutor Pedro Patacho, em representação do Presidente da

Fig. 398 – Apresentação do volume 23 dos Estudos Arqueológicos de Oeiras, de Homenagem à Memória de Rui Boaventura, no encerramento do 1.º Colóquio Internacional "História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia", organizado pelo CEACO e realizado no Auditório da Câmara Municipal de Oeiras na Universidade Atlântica, Fábrica da Pólvora de Barcarena, no dia 25 de Maio de 2017. O Presidente da Câmara Municipal de Oeiras Dr. Paulo Vistas no uso da palavra, acompanhado do Director do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa Prof. Doutor Carlos Fabião, do Autor e da viúva do homenageado. À esquerda desta, observam-se ainda a Prof.ª Doutora Ana Catarina Sousa e o Dr. Rui Mataloto, colegas, colaboradores e amigos do homenageado.

Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais. Compareceram os Prof. Doutor Carlos Fabião da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Director do respectivo Centro de Arqueologia, o Dr. António Carvalho, Director do Museu Nacional de Arqueologia, a Dr.ª Catarina Coelho, Directora da Direcção dos Bens Culturais da DGPC, e o Prof. Doutor Jean Guilaine, Membro do Instituto de França e Professor Honorário do Colégio de França (Paris), convidado especial da Câmara Municipal de Oeiras para esta cerimónia, para além de numerosos convidados.

O Prof. Doutor Jean Guilaine proferiu a comunicação, em francês, "As Cerâmicas campaniformes da Europa Ocidental (3.º milénio a.C.)" (**Fig. 399**), depois de ter visitado as exposições permanentes de Arqueologia patentes ao público na Fábrica da Pólvora de Barcarena sob gestão deste Centro de Estudos Arqueológicos, fazendo-se fotografar com o Autor junto do maior vaso campaniforme recolhido em território português, oriundo de Leceia (**Fig. 368**).

Participou, ainda, na apresentação do volume 24 dos Estudos Arqueológicos de Oeiras, comemorativo do XXX aniversário do CEACO, com a presença de cerca de 70 convidados na sessão que antecedeu a sua conferência. Nesta sessão, usaram da palavra, além do signatário, e do Doutor Pedro Patacho, o Prof. Doutor Carlos Fabião e o Dr. António Carvalho, que se debruçaram sobre os conteúdos

Fig. 399 – Conferência do Prof. Jean Guilaine sobre o campaniforme no espaço europeu, no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, em 2018, integrada nas comemorações do seu trigésimo aniversário.

do volume e sobre a importância desta colecção no panorama nacional e internacional editorial da especialidade, valorizando a sua existência, no quadro actual do Poder Autárquico.

Naquele volume foram publicadas as comunicações apresentadas ao 1.º Colóquio Internacional "História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia", realizado em Maio de 2017 (**Fig. 400**).

2019

Dando seguimento aos Colóquios de Arqueologia organizados pelo CEACO, foi realizado o 2º Colóquio Internacional "História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia" no dia 19 de Outubro de 2019 na Fábrica da Pólvora de Barcarena, Casa do Salitre – Sala de Arqueologia Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira, tendo contado com a presença de cerca de 50 participantes (**Fig. 401**).

Sucedeu-se a apresentação do Volume 25 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, que esteve a cargo do Prof. Doutor Martín Almagro-Gorbea da Universidade Complutense de Madrid e membro da Real Academia de la Historia (**Fig. 402**), destacando os conteúdos mais relevantes do volume e, simultaneamente, a importância desta publicação científica no seu contexto internacional no domínio da investigação da Arqueologia. De sublinhar que neste volume foi publicado contributo sobre o coberto vegetal vigente ao longo da ocupação do povoado pré-histórico de Leceia, no decurso do 3.º milénio a.C., com base na análise antracológica dos carvões nele recolhidos (MONTEIRO & CARDOSO, 2019).

Fig. 400 – Apresentação pública do volume 24 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* em 2018. Intervenção do Doutor Pedro Patacho, Vereador da Câmara Municipal de Oeiras, em representação do Presidente Dr. Isaltino Morais. Na mesa, além do Autor, o apresentador do volume, Prof. Doutor Carlos Fabião, Diretor do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

Fig. 401 – 2019 – Vista parcial da assistência ao 2.º Colóquio Internacional "História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia", realizado na sala Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira, Fábrica da Pólvora de Barcarena, em 2019. No uso da palavra, a Prof.ª Doutora Ana Margarida Arruda.

2020

Em 2020 foram publicados e distribuídos pelas permutas mantidas com revistas nacionais e internacionais pelo CEACO os volumes 26 e 27 da revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. No primeiro, publicou-se o estudo analítico por métodos não invasivos da totalidade da colecção de artefactos de cobre recolhidos em Leceia no decurso das escavações, realizado por uma equipa integrando o Autor e investigadores do Laboratório Hércules, da Universidade de Évora (CARDOSO et al., 2020) dando seguimento ao trabalho pioneiro publicado anteriormente (CARDOSO & GUERRA, 1997/1998), e um estudo monográfico sobre um machado de bronze de alvado, do Bronze Final, achado na década de 1920 nas proximidades do povoado pré-histórico de Leceia (CARDOSO, 2020 b).

No segundo volume publica-se o artigo intitulado "Evocação do povoado pré-histórico de Leceia através de um monumento impressivo" (CARDOSO, 2020 c), onde se regista o importante acto público que foi a inauguração do monumento alusivo ao povoado pré-histórico de Leceia, na própria povoação de Leceia.

Fig. 402 – Apresentação do volume 25 dos "Estudos Arqueológicos de Oeiras", em 2019, na Sala Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira, na Fábrica da Pólvora de Barcarena, pelo Prof. Doutor Martín Almagro-Gorbea.

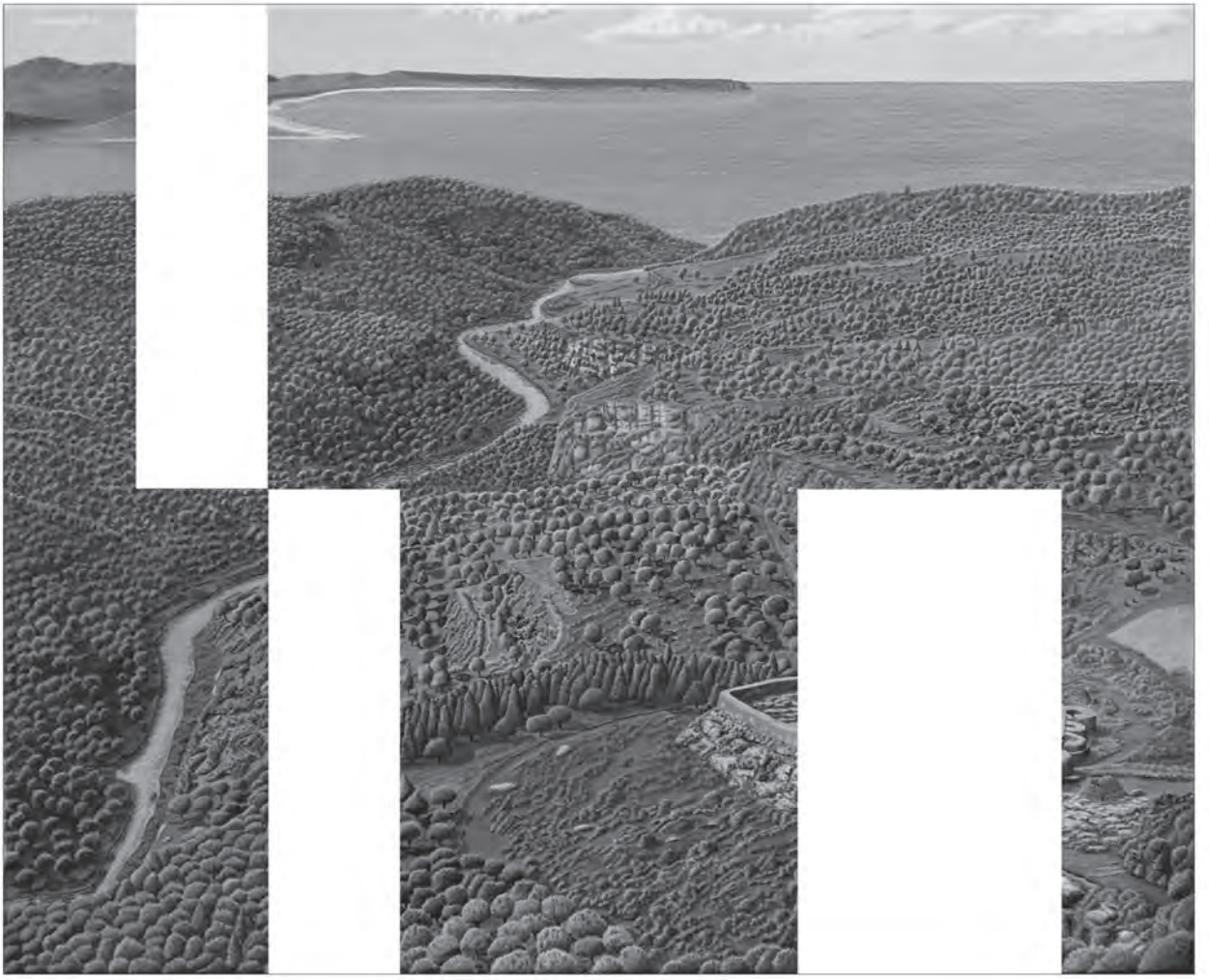
Com efeito, a 10 de Julho de 2020, foi inaugurada em Leceia rotunda rodoviária com monumento alusivo ao povoado pré-histórico de Leceia em cerimónia presidida pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras Dr. Isaltino Morais com a presença da Vereadora Dr.ª Joana Batista, de técnicos da CMO e alguns moradores da zona (**Fig. 403**). O projecto foi da responsabilidade da Arq.ª paisagista Lília Diniz, da Divisão de Estudos e Projectos/CMO (**Fig. 404**).

Fig. 403 – Inauguração do monumento alusivo ao povoado pré-histórico de Leceia, em 2020, implantado em rotunda rodoviária à entrada da povoação de Leceia, com o Autor, ladeado pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais, no uso da palavra.

Fig. 404 – Monumento alusivo ao povoado pré-histórico de Leceia, inaugurado em 2020, implantado em rotunda rodoviária situada à entrada da povoação de Leceia.

catorze

PALESTRAS, CONFERÊNCIAS E COMUNICAÇÕES



Foram elencadas, até ao presente, 59 palestras / conferências sobre o povoado pré-histórico de Leceia proferidas pelo Autor:

1984

1 – "O povoado pré-histórico de Leceia". Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário (GTPEQ).

1985

2 – "Leceia – resultados da 1ª e 2ª campanhas de escavação". Comunicação apresentada em reunião do Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário (GTPEQ), em Dezembro de 1985.

1989

3 – "O povoado pré-histórico fortificado de Leceia (Oeiras). Resultados de seis anos de escavações arqueológicas – 1983/1988". Museu Municipal de Almada.

1990

4 – "O povoado pré-histórico fortificado de Leceia (Oeiras)". Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Licenciatura em História).
5 – "Leceia – resultados das escavações efectuadas. Departamento de História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Licenciatura em História, variante de Arqueologia).
6 – "Leceia – trabalhos efectuados, resultados obtidos". Reunião de Lisboa da Organização dos Trabalhadores Científicos (OTC).
7 – "O que é a Arqueologia: algumas reflexões a propósito de Leceia". Gabinete da Juventude da Câmara Municipal de Oeiras.
8 – "Leceia – povoado fortificado do Calcolítico da Estremadura". Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa.

1991

9 – "Leceia – oito anos de escavações arqueológicas". Colégio Militar e Associação dos Amigos dos Castelos.

10 – "O povoado pré-histórico de Leceia". Universidade Lusíada (licenciatura em História).

1992

11 – "O povoado pré-histórico de Leceia: balanço de nove anos de escavações arqueológicas". Escola Superior de Medicina Dentária de Lisboa.

12 – "O povoado pré-histórico de Leceia". Grupo de Estudos do Ordenamento do Território e Ambiente.

13 – "O povoado pré-histórico de Leceia". Lions Club de Portugal.

1993

14 – "O povoado pré-histórico de Leceia". Palestra proferida no âmbito das actividades do Grupo de Estudo das Bacias Sedimentares, da Sociedade Geológica de Portugal.

15 – "O povoado pré-histórico de Leceia a sua integração no Neolítico e Calcolítico da Estremadura". Palestra proferida no âmbito da disciplina "Megalitismo em Portugal", do Mestrado de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

16 – "O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas". Comunicação apresentada ao 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto).

1994

17 – "A exploração do povoado pré-histórico de Leceia: resultados e perpectivas". Palestra apresentada na Biblioteca Operária Oeirense.

1996

18 – "O Ambiente e a Sociedade: o povoado pré-histórico de Leceia como exemplo de interacção desarmoniosa no IV e III milénios a.C." Palestra apresentada no 1 º. Fórum da Sustentabilidade de Oeiras – Oeiras XXI, promovido pela Câmara Municipal de Oeiras.

1998

19 – "Génese, apogeu e declínio do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras (IV – III milénios a. C.) – exemplo de desenvolvimento não sustentado na Estremadura no III Milénio a. C.". Palestra apresentada em Assembleia Geral Ordinária da Academia Portuguesa da História (7/01/1998).

1999

20 – "Leceia (Oeiras, Portugal) dans le cadre des sites fortifiés chalcolithiques du Centre et Sud du Portugal: résultats de seize ans de fouilles archéologiques (1983-1998)". Palestra proferida no Cercle Genevois d´Archéologie, Département d´Anthropologie et d´ Écologie, Université de Genève.

21 – "O "fenómeno" campaniforrne". Comunicação ao Colóquio "Pré-História e Proto-História – novos caminhos de investigação)". Academia Portuguesa da História, em Fevereiro. De col. com M. Farinha dos Santos;

22 – "A troca de produtos na Pré-História na região de Oeiras". Palestra proferida nos Encontros "Arte e Dinheiro". Câmara Municipal de Oeiras/Galeria Verney.

23 – "O Calcolítico do vale do Tejo". Palestra proferida no Colóquio Arqueologia do vale do Tejo. Instituto Geológico e Mineiro/Centro Português de Geo-História e Pré-História.

2000

24 – "Oeiras, o Tejo e o Mar: uma relação ancestral (da Pré-História à época romana) – Palestra apresentada no V Encontro de História Local do concelho de Oeiras "Oeiras e a Expansão", promovido pela Câmara Municipal de Oeiras.

2001

25 – "O Calcolítico da Estremadura visto através de um dos seus mais importantes sítios: o povoado pré-histórico de Leceia". Palestra apresentada aos alunos de Licenciatura do Seminário de Arqueologia dirigido pelo Prof. Doutor Victor S. Gonçalves (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

26 – "Recursos minerais e sua exploração na Pré-História portuguesa: o abastecimento em anfibolitos do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) "– Palestra proferida no VI Annual meeting International Commission on the History of Geological Sciences – Portugal, subordinado ao tema "Geological Resources and History". Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa.

2003

27 – "Bell beaker relationships along the atlantic coast: preliminary data from the fortified chalcolithic site of Leceia (Oeiras, Portugal)". Comunicação ao VII European Meeting on Ancient Ceramics (Lisboa, 2003). Em colaboração com G. Querré, e L. Salanova.

28 – "Génese e desenvolvimento dos povoados fortificados na Idade do Cobre da Estremadura portuguesa no quadro da intensificação económica do 3º. Milénio a.C.". Palestra proferida na Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa.

29 – "A exploração agro-pastoril, na região oeirense, no decurso da Pré-História". Comunicação apresentada ao VI Encontro de História Local do Concelho de Oeiras (Oeiras, 2003), em co-autoria com G. Cardoso.

30 – "O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, valorização, e divulgação do património arqueológico nacional". Conferência apresentada à Mesa-redonda "Recintos murados da Pré-História recente: técnicas construtivas e organização do espaço. Conservação, restauro e valorização patrimonial de arquitecturas pré-históricas", organizada pelo Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

31 – "O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, valorização, e divulgação do património arqueológico nacional". Conferência apresentada às VI Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

2004

32 – "O povoado pré-histórico de Leceia". Palestra proferida na Associação Cultural de Tercena.

33 – "Arqueologia em Oeiras: percursos da presença humana". Palestra proferida a alunos e professores estagiários da Escola Secundária Aquilino Ribeiro (Talaíde).

34 – "O povoado pré-histórico de Leceia". Palestra proferida no âmbito das Jornadas Europeias do Património organizadas pela Câmara Municipal de Oeiras.

2005

35 – "Leceia: a evolução do sistema defensivo". Comunicação seguida de visita de estudo ao povoado pré-histórico de Leceia dos participantes do Colóquio Internacional "*Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal 3500 a 2000 a.n.e.*". Cascais, 6 a 9 de Outubro de 2005.

36 – "Analyses de sites campaniformes de l´Estremadura portugaise". Comunicação apresentada em "*Mécanismes de circulation des vases campaniformes. Table Ronde de Nanterre (France)"*, 2-5 Mars 2005.

2006

37 – "Cultual artefacts of the prehistoric settlement of Leceia (Oeiras, Portugal)". Comunicação apresentada ao XV Congresso da União Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, reunido em Lisboa em Setembro de 2006.

38 – "O povoado pré-histórico de Leceia no quadro das fortificações do III milénio a.C. do ocidente peninsular". Comunicação apresentada ao XV Congresso da União Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, reunido em Lisboa em Setembro de 2006, e visita guiada ao povoado pré-histórico de Leceia dos participantes.

39 – "A profissão de arqueólogo e a arqueologia no concelho de Oeiras". Palestra aos alunos do 12º ano de escolaridade da Escola Secundária Sebastião e Silva (Oeiras), integrada num ciclo sobre saídas profissionais, promovido por responsáveis daquele estabelecimento de ensino.

2007

40 – "A presença campaniforme na Baixa Estremadura. Novas observações". Comunicação apresentada à Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa.

41 – "O marfim, expressão das relações comerciais e culturais estabelecidas entre a Estremadura portuguesa e o Mediterrâneo no decurso do Calcolítico: as evidências reconhecidas no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)". Comunicação apresentada ao I Colóquio de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa/Câmara Municipal de Oeiras, em Outubro (**Fig. 405**).

2008

42 – "O povoado pré-histórico fortificado de Leceia (Oeiras). Síntese de 20 anos de investigações". Palestra proferida na Associação de Arqueologia da Amadora-ARQA, no âmbito de ciclo de palestras promovidas por aquela Associação.

43 – "O Sagrado na Pré-História: exemplos do povoado de Leceia, Oeiras". Palestra proferida no âmbito das comemorações do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, promovidas pela Câmara Municipal de Oeiras (Galeria Verney), subordinada ao tema "Património Religioso e Espaços Sagrados".

Fig. 405 – Comunicação apresentada pelo Autor ao I Colóquio de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa/Câmara Municipal de Oeiras, realizado em 2007, "O marfim, expressão das relações comerciais e culturais estabelecidas entre a Estremadura portuguesa e o Mediterrâneo no decurso do Calcolítico: as evidências reconhecidas no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras)", de colaboração com T. X. Schuhmacher.

44 – “Leceia, paradigma da defesa, valorização, divulgação e animação do Património arqueológico português”. Palestra proferida nas Jornadas de Arqueologia do vale do Tejo em território português – Museu da Cerâmica de Sacavém.

45 – “Vasos campaniformes, símbolos de uma comunidade cultural europeia há 5000 anos” e “A presença campaniforme na região ribeirinha a norte do estuário do Tejo: novos elementos”. Palestras sobre o povoado pré-histórico de Leceia e visita guiada ao local dos participantes do Encontro Internacional de Arqueologia organizado pelo Instituto Arqueológico Alemão e pela Câmara Municipal de Torres Vedras.

46 – “Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). Balanço de vinte anos de actividade; perspectivas futuras de actuação”. Comunicação no Encontro Nacional “Arqueologia e Autarquias”, promovida pela Associação Profissional de Arqueólogos em colaboração com a Câmara Municipal de Cascais (25 e 27 de Setembro).

47 – “A Valorização turístico-cultural de bens imóveis de interesse arqueológico em meio rural e urbano: algumas experiências pessoais (Concelho de Oeiras)”. Comunicação no IX Encontro do Património do Algarve, promovido pela Câmara Municipal de Albufeira.

2009

48 – “O povoado fortificado de Leceia (Oeiras): paradigma da investigação, protecção e valorização do património arqueológico em Portugal”. Conferencista convidado do Núcleo de Estudantes de História da Universidade de Évora no âmbito da 1.ª Semana de História e Arqueologia.

2011

49 – “Utilización de la fluorita en la joyería neolítica-calcolítica. El ejemplo de Leceia (Portugal)”. Comunicação apresentada ao IX Congresso Ibérico de Arqueometria. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. Em col. com S. Domínguez-Bella & J. Martínez López.

50 – “A evolução do paleoestuário da ribeira de Barcarena entre os finais do VI milénio e os finais do III milénio a.C. segundo o registo malacológico”. International Conference Prehistory of Wetlands – landscapes of salt. Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal/Administração dos Portos de Setúbal e Sines.

2012

51 – “Human bones from chalcolithic walled enclosures of Portuguese Estremadura: examples of Zambujal and Leceia”. Comunicação apresentada ao Colóquio Recent pre-history enclosures and funerary practices. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. Em col. com M. Kunst e A. J. Waterman.

52 – “Leceia: vida e morte de um povoado pré-histórico”. Palestra proferida no ciclo de conferências da Associação Cultural de Oeiras – Espaço e Memória.

2013

53 – "Leceia". Conferência integrada no Seminário "Arqueologia em Portugal no século XX". Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa/Instituto de Estudos Académicos para Séniores Adriano Moreira.

2015

54 – "O Centro de Estudos Arqueológicos do concelho de Oeiras: vinte e sete anos de investigação, divulgação e valorização do património arqueológico de Oeiras." Palestra proferida na Sociedade de Geografia de Lisboa, no âmbito do Seminário "Arqueologia e seus públicos: comunicar, divulgar e preservar a memória":

2017

55 – "Os povoados fortificados da Baixa Estremadura: uma abordagem historiográfica". Conferência apresentada ao "1.º Colóquio Internacional História das Ideias e dos Conceitos

Fig. 406 – O Autor, no decurso da sua comunicação ao 1.º Colóquio Internacional "História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia", realizado no dia 27 de Maio de 2017: "Os povoados fortificados da Baixa Estremadura: uma abordagem historiográfica", organizado pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras no auditório da Universidade Atlântica, na Fábrica da Pólvora de Barcarena, acompanhado na ocasião do Presidente da Câmara Municipal de Oeiras Dr. Paulo Vistas.

em Arqueologia", organizado pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras / Câmara Municipal de Oeiras e realizado no anfiteatro da Universidade Atlântica, na Fábrica da Pólvora de Barcarena (**Fig. 406**).

2018

56 – "O povoado pré-histórico de Leceia". Palestra apresentada na sede da empresa farmacêutica Pfizer, em Oeiras, a convite da mesma.

2019

57 – "O Orientalismo revisitado: acerca da génese do Calcolítico do ocidente peninsular". Comunicação apresentada no 2.º Colóquio Internacional História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia, organizado pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras / Câmara Municipal de Oeiras e realizado na sala Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira, na Fábrica da Pólvora de Barcarena.

2021

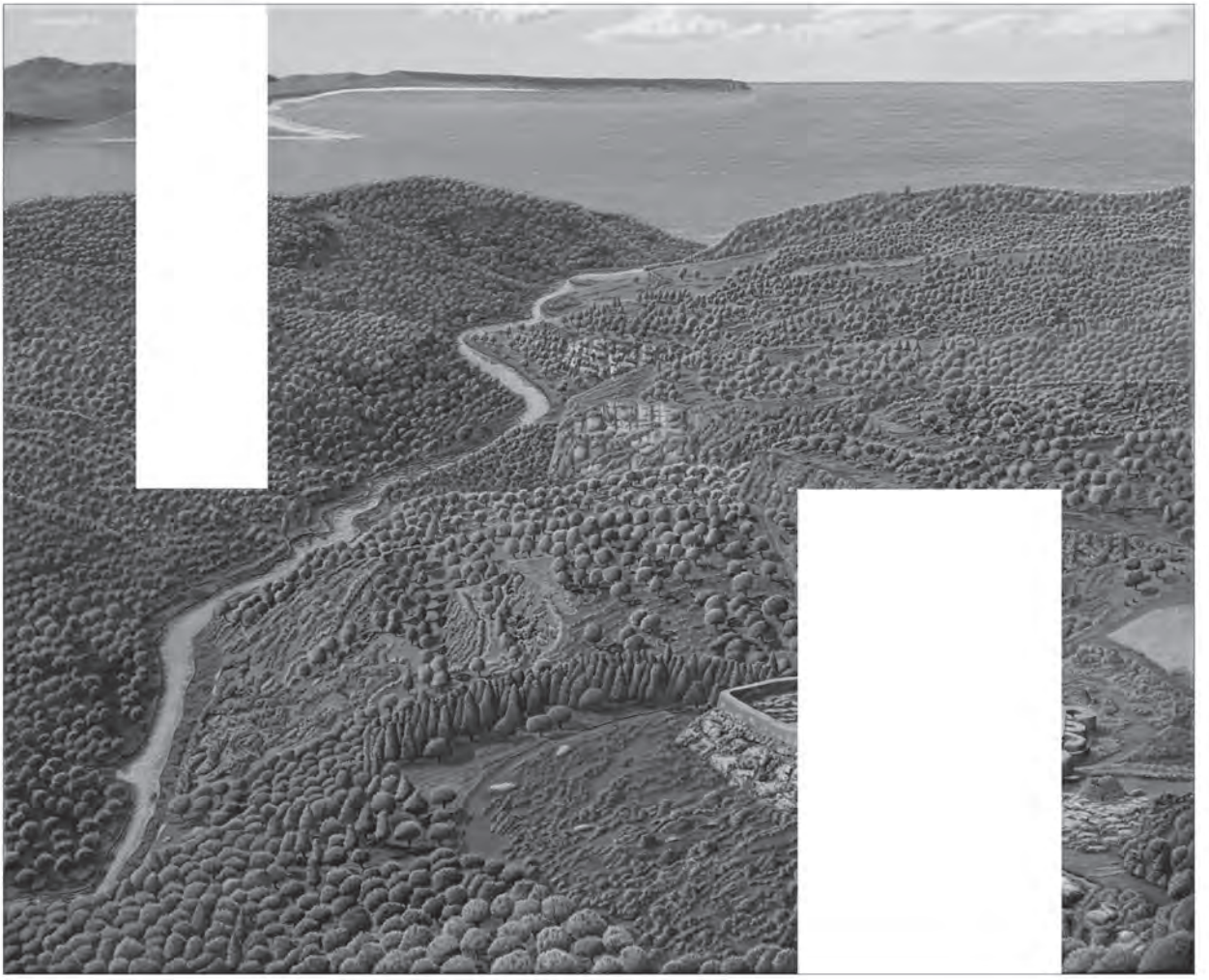
58 – "Leceia, Moita da Ladra e Outeiro Redondo: semelhanças e diferenças de três sítios muralhados da Estremadura portuguesa". Colóquio "Vila Nova de São Pedro 1971/2021: cinquenta anos de investigação sobre o Calcolítico, no Ocidente peninsular", realizado em Lisboa, na sede Associação dos Arqueólogos Portugueses e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

59 – "O povoado pré-histórico de Leceia, exemplo de exploração integrada dos recursos naturais no terceiro milénio antes de Cristo". Conferência integrada na realização da Exposição "Fortificações de Oeiras, Património do Tejo e do Mundo", organizada pela Associação Cultural de Oeiras, no Centro Cultural Palácio do Egipto.

As intervenções públicas do Autor realizadas ao longo dos anos interessaram públicos diversos, tanto de especialistas em diversas áreas científicas, com destaque naturalmente para os arqueólogos, como muitos outros, designadamente o público escolar e os habitantes do concelho de Oeiras. São de destacar as intervenções realizadas no âmbito de reuniões nacionais e internacionais, algumas delas organizadas pela Câmara Municipal de Oeiras de parceria com outras instituições prestigiadas,, para além das palestras efectuadas no estrangeiro sobre Leceia, tanto em Lyon como em Genebra, para as quais o Autor foi especialmente convidado.

quinze

PUBLICAÇÕES



Desde o início dos trabalhos de campo realizados no povoado pré-histórico de Leceia foi considerada prioritária a publicação atempada e regular dos resultados científicos que se fossem obtendo. Esta preocupação acompanhou a divulgação de tais resultados através das palestras e conferências elencadas no capítulo anterior, na convicção de que a palavra escrita é sempre mais eficaz, duradoura e de efeitos mais consequentes da que fica apenas dita.

Nesse sentido, foi considerada prioritária a preparação de textos susceptíveis de manterem os conhecimentos actualizados sobre os resultados obtidos no campo, ao mesmo tempo que se valorizou a procura de novos caminhos metodológicos para o estudo dos respectivos materiais, valorizando a interdisciplinaridade, através da viabilização de colaborações científicas inovadoras, brevemente caracterizadas no Capitulo 11.

Foram até o presente produzidas 110 publicações científicas sobre o povoado pré-histórico, elaboradas por vezes em colaboração com outros investigadores, as quais podem ser discriminadas da seguinte forma (QUADRO 8):

QUADRO 8 – Livros e artigos científicos relativos ao povoado pré-histórico de Leceia produzidos no âmbito da investigação desenvolvida

Bibliografia	**N.º**
Livros / monografias	8
Artigos de síntese	28
Artigos sobre ocupações específicas	10
Estudos monográficos de materiais arqueológicos	56
Artigos de divulgação patrimonial	5
Catálogos	3
TOTAL	**110**

Apresenta-se de seguida a caracterização de cada um daqueles grupos bibliográficos.

As oito obras monográficas de que o Autor foi responsável foram publicadas pela Câmara Municipal de Oeiras em 1982, 1987, 1989, 1994, 1997, 2000, 2003 e 2004.

1 – *O castro de Leceia* (1982). Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, 43 p.

Obra complementar do estudo sistemático da colecção do Escultor Álvaro de Brée, onde se desenvolve o estudo do conjunto cerâmico que integra aquela colecção, de recolha exclusivamente superficial, ou desprovida de indicações estratigráficas precisas.

2 – *Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia* (1987). Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, 24 p. De col. com C. Tavares da Silva e J. Soares.

Volume elaborado no âmbito da exposição realizada no Palácio do Egipto, em Oeiras e editada pela Câmara Municipal de Oeiras. Trata-se de síntese da informação recolhida nas quatro primeiras campanhas de escavação realizadas no povoado (1983-1986).

3 **–** *Leceia – resultados das escavações realizadas 1983-1988* (1989). Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.

Trabalho monográfico com assinalável desenvolvimento, que resume os principais resultados arqueológicos obtidos, nas seis primeiras campanhas ds escavações, de 1983 a 1988. Apresenta ampla selecção de fotografias de estruturas e aspectos arquitectónicos observados em campo, materiais arqueológicos e primeiros resultados das datações obtidas por radiocarbono.

Esta obra foi objecto de recensão crítica de Almudena Hernando Gonzalo em **Trabajos de Prehistoria**. Madrid. 47 (1990), p. 389-394.

4 – Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial* (1994). Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, 164 p.

Volvidas 11 campanhas de escavações (1983-1993), surge, em 1994, o primeiro número especial da série "Estudos Arqueológicos de Oeiras". Obra com uma documentação gráfica a cores, muito expressiva, composta por 138 figuras, representando selecção de fotos inéditas de várias estruturas e pormenores construtivos identificados no povoado, materiais e desenhos de peças arqueológicas, acompanhados de planta da área escavada actualizada, e indicação das cinco fases construtivas, distribuídas pelas três fases culturais correspondentes, em desdobrável publicado a cores. O volume inclui duas versões abreviadas, em Inglês e Francês.

Esta obra, apresentada publicamente no dia 25 de Maio de 1994, deu origem a um comentário crítico, assinado por Carlos Tavares da Silva, publicado na revista ***Al-Madan***, intitulado: "Escavações no povoado fortificado de Leceia – um caso exemplar". *Al-Madan*, S.II, vol. 3, p. 136. Este texto foi transcrito, na íntegra, em 1995, no volume 5 da revista "*Estudos Arqueológicos de Oeiras"*, pág. 376-378.

Esta obra foi, igualmente, objecto de recensão crítica da autoria de J. Léon Leurquin na revista **L'Anthropologie**. Paris. 101 (1997), p. 277-278.

5 – *O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo* (1997). Lisboa/ Oeiras. Museu Nacional de Arqueologia, Câmara Municipal de Oeiras, 128 p.

Monografia associada à exposição: "Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo", realizada no Museu Nacional de Arqueologia, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, comissariada e organizada pelo Autor, numa parceria entre o Museu Nacional de Arqueologia e a Câmara Municipal de Oeiras. Nela se apresentam os resultados das 14 campanhas de escavações arqueológicas até então realizadas, sendo a descrição, no respeitante às unidades arquitectónicas, organizada de acordo com as tipologias das mesmas, depois de devidamente identificadas. Salienta-se o contributo inédito corporizado pelos resultados cronométricos obtidos por 38 datas de radiocarbono, e que permitiram, pela primeira vez, estabelecer em bases sólidas e credíveis, balizas absolutas, com elevada precisão, para as sucessivas fases culturais ali representadas.

Obra distinguida, em 1998, com o prémio Dr. Possidónio Laranjo Coelho da Academia Portuguesa de História.

6 – Sítios, pedras e homens, trinta anos de arqueologia no concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2000). Oeiras. 9, 191 p.

Esta obra constitui um balanço da investigação arqueológica desenvolvida no concelho de Oeiras nos últimos 30 anos, sendo passados em revista sítios e materiais, das várias épocas representadas no concelho de Oeiras evidenciadas pela Arqueologia cuja caracterização e interpretação, integradas num contexto regional, constituem a sua essência, com 191 páginas, servida por ilustrações a cores (CARDOSO, 2000). Apresenta uma síntese dos conhecimentos, com base nos testemunhos considerados mais importantes ou significativos das presenças humanas, desde o Paleolítico Inferior arcaico até à Alta Idade Média, anterior à Nacionalidade. O povoado pré-histórico de Leceia possui, como não podia deixar de ser, um desenvolvido estudo, fazendo a síntese dos conhecimentos até então adquiridos, numa perspectiva já de natureza historiográfica.

Obra distinguida, em 2002, com o prémio Aboim Sande Lemos, da Academia Portuguesa da História.

Esta obra foi objecto de uma recensão crítica de José d'Encarnação, publicada na **Revista Portuguesa de História**. Coimbra. 35 (2001/2002), p. 641-645.

7 – *O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português. Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002)* (2003). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 70 p.

Obra apresentada a 28 de Novembro de 2003, aquando da inauguração da requalificação da entrada do povoado pré-histórico de Leceia, alusiva aos principais resultados obtidos em vinte anos de escavações arqueológicas no povoado pré-histórico de Leceia.

A obra também aborda outras temáticas, de forma sintética, como os aspectos institucionais, os relacionados com a valorização e divulgação da estação, e as perspectivas de desenvolvimento de tais objectivos. Em anexo, é fornecida toda a bibliografia concernente à estação arqueológica publicada até então.

8 – A Estremadura portuguesa, dos inícios do III milénio a.C. até à chegada dos Romanos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, volume 12 (2004). Oeiras, 332 p.

Trata-se de extenso trabalho monográfico, profusamente ilustrado, e um dos mais citados no conjunto da bibliografia do Autor, que utiliza de forma sistemática os resultados publicados de natureza arqueológica da investigação até então realizada na área geográfica correspondente à Baixa Estremadura, e onde a informação respeitante a Leceia, naturalmente, se insere, sendo discutida de forma articulada e comparativa face a outras ocorrências comparáveis.

Obra distinguida, em 2004, com o Prémio "Prof. Doutor Pedro Cunha e Serra", da Academia Portuguesa da História.

A segunda categoria bibliográfica diz respeito aos artigos de síntese, contribuindo para uma visão geral do povoado pré-histórico de Leceia. Está representada por 28 artigos, dos quais 15 foram editados em revistas nacionais, 7 em revistas internacionais, e 6 integrados em actas de colóquios nacionais ou internacionais.

A terceira categoria bibliográfica considerada integra os artigos sobre ocupações respeitantes a uma determinada etapa ou fase cultural específica. Está representada por 10 publicações, das quais 6 foram editadas em revistas nacionais, 1 em revista internacional, e 3 integradas em actas de colóquios nacionais ou internacionais. Destaca-se, pela sua importância, o conjunto dos contributos que evidenciam a importância de Leceia para o conhecimento e discussão do "fenómeno" campaniforme, sendo esta a temática mais abordada nesta categoria, representando 70% dos artigos publicados.

A quarta categoria corresponde a artigos monográficos sobre materiais arqueológicos específicos, e é a mais numerosa. Está representada por 56 artigos, dos quais 43 foram editados em revistas nacionais, 11 em revistas internacionais, e 2 integradas em actas de colóquios nacionais ou internacionais.

Destaca-se a importância da revista "Estudos Arqueológicos de Oeiras", como órgão privilegiado para a publicação da investigação arqueológica desenvolvida no CEACO, ao ter acolhido nas suas páginas 32 artigos desta temática, sendo em alguns casos, obras extensas, de incontornável relevância, servindo de referência para outros estudos, editados durante e após as vinte campanhas de escavações efectuadas. É o caso dos estudos publicados sobre a totalidade dos artefactos de pedra polida e pedra lascada, do espólio metálico, das produções cerâmicas decoradas pré-campaniformes e campaniformes, da utensilagem óssea, do uso marfim, da fauna e da microfauna, e dos achados numismáticos, sempre servidos por ilustrações e desenhos arqueológicos de grande qualidade, que fazem do povoado pré-histórico de Leceia o mais completamente caracterizado e exaustivamente estudado do território português.

O Autor foi ainda responsável por 5 publicações sobre política patrimonial em Oeiras, a propósito de Leceia (1991, 1995, 1997/1998, 2003 e 2011), 3 desdobráveis dedicados aos visitantes da estação arqueológica (1989, 1993 e 2009), para além de três catálogos de exposições alusivas a Leceia (1987, no Palácio do Egipto, em Oeiras, realizado artesanalmente e sem referências bibliotecnómicas; 1997, no Museu Nacional de Arqueologia e na Fábrica da Pólvora de Barcarena; e 2011, neste último local, onde Leceia se encontra integrada no contexto da Arqueologia oeirense. Foi também o responsável ou participante em diversas entrevistas e palestras, disponibilizadas no youtube, relativas a Leceia:

1997-09-21 – Horizontes da Memória – Na Barra do Tejo (Oeiras)
Na Barra do Tejo – RTP Arquivos

2003-01-29 – Entre Nós, Raquel Santos entrevista João Luís Cardoso – RTP Arquivos
João Luís Cardoso – RTP Arquivos

2012-07-26 – Leceia vida e morte de um povoado pré-histórico. Conferência proferida pelo Autor, na esplanada da Casa das Queijadas de Oeiras, no âmbito do ciclo Diálogos em Noites de Verão, das Iniciativas de Verão 2012, da Espaço e Memória – Associação Cultural de Oeiras.

João Luís Cardoso – Leceia: vida e morte de um povoado pré-histórico | EMACO (espacoememoria.org)

2014-11-28 – El castro de Leceia. "El túnel del Tiempo", série produzida para a TVE e realizada por Adrian Paredes Galiano. – RTVE.es A la Carta

La aventura del Saber: La Aventura del Saber. Serie documental. El túnel del tiempo. El castro de Leceia | RTVE Play

2019-04-12 – Universidade Aberta. EMISSÃO N.º 156 | Entrevista: João Luís Cardoso, Arqueólogo
https://vimeo.com/329540877

2021-09-27 – Fortificações de Oeiras | Conferências # 07 – O Povoado Pré-Histórico de Leceia
Fortificações de Oeiras | Conferências # 07 – O Povoado Pré Histórico de Leceia – YouTube

2022-04-13 – Povoado pré-histórico de Leceia. Entrevista 'Agenda Cultural 30 Dias em Oeiras' uma parceria entre o Município de Oeiras e a TSF – Rádio Notícias.

Município de Oeiras – Agenda 30 Dias em Oeiras | Facebook

https://www.researchgate.net/publication/360313053_Povoado_pre-historico_de_Leceia
https://www.academia.edu/78205011/Povoado_pr%C3%A9_hist%C3%B3rico_de_Leceia

Enfim, merece ser devidamente destacada a importância do vídeo preparado na íntegra nas instalações do CEACO, por Bernardo Ferreira, com base no guião elaborado pelo Autor. Este documento, animado com cenas do quotidiano reconstituídas por processos digitais, tem sido um importante meio de divulgação de Leceia junto da comunidade escolar do concelho de Oeiras, e do público em geral, encontrando-se disponível gratuitamente desde 2020. Intitula-se:

"Leceia 2500 a. C." e está acessível em:
https://www.oeiras.pt/exposi%C3%A7oes-de-arqueologia
https://www.youtube.com/watch?v=mFghDoNEie4

Apresenta-se de seguida a listagem de todos os contributos publicados no âmbito do estudo deste povoado pré-histórico, desde que o Autor ali iniciou as suas investigações e que se desenvolvem entre 1975 e 2022, exceptuando o trabalho seminal de sua autoria publicado em 1972 na revista juvenil "Ensaio", de natureza circunscrita e desprovido de referenciação bibliotecnómica.

1975

1 – Flauta, chamariz ou negaça de caça, de osso, encontrada no castro de Leceia (Barcarena). *Bol. Cultural da Junta Distrital de Lisboa* (1975). Lisboa. Série III, 81: 57-63. De col. com O. da Veiga Ferreira.

1979

2 – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Nota prévia sobre a colecção de Álvaro de Brée. *Bol. Soc. Geol. Portugal* (1979). Lisboa. 21 (2/3): 265-273.

3 – Análise por fluorescência de Raios X de peças de cobre do castro de Leceia. *Setúbal Arqueológica* (1979). Setúbal. 5: 103-114. De col. com F. Bragança Gil e G. Ferreira.

1980

4 – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 1ª parte. Revista de Guimarães (1980). Guimarães. 90: 211-304.

1981

5 – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 2ª parte. *Revista de Guimarães* (1981). Guimarães. 91: 120-233.

1982

6 – *O castro de Leceia* (1982). Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, 43 p.

1984

7 – O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). 1ª e 2ª campanhas de escavação. *Clio/Arqueologia* (1983/84). Lisboa. 1: 41-68. De col. com C. Tavares da Silva e J. Soares.

1985

8 – Povoado pré-histórico de Leceia – 1983. *Informação Arqueológica* (1985). Lisboa. 5: 86-87. De col. com Tavares da Silva e J. Soares.

1986

9 – O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). *Oeiras – Revista Municipal* (1986). Oeiras. 14: 17-18.

10 – Povoado pré-histórico de Leceia – 1984. *Informação Arqueológica* (1986). Lisboa. 6: 55-56. De col. com J. Soares e C. Tavares da Silva.

11 – Povoado de Leceia – 3ª campanha. *Informação Arqueológica* (1986). Lisboa. 7: 52-53. De col. com C. Tavares da Silva e J. Soares.

1987

12 – *Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia* (1987). Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, 24 p. De col. com C. Tavares da Silva e J. Soares.

13 – Povoado de Leceia (Oeiras) – 1986. *Informação Arqueológica* (1987). Lisboa. 8: 46-52.

1989

14 – *Leceia – resultados das escavações realizadas 1983-1988* (1989). Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.

1991

15 – Notas e comentários à reedição de Ribeiro, C. (1878). Estudos prehistoricos em Portugal. Notícia da estação humana de Licêa. Academia Real das Sciências de Lisboa, 68 p. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1991). Oeiras. 1, 184 p.

16 – A reconstrução de grandes estruturas em povoados calcolíticos. O exemplo de Leceia (Oeiras). *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990). Lisboa (1991): 139-146.

17 – Restos humanos do povoado pré-histórico de Leceia. Estudos de Antropologia física. STOMA – *Cadernos de Estomatologia, maxilo-facial e Medicina Dentária* (1991). Lisboa. 20: 7-14. De col. com Delberto de Aguiar e A. Santinho Cunha.

18 – O Homem Pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1991). Oeiras. 2, 85 p. De col. com A. Santinho Cunha e Delberto de Aguiar.

1992

19 – Acerca de um suporte de lareira do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Al-Madan* (1992). Almada. Série II, 1: 23-26.

1993

20 – Estratégias de ocupação do espaço na área do Concelho de Oeiras, do Paleolítico ao Período Romano: um ensaio. *Actas do I Encontro de História Local do Concelho de Oeiras* (Oeiras, 1991) (1993). Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras: 17-24.

1994

21 – Comentário ao sítio arqueológico de Leceia (Oeiras). *In Lisboa Subterrânea* (1994) (coord. A. M. Arruda). *Catálogo da Exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia* (Lisboa. Capital Europeia da Cultura/94). Lisboa. Instituto Português de Museus: 172-173.

22 – Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial* (1994). Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, 164 p.

23 – L'habitat chalcolithique fortifiée de Leceia. *Les dossiers de l'Archéologie* (1994). Quétigny. Faton. 198: 10-15.

24 – Leceia. *Informação Arqueológica* (1994). Lisboa. 9: 63-64.

25 – "Do Paleolítico ao Romano, investigação arqueológica na área de Lisboa. Os últimos 10 anos: 1984-1993". *Al-Madan* (1994). Almada, S. II, 3, p. 59-74.

1995

26 – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983-1993). *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 1993). Porto (1995). 5: 115-129.

27 – Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia. Elementos para um estudo comparado. In Origens, estruturas e relações das Culturas calcolíticas da Península Ibérica. *Actas das Primeiras Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras* (Torres Vedras, 1987). *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa (1995). 7: 159-168. De col. com J. Soares e C. Tavares da Silva.

28 – Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análise de proveniências. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Lisboa. 5: 123-151. De col. com A. Barros e Carvalhosa.

29 – Estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras. 5: 153-164. De col. com F. Braz Fernandes.

30 – L'avifaune de l'habitat fortifié chalcolithique de Leceia (Oeiras, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras. 5: 165-186. De col. com L. Gourichon.

31 – Ictiofauna do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras. 5: 187-192. De col. com M. Telles Antunes.

32 – Dentes de tubarões miocénicos em contextos pré-históricos portugueses. Estudo comparado dos materiais de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras. 5: 199-211. De col. com M. Telles Antunes.

33 – Os ídolos falange do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras. 5: 213-232.

34 – Possíveis pontas de seta calcolíticas de osso do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras. 5: 233-241.

35 – Cerâmicas decoradas a pente, do Calcolítico Pleno de Leceia (Oeiras) e da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras. 5: 243-249.
36 – Símbolos sexuais do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras. 5: 251-261.
37 – Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1995). Oeiras. 263-276. De col. com A. M. Monge Soares.
38 – Arqueologia, Turismo e Poder Local: o exemplo do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 5, p. 341-347.
39 – Ossos de cetáceo utilizados no Calcolítico da Estremadura. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 5, p. 193-198.

1996

40 – Contribution d'une série de datations C14, provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la chronologie absolue du Néolithique et du Calcolithique de l'Estremadura Portugaise. *Actes du Colloque de Périgueux (1995). Supplément à la Revue d'Archéométrie* (1996). Rennes. 45-50. De col. com A. M. Monge Soares.
41 – A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras. 6: 47-89. De col. com J. Soares e C. Tavares da Silva.
42 – Estatuetas zoomórficas de terracota do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras. 6: 91-106.
43 – Pesos de pesca do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras. 6: 107-119.
44 – Pequenos mamíferos do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1996). Oeiras. 6: 121-133. De col. com M. Telles Antunes e P. Mein.

1997

45 – *O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo* (1997). Lisboa/ Oeiras. Museu Nacional de Arqueologia, Câmara Municipal de Oeiras, 128 p.
46 – Génese, apogeu e declínio das fortificações calcolíticas da Estremadura. *Zephyrvs* (1997). Salamanca. 50: 249-261.

1998

47 – Leceia, paradigma da protecção do património arqueológico no concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1997/1998). Oeiras. 7: 47-59.
48 – Análises químicas não destrutivas do espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras e seu significado no quadro da intensificação económica calcolítica da Estremadura. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1997/1998). Oeiras. 7: 61-88. De col. com M. F. Guerra.
49 – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1997/1998). Oeiras. 7: 89 – 153.

50 – O povoado fortificado pré-histórico de Leceia (Oeiras), exemplo de desenvolvimento não sustentado na Estremadura no III milénio a. C. *O Arqueólogo Português* (1998). Lisboa. Série IV, 16: 97-110.

1999

51 – La fin du Chalcolithique et la présence campaniforme dans les basses vallées du Tage et du Sado. *In Stvdivm Dilectvm*, Colectânea de homenagem ao Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida (1999). Lisboa. Academia Portuguesa da História: 159-183.

52 – "Copper metallurgy and the importance of other raw materiais in the context of Chalcolithic economic intensification in Portuguese Estremadura". *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1, p. 93-105.

2000

53 – Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudos Arqueológicos de Oeiras (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1999/2000). 8: 241-323.

54 – O Calcolítico da Baixa Estremadura: contributos para um ensaio, a propósito de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1999/2000). 8: 325-353.

55 – Moedas medievais e modernas achadas nas escavações do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (1999/2000). 8:431-445. De col. com F. Magro.

56 – The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology* (2000). Oxford. 19 (1): 37-55.

57 – O "fenómeno" campaniforme na Estremadura portuguesa. *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, 1999). Porto (2000): Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular. 4:353-380.

58 – Copper Age hill-fort of Leceia. Livro-Guia 6th. *Annual Meeting European Association of Archeologists* (Lisboa, 2000). Lisboa (2000), 29 p.

59 – Achados numismáticos em Leceia (Oeiras) – seu contributo para o conhecimento da História Local. *I Congresso Luso-Brasileiro de Numismática/V Congresso Nacional de Numismática (Porto, 2000). Actas*. Lisboa (2000): Associação Numismática de Portugal: 233-248. De col. com F. Magro.

60 – Sítios, pedras e homens, trinta anos de arqueologia no concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2000). Oeiras. 9, 191 p.

2001

61 – Le phénomène campaniforme dans les basses vallées du Tage et du Sado (Portugal). Bell Beakers today. *Colóquio Internacional (Riva del Garda, 1998). Actas*. (Trento, 2001). 1: 139-154.

62 – Leceia, povoado pré-histórico de. Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura (2001). Editorial Verbo, col. 635-638.

2002

63 – Análise de alguns fragmentos de artefactos em haste de cervídeo do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): cabos e caixas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2001/2002). 10: 49-76. De col. com C. Salvado.

64 – Os esferóides de calcário do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e suas possíveis finalidades. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras (2001/2002). 10: 77-88.

65 – A fauna malacológica encontrada no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo sistemático e respectivo significado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2001/2002). Oeiras. 10: 89-129. De col. com António Guerreiro.

66 – Estudo arqueozoológico dos restos de ungulados do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2001/2002). Oeiras. 10: 131-182. De col. com C. Detry.

67 – Estudo arqueozoológico dos carnívoros do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2001/2002). Oeiras. 10: 183-247. De col. com F. Pires e F. Petrucci-Fonseca.

2003

68 – O uso do marfim, no território português, durante o Calcolítico: a propósito de um alfinete recolhido no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2003). Oeiras. 11: 85-96.

69 – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) no quadro da investigação, valorização e divulgação do património arqueológico nacional. *Mesa-Redonda "Recintos murados da Pré-História Recente"* (Porto, 2003). S. O. Jorge, coord. Actas. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras do Porto/Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (2003): 219-223.

70 – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), síntese de vinte anos de escavações arqueológicas. *VII Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 2003). Actas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses: 177-185 (*Arqueologia e História*, 55).

71 – A utensilagem óssea de uso comum do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2003). 11: 25-84.

72 – *O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português. Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002)* (2003). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 70 p.

73 – Ainda sobre os impropriamente chamados "ídolos de cornos" do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste. *Al-madan* (2003). Almada. Série IV, 12: 77-79.

2004

74 – Polished stone artefacts at the prehistoric settlement of Leceia (Oeiras). *Madrider Mitteilungen* (2004). Mainz. 45: 1-32.

75 – An interpretation of the Bell Beaker cultural sequence in the Tagus stuary region: data from Leceia (Oeiras). *Journal of Iberian Archaeology* (2004). Porto. 6: 147-156.

76 – O uso do marfim, no território português, durante o Calcolítico. *Volume de Homenagem ao Doutor Fernando Guedes (2004).* Lisboa: Academia Portuguesa da História: 115-128.

77 – A Estremadura portuguesa, dos inícios do III milénio a.C. até à chegada dos Romanos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2004). Oeiras. 12, 332 p.

2005

78 – Bell Beaker relathionships along the Atlantic coast. *VII European Meeting on Ancient Ceramics (Lisboa, 2003). Actas (2005)*: Instituto Português de Arqueologia: 27-31 (*Trabalhos de Arqueologia, 42*). De col. com L. Salanova & Guirec Quérré.

79 – As cerâmicas campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Uma proposta de interpretação do fenómeno campaniforme na região do estuário do Tejo. *Des(a)fiando discursos. Homenagem à Prof. Doutora Maria Emília Ricardo Marques* (2005). Lisboa: Universidade Aberta: 151-157.

2006

80 – Cultural artefacts in the pre-historic settlement of Leceia (Oeiras). *XV Congrès de l´Union Internationale des Sciences Préhistoriques et protohistoriques (Lisboa, 2006). Livre des Résumés* (2006). 1, Sessão C-43-05.

81 – The Chalcolitihic of the Baixa Estremadura. Contributions for an essay, in reference to Leceia (Oeiras). *Livro-Guia da Excursão. Lisboa, XV Congrès de l´Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques*, Setembro de 2006.

82 – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2006). Oeiras. 14: 9-276.

2007

83 – Ivory objects from the Chalcolithic fortification of Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2007). Oeiras, 15: 95-118. De colaboração com T. X. Schuhmacher.

2008

84 – The chalcolithic fortified site of Leceia (Oeiras, Portugal). *Verdolay* (2008). Murcia. 11: 49-66.

85 – The origin and use of copper at the chalcolithic fortification of Leceia (Oeiras, Portugal). *Madrider Mitteilungen* (2008). Wiesbaden. 49: 64-93. De col. com Roland Müller.

2009

86 – Estatuetas do Neolítico Final e do Calcolítico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e o simbolismo a elas associado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2009). Oeiras. 17: 73-96.

87 – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002). *Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo em território português* (Sacavém, 2008). Actas. Lisboa: Centro Português de Geo-História e Pré-História (2009): 219-244.

2010

88 – Cult artifacts from the Neolithic and Chalcolithic settlement of Leceia, Oeiras, Portugal. In Gheorghiu, D.; Cyphers, A. ed., *Anthropomorphic and zoomorphic miniature figures in Eurásia, África and Meso-America*. Oxford (2010): British Archaeological Reports, International Series, 2138: 37-41.

89 – Povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): evolução arquitectónica do sistema defensivo e das técnicas construtivas correlativas. *Transformação e Mudança no centro e sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. Colóquio Internacional* (Cascais, 2005). Actas (2010). Cascais: Câmara Municipal de Cascais: 43-63.

2011

90 – The prehistoric settlement of Leceia (Oeiras, Portugal). Results of the excavations of 1983-2002. *Supplement to the Archaeological Journal* (2011). Londres: The Royal Archaeological Institute. 168, p. 42-51.

91 – *Arqueologia do concelho de Oeiras do Paleolítico Inferior arcaico ao século XVIII.* Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Livro que serve de catálogo à Exposição Permanente "Arqueologia do concelho de Oeiras".

92 – Centro de Estudos Arqueológicos do concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras): balanço de vinte anos de actividade e perspectivas futuras de actuação. *Encontro Arqueologia e Autarquias (Cascais, 2008)*. Actas. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 399-421.

2012

93 – O povoado pré-histórico de Leceia. Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002). *Al-Madan* (2012). Almada. Série II, 17, p. 56-71.

2013

94 – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo dos utensílios de pedra lascada. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, 2013, p. 357-524. De col. com F. Martins.

95 – Las producciones de adorno personal en rocas verdes del SW peninsular: los casos de Leceia, Moita da Ladra y Penha Verde. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, 2013, p. 605-622. De col. com C. Odriozola, R. Villalobos Garcia, R. Boaventura, A. C. Sousa e J. M. Martínez-Blanes.

96 – A evolução do paleoestuário da ribeira de Barcarena entre os finais do VI milénio e os finais do III milénio a.C. segundo a presença de *Ostrea edulis* L. *In* Soares, J. (ed.), *Prehistory of wetlands*. (Setúbal, 2011). Actas (2013): 113-122 (*Setúbal Arqueológica 14*).

2014

97 – Human bones from Chalcolithic walled enclosures of Portuguese Estremadura: the examples of Zambujal and Leceia. *In* VALERA, A. C., ed., *Recent prehistoric enclosures and funerary*

practices in Europe. Oxford: BAR International Series 2676 (2014), p. 83-98. De col. com M. Kunst & A. J. Waterman.

2017

98 – O povoamento campaniforme em torno do estuário do Tejo: cronologia, economia e sociedade. *In* GONÇALVES, V. S. (ed.), *Sinos e taças junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica. Lisboa* (2017): Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (*Estudos & Memórias*, 10), p. 126-141.

2018

99 – Resultados da intervenção realizada na Zona Especial de Protecção do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Contribuição para o conhecimento da evolução geomorfológica da envolvente do espaço arqueológico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2018). Oeiras. 24, p. 171-180. De col. com R. Henriques.

2019

100 – Contributo para o conhecimento do coberto vegetal no decurso do 3.º milénio a.C. na região de Oeiras: resultados dos estudos antracológicos de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras.* Oeiras. 25 (2019), p. 75-86. De col. com Patrícia Diogo Monteiro.

101 – Conociendo las foicinhas líticas del poblado prehistorico de Leceia (Oeiras, Portugal). *Trabajos de Prehistoria.* Madrid. 76 (2), (julio-diciembre 2019) p. 357-370. De col. com Juan F. Gibaja.

102 – Bioinformatic tools in the study of ancient dogs – preliminary results of an Iberian case study. Poster. Conferencia: *Bioinformatics Open Days*, 21 e 22 de Fevereiro 2019. Universidade do Minho. De col. com Ludmilla Blaschikoff, Octávio Serra, Silvia Guimarães, Fernanda Simões, Cleia Detry, Catarina Ginja, Carlos Fernández-Rodríguez, Eduardo Ferreira, Ana Elisabete Pires.

103 – Iberian Chalcolithic *Canis*: a genomic approach to know them better. Poster. 8th meeting of the International Council for Archaeozoology (ICAZ) *Archaeozoology, Genetics, Proteomics, Morphometrics* (AGPM). Paris, Outubro de 2019. De col. com Ludmilla Blaschikoff, Octávio Serra, Silvia Guimarães, Fernanda Simões, Cleia Detry, Catarina Ginja, Carlos Fernández-Rodríguez, Eduardo Ferreira, Ana Elisabete Pires.

104 – Unraveling the genomes of ancient Iberian *Canis*. Poster. *XV Encontro Nacional de Biologia Evolutiva*, 14 e 15 de novembro 2019, CIIMAR (Matosinhos, Portugal). De col. com Ludmilla Blaschikoff, Octávio Serra, Carlos Fernández-Rodríguez, Ana Catarina Sousa, Marta Moreno-Garcia, Silvia Guimarães, Fernanda Simões, Cleia Detry, Anders Götherström, Catarina Ginja, e Ana Elisabete Pires.

105 – Animal mobility in Chalcolithic Portugal: isotopic analysis of cattle from the sites of Zambujal and Leceia. Journal of Archaeological Science: Reports 24, p. 804-814. De col. com Elisabeth Wright, Anna J. Waterman, David W. Peate, Michael Kunst e Cleia Detry.

2020

106 – O espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Inventariação e estudo analítico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 26 (2020), p. 41-66. De col. com C. Bottaini, J. Mirão, R. J. Silva & R. Bordalo.

107 – Um machado de alvado do Bronze Final recolhido em Leceia (Oeiras): acerca da distribuição dos machados de alvado e duas argolas no ocidente peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 26, p. 67-76.

108 – Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras, Portugal). *In* R. VILAÇA & R. S. AGUIAR, *(I)mobilidades na Pré-História. Pessoas, recursos, objectos, sítios e territórios.* (Coimbra, 2020): Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 91-133.

2022

109 – Les poteries campaniformes de la fortification chalcolihique de Leceia (Oeiras, Portugal): étude pétrographique, analyse des provenances et degraissants. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras (2022). 30, p. 11-34. De col. com F. Convertini.

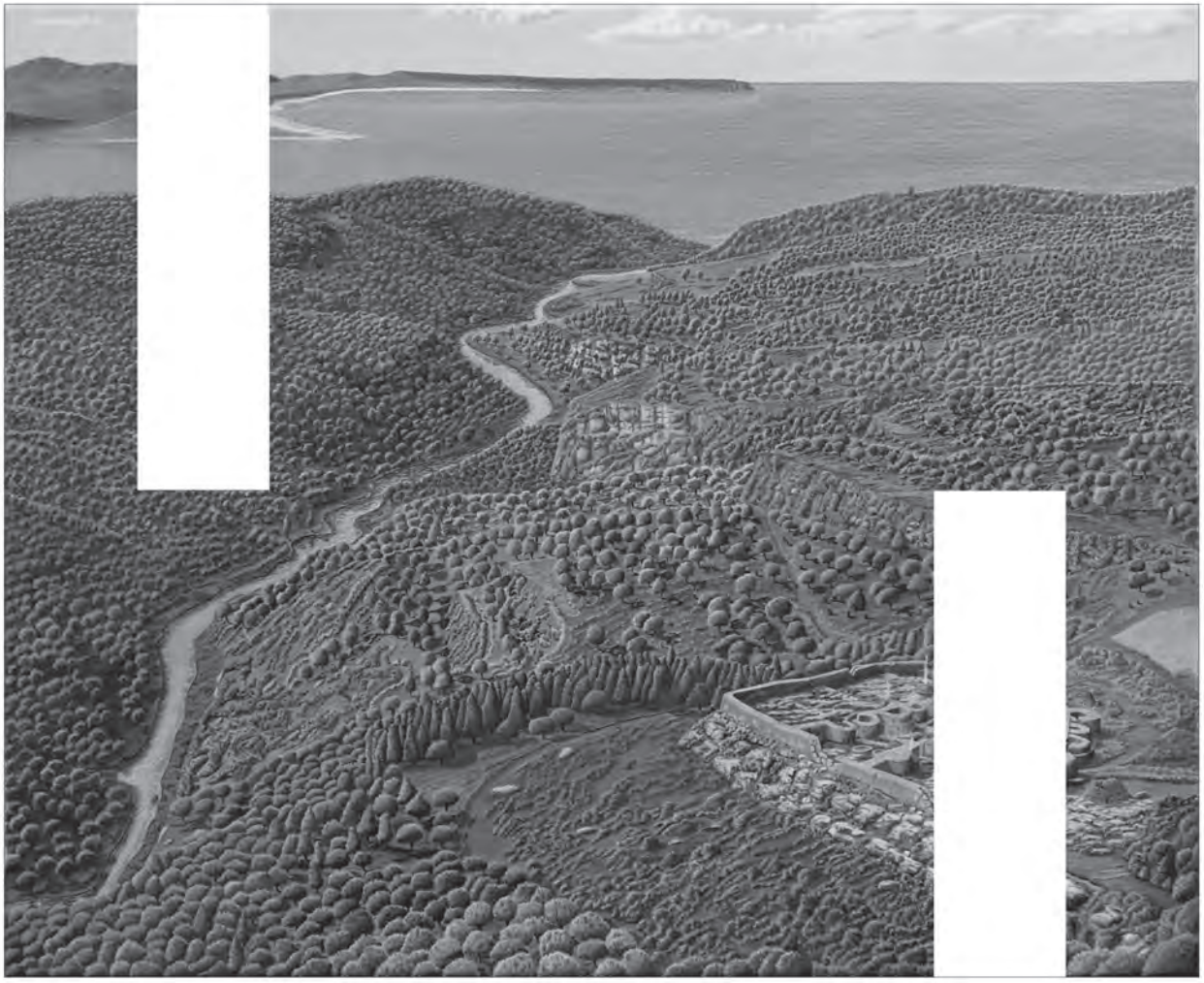
110 – A multidisciplinary study of Iberian Chalcolithic dogs. *Journal of Archaeological Science. Reports*. 42 (2022) 103338. De col. com Ludmilla Blaschikoff, Arantxa Daza-Perea, João Requicha, Cleia Detry, Rita Rasteiro, Sílvia Guimaráes, Irene Ureña, Octávio Serra, Ryan Schmidt, António Valera, Nelson J. Almeida, Eduardo Porfírio, Ana Beatriz Santos, Cátia Delicado, Fernanda Simões, José António Matos, Isabel Rosário Amorim, Francisco Petrucci-Fonseca, Simon J.M. Davis, Antonio Muñoz-Mérida, Anders Gotherstrom, Carlos Fernandez-Rodríguez, Catarina Ginja, Ana Elisabete Pires.

Aos trabalhos referidos, acresce ainda a seguinte entrada em dicionário:

Leceia. JLC, in *Dicionário de Arqueologia Portugues*a. Porto: figueirinhas. 2012, p. 195-198. Coord. de João Luís Cardoso (Pré-História), Raquel Vilaça (Proto-História), Jorge de Alarcão (Época Romana) e Mário Barroca (Época Medieval).

dezasseis

PRÉMIOS



Foram atribuídos ao Autor os seguintes prémios respeitantes a obras dedicadas ao povoado pré-histórico de Leceia:

1998

A monografia intitulada "Povoado de Leceia. Sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo" foi distinguida com o Prémio Dr. Possidónio Laranjo Coelho da Academia Portuguesa de História. A entrega do prémio decorreu no dia 8 de Julho, em Sessão Extraordinária do encerramento do ano académico, pelo Senhor Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, Presidente da Academia, destinado a distinguir estudos de investigação e revisão da História Nacional (**Fig. 407**). Trata-se de obra editada conjuntamente pela Câmara Municipal de Oeiras e pelo Museu Nacional de Arqueologia, que

Fig. 407 – Entrega do Prémio Dr. Possidónio Laranjo Coelho, da Academia Portuguesa da História, pelo Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, respeitante ao ano de 1998, atribuído à obra "O povoado de Leceia (Oeiras), sentinela do Tejo no terceiro milénio a.C.", publicada pela Câmara Municipal de Oeiras.

sumariza os trabalhos arqueológicos realizados nesta importante estação pré-histórica do Concelho de Oeiras, sendo profusamente ilustrada, a qual foi preparada para servir de apoio e complemento à exposição dedicada àquele notável povoado calcolítico, primeiro, no Museu Nacional de Arqueologia, depois na Fábrica da Pólvora de Barcarena.

2002

A 10 de Julho de 2002, em sessão solene, foi outorgado ao Autor o Prémio Aboim Sande Lemos, da Academia Portuguesa da História, pela obra publicada pela Câmara Municipal de Oeiras, e que constitui o volume 9 dos "*Estudos Arqueológicos de Oeiras*", intitulada "Sítios, pedras e homens. Trinta anos de arqueologia em Oeiras" (**Fig. 408**). Constituiu significativo e público reconhecimento da valia da investigação e da divulgação do património arqueológico oeirense levada a cabo pelo Autor, e pela Câmara Municipal de Oeiras através do CEACO, na medida em que foi distinguido um trabalho de investigação e de divulgação do património arqueológico concelhio patrocinado e publicado pela autarquia.

Fig. 408 – Vista parcial da assistência à entrega do Prémio Aboim Sande Lemos, da Academia Portuguesa da História, respeitante ao ano de 2002, atribuído à obra "Sítios, Pedras e Homens. Trinta anos de Arqueologia em Oeiras", publicada pela Câmara Municipal de Oeiras.

2004

A Academia Portuguesa da História atribuiu em 2004 o Prémio Prof. Doutor Pedro Cunha e Serra ao Autor pela obra "A Estremadura portuguesa, dos inícios do III milénio a.C. até à chegada dos Romanos" (**Fig. 409**), na qual o povoado pré-histórico de Leceia é objecto de caracterização específica e comparada com outras estações da mesma época existentes na área geográfica do estudo. A publicação desta obra corresponde ao volume 12 dos "*Estudos Arqueológicos de Oeiras*", constituindo mais uma distinção, publicamente assumida por instituição oficial prestigiada, da qualidade do trabalho de investigação e divulgação do património arqueológico desenvolvido pelo Autor no concelho de Oeiras, através do CEACO, Unidade Orgânica da Câmara Municipal de Oeiras.

Fig. 409 – Entrega do Prémio Pedro da Cunha Serra, da Academia Portuguesa da História, respeitante ao ano de 2004, atribuída à obra "A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional", publicada pela Câmara Municipal de Oeiras, sendo na ocasião o Autor saudado pelo Prof. António Quintela, sendo visível de costas, em primeiro plano, o Prof. Eng. Luís Aires-Barros.

dezassete

NOTÍCIAS NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Para além das intervenções de divulgação, publicamente disponibilizadas por meios digitais, da responsabilidade do Autor, acima elencadas, relativas a Leceia, os trabalhos arqueológicos desenvolvidos neste povoado pré-histórico e os resultados ali alcançados ao longo dos anos foram amplamente noticiados na comunicação social regional e nacional, maioritariamente na imprensa escrita, e nalguns programas de rádio e televisão, através de reportagens realizadas na altura em que decorriam os trabalhos de campo.

Todas as campanhas de escavações realizadas foram devidamente publicitadas, relatando o progresso dos trabalhos de campo realizados em cada ano, testemunhando o que de mais de importante ou significativo fora identificado, com base em imagens fotográficas de campo e de materiais arqueológicos, com o propósito de incentivar a atenção do leitor para a importância desta estação arqueológica.

No conjunto, foram contabilizados 105 artigos publicados em jornais e revistas, assim elencados:

1977

1 – Jornal regional do concelho de Oeiras e Cascais, "*Podium*", n.º 107, de 11 de Maio de 1977: "Foram encontrados vestígios de vida pré-histórica em Leceia". Notícia que faz referência ao artigo científico "Flauta, chamariz ou negaça de caça de osso encontrada no Castro de Liceia (Barcarena)", publicado no "*Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*", n.º 81, da autoria de O. da Veiga Ferreira e João Luís Cardoso.

1983

2 – *Jornal da Costa do Sol*, n.º 865, de 18 de Agosto de 1983, página 3: "Escavações arqueológicas no castro pré-histórico de Leceia" (**Fig. 410**).
Reportagem realizada no final da 1.ª campanha de escavações no povoado de Leceia, acompanhada por duas fotografias com vista parcial dos trabalhos arqueológicos em curso, anunciando que, no decurso destes, se detectaram "estratos arqueológicos com utensílios do Neolítico final, Calcolítico inicial e Calcolítico médio".

1984

3 – *Jornal da Costa do Sol*, de 2 de Agosto, pág. 3: "Escavações arqueológicas em Leceia.".

Escavações arqueológicas no castro pré-histórico de Laceia

Decorreu durante a primeira quinzena deste mês uma escavação arqueológica no castro pré-histórico de Leceia, sob a responsabilidade dos arqueólogos João Luis Cardoso, Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares. Serviram para se detectarem estruturas habitacionais e estratigrafia cronológica na zona superior da elevação em frente de Barcarena.

Até ao momento não foram encontrados quaisquer vestígios de habitações, mas foram detectados estractos arqueológicos com utensílios do Neolítico final, Calcolítico inicial e Calcolítico médio, tendo-se recolhido dois machados de pedra polida, quatro pontas de seta e inúmeros fragmentos de cerâmica lisa e decorada das épocas descritas.

Participaram, além dos referidos arqueólogos, cerca de quinze jovens dos concelhos de Cascais, Oeiras e Lisboa.

A Câmara Municipal de Oeiras facultou um carro para o transporte dos arqueólogos da estação local até Leceia, atitude que é de louvar e enaltecer.

Jornal da Costa do Sol nº 865 18/8/83, P. 3

Fig. 410 – 1983 – *Jornal da Costa do Sol*, n.º 865, de 18 de Agosto de 1983, p. 3: "Escavações arqueológicas no castro pré-histórico de Laceia".

4 – *Diário de Notícias*, de 2 de Setembro, pág. 11: "Escavações arqueológicas em Barcarena. Vestígios do Calcolítico descobertos em Leceia" (**Fig. 411**).
Reportagem realizada após a 2.ª campanha de escavações arqueológicas no povoado. Notícia que divulga os resultados das escavações efectuadas, e que demonstraram a existência, até aquele momento, de dois períodos de ocupação, possivelmente contínuos no tempo.

Escavações arqueológicas em Barcarena

Vestígios do Calcolítico descobertos em Leceia

DURANTE algo como cinco séculos, homens do calcolítico (a partir de 2600 a.C.), habitaram Leceia, povoação dos arredores de Barcarena, a dois passos de Lisboa — demonstram escavações agora terminadas por um grupo de arqueólogos.

A jazida, que ocupa um pequeno morro significativamente denominado Moinho da Moura ou, mais local e recentemente, Moinho do Pires, foi objecto de duas sucessivas campanhas, da responsabilidade dos arqueólogos João Cardoso, Carlos Tavares da Silva e Joaquim Soares, acompanhados por um pequeno grupo de estudantes universitários, já bem treinados em escavações, em conjunto, nos concelhos de Oeiras e Cascais.

A existência do povoado era já conhecida desde há pouco mais de um século, quando Carlos Ribeiro, um dos primeiros arqueólogos portugueses, escavou uma vizinha gruta sepulcral que classificou de neolítica. Posteriormente, também nas vizinhanças, a abertura de uma pedreira representou a destruição de um «tholos» sepulcral, onde ainda foi possível recolher alguns restos humanos.

De qualquer maneira, sabia-se que grande número de achados eram feitos num pequeno terrapleno denominado Moinho da Moira. O falecido escultor Álvaro de Brée, que ali possuía uma casa, conseguiu uma valiosa colecção, quer por recolha directa, quer pagando pequenas quantias à população local que, ocasionalmente, ía fazendo alguns achados.

Um dos objectivos destas escavações foi, precisamente, procurar uma estatigrafia para os objectos recolhidos por Álvaro de Brée e conseguir informações concretas sobre a importância do povoado — disse à Anop João Cardoso.

As escavações demonstraram a existência de dois períodos de ocupação, embora possivelmente contínuos no tempo. O que significaria que novas gerações teriam entendido necessária uma «modernização das instalações do agregado».

Uma das principais provas é a existência de duas muralhas, uma do calcolítico inicial (o que significa cerca de 2600 a.C.) e uma segunda do calcolítico médio, já melhor apetrechada e com um torreão instalado sobre a área norte do povoado, a menos defensável.

Fig. 411 – 1984 – *Diário de Notícias*, de 2 de Setembro, p. 11: "Escavações arqueológicas em Barcarena. Vestígios do Calcolítico descobertos em Leceia".

5 – *Jornal da Costa do Sol*, de 11 de Outubro: "Oeiras. Arqueologia em Leceia".

Reportagem que apresenta, junto ao corpo de texto, duas fotografias: uma com alguns dos artefactos cerâmicos encontrados durante a escavação arqueológica (fragmentos de cerâmica com decoração canelada, "folha de acácia" e cincho ou queijeira), e uma outra fotografia da área escavada com parte das muralhas postas a descoberto, fazendo, o Autor, a seguinte declaração:

"*Além de estratigrafia do calcolítico, foram postos a descoberto os vestígios de muralhas com dois torrões adossados, da mesma época, sendo a primeira vez que é confirmada a existência de obra militar neste povoado. As muralhas e os cubelos de há cerca de 4500*

anos encontram-se muito arrasados devido ao cultivo das terras em épocas modernas. Conservaram-se, no entanto, em muito bom estado duas fogueiras, encontradas junto à muralha, de uma habitação do mesmo período, contendo uma no seu interior um anzol de cobre em perfeito estado de conservação".

Nele se expressa o seguinte alerta, dirigido às autoridades competentes, fundamental para a conservação da estação arqueológica, como de facto veio a acontecer ulteriormente:

"*Não basta que esta jazida se encontre classificada por decreto-lei como área de monumento de interesse nacional. Torna-se urgente que a Câmara Municipal de Oeiras e o Instituto Português do Património Cultural tomem medidas mais directas para a conservação deste monumento único, com estas características, na nossa zona e raro em Portugal e que o não deixem destruir…*".

1985

6 – *Jornal da Costa do Sol*, de 26 de Setembro, pág. 10: "Oeiras e o seu Concelho. Escavações no Castro de Leceia revelaram importantes estruturas defensivas", com texto da autoria de Guilherme Cardoso.
O texto, da autoria de Guilherme Cardoso, é do seguinte teor sobre a estação:

"*As sondagens puseram à mostra o que se pensa ser uma torre ôca, com frestas nas paredes, tudo construído com pedras afeiçoadas, consolidadas com margas da região.*
Enquanto no aspecto arquitectónico foram de grande interesse as escavações deste ano, no que respeita a materiais arqueológicos mostrou-se mais pobre o espólio, embora haja um aumento dos fragmentos de cerâmica.
Outras das observações que se tiraram durante estas escavações é que existiu no local uma pedreira que funcionou entre os séculos XVII e XVIII, talvez um pouco antes da construção do moinho de vento aí existente, que data de 1707, segundo inscrição existente na verga da porta do mesmo, e que terá destruído possivelmente na zona sul do Castro.
Ficou mais uma vez provado o grande interesse da jazida e o excelente grau de conservação da mesma, sendo urgente a aquisição dos terrenos, onde se situam as ruínas pela Câmara Municipal de Oeiras e o interesse que há em vedar a estação arqueológica, a fim de evitar destruições irreparáveis por parte de caçadores de tesouros."

Duas fotografias ilustram os trabalhos de campo decorridos nesta 3.ª campanha. A primeira apresenta uma vista parcial da zona escavada com a presença de vários jovens a trabalhar, e a segunda fotografia, de pormenor, mostra a estrutura defensiva posta a descoberto, com fresta rasgada na muralha, com utilização não evidente, como seteira ou como entrada de luz para o interior da referida estrutura, sendo mais provavelmente esta última a alternativa correcta.

1986

7 – *Correio da Manhã*, de 23 de Agosto: "Prosseguem escavações no Castro de Leceia". (**Fig. 412**).
Reportagem, em jornal de tiragem nacional, dando nota dos principais resultados obtidos na área escavada neste ano. Informa também que toda a área de interesse arqueológico se encontra vedada pela Câmara Municipal de Oeiras.

Prosseguem escavações no Castro de Leceia

As escavações no Castro de Leceia em curso desde 1983, prosseguem cada vez com mais entusiasmo, tendo sido escavada uma área que ultrapassou os 400 metros quadrados durante a campanha que decorre este ano até ao próximo dia 29.

Os arqueólogos responsáveis João Cardoso, geólogo, assistente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, arqueólogos do Gabinete da Área de Sines e do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, apoiados por 15 elementos a que se juntaram este ano 10 jovens do programa OTL/86 puseram até agora a descoberto um importante dispositivo defensivo calcolítico, cronologicamente integrável no período decorrente de meados a finais do III milénio antes de Cristo.

A área escavada este ano veio trazer importantes elementos sobre aquele sistema defensivo que se mostra constituído por um núcleo mais antigo, representado por um muro com bastiões adossados na face externa, datável do calcolítico inicial (cerca de 2.500 – 2.300 anos A.C.) que fechava o recinto fortificado.

No exterior daquele recinto, já no calcolítico médio (cerca de 2300 – 2000 anos a. C.), foram ligadas novas construções defensivas constituídas por torres ocas e muralhas rectilíneas atribuíveis a dois períodos diferenciados.

A zona do Castro de Leceia vedada pela Câmara Municipal de Oeiras constitui já um ponto de visita obrigatório a estudiosos e representa um importante valor patrimonial sendo o seu aproveitamento turístico-cultural um objectivo que a edilidade pretende ver realizado a curto prazo.

Neste sentido está já prevista a realização de uma exposição Palácio do Egipto, em Oeiras, bem como a recuperação de um velho moinho existente no Castro, cuja construção data de 1707, a fim de ser utilizado como local de exposição permanente.

Os trabalhos prosseguirão até 1990, data em que se prevê estar integralmente concluída a escavação desta importante estação pré-histórica que enriquecerá o panorama arqueológico do nosso País.

Fig. 412 – 1986 – *Correio da Manhã*, de 23 de Agosto: "Prosseguem escavações no Castro de Leceia".

08 – *Expresso*, Actual, de 23 de Agosto, p. 19: "A pré-história aqui tão perto" (**Fig. 413**).
Extensa reportagem em jornal de tiragem nacional, realizada após a realização da 4.ª campanha de escavações no povoado.

09 – *A Capital*, de 23 de Agosto, pág. 36 (última página): "Arqueólogos trabalham em Oeiras. Escavações no Castro de Leceia revelam defesas com 5 mil anos".

10 – *O Diário*, de 24 de Agosto: "Castro pré-histórico descoberto em Oeiras – a sua origem data de há 5 mil anos".

11 – *O Século*, de 25 de Agosto: "Descoberto perto de Oeiras sistema defensivo com 5000 anos".

12 – *O Dia*, de 26 de Agosto: "Castro de Leceia (Oeiras). Importante descoberta arqueológica".

13 – *Diário Popular*, de 26 de Agosto: "No concelho de Oeiras. Novas descobertas nas ruínas de Leceia".

14 – *Diário de Notícias*, de 28 de Agosto, p. 10 e 11: "Que sábia gente nossa era essa de há cinco mil anos. Castro de Leceia aumenta mistério das origens" (**Fig. 414**).

15 – *Jornal da Costa do Sol*, n.º 956, de 28 de Agosto, pág. 1: "Castro de Leceia – Barcarena".

16 – *A voz de Paço de Arcos*, n.º 70/71, Boletim da comissão de defesa da criança, pág. 10 e 11: "O povoado pré-histórico de Leceia" (**Fig. 415**).

17 – *Jornal da Costa do Sol*, n.º 957, de 4 de Setembro, pág. 10: "Com o apoio da CMO e do IPPC prosseguem as escavações no povoado pré-histórico de Leceia" (**Fig. 416**).
Reportagem que noticia o alargamento da área escavada naquele ano e como esta veio trazer novos e importantes elementos sobre a compreensão do sistema defensivo. Junto Insere-se fotografia onde se pode observar o Coordenador dos trabalhos de campo prestando informações ao presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais. No final da notícia, em nota de redacção, informa-se que foi publicada no Diário da República a delimitação rigorosa da área de interesse arqueológico e a respectiva zona de protecção envolvente, pela Portaria n.º 470/86, de 27 de Agosto.

18 – *Jornal da Costa do Sol*, n.º 958, de 11 de Setembro, pág. 9: "Oeiras e o seu Concelho. Possuiria a população de Leceia, há quatro mil e quinhentos anos, altos conhecimentos para a época?" (**Fig. 417**).

Texto e fotos de Guilherme Cardoso. Na reportagem, apresentam-se algumas novidades sobre os materiais arqueológicos recolhidos nesta campanha de escavações, ilustrando-se a notícia com fotografias de diferentes tipos de espólios: fragmentos de cerâmicas decoradas, artefactos líticos e em osso, e fauna (dente de urso). No final da notícia, anuncia-se a futura exposição sobre o povoado pré-histórico de Leceia, a realizar no Palácio Egipto, em Oeiras, como de facto se veio a verificar, em Fevereiro do ano seguinte.

19 – *Jornal da Costa do Sol*, de 23 de Outubro, pág. 5: "Pensamos ser possível abrir o castro de Leceia ao público, torná-lo visitável… - afirmou o Dr. João Luís Cardoso em entrevista concedida a Luís Macara" (**Fig. 418**).

Reportagem apresentado perguntas em aberto produzidas pelos trabalhos de campo realizados e também pelos vestígios recuperados no povoado pré-histórico. Em entrevista com o Coordenador dos trabalhos, este reitera a necessidade de preservação e recuperação das estruturas postas a desco-

actual

descoberta

A pré-história aqui tão perto

No século dezoito era uma vulgar pedreira. Mas um olhar mais atento permitiu descobrir no amontoado de pedras o maior castro pré-histórico do país. Agora, a vinte quilómetros de Lisboa, uma equipa de arqueólogos desvenda os seus segredos

Mário Robalo

EM 1949, o historiador francês Lucien Febvre, ao pretender demonstrar o carácter multiforme do documento histórico, e insistindo sobre a necessidade de ampliar a sua noção, afirmava: «**A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Faz-se com tudo o que a habilidade do historiador permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais; (...) com exames de pedras, feitos pelo geólogos (...). Com tudo o que, pertencendo ao Homem (...), demonstre a presença, a actividade, os gostos e as maneiras de ser do Homem.**»

Fazendo do desafio de Febvre a sua profissão, um grupo de três arqueólogos (o geólogo João Cardoso, orientador da equipa, Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares), acabam de pôr a descoberto, numa área que ultrapassa os 400m2, os vestígios deixados há quase cinco mil anos por uma população que seria constituída por cerca de duzentas pessoas. Considerado o maior castro pré-histórico do país, esta fortificação calcolítica situa-se no lugar de Leceia, a pouco mais de uma vintena de quilómetros de Lisboa, no concelho de Oeiras.

Quem sai da vila de Oeiras e se mete na estrada que leva a Porto Salvo, há-de encontrar uma placa indicadora do lugar de Leceia. Aí entra-se numa zona que ainda conserva a pacatez de uma paisagem agrícola, povoada de quintas que outrora foram senhoriais e que hoje vão sendo, a pouco e pouco, invadidas por pequenas urbanizações. Este lugar situa-se num planalto sobranceiro a um extenso vale onde corre a ribeira de Barcarena, a qual foi buscar o seu nome à bucólica povoação que, na margem oposta a Leceia, se dispõe em anfiteatro.

O povoado pré-histórico de Leceia foi localizado, pela primeira vez, no último quartel do séc. XIX pelo coronel Carlos Ribeiro que também era membro da Academia Real das Ciências de Lisboa. Este estudioso publicou, em 1878, uma **Notícia de algumas estações e monumentos prehistóricos**, na qual faz referência à «**estação humana de Leceia, nas vizinhanças de Barcarena**». O trabalho foi completado por um estudo de Paula e Oliveira sobre o material osteológico humano daquele povoado, o qual foi depois apresentado, em 1880, ao IX Congresso de Arqueologia e Antropologia Pré-Históricas. Leite de Vasconcelos, por seu turno, também se refere por diversas vezes ao material arqueológico de Leceia, tanto em 1895, no primeiro número de «O Archeólogo Português» como, no ano seguinte, nas **Religiões da Lusitânia**, apontando-o como exemplo de castro não romanizado. Refira-se ainda que Joaquim Fontes publicou, em 1955, um trabalho com os «**resultados sumários das escavações**» que neste local levou a cabo com a colaboração do escultor Álvaro de Brée.

Fotos Luís Ramos

Escavações arqueológicas em Leceia (em cima, fósseis e restos de cerâmica do calcolítico): vestígios de vários há quase cinco mil anos por uma população que rondaria as duzentas pessoas

Dois níveis de ocupação

Apesar das investigações efectuadas nos materiais de superfície por um conjunto tão vastos de estudiosos, foi somente em 1983 que se iniciaram escavações no local que pela população de Leceia chegou a ser denominado «**sítio do castelo**». E ao fim de três anos de pesquisas, a equipa de arqueólogos que colabora com João Cardoso é surpreendida por um conjunto de fortificações e de estruturas habitacionais que se podem situar cronologicamente no período calcolítico inicial, sendo contudo visíveis dois níveis de ocupação. O primeiro ter-se-ia concretizado cerca de 2500 a.C. e o segundo entre 2300 e 2000 a.C.

Alcantilado na extremidade do planalto de Leceia, o castro apresenta ao visitante dois sectores distintos, resultantes dos dois períodos de ocupação. Ao primeiro período pertence um dispositivo defensivo composto por uma espessa muralha circular, externamente, é defendida por grandes bastiões. Esta muralha que teria cerca de cinco metros de altura, é edificada em grandes blocos de calcário, cimentados com uma argamassa argilosa. O abandono temporário que se seguiu a este período durou, na opinião de João Cardoso, «**um curto espaço de tempo, que poderá não ter correspondido a um abandono total**». A segunda ocupação deste território, admite o mesmo geólogo, pode ter sido efectivada pela mesma população que, por uma qualquer razão, havia decidido abandonar o local.

As estruturas defensivas desta segunda ocupação compõem-se por panos de muralha e torres circulares, as quais foram edificadas defronte dos bastiões da primeira ocupação. Também aqui se verifica a imponência da construção: estas segundas muralhas teriam quatro metros de altura. Contudo, João Cardoso chama-nos à atenção para o seguinte: «**A tecnologia construtiva revela-se agora menos robusta e os blocos de pedra foram simplesmente encostados e sobrepostos sem argamassa.**» A explicação para este facto pode residir numa menor necessidade de defesa ou num declínio de tecnologias.

«Outros interesses» além da sobrevivência

Curioso é o aparecimento de uma cabana de planta triangular. O chão era lajeado e possuía, num dos cantos, duas lareiras geminadas, provavelmente com funções diferenciadas: uma, com a pedra calcinada, serviria para cozinhar a generalidade dos alimentos; a outra tinha um enchimento de seixos rolados, os quais após serem aquecidos se destinariam a grelhar certos alimentos ou ainda a aquecer as esteiras.

Para além de todo o espólio de uso comum encontrado — machados de pedra polida, pontas de seta e variada cerâmica com decoração —, há a salientar o aparecimento de mós manuais, pesos de tear, quelejeiras e escórias provenientes da fundição de cobre. Estes achados, pela sua natureza, «**manifestam já** — segundo João Cardoso — **a génese de novas actividades que possibilitariam a diferenciação do trabalho**». Também a presença de um anzol, com uma altura superior a cinco centímetros, numa das lareiras, assim como de maxilares e mandíbulas de peixes de considerável porte, vão permitir aos arqueólogos estudar a actividade marítima que esta população desenvolveria. Finalmente, o nosso interlocutor realça a descoberta de uma flauta ou negaça de caça (hoje integrando a coleção arqueológica do escultor Álvaro de Brée e única no país, datada desta época), e de um ídolo cilíndrico de calcário. Estes dois curiosos objectos têm um significado social importante: eles testemunham **outros interesses** que não se resumem às ocupações necessárias para a sobrevivência...

A insondável viagem do Homem

Mas não fora a existência de uma pedreira neste local, e hoje os arqueólogos teriam muito mais material para estudar. Desta pedreira nos dá conta um documento do séc. XVIII que diz: «**Dela (...) se tirou muita pedra para a Real obra que Sua Mejestade foi servido mandar fazer na Tanoaria.**» E João Cardoso mostra-nos, em diversas quadrículas da escavação, os estilhaços de artefactos e de blocos que faziam parte das estruturas da fortificação.

Apesar do Instituto Português do Património Cultural (IPPC) ter considerado o povoado pré-histórico de Leceia, em 1963, «**zona de interesse público**», somente há cerca de quatro anos é que a Câmara Municipal de Oeiras (CMO) se mostra interessada na sua preservação e divulgação cultural, por «pressão» dos arqueólogos que actualmente trabalham nas escavações. Porém, iniciadas as escavações em 1983, por solicitação da equipa de João Cardoso ao IPPC, a CMO «**sempre demonstrou todo o empenho na pressecução das escavações. Inclusivamente, este ano foi-nos concedido, pela edilidade, um subsídio de trezentos contos, para além do destacamento de pessoas que connosco colaboram nas escavações**».

O presidente da CMO, Isaltino de Morais, contactado pelo EXPRESSO reconheceu que «**sendo o património paisagístico e construído do concelho de Oeiras muito rico, terá de ser mais beneficiado e divulgado**». No que se refere ao castro de Leceia, Isaltino de Morais considera que «**futuramente o apoio financeiro poderá ir mais longe e, por outro lado, se o número e a qualidade dos materiais recolhidos o justificar, a Câmara** tem em vista a construção de museu que, inclusivamente, poderá situar-se no local do [illegible]».

A existência destas aldeias pré-históricas amuralhadas tem levantado várias questões aos investigadores: quem se defendia por detrás de espessas barreiras de pedra? Quem eram estes Homens que entre si já estabeleciam actividades bem diferenciadas, enquanto que a sua intensa actividade metalúrgica desenvolvida era já o reflexo de um comércio florescente?

Para João Cardoso as respostas a todas estas e outras questões só poderão ser encontradas quando se enveredar por um sistema de análise interdisciplinar que permita não só o estudo dos materiais escavados, mas também leve em conta a vegetação e a fauna do respectivo local. Só assim, no dizer deste geólogo, será possível compreender melhor os hábitos e as relações sociais e comerciais que seriam mantidas com o «exterior» dos povoados. E João Cardoso sublinha-nos que todo este estudo vai ser efectuado em Leceia, reafirmando que a utilização de novas técnicas, «**para além de permitir um melhor conhecimento da pré-história, também terá a vantagem de nos fornecer melhores indicadores sobre a insondável 'viagem' do Homem**».

Fig. 413 – 1986 – *Expresso*, Actual, de 23 de Agosto, p. 19: "A pré-história aqui tão perto".

10 DN INFORMAÇÃO GERAL

Que sábia gente nossa era essa de há cinco mil anos

Castro de Leceia aumenta mistério das origens

MOUTINHO PEREIRA

O castro de Leceia foi abandonado cerca de dois mil anos antes de Cristo. Não se sabe, ainda, porquê. Como não se sabe, ainda, no fim de quatro campanhas de exploração sistemática e dezenas de outras de buscas menos bem orientadas, uma série de dados fundamentais. A arqueologia parece permanecer assente sobre uma boa base de especulação e de ideias feitas.

AS PERGUNTAS

A estação

A primeira referência conhecida ao castro de Leceia data de 1878 e contém este delicado desenho à pena, mais valioso pela qualidade do que pela objectividade

Cuidadosamente, cumpridas por camadas, como as páginas de um livro, «desdobram-se» no cimo de uma lavreira apenas pelas ruínas longínquas antepassadas

De alto do moinho, a investar a continuação do mesmo trabalho agrícola milénios depois, tem-se ideia mais completa do «plano» dos «arquitectos» pré-históricos. O perímetro do castro não foi ainda totalmente posto a descoberto, mas os 500 metros quadrados já recuperados são suficientes para fazer pensar

O arqueólogo João Cardoso «apaixonou-se» por Leceia há dezanove anos e prevê a última campanha só para 1990

Um caso ímpar na arqueologia portuguesa

Três exemplares de cerâmica (desenho de Severino Rodrigues) referentes aos dois períodos de ocupação do castro. Ao segundo e o terceiro correspondem à ocupação posterior de Leceia, período a seguir ao qual, numa lígrica camada se encontram restos, poucos, de cerâmica campaniforme

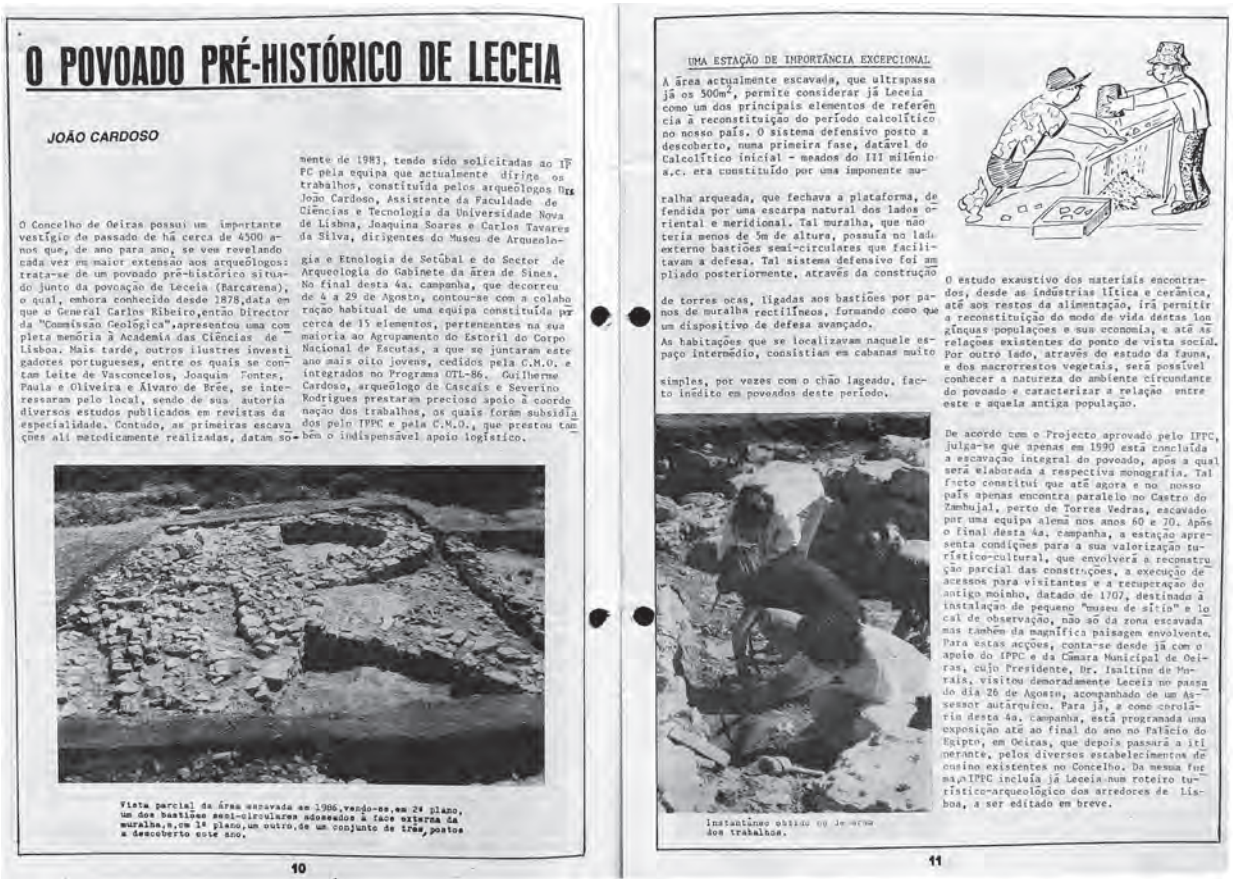
Fig. 414 – 1986 – *Diário de Notícias*, de 28 de Agosto, p. 10 e 11: "Que sábia gente nossa era essa de há cinco mil anos. Castro de Leceia aumenta mistério das origens".

berto, e a divulgação da estação arqueológica, na perspectiva de esta se constituir como um espaço cultural a usufruir por todos, por meio de visitas guiadas, como de facto, a partir de 1988 se veio a verificar, de forma regular e continuada até o presente.

Também a RTP noticiou, em 1986 a realização dos trabalhos arqueológicos, tendo a respectiva reportagem sido transmitida no programa "País, País", no dia 2 de Setembro.

1987

20 – *Jornal da Costa do Sol*, de 12 de Fevereiro, pág. 3: "Castro de Leceia (Oeiras)".
Pequena notícia da visita dos directores do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid e de Lisboa, respectivamente os Doutores Hermanfrid Schubart e Theodor Hauschild, ao povoado pré-histórico de Leceia.



O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA

JOÃO CARDOSO

O Concelho de Oeiras possui um importante vestígio de passado de há cerca de 4500 anos que, de ano para ano, se vem revelando cada vez em maior extensão aos arqueólogos: trata-se de um povoado pré-histórico situado junto da povoação de Leceia (Barcarena), o qual, embora conhecido desde 1878, data em que o General Carlos Ribeiro, então Director da "Commissão Geológica", apresentou uma completa memória à Academia das Ciências de Lisboa. Mais tarde, outros ilustres investigadores portugueses, entre os quais se contam Leite de Vasconcelos, Joaquim Fontes, Paula e Oliveira e Álvaro de Brée, se interessaram pelo local, sendo de sua autoria diversos estudos publicados em revistas da especialidade. Contudo, as primeiras escavações ali metodicamente realizadas, datam somente de 1983, tendo sido solicitadas ao IPPC pela equipa que actualmente dirige os trabalhos, constituída pelos arqueólogos Drs. João Cardoso, Assistente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, dirigentes do Museu de Arqueologia e Etnologia de Setúbal e do Sector de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines. No final desta 4a. campanha, que decorreu de 4 a 29 de Agosto, contou-se com a colaboração habitual de uma equipa constituída por cerca de 15 elementos, pertencentes na sua maioria ao Agrupamento do Estoril do Corpo Nacional de Escutas, a que se juntaram este ano mais oito jovens, cedidos pela C.M.O. e integrados no Programa OTL-86. Guilherme Cardoso, arqueólogo de Cascais e Severino Rodrigues prestaram precioso apoio à coordenação dos trabalhos, os quais foram subsidiados pelo IPPC e pela C.M.O., que prestou também o indispensável apoio logístico.

Vista parcial da área escavada em 1986, vendo-se, em 2º plano, um dos bastiões semi-circulares adossados à face externa da muralha, e, em 1º plano, um outro, de um conjunto de três, postos a descoberto este ano.

10

UMA ESTAÇÃO DE IMPORTÂNCIA EXCEPCIONAL

A área actualmente escavada, que ultrapassa já os 500m², permite considerar já Leceia como um dos principais elementos de referência à reconstituição do período calcolítico no nosso país. O sistema defensivo posto a descoberto, numa primeira fase, datável do Calcolítico inicial - meados do III milénio a.c. era constituído por uma imponente muralha arqueada, que fechava a plataforma, defendida por uma escarpa natural dos lados oriental e meridional. Tal muralha, que não teria menos de 5m de altura, possuía no lado externo bastiões semi-circulares que facilitavam a defesa. Tal sistema defensivo foi ampliado posteriormente, através da construção de torres ocas, ligadas aos bastiões por panos de muralha rectilíneos, formando como que um dispositivo de defesa avançado.

As habitações que se localizavam naquele espaço intermédio, consistiam em cabanas muito simples, por vezes com o chão lageado, facto inédito em povoados deste período.

Instantâneo obtido no decurso dos trabalhos.

O estudo exaustivo dos materiais encontrados, desde as indústrias líticas e cerâmica, até aos restos da alimentação, irá permitir a reconstituição do modo de vida destas longínquas populações e sua economia, e até as relações existentes do ponto de vista social. Por outro lado, através do estudo da fauna, e dos macrorrestos vegetais, será possível conhecer a natureza do ambiente circundante do povoado e caracterizar a relação entre este e aquela antiga população.

De acordo com o Projecto aprovado pelo IPPC, julga-se que apenas em 1990 está concluída a escavação integral do povoado, após a qual será elaborada a respectiva monografia. Tal facto constitui que até agora e no nosso país apenas encontra paralelo no Castro do Zambujal, perto de Torres Vedras, escavado por uma equipa alemã nos anos 60 e 70. Após o final desta 4a. campanha, a estação apresenta condições para a sua valorização turístico-cultural, que envolverá a reconstrução parcial das construções, a execução de acessos para visitantes e a recuperação do antigo moinho, datado de 1707, destinado à instalação de pequeno "museu de sítio" e local de observação, não só da zona escavada mas também da magnífica paisagem envolvente. Para estas acções, conta-se desde já com o apoio do IPPC e da Câmara Municipal de Oeiras, cujo Presidente, Dr. Isaltino de Morais, visitou demoradamente Leceia no passado dia 26 de Agosto, acompanhado de um Assessor autárquico. Para já, a coroláriu desta 4a. Campanha, está programada uma exposição até ao final do ano no Palácio do Egipto, em Oeiras, que depois passará a itinerante, pelos diversos estabelecimentos de ensino existentes no Concelho. Da mesma forma, o IPPC incluía já Leceia num roteiro turístico-arqueológico dos arredores de Lisboa, a ser editado em breve.

11

Fig. 415 – 1986 – *A voz de Paço de Arcos*, n.º 70/71, p.. 10 e 11: "O povoado pré-histórico de Leceia".

21 – *Jornal da Costa do Sol*, de 19 de Fevereiro: "Oeiras há cinco mil anos". Noticia a exposição, com este mesmo nome, inaugurada nessa mesma altura no Palácio do Egipto, em Oeiras.

22 – *Correio da Manhã*, de 24 de Março, pág. 9: "Oeiras há 5000 anos, no Palácio do Egipto" (**Fig. 419**).

Reportagem sobre a exposição organizada no Palácio de Egipto, em Oeiras, sobre as recentes escavações realizadas no povoado pré-histórico de Leceia, exibindo os mais importantes artefactos recolhidos e fotografias de estruturas arqueológicas descobertas e de pormenores da escavação. Conjuntamente com a exposição foi editada monografia sobre o povoado. A notícia é acompanhada com várias fotografias que se encontravam também expostas na referida exposição: vista parcial da zona escavada, no decurso dos trabalhos; pormenor de vaso cerâmico decorado "*in situ*"; e flauta em osso.

23 – *O Século*, de 2 de Abril: "Oeiras: há 5 mil anos era o cobre".

24 – *Jornal da Costa do Sol*, de 28 de Maio, pág. 6 e 7: "Estudantes de conservação da natureza visitaram estações arqueológicas de Oeiras e Cascais". Noticia a visita de jovens do GEOTA (Grupo de Estudos do Ordenamento do Território e Ambiente) a Leceia e a outras estações pré-históricas da região, dirigida pelo Autor.

COM O APOIO DA C.M.O E DO I.P.P.C. PROSSEGUEM AS ESCAVAÇÕES NO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA

As escavações no castro de Leceia, em cursó desde 1983, prosseguem cada vez com mais entusiasmo, tendo sido escavada uma área que ultrapassou os 400 m^2 durante a campanha que decorre este ano até ao próximo dia 29 de Agosto.

Os arqueólogos responsáveis, João Cardoso, geólogo, assistente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, arqueólogos do Gabinete da Área de Sines e do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, apoiados por quinze elementos, a que se juntaram este ano dez jovens do programa OTL/86, puseram até agora a descoberto um importante dispositivo defensivo calcolítico, cronologicamente integrável no período decorrente de meados a finais do III milénio de Cristo.

muro com bastiões adossados na face externa, datável do calcolítico inicial (cerca de 2 500 — 2 300 anos a.C.) que fechava o recinto fortificado.

No exterior daquele recinto, já no calcolítico médio (cerca de 2 300 — 2 000 anos a. C.), foram ligadas novas construções defensivas constituídas por torres ocas e muralhas rectilíneas atribuíveis a dois períodos diferenciados.

A zona do castro de Leceia vedada pela Câmara Municipl de Oeiras constitui já um ponto de visita obrigatório a estudiosos e representa um importante valor patrimonial, sendo o seu aproveitamento turístico-cultural um objectivo que a edilidade pretende ver realizado a curto prazo.

Neste sentido está já prevista a realização de uma exposição no Palácio do Egipto, em Oeiras, bem

José Luís Cardoso, um dos responsáveis pelas escavações em Leceia, presta informações ao dr. Isaltino de Morais, presidente da C.M.O.

A área escavada este ano veio trazer importantes elementos sobre aquele sistema defensivo, que se mostra constituído por um núcleo mais antigo, representado por um

como a recuperação de um velho moinho existente no castro, cuja construção data de 1707, a fim de ser utilizado como local de exposição permanente.

Os trabalhos prosseguirão até 1990, data em que se prevê estar integralmente concluída a escavação desta importante estação pré-histórica, que enriquecerá o panorama arqueológico do nosso país.

N. da R. — Por ora, acabou a fase das escavações respeitantes a 1984.

Entretanto no dia 27/8 foi publicado no Diário da República a delimitação da zona de protecção do Castro de Leceia.

Fig. 416 – 1986- *Jornal da Costa do Sol*, n.º 957, de 4 de Setembro, p. 10: "Com o apoio da CMO e do IPPC prosseguem as escavações no povoado pré-histórico de Leceia".

OEIRAS E O SEU CONCELHO

POSSUIRIA A POPULAÇÃO DE LECEIA, HÁ QUATRO MIL E QUINHENTOS ANOS, ALTOS CONHECIMENTOS PARA A ÉPOCA?

Texto e fotos de Guilherme Cardoso

Quando há quatro anos atrás a equipa dirigida por João Luís Cardoso, Carlos Tavares da Silva e Joaquim Soares iniciou as sondagens arqueológicas no castro de Leceia, não esperava obter tão bons resultados como os que foram alcançados nestas recentes sondagens. 24 metros de muralha com três grandes torres adoçadas de forma elíptica, já escavadas este ano, indicam a presença de um importante meio de defesa 2500 a. C. Que defenderiam?

Contradizendo alguns arqueólogos deste século, que indicariam a coexistência pacífica na costa a oeste de Lisboa durante o início da utilização do cobre, em artefactos, as muralhas e o material bélico (pontas de setas, ponta de dardo, bolas de arremesso em pedra) encontrados no castro de Leceia indicam-nos, pelo contrário, a presença de uma população aguerrida que já possuía técnicos capazes de erigirem grandes fortalezas de pedra seca com conhecimentos práticos do uso da elipse nas plantas das torres, que assim ofereciam uma maior solidez.

Outra das novidades nesta escavação foi a descoberta de escória e pingos de fundição junto às muralhas, o que confirma a existência de metalúrgicos no antigo povoado. O cobre aí trabalhado proviria das jazidas naturais do Alentejo e seria certamente obtido através de trocas.

O castro de Leceia, situado numa agreste penha, que foi alvo, em tempos, dos cabouqueiros, para a extracção de pedra, e que, por isso, destruíram praticamente o interior da fortaleza, não se encontra uma zona rica em óptima qualidade, onde existiria uma flora exuberante que criaria uma fauna de grande porte, como: veados, javalis e ursos.

A pastorícia já se praticava e teriam domesticado gado caprino, lanígero, bovino e suíno, como atestam os restos ósseos encontrados.

Boa para a flora indígena, a terra teria sido desbravada e nela se teriam produzido cereais em abundância, uma das possíveis moedas de troca com outros produtos importados.

Entretanto, já se encontra programada uma exposição sobre o castro de Leceia para Dezembro deste ano no Palácio Egipto, em Oeiras, onde a equipa dirigida por João Inês Cardoso tentará delinear a história e mostrar as últimas descobertas do castro. Após o término da exposição em Oeiras, esta seguirá para o Palácio Anjos, em Algés, e possivelmente irá posteriormente a todas as freguesias do concelho.

Uma panorâmica que mostra bem a imponência do castro

Dentre o espólio exumado, este dente de urso em excelente estado de conservação. Estudado por zoólogos, dará boas informações sobre a fauna pré-histórica do local

A foto mostra cerâmicas e artefactos líticos datáveis da 1.ª ocupação do castro, ou seja, do período designado por Calcolítico Inicial, datável de 2500 anos antes de Cristo

Algum do muito e significativo espólio exumado do castro de Leceia, durante a última campanha de escavações. Objectos líticos e em osso, dentes de animais, cerâmica decorada... do Calcolítico Médio, 2.ª ocupação do castro (2300 a.C.)

Findos os trabalhos de campo, os arqueólogos vão dedicar-se à ingrata — mas sempre aliciante — tarefa de inventariar e classificar todo o material recolhido, com vista à apresentação de conclusões históricas

Fig. 417 – 1986 – *Jornal da Costa do Sol*, n.º 958, de 11 de Setembro, p. 9: "Oeiras e o seu Concelho. Possuiria a população de Leceia, há quatro mil e quinhentos anos, altos conhecimentos para a época?".

"Pensamos ser possível abrir o castro de Leceia ao público, torná-lo visitável...

— *afirmou o Dr. João Luís Cardoso em entrevista concedida a Luís Macara*

Quem eram os homens e as mulheres que habitavam a povoação fortificada de Leceia há quatro mil e quinhentos anos? Que vestígios nos deixaram neste seu habitar longínquo? De que frutos silvestres se alimentavam? Que caçavam para além do veado, do javali e do coelho bravo? Que pescavam na ribeira de Barcarena? Como a denominariam entre eles? De que cereais se alimentavam? Que animais domesticavam? Que utensílios de pedra, osso, cerâmica e cobre utilizavam? Onde buscavam o cobre? Que espantosa paisagem se lhes desfrutaria sobre o estuário do Tejo nas manhãs brumosas de há milhares de anos?

A estas e a muitas outras questões vão ser dadas respostas, dentro de muito pouco tempo, com a ajuda do microscópio, do carbono 14, da informática, das ciências sociais, da matemática, da arqueometria, da informática, das ciências sociais, da matemática, da arqueometria, da arqueoscopia e do trabalho árduo de escavação de uma equipa chefiada pelo Dr. João Luís Cardoso, que desde 1983 procede ao estudo do local com o apoio do IPPC e da Câmara Municipal de Oeiras.

Uma visão global do *castro* é neste momento já muito nítida, com as muralhas e as torres à vista e perfeitamente destacadas no desenho das suas pedras; estas pedras, aparentemente silenciosas, mas repletas de memória pelo uso e tão *humanas* que nos ajudam a criar mais respeito por nós próprios como pessoas e como grupo, ao mesmo tempo que nos perspectivam o futuro como seres inteligentes e habitantes de um pequeno planeta aqui à deriva no espaço sideral.

João Luís Cardoso. Oeirense pelo coração. Vinte e nove anos. Geólogo por formação. Arqueológo por paixão. Ex-LNEC. Actual assistente da Universidade Nova de Lisboa. Autor de *O Castro de Leceia* [1].

«O castro de Leceia, na povoação do mesmo nome, foi estudado pela primeira vez no terceiro quartel do século XIX, pelo general Carlos Ribeiro, mais precisamente em 1978.

»Comecei a frequentar o castro nos finais de 70, quando tinha treze, catorze anos, e a saber que muitos eram os interessados, mas muito poucos de entre eles a fundo. Leite de Vasconcelos, Álvaro de Brée, Joaquim Fontes, etc.

»Após ter feito o inventário de mais de mil e quinhentas peças do vir a ser exposto e divulgado ao grande público, o meu interesse pelo *castro* aumentou, aliado ao choque que tive pelas destruições recentes que vinham a cometer-se, tais como arena com paliçada para touradas, buracos para o plantio de árvores, escavações selvagens, etc. Por estes motivos que acabo de expor, tomei a iniciativa de escavar metodicamente e com preocupações estratigráficas, isto é, reunindo os materiais por camadas, indicação das ocupações, posição dos detritos (é lógico: uns foram vivendo sobre os detritos dos outros!), fazendo o registo dos materiais, camada por camada. Colhendo exaustivamente todo o material encontrado e não apenas as peças mais vistosas para as vitrinas dos museus.

»O *castro* de Leceia tem condições para se lhe retirar o máximo de informações. Trata-se de um *castro* do período calcolítico. Usavam pedra polida, pedra lascada e cobre. Ainda não conheciam o ferro e o bronze.

»Foram encontrados neste *castro* dois horizontes pré-históricos: o primeiro correspondendo a 2500 a. C. e o segundo entre 2000 e 2100 a. C., talvez mesmo de 2300 a. C. Estes dois horizontes distintos são perfeitamente compreendidos através, principalmente, da cerâmica encontrada.

»O *castro* apresenta estruturas de grande importância, com torres de 5 m, muralhas e esteiras, fazendo desta jazida pré-histórica uma das mais importantes de Portugal ao lado de Vila Nova de S. Pedro e Zambujal.

»Desde 1983 que, desvendando o dia-a-dia destas populações, vamos caminhando para a reconstituição paleoambiental deste grande povoado pré-histórico fortificado. Restos de animais, fauna doméstica e selvagem. Conchas recolhidas no estuário do Tejo e, ao longo da costa, restos de madeira carbonizada, fogueiras e até (pasme-se!) grãos de pólen que se conservam muitíssimo bem ao longo dos séculos.

»Através deste conjunto de tarefas pluridisciplinares, poderse-á, no futuro, fazer uma ideia da vida, do meio e do raio de acção desta população, outrora sediada em Leceia.

«Donde vinha o cobre para o *castro?* Sendo a zona de calcários, onde iam buscar a pedra dura que utilizaram nos utensílios? Quais as vias comerciais existentes? Como comerciavam, isto é, como trocavam entre si as mercadorias? Quem eram os seus amigos e os seus inimigos?

»Pensamos ser possível abrir Leceia ao público, torná-la visitável com prioridade para as escolas e para os turistas nacionais e estrangeiros, desde que a Câmara de Oeiras se volte decididamente para o turismo, como parece ser o caso. No entanto, algumas obras prévias é necessário desenvolver: alteamento dos muros, panos de muralha e torres, para uma mais fácil visualização por parte dos visitantes, restauro do actual moinho em ruínas para possível espaço de apoio a exposição de peças e vendas de brochuras, cartazes, postais, etc.

»Uma equipa de luxo, constituída por Dr. Tavares da Silva, Dr. Joaquim Soares, Prof. João Pais, Prof. Teles Antunes, Dr.ª Filomena Guerra, Prof. Bragança Gil e o arqueólogo Guilherme Cardoso preparam-se para transformar, com o apoio do IPPC e da Câmara de Oeiras, *o castro calcolítico de Leceia* num ponto de atracção cultural de indesmentível interesse.»

[1] Edição da Câmara Municipal de Oeiras, 1982. Trata do estudo global da colecção de achados arqueólogos de Álvaro de Brée efectuados no povoado pré-histórico de Leceia.

Fig. 418 – 1986 – *Jornal da Costa do Sol*, de 23 de Outubro, p. 5: "Pensamos ser possível abrir o castro de Leceia ao público, torna-lo visitável… - afirmou o Dr. João Luís Cardoso em entrevista concedida a Luís Macara".

24.2.87 Cm 9

'OEIRAS HÁ 5000 ANOS' NO PALÁCIO DO EGIPTO

OS «cacos velhos» encontrados na estação arqueológica de Leceia, desde o século passado, estão desde ontem patentes ao público, em exposição que está a decorrer no Palácio do Egipto, em Oeiras.

«Oeiras há 5000 anos» mostra muito do que eram esses ilustres nossos progenitores, do que edificavam, dos instrumentos que fabricavam e, até, do que comiam.

Viveram e multiplicaram-se em Leceia por mais de 500 anos, sem interrupção – admitem os técnicos –, e legaram aos arqueólogos grande quantidade de elementos que lhes está a permitir «imiscuir-se» naquelas vidas.

João Cardoso, Joaquin Soares e Carlos Tavares da Silva constituem o grupo que deitou ombros à tarefa das escavações e que permitiram, pelo estudo do espólio recolhido e actualmente patente no Palácio do Egipto, que hoje se possa conhecer essa recuada civilização.

O geólogo e arqueólogo João Cardoso é o responsável pela exposição e descreveu os materiais que se encontram patentes ao público.

Na primeira sala – a de entrada – «estão expostos os materiais recolhidos no local até 1983, em que o grupo de trabalho iniciou as suas escavações».

Estão também visíveis documentos, mapas, fotografias, plantas do local e da zona escavada, artigos publicados na imprensa e matéria constante em livro, como é o caso da «Notícia da Estação Humana da Leceia», o primeiro trabalho escrito sobre a estação, publicado em 1878 no livro «Estudos pré-históricos em Portugal».

Nas vitrinas vêem-se materiais de pedra, de osso, de metal e de cerâmica, objectos de carácter mágico-religioso e peças de adorno, o que, aliás, se vem a repetir, com outra organização, nas duas salas seguintes.

Uma das peças mais importantes é uma pequena flauta em osso, peça única na Península do período Calcolítico – garantiu João Cardoso — valia a pena pô-la a tocar só para se conhecer o som que na época apreciavam.

O objecto cedido para a exposição pertence à colecção do escultor Álvaro de Brée, como, aliás, todos os outros que se encontram na mesma vitrina.

Nos materiais de adorno, João Cardoso referiu-se às contas em minerais verdes, que seriam possivelmente importadas.

Vestígios de «indústria» metalúrgica

Outros dos testemunhos que Leceia proporciona são os objectos que evidenciam ter ali havido «indústria» metalúrgica, com uma datação que a coloca em posição pioneira da História do Mediterrâneo Ocidental e da Península Ibérica.

Foram encontrados, com mais de quatro mil anos, pingos e escórias de fundição e peças ali fabricadas, como uma faca espatulada e um machado.

Na segunda sala encontram-se patentes os objectos recolhidos durante as escavações levadas a cabo em 1985 e 1986, de que se destaca um dente de urso – peça muito rara –, prova evidente de que, naquela época, ainda ali existia este tipo de fauna.

Da terceira e última sala – onde constam os materiais recolhidos em Leceia nos anos de 1983 e 1984 – evidencia-se pela sua forma a peça n.º 76: um anzol muito raro de duplo empate.

A estação de Leceia, donde todo o espólio é originário, remonta ao período de 2000 a 2500 a.C., conhecido por Calcolítico inicial e pleno.

As escavações que estão a decorrer, além das informações que já proporcionaram, irão ainda permitir «uma compreensão global da evolução estratégica de povoamento ocorrida ao longo de cerca de mil anos na plataforma de Leceia, retratada pela construção, reconversão e abandono de sucessivas estruturas, e ainda pela sobreposição de algumas delas» – lê-se na monografia publicada para a exposição, assinada pelos três estudiosos que superintendem os trabalhos na estação arqueológica.

A conclusão dos trabalhos e compreensão global do povoado está entretanto prevista para 1990.

Fotografia das escavações exposta na mostra

Um crânio feminino – peça recolhida antes de 1983

Uma flauta única na Península que, posta a tocar, permitiria saber o som que aqueles nossos antepassados apreciavam

Fotografia que está também exposta

Fig. 419 – 1987 – *Correio da Manhã*, de 24 de Março, p. 9: "Oeiras há 5000 anos, no Palácio do Egipto".

25 – *O Século*, de 18 de Agosto: "Povoado de Leceia: «capital» da zona ribeirinha do Tejo" (**Fig. 420**).

Extensa reportagem, com fotos de Carlos Almeida, realizada no decurso da 5.ª campanha de escavações arqueológicas no povoado, no qual o Coordenador dos trabalhos tece considerações sobre a arquitectura dos espaços, através da análise do desenvolvimento das muralhas e dos bastiões postos a descoberto, em diferentes fases construtivas. Notícia de carácter geral que aborda vários aspectos, como as actividades piscatórias e o intercâmbio comercial praticado à época.

26 – *O Dia*, de 18 de Agosto: "Castro de Leceia. Escavações revelam algumas surpresas".

27 – *Jornal da Costa do Sol*, n.º 1007, de 20 de Agosto, última página: "No castro de Leceia, em Barcarena".

28 – *Semanário*, de 29 de Agosto, pág. 14 e 15: "É necessário, urgente e possível ocupar os jovens".

10 GERAL Terça-feira, 18 de Agosto de 1987, O SECULO

As escavações em Leceia puseram já a «descoberto» o sistema defensivo do povoado, que era constituído por espessas muralhas defendidas por bastiões

Da era do Calcolítico

Povoado de Leceia: «capital» da zona ribeirinha do Tejo

Um povoado pré-histórico fortificado datado do período Calcolítico (altura em que o homem começou a utilizar o cobre), está a ser escavado em Leceia, Barcarena, no concelho de Oeiras.

O povoado, onde se supõe que viveram cerca de 100 a 150 pessoas, tinha pelo menos duas linhas defensivas, constituídas por espessas muralhas, defendidas exteriormente por bastiões semicirculares que deveriam ter 4 a 5 metros de altura.

A área escavada até ao momento é já superior a 550 metros quadrados, tendo sido identificado o importante sistema defensivo, constituído pelas duas linhas de muralhas.

Também já se encontram identificadas duas entradas e uma rampa de acesso ao interior da área defendida.

Foram também escavadas várias estruturas habitacionais que permitem estabelecer «um modelo de estratégia de ocupação».

O povoado representa uma sequência estratégica única na Estremadura, estando registados em estratigrafia materiais que vão do Neolítico final ao Calcolítico Superior, o que equivale a um lapso cronológico de cerca de 500 anos de ocupação da plataforma, entre os 2700-2500 aC e 2000 anos aC.

A primeira ocupação data do Neolítico final, o que foi confirmado com a descoberta de um extracto com cerca de 20 centímetros de espessura, que corresponde a esse período.

Entretanto, com o advento do período Calcolítico, o povoado foi erigido sobre os restos das construções do período Neolítico.

Através da análise dos materiais e das estruturas descobertas, que correspondem a dois períodos destintos do Calcolítico, foi identificada a sua vida económica e cultural.

A análise das muralhas e bastiões permite — segundo o arqueólogo João Luís Cardoso — concluir que já naquela altura existia uma degradação do sistema construtivo.

Na sua perspectiva, os bastiões da 1.ª fase, que correspondem ao Calcolítico inicial, são ocos e os da 2.ª fase, Calcolítico final, são maciços.

Na primeira fase, os bastiões foram construídos com grandes blocos de pedras cimentados com uma argamassa de cal e argila. Na segunda fase, os bastiões foram edificados com pequenas pedras, colocadas umas em cima das outras sem argamassa.

O arqueólogo João Luís Cardoso é o responsável pelos trabalhos em Leceia

Calcolítico da Estremadura

O povoado de Leceia está integrado num conjunto constituído pelos povoados do Zambujal, em Torres Vedras, e pelo de Vila Nova de S. Pedro, Santarém, a que os arqueólogos convencionaram chamar Calcolítico da Estremadura. Supõe-se que os três povoados desempenharam um papel importante na vida económica e cultural de toda a Estremadura portuguesa.

O povoado de Leceia seria, com os seus 150 habitantes, a «capital» de uma vasta região ribeirinha do Tejo.

A partir do estudo dos ossos dos animais, das cerâmicas e de outros utensílios, os arqueólogos podem já «reconstruir a vida cultural e económica de Leceia»

Ao que se sabe, Leceia foi um importante produtor de queijos, visto terem sido descobertos cinchos em cerâmica (queijeiras), o que indica ainda que no povoado existia criação de cabras, ovelhas, porcos e vacas.

Actividades piscatórias

A descoberta de conchas durante as escavações indica também que os seus habitantes se dedicavam à pesca. Deslocando-se para o litoral em embarcações que desciam a ribeira de Barcarena, os homens iam pescar marisco e peixe na foz do rio Tejo.

A ribeira de Barcarena, que até ao século XVII era navegável por barcos de pequeno calado, desempenhou um papel económico importante na vida de Leceia. Foi através desta ribeira que se procedeu às trocas comerciais.

A agricultura era também um bem económico. Os habitantes deste povoado cultivam cereais e pequenas horticulturas. Uma outra actividade era a caça. No período calcolítico existiam na região javalis, veados e ursos.

Com todos estes dados, o grupo de arqueólogos que está a trabalhar em Leceia prevê editar em 1990 uma monografia que relate em pormenor a vida social, cultural e económica do povoado.

Intercâmbio comercial

A descoberta de agulhas de marfim leva os arqueólogos a pensar que os habitantes de Leceia exerciam um intercâmbio comercial bastante forte com o exterior, nomeadamente na zona do mar mediterrânico.

Sabe-se que Leceia exportava e importava materiais regionalmente, designadamente com o povoado de Torrão, que se encontra integrado no calcolítico do Sudoeste, abrangendo o Baixo-Alentejo e o Algarve.

Um dos objectivos dos arqueólogos é comparar a economia do povoado do Torrão e a de Leceia.

Entre outros objectos, os arqueólogos descobriram rupadores, furados, machados de pedra polida e pedra lascada, enxós (instrumento para trabalhar madeira), agulhas e escobros em cobre e pontas de seta em silex.

A existência do povoado é conhecida desde 1878. Foi o general e geólogo Carlos Ribeiro quem primeiro se pronunciou sobre ele. Mais tarde, nos anos 20, o escultor Álvaro de Bree recolheu alguns objectos. E, finalmente, a partir dos anos 80, um grupo de arqueólogos iniciou os trabalhos de escavação.

Actualmente constituído pelos arqueólogos Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares e João Cardoso, este grupo de trabalho tem posto a descoberto a principal zona deste monumento da nossa história.

O grupo é ainda constituído pelo prof. Teles Antunes, estudo de vertebrados, prof. João Pais, pólens, dr. Pinto Coelho, composição de cerâmicas, prof. Bragança Gil e dr.ª Filomena Guerra, composição de materiais metálicos.

Os trabalhos contam com o apoio do IPCC, que contribui com um subsídio de 200 contos, e da Câmara Municipal de Oeiras, com um subsídio financeiro e apoio logístico. O Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial também está a colaborar com os trabalhos.

Após os trabalhos de escavação se encontrarem concluídos, aquela zona será transformada num espaço cultural e turístico da região. No entanto, para que isso seja possível, a Câmara Municipal de Oeiras tem de resolver o problema da posse dos terrenos, que pertencem a vários habitantes da região. □

(Fotos: Carlos Almeida)

Fig. 420 – 1987 – *O Século*, de 18 de Agosto: "Povoado de Leceia: «capital» da zona ribeirinha do Tejo".

29a; 29b – *Correio da Manhã*, de 5 de Setembro, pág. 1, 32 e 33: "Às portas de Lisboa andam a recuar quase 5 mil anos (capa). Aqui habitaram tribos muito anteriores aos Celtas. Desvenda-se história do Castro de Leceia" (**Fig. 421**).

AQUI HABITARAM TRIBOS MUITO ANTERIORES AOS CELTAS

DESVENDA-SE HISTÓRIA DO CASTRO DE LECEIA

Indivíduos altos

Defender a riqueza

Jazida de primeira ordem

Economia igual à do Séc XVIII

UM SOM COM CINCO MIL ANOS...

Fig. 421 – 1987 – *Correio da Manhã*, de 5 de Setembro, p. 1, 32 e 33: "Às portas de Lisboa andam a recuar quase 5 mil anos (capa). Aqui habitaram tribos muito anteriores aos Celtas. Desvenda-se história do Castro de Leceia".

Extensa reportagem, com nota de capa, efectuada por Leonor Figueiredo e com fotos de Octávio Paiva, publicada logo após a 5.ª campanha de escavações arqueológicas. Artigo desenvolvido sobre as mais recentes descobertas efectuadas no local, através do prosseguimento da escavação em extensão, quer em termos arquitectónicos (bastiões semicirculares que fazem parte do sistema defensivo do povoado), como de materiais arqueológicos, como por exemplo os vestígios de fundição primitiva de cobre, comprovados pela recolha de pingos e escórias. Noticia que também deu a conhecer a realização de cinco análises pelo método do Carbono 14, sobre amostras de carvão, ossos e conchas, efectuadas naquele ano.

30a; 30b – *A Capital*, de 16 de Setembro: "Febre arqueológica contagia Portugal. Escavações em terra e no mar põem passado à mostra".

A RTP apresentou reportagem no programa "Ponto por Ponto", na sua edição do dia 2 de Setembro, que contou com a presença, em estúdio do Director do Departamento de Arqueologia, Dr. António Carlos Silva.

1988

31a; 31b – *Diário de Lisboa*, de 16 de Agosto, pág. 26 e 27: "Castro de Leceia: um caso ímpar na arqueologia portuguesa" (**Fig. 422 e 423**).

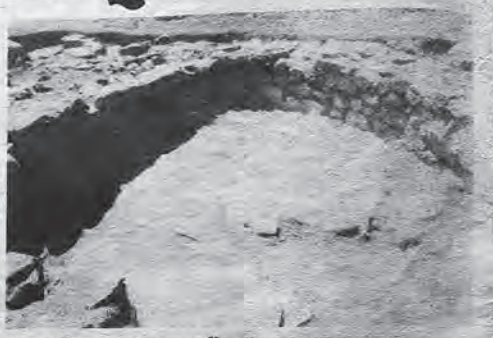
No concelho de Oeiras, a 12 quilómetros de Lisboa

CASTRO DE LECEIA: NA ARQUEOLOGIA

Rodrigues Borges

Localizado pelo geólogo militar Carlos Ribeiro (o fundador da Geologia portuguesa), que dele deu notícia em 1878, numa memória muito bem documentada então apresentada à Academia das Ciências de Lisboa, o povoado pré-histórico de Leceia situa-se a cerca de 12 quilómetros de Lisboa, à beira de Barcarena, concelho de Oeiras. A descoberta cedo foi apresentada à comunidade arqueológica internacional, através de uma comunicação de Francisco de Paula e Oliveira, no IX Congresso Internacional de Antropologia Pré-histórica reunido em Lisboa em 1880, com base no estudo do espólio antropológico entretanto recolhido por Carlos Ribeiro. Posteriormente, Leite de Vasconcelos (1896 e 1917) e Joaquim Fontes (1955), demonstraram a grande importância deste povoado calcolítico fortificado, através dos numerosos objectos recolhidos à superfície, publicando estudos em revistas da especialidade, como "O Arqueólogo Português" (editada pelo Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia) e a "Revista de Guimarães" - as duas publicações mais antigas e prestigiadas no domínio da Arqueologia nacional. A partir dos anos 20, a estação passa a ser procurada por Joaquim Fontes e Álvaro de Brée que, ao longo de várias dezenas de anos reuniu, na sua quinta de Barcarena, importante colecção de materiais achados à superfície. Entre 1955 e 1983, salvo esporádicas referências bibliográficas, Leceia não voltou a ser objecto de investigações...

Em 1983, a jazida de Leceia encontrava-se num estado de degradação acelerada. Nese mesmo ano, o anterior proprietário tinha aberto, com retroescavadora, diversos buracos para a plantação de árvores e um outro proprietário tinha construído um redondel para tentas, exactamente sobre a área escavada actualmente. Tais factos, levaram à apresentação de um Projecto de Investigação ao Instituto Português do Património Cultural, que permitiu, ainda em 83, o início das escavações. Os primeiros trabalhos viriam logo a confirmar a importância excepcional da jazida.



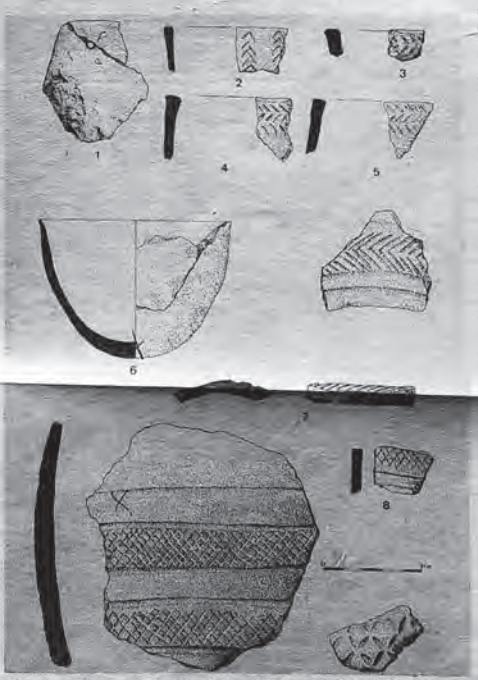
Interior de um bastião, construído directamente sobre o substrato geológico e, em parte, sobre antigas cavidades com materiais do Neolítico final

João Cardoso, 31 anos, arqueólogo-coordenador do projecto de Leceia, é investigador do Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa (onde prepara o doutoramento) e também assessor para Arqueologia da Câmara Municipal de Oeiras, Juntamente com Joaquina Soares (Museu de Arqueologia e Etnografia de Sétúbal) e Carlos Tavares da Silva (Sector de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines), apresentara em 83 ao IPPC, como já referimos, o projecto de investigação em curso.

Fomos encontrá-lo, em plena tarde quente de Agosto, amenizada embora pela brisa suave de nordeste, no comando das operações de mais uma campanha de escavações - a sexta - que decorre até ao próximo dia 26. Com ele, cerca de duas dezenas de jovens, a maioria estudantes contratados para esta tarefa e já com a prática adquirida em campanhas anteriores, apoiados por alguns técnicos qualificados em áreas específicas.

De calções e panamá, pele bem tisnada por jornadas sucessivas debaixo do sol duro, João Cardoso recebe o repórter visivelmente satisfeito por mostrar algo que o fascina desde 1970, quando ainda com 13 anos e residente ali perto, em Caxias, toma conhecimento da história de Leceia. Por essa altura, já "arqueólogo" por vocação, [illegible] precioso: o livro de Carlos Ribeiro sobre estudos pré-históricos e geológicos, a que já fizemos referência.

Pedimos ao dr. João Cardoso que nos falasse de Leceia, deste povoado pré-histórico que as escavações iniciadas fez agora cinco anos puseram já uma parte importante a descoberto: «Posso começar por referir alguns aspectos institucionais, digamos assim. Concretamente, Leceia pode ser desde já apontada como exemplo paradigmático da colaboração entre arqueólogos-autarquias-IPPC. Os bons resultados devem-se à colaboração desde cedo prestada ao arqueólogo - sobre quem recai a responsabilidade científica pela condução do projecto - não só pela autarquia, como também pelo IPPC, entidade a quem compete, através do Departamento de Arqueologia, a gestão da actividade arqueológica a nível nacional. Julga-se ser desejável o crescente empenhamento das autarquias pelos projectos de investigação na área da Arqueologia, visto serem elas próprias as principais beneficiárias no que toca ao turismo cultural, actividades circum-escolares e de animação, etc. Por outro lado, o Instituto Português do Património Cultural deverá prestar o indispensável apoio jurídico - isto quer dizer classificação de imóveis, delimitação das áreas arqueológicas e sua promulgação oficial, etc. - além do apoio técnico-financeiro».



Cerâmica da camada 4: vários fragmentos de utensílios e objectos decorados

Ambição com coerência

Pusemos a seguir ao dr. João Cardoso, a questão directamente realacionada com a ameaça que pairava sobre a área arqueológica de Leceia - por um lado - e por outro com as soluções encontradas no sentido de uma ultrapassagem da situação. Como é, considera que a riqueza arqueológica da estação de Leceia já está salvaguardada?

«Vale a pena recuarmos outra vez a 1983. Além dos aspectos já referidos, vale a pena falar da existência de outras ameaças detectadas pouco antes do início das escavações, como sejam a pressão urbanística da zona envolvente da jazida, resultante da proximidade da actual povoação de Leceia, a pressão humana (presença de curiosos e de amadores de fim-de-semana) que delapidavam a pouco e pouco, por recolhas de superfície e pequenas escavações clandestinas, o património da estação».

Mas como é que essa situação era possível?

«Sabe, tais factos resultavam, em parte, da indefinição da área arqueológica, a única planta [illegible] era a de Carlos Ribeiro, elaborada em 1878 e a qual, além de muito exagerada na delimitação da área da jazida, era de aplicação legal irrealista visto incluir toda a actual povoação. Agora, a zona de efectiva importância arqueológica encontra-se legalmente definida na sequência da Portaria 186/86 e fisicamente protegida por uma vedação colocada pela Câmara Municipal de Oeiras, correspondendo à "Zona Non Aedificandi". Prevê ainda o mesmo diploma uma zona de protecção especial, tendo em vista a salvaguarda da integração paisagística e ambiental da jazida. Nessa área a construção é condicionada à aprovação conjunta pela Câmara de Oeiras e pelo IPPC».

Enquanto escutamos com toda a a-

Fig. 422 e 423 – 1988 – *Diário de Lisboa*, de 16 de Agosto, p. 26 e 27: "Castro de Leceia: um caso ímpar na arqueologia portuguesa".

UM CASO ÍMPAR PORTUGUESA

Duas habitações de planta arredondada, definidas por lages colocadas horizontalmente e que constituíam o chão primitivo. Em fundo, o Moinho da Moura

tenção as palavras esclarecedoras de João Cardoso sobre as escavações que têm vindo a permitir o estudo de um dos mais completos quadros das comunidades que durante o Neolítico final e o Calcolítico viveram nas penínsulas de Lisboa e Setúbal, vamos lentamente percorrendo a área escavada. Como pudémos observar (e entender através dos comentários rigorosos e acessíveis de João Cardoso), as construções identificadas até agora pertencem a duas fases do Calcolítico inicial e a uma fase do Calcolítico médio. À mais antiga, corresponde a totalidade da fortificação central, constituída por uma espessa muralha, cujo lado [illegible] não tem sido ainda claramente definido mas espera-se que fique no fim desta campanha. Pelo contrário, a sua face externa apresenta um formoso aparelho constituído por grandes lages calcárias, que atinge cerca de um metro de altura.

Em face do exposto - explica o dr. João Cardoso - «logo no início do Calcolítico, Leceia foi fortificada por imponente muralha, a que se adossaram exteriormente bastiões ocos. Este conjunto, que poderia atingir cinco metros de altura e se encontra fundado ora no estrato Neolítico final ora nas bancadas de calcário duro do Cenomaniano superior constitui, deste modo, o núcleo do dispositivo defensivo que mais tarde se viria a alargar - desconhecendo-se por ora a planta geral desta primeira fortificação».

Cinco escavaçõs, agora a sexta

Desde 1983, foram cinco as campanhas realizadas no "castro" de Leceia. Desde 1 de Agosto que decorre a sexta e segundo julgamos saber estão previstas mais três, até 1991. Pode fazer-nos um balanço? -Responde o dr. João Cardoso: «As cinco campanhas realizadas entre 1983 e 1987, bem como a actualmente em curso, fazem de Leceia um caso ímpar na Arqueologia portuguesa; trata-se da escavação integral de um importante povoado calcolítico, apenas comparável ao projecto em curso no povoado do Monte da Tumba (Alcácer do Sal), dirigido por C. Tavares da Silva e J. Soares. Com efeito, os povoados já clássicos do Zambujal (Torres Vedras) e de Vila Nova de S. Pedro (Cartaxo), não foram, até agora, alvo de semelhante preocupação. Tal facto irá proporcionar a interpretação, de forma global, da organização do espaço num grande povoado calcolítico. As escavações de Leceia têm sempre decorrido no mês de Agosto, participando diariamente cerca de vinte elementos, estudantes de Caxias, Paço de Arcos, Oeiras, Cascais, Cacém, Linda-a-Velha, etc., que para o efeito suferem de uma remuneração média diária de 800 a 1000 escudos, este ano. Além do apoio financeiro do IPPC, deve ser salientado que este ano colaboram dois técnicos de restauro de estruturas, formados em Coimbriga e igualmente suportados pelo IPPC».

A nosso pedido, João Cardoso prossegue os seus esclarecimentos, centrados desta feita nos materiais até agora recolhidos e nos respectivos estudos arqueológicos.

O nosso interlocutor volta a falar na posição da Câmara de Oeiras, que «tem concedido todas as facilidades à realização dos trabalhos, sem as quais estes não seriam possíveis, consubstanciadas em apoio financeiro e apoios logísticos diversos (cedência de equipamentos de apoio, transporte diário dos participantes, etc.). Este ano, com a cedência de instalações para o tratamento, inventariação e arquivo do espólio e ainda para a contratação de técnica superior para este efeito, deu a CMO um passo decisivo para o estudo e valorização do património concelhio. Sobre os estudos propriamente ditos, posso adiantar que já aqui foram feitos sobre: estatigrafia e fases de ocupação, materiais de pedra lascada e polida, osso, metal e cerâmicas; estudos tipológicos e a materiais de adorno e objectos de carácter mágico; estudos no domínio das ciências exactas e naturais, tais como análise sedimentológica da sucessão sedimentar, estudos da fauna e das conchas, estudos dos restos vegetais, análises petrográficas da matéria-prima dos objectos e das cerâmicas, estudo da composição das ligas metálicas por métodos não destrutivos e ainda análises cronológicas. Dentre os especialistas envolvidos nesta área, são de salientar os de Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa, do Centro de Física Nuclear da Universidade de Lisboa e do LNETL

Os estudos atrás referidos permitem obter indicadores sobre as ocupações da população e o seu dia-a-dia, bem como a reconstituição paleocológica do meio ambiente e as relações com ele estabelecidas, isto é, a definição do espaço vital da antiga comunidade terrestre, litoral e aquática, são exemplos a caça, certos elementos dormentes e moventes de mós manuais e a natureza da matéria-prima de machados de pedra polida, cujos afloramentos mais próximos se situam no Alentejo, a par do cobre, por certo também dali proveniente; as rochas verdes de que são feitas as inúmeras contas de colar encontradas, bem como o marfim, tudo isto documenta, enfim, as relações longínquas com o mundo mediterrâneo»

Aspecto parcial de uma escavação: podem ver-se dois muros sobrepostos, pertencentes respectivamente à II e III fases construtivas

E depois das escavações?

Quais os objectivos que os responsáveis pelas escavações de Leceia pensam alcançar, foi o sentido da última pergunta que fizemos a João Cardoso.

«Primeiro, queria referir-me à publicação dos resultados: efectivamente, é já abundante a bibliografia disponível sobre Leceia; têm sido publicados em revistas e debatidas em reuniões da especialidade, os resultados parciais obtidos das sucessivas campanhas aqui realizadas. No final dos trabalhos de campo, que se prevê para 1990/91, será então preparada uma monografia contendo o estudo exaustivo dos materiais. Por outro lado, temos uma componente que também penso ser muito importante e que corresponde à valorização turístico-cultural do concelho. Assim, à valorização científica de Leceia vem somar-se a particularmente favorável situação geográfica, em termos de acessibilidade, com estrada alcatroada "à porta". Tais factos apontam para uma rápida recuperação e valorização turístico-cultural da estação. Com este objectivo, estão previstas ou em realização as seguintes acções: recuperação do "Moinho da Moura" (o único vestígio de construção visível antes das escavações) destinado ao "Museu do Sítio", obra a cargo da Câmara Municipal de Oeiras e prevista ainda para este ano; restauro das estruturas arqueológicas (trabalhos em curso com o apoio do IPPC pelos técnicos formados em Coimbriga); integração paisagística da jazida, da responsabilidade da CMO e dos arqueólogos responsáveis e, finalmente, a integração da área nos roteiros turísticos regionais».

Tudo isto para quê?, perguntámos em jeito de despedida.

«Assim será possível - afirma João Cardoso - atrair fluxos turísticos que actualmente passam "ao lado", em direcção a Cascais e motivar as populações concelhias pelo seu passado, muito em especial as camadas em idade escolar, para já não falar dos benefícios para a comunidade científica».

Extensa reportagem, presente na secção central "Cultura e espectáculos", efectuada no decurso da 6.ª campanha de escavações. O jornalista Rodrigo Borges entrevista o Autor, colocando-lhe questões relacionadas com a preservação da estação arqueológica, e o tipo de apoio que este obteve da parte das entidades competentes, neste caso, da Câmara Municipal de Oeiras e do IPPC. Noticia ilustrada com desenhos de materiais cerâmicos e fotografias de estruturas arqueológicas de várias fases construtivas.

32 – *Jornal da Costa do Sol*, de 25 de Agosto, pág. 12: "Nova campanha de escavações arqueológicas. Castro pré-histórico de Leceia".

33 – *Jornal da Costa do Sol*, de 27 de Outubro, pág. 12: "Castro de Leceia".

34a; 34b; 34c; 34d – *Diário de Notícias*, Magazine, de 4 de Dezembro, n.º 114, pág. 22 a 27: "À descoberta da Idade do Cobre. Arqueólogos portugueses exploram ruínas pré-históricas de Leceia" (**Fig. 424 e 425**).

Ampla reportagem, de seis páginas, da autoria do jornalista J. Rodrigues da Silva, com fotos de Hélder Salsinha. Estes destacam as acções de protecção e valorização da estação arqueológica já efectuadas e as que se projectam num futuro próximo, com o apoio primordial da Câmara Municipal de Oeiras. Apresenta várias figuras, a cores, com vista parcial do povoado e seus trabalhadores, obtidas no decorrer dos trabalhos de campo. Apresenta igualmente fotografias de alguns espólios presentes nas instalações municipais atribuídas ao CEACO, criado pouco tempo antes, em Novembro daquele ano, onde os mesmos se guardavam.

ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES EXPLORAM RUÍNAS PRÉ-HISTÓRICAS DE LECEIA

À descoberta da Idade do Cobre

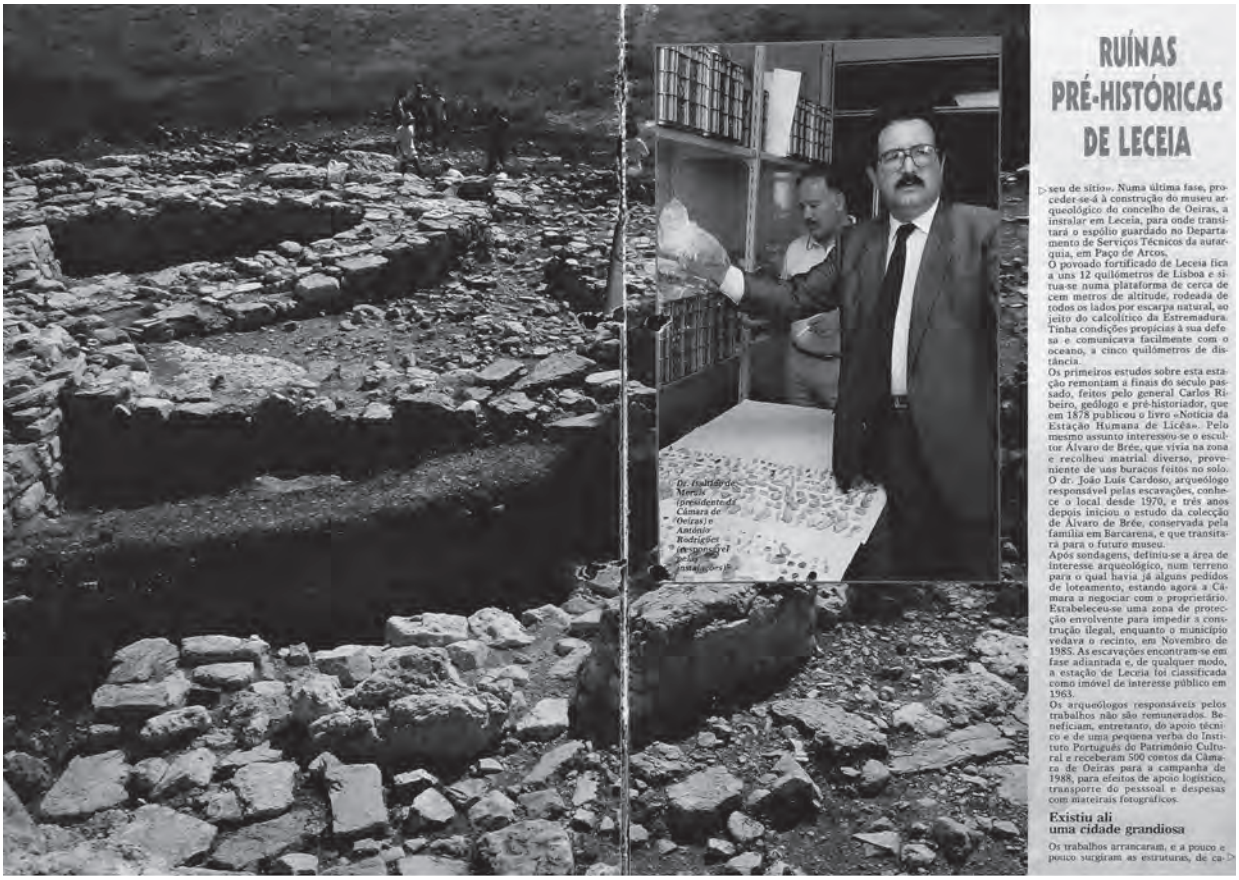
Texto: J. Rodrigues da Silva
Fotos: Hélder Salsinha

NA pior das hipóteses, daqui a três anos a estação arqueológica de Leceia, em Barcarena, ficará completamente a descoberto. Os trabalhos de exploração iniciaram-se em 1983 e prosseguiram este Verão, orientados pelos arqueólogos João Luís Cardoso, Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva. Em 1990 ou 1991 teremos, no nosso país, o primeiro povoado do calcolítico (Idade do Cobre) a ser escavado de uma forma exaustiva.

O município de Oeiras apostou na recuperação total e na preservação do seu património, e por isso está atento ao evoluir da situação. O seu presidente, dr. Isaltino de Morais, pensa já no aproveitamento turístico-cultural destas ruínas pré-históricas. Disse-nos, a propósito: «Oeiras tem uma situação geográfica privilegiada, entre Lisboa e Cascais. Vamos aproveitar esse factor e tirar partido dos fluxos que demandam estes dois pólos turísticos, porque o nosso concelho poderá funcionar em termos de complementaridade entre ambos.»

Isso acontecerá num futuro breve. Antes, porém, serão reconstruídas parcialmente as antigas edificações, serão rasgados acessos para os visitantes e far-se-á a recuperação do Moinho da Moura (datado de 1707), para o transformar em pequeno «mu-

Fig. 424 e 425 – 1988 – *Diário de Notícias*, Magazine, de 4 de Dezembro, n.º 114, p. 22 a 27: "À descoberta da Idade do Cobre. Arqueólogos portugueses exploram ruínas pré-históricas de Leceia".



Dr. Guilherme Mexia (presidente da Câmara de Oeiras) e António Rodrigues (responsável pelas escavações)

RUÍNAS PRÉ-HISTÓRICAS DE LECEIA

seu de sítio». Numa última fase, proceder-se-á à construção do museu arqueológico do concelho de Oeiras, a instalar em Leceia, para onde transitará o espólio guardado no Departamento de Serviços Técnicos da autarquia, em Paço de Arcos.

O povoado fortificado de Leceia fica a uns 12 quilómetros de Lisboa e situa-se numa plataforma de cerca de cem metros de altitude, rodeada de todos os lados por escarpa natural, ao jeito do calcolítico da Estremadura. Tinha condições propícias à sua defesa e comunicava facilmente com o oceano, a cinco quilómetros de distância.

Os primeiros estudos sobre esta estação remontam a finais do século passado, feitos pelo general Carlos Ribeiro, geólogo e pré-historiador, que em 1878 publicou o livro «Notícia da Estação Humana de Licéa». Pelo mesmo assunto interessou-se o escultor Álvaro de Brée, que vivia na zona e recolheu matrial diverso, proveniente de uns buracos feitos no solo.

O dr. João Luís Cardoso, arqueólogo responsável pelas escavações, conhece o local desde 1970, e três anos depois iniciou o estudo da colecção de Álvaro de Brée, conservada pela família em Barcarena, e que transitará para o futuro museu.

Após sondagens, definiu-se a área de interesse arqueológico, num terreno para o qual havia já alguns pedidos de loteamento, estando agora a Câmara a negociar com o proprietário. Estabeleceu-se uma zona de protecção envolvente para impedir a construção ilegal, enquanto o município vedava o recinto, em Novembro de 1985. As escavações encontram-se em fase adiantada e, de qualquer modo, a estação de Leceia foi classificada como imóvel de interesse público em 1963.

Os arqueólogos responsáveis pelos trabalhos não são remunerados. Beneficiam, entretanto, do apoio técnico e de uma pequena verba do Instituto Português do Património Cultural e receberam 500 contos da Câmara de Oeiras para a campanha de 1988, para efeitos de apoio logístico, transporte do pessoal e despesas com materiais fotográficos.

Existiu ali uma cidade grandiosa

Os trabalhos arrancaram, e a pouco e pouco surgiram as estruturas, de ca-

RUÍNAS PRÉ-HISTÓRICAS DE LECEIA

rácter acentuadamente defensivo e habitacional. As construções já identificadas pertencem ao calcolítico inicial e ao médio, ou pleno. As defesas mais antigas constam de muralha imponente, com bastiões ecos, de planta semicircular a semiovalar, com a altura previsível de cinco metros, em blocos e lajes calcárias, ligados por argamassa. Mais tarde, mas ainda no princípio do calcolítico, as defesas alargaram-se com muros radiais, entre uma primeira linha de fortificações e uma possível segundo linha ainda por escavar. Por este método segmentava-se o espaço, facilitava-se a defesa e dificultava-se a incursão inimiga.

Sabe-se, hoje, que o povoado de Leceia foi habitado desde o neolítico final, prosseguindo a sua ocupação durante o calcolítico inicial (horizonte da cerâmica canelada) e no calcolítico médio ou pleno (horizonte da cerâmica com decoração de folhas de acácia). Era, na altura, uma cidade grandiosa — uma megalópole — com 150 a 200 casas. Houve ali uma ocupação contínua durante cerca de mil anos, desde três mil a dois mil anos da era actual. Foram detectadas algumas diferenças na construção de certas estruturas mas não se verificou qualquer sobreposição de culturas. O povo que viveu ali no terceiro milénio a.C. não cedeu o lugar a invasores ou conquistadores. A população era a mesma e dedicava-se sobretudo à agricultura de cereais e à pastorícia, fabricando queijos, utilizando o tear, fundindo o cobre, criando animais domésticos (boi, porco, ovelha, cabra) e caçando o veado, o coelho e o javali.

Houve, de certeza, relação comerciais a curta, média e longa distância, entre Leceia e outras comunidades. Atesta-o a presença de objectos importados, como idolos de marfim e contas de colar feitas de minerais verdes inexistentes no território nacional.

Supõe-se que, dada altura, tenha existido um grupo de artífices especializados na metalurgia do cobre, no povoado de Leceia. Não contribuíam directamente para o aumento de riqueza comunitária, mas a sua manutenção era possível graças ao desenvolvimento de uma economia agro-pastoril, subsidiada pela caça e pela recolecção de moluscos marinhos. Esta situação, aliás, era muito frequente na Idade dos Metais.

Seja como for, no final do período calcolítico Leceia estava em decadência.

...te do espólio tratado e classificado

As populações abandonaram o local cerca de dois mil a.C. Porquê? Talvez — é apenas ainda uma hipótese — por terem sido invadidas por gente portadora de nova cerâmica, a campaniforme (recipientes em forma de sino), à semelhança do que aconteceu no Zambujal e em Vila Nova de São Pedro, junto ao Cartaxo, durante o calcolítico final.

Entretanto, têm sido recolhidos os mais diferentes materiais naquela estação arqueológica: indústria lítica, pedaços de cerâmica, objectos de culto e adorno (cobre, marfim, osso), conchas de moluscos e anzóis, ossos e dentes de animais, granitos e arenitos da serra de Sintra, queijeiras, raspadores e furadores, pontas de seta, foicinhas, pesos de tear.

Enfim, de acordo com o que nos disse o dr. João Luís Cardoso, «Leceia oferece um dos mais completos quadros de evolução das comunidades que durante o neolítico final e o calcolítico viveram nas penínsulas de Lisboa e de Setúbal.

Muito do que lá se tem vindo a fazer é o resultado, em última análise, do esforço não remunerado de três arqueólogos profissionais. Mas, como um deles declarou à nossa reportagem, «sem o apoio e o estímulo da Câmara de Oeiras, o nosso brio e dedicação não chegariam para fazer aquilo que já realizámos e que pretendemos concluir». ■

A RTP apresentou, igualmente, reportagem sobre as escavações, no “Jornal da Tarde” e no programa “Ponto por Ponto”, ambos no dia 3 de Agosto, onde foi entrevistado, em estúdio, o Director do Departamento de Arqueologia do IPPC.

1989

35 – *Voz de Portugal*, de 26 de Janeiro de 1989, pág. 8: “Idade do Cobre. Arqueólogos portugueses exploram ruínas pré-históricas”.

36 – *Jornal da Costa do Sol*, de 9 de Março, pág. 16: "Oeiras e o seu Concelho. Visita de estudo aos concelhos de Cascais e Oeiras".

37a; 37b; 37c – *Revista Oeiras Municipal*, Abr.-Mai-Jun., n.º 24, pág. 17, 18 e 19: "Autarquia, Arqueólogos e IPPC recuperam castro de Leceia"; "Antigo povoado pré-histórico em Leceia em fase de recuperação"; "Há cinco mil anos, o povoado. Leceia: um segredo bem guardado" (**Fig. 426 a 428**).

Reportagem de três páginas da autoria Vítor Catanho, jornalista da Agência Lusa, para a revista municipal. Texto elaborado com o objectivo de dar a conhecer à população do Concelho de Oeiras os motivos e objectivos dos trabalhos efectuados e os aspectos técnico-científicos e institucionais relativos às acções de escavação e de valorização em curso. Apresenta em imagens, o moinho ali existente, depois de recuperado, destinado a "museu de sítio"; obra a cargo da Câmara Municipal de Oeiras, inaugurado naquela altura.

38 – *Diário de Notícias*, Informações Gerais, de 12 de Julho, pág. 15: "Oeiras debate política regional".

1990

39 – Jornal "Correio da Manhã", de 29 de Julho, pág. 12;

40 – "Jornal de Notícias", de 31 de Julho, pág. 11;

41 – *Diário Popular*, de 8 de Agosto, pág. 10: "Escavações de Leceia avançam a bom ritmo, com o apoio da Câmara de Oeiras" (**Fig. 429**).

Reportagem do jornalista António Viana e fotos de Pedro Silva, realizada no decurso da 8.ª campanha de escavações. Aborda vários aspectos administrativos e logísticos dos trabalhos de campo e noticia que o sector principal do povoado se encontra praticamente restaurado, trabalho que faz parte da investigação arqueológica e que torna compreensível, para o visitante, as estruturas arqueológicas identificadas.

42 – Jornal "A Zona", de 16 de Agosto, pág. 5;

43 – Jornal "Correio da Costa do Estoril", de 16 de Agosto, pág. 14;

44 – *Jornal da Costa do Sol*, de 23 de Agosto, última página: "Escavações no castro pré-histórico de Leceia".

1991

45 – *Jornal da Costa do Sol*, de 14 de Março: "Reedição do livro sobre o castro de Leceia". Trata-se de notícia da edição em *fac-simile* da obra da autoria de Carlos Ribeiro, publicada pela Academia Real das Ciências de Lisboa em 1878, com comentários do Autor apresentada no dia do Município de Oeiras, a 7 de junho no Terraço das Araucárias, nos jardins do Palácio do Marquês de Pombal, em Oeiras. A esta mesma reedição se referem as duas notícias seguintes.

46 – *Boletim Municipal*, Março, n.º 17, pág. 3 e 4: "Oeiras vai reeditar livro sobre o Castro de Leceia".

47 – Jornal *Notícia*, n.º 71, de 1 de Julho: "Dia do Município de Oeiras. Recepção e apresentação do livro "Estudos Pré-Históricos em Portugal – Notícia da Estação Humana de Licêa".

Oeiras Municipal – Abr – Mai – Jun 1989 nº 24
Ed. Câmara Municipal de Oeiras

AUTARQUIA, ARQUEÓLOGOS E IPPC RECUPERAM CASTRO DE LECEIA

Este texto foi elaborado com o objectivo de dar a conhecer à população do Concelho os motivos, objectivos, o trabalho já realizado e os aspectos técnico-científicos e institucionais relativos às acções de escavação e de valorização em curso no povoado calcolítico fortificado de Leceia.

1.1 — Razões dos trabalhos iniciados em 1983

Em 1983, a jazida encontrava-se em fase de degradação acelerada, apesar dalguns esforços já então realizados pela Autarquia para obviar tal situação. Nesse ano, um dos proprietários da área arqueológica, abriu, com retroescavadora, numerosos buracos para o plantio de árvores; outro, tinha construído redondel para touradas, exactamente na área actualmente escavada. A jazida corria o risco de desaparecer rapidamente; outra ameaça era consubstanciada pelo projecto de urbanização de parte significativa da área arqueológica o qual se encontrava, também, em fase avançada. Tais factos, levaram o signatário à elaboração e apresentação imediata ao Instituto Português do Património Cultural (IPPC) de Projecto de Investigação o qual, uma vez aprovado, viria a permitir, ainda em 1983, o início das escavações. Os trabalhos ulteriores, conduzidos em 1984, 1985, 1986, 1987 e 1988, vieram a confirmar a importância excepcional, do ponto de vista cientifico e patrimonial, do antigo povoado pré-histórico.

1.2 — Aspectos institucionais

Leceia pode, desde já, ser apontada como exemplo paradigmático de colaboração entre Arqueólogos — Autarquias — IPPC. Os bons resultados obtidos devem-se em grande parte, à boa colaboração desde cedo prestada ao arqueólogo — sobre quem recai a responsabilidade científica pela condução do Projecto — pela Autarquia e pelo IPPC. Relativamente à primeira das instituições, a Câmara de Oeiras tem vindo a empenhar-se de forma crescente no Projecto, acção justificada pelo facto de serem os próprios munícipes os primeiros beneficiários — actividades circum-escolares e de animação cultural sobretudo. Quanto ao IPPC — entidade a quem compete, através do Departamento de Arqueologia a gestão da actividade Arqueológica a nível nacional — deverá ficar reservado, como lhe compete, papel fiscalizador do bom nível científico dos trabalhos e o indispensável apoio institucional — classificação de imóveis, delimitação de áreas arqueológicas e sua promulgação oficial por exemplo.

2 — Um programa de investigação ambicioso

2.1 — A salvação

Além dos aspectos que ameaçavam a integridade física da estação, devem referir-se diversas outras ameaças, mais difusas, avultando entre elas as seguintes:

— pressão urbanística da zona envolvente da jazida, resultante da proximidade da povoação actual, com a consequente degradação paisagística, visto tratar-se em geral de construções de fraca qualidade arquitectónica;

— a presença de curiosos e de amadores de fim-de-semana que delapidavam a pouco e pouco, por recolhas de superfície e pequenas escavações clandestinas, o património da estação.

Tais factos resultavam, em parte, da indefinição da área arqueológica: a única planta disponível era a de Carlos Ribeiro, elaborada em 1878 a qual, além de muito exagerada na delimitação da área da jazida, era de aplicação legal irrealista visto incluir toda a actual povoação.

Actualmente, a zona de real importância arqueológica encontra-se legalmente definida (portaria 186/86), e fisicamente protegida por vedação colocada pela Câmara Municipal de Oeiras, correspondendo-

▶

Fig. 426, 427 e 428 – 1989 – *Revista Oeiras Municipal*, Abr-Mai-Jun., n.º 24, p. 17, 18 e 19: "Autarquia, Arqueólogos e IPPC recuperam castro de Leceia"; "Antigo povoado pré-histórico em Leceia em fase de recuperação"; "Há cinco mil anos, o povoado. Leceia: um segredo bem guardado".

ANTIGO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO EM LECEIA EM FASE DE RECUPERAÇÃO

(Continuação da pág. anterior)

do à **Zona Non Aedificandi**. Prevê o mesmo diploma uma **Zona de Protecção Especial**,tendo em vista a salvaguarda da integração paisagística e ambiental da jazida: nessa área a construção é condicionada à aprovação conjunta pela CMO e pelo IPPC.

2.2 — A escavação: as cinco campanhas realizadas (1983 a 1987), bem como a actualmente em curso, fazem de Leceia um caso ímpar na arqueologia portuguesa; trata-se da escavação integral de um importante povoado calcolítico, apenas comparável ao projecto em curso no povoado calcolítico do Monte da Tamba (Alcácer do Sal), dirigido por C. Tavares da Silva e J. Soares. Com efeito, os povoados já clássicos do Zambujal (Torres Vedras) e de Vila Nova de S. Pedro (Cartaxo), não foram, até agora, alvo de semelhante preocupação. Tal facto irá propocionar a interpretação, de forma e global, da organização do espaço num grande povoado calcolítico.

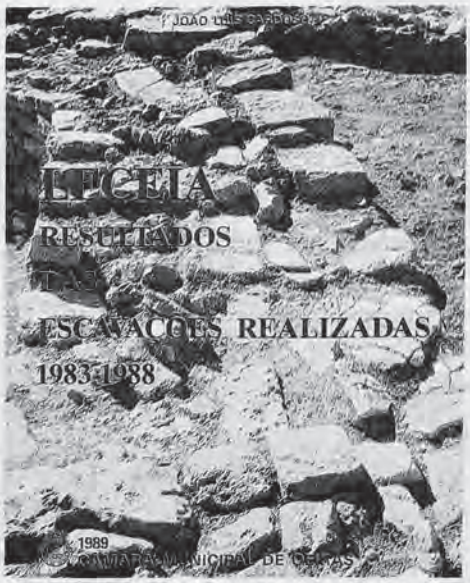
As escavações têm decorrido sempre no mês de Agosto participando diariamente cerca de 20 elementos, estudantes, de Caxias, Paço de Arcos, Oeiras, Cascais, Cacém, Linda-a-Velha, etc., que para o efeito auferem de uma remuneração média diária de 100 a 1 000$00, em 1988. Além do apoio financeiro do IPPC deve ser salientado que este ano colaboram dois técnicos de restauro, formados em Conímbriga, igualmente suportados pela autarquia.

A Câmara Municipal de Oeiras tem concedido todas as facilidades de realização do trabalho, consubstanciado num apoio financeiro e apoios logísticos diversos (cedência de equipamentos de apoio, transporte diário dos participantes, etc.). Em 1988, com a cedência de instalações para o tratamento, inventariação e arquivo do espólio e a contratação de técnicos superiores para esse efeito, deu a CMO um passo decisivo no estudo e valorização do património concelhio.

2.3 — O estudo dos materiais

Também neste domínio o Projecto da Investigação é inovador: através da constituição de uma equipa pluridisciplinar, integrando especialistas das diversas áreas científicas, será possível o estudo integral do espólio.

Com tais estudos é possível, por outro lado, determinar as relações económicas e culturais estabelecidas com outras comunidades calcolíticas, nos três níveis referidos: a curta, média e longínqua distância.



O lançamento desta obra coincide com o aumento para o dobro da área investigada, e interliga-se com a recente criação do Museu Etnográfico

2.4 — A publicação dos resultados:

É já abundante a bibliografia disponível sobre Leceia; têm sido publicadas em revistas e reuniões da especialidade os resultados parciais obtidos das sucessivas campanhas ali realizadas. No final dos trabalhos de campo, que se prevê para 1990/91, será preparada uma monografia contendo o estudo exaustivo dos materiais.

2.5 — A valorização turistico-cultural:

À excepcional importância científica de Leceia vem somar-se a particularmente favorável situação geográfica, em termos de acessibilidade, com estrada alcatroada "à porta". Tais factos apontam para uma rápida recuperação e valorização turístico-cultural de estação; com esse objectivo, estão previstas ou em realização as seguintes acções:

— recuperação do moinho, destinado a "museu de sítio", obra prevista para 1988 e a cargo da CMO;
— restauro das estruturas arqueológicas: trabalhos em curso com o apoio do IIPC, por técnicos formados no Museu de Conímbriga;
— integração paisagística da jazida, da responsabilidade da CMO e dos arqueólogos responsáveis;

A primeira edição da CMO, sobre o castro de Leceia, editada em 1987

— integração em roteiros turísticos culturais.

Assim será possível atrair fluxos turísticos que actualmente passam "ao lado", em direcção a Cascais, e motivar as populações concelhias pelo seu passado, muito em especial e em idade escolar, para já não falar nos benefícios para a comunidade científica.

J. L. Cardoso

Oeiras Municipal - Abr-Mai-Jun. 1989 nº 24
Ed. Câmara Municipal de Oeiras

HÁ CINCO MIL ANOS, O POVOADO

LECEIA : UM SEGREDO BEM GUARDADO

O rio passava ao longe, lento mas promissor, rasgando as margens de uma terra de sonhos, povoada aqui e acolá de populações dispersas, sem unidade.

Longe do rio maravilhoso que a História baptizou de Tejo espalharam-se as tribos, de estrutura patricial, ainda comunidades primitivas mas já minimamente hierarquizadas.

No patamar rochoso de Leceia, a cinco quilómetros da margem direita do Tejo distante 12 quilómetros de um outro aglomerado mais forte denominado Lisboa, instalou-se há cinco mil anos um povo agro-pastoril que se fortificou, sem orgulho, para se defender dos "ventos e marés" semeados pelo desconhecido.

O solo que esse povo então pisou e que guarda memória de outras tragédias dorme ainda hoje parcialmente no topo da encosta direita do vale da Ribeira de Barcarena.

A ribeira corre para diante em direcção ao Tejo, por vezes sem lá chegar.

Ali repousam hoje cinco mil anos do concelho de Oeiras, aglomerado de vidas, sacrifícios e gigantescas realizações que o tempo reuniu pedra a pedra e escondeu no coração da plataforma rochosa que domina toda a área envolvente.

Povoado defensivo, recinto fortificado, reunião de povos junto ao vale extenso e fértil ? Tudo é possível, mas o segredo mantém-se bem guardado.

A paisagem em redor é triste, austera por vezes, despida ou mesmo nua, sem artifícios, calcárea como a terra manda, pejada de vestígios de outras civilizações, necrópole de sonhos, onde a vida abunda à superfície guardando, sigilosa, as aventuras de outras épocas, outros homens, vidas de outros tempos.

Oeiras recorda hoje no povoado de Leceia o seu passado, interroga-se, enquanto procura no solo vestígios arqueológicos que permitam definir com alguma precisão quais as relações sociais que predominaram outrora e que tipo de vida definiu os povos que ali passaram.

Foi a controvérsia, o confronto ou a coexistência que moldou esses tempos afastados?

A interrogação ainda hoje se mantém. A arqueologia destapa indícios, afasta hipóteses, mas já permite antever o ambiente dominante.

Os povos que habitaram Leceia, que as marcas e as pégadas apenas nos deixaram vestígios, conquistaram o direito a residir à custa de muita vigilância, aturados cuidados e talvez um constante sobressalto.

Tiveram necessidade de se defender, salvaguardando as suas vidas e os seus bens, por entre muralhas.

Fortificaram-se, ergueram bastiões, estenderam-se ao longo do conjunto rochoso de Leceia, criaram raízes e semearam outras civilizações mais desenvolvidas com testemunhos ainda hoje bem visíveis: os restos do antigo moínho de 1707, ali perdidos na terra esventrada.

Da pedra que abundava na região as populações fizeram artefactos de sílex, pontas de setas, furadores, lâminas, machados e enchós para preservar e manter o direito de posse sobre as terras.

Alargaram muralhas, sairam da fortificação central e espalharam-se pela encosta.

O Moinho do castro de Leceia, recentemente recuperado

O vale silencioso conheceu nova vida, o chão revestiu-se de laje, cresceram paredes feitas de adobes e ramagens aconchegadas com barro amassado.

Era já talvez um povo mais confiante, seguro das suas capacidades, sem receios, que esboçava as primeiras unidades de tipo familiar.

Eram, no entanto, as relações de tribo que iriam predominar.

Das tíbias de cabra e ovelha construiram-se objectos de adorno (alfinetes de cabeça, colares e enfeites) e das hastes de cervídeo nasceram utilitários de grande formato.

As populações fixaram-se, deixaram momentaneamente de olhar em redor (sentiam-se defendidas) e passaram a olhar para a sua prole (esboçavam-se os primeiros indícios de hábitos familiares).

Ganharam confiança, desceram o vale e chegaram ao rio grande que passava ao longe, agora tão perto.

Foi a última aventura de um segredo bem guardado que Leceia preserva ainda hoje na encosta do vale da Ribeira de Barcarena : o passado do concelho de Oeiras.

Vítor Catanho

Jornalista de "A LUSA"

10 ■ DIÁRIO POPULAR ■ 8 DE AGOSTO 1990

COM O APOIO DA CÂMARA DE OEIRAS

Os trabalhos deste ano estão a revelar mais estruturas habitacionais e diversos lajedos

O moinho do século XVII erguido sobre escavações pré-históricas

ESCAVAÇÕES DE LECEIA AVANÇAM A BOM RITMO

ANTÓNIO VIANA (texto)
PEDRO SILVA (fotos)

As escavações pré-históricas de Leceia estão de novo em actividade, como acontece em Agosto desde 1983, ano em que foram desenterrados os primeiros bastiões desta povoação pré-histórica, datada de cerca de 3200 anos antes de Cristo. Este ano a Câmara Municipal de Oeiras contribuiu com cerca de 600 contos para o prosseguimento dos trabalhos que se encontram já numa fase avançada, tendo sido visitados este ano por mais de 500 crianças de diversas escolas.

João Cardoso o arqueólogo responsável pelos trabalhos espera no final deste ano ter escavado já cerca de dois mil metros quadrados. O aparecimento de mais estruturas habitacionais poderá explicar o tamanho das estruturas defensivas «pouco compatíveis com a pequenez da zona que defendiam».

Leceia é uma povoação pré-histórica, caracterizada pela presença de fortes bastiões defensivos, que dispunha de duas ou três muralhas de pedra e que durante mais de mil anos, desde o neolítico ao calcolítico, foi reconstruída pelas sucessivas gerações que ali viveram.

As primeiras escavações tornaram visível o núcleo da fortaleza com as ruínas das habitações dentro e fora da muralha, os bastiões, lareiras, e duas estruturas cónicas, únicas na península, que poderão ter servido de celeiro ou de eiras para a secagem dos cereais e das leguminosas.

As populações que habitavam Leceia viviam sobretudo da agricultura e da horticultura que praticavam junto da ribeira de Barcarena, mas chegavam a ir ao Alentejo buscar a pedra de que precisavam para as suas edificações.

Mais de 35 mil peças

Desde que as escavações se iniciaram já foram encontradas mais de 35 mil peças de interesse arqueológico que vão desde os ossos dos animais que constituíam a alimentação dos residentes, até conchas marinhas, machados de pedra polida, objectos de cerâmica, pontas de silex, e até fragmentos de vieira.

Cerca de 20 jovens trabalham neste momento, sob a direcção de João Cardoso, com equipamentos fornecidos pela câmara que além disso também pôs à disposição do grupo uma carrinha para transporte. A maior parte dos jovens pertence à OTL (Organização dos Tempos Livres) ou à OTJ, cumprindo um horário de cerca de seis horas por dia (das 10 às cinco da tarde, com intervalo para almoço).

Entretanto, desde que a câmara de Oeiras manifestou maior interesse pelas escavações (o ano passado) os trabalhos decorrem a bom ritmo, tendo sido reconstruído um moinho do século XVII em ruínas, situado dentro do perímetro defensivo.

O moinho irá ser utilizado como mostruário dos objectos recolhidos (das réplicas porque os originais irão estar expostos no futuro museu de Oeiras).

De momento existe já um Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras apoiado pela câmara, dirigido por João Cardoso. Aliás, o núcleo arqueológico terá um importante papel no futuro museu.

O sector principal do antigo povoado está praticamente restaurado, trabalho que faz parte da investigação arqueológica e que torna compreensível para o visitante estruturas arqueológicas que o tempo e a actividade humana foram destruindo ao longo dos séculos. Aqui, em Leceia, funcionou uma pedreira que destruiu parte das habitações e das fortificações.

João Cardoso mostra-se optimista quanto ao futuro desta edificação pré-histórica, prevendo que um dia ela se possa tornar um *ex libris* arqueológico do concelho e receber visitantes interessados em tomar contacto com vestígios do passado remoto em Portugal e na Península Ibérica.

Os arqueólogos têm opiniões diversas sobre a função destas estruturas circulares: eira para secar leguminosas ou chão de celeiro

Fig. 429 – 1990 – *Diário Popular*, de 8 de Agosto, p. 10: "Escavações de Leceia avançam a bom ritmo, com o apoio da Câmara de Oeiras".

48 – *Jornal da Costa do Sol*, de 29 de Agosto, n.º 1217, pág. 7: "Castro de Leceia. A grandiosidade de um projecto extraordinário" (**Fig. 430**).

Destaca-se a extensa reportagem de Rui Sintra, dando conta dos resultados das nove campanhas de escavações até então realizadas no povoado, relatadas em entrevista com o Autor:

"*Na verdade o que se passa é que, em termos arqueológicos, temos aqui uma área em que foram definidas três muralhas paralelas constituídas por blocos de calcário, que definem um espaço triangular, sendo os outros dois lados do triângulo, correspondentes à escarpa natural que já*

CASTRO DE LECEIA

A GRANDIOSIDADE DE UM PROJECTO EXTRAORDINÁRIO

Por: Rui Sintra

O Dr. João Cardoso conduzindo os trabalhos da campanha de escavações deste ano

UM POUCO DE HISTÓRIA

O «Castro de Leceia», localizado no Concelho de Oeiras, constitui uma das maiores empresas na área da arqueologia no nosso país e mesmo a nível ibérico. O castro de Leceia foi descoberto já no século XIX, datando de então o primeiro estudo que dele se realizou e, paralelamente, uma das primeiras monografias arqueológicas publicadas no nosso país (1878), da autoria do general Carlos Ribeiro, considerado o fundador da pré-história e da geologia no nosso país. Na altura, Carlos Ribeiro não efectuou escavações propriamente ditas, tendo-se limitado a recolher alguns materiais de superfície e, eventualmente, a executar alguns buracos, no intuito de verificar a existência de mais alguns materiais em profundidade.

A estação de Leceia é uma das primeiras conhecidas em Portugal e, no fundo, a monografia de Carlos Ribeiro, constituiu, durante muito tempo, a única existente de um povoado pré-histórico em Portugal. Foi assim que Leceia ficou a ser conhecida do público desde os finais do século passado e até toda a primeira metade deste século.

UM TRABALHO COM NOVE ANOS, CHEFIADO POR JOÃO LUÍS CARDOSO

O Dr. João Luís Cardoso é o arqueólogo principal de Leceia, coordenando o trabalho de cerca de 25 pessoas que, desde há 9 anos a esta parte se dedicam ao trabalho exaustivo de investigação. João Cardoso é igualmente colaborador em outras estações arqueológicas e exerce a coordenação do Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara M. de Oeiras. Os trabalhos que decorrem actualmente em Leceia constituem a 9.ª campanha de escavações executadas no local. João Cardoso decidiu efectuar este trabalho, após ter realizado o estudo de uma colecção de materiais arqueológicos achados no lugar e conservados por um particular, em Barcarena; identificou inúmeros materiais de várias épocas da pré-história, muito embora as mesmas fossem encontrados à superfície e não houvesse a hipótese de diferenciar os diversos conjuntos cronológicos ali representados.

As primeiras escavações levadas a cabo por João Cardoso, em Leceia, datam de 1983 e destinavam-se, fundamentalmente, a determinar uma eventual estratigrafia que pudesse dar uma cronologia relativa a esses materiais de superfície. Logo no primeiro ano abriu-se um rectângulo com cerca de 30 m² de área e que mostrou, não só a existência de uma estatigrafia, como também alinhamentos de pedras, indicando a existência de estruturas arqueológicas. A título de informação, cabe-nos referir que estatigrafia significa a existência de várias camadas de solos, com diversos tipos de materiais de épocas diferentes. Foi exactamente este o primeiro passo que originou a continuação dos trabalhos. A partir de 1984 as escavações prolongaram-se em extensão, no intuito de definir toda a área ocupada pelas construções arqueológicas. Neste momento, com uma área superior a 2300 m² escavados, pode-se dizer que este povoado é dos mais importantes, não só do país, como de toda a Península Ibérica. Tudo isto tem estado a ser comprovado pelas inúmeras visitas de pessoas que se deslocam, de propósito, dos seus países, para observarem de perto Leceia.

Vista Parcial do Castro de Leceia — um interessante recorte da implantação das muralhas

Este Moinho do Sec-XVII foi reconstruido. Num futuro muito próximo, albergará réplicas encontradas em Leceia e que ficarão patentes ao público

DR. JOÃO CARDOSO DEFINE CASTRO DE LECEIA

João Cardoso teve a gentileza de descrever-nos pormenorizadamente o que significa o «Castro de Leceia» e os motivos da sua importância:

«Na verdade o que se passa é que, em termos arqueológicos, temos aqui uma área em que foram definidas três muralhas paralelas constituídas por blocos de calcário, que definem um espaço triangular, sendo os outros dois lados do triângulo, correspondentes à escarpa natural que já existia, obviamente, antes das primeiras construções de carácter defensivo. No ponto de vista cronológico, estas muralhas podem-se situar logo no início da idade do cobre da Estremadura, segundo indica o método do carbono-14; é possível, pois, através de recolhas de carvões, obter uma data absoluta para as camadas que os continham. Pode-se, portanto, dizer que a 1.ª fase construtiva do calcolítico se situa cerca de 2.300-2.400 anos a.C., isto em datas de carbono-14 não calibradas.

Antes, já o sítio tinha sido habitado no neolítico. Mais concretamente, podemos dizer que este povoado remonta a cerca de 2.600 a 2.800 anos a.C., em termos de anos de calendário, embora, nesta época os indivíduos que aqui permaneceram não tivessem a necessidade de implantar construções defensivas. Até agora encontramos, referentes à primeira ocupação do Neolítico-Final, apenas estruturas de carácter habitacional, ou sejam, os restos das cabanas e das lareiras que, enfim, eram construídas para abrigos. Na verdade, só no início da Idade do Cobre é que se assiste a estas importantes construções defensivas.

Do ponto de vista cultural, o povoado corresponde essencialmente à Idade do Cobre, desde a do Cobre incial até ao Calcolítico final da Estremadura, que é caracterizado pelas cerâmicas campaniformes que estão muito bem representadas, como é o caso de algumas que se encontram no Museu Condes de Castro Guimarães, etc.

Pode-se dizer, em suma, que este povoado teve uma ocupação de cerca de 1500 anos, ao longo da primeira metade do 3.º milénio a.C., até ao final do 3.º milénio, cerca de 2000 anos a.C. Não se pode dizer, contudo, que tivesse existido uma ocupação contínua; é muito possível que, ao longo desses 1500 anos, o povoado tenha sofrido diversos abandonos e a testar essas situações temos à vista várias camadas estéreis que se acumularam no decurso desses períodos de abandono. Pode não ter sido total, porque também não temos provas disso, mas, pelo menos, parciais terão sido.

Duas «eiras». Aqui eram acumulados os cereais e preparados para serem consumidos

Do ponto de vista económico destas populações e baseadas no espólio já encontrado, não existem dúvidas algumas; há a certeza que as populações que viveram no Castro de Leceia já tinham uma agricultura relativamente avançada. Encontramos aqui restos de foices de sílex, que atestam uma agricultura cerealífera, a existência de sachos de pedra polida que comprovam a prática de uma horticultura insipiente, certamente aproveitando as pequenas hortas que já nessa altura podiam existir ao longo da Ribeira de Barcarena.

Do ponto de vista nutricional, essa gente conhecia todos os animais domésticos que nós hoje também conhecemos e que fazem parte da nossa alimentação usual; bovinos, caprinos, ovinos e suínos eram bem conhecidos destas populações, muito embora os animais selvagens fossem outra das suas preferências, caçando-os (casos dos veados, javalis, bois-selvagens já desparecidos, oroques, etc.). Outro hábito alimentar da altura era o peixe, os bivalves e o marisco. Tudo comprova que esta população explorou intensamente o litoral, não se aventurando, contudo, a ir ao mar alto.

A produção agrícola, a caça, a pesca e a recolha de marisco constituíram a base da sua subsistência.

Por outro lado, os objectos de carácter arqueológico encontrados, atestam uma forte dominância externa. As matérias-primas locais pouco ou nada se aproveitavam, porque, sendo esta uma zona estritamente calcária, dos calcários não se podiam fazer objectos de pedra lascada. O que é certo é que fomos encontrar grandes lotes de sílex que não eram de origem local, sendo originários de Rio Maior. Na verdade, são sílex de cor rosada, amarelada e encarnada, em nada semelhantes aos deste local, que se apresentam de cor cinzenta. Foram encontradas também peças produzidas em materiais que nem sequer eram conhecidos no território português, nem peninsular, como é o caso de agulhas e alfinetes de cabelo que adornariam as cabeças das damas da época, feitos em marfim, originárias do continente africano. Isso denuncia também um comércio amplamente vasto e executado por transmissão ou cadeia gigantesca.

A primeira lixeira de que há conhecimento. Aqui foram encontrados alguns despojos humanos, provavelmente de invasores ou saltadores de Leceia

O FUTURO DO CASTRO DE LECEIA

Os trabalhos realizados em Leceia têm sido apoiados pelo IPPC desde o primeiro momento e pela C.M.O. que se tem mostrado incansável em relação ao projecto. Espera-se que os trabalhos de campo sejam concluídos a tempo de se poder publicar uma monografia, talvez em 1992 ou 1993.

Uma das ideias será elaborar um estudo de valorização do próprio espaço arqueológico.

Leceia, dadas as suas excelentes condições de localização, poderá ser aproveitada para implementar um complexo turístico-cultural-científico, completamentado com uma zona de lazer e com um adequado estudo paisagístico e ambiental.»

Cremos ter contribuído, de forma satisfatória, para o conhecimento do povoado e para a obra grandiosa realizada pelo Dr. João Cardoso e seus colaboradores.

UNIÃO ELÉCTRICA CASCAENSE
de CARDOSO & GAITEIRO, LDA
ELECTRODOMÉSTICOS ☆ MATERIAL ELÉCTRICO
INSTALAÇÕES ☆ REPARAÇÕES ☆ T.S.F TV
RUA AFONSO SANCHES, 15 ★ TELEFONE 483 04 25 ★ CASCAIS

Fig. 430 – 1991 – *Jornal da Costa do Sol*, de 29 de Agosto, n.º 1217, p. 7: "Castro de Leceia. A grandiosidade de um projecto extraordinário".

existia, obviamente, antes das primeiras construções de carácter defensivo. No ponto de vista cronológico, estas muralhas podem-se situar logo no início da idade do cobre da Estremadura, segundo indica o método do carbono-14; é possível, pois, através de recpolhas de carvões, obter uma data absoluta para as camadas que os continham."

A notícia destaca o trabalho de investigação que tem sido desenvolvido pelo Autor e seus colaboradores, e é acompanhada por 5 fotografias de campo onde são visíveis algumas das estruturas arqueológicas descobertas, das quais fazem parte o conjunto de "eiras", onde eram acumulados os cereais e preparados para serem consumidos, e a estrutura denominada de "lixeira", onde foram encontrados alguns ossos humanos então atribuídos, provavelmente, a invasores ou salteadores de Leceia, o que depois o Autor verificou não ser possível, visto serem já da Idade do Bronze, depois de datados pelo radiocarbono.

49 – *Boletim Municipal*, Agosto/Setembro, n.º 22, pág. 5: "Campanha de escavações em Leceia subsidiada em mil contos" (**Fig. 431**).

Informação municipal do apoio monetário atribuído pela Câmara Municipal de Oeiras à campanha de escavações de 1991 no povoado de Leceia. Salienta, a recente deslocação do Presidente da Republica, Dr. Mário Soares, às instalações do Centro de Estudos Arqueológicos, e a edição do primeiro volume da revista Estudos Arqueológicos de Oeiras, que consiste na já referida publicação em "fac-simile" da obra de Carlos Ribeiro, originalmente editada em 1878, com notas e comentários do Autor e ainda uma nota bio-bibliográfica do arqueólogo G. Zbyszewski.

Para além da imprensa escrita, destaca-se a entrevista realizada por Manuela Martins, concedida pelo Autor à RTP, transmitida no Telejornal RTP1, no dia 7 de Novembro, com visualização acessível na plataforma do arquivo da RTP, através do endereço: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/achado-arqueologico-de-leceia/, na qual se podem observar os trabalhos em curso de escavação, restauro e reforço de algumas estruturas arqueológicas postas a descoberto.

1992

50 – Jornal *A Capital*, de 28 de Janeiro: "Arqueólogos recuperam "cidade" milenar. Segredos arqueológicos às portas de Lisboa. Leceia foi uma das primeiras na Europa" (**Fig. 432**).

51 – Revista *Oeiras Municipal*, n.º 26, Fevereiro, pág. 3: "Editada nova publicação sobre Arqueologia" (**Fig. 433**).

52 – Jornal *Expresso*, de 15 de Fevereiro, pág. 23: "O maior povoado pré-histórico à beira de Lisboa" (**Fig. 434**).

53 – *Jornal da Costa do Sol*, de 5 de Março, pág. 3: "Dr. João Cardoso lança livro sobre arqueologia". Refere-se à apresentação do volume 2 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* no restaurante Pérgula, em Santo Amaro de Oeiras, dedicado a estudos de Antropologia Física de espólios pré-históricos recolhidos em diversas estações do concelho de Oeiras, incluindo Leceia, da autoria de Armando Santinho Cunha, Delberto de Aguiar e do Autor.

54 – Jornal *Correio da Manhã*, de 5 de Março, pág. 28: "Município de Oeiras edita nova publicação de arqueologia". Trata da mesma iniciativa da notícia anterior.

BOLETIM MUNICIPAL

CÂMARA MVNICIPAL D. OEIRAS

N.º 22 - Ago/Set 1991, p. 5

Castro de Leceia

Campanha de escavações em Leceia subsidiada em mil contos

A Câmara Municipal de Oeiras, sob a proposta do seu presidente, dr. Isaltino Morais, concedeu um subsídio, no valor de mil contos, destinado a suportar as despesas inerentes à realização da campanha de escações na estação arqueológica de Leceia, a qual se iniciou no dia 1 de Agosto.

O castro de Leceia, povoado de remota ocupação humana, tem nos últimos anos vindo a merecer uma particular atenção do município, tendo, para o efeito, sido criado o Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, dirigido pelo dr. João Cardoso.

Ainda recentemente o Presidente da República, na sua deslocação ao concelho, teve oportunidade de visitar as instalações do Centro de Estudos Arqueológicos e, na ocasião, elogiou o trabalho de investigação que vem sendo desenvolvido não só em torno do Castro de Leceia como de outras estações arqueológicas existentes na área do município de Oeiras.

Também, recentemente, a Câmara de Oeiras editou o primeiro volume da colectânea de Estudos Arqueológicos, o qual consiste numa publicação em "fac-simile" da obra de Carlos Ribeiro, orginalmente editada em 1878.

Trata-se de uma obra ímpar para a compreensão da estação humana de Leceia, prefaciada pelo dr. Isaltino Morais, e que inclui um completo acervo de notas e comentários do dr. João Cardoso e ainda uma nota bio-bibliográfica do arqueólogo G. Zbyszewski, um estudioso russo radicado em Portugal.

Fig. 431 – 1991 – *Boletim Municipal*, Agosto/Setembro, n.º 22, p. 5: "Campanha de escavações em Leceia subsidiada em mil contos".

14 TERÇA-FEIRA, 28 DE JANEIRO DE 1992 A CAPITAL

Reportagem de GRAÇA HENRIQUES

SEGREDOS ARQUEOLÓGICOS ÀS PORTAS DE LISBOA

Leceia foi uma das primeiras na Europa

Apesar de ser conhecido há mais de um século, o castro de Leceia guarda ainda muitos segredos para a arqueologia

ARQUEÓLOGOS RECUPERAM «CIDADE» MILENAR

No alto da colina, ergue-se o moinho já reconstruído e aproveitado como museu local

«A povoação de Barcarena, recostada sobre o flanco esquerdo da ribeira, assenta em anfiteatro sobre as bancadas do calcareo de Caprinulas, que formam uma série de resaltos desde o leito da ribeira, alivejando as casas por entre a verdura das hortas, quintas e arvoreados, o que dá à paizagem o mais risonho aspecto. Defronte e a cavalleiro vê-se a pequena povoação de Licêa, de uns quarenta fogos pouco mais ou menos, com parte das suas casas derrocadas. No alto da encosta e em situação contigua ao povo d'este nome encontrámos diversos productos d'arte humana, como machados de pedra polida, silex lascados e outros objectos.»

Em 1878, o coronel Carlos Ribeiro publicava assim a primeira «Notícia da Estação Humana de Licêa». Passado mais de um século, a estação arqueológica voltou ao conhecimento do público, agora, através das páginas dos jornais: o Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara Municipal de Oeiras desenvolve no local um ciclo de escavações que estão longe de terminar, tal a riqueza que ali se encontra. O nome do mentor do projecto é, desta vez, João Cardoso. Um arqueólogo que fala com orgulho daquele espaço já tão seu, até porque cresceu entre aquelas ruínas pré-históricas.

A paisagem de Barcarena continua a ter um aspecto risonho, tal como a classificou Carlos Ribeiro. Mas as casas já são diferentes: imperam as vivendas de primeiro andar de cores claras, em perfeito contraste com a colina verde, que ainda sobe à margem esquerda da ribeira.

Também o castro de Leceia se mostra diferente e menos misterioso. Uma divisória de arame separa-o do resto da povoação, não por se esperar actos de vandalismo, mas porque há muito terreno a descoberto de onde ainda não se recolheram todas as peças encontradas. Os residentes também sentem uma ponta de orgulho por possuírem a sua «riqueza». «Quando vou ali ao restaurante, perguntam-me sempre se tenho recortes de jornais sobre Leceia, para exporem na parede», ilustra João Cardoso à nossa reportagem.

Sensações milenares

A sensação de se entrar pelo portão de arame é praticamente a mesma de entrar pelo portão que leva a um estádio de futebol ou a outro sítio qualquer. Contudo, depois de alguns passos, a indiferença é imediatamente deitada por terra. A ciência arqueológica diz que se está a pisar «um dos mais importantes povoados calcolíticos da Idade do Cobre, de toda a Península Ibérica». O sentimento diz que se estão a pisar estruturas de pedra com cinco mil anos, construídas pelos nossos antepassados. E a sensação aumenta quando se começa a encontrar vestígios da vivência do homem pré-histórico: aqui e ali, aparecem pedaços de cerâmica, ossos e dentes de animais, lapas, silex lascado, todos tão fáceis de achar que, se não for um olhar atento, acabam por ser pisados.

João Cardoso guia-nos por esta viagem ao passado. Interrompe por diversas vezes a nossa conversa para se agachar sobre as peças que vão surgindo. Basta uma olhadela para que inicie uma descrição completa do objecto: o que era, que tamanho tinha, para que servia, etc.

Aos poucos, vamos sabendo que esta foi uma das primeiras «cidades» construídas na Europa. A data da fundação aponta para o Neolítico final, 2500 a.C. a 3000 a.C., e que teve uma ocupação contínua, pelo que foi abandonada mil anos depois. Esta aglomeração humana resumia-se a 150/200 pessoas, que no presente parece ridículo, mas que na época se traduzia por um autêntico ajuntamento populacional.

«A organização do espaço revela já estratificação em classes sociais, pois até entre não se fazia sentir essa complexidade», explica a «A Capital» João Cardoso. «Por outro lado, o povoado situava-se num ponto estratégico, que era defendido de todos os lados, quer pelas escarpas naturais, o que permitia o domínio do vale, quer por uma muralha com quatro ou cinco metros de altura.»

O muro defensivo traduz já uma certa estratégia militar. «A muralha, erguida uma única vez, não nasceu ao acaso. Havia já um plano, uma ocupação integrada do espaço, em que as unidades defensivas se completavam com as estruturas habitacionais», adianta o director do Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara de Oeiras.

Ratos, cobras e lixo

A visita pelo castro continua. Deparamos com aquilo que foi uma casa redonda. Esta é a habitação de maiores dimensões encontrada até agora em Leceia, o que leva a crer ter-se tratado da casa de alguém com uma posição social definida. Curiosamente, no meio do chão de pedras polidas, estão os vestígios do que há cinco mil anos foi uma lareira. Uma análise microscópica da terra permitiu saber-se que os antigos habitantes assavam ratos e cobras para se alimentarem.

Mesmo ao lado desta casa, passa um caminho lajeado. Os trabalhos arqueológicos deram a saber que foi construído após a habitação e pensa-se que será o caminho mais antigo encontrado em Portugal. De acordo com João Cardoso, mais uma vez se evidencia as marcas de um povoado proto-urbano pela concentração de pessoas e pela existência de um espaço social.

Fora da muralha, encontra-se uma divisória circular bastante peculiar. É que este espaço foi a primeira lixeira que existiu, sinal evidente de uma preocupação higiénica. No seu interior, foram descobertos restos de comida e ossos humanos. «Isto quer dizer que os inimigos possivelmente aqueles que tentavam pular o muro, eram mortos pelas vigias e atirados para o lixo, talvez depois de uma série de rituais», refere João Cardoso.

Espaço de lazer

No volume «Estudos Arqueológicos de Oeiras», onde está publicado na íntegra a «Notícia da Estação Humana de Licêa», por Carlos Ribeiro, com desenhos a carvão das peças encontradas no século passado, João Cardoso escreve, a propósito da muralha e dos bastiões: «A acumulação de riqueza, em local com condições naturais de defesa, ocupado desde o Neolítico final, é certamente resultante do desenvolvimento de uma economia essencialmente agro-pastoril e da melhoria da tecnologia agrícola. As actividades agrícolas estão documentadas pela presença de mós e elementos de foice.»

O documento adianta que a criação de gado é comprovada pela existência abundante de ossos de ovinos, caprinos, suínos e bovinos, sendo subsidiada pela caça do veado, javali, urso e auroque (boi selvagem) e ainda pela recolecção de espécies marinhas.

Este mês, a Câmara de Oeiras aprovou a execução de trabalhos de reconstrução, conservação e restauro daquele património pré-histórico, para o que foi cedida uma verba de 710 contos. O objectivo da autarquia é do responsável do Centro de Estudos Arqueológicos é fazer do castro um local de visita aprazível e de bem-estar público.

As escavações vão prosseguir no próximo Verão. Muita coisa há, certamente, ainda por descobrir. Para já, ergue-se no cimo da colina o moinho já reconstruído, que funciona também como museu local. É sempre agradável visitar no tempo e pisar em chão milenar.

CÂMARAS E MECENATO APOIAM INVESTIGAÇÃO

ESTADO VAI GASTAR 50 MIL CONTOS

O orçamento para a investigação arqueológica deverá atingir em 1992 cerca de 50 mil contos, revelou o Instituto Português do Património Cultural. Em 1991, os gastos situaram-se nos 106,4 mil contos e as fontes de financiamento foram as receitas próprias do instituto, que atingiram 1146 contos, contribuições do PIDDAC, no montante de 81,6 mil contos e do mecenato cultural, com 23,6 mil contos.

Em maquinaria e equipamento foram gastos 10,4 mil contos, enquanto o pessoal exterior ao Instituto Português do Património Cultural foi responsável por despesas de 83 mil contos. O funcionamento corrente do instituto levou 13 mil contos.

As entidades envolvidas nos financiamentos das investigações arqueológicas em Portugal são também as autarquias e as empresas (ao abrigo do mecenato cultural).

A Fundação Calouste Gulbenkian, a Comissão para os Descobrimentos e o Serviço Nacional de Parques e Conservação da Natureza também têm apoiado pontualmente aquele tipo de acções.

As autarquias têm sido as grandes financiadoras da actividade arqueológica, atribuindo subsídios para escavações ou trabalhos de conservação, apoio logístico, tanto em alimentação e alojamento como em mão-de-obra não qualificada, maquinaria, transporte e equipamento.

Quanto às empresas, podem referir-se a Celbi, Soporcel, Portucel, TLP, Banco Comercial Português e José A. Fernandes, com um total de ajudas na ordem dos 49 mil contos.

O apoio através do mecenato cultural teve início em 1986, com o co-financiamento por parte da Celbi dos trabalhos de investigação realizados na gruta pré-histórica do Caldeirão, em Tomar.

Fig. 432 – 1992 – Jornal *A Capital*, de 28 de Janeiro: "Arqueólogos recuperam "cidade" milenar. Segredos arqueológicos às portas de Lisboa. Leceia foi uma das primeiras na Europa".

Editada nova publicação sobre Arqueologia

O livro «O Homem Pré-Histórico no Concelho de Oeiras», segundo volume da colecção «Estudos Arqueológicos de Oeiras», foi apresentado à imprensa no passado dia 20 de Fevereiro, no restaurante Pérgula, em Oeiras.

Obra editada pela Câmara Municipal de Oeiras, «O Homem Pré-Histórico no Concelho de Oeiras» representa um notável empenho da autarquia no sentido de valorizar científica e culturalmente o património arqueológico do concelho.

Este trabalho constitui um importante documento sobre o estudo dos restos humanos pré-históricos encontrados, até à data, na área do Concelho de Oeiras, onde se integram os recolhidos no decurso das escavações do povoado pré-histórico de Leceia e materiais arqueológicos encontrados desde o século passado (1860/1960) e conservados no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal.

O livro, da autoria do dr. João Cardoso, coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, em colaboração com dois especialistas em Antropologia e Odontologia, os profs. dr. A. Santinho Cunha e o dr. Delberto de Aguiar, respectivamente, constitui um contributo importante para o desenvolvimento da investigação arqueológica em Portugal e, simultaneamente, para o desenvolvimento da investigação arqueológica em Portugal e, simultaneamente, para a sua divulgação junto do grande público.

Apresentação à Imprensa do II volume da colecção "Estudos Arqueológicos"

Fig. 433 – 1992 – Revista *Oeiras Municipal*, n.º 26, Fevereiro, p. 3: "Editada nova publicação sobre Arqueologia".

O maior povoado pré-histórico à beira de Lisboa

UM GRUPO de cinco homens tentou atacar, há cinco mil anos, o povoado de Leceia, situado a pouco mais de vinte quilómetros de Lisboa. Agora, um geólogo descobriu o que resta dos salteadores. Os vestígios constituem **«o primeiro testemunho de seres humanos encontrados num castro calcolítico português»**, revela João Cardoso, o responsável pela descoberta.

A «memória» dos salteadores de Leceia escondia-se no interior de uma estrutura oval, totalmente fechada, delimitada por pedras colocadas na vertical, e situada junto da entrada de uma das três linhas defensivas deste castro. Inesperadamente, por entre **«abundantes restos de alimentos e desperdícios domésticos»**, João Cardoso viu aparecerem doze fragmentos de calotes cranianas; pedaços de um malar direito, de uma arcada supraciliar esquerda, de um maxilar superior, de uma vértebra; e dezoito dentes isolados.

António Pedro Ferreira

Povoado pré-histórico de Leceia, entre Oeiras e Queluz: a memória de uma civilização há cinco mil anos

A pilhagem dos excedentes

Se os exames radiológicos e de «carbono 14» não permitiram, por exemplo, **«efectuar uma pesquisa racial»**, a verdade é que os fragmentos osteológicos apresentam **«indícios de terem pertencido a indivíduos do sexo masculino»**. Por outro lado, a análise efectuada ao material odontológico **«revelou que as idades deles deveriam rondar pelos 35 anos»**.

A tese de que aqueles homens terão morrido **«durante uma situação de conflito»** é sugerida ao geólogo pelo facto de terem sido enterrados numa zona de despejos de detritos. Em sua opinião, este grupo **«pertenceria a uma horda de assaltantes que, tendo sido derrotada, não teve direito a sepultura»**.

A pilhagem da aldeia pré-histórica de Leceia terá acontecido durante a segunda metade do quarto milénio antes Cristo, precisamente — como refere João Cardoso — quando a humanidade passa a desenvolver a agricultura. Nessa altura, facilitadas pela vida sedentária, as técnicas de olaria aperfeiçoam-se e inicia-se também o desenvolvimento da indústria de metais. Esta nova situação gera uma acumulação de bens excedentários, que começam a ser cobiçados. E terão sido os «celeiros» de Leceia que levaram aqueles cinco homens a tentar uma incursão por entre o labirinto das muralhas do povoado.

Ascensão e queda

A estação arqueológica de Leceia foi localizada, pela primeira vez, no último quartel do século XIX, quando um membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, Carlos Ribeiro, ali efectuou investigações. Mas foi só em 1983 que João Cardoso, juntamente com os arqueólogos Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, iniciou escavações no local que continua hoje a ser conhecido entre a população de Leceia como «o sítio do castelo».

Situado entre Oeiras e Queluz, este lugar surge num planalto sobranceiro a um extenso vale onde corre a ribeira de Barcarena. Ao fim de nove anos de pesquisas, a equipa de investigadores trouxe à luz do dia um conjunto de fortificações e de estruturas, cronologicamente correspondentes a três níveis de ocupação. O primeiro ter-se-ia concretizado cerca de 3000 anos aC, o segundo — considerado a época de apogeu — verificou-se cerca de 2400 e 2200 aC, e o último tempo de permanência ocorreu 2000 anos antes da nossa era.

Ao longo de dez séculos foram construídos três notáveis dispositivos defensivos, constituídos por espessos panos de muralha circular, externamente defendidos por monumentais torres circulares. Ainda hoje é visível a imponência deste baluarte, edificado em blocos de calcário, com um amuralhamento que atingiu os cinco metros de altura.

Dos primitivos senhores de Leceia não sobra apenas uma complexa arquitectura defensiva — refira-se o aparecimento de uma cabana triangular, cujo chão lajeado apresenta ainda vestígios de duas lareiras geminadas. Uma delas tinha um encimento de seixos rolados «incandescentes», que se destinariam a grelhar alimentos ou a aquecer esteiras.

Pescadores e camponeses

Entre os materiais de uso comum, para além de machados de pedra polida, pontas de seta e cerâmica decorada, foram encontrados mós manuais, alfinetes de marfim, pesos de tear, queijeiras e escórias provenientes de uma fundição de cobre. Todo este espólio, afirma João Cardoso, **«revela uma organização social evoluída e a génese de novas actividades»**.

Numa das lareiras, apareceu também um anzol com cinco centímetros, bem como maxilares e mandíbulas de peixes de considerável porte. Estes achados levam o geólogo a concluir que a população pré-histórica de Leceia utilizava a ribeira de Barcarena, que depois de um percurso de quatro quilómetros, desaguava no Tejo, junto a Caxias. E os restos mortais de veados, javalis, linces, bois selvagens, incluindo um dente de urso, confirmam a prática da caça nas manchas florestais envolventes, bem como a estrutura de uma eira, com vestígios de cachos, revela a actividade agrícola. Finalmente, o mais antigo testemunho de uma estrada irrompeu, neste ano, debaixo de muita terra acumulada. As lajes formam um piso regular, que João Cardoso afirma terem quatro mil anos. Para ele, a orientação do caminho aponta para a ribeira, denunciando assim a importância desta para a vida do povoado.

Nesta área superior a dois mil metros quadrados, aquele geólogo pretende agora «refazer» parte das estruturas, **«para que o visitante não olhe só um mar de blocos de pedra, permitindo-lhe perceber a morfologia»** do que é considerado o maior povoado pré-histórico do país.

M. R.

Fig. 434 – 1992 – Jornal *Expresso*, de 15 de Fevereiro, p. 23: "O maior povoado pré-histórico à beira de Lisboa".

UM BREVE

ARQUEOLOGIA NO

O concelho de Oeiras é de há muito conhecido pelo seu interesse arqueológico, tendo sido percorrido em diversas épocas por estudiosos do seu passado mais profundo.

Entre as diversas estações arqueológicas avulta o povoado pré-histórico de Leceia. A exploração sistemática deste importante povoado pré-histórico, de que o signatário é o responsável, iniciou-se em 1983. No decurso das nove campanhas de escavação anuais já realizadas, foi possível pôr a descoberto um vasto povoado fortificado, constituindo a área interessada pelos trabalhos o maior espaço escavado em Portugal, em um povoado pré-histórico.

O povoado pré-histórico de Leceia é conhecido no mundo científico desde 1878, altura em que o general Carlos Ribeiro, fundador da Pré-história e da Geologia de Portugal, publicou uma extensa e bem documentada memória, apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa, que se agora reedita. Porém, só em 1983, perante a destruição iminente da jazida, se iniciaram escavações metódicas, coordenadas pelo signatário. Mercê dos apoios concedidos pelo Instituto Português do Património Cultural e, sobretudo, pela Câmara Municipal de Oeiras, entidade a quem se fica a dever, em grande parte, o êxito alcançado pelos trabalhos de campo e de gabinete, foi possível promover escavação em extensão, que ultrapassa já a área de 2000 m². Os resultados obtidos colocam Leceia entre uma das estações arqueológicas mais importantes do nosso país, estando nela representados diversos períodos, em continuidade, desde o Neolítico final da Estremadura (cerca de 3000-2500 anos antes de Cristo), até ao Calcolítico final — época das cerâmicas campaniformes, datada de cerca de 2000 anos antes de Cristo.

Ao longo de cerca de 1000 anos de ocupação, construiu-se um notável dispositivo, constituído por muralhas e bastiões, organizado em três linhas. A construção, imponente, desta fortificação, em sítio alto e defensável, revela grandes necessidades defensivas, resultantes da criação de um sobreproduto económico (excedentes). A acumulação de riqueza, em local com condições naturais de defesa, ocupado desde o Neolítico final, é certamente a resultante do desenvolvimento de uma economia essencialmente agro-pastoril e da melhoria da tecnologia agrícola. As actividades agrícolas estão documentadas pela presença de mós e elementos de foice; a criação de gado está atestada pela existência de abundantes ossos de ovinos, caprinos, suínos e bovinos, sendo subsidiada pela caça do veado, javali, coelho e, excepcionalmente, do urso e do auroque (boi selvagem) e, ainda, pela recolecção de moluscos marinhos, no litoral, e pela pesca, no estuário.

A acumulação de excedentes e a crescente complexificação da sociedade, com a provável existência de diversos grupos humanos, de raízes étnicas e culturais diversas, teriam estado na origem de instabilidade social, tão bem documentada em Leceia, sendo responsáveis por situações de carácter bélico, arqueologicamente não detectáveis até finais do Neolítico. Estamos, por conseguinte, perante uma sociedade já hierarquizada e possivelmente organizada segundo modelo tribo-patriarcal.

Os elementos recolhidos nas oito campanhas de escavações até ao presente, anualmente ali realizadas (1983-1990), permitem apresentar as seguintes conclusões gerais:

A primeira fase cultural, corresponde ao Neolítico final, datado, em Leceia *ca.* 2500 anos a.C. (datas não calibradas, pelo método do Carbono 14). Embora não se tenham até agora revelado estruturas defensivas, a escolha de local com condições naturais de defesa pressagia a existência de situações de conflito, arqueologicamente não detectáveis até esta altura. O apogeu do povoado pré-histórico verificou-se no início do Calcolítico inicial, cronologicamente situável entre *ca.* 2400 e 2100 anos a.C. (datas de Carbono 14 não calibradas). A esta fase cultural correspondem três fases construtivas principais, no decurso das quais se assiste ao progressivo reforço do dispositivo defensivo, denotando agravamento da instabilidade social. Paralelamente é, porém, nítida, a crescente degradação da qualidade construtiva, que prenuncia o início do declínio do povoado; a fase cultural seguinte — o Calcolítico pleno — encontra-se apenas representada por uma fase construtiva, quase limitada a construções habitacionais de carácter precário. O abandono definitivo do povoado deve ter-se dado no final desta fase, *ca.* 2000 anos a.C., quando da eclosão das cerâmicas campaniformes no Litoral Ocidental Peninsular.

Como peça curiosa e digno de registo especial, pela sua raridade, salienta-se uma flauta, chamariz ou negaça de caça, feita em um osso de ave, recolhida à superfície há mais de trinta anos pelo falecido escultor, Álvaro de Brée e por nós publicada em 1975.

Sendo considerada, pela sua importância científica, como uma das estações mais importantes para o estudo da Idade do Cobre na Península Ibérica — tendo a monografia por nós publicada, a expensas da Câmara Municipal de Oeiras sido elogiosamente recebida no meio arqueológico espanhol — o seu valor patrimonial justifica e impõe o aproveitamento turístico-cultural e como espaço de lazer, que está em curso. Com esse objectivo, concreticaram-se ou estão em curso as seguintes acções:

- recuperação de um moinho, para instalação de um pequeno Museu de «sítio», acção já concretizada em 1989, a expensas do Município;

— restauro de estruturas arqueológicas, com a finalidade de as tornar mais perceptíveis para o grande público, acção iniciada em 1988, com o apoio do IPPC e da CMO;

— organização de percursos de visita (em curso);

— integração paisagística da área envolvente da jazida (em curso).

O restauro de estruturas arqueológicas, a cargo de empresa especializada, sob orientação do signatário, é uma tarefa quase inédita em Portugal, para a época a que pertence a jazida. Para além do efeito visual e didáctico de tais acções, não menos importante é o papel que desempenham na protecção das estruturas. Sobre os resultados já obtidos apresentámos a seguinte comunicação, publicada nas Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1990): «A reconstrução de grandes estruturas em povoados calcolíticos: algumas considerações a propósito do exemplo de Leceia.» Com a abertura ao público, para além de benefícios locais, pretendemos atrair o turismo.

Outras escavações estão em curso em estações da Idade do Cobre da área do concelho de Oeiras. Trata-se do povoado pré-histórico de Carnaxide, onde realizámos uma campanha de escavações em 1990. O objectivo é a compreensão da estratégia de povoamento da Idade do Cobre na região, e caracterizar a articulação de um grande povoado à escala transregional, como Leceia,

Mais um livro versando o tema foi recentemente publicado

Vista geral de «restos de cozinha» e materiais humanos

Fig. 435 e 436 – 1992 – Jornal *Rota das Linhas*, de 9 de Março, n.º 63, p. 6 e 7: " Arqueologia no Concelho de Oeiras. Um breve apontamento".

APONTAMENTO

CONCELHO DE OEIRAS

com os pequenos aglomerados humanos que [illegible]tuavam na sua periferia.

Mas não só na Idade do Cobre se notabiliza o concelho de Oeiras em matéria do acervo arqueológico. Em Leião, alguns quilómetros a norte de Paço de Arcos, foi localizada, nos restos de uma antiga praia, a mais de 150 m de altitude, uma estação paleolítica, das mais antigas até hoje encontradas, por critérios geológicos, em toda a Europa. Os instrumentos — velhos de mais de um milhão de anos — são talhados em pequenos [illegible]os de quartzito, [illegible] o objectivo de afeiçoarem toscos gumes, utilizados para cortar e raspar. Constituem, assim, dos mais primitivos artefactos talhados, tendo sido publicados em 1979 pelo signatário.

Outra época em que o concelho de Oeiras se notabiliza, em termos de representação arqueológica, não pela importância dos testemunhos, mas pela sua importância científica, é a Idade do Ferro. O signatário dirigiu escavações de emergência, motivadas pelo avanço de obras diversas, em duas estações: Outurela I e Outurela II. Os resultados preliminares foram apresentados em diversas reuniões científicas: ao seminário organizado pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1989, «Presenças Orientalizantes em Portugal — da Pré-História ao período romano» e ao I Congresso Mediterrânico de Etnologia Histórica, reunido em Lisboa, em Novembro de 1991. A revista «Oeiras Municipal» publicou um resumo daquela intervenção:

No decurso do Bronze Final, a região adjacente à margem Norte do estuário do Tejo, encontrava-se ocupada de forma densa mas dispersa por numerosas pequenas unidades de carácter agrícola. A jazida até agora melhor conhecida é a da Tapada da Ajuda, cuja escavação foi dirigida pelo signatário, de 1983 a 1987. Condições particularmente favoráveis de solo, clima e relevo, convidavam à exploração intensiva e extensiva da terra, contemplada pela criação de gado (bovino, suíno e ovi-caprino), pela recolecção de moluscos no estuário e, muito secundariamente, pela caça. A vida decorreria, pois, de forma pacífica.

Moinho da Moura onde se localizou o povoado pré-histórico

Estas populações dependeriam, provavelmente, de um centro político-militar, onde se instalaria a classe dirigente, a partir do qual administraria um determinado território. Sociedade já fortemente hierarquizada, o modelo de «chefaturas» parece adequar-se às evidências recolhidas, possuindo, na mesma época, paralelos na região baixo-alentejana.

Na margem Sul do estuário, de solos mais pobres, a ocupação do território não parece ter sido tão intensa, embora os escassos vestígios já recolhidos documentem estratégia de ocupação semelhante.

É sobre este «fundo cultural», prolongado na última fase do Bronze Final (período protoorientalizante da Andaluzia) pelo aparecimento da «cerâmica de retícula brunida», que se irão fazer sentir os efeitos dos primeiros contactos com o «Mundo Fenício» (período orientalizado da Andaluzia).

Na região que nos interessa, tais contactos consubstanciaram-se, pelos elementos até agora disponíveis, em primeiro lugar, na maragem sul do estuário. O povoado da quinta do Almaraz, sobranceiro ao Tejo, detectado por elementos do Museu Municipal de Almada e do Centro de Arqueologia de Almada é, presentemente, o único exemplo. Já existente desde o Bronze Final, foi provavelmente fortificado nos inícios da Idade do Ferro por muralha de blocos aparelhados, ao mesmo tempo que a área habitada se contrai. Tal situação tem paralelos nalguns estabelecimentos fenícios, também fortificados, como Toscanos e, tal como ali, o porto situar-se-ia numa pequena enseada, a este, junto a Cacilhas. Além disso, a sua situação geomorfológica é idêntica à que teria o estabelecimento identificado recentemente na área urbana da cidade de Setúbal, à do castelo de Alcácer do Sal, bem como à de várias colónias fenícias da costa Sul da Península, como Chorreras e Morro de Mezquitilla.

Não se trata, porém, de um estabelecimento fenício: até ao presente, não se identificou nenhuma colónia fenícia a Oeste de Cádiz. Porém, estabelecimentos houve, ao longo da costa portuguesa, cujas características de implatação, sempre sobre colinas isoladas, dominando importantes vias comerciais em estreita ligação com o Oceano, por vezes fortificados, denotam, pelos materiais neles recolhidos, terem funcionado como locais onde, no decurso do século VII a.C., se praticou importante comércio estreitamente ligado ao «Mundo Fenício». São exemplos, no litoral meridional: Castro Marim, Monte Molião (Lagos), Alvor e Rocha Branca (Silves); no litoral ocidental: Alcácer do Sal, Setúbal e Santa Olaia (Figueira da Foz). Aos locais mencionados, soma-se agora a Quinta do Almaraz, a sua situação geográfica, condições geomorfológicas, os materiais encontrados e a presença provável de muralhas são características análogas às daqueles.

Este «cenário» arqueológico do estuário do Tejo, nos alvores da Idade do Ferro, foi enriquecido com novas e importantes contribuições, fornecidas pela escavação de dois arqueossítios situados na margem Norte do estuário, no Concelho de Oeiras. Trata-se das intervenções de emergência de Outurela I e Outurela II, dirigidas pelo signatário com a colaboração de Miguel Rego, em 1985, 1986 e 1988. As estruturas postas a descoberto em ambos — distantes entre si de cerca de 800 metros — correspondem a pequenas habitações de planta rectangular de pedra seca, situada em encostas voltadas para o estuário. A base essencial da subsistência destas populações seria a agricultura, complementada pelo pastoreio. Não se diferenciaria, assim, da economia que caracterizava as populações antecedentes na ocupação do mesmo território, no Bronze Final (séculos XI a VII a.C.).

Os materiais recolhidos — sobretudo uma fábula anular proveniente de Outurela I indicam o século V a.C.. Tal cronologia está, aliás, de acordo com a atribuída a jazida muito semelhante a estas, a dos Moinhos da Atalaia (Amadora), explorada há anos. Alguns elementos cerâmicos raros na Quinta do Almaraz, como a cinzenta fina, de brilho metálico, são agora frequentes, enquanto outros, presentes naquela jazida, faltam agora completamente; dentre estes, destaca-se as cerâmicas de verniz vermelho. Todos os materiais recolhidos são, efectivamente, de fabrico local ou regional, constituindo imitações de protótipos fenícios. Estão neste caso, as ânforas e as cerâmicas pintadas de bandas, bem como algumas cerâmicas cinzentas, surpreendentemente de melhor qualidade que os respectivos originais fenícios.

Uma vista geral, antes das escavações de 1958

Tais comparações foram realizadas em Setembro de 1989, na delegação de Madrid do Instituto Arqueológico Alemão, pelo signatário e pelo doutor H. Schubart, director daquele Instituto e especialista em cerâmicas fenícias.

Para salvaguardar, valorizar e investigar o património arqueológico de Concelho de Oeiras foi criado o Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Para além dos objectivos gerais apontados, pesaram nesta decisão, as seguintes razões mais objectivas:

Não obstante o seu reduzido «staff», o Centro de Estudos Arqueológicos — serviço dependente directamente da presidência — tem-se afirmado pela colaboração prestada a outros serviços da autarquia, bem como pelas numerosas situações em que se tem associado à representação pública da Câmara Municipal de Oeiras. A sua actividade científica ficou mais claramente definida pela criação de uma série de publicações, os «Estudos Arqueológicos de Oeiras». Os dois números já publicados e os que se encontram já preparados, testemunham bem o empenho e o vigor da investigação e divulgação dos valores arqueológicos no Concelho de Oeiras.

55a; 55b – Jornal *Rota das Linhas*, de 9 de Março, n.º 63, pág. 6 e 7: " Arqueologia no Concelho de Oeiras. Um breve apontamento" (**Fig. 435 e 436**).

Extensa e bem elaborada reportagem, de duas páginas, que aborda aspectos gerais dos trabalhos desenvolvidos e das diversas acções praticadas pelo Autor no povoado pré-histórico de Leceia, considerada como uma das estações arqueológicas mais importantes para o estudo da Idade do Cobre na Península Ibérica, bem como em outras estações arqueológicas do Concelho de Oeiras.

56a; 56b – Revista *Sábado*, n.º 196, de 13 a 19 de Março, pág. 55 a 57: "As respostas de Leceia, através da peneira. Como seria a vida dos povos de há cinco mil anos? O que comiam? Como estavam organizados? Leceia, tímida, responde." (**Fig. 437 e 438**).

Reportagem de três páginas, com fotografias de artefactos e estruturas arqueológicas a cores, com o propósito de divulgar a estação arqueológica e os trabalhos de escavações desenvolvidos. A reportagem faz referência à dimensão da área escavada após dez anos de trabalhos de campo, que permitiram pôr a descoberto um conjunto notável de estruturas arqueológicas que definem um dispositivo defensivo, construído ao longo de mil anos de ocupação e organizado em três linhas de muralhas e bastiões. Relata a imponência desta fortificação, em sítio alto e defensável, revelador da necessidade de protecção destas populações, "resultante da criação de um sobreproduto económico de excedentes".

57 – Revista *Oeiras Municipal*, n.º 35, Abril, pág. 46: "Apresentação pública do II volume da colecção Estudos Arqueológicos". Trata do mesmo evento noticiado anteriormente (ver notícias n.ºs 53 e 54).

1993

58 – Jornal *Diário de Notícias*, de 25 de Março, pág. 24: "Leceia é capital do Neolítico. Concelho de Oeiras foi habitado pelo Homem pré-histórico" (**Fig. 439**).

Reportagem em jornal nacional de grande tiragem, de âmbito geral, destacando algumas estruturas arqueológicas descobertas e materiais recolhidos. Referência ainda ao estudo pioneiro da microfauna, presente nas lareiras, com base nas lavagens e crivagens de terras, depois triadas e analisadas no laboratório do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, a fim de classificar os restos das espécies de pequenos mamíferos consumidas ou comensais das comunidades humanas ali instaladas.

59 – Revista *Boletim Municipal*, n.º 39, Julho/Agosto, pág. 8: "Concessão de subsídio para as escavações no Povoado Pré-histórico de Leceia".

Foram ainda realizados os seguintes programas de divulgação na televisão portuguesa:

Em Agosto no programa "Fórum estudante" para a TVI – sobre as escavações arqueológicas de Leceia; a 27 de Agosto foi realizada uma reportagem da RTP para o "Telejornal" de dia 29 sobre as mesmas escavações, sendo de novo apresentadas no programa "Caderno Diário", dia 30 do mesmo mês; em Novembro foi solicitada autorização para a realização de videograma no povoado pré-histórico de Leceia, pela Universidade Aberta, no âmbito da disciplina de Pré-história de Portugal. Este programa foi teledifundido pelo Canal 2 da RTP e editado pela referida Universidade em vídeo-cassete.

ATRAVÉS DA PENEIRA

AS RESPOSTAS DE LECEIA

Como seria a vida dos povos de há cinco mil anos? O que comiam? Como estavam organizados? Leceia, tímida, responde.

● ISABEL CARVALHO

No concelho de Oeiras, 12 quilómetros a Oeste de Lisboa e a cinco da margem direita do estuário do Tejo, ergue-se o povoado pré-histórico fortificado de Leceia. A plataforma natural que o sustenta tem aproximadamente 100 metros de altitude e fica do lado direito do vale da ribeira de Barcarena.

O local do povoado é conhecido no mundo científico desde 1878, altura em que o general Carlos Ribeiro, fundador da Pré-História e da Geologia em Portugal, publicou uma extensa e documentada Memória, apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa. Apesar de muito falado em vários documentos e palestras de investigadores, a verdade é que o povoado de Leceia nunca foi escavado ou posto a descoberto antes de 1983, o ano em que tudo começou.

As razões que levaram ao início das escavações nesta data, quase que de um dia para o outro, estiveram intimamente ligadas à degradação da jazida, provocada, em parte, pelas aviltantes formas de ocupação e utilização do terreno, que apesar dos esforços da autarquia não paravam.

O certo é que nesse mesmo ano, um dos

FOTOS MARCOS BORGA

Alfinetes de cabelo em osso e marfim e punhal em cúbito de bovídeo do Calcolítico Inicial

Fig. 437 e 438 – 1992 – Revista *Sábado*, n.º 196, de 13 a 19 de Março, p. 55 a 57: "As respostas de Leceia, através da peneira. Como seria a vida dos povos de há cinco mil anos? O que comiam? Como estavam organizados? Leceia, tímida, responde".

proprietários da área abriu, com uma retroescavadora, numerosos buracos para o plantio de árvores. Outro, tinha construído um redondel para touradas, imagine-se, exactamente na zona actualmente escavada. Com este quadro, só por si nada animador, as previsões que ditavam o desaparecimento da jazida não implicavam o recurso a nenhum bruxo ou vidente. Todavia, o pior já mesmo aconteceu. É que, às utilizações anteriormente descritas juntava-se uma outra ameaça, que noutros locais chegou a bom termo: um projecto de urbanização que abrangia parte significativa da área arqueológica e que na altura se encontrava em fase avançada. Foisse como fosse, o manifesto empenhamento da Câmara de Oeiras e de um grupo de investigadores determinados moveram montanhas e os esforços foram recompensados.

Hoje, concluídos nove anos de escavações a jazida tem a descoberto 70 por cento da área total do povoado, o que equivale a mais de 2500 metros quadrados.

O EX-LIBRIS DE OEIRAS. Presentemente, a equipa de investigadores, encabeçada pelo professor João Luís Cardoso, docente da Universidade Nova de Lisboa e coordenador científico do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, continua a trabalhar e a obter, de ano para ano, cada vez melhores resultados. Resultados esses que "colocaram, entretanto, o povoado fortificado de Leceia entre as estações arqueológicas pré- históricas mais importantes, quer em Portugal quer na Península", diz João Luís Cardoso.

As razões para tal facto são diversas. Porém, como explicou o responsável, Leceia é um exemplo paradigmático que acolhe no mesmo terreno diversos períodos, em continuidade, desde o Neolítico final (3000/2500 anos a.C.), até ao Calcolítico final, caracterizado pelas cerâmicas campaniformes e datado de cerca de 2000 anos a.C.

Em termos de povoados pré-históricos escavados, a área que neste momento está a descoberto corresponde a uma das maiores até hoje aberta entre nós. Foi a partir desta escavação em extensão que se deixou visível todo um conjunto de estruturas arqueológicas que definem um notável dispositivo defensivo, construído ao longo de mil anos de ocupação e organizado em três linhas de muralhas e baluartes.

A imponência desta fortificação, em sítio alto e defensável, revela só por si uma grande necessidade defensiva, possivelmente "resultante da criação de um sobreproduto económico de excedentes".

Curioso de verificar é que estas três linhas avançadas de protecção fecham uma pequena plataforma que se situa para além delas e que está naturalmente protegida por uma escarpa, o que significa que a população ali residente aproveitou as defesas naturais do terreno e construiu as muralhas do único lado que estava vulnerável.

"Com estas características arquitectónicas - segundo João Cardoso - este povoado põe em evidência algumas dassuas filiações nitidamente mediterrânicas, que lhe vêm sobretudo das muitas semelhanças com outros povoados da bacia do Mediterrâneo e da Ásia Menor".

DE TEMPOS A TEMPOS. Os materiais encontrados em Leceia são essencialmente cerâmicas, as quais além de serem as mais comummente encontradas são as que melhor servem ao estabelecimento de uma sequência cronológica aprofundada. Tal motivo encontra-se no facto de estas peças – artefactos – evoluírem muito rapidamente no tempo e de apresentarem, num determinado estrato arqueológico, uma determinada decoração. A análise destes elementos permite, com segurança, datar a situação cultural de cada um desses estratos.

Assim, numa primeira ocupação, os moradores de Leceia aproveitaram o substrato geológico que aflorava na altura e viveram directamente sobre ele e, tanto quanto se sabe, não construíram estruturas defensivas.

Posteriormente, houve uma segunda ocupação datada do início da Idade do Cobre, altura em que efectivamente se fez o grosso das muralhas, que foram construídas de uma única vez. O que segundo os investigadores "leva a admitir a existência de um plano pré- concebido e rapidamente executado, porque o que se pode observar não é uma construção feita aos soluços, mas antes uma que se fez organizadamente e recorrendo a um grupo humano vasto".

As populações de Leceia tinham uma cultura e organização social complexas ...

Durante as duas outras fases construtivas que se seguiram, ainda na Idade do Cobre, verifica-se um aumento da área defendida, o que deve estar relacionado com um aumento populacional. É, então, que as muralhas são ampliadas e são construídos novos baluartes, reforçando-se assim o sistema defensivo. Este fenómeno vai acontecer nas construções seguintes até ao início da decadência do povoado, que se pode situar numa fase cultural que os arqueólogos designam como Calcolítico Pleno ou Idade do Cobre Plena. Este período pode ser situado à volta do ano 2000 a.C. mediante a utilização de análises feitas com carbono 14.

Esta última fase da ocupação apresenta já, todavia, uma grande degradação das estruturas e, segundo João Cardoso, "há mesmo uma decadência nítida das técnicas construtivas, o dispositivo defensivo entra em ruína e as próprias casas não têm a qualidade das edificadas anteriormente, o que nos sugere uma lenta degradação da própria vida no povoado".

Isto, embora seja nesta altura que se dá a explosão dos materiais de cobre, que dão o nome a esse período.

RESTOS HUMANOS. Em 1988, a equipa de investigadores, composta por arqueólogos, antropólogos, médicos e outros técnicos que asseguram as respostas a todas as questões levantadas pelo próprio espólio, encontraram uma estrutura circular, que se integra na última fase construtiva. O seu interior estava preenchido por restos de cozinha, o que em linguagem vulgar significa simplesmente lixo, composto por restos de ossos de animais domésticos que faziam parte da alimentação e por numerosos pedaços de cerâmicas. No meio de todo este material, inesperadamente, apareceram alguns restos humanos, o que até agora constitui um achado único em termos de Idade do Cobre. "Neste período os mortos não se misturavam com os vivos e eram depositados em túmulos colectivos, formados por corredores que terminavam numa câmara circular", salientou João Cardoso. Mas, então, sendo assim, como é que se explica estes restos humanos, num contexto habitacional e ainda para mais numa estrutura com carácter de lixeira?

À partida, este facto torna evidente a preocupação que o povo tinha com a organização do espaço e com a própria salubridade do local habitado. Depois, os estudos assim o confirmam, as populações de Leceia tinham já uma cultura e uma organização social complexas, com regras de convivência bem definidas.

Quanto aos restos humanos, os estudos antropológicos revelaram que tinham sido esquartejados e que pertenciam a um número mínimo de indivíduos - três - adultos e do sexo masculino, ao contrário do que se tem verificado nas sepulturas colectivas da Idade do Cobre, que albergam centenas de corpos de ambos os sexos e de diversas faixas etárias. O motivo pelo qual ali apareceram parece estar ligado a um ataque à povoação realizado por um grupo pequeno, que foi eliminado.

PRIMITIVOS ? EM QUÊ ? O modo de vida desta população de Leceia, de há quatro mil anos, segundo os técnicos, não diferia muito de uma qualquer pequena comunidade rural de há 200 anos. Senão vejamos.

Cultivavam a terra em pequenas hortas ao longo da linha de água da ribeira de Barcarena. A prova está nos sachos de pedra utilizados para cavar. Cultivavam espécies primitivas de gramíneas, nomeadamente o trigo. A prova está na existência de mós manuais e num instrumento semelhante à foice, feito de sílex e de cabo de madeira.

Depois, conheciam todas as espécies de gado doméstico, ovelhas, cochos, porco domesticado, vacas, etc... Produziam leite e queijo e, provavelmente teciam a lã e o linho. A prova está nos pedaços de cinchos de barro e numas placas rectangulares igualmente de barro e com quatro furos nos cantos, que tinham como função esticar o fio de tecer.

Para João Cardoso, as diferenças entre esses tempos e os de hoje estão "nas estratégias que complementavam aquela alimentação, como por exemplo a caça e a recolecção de mariscos".

Para caçar havia na zona javalis, veados, o grande boi selvagem, extinto na Europa no século XVII, caçado em armadilhas devido à sua rapidez e compleição, o urso, já raro e o lince, que seria capturado mais pela pele que pela carne.

A complementar toda esta situação, existia a pesca e a apanha de moluscos. A prova está num anzol de cobre, de cinco centímetros de comprimento, encontrado numa lareira e de numerosas cascas de amêijoa, lapa, etc.

Importa ainda referir que toda esta pesquisa assenta em técnicas sofisticadas de análise. Tal é o caso do estudo dos pólenes, as datações por carbono 14, efectuadas no Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial, e muitas outras. Além disso foi necessária a constituição de uma vasta equipa pluridisciplinar que assegurasse o bom andamento dos trabalhos. Outra conclusão a que se chegou foi que este povo realizava trocas comerciais a média distância, certa de 100 quilómetros em linha recta, nomeadamente com o Baixo Alentejo de onde lhes chegava a matéria-prima da maioria dos machados de pedra polida.

Actualmente os estudos dependem e são assegurados em termos financeiros e logísticos pela Câmara Municipal de Oeiras, já que desde 1990, o IPPC deixou de contribuir, em termos gerais, para a arqueologia, por alegadas dificuldades financeiras. Apesar de tudo, Leceia não cessará de se desvelar perante os nossos olhos.□

Pedaço de cincha (quisqueira); pedaço de vaso com decoração compósita em folha de acácia e crucífera (pág. do lado). Vestígios de duas prováveis eiras de secagem e batimento de cereais e João Luís Cardoso, arqueólogo

56 SÁBADO 13 A 19 / 03 / 99

57 SÁBADO 12 A 19 / 03 / 99

1994

60 – Jornal *Diário de Notícias*, de 24 de Abril, pág. 42: “Cem jazidas no subsolo. Autarquia de Oeiras edita carta arqueológica do concelho”.

61 – Revista *Boletim Municipal*, n.º 48, Maio, pág. 3: “Lançamento dos livros “carta arqueológica do Concelho de Oeiras” e “Leceia 1983-1993”.

62 – Crónica de Luís Raposo no Jornal *Diário de Notícias – Cultura*, de 9 de Junho: “A proposta do “Castro” de Leceia. Ensinamentos ao pé da porta” (**Fig. 440**).

Esta reportagem foi amplamente destacada e transcrita, na íntegra, no volume 5 da revista “*Estudos Arqueológicos de Oeiras”*, pág. 373-375.

63 – *Jornal da Costa do Sol*, n.º 1374, de 1 de Setembro: “12.ª campanha de escavações arqueológicas no povoado pré-histórico de Leceia”.

64 – Jornal *Diário de Notícias*, de 21 de Novembro, pág. 43: “Investigação sobre o Calcolítico descobre identidade cultural. Arqueólogo João Cardoso destaca importância do povoado de Leceia”.

65a; 65b – Jornal *Diário de Notícias*, de 25 de Dezembro, pág. 30 e 31: “Os adornos mais antigos. Do Paleolítico à Idade do Bronze, na Estremadura”.

Os trabalhos de campo também foram divulgados no Canal 1 da RTP, cuja reportagem foi transmitida no Jornal de Domingo, 2.ª edição, de 28 de Agosto de 1994.

24 PAÍS QUINTA-FEIRA, 25 MARÇO 1993

OLIVEIRA DE AZEMÉIS
Freguesia comemora mil anos - Página 27

SEIXAL
Câmara inova gestão - Página26

CONCELHO DE OEIRAS FOI HABITADO PELO HOMEM PRÉ-HISTÓRICO

Leceia é capital do Neolítico

A região adjacente à cidade de Lisboa foi ocupada pelo homem pré-histórico. Os «habitats» estão devidamente identificados e alguns deles escavados. Neste contexto, sobressai a estação arqueológica de Leceia.

J. RODRIGUES DA SILVA

Leceia é um dos mais importantes povoados pré-históricos do nosso país. Estão ali representados diversos períodos, em continuidade, desde o Neolítico final da Estremadura (3000-2500 a. C.) até ao Calcolítico final (2000 a. C.).

O local, a 12 quilómetros de Lisboa e a cinco do estuário do Tejo, foi ocupado durante cerca de mil anos e nesse espaço de tempo construiu-se ali um dispositivo imponente de muralhas e bastiões, a sugerir intuitos defensivos.

A cem metros de altitude, frente a Barcarena, a zona integra-se numa geologia de origem basáltica, que remonta à transição da Era Secundária para a Terciária. Há uns 65 milhões de anos, a intensa actividade vulcânica registada nas imediações de Lisboa proporcionou, com as suas poeiras e cinzas, a formação de terrenos que são, hoje, dos mais férteis do País e da Europa. A região era um chamariz à fixação do homem pré-histórico, que ali chegou e organizou uma economia agro-pastoril.

João Cardoso, o arqueólogo responsável pelos trabalhos científicos que decorrem em Leceia, pensa que a acumulação de excedentes funcionou como atracção de outros grupos humanos e rivais. «Esse facto teria desencadeado instabilidade social, manifestada em ataques e lutas», como se depreende das linhas de muralhas daquela estrutura defensiva. Entretanto, «a sociedade residente estaria já hierarquizada e dispunha, possivelmente, de uma organização tribo-patriarcal».

O espólio, relacionado com a agro-pastorícia, é constituído por mós, foices, ossos de mamíferos (ovinos, caprinos, suínos e bovinos), conchas de moluscos marinhos e restos de peixes.

Mas no local foram também desenterrados, durante as sucessivas campanhas de escavações, efectuadas a partir de 1983, materiais diversos, como ossos humanos, pedras lascadas e polidas, materiais utilitários de osso, objectos metálicos, peças de adorno e cerâmicas.

Estruturas inéditas e inovadoras no País

Algumas estruturas de Leceia são, inclusivamente, «inovadoras e inéditas na pré-história do nosso país, frisou o arqueólogo. Uma delas é, muito possivelmente, o caminho mais antigo reconhecido até agora em Portugal. Construído em degraus lajeados, ligava o povoado à ribeira de Barcarena, dando saída para o estuário do Tejo.

Outra curiosidade é uma lixeira estruturada, onde apareceram restos humanos de três homens adultos. Deve tratar-se de pessoas «estranhas à fortificação, mortas em combate e deixadas sem sepultura», tendo os seus restos ido parar à lixeira comum, há cinco mil anos.

E também as eiras, de pedra, a evocar a importância da agricultura cerealífera e a secagem de leguminosas. «Tanto quanto sei», disse o especialista na matéria, «são as primeiras estruturas desta tipologia encontradas em Portugal.»

Referência ainda para as terras com vestígios de microfauna, abundantes nas lareiras. «Desde 1989 que temos recolhido as terras ali depositadas.» A equipa de João Cardoso transporta, em sacos, muitas centenas de quilos de terra para o laboratório do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, a fim de recuperar os restos das espécies consumidas outrora.

Os dentes de peixe e de rato, os restos de cobras e de rãs encontrados nas lareiras provam que estes animais eram utilizados na alimentação dos nossos antepassados. «Estamos no limiar de uma frente desconhecida em Portugal», esclareceu João Cardoso, «que é a certeza de que o homem pré-histórico se alimentava de pequenos répteis, de anfíbios, de roedores».

As investigações em Leceia tiveram apoios do IPPC e, sobretudo, da Câmara de Oeiras, que suporta as despesas com os trabalhos de campo, de laboratório e de publicações científicas, valorizando o sítio nos aspectos cultural e turístico.

DN-Leonardo Negrão

▶ UM DISPOSITIVO IMPONENTE de muralhas e bastiões caracteriza a estação arqueológica de Leceia

Fig. 439 – 1993 – Jornal *Diário de Notícias*, de 25 de Março, p. 24: "Leceia é capital do Neolítico. Concelho de Oeiras foi habitado pelo Homem pré-histórico".

1995

66 – Jornal *Correio da Manhã*, de 7 de Agosto, pág. 26: "Povoado pré-histórico de Leceia é documento vivo de 5 mil anos" (**Fig. 441**).

Reportagem da jornalista Teresa Oliveira e fotografias de Vítor Rios, realizada no local quando decorria visita guiada ao povoado de um grupo de cerca de 200 pessoas. Artigo informativo do

A PROPÓSITO DO «CASTRO» DE LECEIA

Ensinamentos ao pé da porta

Perdoe o leitor que, em jornal de expansão nacional, sejam dedicadas algumas palavras às experiências e emoções que um lisboeta convicto não pode deixar de sentir em face daquilo que na última década deverá ter sido o melhor monumento que, em prol da Arqueologia, se ergueu na periferia de uma capital em grande medida desumanizada e convertida em bode expiatório de todas as impotências alheias, mas onde os que ainda a amam continuam a ter na memória as hortas e azinhagas que longamente percorreram na juventude. Afinal, a Arqueologia também é isto: o romantismo que leva, normalmente sem mestres, porque os não há ou eles envelheceram e dixaram prender-se pelo sistema, a passar uma boa parte da juventude em passeios de fim-de-semana nos campos de ao pé da porta, repetindo, muitas vezes sem o saber, itinerários que jovens de gerações anteriores já desbravaram, passando pelas mesmas experiências, bebendo nas mesmas fontes, enfim, desenvolvendo as mesmas cumplicidades com o passado. Os arredores de Lisboa são ricos destas memórias. E basta ler as pitorescas páginas de Luís Chaves, Joaquim Fontes, Félix Alves Pereira ou Vergílio Correia para nos darmos conta de como nas primeiras décadas deste século se obtinham preciosas informações de pastores que vigiavam o seu armento nas quintas do Lumiar; ou de como na Portela, a caminho de Alfragide, depois de fatigante caminhada a pé desde o algo de Monsanto, se podia, próximo do local onde hoje existem hpermercados, matar a sede em desejada fonte, aproveitando também para entabular conversa de circunstância com saloias que igualmente

LECEIA 1993. *Vista parcial do prolongamento para sul da muralha*

davam a conhecer novos locais arqueológicos.

Algumas gerações volvidas, também nós repetimos idênticos percursos, na companhia de companheiros do liceu ou de centros juvenis de Arqueologia. Leceia, que em 1878 Carlos Ribeiro tinha descoberto para a Arqueologia, era ponto obrigatório dos nossos fins-de-semana arqueológicos. Desconhecíamos então que outros, por vias diferentes, também percorriam o mesmo ideal juvenil, sentiam as mesmas fadigas, carregavam os mesmos bornais, bebiam dos mesmos cantis. Por isso nos revemos inteiramente, e com alguma emoção, nas impressões que João Luís Cardoso diz ter sentido quando começou a frequentar o local, em Outubro de 1970: «comprazia-me com os humildes vestígios deixados no solo por aqueles longínquos e ignotos habitantes de há muitos milénios, e emocionava-me, apenas, a ideia de um dia poder, ali, dar o melhor do meu esforço...». Só que, contrariamente a todos nós, que demasiado depressa deixámos sair Leceia do nosso coração, em nome da pesquisa em sítios «mais prometedores», João Cardoso porfiou, até ao ponto de nos mostrar que afinal o sonho podia mesmo existir ao pé da porta. Leceia, onde num dado momento nos pareceram um tanto pueris as horas que passámos a recolher à superfície fragmentos de cerâmica e a «esgravatar» (inconscientemente) o solo, numa profundidade que já nos consumia debaixo dos calores de Agosto, mas nunca passou dos 30 cms, continha afinal no subsolo um imenso livro por abrir. Daí que, antes do mais, a lição de Leceia seja hoje um dos melhores exemplos que podemos oferecer aos jovens que agora vivem com intensidade e singeleza iguais às nossas a paixão da Arqueologia de fim-de-semana.

Começando por estudar colecções reunidas durante as férias pelo escultor Álvaro de Brée e seu filho Gui de Brée, solicitado depois pelos poderes públicos para a realização de sondagens susceptíveis de precisar os limites do povoado (classificado como "imóvel de interesse público" desde 1963), de forma a poder apreciar um projecto de urbanização que no início dos anos 80 a Câmara Municipal de Oeiras preparava para o local, João Cardoso depressa demonstrou que em Leceia o mais importante estava ainda por fazer. Das suas campanhas de escavações tem sido publicada abundante bibliografia, entre a qual uma primeira monografia (em 1989), há muito esgotada, e uma segunda que agora acaba de ser dada à estampa (*Leceia 1983-1983. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*, edição da CMO). Em dez anos, Leceia converteu-se numa espécie de «jóia da coroa» do concelho de Oeiras, possuindo um pequeno núcleo expositivo (em moínho existente no local, devidamente adaptado) e sendo visitado regularmente por especialistas, estudantes e gente culta de muitos países. E conseguiu constituir-se, com o inteligente e persistente apoio de um executivo camarário que compreendeu a importância do local, em pólo dinamizador da criação de estruturas autárquicas (em 1988 foi criado o Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeirs), que passaram a ter uma actividade científica interdisciplinar, para além de alargar a sua atenção ao conjunto dos bens arqueológicos do concelho, mesmo aos menos vistosos, como o prova a «Carta Arqueológica» lançada em simultâneo com a monografia acima citada.

Claro que, para além dos aspectos emotivos que nos levaram nesta oportunidade a recordar o exemplo de Leceia, muito mais haveria a dizer no plano científico. Em termos gerais, Leceia coloca problemas similares aos de outros povoados fortificados do Calcolítico estremenho, tal como o do Zambujal, a que nos referimos em anteriores crónicas (v. *DN-Cultura*, 31 de Março e 7 de Abril últimos). Mas permite ser muito mais preciso, tanto pela minúcia das observações estratigráficas feitas e pela abundância das datações absolutas obtidas, como pela própria espantosa área escavada até hoje (5000 m) - a maior de povoados do género em todo o País. A análise destes elementos, assim como dos materiais móveis decobertos, permitiu verificar que Leceia começou por ser ocupado nos finais do 4º milénio a.C., durante o Neolítico Final, por populações de que se vieram a encontrar restos físicos num sepulcro de falsa cúpula situado a cerca de 800 m do povoado. Nesta fase inicial, quando surgem as cerâmicas carenadas e os bordos denteados, a plataforma de Leceia foi ocupada extensivamente, sem a construção de quaisquer estruturas defensivas. Abandonado durante algum tempo (dois, três séculos?), o local conheceu depois a sua mais expressiva ocupação durante a primeira metade do 3º milénio a.C. (Calcolítico Inicial), quando se utilizaram as taças e «copos» canelados. É nesta época que se iniciou a construção de fortificação, a qual parece ter sido concebida desde o início, «de uma só vez», dando origem a um complexo sistema defensivo, com três ordens de muralhas, que ao longo de três fases sucessivas vai sendo «retocado» e reparado, aparentemente de forma cada vez mais empobrecedora. Abandonado novamente, por período mais curto do que o anterior, o povoado entrou em declínio na 2ª metade do mesmo milénio (Calcolítico Pleno), quando os recipients cerâmicos surgem muitas vezes decorados com a forma da «folha de acácia». É nesta época que o espaço definido se reduz e se degrada a qualidade das fortificações. Finalmente, já no Calcolítico Final, na passagem para o 2º milénio a. C., o local deverá ter sido abandonado em definitivo ou apenas frequentado esporadicamente, como o provam alguns restos insignificantes de cerâmica campaniforme.

Em muitos aspectos, mesmo sem se pretender que tenha um valor normativo global e duvidando até de algumas apreciações nele feitas (como as de um pretenso proto-urbanismo, que julgamos audacioso considerar nos povoados do Calcolítico português), Leceia constitui a primeira prova documental da existência de um escalonamento cronológico no Calcolítico Inicial e Médio estremenho, que numerosos autores tinham posto em dúvida nas últimas décadas. Razão suplementar para que um destes dias, com a monografia na mão, o leitor se disponha a também folhear no local o livro que as muralhas e bastiões, os pavimentos e recintos lageados, as lareiras e estruturas de acumulação de detritos, enfim, as portas e as casas de Leceia lhe têm para oferecer. Vale bem a pena. Basta dispôr-se a subir em passeio a «fértil e bucólica região que ainda hoje é o vale da ribeira de Barcarena», óptima via de penetração fluvial, que tanto era utilizada há 5 mil anos pelos frequentadores do povoado de Leceia, como desde o séc. XV serviu às ferrarias e fábricas de pólvora que ali se foram sucedendo, até há pouco. ◄

▶ LUÍS RAPOSO

Fig. 440 – 1994 – Crónica de Luís Raposo no Jornal *Diário de Notícias - Cultura*, de 9 de Junho: "A proposta do "Castro" de Leceia. Ensinamentos ao pé da porta".

POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA É DOCUMENTO VIVO DE 5 MIL ANOS

João Luís Cardoso preparava-se para dar mais uma "lição de história e arqueologia" a um dos muitos grupos que naquele dia pisaram terras da Pré-História

"Esta é uma das estações arqueológicas mais bem cuidadas no País", realçou o arqueólogo João Luís Cardoso

Doze anos de escavações levadas a cabo pelo Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras levaram à descoberta de um Sítio com 5 mil anos, inscrito numa área que vai para além dos 7 mil metros quadrados, da qual se extrai anualmente cerca de 60 mil peças arqueológicas. Trata-se do Povoado Pré-Histórico de Leceia, em Oeiras, o mais antigo conhecido em Portugal que há oito anos é visitado, regularmente, por nacionais e estrangeiros.

O CM foi até lá, numa manhã de sábado para conhecer o local e a história que em si encerra. Falamos com o director daquele Centro, João Luís Cardoso, catedrático, arqueólogo e coordenador dos trabalhos, que, na ocasião, terminava uma "lição de História e Arqueologia ao vivo" seguida, atentamente, por um grupo de mais de 200 pessoas, 70 por cento dos quais espanhóis.

"O povoado tem sido recuperado pela Câmara Municipal de Oeiras desde 1983 mas com um particular incremento nestes trabalhos a partir de 1985. São 10 anos de esforço autárquico constante e permanente, o que é de enaltecer, e que conduziu a um sítio que é de importância única em termos arqueológicos em toda uma vasta região que ultrapassa largamente o concelho de Oeiras", começou por contar aquele responsável, que também destacou o apoio do IPPAR.

Ao contrário de outros achados arqueológicos, como é o caso do Côa, cuja datação está, ainda, envolta em polémica, neste caso não há dúvida de que se trata de um povoado com 5 mil anos, da época calcolítica, período em que se fez uso, simultâneo, do cobre e da pedra. "Há certeza quanto à idade porque nós temos 38 análises de Carbono 14 feitas, o que também constitui o maior número de análises, datações absolutas jamais realizadas em Portugal para um único sítio. As análises foram feitas para os diversos níveis de ocupação deste povoado, o que permite situar a sua vida útil, entre 5 e 4 mil anos a.C.. Cerca de mil anos de ocupação permanente podem aqui documentar-se através de vários extractos arqueológicos", afirmou João Luís Cardoso. E continuou: "Verificam-se quatro momentos principais de ocupação Pré-Histórica ao longo desses mil anos, entre o Neolítico Final e o Calcolítico Final". Teorias estas que estão esclarecidas e publicadas.

De realçar, entretanto, que a criação daquele Centro de Estudos (integrado na estrutura camarária) surgiu na sequência dos primeiros resultados das escavações ali realizadas, durante as quais eram anualmente recolhidas mais de 60 mil peças arqueológicas. Hoje são centenas de milhares, conservadas pelo centro, e a causa, justificada, de todo o posterior processo de protecção do espaço.

Neste sentido, no ano passado foi inaugurado uma nova vedação, já com carácter definitivo, estando toda a área vedada, declarada como zona "non aedificandi" no Diário da República, como nos revelou aquele responsável que disse, também, tratar-se de um dos "casos de estações arqueológicas mais bem cuidadas no País".

Do Calcolítico à actualidade

Mas o projecto para este povoado ainda não está concluído. Por ser de tão grande interesse e por existir um número bastante significativo de achados, no próximo ano edificar-se-á um museu de sítio (monográfico), idêntico ao de Conímbriga, onde ficarão expostos, permanentemente, uma parte desses materiais, os quais documentam o quotidiano do povoado.

Quanto às escavações, João Luís Cardoso garantiu-nos que estas vão continuar mas por pouco tempo mais e, a propósito acrescentou: "Este sítio pode considerar-se a maior escavação feita em Portugal para esta época (período Calcolítico) e é das maiores realizadas alguma vez em povoados pré-históricos em toda a Península Ibérica. Mas foi só através de uma escavação em extensão como esta que foi possível ter uma ideia de conjunto que nos permite dizer hoje que estamos perante um sítio de grande importância para a própria compreensão das sociedades calcolíticas peninsulares, para o desabrochar, digamos, das sociedades que estão na origem da nossa".

A existência de fortificações visíveis no lugar são, por consequência, o resultado do homem se ter começado a fixar ao território, o que gerou, através da exploração dos próprios territórios envolventes, a acumulação de riqueza, que por sua vez foi a causa das "tensões sociais intergrupos". "Essas tensões também tinham reflexos no interior de cada comunidade com a crescente diferenciação social intra-comunitária e a prova disso é que temos aqui várias estruturas adicionais de características bastante diferenciadas consoante o sítio do povoado em que se situam. Os sítios mais bem defendidos eram os privilegiados na época e são aqueles que conservam estruturas de melhor qualidade. Todas essas diferenciações, essas fortificações maciças etc., estão na origem da evolução que se verificou na idade do bronze e do ferro...", contou o arqueólogo.

Escavar um sítio como este, de grande "categoria a nível internacional" é muito gratificante para este responsável. O próprio explica: "De facto podemos consubstanciar aqui ideias de evidente interesse e alcance até para o próprio conhecimento da evolução das sociedades humanas no decurso da Pré-história recente, do Neolítico e do Calcolítico. A que se soma também a importância do ponto de vista cultural, científico, e de divulgação do próprio local patrimonial".

Através de vários estratos arqueológicos podem documentar-se cerca de mil anos de ocupação permanente no Povoado Pré-Histórico de Leceia

Comunidade agrícola e piscatória

Estamos, então, perante um povoado que devia ser ocupado por 200 a 300 pessoas, isto baseado em cálculos da área construída (podendo ser falíveis, como revelou o catedrático) que habitavam permanentemente no local na época áurea do lugar – "que se pode situar cerca de 2.800 anos a.C., ou seja 4.200 anos antes do presente".

Segundo João Luís Cardoso, este é um sítio bastante complexo do ponto de vista arquitectónico, é um "povoado-fortaleza" onde havia uma comunidade que vivia da agricultura, que caçava, que tinha já os seus inimigos e que pescava, o que se concluíu pelas espinhas de peixe de diversas espécies encontradas. Uma delas foi detectada durante as escavações numa lareira. A este propósito aquele responsável contou: "Consideramos que o peixe foi assado, comido e o anzol ficou perdido no meio das cinzas onde o peixe foi grelhado. Digamos que aqui se deu o 'flash' duma cena do quotidiano pontual e que nós conseguimos registar 5 mil anos depois".

Por todos estes registos e reconstituições históricas apaixonantes, o catedrático revelou-nos que a Arqueologia é o reencontro do homem com o próprio homem, embora um reencontro "bastante incógnito, envolto em neblina, porque nós temos que ser realistas e basear sempre as nossas conclusões nos materiais que achamos".

Em relação às peças encontradas destacam-se as de cerâmica, como vasos de armazenamento dos cereais, que demonstram que já se praticava uma agricultura -- aliás toda a zona circundante ao povoado é ainda hoje composta por pequenos campos agrícolas -- mas também outras, como mós, machados de pedra polida (que eram utilizados para o abate de árvores ou para a construção de casas) e muitos outros instrumentos utilizados para a caça e até para defesa própria. "A prova de que eles também se defendiam são estas muralhas, uma imponente fortificação da qual nós hoje vemos, apenas, a base, mas imagine-as com mais quatro ou cinco metros de altura. Todo o espaço foi ocupado por uma fortificação constituída por três linhas defensivas, passando a terceira por baixo deste moinho, já do século XVIII", recordou a propósito.

O moinho – datado de 1707 e que mostra bem a importância que os cereais continuaram a ter, até à actualidade, naquela zona -- representa, a última construção humana ali realizada após o abandono do local na época pré-histórica. Contudo, garantiu-nos o catedrático, durante a Idade Média houve também ali várias presenças humanas, uma vez que foram, igualmente, encontrados materiais medievais. Embora não haja documentação que prove terem sido realizadas construções nessa altura.

João Luís Cardoso revelou-nos, ainda, que este local esteve ameaçado de destruição total em 1983 para loteamento, pois, na ocasião -- ainda que a primeira monografia do sítio tenha sido feita em 1878 -- , nunca tinham sido feitas escavações e não se sabia qual a área de interesse arqueológico. É caso para se dizer: não fosse a determinação desde arqueólogo (com o devido apoio da CMO e do IPPAR), ainda hoje um dos povoados mais antigos de Portugal, do qual muito ficou por dizer, estava soterrado para toda a eternidade.

Texto: **Teresa Oliveira**
Fotos: **Vítor Rios**

Fig. 441 – 1995 – Jornal *Correio da Manhã*, de 7 de Agosto, p. 26: "Povoado pré-histórico de Leceia é documento vivo de 5 mil anos".

progresso dos trabalhos, revelando que, no ano anterior, foi inaugurada uma vedação metálica, já com carácter definitivo, de toda a zona *non aedificandi*, com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras, substituindo a anterior vedação em rede elástica instalada em 1986.

1996

67 – Revista *Oeiras Actual, Boletim Municipal*, n.º 62, Jan./Fev./Mar., pág. 7: "Barcarena. Município adquire mais um terreno na zona do Castro de Leceia" (**Fig. 442**). Notícia que dá conta do progresso da aquisição dos terrenos situados na zona *non aedificandi* a particulares, por parte da Câmara Municipal de Oeiras, neste caso o artigo 623/2, pelo valor global de 3.760.000$00.

68 – *Jornal da Costa do Sol*, de 25 de Maio: "Património Arqueológico de Oeiras. Uma valorização exemplar".

69a; 69b – Jornal *Diário de Notícias*, Suplemento "40º à sombra", de 27 de Julho, pág. 14 e 15: "Caminhos. Passeio saloio. Povoados e necrópoles dos primeiros metalurgistas". Autoria Luís Raposo.

70 – Jornal *Ecoambiente*, n.º1, Agosto, pág. 16: "Povoado pré-histórico de Leceia" (**Fig. 443**).

1997

71 – Revista *Oeiras Actual, Boletim Municipal*, n.º 71, Jan./Fev., pág. 21: "Povoado Pré-Histórico de Leceia no Museu Nacional de Arqueologia" (**Fig. 444**).

Anúncio de organização de uma exposição monográfica sobre o povoado pré-histórico de Leceia, no museu dos Jerónimos, numa parceria com o Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras / CMO, a qual viria a ser inaugurada em Julho de 1997.

72 – Jornal *Expresso*, Actual, de 19 de Julho, pág. 3: "Museu de arqueologia inaugura exposições". Reportagem assinada por António Henriques, iniciada do seguinte modo:

"*A reconstituição em tamanho natural da entrada do povoado fortificado de Leceia (terceiro milénio a.C.) é uma das atracções das novas exposições temporárias do Museu Nacional de Arqueologia (MNA), em Lisboa, inauguradas na passada quinta-feira. O povoado de Leceia localiza-se sobre o vale da ribeira de Barcarena, Oeiras, e foi construído na altura dos primeiros contactos comerciais com o mundo mediterrânico.*
Uma maqueta de 20 metros quadrados, que mostra o estado actual das ruínas do povoado e outra com a reconstituição do complexo sistema de muralhas, bastiões, rampas de acesso, portas, cabanas e lareiras domésticas – quando era um dos principais centros de fixação de população à entrada do Tejo – documentam o sítio.
Organizada em colaboração com a Câmara Municipal de Oeiras, esta exposição, da responsabilidade de João Luís Cardoso, arqueológo da Câmara, inicia «um novo ciclo de certames destinado a mostrar ao público as mais importantes investigações arqueológicas dos últimos 20 anos», segundo Luís Raposo, director do MNA. Inaugura também um regime de parceria entre o Museu e entidades públicas, em especial autarquias detentoras de património arqueológico que raramente é mostrado. A visita à exposição do MNA pode ser completada, aos fins-de-semana, com deslocações às ruínas de Leceia, que têm o acompanhamento de técnicos da autarquia de Oeiras."

Oeiras Actual Boletim Municipal, 62 (Jan/Fev/Mar/96) p. 7

BARCARENA

MUNICÍPIO ADQUIRE MAIS UM TERRENO NA ZONA DO CASTRO DE LECEIA

No prosseguimento das acções tendentes a regularizar a situação dos terrenos localizados na zona vedada da Estação Eneolítica de Leceia, tem vindo a Secção de Expropriações do Gabinete de Contencioso e Apoio Jurídico desta autarquia a promover contactos, nos termos e para os efeitos dos nºs. 1 e 3 do Artº. 2º. do Código das Expropriações, aprovado pelo Decreto-Lei nº. 438/91, de 9 de Novembro.

Na sequência de tais contactos, foi possível estabelecer com os respectivos proprietários, de acordo com o registo nº. 29051/95, entendimento no sentido de a Câmara adquirir, por via do direito privado, o prédio que constitui o artigo 2/623, da matriz cadastral da freguesia de Barcarena, descrito na 1ª. Conservatória do Registo Predial de Oeiras sob o nº. 16695, a fls.141 do livro B-54, com a área de 1880 m2.

Nesta conformidade e em consonância com o Artº. 51º., nº. 1, alínea d), do Decreto-Lei nº. 100/84, de 29 de Março, na nova redacção dada pela Lei nº. 18/91, de 12 de Junho, a Câmara Municipal de Oeiras deliberou adquirir o prédio referenciado, pelo valor global de 3.760.000$, a que corresponde o preço unitário de 2 mil escudos por metro quadrado, absorvido, na sua totalidade, pela zona vedada da Estação Eneolítica do Castro de Leceia.

Castro de Leceia

Fig. 442 – 1996 – Revista *Oeiras Actual, Boletim Municipal*, n.º 62, Jan./Fev./Mar., p. 7: "Barcarena. Município adquire mais um terreno na zona do Castro de Leceia".

n.º 1 – Agosto de 1996

16 ECOAMBIENTE ARQUEOLOGIA

Povoado pré-histórico de Leceia

O povoado pré-histórico de Leceia é conhecido no mundo científico desde 1878, ano em que o General Carlos Ribeiro, fundados da Pré-história e da Geologia, em Portugal, publicou uma extensa e bem documentada memória, apresentada à Academia das Ciências de Lisboa.

Porém, só em 1983, perante a destruição iminente da Jazigа, se iniciaram escavações metódicas, dirigidas pelo signatário.

Mercê dos apoios concedidos pelo Instituto Portugueês do Património Arquitectónico e Arqueológico e, sobretudo, pela Câmara Municipal de Oeiras, entidade a quem se fica a dever, em grande parte, o êxito alcançado pelos trabalhos de campo e de gabinete, foi possível promover escavação em extensão que atinge a área próxima de 7000 m2, colocando Leceia entre uma das maiores escavações de povoados calcolíticos peninsulares.

Os resultados obtidos conferem a esta estação grande importância na caracterização do processo de transformação sociais, culturais e económicas no decurso do terceiro milénio a.C.. Com efeito, é o único grande povoado onde se encontra um registo de ocupação humana contínuo, desde o neolítico final ao fim do Calcolítico, constituindo tal sequência um elemento precioso para a compreensão da génese e desenvolvimento das primeiras comunidades calcolíticas proto-urbanas europeias.

Ao longo de cerca de 1000 anos de ocupação, construiu-se um notável dispositivo defensivo, constituído por muralhas e bastiões, organizados em três linhas. A construção, imponente, deste fortificação, em sítio alto e defensável, já ocupado no Neolítico final, revela as necessidades defensivas deste comunidade, resultantes da criação de um sobreproduto económico (excedentes).

A acumulação de riquezam em locais com condições naturais de defesa, foi certamente o resultado do desenvolvimento de uma economia agropastoril e da melhoria da tecnologia agrícola, com o aproveitamento da tracção animal, especialmente os bovinos.

As actividades agrícolas estão representadas pelas mós e elementos de foice; a criação de gado encontra-se documentada pela existência de numerosos ossos de ovinos, caprinos, suínos e bovinos, sendo subsidiada ainda pela caça do veado, javali e coelho, mais raramente do auroque (boi selvagem), e, excepcionalmente do cavalo e do urso (também para o aproveitamento das peles). A recolecção de moluscos, ao longo do litoral, e a pesca, no estuário, completavam, a par de uma horticultura incipiente, aproveitando as veigas da ribeira de Barcarena, as bases alimentares desta comunidade.

A imponência dos aparelhos construtivos, integrando panos de muralha e bastiões, frequentemente de carácter ciclópico, com blocos ultrapassando as duas toneladas, a extensão, amplitude e complexidade das estruturas edificadas, denotando uma concepção «à priori» do espaço a ser ocupado, evidenciam uma sociedade já hierarquizada, em que um importante segmento poderia permanecer, por longos períodos, afastados das actividades produtivas, correspondendo, outrossim, a uma determinada «elite», a coordenação do trabalho de todos.

Os elementos recolhidos nas treze campanhas de escavações até ao presente anualmente ali realizadas (1983-1995) permitem apresentar as seguintes conclusões gerais:

A primeira fase cultural corresponde ao Neolítico final da Estremadura, encontra-se datada, pelo método o radiocarbono, em finais do quarto milénio a.C.. Embora não se tenham até agora revelado estruturas defensivas, a escolha de local com boas condições naturais de defesa pressagia a existência de conflito, arqueologicamente não detectáveis até aquela altura. O apogeu do povoado pré-histórico verificou-se no início do calcolítico inicial (cerca de 2800 a.C.). A esta fase cultural correspondem três fases construtivas principais, no decurso das quais se assiste ao progressivo reforço do dispositivo defensivo, denotando agravamento da instabilidade social, com possíveis e frequentes situações de conflito. Paralelamente é, porém, nítida a crescente degradação da qualidade construtiva, que prenuncia o declínio do povoado.

A fase cultural seguinte — do Calcolítico pleno — encontra-se apenas representada por uma única fase construtiva, quase que limitada a construções habitacionais de carácter precário; o grandioso dispositivo defensivo encontrava-se, então, já desactivad e, em grande parte, arruinado.

O abandono definitivo do povoado verificou-se no final do Calcolítico pleno, datado em Leceia pelo radiocarbono cerca de 2300 a.C., aquando da eclosão das cerâmicas campaniformes na região.

Estas, muito pobremente representadas, devem relacionar-se com a passagem espóradica de pequenos grupos humanos, sem carácter permanente no local, tal como é sugerido pela escassez, dispersão, e heterogeneidade tipológica dos materiais exumados.

João Luís Cardoso (Professor auxiliar da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras — Câmara Municipal de Oeiras)

Fig. 443 – 1996 – Jornal *Ecoambiente*, n.º1, Agosto, p. 16: "Povoado pré-histórico de Leceia".

No âmbito da preparação de programa televisivo de carácter cultural sobre o concelho de Oeiras integrado na serie televisiva "Horizontes da Memória", visitou o povoado pré-histórico de Leceia, o Prof. José Hermano Saraiva. O referido programa, teledifundido no dia 21 de Setembro de 1997 na RTP 2, apresentou diversas imagens das escavações realizadas na estação arqueológica, acompanhadas de explicações que, previamente, o Prof. Doutor João Luís Cardoso tinha fornecido ao ilustre visitante. Disponível nos arquivos da RTP, em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/na-barra-do-tejo/

1998

73 – Jornal *Diário de Notícias*, Regional, de 7 de Junho, pág. 36: "Lazer na Fábrica da Pólvora. A maior escavação de um povoado pré-histórico alguma vez feita em Portugal encontra-se a dois passos, no castro de Leceia. Barcarena".

74 – *Jornal da Costa do Sol*, de 9 de Junho, pág. 8: "Espólio do castro de Leceia no Museu de Arqueologia. O espólio do castro de Leceia, uma das mais importantes estações arqueoló-

Oeiras Actual. Boletim Municipal nº 71

Janeiro e Fevereiro de 1997, p. 21

Povoado Pré-Histórico de Leceia no Museu Nacional de Arqueologia

O Museu Nacional de Arqueologia e o Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras vão organizar, em conjunto, uma Exposição Monográfica sobre o Povoado Pré-Histórico de Leceia, mostra esta que estará patente ao público no Museu Nacional de Arqueologia, situado no Mosteiro dos Jerónimos, entre Junho e Dezembro do corrente ano, coincidindo, assim, com as Festas do Concelho de Oeiras.

Esta mostra debruçar-se-á nos resultados das escavações arqueológicas efectuadas naquele povoado, sob a responsabilidade do Prof. João Luís Cardoso e sua equipa, constituindo, assim, um motivo de grande interesse, principalmente no conhecimento que se possui já sobre as comunidades que viveram naquele local há milhares de anos atrás.

Esta exposição coincidirá, também, com diversas visitas guiadas que se realizarão, na altura, ao Povoado Pré-Histórico de Leceia.

Castro de Leiceia.

Fig. 444 – 1997 – Revista *Oeiras Actual, Boletim Municipal*, n.º 71, Jan./Fev., p. 21: "Povoado Pré-Histórico de Leceia no Museu Nacional de Arqueologia".

gicas da Península, está exposto no Museu de Arqueologia de Oeiras". Dá conta da inauguração, a 7 de junho de 1998 da nova sala de Arqueologia correspondente a exposição monográfica permanente dedicada ao povoado pré-histórico de Leceia, anteriormente exposta, com pequenas modificações, no Museu Nacional de Arqueologia.

75 – Jornal *O Dia*, de 15 de Julho: "Estação arqueológica com cinco mil anos. Oeiras".

76a; 76b – *Jornal de Notícias*, de 16 de Julho, capa: "Tesouro pré-histórico descoberto em Oeiras"; e pág. 3: "Leceia pré-histórica tem imensos tesouros. Últimas escavações arrancam em Agosto mas já é possível apreciar artefactos com cinco mil anos na Fábrica da Pólvora" (**Fig. 445**).

Reportagem em jornal de grande tiragem, com referência na 1.ª página. Noticia a criação de um núcleo museológico referente à estação arqueológica inaugurado na Fábrica da Pólvora, a 7 de Junho, e que integra o que de mais significativo restou deste povoado ao nível da cultura material, permitindo aceder a um conjunto de informações sobre a vivência de uma população que terá sido das mais pujantes na Península de Lisboa naquela época. Notícia que também destaca a intenção de instalar passadiço de madeira no povoado de modo a permitir a circulação dos visitantes no interior do espaço explorado.

77 – Jornal *O Correio da Linha*, Património, de 24 de Julho, pág. 12 e 13: "Leceia foi um povoado fortificado no concelho de Oeiras". Extenso artigo que ocupa as duas páginas centrais do referido jornal.

78 – Jornal *Correio da Manhã*, de 26 de Julho, pág. 32 e 33: "Artefactos de Leceia: do povoado para o museu. Cinco mil anos de História". Extensa reportagem sobre os trabalhos arqueolóicos desenvolvidos em Leceia.

79 – Jornal *O Diabo*, n.º 1137, de 13 de Outubro, pág. 23: "Novas descobertas em Oeiras. Reminiscências do passado".

80 – Jornal *A Capital*, n.º 9631, de 17 de Outubro, pág. 2 e 3: "Os tesouros de Leceia"; e contracapa: "Oeiras mostra 5 mil anos de história".

2001

Durante o ano de 2001, a estação arqueológica de Leceia foi noticiada com a publicação do texto da autoria de André Teixeira (Agência Lusa), em diversos órgãos de Imprensa Regional e Nacional:

81 – *Jornal de Notícias*, de 21 de Maio, pág. 4: "Salvaguardado povoado pré-histórico de Leceia. Vestígios detectados há 18 anos correram o risco de ser destruídos".

82 – Jornal *A Capital*, de 21 de Maio, pág. 14: "O legado histórico de Leceia" (**Fig. 446**).

Artigo de carácter geral, com referência aos artefactos recolhidos no povoado pré-histórico.

83 – *Jornal Costa do Sol*, de 6 de Setembro, pág. 19: "O legado do povoado pré-histórico de Leceia".

2002

84 – Boletim Municipal *Oeiras Actual*, de Agosto/Setembro de 2002, pág. 8: "GEOTA recebe apoio para escavações arqueológicas".

Grande Lisboa

CORREA DOS SANTOS

Aqui viveu uma comunidade de 150 homens, entre 2800 e 2500 antes de Cristo, que agora se redescobre

Leceia pré-histórica tem imensos tesouros

Últimas escavações arrancam em Agosto mas já é possível apreciar artefactos com cinco mil anos na Fábrica da Pólvora

COLABORADORA **GINA PEREIRA**

Em Leceia, no concelho de Oeiras, viveu, há perto de cinco mil anos, uma comunidade de 150 homens pré-históricos. No alto de uma ravina, que se ergue junto à Ribeira de Barcarena, construíram uma fortificação, com muralhas de quatro metros de altura e, no interior, várias cabanas serviam de habitação. Graças a 15 anos de intensas escavações, conduzidas pelo professor João Cardoso, as ruínas pré-históricas devem abrir aos olhos dos curiosos no próximo ano.

Entretanto, na sala de arqueologia da Fábrica da Pólvora, em Barcarena, já é possível apreciar uma interessante exposição de artefactos e restos de animais recolhidos durante as escavações.

As muralhas de Leceia são, na opinião de João Cardoso, "um dos ex-libris do Calcolítico na Península Ibérica". Em Portugal, há dois outros povoados desta época com importância comparável. Um em Vila Nova de São Pedro, na Azambuja, e outro no Zambujal, em Torres Vedras.

Dez mil metros escavados

Mas em nenhum deles as escavações atingiram as dimensões de Leceia: perto de dez mil metros quadrados de área escavada, correspondentes a uma imponente fortificação que garantia a supervisão de um vasto território envolvente, num raio que se estima de 25 quilómetros.

A fertilidade das terras deverá ter sido a razão que motivou a edificação do povoado naquele local. Solos muito produtivos asseguraram a sobrevivência da população, que se dedicava ao cultivo de cereais, auxiliado pela força motriz de bovídeos. Ainda são visíveis no local grandes círculos de laje, utilizados como eiras.

Os restos de animais encontrados no local permitem afirmar que, da fauna da época, faziam parte espécies hoje quase extintas no [illegible] ursos, línces ibéricos e uma grande riqueza de pescado, proveniente do estuário do Tejo, a cerca de quatro quilómetros de Leceia.

Para o ano já será possível visitar as ruínas, uma vez acabada a escavação

Nível das águas baixou

Além da caça, a pesca era outra das actividade a que estes homens se dedicavam. Estima-se que o nível das águas do mar estivesse cinco metros acima do actual, o que tornava navegável, à altura, a ribeira de Barcarena, e facilitava o acesso ao mar. Restos de moluscos, entre eles ostras e lapas, fazem parte da colecção arqueológica de Leceia.

A principal preocupação do povoado era a segurança de pessoas e bens. A construção de três linhas de defesa, uma no exterior e duas dentro das muralhas, expressa bem esse medo.

"Era uma população que vivia aterrorizada com eventuais ataques de inimigos", explica João Cardoso, apontando os vários bastiões estrategicamente colocados ao longo das muralhas que garantiam uma visão privilegiada. Na visão do professor, a fortificação tinha também um "efeito inibidor, afastando os inimigos".

População cresceu demais

O "crescimento não sustentado" da população, "para além do que seria possível suportar", terá estado na origem do declínio do povoado, cujo apogeu se situa entre 2800 e 2500 Antes de Cristo. A necessidade de espaços de captação de recursos cada vez maiores motivou conflitos com outras comunidades. A fragmentação e dispersão da população foi inevitável. E o abandono da fortificação, decaída em ruínas, uma questão de tempo.

Pela última vez este Verão, um grupos de jovens vai tomar de assalto o espaço das muralhas para a derradeira escavação. Ainda há muito trabalho a fazer mas uma parte da fortificação não vai ser, propositadamente, escavada. O Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras, dirigido pelo professor João Cardoso, vai dedicar-se a outras escavações e a trabalhos de catalogação de peças.

É apenas uma questão de tempo, para que a população possa aceder ao espaço. A Câmara de Oeiras, que tem apoiado os trabalhos, vai terminar a colocação de uma passadeira em madeira que permita circular no espaço sem pisar as ruínas. A intenção do professor João Cardoso é que sejam estipulados dias e horas fixas para a visita. Os mais curiosos já podem deliciar-se com o fruto dos trabalhos, em Barcarena.

"Esta é a escavação a que dediquei toda a minha vida"

CORREA DOS SANTOS

O mulherengo João Cardoso, responsável pelo Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras, é um homem profundamente realizado. Percebe-se-lhe na voz o gosto da missão cumprida e a paixão por uma causa a que dedicou toda a vida. Aos 11 anos, vinha de bicicleta de Caxias, onde morava, até às ruínas de Leceia, para fazer escavações. "Sempre anseei o momento em que começaria a trabalhar aqui", conta.

Um desejo que só se concretizou em 1983, dois anos depois de terminar o curso de Geologia. Aos oito, já convivia com livros de arqueologia, graças a um familiar também interessado por estas matérias. Aos 17 anos, com a cumplicidade de um amigo, foi pela primeira vez para o campo e encetou uma escavação em Cascais.

Quinze anos depois de ter começado as descobertas em Leceia, decide parar com a escavação. Este ano é a última vez que um campo de trabalho vai escavar as muralhas. "Sei que ainda há muito para descobrir mas quero deixar algo para quem vier depois de mim", explica.

Não tem medo que as futuras escavações o desmintam. "Admito que, daqui a cem anos, se cheguem a outras conclusões mais correctas", afirma, convicto de que os resultados do seu trabalho são "a melhor interpretação que se pode atingir no momento".

Na sua opinião, "o arqueólogo tem deveres perante a sociedade e um deles é tornar acessíveis os resultados da sua investigação". Um trabalho a que se tem dedicado e que viu recentemente premiado pela Academia Portuguesa de História, com o prémio Dr. Laranja Coelho, atribuído à sua monografia. "O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo".

Fig. 445 – 1998 – 76a; 76b- *Jornal de Notícias*, de 16 de Julho, capa: "Tesouro pré-histórico descoberto em Oeiras"; e p. 3: "Leceia pré-histórica tem imensos tesouros. Últimas escavações arrancam em Agosto mas já é possível apreciar artefactos com cinco mil anos na Fábrica da Pólvora" .

OEIRAS ■ As escavações em Leceia fizeram vir à superfície uma **das mais importantes descobertas arqueológicas**, que correu o risco de ficar por baixo de uma urbanização

O legado histórico de Leceia

MANUEL DE ALMEIDA / LUSA

O povoado foi construído a quatro quilómetros do estuário do Tejo, perto da ribeira de Barcarena e protegido por uma escarpa rochosa

As muralhas que constituíram a defesa do povoado serviram também para o seu isolamento e posterior definhamento

ANDRÉ TEIXEIRA | *LUSA*

Cerca de 3500 anos a.C. nascia, numa escarpa rochosa em Leceia, Oeiras, uma verdadeira "metrópole" com duas a três centenas de habitantes que constitui hoje o maior povoado pré-histórico encontrado em Portugal. As primeiras escavações em Leceia começaram em 1983, fazendo vir à superfície uma das mais importantes descobertas arqueológicas do País que correu o risco de ficar escondida por baixo de uma grande urbanização.

"Eu já conhecia o sítio desde 1970, porque em miúdo vinha para aqui apanhar pontas de setas e outros materiais, mas não pensava que existiria por baixo um povoado", disse João Luís Cardoso, arqueólogo responsável pela descoberta, com dezoito anos de escavação no local.

A escolha da localização, um sítio alto a quatro quilómetros do estuário do Tejo, perto da ribeira de Barcarena e protegido por uma escarpa rochosa, segundo João Luís Cardoso, deve-se a uma necessidade de protecção devido aos vários conflitos na altura, que levaram inclusive à necessidade de construir muralhas de defesa à volta dos dez mil metros quadrados do povoado.

"Houve a partir de certa altura, entre 3500 e 3000 a.C., um crescimento da população como consequência da melhoria das técnicas de produção como o arado, a própria roda ou a atrelagem animal", explicou João Luís Cardoso, acrescentando que este facto levou a uma situação peculiar que não está documentada: a guerra.

De facto, e como testemunha de conflitos generalizados, estão as muralhas, erguidas por volta de 2800 a.C., e organizadas em três linhas de defesa, demonstrando algum planeamento na sua construção.

"As muralhas foram feitas todas na mesma altura e num curto espaço de tempo, que demonstra uma sociedade já organizada e estruturada", disse João Luís Cardoso, arqueólogo coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras, acrescentando que as estruturas erguidas no povoado, como os acessos, a lixeira e a disposição das casas, demonstram um inédito urbanismo pré-histórico.

A partir de 2600 a.C., o povoado entra em declínio, comprovado pela falta de manutenção das muralhas e também pela fraca qualidade na construção das casas.

"Houve também uma redução na área habitacional com o recuo na área ocupada, tendendo para o centro do povoado", explicou João Luís Cardoso, acrescentando que, curiosamente, é nessa altura que a população atinge o seu auge económico, testemunhado pelas várias peças de adorno e de carácter decorativo.

Ao que parece, as muralhas que constituíram a defesa do povoado serviram também para o seu isolamento e consequente definhamento, também provocado, porventura, pelo aparecimento de um centro urbano noutro lugar.

"Apesar da população ter vivido, nesta altura, com grande qualidade de vida, o que me parece é que existia uma espécie de 'paz armada', porque as armas eram mantidas e melhoradas", explicou o arqueólogo, acrescentando que a sociedade teve que arranjar, internamente, alternativas que garantiam a sua sobrevivência, "num acto inconsciente e impensado" condenado ao fracasso.

Novas escavações ainda este ano

■ O Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras, ao longo de dezasseis campanhas de escavações (a última deve realizar-se ainda este ano), foi descobrindo centenas de milhares de artefactos, entre ossadas, pontas de setas, peças de cerâmica e ferramentas em sílex, material abundante no local.

Entre todas as peças, duas se destacam pelo seu carácter único: duas estatuetas em terracota, representando uma porca, na altura, símbolo de fertilidade devido às capacidades reprodutoras destes animais, com grandes ninhadas de filhos.

"Se pensarmos que, por exemplo, os mealheiros actuais muitas vezes são representados por este animal, facilmente percebemos o significado", afirmou José Luís Cardoso.

As porcas em terracota, bem como outras peças pré-históricas, estão expostas no museu do Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras, na Fábrica da Pólvora, em Barcarena, onde também se pode ver uma maqueta "monumental" do povoado, única no país, equipada com um sistema computorizado de luz e som que ajuda a explicar as diversas estruturas e formas de vida do povoado de Leceia.

Fig. 446 – 2001 – Jornal *A Capital*, de 21 de Maio, p. 14: "O legado histórico de Leceia".

28 dn SEGUNDA-FEIRA 28 OUTUBRO 2002 REGIONAL

ARQUEOLOGIA

Alfinetes pré-históricos descobertos em Oeiras

Peças de marfim e osso levam a concluir que houve trocas comerciais com o Norte de África

ACHADO. Arqueólogos consideram que o material encontrado constitui uma descoberta interessante

■ As últimas intervenções arqueológicas no povoado pré-histórico de Leceia, em Oeiras, permitiram a descoberta, entre outras surpresas, de dois alfinetes, um de marfim outro de osso, que revelam trocas comerciais com o Norte de África.

«O marfim é uma matéria que não existe na Península Ibérica, portanto tudo aponta para que tenha sido adquirido, ou em bruto ou já trabalhado, no Norte de África», afirmou o coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos da Câmara de Oeiras. Na reportagem da Agência Lusa, do jornalista André Teixeira, fica a saber-se que além do alfinete de adorno em marfim, uma peça «única na região da Estremadura portuguesa» e que pode comprovar os contactos comerciais de longa distância desta povoação pré-histórica de Leceia, foi também descoberto, naquilo que o professor João Luís Cardoso considera quase um milagre, um raro e intacto alfinete de osso.

Os trabalhos vão continuar já que se supõe que o povoado tenha sido responsável pela fundação de Leceia

«É uma peça muito bonita, encontrada perfeita o que é muito raro, que pode ser originária também do Norte de África por causa do desenho esculpido na cabeça que sugere um bolbo de lótus, planta venerada no antigo Egipto», explicou. Os alfinetes, datados de cerca de 3500 anos antes de Cristo (a.C.), foram descobertos em Agosto, numa das últimas escavações no povoado, realizada no núcleo deste castro, envolvendo uma área de cerca de cem metros quadrados. «Era uma área que estava mais ou menos intacta, apesar de sabermos que havia ali muito por descobrir, porque entendemos em 1985, quando se começou por descobrir o povoado, que seria melhor conhecer os seus limites e só depois então escavar no seu miolo.»

Em Agosto, 17 anos depois da última escavação nesta zona do povoado, «um núcleo entre a segunda linha defensiva e a terceira», foram encontradas ainda estruturas habitacionais com lareira e uma porta de acesso com o chão revestido de muitas lajes de calcário, que impediam, na altura, o desgaste pela sistemática utilização desta passagem.

Neste núcleo foram feitas também decapagens horizontais cada vez mais profundas que revelaram uma sequência datada desde o período Neolítico final (3500 a 3000 a.C.) até ao final do Calcolítico pleno ou Idade do Cobre (2300 a 2000 a.C.).

«É uma sequência muito completa, de mil anos, e muito interessante que confirmou o que já se supunha, ou seja, a existência ali de muitos materiais, alguns de grande valia.»

Foram ainda descobertos pedaços de vasilhames em cerâmica e várias lâminas de sílex bifaciais que eram utilizadas como foices na agricultura, indicando uma intensa actividade agrícola e o grande grau de riqueza deste povoado.

«Isso explica a importação das peças de marfim e de cobre, e da pedra polida que não existem nesta zona», explicou João Luís Cardoso.

Um mês antes destas descobertas, em Julho deste ano, foram feitas também escavações a cerca de 800 metros a sul do povoado pré-histórico de Leceia, que permitiram a descoberta de um pequeno povoado do Neolítico final na plataforma de grandes dimensões no vale da ribeira de Barcarena (zona de Carrascal).

As escavações revelaram uma área habitacional de 20 metros quadrados, com duas fogueiras, correspondentes a uma cabana e numerosos materiais, que cronologicamente datam da segunda metade do quarto milénio a.C.

Os trabalhos no Carrascal vão continuar no próximo ano, já que se supõe que este pequeno povoado possa ter sido responsável pela fundação da «megapovoação» de Leceia, a 800 metros, e posteriormente «absorvido».

«É uma descoberta interessante porque permite desvendar um pouco da dinâmica da população pré-histórica que ocupou Oeiras», concluiu João Luís Cardoso.

Todos os resultados dos trabalhos efectuados nestas duas escavações serão posteriormente divulgados na 11.ª edição da revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, publicação do Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras.

Fig. 447 – 2002 – Jornal *Diário de Notícias*, de 28 de Outubro de 2002, p. 28: "Alfinetes pré-históricos descobertos em Oeiras".

85a; 85b – *Jornal da Costa do Sol*, de 22 de Agosto de 2002, 1ª página e página 16: "Povoado pré-histórico de Leceia. Agregado populacional importante na nossa área há mais de 5000 anos".

86 – Jornal *Diário de Notícias*, de 28 de Outubro de 2002, pág. 28: "Alfinetes pré-históricos descobertos em Oeiras" (**Fig. 447**).

Reportagem alusiva à descoberta de um raro alfinete de marfim durante as escavações do povoado pré-histórico de Leceia realizadas em Agosto de 2002, que levaram a concluir pela existência de trocas comerciais de longa distância, neste caso com o Norte de África, naquela época, o que veio a originar a publicação de diversos artigos científicos (CARDOSO, 2004 b; SCHUHMACHER & CARDOSO, 2007; CARDOSO & SCHUHMACHER, 2012).

2003

87 – *Jornal da Região*, na rubrica "Livros", de 13 de Fevereiro de 2003, pág. 7: "Estudos Arqueológicos de Oeiras".

88 – Revista *Oeiras Actual, Boletim Municipal*, n.º 131, Janeiro/Fevereiro de 2003, pág. 38: "Estudos Arqueológicos de Oeiras". Noticia a edição do 10.º volume da colectânea.

89 – *Jornal da Região*, de 2 de Maio de 2003, pág. 1: "Povoado de Leceia vai ser requalificado".

90 – *Jornal Costa do Sol*, de 15 de Maio de 2003, pág. 7: "Requalificação do povoado pré-histórico de Leceia". Noticia a edição do 10.º volume da colectânea.

91 – *A voz de Torcena*, de 18 de Julho de 2003, pág. 5: "Entrada do «Castro de Leceia» está a ser requalificada".

92 – Revista *Oeiras Actual, Boletim Municipal*, n.º 140, Dezembro de 2003, pág. 17: "Projectos e Obras. Requalificação da entrada do povoado pré-histórico de Leceia".

Pelo seu interesse, apresenta-se a transcrição total do texto publicado aquando da inauguração da requalificação da entrada do povoado pré-histórico:

"*O Povoado pré-histórico de Leceia constitui uma das mais valiosas referências do património histórico e cultural do nosso concelho.*

A importância deste elemento patrimonial reside na quantidade e qualidade dos vestígios que testemunham a evolução de uma comunidade, desde a segunda metade do quarto milénio a.C. até à segunda metade do terceiro milénio a.C..

Implantado numa plataforma rochosa, e dominando o vale da Ribeira de Barcarena, o local oferece boas condições de defesa, o que determinou a sua escolha para a sedentarização das populações.

Aqui podem testemunhar-se estruturas militares (três linhas de muralhas), estruturas agrícolas e habitacionais, bem como vestígios que documentam a criação de gado, caça e pesca.

Alvo de inúmeras escavações e abordagens científicas importa divulgar junto da população o trabalho realizado e o espólio e as estruturas existentes. Foi dado um primeiro passo com a criação do núcleo museológico, localizado na Fábrica da Pólvora em Barcarena, que agora se procura complementar promovendo a descoberta do sítio arqueológico através de visitas ao local.

Neste contexto, surgiu a necessidade de requalificar e dignificar a entrada do povoado.

Elaborou-se então a intervenção que se inaugurou no passado dia 28 de Novembro. O princípio geral de concepção foi o de criar uma zona de átrio e recepção. Dominado por dois muros em betão formaliza-se um miradouro onde a dureza dos materiais contrastam com a organicidade da paisagem natural circundante.

Foi proposta uma nova entrada de utilização pedonal, ficando a anterior destinada ao uso automóvel. A eventual necessidade de estacionamento para autocarros de turismo levou à criação de uma área informal que possibilita o aparcamento dos mesmos.

Outro dos objectivos deste projecto, prende-se com a promoção e divulgação do próprio património. Assim, este espaço é pontuado com cinco colunas, que não só marcam o local e possibilitam a sua identificação à distância, como também funcionam de suporte à informação histórica do local.

Leceia

Nova entrada nas ruínas históricas

«O trabalho desenvolvido nesta estação é muito meritório, sendo por isso um orgulho para o País, mas também além das fronteiras», afirmou Teresa Zambujo, presidente da Câmara Municipal de Oeiras (CMO), na inauguração da nova entrada do Povoado Pré-Histórico de Leceia que decorreu na passada 6.ª feira

Ainda que sejam tempos de "vacas magras" a autarquia de Oeiras não deixou de investir num dos mais importantes legados em termos de património histórico. Numa cerimónia onde se reuniram muitas individualidades e curiosos, foi inaugurada a nova entrada para o pré-histórico Castro de Leceia.

«Sem grandes luxos, esta nova entrada é airosa e ousada», realçou Teresa Zambujo, adiantando que «apesar de estarmos atravessar um período que não é muito bom a nível financeiro, os 171 mil euros (35 mil contos) investidos na dignificação deste espaço é significativo».

Conforme esclareceu o arquitecto Pedro Carrilho, «a nova entrada prende-se com a própria organização urbanística de Leceia, sendo que este não será o acesso definitivo ao futuro museu». Numa 2.ª fase será requalifica a zona de baixo enquadrada na área de génese ilegal.

O grande objectivo é que a partir de agora quem visitar o Povoado de Leceia possa usufruir de uma espécie de antecâmara, onde cinco *totens*, com textos introdutórios informativos e didácticos fazem preâmbulo da estação arqueológica a apreciar, para além de ser uma espécie de miradouro sobre a Ribeira de Barcarena.

Para João Cardoso, arqueólogo, coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, e o grande impulsionador dos estudos sobre aquele povoado, este é um dia a não esquecer.

«A nova entrada é a prova cabal do trabalho que Oeiras tem vindo a desenvolver em prol desta estação arqueológica que é uma mais-valia para o concelho», disse.

Por fim, Teresa Zambujo, dirigiu uma mensagem às crianças que assistiam à cerimónia. «Desta moldura humana é importante salientar a presença dos mais pequenos, pois as crianças devem ser as primeiras a utilizar este espaço», adiantando que «agora é preciso trazer os vossos pais e adultos a conhecerem este património histórico».

Afinal, para que o passado permaneça vivo na memória colectiva é preciso não esquece-lo.

Inês Valentim (Texto)
Carlos Pereira (Fotos)

Várias personalidades de Oeiras marcaram presença

Novo visual para a entrada no legado histórico

Fig. 448 – 2003 – *Jornal Costa do Sol*, de 4 de Dezembro de 2003, p. 11: "Nova entrada nas ruínas históricas".

Julga-se desta forma estar a dotar a estação arqueológica do Povoado Pré-histórico de Leceia de uma estrutura de acolhimento ao visitante que leva a um maior reconhecimento de um espaço que até há pouco tempo passava despercebido à maioria dos munícipes."

93 – *Jornal Costa do Sol*, de 4 de Dezembro de 2003, pág. 11: "Nova entrada nas ruínas históricas" (**Fig. 448**).

Transcrição do texto da autoria de Inês Valentim, ilustrado com fotos de Carlos Pereira:

"*«O trabalho desenvolvido nesta estação é muito meritório, sendo por isso um orgulho para o País, mas também além das fronteiras», afirmou Teresa Zambujo, presidente da Câmara Municipal de Oeiras (CMO), na inauguração da nova entrada do Povoado Pré-Histórico de Leceia que decorreu na passada 6.ª feira.*

Ainda que sejam tempos de «vacas magras» a autarquia de Oeiras não deixou de investir num dos mais importantes legados em termos de património histórico. Numa cerimónia onde se reuniram muitas individualidades e curiosos, foi inaugurada a nova entrada para o pré-histórico Castro de Leceia.

«Sem grandes luxos, esta nova entrada é airosa e ousada», realçou Teresa Zambujo, adiantando que «apesar de estarmos atravessar um período que não é muito bom a nível financeiro, os 171 mil euros (35 mil contos) investidos na dignificação deste espaço é significativo».

Conforme esclareceu o arquitecto Pedro Carrilho, «a nova entrada prende-se com a própria organização urbanística de Leceia, sendo que este não será o acesso definitivo ao futuro museu». Numa 2.ª fase será requalificada a zona de Leceia de baixo enquadrada na área de génese ilegal.

O grande objectivo é que a partir de agora quem visitar o Povoado de Leceia possa usufruir de uma espécie de antecâmara, onde cinco totens, com textos introdutórios informativos e didácticos

fazem preâmbulo da estação arqueológica a apreciar, para além de ser uma espécie de miradouro sobre a Ribeira de Barcarena.

Para João Cardoso, arqueólogo, coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, e o grande impulsionador dos estudos sobre aquele povoado, este é um dia a não esquecer. «A nova entrada é a prova cabal do trabalho que Oeiras tem vindo a desenvolver em prol desta estação arqueológica que é uma mais-valia para o concelho», disse.

Por fim, Teresa Zambujo, dirigiu uma mensagem às crianças que assistiam à cerimónia. «Desta moldura humana é importante salientar a presença dos mais pequenos, pois as crianças devem ser as primeiras a utilizar este espaço», adiantando que «agora é preciso trazer os vossos pais e adultos a conhecerem este importante património histórico».

Afinal, para que o passado permaneça vivo na memória colectiva é preciso não esquece-lo."

94 – *Jornal Costa do Sol*, de 4 de Dezembro de 2003, pág. 11, rubrica Livro: "Povoado Pré-histórico de Leceia.

"*«Durante 20 anos tentei fazer renascer as escavações arqueológicas de Leceia, experiência que posteriormente deve ser aproveitada pela comunidade», salientou o arqueólogo João Cardoso aquando do lançamento do seu livro «O Povoado Pré-histórico de Leceia", uma síntese dos 20 anos (1983/2002) de escavações arqueológicas, que decorreu no restaurante «Albapólvora», na antiga Fábrica da Pólvora de Barcarena.*

O livro insere-se no quadro de investigação, recuperação e valorização do património histórico arqueológico português e é uma súmula do trabalho de João Cardoso acerca daquele Castro apresentado cientificamente pelo General Carlos Ribeiro, pioneiro da Pré-História e Geologia portuguesas, em 1878.

Para o arqueólogo João Cardoso, a paixão pelo Povoado de Leceia começou em 1970 quando lhe ofereceram um livro sobre trabalhos relativos à estação. «Então, foi como fazer uma viagem ao passado» refere o autor. Depois da licenciatura e do mestrado começou a aprofundar os estudos sobre o povoado de Leceia, numa ocasião em que aquela zona era alvo de especulação urbanística e de construções ilegais. E durante 20 anos «fui fazer renascer do Povoado Pré-Histórico de Leceia» que trouxe «mais desenvolvimento à freguesia de Barcarena e se tornou num dos locais mais importantes do concelho». Olhando para trás, João Cardoso assegura que nunca «pensei que quando aquele trabalho me chegou às mãos iria modificar o futuro da minha vida e até do próprio bairro».

E foi sempre contando com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras que os estudos sobre esta estação arqueológica chegaram a bom porto, sendo inclusive, motivo de interesse internacional.

Da parte da edilidade, Teresa Zambujo, reafirmou «a vontade de continuar a apoiar o desenvolvimento dos estudos relativos ao passado de Leceia» felicitando «a forma empenhando e viciante com que João Cardoso executa o seu trabalho».

Na síntese de 20 anos de escavações arqueológicas pode fazer-se uma verdadeira viagem às nossas raízes, redescobrindo a arquitectura e os vestígios pré-históricos.

A bem do conhecimento e da própria História."

95 – "Jornal da Região", de 5 de Dezembro de 2003, pág. 3: "Povoado com nova entrada";

Extensa entrevista realizada por Raquel Santos ao Autor, para o Programa "Entre Nós", exibida na RTP, com referências, para além de outros, aos trabalhos realizados no povoado pré-histórico. Disponível em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/joao-luis-cardoso/

EM PORTUGUÊS

OS SEGREDOS DA NOSSA CULTURA GEOGRÁFICA

LECEIA

Sentinela do Tejo

A escassos quilómetros de Lisboa, um povoado pré-histórico foi regularmente habitado durante um milénio. Escavado durante 20 anos, o sítio arqueológico de Leceia revela minuciosamente o quotidiano do Calcolítico português. Os artefactos recuperados falam-nos de um passado com música, caçadas e trocas comerciais com povos distantes.

Texto de Gonçalo Pereira Fotografias de Nuno Correia

NATIONAL GEOGRAPHIC • OUTUBRO 2004

Caso exemplar em Portugal, o Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, unidade orgânica da CM Oeiras, possibilita uma viagem em miniatura pela estação. "Um núcleo arqueológico não encerra no momento em que termina a escavação", defende o arqueólogo João Luís Cardoso.

NATIONAL GEOGRAPHIC • OUTUBRO 2004

Fig. 449, 450 e 451 – 2004 – Revista *National Geographic*, Outubro de 2004 (edição portuguesa): "Leceia, Sentinela do Tejo".

De carro, Leceia atravessa-se em menos de um minuto. Uma sucessão de moradias e alguns prédios de dois andares, uma praceta central e uma estrada concorrida, que liga Barcarena a Oeiras. No café Trieme, centro nevrálgico da localidade, dois painéis de azulejo descrevem eloquentemente o orgulho da terra. As "ruínas", o "povoado", o "castro", as "pedras" ou até o "castelo" têm vários nomes por ali, mas designam o mesmo sítio: a estação arqueológica de Leceia, exemplo ímpar de um projecto arqueológico de 20 anos de luta contra o tempo e o urbanismo.

Na verdade, esta história remonta há 30 anos e a uma era em que, em Leceia, garantem-nos, ainda se arava com boi. Os terrenos agrícolas onde hoje se ergue o sítio arqueológico pertenciam a vários particulares. Poucos sabiam então que aravam um solo classificado como imóvel de interesse público, fruto do trabalho pioneiro mas incompleto do general Carlos Ribeiro. O pai da geologia portuguesa [ver edição de Fevereiro de 2002] identificara os vestígios de um povoado pré-histórico em 1878 e foi com a sua documentação que o processo de protecção teve lugar. O final da década de 1970, porém, foi marcado pelo acelerado processo de urbanismo do concelho de Oeiras. Leceia, com a sua magnífica vista sobre o vale da ribeira de Barcarena, não fugiu à regra.

João Luís Cardoso ainda se lembra do dia em que soube que o terreno estava projectado para receber um complexo urbanístico. Filho do concelho, apaixonou-se pela história de Leceia desde o dia em que, ainda miúdo, recebeu uma cópia do livro de Carlos Ribeiro. "De bicicleta na mão e com o livro na outra, vim até aqui e fiquei fascinado", conta. "Para cada ponto do solo que olhava, via um fragmento arqueológico. Leceia estava literalmente a meus pés." Muito mais tarde, em 1983, sabendo que a urbanização avançaria se não conseguisse demonstrar a relevância histórica do local, João Luís Cardoso iniciou os trabalhos. Provavelmente, o coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CEACO) e professor da Universidade Aberta não imaginava que este seria o projecto de uma vida. E que Leceia seria o local pelo qual se comparam hoje boa parte dos achados do Calcolítico português.

Como um detector de metais, sempre em busca de um sinal revelador, João Luís Cardoso não consegue evitar que o seu olhar se concentre no solo já escavado de Leceia. Tem razões para isso. Entre as centenas de milhares de artefactos recuperados na estação, alguns são verdadeiramente especiais porque possuem o dom de nos remeter para o quotidiano do terceiro milénio antes de Cristo. Um raro alfinete de marfim, recuperado numa das últimas campanhas, dá conta da existência de trocas comerciais com indivíduos de fora da Península, particularmente do Norte de África. Um osso de ave, recuperado nos anos 1960 pelo escritor Álvaro de Brée, atribui som às recordações de Leceia: afinal, esta flauta improvisada é o único instrumento musical descoberto num povoado calcolítico em solo português. E as estátuas de duas porcas de terracota, verdadeiras estrelas da colecção, evocam crenças antigas e pedidos de auxílio divino em épocas de colheita.

Os achados sucederam-se nos últimos 20 anos. "Mas não pense apenas nos artefactos", interrompe João Luís Cardoso. "São importantes, dizem-nos muito sobre o quotidiano das várias comunidades que habitaram este espaço, mas as estruturas que identificámos permitem apreciar um quadro mais vasto", diz, enquanto aponta para uma maqueta gigantesca, exposta na sala de arqueologia alusiva ao povoado pré-histórico, localizada na antiga Fábrica da Pólvora de Barcarena.

A maqueta ilustra os três sistemas de muralhas identificadas no povoado. Não são contemporâneas, foram acrescentadas à medida das necessidades de crescimento da comunidade. Curiosamente, as primeiras estruturas muralhadas são as mais perfeitas, as mais acabadas. Defenderiam o quê? "Pessoas e bens, naturalmente. E os excedentes de produção", responde João Luís Cardoso. No seu apogeu, o povoado de Leceia teria abrigado três centenas de pessoas. A agricultura era uma das actividades principais e proporcionava excedentes de cereais, como o comprovam as três eiras identificadas dentro da área muralhada. "É natural que grupos rivais pudessem cobiçar a riqueza de Leceia."

Centenas de milhares de fragmentos foram tratados e consolidados no laboratório do Centro. Foi aqui que alguns dos artefactos mais importantes de Leceia foram reconhecidos. À direita, um aspecto do sítio arqueológico que, com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras, passou a dispor de estruturas mais acessíveis para os visitantes. Em baixo, a planta revela as três linhas defensivas construídas no povoado em estreita ligação com a topografia do local.

Fases de construção

Calcolítico Pleno
Calcolítico Inicial (I)
Calcolítico Inicial (II)
Calcolítico Inicial (III)
Neolítico Final

Norte

A Área Escavada

Cerca de 11 mil metros quadrados foram escavados desde 1983, revelando cinco épocas de ocupação do povoado. De um núcleo central, o povoado expandiu-se claramente no Calcolítico Inicial, iniciando o processo de fortificação, em três fases distintas. Mais tarde, no Calcolítico Pleno, Leceia entrou em regressão e os limites do povoado recuaram.

NATIONAL GEOGRAPHIC • OUTUBRO 2004

Pela mão de Bernardo Ferreira (à esquerda) passaram já milhares de fragmentos, desenhados rigorosamente para efeitos de catalogação e publicação. Aliado ao trabalho de campo, o Centro de Estudos Arqueológicos tem desenvolvido intensa actividade de publicação de resultados. "Leceia é hoje um caso único no Calcolítico português. Este povoado, ocupado regularmente durante um milénio, continua a transmitir-nos informação sobre este período vital da pré-história", conclui João Luís Cardoso.

Observando Leceia de qualquer ângulo, compreendo o alcance desta afirmação. O povoado deveria ter um aspecto intimidante, com as suas estruturas muralhadas, o seu torreão, as defesas naturais de calcário. Seria um osso duro de roer para qualquer adversário, mas certamente despertaria cobiça.

"Quer falar de lixo pré-histórico?" Enquanto o observo intrigado, João Luís Cardoso aprecia o momento. Habituado a conduzir visitantes curiosos em percursos bem imaginados pela estação, o investigador também sabe vestir a pele do pedagogo e do guia. A lixeira, como a equipa de escavação lhes chamou, é um espaço utilizado pelos habitantes pré-históricos de Leceia para guardar resíduos – o primeiro do género identificado no Calcolítico. Serviria para armazenar detritos que, uma vez decompostos, talvez fossem reutilizados na agricultura.

Verdadeiro poço de surpresas, a natureza do povoado é difícil de imaginar quando se olha à distância e se detectam os prédios que, como cogumelos, pululam na paisagem. Em tempos, grande parte desta área foi um intenso manto florestal. "Os vestígios de ursos, veados e linces mostram-no com eloquência. E javalis, muitos javalis." Sorrio à evocação involuntária de caçadores de javalis, arte imortalizada pelos heróis de banda desenhada de Uderzo e Goscinny. "Mas nem só de fauna selvagem viviam estas pessoas", continua João Luís Cardoso. "Há evidências de bovinos, ovinos, suínos. Seriam domesticados e, em tempo de conflito, deveriam ser recolhidos para o interior das muralhas." Os caminhos lajeados que unem muitas das estruturas de Leceia poderiam ter essa função: facilitar o movimento de pessoas e animais, em tempo de guerra e de paz.

De volta ao gabinete de João Luís Cardoso, no piso superior de um espaço aproveitado como laboratório do CEACO, preparo-me para uma lição de história. "Até aos anos 1970 acreditava-se que havia uma relação entre comunidades metalúrgicas que trabalhavam o cobre e as fortificações calcolíticas da Estremadura, como Leceia", começa João Luís Cardoso, agora na pele do académico. "Essa tese originou a conclusão de que estes povoados resultavam de colonizadores oriundos do Mediterrâneo e que teriam aqui aportado no terceiro milénio antes de Cristo para explorar o cobre. A única prova desta teoria era o facto de existirem fortalezas parecidas com esta em vários pontos do Mediterrâneo Oriental."

A descoberta de provas de que o povoado de Leceia teria sido construído muito antes do conhecimento do cobre ou, pelo menos, da sua utilização regular foi importante para a arqueologia da pré-história. "Leceia tornou-se um caso de estudo, porque foi o primeiro sítio pré-histórico português que fez ruir com bases científicas essa teoria. O povoado fortificado existia antes de se conhecer e trabalhar o cobre, o que invalidava a teoria dos colonizadores orientais."

Na escavação, foi possível também identificar as estratégias de ocupação do espaço ao longo dos tempos. "Em Leceia, durante quase um milénio de ocupação, detectámos claramente um período de criação do povoado, um período de apogeu e um período de declínio. Na fase derradeira, os habitantes utilizariam apenas uma fracção dos 11 mil metros quadrados que o local chegou a ter. Até aqui, não se conhecia muito sobre a utilização do espaço no Calcolítico, mas Leceia permitiu identificar crescimentos e regressões de um povoado. Identificámos estruturas defensivas, habitacionais e comunitárias. Esse é o quadro mais vasto de que lhe falava", diz.

As publicações do grupo de investigação dão conta do trabalho exaustivo e revelam eloquentemente a transformação de uma sociedade de pastores e agricultores de subsistência numa comunidade de indivíduos já especializados e talvez de uma ordem social estratificada, antecedente da Idade do Bronze. "Há muito ainda por escrever sobre Leceia", conclui João Luís Cardoso. "Mas ainda há tantas lacunas por preencher. Depois de 20 anos de escavação, Leceia deverá gerar praticamente outros tantos de publicação de conclusões." □

A História Contada por Fragmentos

Embora refira repetidamente que a história de Leceia é mais perceptível numa perspectiva macro do que através das peças mais emblemáticas, João Luís Cardoso admite que alguns artefactos recolhidos nas duas últimas décadas são raros no contexto do Calcolítico português e permitem aos arqueólogos estabelecer relações entre o povoado de Leceia e o seu quotidiano. O triângulo genital feminino, gravado num dos ídolos cilíndricos (à esquerda), era regularmente associado à fecundidade. Mas os símbolos mágico-religiosos podem perder o seu simbolismo, como sucedeu a outro ídolo cilíndrico, reutilizado mais tarde como pilão (abaixo) (em cima, desenhado por Bernardo Ferreira). Os dois ossos de ave (em cima), trabalhados com arte e dotados de exímia capacidade de perfuração, teriam sido usados como instrumentos cirúrgicos? Ninguém pode verdadeiramente confirmar esta hipótese, mas a sua natureza e o contexto em que foram descobertos (num ambiente cultural onde se trabalhava muito o bronze, objecto de cobiça) permitem pressupor essa possibilidade.

Em baixo, duas peças de terracota, correspondentes ao Neolítico final, evocam um passado onde a acção dos deuses regulando a fertilidade das colheitas e do gado era essencial para a prosperidade da comunidade.

NATIONAL GEOGRAPHIC • OUTUBRO 2004

NATIONAL GEOGRAPHIC • OUTUBRO 2004

2004

96a; 96b; 96c – Revista *National Geographic*, Outubro de 2004 (edição portuguesa): "Leceia, Sentinela do Tejo" (**Fig. 449 a 451**).

Reportagem de 6 páginas, da autoria de Gonçalo Pereira e fotografias de Nuno Correia, realçando a importância da actividade arqueológica desenvolvida pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, unidade orgânica da Câmara Municipal de Oeiras, no povoado pré-histórico de Leceia. Notícia que destaca os principais resultados obtidos após 20 anos de escavações arqueológicas no povoado pré-histórico de Leceia, coordenadas pelo Autor, revelando aspectos do quotidiano do Calcolítico português.

97 – Semanário *Expresso*, Dezembro, pela jornalista Rita Duarte.

2005

98 – Revista *Visão*, n.º 618, de 6 a 12 de Janeiro de 2005, pág. 6: "O passado em Leceia" (**Fig. 452**).

Rubrica, assinada por Susana Lopes. Artigo em revista com difusão nacional, com o objectivo de divulgação do sítio arqueológico, e proposta de visita aos dois espaços: o povoado pré-histórico de Leceia, e a exposição monográfica situada na Fabrica da Pólvora, igualmente património cultural único existente próximo de Lisboa.

RUÍNAS DA IDADE DO COBRE IMAGINAR OS ESPAÇOS ONDE VIVIAM OS NOSSOS ANTEPASSADOS

O passado em **LECEIA**

FOTO: MÁRIO CRUZ

POVOADO HABITAÇÕES E CAMINHOS PARA DESCOBRIR

Bem perto de Lisboa, existe uma importante estação arqueológica

EM LECEIA, NO CONCELHO DE OEIras, encontra-se um dos povoados pré-históricos mais importantes do País. Quem passa pelos pólos empresariais do Tagus Parque e da Quinta da Fonte não adivinha a existência, ali perto, de uma estação arqueológica tão rica. A sua localização, numa escarpa rochosa que dá para a ribeira de Barcarena, deve-se às condições naturais de defesa e circulação, assim como aos terrenos férteis que havia na zona há milhares de anos, tornando-a no lugar ideal para a edificação da pequena cidadela. Este povoado fortificado da Idade do Cobre data do terceiro milénio antes de Cristo.

Nas visitas organizadas, pode observar-se o elaborado sistema de muralhas e bastiões que a defendiam, as estruturas das habitações, com as suas lareiras, as rampas de acesso, os caminhos sinuosos do povoado, um moinho, eiras, lajeados e possíveis lixeiras. Uma viagem a tempos distantes, para imaginar como era a vida dos nossos remotos antepassados.

O que agora está à vista dos visitantes é fruto de muitas campanhas de escavações, realizadas ao longo de mais de 15 anos. Descobriram-se as estruturas calcolíticas e alguns artefactos, como pontas de lanças, utensílios de pedra, metal, cerâmica e osso, conchas de moluscos, objectos ligados a actividades de tecelagem e metalurgia, de culto religioso e muitos outros que, agora, se encontram expostos na Fábrica da Pólvora de Barcarena.

Não deixe de viajar à Idade do Cobre!

▸ SUSANA LOPES

Fig. 452 – 2005 – Revista *Visão*, n.º 618, de 6 a 12 de Janeiro de 2005, p. 6: "O passado em Leceia".

99a; 99b; 99c – Revista *Irresistível, Oeiras*, n.º 2, Fevereiro/Março de 2005, pág. 40 a 43: "Tesouros: Castro em Leceia. Regresso ao passado" (**Fig. 453 a 455**).

100a; 100b – Jornal *Guia da cidade.com*, n.º2, de Nov./Dez. 2005, pág. 22 e 23: "Leceia, uma cidade fortificada" (**Fig. 456 e 457**).

2008

101 – Revista *Oeiras Actual*, n.º 185, Junho de 2008, pág. 26: "Encontro Internacional de Arqueologia". Refere-se ao Colóquio internacional dedicado ao vaso campaniforme, organizado pela Câmara Municipal de Torres Vedras e pelo Instituto Arqueológico Alemão, em que o povoado pré-histórico de Leceia esteve representado especialmente através da comunicação apresentada pelo Autor e prosseguida na visita guiada, com a participação de mais de 100 visitantes, ao povoado pré-histórico e, depois, à exposição permanente que lhe é dedicada na Fábrica da Pólvora de Barcarena.

2009

102 – *Oeiras em Revista*, n.º 103, p. 67-79: "Centro de Estudos Arqueológicos do concelho de Oeiras. Balanço de vinte anos de actividade e perspectivas futuras de actuação (1988-2008)". Importante trabalho de síntese do que foi feito, perspectivando-se o que falta fazer, segundo o Autor.

TESOUROS *castro em Leceia*

REGRESSO AO PASSADO

TEXTO: RITA PENEDOS DUARTE ■ FOTOS: ALEXANDRE BORDADO

Há sítios onde é possível recuar no tempo. Ao passar o portão que protege as escavações do castro de Leceia, em Oeiras, respire fundo e deixe-se levar. A viagem vai começar

Reabilitação da Entrada do Povoado Pré-Histórico de Leceia
Câmara Municipal de Oeiras
Inaugurada no mês de Novembro de 2003 para a Exposição Permanente

Cerca de 3000 anos antes de Cristo, homens e mulheres ocuparam esta zona de vale solarengo e paisagem fantástica. Tinham boas condições de defesa, fácil penetração de pessoas e bens, possibilidade de exploração agrícola (sobretudo horticola) e facilidade na captação de recursos marinhos. Até porque se calcula que, nesta época (Neolítico final e Calcolítico), o nível médio do mar se situava cinco metros acima do actual. Em palavras modernas: urbanização no alto de Leceia, com bons acessos e óptimas condições para criar a sua família. Há cinco mil anos.

As oliveiras com 300 anos que guardam a entrada da zona de escavações arqueológicas são bebes de colo para os vestígios de ocupação que aqui se encontram. Nesta zona, com uma área de cinco hectares, já se descobriram referências à caça de auroque (boi selvagem), javali ou mesmo de urso. Mas também há provas de que domesticavam animais como o porco, a ovelha, a cabra ou o boi doméstico. Os recursos excedentes serviam para alimentar

- 40 -

Fig. 453, 454 e 455 – 2005 – Revista *Irresistível, Oeiras*, n.º 2, Fevereiro/Março de 2005, p. 40 a 43: "Tesouros: Castro em Leceia. Regresso ao passado".

DA DESCOBERTA À DIVULGAÇÃO tudo passa pelas mãos do arqueólogo João Luís Cardoso, que se dedica a Leceia há mais de 20 anos

EM EXPOSIÇÃO, na Fábrica da Pólvora, está o espólio encontrado durante as escavações

uma economia de trocas. Inclusivamente, encontrou-se marfim, um material de proveniência norte-africana, o que ilustra a existência de comércio de matérias-primas vindas de fora da Península Ibérica.

EM CIMA DO ACONTECIMENTO Este povoado, com duas linhas defensivas e uma torre de vigia, foi construído para funcionar como um marco no território: ser visto de longe e controlar quem se aproximava. "A fortificação sugere a existência de uma elite, responsável pela concepção e coordenação da sua construção", afirma João Luís Cardoso, o "pai" do castro de Leceia. O arqueólogo que nos introduz neste mundo conhece as escavações melhor que ninguém. Em 1970, quando andava ainda no liceu, foi-lhe oferecida a monografia do general Carlos Ribeiro, com dedicatória do próprio ao seu trisavô. Nessa obra, o povoado pré-histórico de Leceia era apresentado ao mundo científico. Corria o ano de 1878. Apesar de a estação ter sido, depois disso, referida em diversos trabalhos da especialidade, não se realizaram escavações até João Luís Cardoso iniciar a sua prospecção.

Lutando contra a degradação e a exploração imobiliária do local, em 1983 lançou uma campanha de escavações que seria determinante para estabelecer a importância deste espaço. "Nessa primeira campanha, escavou-se uma área de 32 metros quadrados", explica. Destes trabalhos resultou a demonstração da existência de duas fases distintas de ocupação e de duas estruturas arqueológicas relacionadas com cada uma delas. Justificava-se, desta forma, a importância científica de Leceia e o alargamento da área escavada. "Não há um castro tão grande como este num raio de 50 quilómetros", garante o arqueólogo, com indisfarçável orgulho.

DIVIDIR TAREFAS Calcula-se que, na altura da ocupação (durante cerca de mil anos), as mulheres se dedicassem à tecelagem e à produção cerâmica, enquanto que, aos homens, cabiam as actividades relacionadas com a metalurgia e caça. Tal como é explicado numa obra de João Luís Cardoso, *Síntese de Vinte Anos de Escavações Arqueológicas (1983-2002)* "o ar de família e a distribuição geográfica concentrada na Baixa Estremadura de certas produções cerâmicas, sugere que

AS PROVAS DE OCUPAÇÃO dentro das muralhas vivia-se com alguns luxos, como mosaicos no chão das casas

a difusão se teria efectuado por via do matrimónio: as mulheres sairiam do povoado de origem, continuando a desenvolver, no de chegada, aquela actividade nos mesmos moldes em que fora aprendida". Numa casa com vista sobre o mar.

Era também aí que erigiam os pequenos altares domésticos. A sua existência é calculada a partir de achados de ídolos-cilindros de calcário. As duas pequenas porcas esculpidas em terracota ali encontradas remetem-nos para cultos agrários propiciatórios de boas colheitas e fertilidade da terra. As formas redondas e a facilidade de reprodução deste animal identificam-no com a noção de fecundidade e abundância.

ESTUDAR A HISTÓRIA Se, durante os primeiros anos, João Luís Cardoso guardava os exemplares encontrados na sua casa, a partir de 1988, passou a dispor do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Existia agora um local onde era possível estudar, desenhar, restaurar e arquivar as dezenas de milhares de peças recolhidas desde 1983. E um dos primeiros organismos a ser criado em Oeiras, no âmbito da arqueologia.

Primeiramente situado em Paço de Arcos, passou depois para as instalações na Fábrica da Pólvora, em Barcarena. "Pela primeira vez, eram criadas as condições para fazer todo o seguimento da actividade arqueológica: da investigação à divulgação", explica o arqueólogo.

Hoje, os visitantes encontram em Leceia um local cuidado, com passadeiras de madeira para percorrer o terreno sem o danificar e infra-estruturas de apoio: parque de estacionamento, sanitários e zonas de serviços, incluindo um espaço museológico próprio.

A recuperação dum moinho, datado de 1707, permitiu o seu aproveitamento para pequenas exposições no interior e, no terraço da cobertura, de uma excelente plataforma de visualização de toda a área escavada.

Prepara-se para breve uma forma de fornecer informações mais detalhadas sobre a ocupação do espaço há cinco mil anos. Sabemos que, se depender de João Luís Cardoso e da sua equipa, este será mais um sonho realizado.

22
GUIADA CIDADE .COM
Nº2
NOV/DEZ 2005

Antepassados

Povoado Pré-histórico
Rua 7 de Junho, Leceia

Acesso gratuito
Visitas guiadas mediante marcação prévia
tel. 21430 10 31

Leceia uma cidade fortificada

Ilustração de José Santos

Artefactos

Mó, utensílio de moagem de cereais

Quando se construíam as grandes pirâmides do Egipto, em Leceia florescia uma sociedade bem organizada.

Tão humilde como costumam ser as grandes coisas, a região de Leceia é hoje um lugar de passagem que não deixa transparecer a importância que teve no desenvolvimento da Humanidade, desde a pré-história, apesar do monumento que agora assinala a entrada da estação arqueológica.

O Povoado Fortificado de Leceia não pode ser comparado em grandiosidade aos monumentos que cerca de 2800 A. C. foram edificados no Egipto, mas constitui uma prova inequívoca, comprovada através dos estudos arqueológicos levados a cabo pelo arqueólogo, João Cardoso, de que, na mesma época, este povo possuía um grande desenvolvimento em muitas áreas.

Uma das provas que atestam esse desenvolvimento é a complexidade dos meios defensivos usados na construção do povoado, demonstrando vastos conhecimentos do que hoje se classifica como estratégia militar.

Situado numa colina, naturalmente

Fig. 456 e 457 – 2005 – Jornal *Guia da cidade.com*, n.º2, de Nov./Dez. 2005, p. 22 e 23: "Leceia, uma cidade fortificada".

Exposição monográfica do Povoado Pré-histórico de Lecela

Na Fábrica da Pólvora de Barcarena.
Aberto de 2ª a 6ª das 14h00 às 17h00,
sábados e domingos das 14h00 às 19h00

Antepassados

23
GUIADA CIDADE .COM
Nº2
NOV/DEZ 2005

Entrada do Povoado de Lecela

defendido por afloramentos rochosos que formam uma escarpa para o vale da Ribeira de Barcarena, o Povoado Fortificado de Leceia, foi dotado de três linhas de muralhas defendendo a zona vulnerável desta colina.

Os acessos ao povoado foram dificultados com a criação de corredores estreitos entre muros de pedra, as muralhas estavam dotadas de meias torres, algumas com entradas falsas que podiam, deliberadamente, ser uma forma de enganar os inimigos e até de os encurralar.

Mas os estudos de João Cardoso concluem também, pela dimensão do povoado - entre 200 a 300 pessoas - que a actividade deste povo estava distribuída pela agricultura, caça, pesca e actividades artesanais, que se afiguram como verdadeiras indústrias, muito

Dotado de três linhas de muralhas defendendo a zona vulnerável desta colina

importantes nas trocas comerciais.

A toda esta actividade não está alheia a localização do povoado, rodeado de terras férteis, com zonas florestais onde abundava a caça, pedreiras de Silex e com um canal navegável até ao Rio Tejo, a Ribeira de Barcarena, cuja navegabilidade se mantinha ainda há poucos séculos, como comprovam os registos de transporte da pólvora (produzida na Fábrica da Pólvora) em barcaças até Caxias, onde era transferida para as caravelas.

Não existem provas de que este povo possuísse barcos, mas a quantidade de vestígios de moluscos e peixes encontrados nas escavações, leva a que possamos pensar que as frequentes descidas até ao Rio Tejo, exigissem a utilização de embarcações, ainda que rudimentares.

Para João Cardoso, terá sido a próspera economia deste povo que levou à necessidade da construção da fortificação, como forma de preservar os excedentes do seu trabalho e escondê-los da cobiça de povos vizinhos, que se localizavam nessa época por toda a região da Estremadura.

Este argumento é também alicerçado no facto de, nas últimas escavações na região de Leceia, especificamente no lugar designado Carrascal, João Cardoso ter encontrado vestígios de ocupação humana com mais de seis mil anos, podendo em sua opinião, ser este povo que mais tarde edificou o povoado.

Este tipo de sociedade ocupou o povoado durante cerca de mil anos e a sua estrutura social, sob o aspecto organizacional, denota uma grau elevado de desenvolvimento, já que deviam existir agricultores, pescadores, caçadores, artesãos e guerreiros que garantiam a segurança destes trabalhadores, sobretudo nas actividades fora do povoado.

Bastante avançada para o seu tempo, no povoado existia um contentor para o lixo, onde, para bem da arqueologia, João Cardoso encontrou uma grande parte dos elementos que permitiram conhecer os hábitos alimentares deste povo, e não só.

No campo agrícola, a vida desta sociedade está documentada pela existência de mós, com que trabalhavam os cereais, eiras onde podiam secar os produtos agrícolas, elementos de foices em silex e sachos de pedra.

A criação de gado é provada pelos restos de ovinos, suínos, caprinos e bovinos, assim como a caça ao javali, ao veado, ao coelho ou ao auroque (boi selvagem) que também se praticavam.

A pesca, para além dos vestígios de moluscos e peixes, é atestada pelos anzóis de cobre encontrados.

O trabalho de fiação, provavelmente do Linho, assim como a tecelagem, também é um dado adquirido, uma vez que se encontram entre os objectos recolhidos nas escavações, os pesos usados nos teares.

Leceia é conhecida como estação arqueológica desde 1878, altura em que o arqueólogo Carlos Ribeiro apresentou na Academia Real das Ciências de Lisboa, documentos sobre este local, mas durante muitos anos nada foi feito no sentido de se conhecer a sua real importância, verificando-se até, pelo testemunho de alguns adultos do lugar de Leceia, que enquanto crianças, brincavam na zona do povoado e encontravam peças, que alguns ainda guardam.

Só em 1983, o arqueólogo João Luís Cardoso, iniciou escavações sistemáticas, apoiadas pela Câmara de Oeiras, que trouxeram à luz do dia a estrutura defensiva do povoado e um importante espólio arqueológico.

Todo este espólio, assim como uma maqueta do Povoado Fortificado, podem ser vistos no Museu do Povoado de Leceia, na Fábrica da Pólvora de Barcarena.

Terá sido a próspera economia deste povo que levou à necessidade da construção da fortificação, como forma de preservar os excedentes do seu trabalho

Alexandre Gonçalves

Divulgação do património arqueológico

Centro de Estudos Arqueológicos promove visitas guiadas

Visita de estudantes de Arqueologia da Universidade de Tübingen ao povoado pré-histórico de Leceia.

Stand da CMO na Festa da Arqueologia.

Tendo como objectivo divulgar o património arqueológico do concelho de Oeiras, a Câmara Municipal promoveu, através do seu Centro de Estudos Arqueológicos, diversas iniciativas ao longo do ano 2010. De entre essas iniciativas, destaque para as dezoito visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia e para a participação na Festa da Arqueologia promovida pela Associação dos Arqueólogos Portugueses no Museu Arqueológico do Carmo.

Realizadas desde 1988, a pedido de estabelecimentos de ensino e de associações culturais, as visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, seguidas de visita à exposição monográfica permanente patente na Fábrica da Pólvora de Barcarena, têm-se revelado uma mais-valia na programação de estudo, na sua componente prática, a nível complementar, constituindo objecto de avaliação junto dos alunos, desde os níveis de ensino básico (3.º e 4.ºs anos) até ao secundário (12.º ano) e universitário.

Também a importância internacional deste sítio arqueológico tem vindo a ser reconhecida, justificando visitas por parte de alunos universitários estrangeiros, no caso da Universidade de Tübingen (Alemanha).

Fruto de parcerias firmadas com o Museu da Pólvora Negra e com a Junta de Freguesia de Barcarena, realizaram-se, de Abril a Outubro, visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, nos terceiros domingos de cada mês, sucedidas de visitas à exposição Fio da Memória - Operários da Fábrica da Pólvora de Barcarena, iniciativa que suscitou grande interesse junto do público.

Quanto à Festa da Arqueologia, teve como principal finalidade divulgar a arqueologia junto de um público essencialmente familiar. A Câmara Municipal de Oeiras esteve representada com um stand no qual foi apresentada uma maquete do povoado pré-histórico de Leceia, a revista Estudos Arqueológicos de Oeiras e ainda diversos desdobráveis e outras publicações de arqueologia, dando conhecimento aos visitantes do importante papel que, no domínio da investigação, da valorização e da divulgação do património arqueológico, tem sido promovido pelo Centro de Estudos Arqueológicos. }

Mais informações

O Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras organiza regularmente visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, abertas a todos os interessados, podendo as mesmas realizarem-se em casos particulares, aos sábados e domingos. Para o efeito, qualquer pessoa pode contactar o Centro, marcando previamente a sua visita, a título individual ou em nome de um grupo. Sendo o número de interessados desse grupo inferior a 12, os mesmos serão integrados numa visita já marcada, a fim de cumprir o número mínimo definido de doze elementos por visita.

Os interessados devem contactar o centro, através do número de telefone 214 408 432 ou do e-mail arqueologia@cm-oeiras.pt

Fig. 458 – 2011 – Revista *Oeiras Actual*, n.º 209, Abril de 2011, pág. 46: "Divulgação do património arqueológico. Centro de Estudos Arqueológicos promove visitas guiadas".

Exibição, na RTP2, do Programa "Oeiras, Passado e Presente" da autoria do Prof. José Hermano Saraiva, da série "A Alma e a Gente VII", dedicado à vila de Oeiras, com destaque para os seus monumentos emblemáticos, do qual o povoado pré-histórico de Leceia faz parte. Disponível nos arquivos da RTP, em: https://arquivos.rtp.pt/conteudos/oeiras-passado-e-presente/

2011

103 – Revista *Oeiras Actual*, n.º 209, Abril de 2011, pág. 46: "Divulgação do património arqueológico. Centro de Estudos Arqueológicos promove visitas guiadas" (**Fig. 458**).

Artigo que faz o ponto da situação no respeitante à divulgação do património arqueológico do Concelho de Oeiras, promovida pelo Centro de Estudos Arqueológicos, destacando as visitas guiadas ao povoado pré-histórico e a participação na Festa de Arqueologia promovida pela Associação dos Arqueólogos Portugueses, realizada no Museu Arqueológico do Carmo. No topo da notícia, apresentam-se duas fotografias representativas de algumas das actividades de divulgação desenvolvidas pelo CEACO: visitas guiadas a estudantes de Arqueologia da Universidade de Tübingen ao povoado pré-histórico de Leceia; vista parcial do Stand do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras na Festa da Arqueologia, no qual foi apresentada, entre outras coisas, uma maquete do povoado, diversos desdobráveis e publicações de arqueologia (volumes da revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras*).

2019

Desenvolvida entrevista, para a emissão n.º 156 da Universidade Aberta (gravada a 19 de Março de 2019), ao Autor sobre o povoado Pré-Histórico de Leceia e a arqueologia do Concelho de Oeiras, gravada no próprio local da estação aarqueológica, divulgada a 29/08/2019. Disponível na RTPplay:
https://www.oeiras.pt/povoado-pr%C3%A9-hist%C3%B3rico-de-leceia

2020

Notícias da inauguração a 10 de Julho de 2020, de rotunda rodoviária com o notável monumento alusivo ao povoado pré-histórico de Leceia, o primeiro que em Portugal se dedicou a uma estação arqueológica:

104 – Newsletter do Município de Oeiras de 20-24 de Julho de 2020.

105 – Revista *Al-Madan*, n.º 23, editada em Novembro de 2020, do Centro de Arqueologia de Almada.

2022

Entrevista ao Autor para a "Agenda Cultural 30 Dias em Oeiras", uma parceria entre o Município de Oeiras e a TSF - Rádio Notícias, em 13 de Abril de 2022. Disponível em:
https://www.oeiras.pt/povoado-pr%C3%A9-hist%C3%B3rico-de-leceia

dezoito

EPÍLOGO.
50 ANOS DE UM DESÍGNIO EM CONSTRUÇÃO

1 – Num já muito longínquo mês de Setembro de 1972 o Autor publicou a sua primeira contribuição dedicada ao povoado pré-histórico de Leceia, na revista *Ensaio* de natureza local sem depósito legal nem catalogação biblioteconómica, editada por meios artesanais por um grupo de jovens liceais residentes em Caxias, entre os quais o Autor se contava. Correspondia ao órgão do "Grupo Académico". Este estudo, publicado no número 6 da referida revista, foi o resultado das sucessivas prospecções de superfície que o Autor ali vinha realizando desde Outubro de 1970, quando lhe fora oferecida a monografia de Carlos Ribeiro de 1878 dedicada à identificação do povoado pré-histórico de Leceia. A primeira visita, logo realizada ao local, foi sucedida por centenas de outras, ao longo dos anos, que prosseguiram até à actualidade, mais de cinquenta anos volvidos.

2 – No início de 1983, o Autor, então Geólogo da Carreira de Investigação do Laboratório Nacional de Engenharia Civil deparou, no decurso de mais uma sua deslocação a Leceia, com o espaço arqueológico vandalizado com a construção de um redondel de madeira para touradas e a existência de dezenas de caldeiras, abertas no terreno para o plantio de árvores. A destruição dos níveis arqueológicos evidenciava-se pela elevada quantidade de espólios que tais remeximentos trouxeram à superfície. Por outro lado, estava em fase de apreciação na CMO um Plano Geral de Urbanização interessando toda a plataforma de Leceia, de onde se dominava o vale da ribeira de Barcarena, até à sua confluência com o Tejo. Os terrenos eram apetecíveis e estavam disponíveis para darem continuidade à progressão de moradias unifamiliares, algumas construídas muito recentemente na área adjacente. Impunha-se assim uma rápida actuação que salvasse Leceia da destruição mais do que certa.

3 – Em Agosto de 1983, quando o Autor iniciou, finalmente, escavações arqueológicas no povoado pré-histórico de Leceia, depois de obtida a respectiva autorização por parte do então Instituto Português do Património Cultural (IPPC), por si tão acarinhadas desde 1970, estava longe de imaginar que as mesmas se iriam prolongar pelo próximos vinte anos da sua vida, ininterruptamente, levando-o a comparecer ali todos os meses de Agosto dos anos subsequentes, até 2002. Foi assim possível realizar um estudo aturado do local, constituindo a maior área explorada numa estação pré-histórica em Portugal, superior a 11 000 m², até o presente realizada. Mas, ao contrário do verificado nos outros dois casos comparáveis – os povoados fortificados calcolíticos de Vila Nova de São Pedro e Zambujal – foi tomada como prioridade desde o início dos trabalhos, depois de se confirmar, logo em 1983, a existência de estratigrafia e de estruturas conservadas em profundidade o estabelecimento de estreita articulação entre os três principais vectores que devem estar sempre presentes numa escavação arqueológica desta natureza:

– a definição da estratigrafia, respeitante à caracterização da sucessão das camadas arqueológicas observadas em diversos locais da área escavada e a sua correlação lateral por forma a estabelecer uma sequência-modelo, representativa de toda a estação arqueológica;

– a definição da sequência construtiva, correspondente ao faseamento das construções edificadas ao longo do tempo, com base, tanto na sobreposição vertical, como na intersecção horizontal das mesmas, em conexão directa com as camadas arqueológicas em que se encontram fundadas;

– a definição do conteúdo arqueológico de cada uma das camadas identificadas, susceptível de, através da análise tipológica dos artefactos mais significativos, como as decorações presentes nos recipientes cerâmicos, suportar o estabelecimento de uma sequência cultural coerente e representativa de toda a estação arqueológica.

4 – Tais objectivos foram atingidos com base na metodologia utilizada nas escavações, seguindo invariavelmente os mesmos critérios de ano para ano, condição essencial para a obtenção de resultados comparáveis entre si, no decurso dos vinte anos de escavações ali efectuadas.

Tem-se verificado em muitas publicações recentes a utilização das chamadas "unidades estratigráficas", abreviadamente "u.e.", seguindo sem discussão o método de Barker e de Harris, que na maioria dos casos, especialmente na escavação de grandes áreas arqueológicas, como é o caso de Leceia, pode encerrar muitos inconvenientes. Com efeito, a multiplicação, ingerível do ponto de vista de gestão de dados, de vários milhares de "u.e." no registo de campo de uma vasta escavação arqueológica, ao conferir identidade própria a cada ocorrência estratigráfica, por mais insignificante e pontual que seja, ao polarizar a informação, só pode criar dificuldades à construção da síntese pretendida, a partir da interpretação dos próprios dados de observação, com base no princípio da correlação. Perde-se assim a possibilidade de se obter uma leitura coerente da realidade subjacente a qualquer registo arqueológico, ao não se valorizarem as semelhanças mas retendo os particularismos, sempre verificados em qualquer sucessão estratigráfica, sobretudo os que resultaram da actividade antrópica, fica assim prejudicada a desejada construção de uma interpretação abrangente e representativa, válida para toda a estação arqueológica, preocupação essencial no caso de um grande povoado muralhado como é o caso.

Por isso desde logo se optou, muito antes do método acima referido ter sido introduzido no nosso País – mas em qualquer caso a opção seria sempre a que se tomou – pela escavação em área aberta, registando como elemento de base informativa as próprias estruturas arqueológicas, comparando as suas relações geométricas, designadamente as cotas das suas fundações, em relação directa com a estratigrafia geral previamente definida, tomada como prioridade desde a primeira campanha de escavações.

A estes dois vectores de trabalho – a definição geral da estratigrafia e sua correlação com as estruturas postas a descoberto – acresce uma outra realidade, a cronologia relativa da sequência identificada, através da caracterização do seu conteúdo artefactual, e a sua cronologia absoluta, com base na datação sistemática de materiais orgânicos (especialmente restos ósseos) pelo radiocarbono com origem estratigráfica segura. Foram, pois, estes, os princípios assumidos desde 1983 e seguidos até ao final dos trabalhos de campo.

5 – Assim, à medida que as escavações iam progredindo no terreno, tanto em área como em profundidade, foi possível, através do cruzamento daqueles princípios metodológicos de trabalho primordiais, definir, desde cedo, a evolução da ocupação humana de Leceia, através de uma proposta que a partir de 1986 veio a ser sempre confirmada, qualquer que fosse o local da estação investigado.

Com efeito, desde o final da campanha de escavações de 1986 foi possível definir, nos seus traços gerais, a correlação entre fases culturais e fases construtivas, sumarizadas na pequena monografia publicada no ano seguinte, aquando da exposição realizada em Fevereiro de 1987 no Palácio do Egipto, em Oeiras (CARDOSO, SILVA & SOARES, 1987). Nessa altura, já se tinha identificado a camada

basal, atribuída ao Neolítico Final, com base na tipologia dos espólios cerâmicos correspondentes, a C. 4 da sequência estratigráfica então globalmente definida, sem que, todavia, tivesse sido possível associar-lhe qualquer fase construtiva, o que se veio a verificar no ano seguinte, encontrando-se esta já devidamente registada na monografia publicada em 1989 (CARDOSO, 1989). Deste modo, à **Primeira fase cultural, ou de ocupação** presente em Leceia, definida pela presença de vasos de bordo denteado e de recipientes lisos carenados, foi possível associal **uma única fase construtiva**.

A **Segunda fase cultural, ou de ocupação** encontrava-se representada por uma única camada arqueológica, muito bem definida e característica, presente em quase toda a área escavada. Foi reportada ao Calcolítico Inicial, com base, uma vez mais, nos espólios cerâmicos correlativos (grupo das produções com decoração canelada, com destaque para os "copos"), atribuição sempre confirmada pelo prosseguimento das escavações. Até 1987 tinham sido apenas identificadas **duas fases construtivas** associadas a esta fase cultural, às quais, pouco depois, foi acrescentada **uma terceira fase construtiva**, atribuída ao final do Calcolítico Inicial, conforme consta já da monografia publicada em 1989 (CARDOSO, 1989).

Enfim, a **Terceira e última fase cultural, ou de ocupação**, tal como as anteriores com expressão estratigráfica clara, encontra-se representada por uma única camada arqueológica bem identificada pelas suas características; corresponde ao Calcolítico Pleno/Final, com base, igualmente, na tipologia dos espólios cerâmicos (grupo "folha de acácia" e "crucífera"), associados a produções campaniformes, que então se generalizam no interior da área muralhada, encontra-se associada a **uma única fase construtiva**.

Em síntese, às três fases culturais ou de ocupação sucessivas, correspondentes, cada uma delas, a uma única camada arqueológica, reportam-se, no total, cinco fases construtivas, tal como foram definidas em 1988, e desde então sucessivamente confirmadas no terreno.

Foi o estabelecimento claro dos princípios metodológicos acima enunciados e a sua aplicação concreta no terreno, que explicam a obtenção de tais conclusões, logo no final de 5.ª campanha de escavações (1987), que passaram a ser referenciais para os trabalhos que se iriam prolongar ainda por mais 15 anos de escavações. Só assim foi possível desvendar a coerência com que foram construídas as estruturas postas a descoberto, apesar da sua assinalável diversidade arquitectónica. Com efeito, às estruturas defensivas propriamente ditas, somava-se a grande riqueza de estruturas habitacionais, que conferem a este sítio uma complexidade única no território português, cujo estudo integrado importava realizar, como de facto se realizou.

6 – As sucessivas sínteses dos conhecimentos apresentadas em 1987, 1989, 1994, 1997, todas elas produzidas ainda no decurso dos trabalhos de campo, sendo, por tal motivo, susceptíveis de validação permanente, ano após ano, foram acompanhadas pela publicação de sínteses em revistas internacionais em 1994, 2000, 2007 e 2008, que validaram a robustez das propostas apresentadas.

Deste modo, o conhecimento foi sendo produzido no decurso dos próprios trabalhos de campo, e não *a posteriori*, com base em tratamento e aproveitamento de registos de campo cuja fiabilidade poderia ser de novo confirmada no terreno respeitando critérios coerentes e sucessivamente aplicados, confrontados e validados.

Dito de outro modo, os registos da estratigrafia associados a todos os espólios arqueológicos recuperados em Leceia tiveram a enquadrá-los uma perspectiva metodológica coerente previamente definida, devidamente suportada pelos dados de observação realizados entre diversos locais da área escavada.

Numa palavra, em Leceia, a proposta apresentada para a sequência construtiva, estratigráfica, cultural e cronológica que veio a ser elaborada no decurso dos quatro primeiros anos de escavações, uma vez bem definida, foi o validada por permanente escrutínio, que lhe conferiu a necessária robustez, com base

nos resultados obtidos noutras áreas da estação onde se prosseguiu a escavação, até à conclusão dos trabalhos de campo, em 2002. Deixou-se, porém, intencionalmente, uma área significativa por escavar, situada entre a segunda e a terceira linhas defensivas, onde a potência estratigráfica é máxima, para que, no futuro, outros possam verificar o rigor das observações e conclusões apresentadas.

7 – Assim se explica a interpretação a que se chegou, coerente e devidamente fundamentada de natureza interpretativa sobre a evolução da ocupação verificada em Leceia, iniciada ainda no último quartel do 4.º milénio a.C., tendo terminado cerca de mil anos depois.

Foi a demonstração desta realidade, conforme foi apresentada e descrita nos Capítulos 8 e 9 deste livro, que constituiu o principal contributo dos trabalhos realizados, conducentes ao conhecimento da forma como se sucederam no tempo as diversas comunidades instaladas na plataforma rochosa de Leceia.

8 – Outra evidência que esteve sempre presente nos trabalhos arqueológicos realizados e nos que se continuam a realizar no laboratório e no gabinete, é o reconhecimento da importância incontornável dos estudos sistemáticos e exaustivos dos espólios arqueológicos exumados. Trata-se de trabalhos as mais das vezes repetitivos, que não apelam à criatividade nem à imaginação, mas simplesmente ao rigor da observação e à capacidade de identificação dos pormenores que podem fazer a diferença na classificação dos objectos. Com efeito, importa ter presente que, da qualidade da caracterização tipológica dos objectos e sua posição estratrigráfica, depende o estabelecimento de sequências crono-culturais fiáveis, cujo conhecimento se impunha em um grande sítio habitado como este, ao longo de cerca de mil anos.

Foi por isso que, findo o ciclo das monografias dedicadas a Leceia, acompanhadas da publicação de sínteses, tanto sob a forma de livros, como em revistas internacionais de prestígio, se sucedeu uma outra etapa dos trabalhos, correspondente aos estudos laboratoriais e de gabinete respeitantes à análise detalhada dos espólios exumados, como consequência e desenvolvimento dos trabalhos previamente realizados.

Esta estratégia iniciou-se pela publicação exaustiva das indústrias de pedra polida, em 1995 e, depois, em 2004 e 2020, segundo novas abordagens, mas tomando a base empírica definida em 1995. Foi assim possível, pela primeira vez, demonstrar o incremento da interacção económica verificada na passagem do Neolítico Final para o Calcolítico e ao longo de todo o Calcolítico, pelo incremento de rochas anfibolíticas importadas do Alto Alentejo, matéria-prima então de importância estratégica, essencial para a confecção da utensilagem do quotidiano destas populações. Em 1996, seguiu-se a publicação do conjunto cerâmico do Neolítico Final até então exumado, onde avultam as produções cerâmicas, as quais se juntaram aos exemplares exumados ulteriormente, num estudo de síntese dedicado à totalidade das cerâmicas decoradas não campaniformes de Leceia, publicado em 2006, envolvendo o desenho de todos os exemplares recolhidos, constituindo assim uma extraordinária base de dados doravante utilizável para outros tipos de estudos. As conclusões então apresentadas, decorrentes da discussão da distribuição estratigráfica das respectivas produções, acima resumidamente apresentadas, dão bem a imagem da importância da informação assim obtida, desde que o trabalho de base tenha sido previamente assegurado, no caso correspondente a milhares de registos compulsados, referenciados, um a um no terreno e individualmente desenhados.

As produções campaniformes foram objecto de um estudo de síntese, publicado em 1997/1998, reproduzindo igualmente todos os exemplares exumados, com a localização dos respectivos locais de recolha, permitindo, com a valorização da informação cronométrica, e a correlação com as unidades arquitectónicas, discutir a questão da presença campaniforme em Leceia de forma inovadora, condu-

cente a novas conclusões, de incidência peninsular, como sempre baseadas nas evidências fornecidas pelo registo material. Tais conclusões tiveram repercussão internacional, através da publicação, em 2014, de estudo monográfico sobre as manifestações campaniformes na região do estuário do Tejo com continuidade em dois estudos posteriores, um de 2017 e outro de 2019, dedicado à discussão da génese e difusão dos campaniformes "marítimos" ao nível do continente europeu.

Em 2003 publicou-se a totalidade da indústria óssea recolhida nas escavações, depois de, no ano anterior (publicação de 2001/2002), se terem publicado os artefactos em haste de cervídeo ali recuperados.

Em 2009 publicou-se o estudo dos objectos de natureza cultual recolhidos em Leceia, cuja apresentação preliminar tinha sido feita em 2006 aquando da realização em Lisboa do XV Congresso da União Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas.

Em 2014, veio a lume novo trabalho exaustivo, desta feita respeitante à totalidade da indústria de pedra lascada recolhida em Leceia, estabelecendo sempre, como os anteriores, a correlação entre a tipologia e a respectiva distribuição estratigráfica e no terreno. Tal como anteriormente, optou-se pelo desenho exaustivo de todos os instrumentos recolhidos, ascendendo a muitas centenas de peças desenhadas, associadas ao seu local de colheita e à respectiva estratigrafia, constituindo assim um extraordinário *corpus* documental que permitirá e potenciará futuros estudos.

Enfim, em 2020 publicou-se a totalidade do espólio metálico exumado nas escavações, incluindo a publicação das análises químicas não destrutivas realizadas, dando seguimento a estudo publicado em 1995 respeitante aos resultados das análises não destrutivas obtidas no ciclotrão do CERN, em Genebra.

Também as faunas e as floras foram objecto de estudos sistemáticos, interessando a globalidade dos materiais recolhidos.

Assim, a totalidade das faunas de mamíferos recolhidas nas escavações foram objecto de dois estudos sistemáticos, o primeiro dedicado aos ungulados, publicado em 2001/2002, o segundo respeitante aos carnívoros, publicado na mesma ocasião (2001/2002), onde avulta especialmente o cão, cujos espólios deram depois origem a estudos genéticos a espécie, de impacto internacional, o útimo dos quais foi publicado já no presente ano de 2022.

Os restos malacológicos foram, igualmente objecto de estudo sistemático, publicado em 2001/2002, evidenciando os diversos biótopos litorais na altura explorados, de onde provieram as diferentes espécies de moluscos identificadas, obtendo-se deste modo uma ideia da extensão provável da exploração de recursos e das diversas técnicas utilizadas para tal.

Enfim, o estudo antracológico publicado em 2019 sobre o coberto vegetal arbustivo e arbóreo existente à época nas vizinhanças de Leceia, com base nos restos incarbonizados recolhidos, especialmente os relacionados com as estruturas de combustão, deu informações sobre a natureza das espécies presentes e a forma como foram aproveitadas para as actividades domésticas, merecendo destaque, a este respeito, a dominância verificada de restos de Oliveira, desconhecendo se já domesticada ou não.

Deste modo, Leceia configura, como nenhum outro sítio comparável do território português, o estudo sistemático e exaustivo dos espólios arqueológicos exumados no decurso dos vinte anos de escavações realizadas com recurso a tecnologias e a especialistas de uma vasta gama de domínios científicos, que potenciaram o alcance das conclusões obtidas. Claro que tais estudos nunca se poderão considerar definitivos, como é determinado pela própria marcha dos conhecimentos, para progresso dos quais muito tem concorrido, nas três últimas décadas, os estudos pluridisciplinares desenvolvidos sobre os espólios arqueológicos, como os realizados em Leceia.

9 – Na verdade, ainda muito anos antes do início dos trabalhos de campo, já a prática de estudos multidisciplinares para a caracterização de materiais arqueológicos e a sua valorização para o conhecimento das próprias comunidades que os produziram ou utilizaram estava presente no espírito do Autor. Sob este aspecto, os trabalhos desenvolvidos em Leceia foram pioneiros sob vários pontos de vista, para o que concorreu decisivamente a formação de base científica do Autor.

Logo em 1979 se publicou o primeiro estudo realizado em Portugal sobre análises não destrutivas de ligas metálicas de artefactos pré-históricos. Este estudo pioneiro teve recentes desenvolvimentos, com a publicação em 2020 da totalidade do espólio metálico exumado, acompanhado dos resultados daquele tipo de análises.

Em 1997/1998 publicou-se outro estudo pioneiro sobre a composição de algumas peças de cobre recolhidas nas escavações, por métodos não destrutivos, recorrendo no acima se disse, ao ciclotrão do Centre Européen de Recherches Nucleaires (CERN), em Genebra, tendo sido a primeira vez que tais métodos foram utilizados para o estudo de espólios arqueológicos portugueses.

Enfim, para além da composição química, importava conhecer as técnicas de fabrico e de redução dos minérios, pelo que em 1995 foi realizado estudo arqueometalúrgico sobre um lingote de cobre, também ele de características pioneiras em Portugal.

As proveniências das ligas metálicas de cobre utilizadas em Leceia foram também objecto de caracterização, em 2008, recorrendo ao método dos isótopos de Chumbo, selecionando-se para o efeito pequenos fragmentos de peças metálicas inclassificáveis.

No respeitante aos estudos petrográficos, em 1995 publicou-se o primeiro contributo neste domínio, relativo às observações efectuadas entre lâmina e lamela ao microscópio de luz polarizada de artefactos de pedra polida tendo em vista a identificação, em bases sólidas, das fontes de aprovisionamento prováveis, compaginando a informação cartográfica disponível de natureza geológica, aliás em boa parte da responsabilidade do co-autor que realizou o referido estudo petrográfico. Deste modo, foi possível pela primeira vez, demonstrar a intensificação económica verificada no decurso de todo o terceiro milénio a.C., pelo inccrmento das importações de rochas anfibolíticas do Alto Alentejo, indispensáveis às tarefas do quotidiano realizadas pelas populações calcolíticas sediadas na Estremadura.

Merecem também referência os estudos mineralógicos, recorrendo igualmente a métodos não destrutivos, para a identificação de diversos objectos de adorno. Assim, foram realizados por distintas equipas, sempre com a participação do Autor, estudos composicionais sobre contas de fluorite de estações pré-históricas portuguesas, uma delas recolhida em Leceia, os quais deram origem a uma primeira publicação, em 2012. A caracterização destas contas foi depois alargada à totalidade do território peninsular, por iniciativa de outra equipa, tendo os respectivos resultados sido publicados primeiro sob a forma de poster apresentado a congresso internacional, em 2018, e depois, de forma definitiva e com maiores desenvolvimentos, em 2020 e 2021.

As contas de minerais verdes, desde cedo identificadas em Leceia na colecção do Escultor Álvaro de Brée, somaram-se às recolhidas com alguma frequência nas escavações, com indicações estratigráficas, o que justificava um estudo analítico recorrendo a métodos não destrutivos. Tal estudo, publicado em 2012, foi seguido de um outro, por parte de equipa distinta, em 2019. As conclusões são, contudo coincidentes, reportando tais contas a variscite, mineral que era explorado para aquele efeito em dois locais mais importantes, um perto de Badajoz, em Encinasola, o outro em Palazuelo de las Cuevas, perto de Zamora. Foi, contudo, desta última região que deve ter provindo o mineral utilizado em Leceia, de acordo com a respectiva composição química, o que revela que outras razões terão havido que se sobrepuseram à maior proximidade e acessibilidade da mina situada na Extremadura espanhola.

A presença de artefactos de marfim em Leceia foi identificada pelo Autor em 2002, de que resultou um primeiro estudo de sua autoria publicado em 2004. A presença por essa altura em Portugal de um especialista na matéria, que procurava estender os seus estudos a exemplares portugueses, foi a oportunidade para elaborar um estudo de síntese sobre os objectos de marfim identificados em Leceia, publicado em 2007. Este contributo, pela novidade, está na origem de um outro estudo publicado em 2009 em prestigiada revista internacional, onde se demonstrou a utilização de marfim norte-africano de elefante para a confecção de tais peças. Enfim, em 2012, foi publicado um último trabalho sobre esta matéria, relativo a todas as peças de marfim até então conhecidas no território português.

A estes contributos específicos sobre a natureza composicional de artefactos pré-históricos recolhidos em Leceia, somam-se os estudos genéticos dos canídeos pré-históricos, onde os exemplares recolhidos em Leceia assumiram papel de grande importância, no conjunto da amostragem analisada por uma equipa pluridisciplinar internacional de que o Autor faz parte. Já no corrente ano de 2022 se publicou importante estudo em prestigiada revista científica, dando continuidade a três posters apresentados em 2019 a diversas reuniões internacionais da especialidade; outros estudos estão em vias de serem submetidos para o mesmo efeito. Na linha de estudos de biologia molecular são os contributos respeitantes à mobilidade do gado doméstico respeitante aos locais de estacionamento das respectivas populações, situação que foi avaliada em dois inovadores estudos publicados em revistas internacionais, um em 2016 e outro em 2019, estabelecendo este último comparações com o povoado do Zambujal (Torres Vedras).

Pode dizer-se que este tipo de trabalhos multidisciplinares, aplicando os conhecimentos, metodologias e técnicas das ciências ditas "duras" à Arqueologia, contribui hoje, de forma decisiva, para o avanço dos conhecimentos sobre as comunidades humanas pretéritas, desde a caracterização da sua economia, e organização social, o que comiam, o que comerciavam e de onde provinham os bem transaccionados, quais as suas relações de parentesco com outras comunidades coevas, conduzindo, enfim, a saber de onde vieram, com base em estudos genéticos que em Portugal estão ainda a dar os seus prometedores primeiros passos, até porque, por ora, ainda não são realizáveis em laboratórios portugueses.

Enfim, a prática desde cedo adoptada no estudo de todos os espólios arqueológicos recolhidos em Leceia, para além de privilegiar a multidisciplinaridade, como princípio metodológico, recorreu, frequentemente, a colaborações de investigadores estrangeiros, corporizando uma via privilegiada para a publicação em revistas internacionais dos resultados obtidos. Tais colaborações, nuns casos, resultaram de convite expresso pelo Autor a especialistas na área que se pretendia desenvolver; noutros casos, aquelas colaborações foram da iniciativa dos interessados, no âmbito de investigações internacionais que tinham em curso, e em que pretendiam incluir informações sobre espólios portugueses e designadamente de Leceia. Assim se estabeleceram ao longo dos anos múltiplas parcerias, sempre num princípio de igualdade e de satisfação de interesses mútuos, ou seja, de reciprocidade, muito importantes para a projecção das investigações realizadas, assegurando a cada vez mais indispensável internacionalização da investigação arqueológica realizada em Portugal.

10 – Outro ponto essencial bem ilustrado pela prática instituída em Leceia reporta-se à formação dos jovens, proporcionada por via da sua participação nos trabalhos ali realizados. Nos vinte anos de escavações arqueológicas, as centenas de jovens que nelas diariamente colaboraram, muitas vezes em anos recorrentes, constitui prova evidente do sucesso deste objectivo. Como se disse, não se privilegiou a participação de estudantes universitários de Arqueologia, embora estes também tenham assumido a sua quota parte dos resultados obtidos. A razão é simples: tais estudantes poderiam obter formação prática, aliás obrigatória, em muitas outras escavações arqueológicas realizadas de norte a

sul do País. Já o mesmo não acontecia para os jovens do Ensino Secundário, organizados em diversas instituições, como o Corpo Nacional de Escutas, ou integrados em programas de Tempos Livres coordenados pelo Gabinete da Juventude/CMO. Para a quase totalidade deles, foi uma oportunidade única, que jamais esquecerão, independentemente do rumo das suas vidas futuras. Da mesma forma, as escavações acolheram estudantes universitários de outras áreas científicas que não a Arqueologia, na perspectiva de, também assim, melhorarem e diversificarem os seus conhecimentos e vivências.

Muito importante foi o convívio entre jovens de origens sociais muito distintas, que ao longo das muitas horas de trabalho por vezes duro, vividas no decurso de cada campanha de escavações, souberam interagir para um objectivo comum, por todos partilhado. Trata-se também de uma realidade que merece ser valorizada, na formação de jovens cidadãos para a vida numa sociedade partilhada e responsável, plural e inclusiva, independentemente dos constrangimentos sociais, económicos ou culturais, específicos a cada um deles.

Enfim, a opção, desde cedo tomada, de privilegiar a integração de jovens do concelho de Oeiras, ou mesmo de Leceia, foi também uma oportunidade para o conhecimento de uma realidade do seu concelho que desconheciam em absoluto, partilhando outras experiências e estabelecendo laços de convivialidade que poderiam perdurar para além dos momentos vividos no decurso das escavações.

11 – A divulgação dos resultados que se iam obtendo ao longo da progressão das próprias escavações no terreno, foi também prioridade desde cedo assumida. Tais acções constituíram um vector de actuação essencial para o reconhecimento da importância científica e patrimonial de Leceia, tanto a nível nacional como internacional. A divulgação pressupunha actuação segundo várias linhas distintas mas em estreita articulação entre si. Uma dessas linhas, tomada desde logo como prioritária, foi a publicação atempada dos resultados dos estudos respeitantes aos espólios exumados. Da relevância dos resultados obtidos dão nota as mais de 100 publicações elencadas no Capítulo 15. Com efeito, sendo as publicações um testemunho perene dos resultados obtidos, considerou-se prioritária a criação de uma revista de Arqueologia de iniciativa camarária, os *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, tornado o órgão do CEACO e privilegiada via de publicação de todos os estudos relativos a Leceia. O sucesso da estratégia é comprovado pelos 30 volumes até agora publicados, entre 1991 e 2022, fazendo desta publicação o mais relevante periódico arqueológico do âmbito autárquico publicado em Portugal, constituindo uma das mais importantes revistas no seu género a nível peninsular.

As apresentações publicadas de alguns dos volumes da colecção, por parte de ilustres catedráticos de Arqueologia de diversas universidades (Porto, Coimbra, Lisboa e Madrid) são bem a prova desta afirmação, Assim o volume 6, mereceu Prefácio de Jorge de Alarcão; o volume 8, recensão de Vítor Oliveira Jorge, publicada na revista Ciências e Técnicas do Património-Revista da Faculdade de Letras. Porto, 1 (1999/2000), p. 279-282; o volume 9, valorizado por Prefácio de Carlos Fabião, mereceu recensão de José d´Encarnação, publicada na Revista Portuguesa de História, 35 (2001/2002), Coimbra, 31, p. 641-645; o volume 12, foi valorizado com extensa Apresentação de Jorge de Alarcão; o volume 20, recensão de Raquel Vilaça, publicada no volume seguinte da revista; e o volume 25, recensão de Martín Almagro-Gorbea, publicada no volume 26, da mesma. Para além dos textos mencionados, importa referir a apreciação geral efectuada sobre os primeiros 22 volumes publicados da revista, da autoria de Victor S. Gonçalves, publicada na revista Ophiussa, Lisboa, 1 (2017), p. 144-148. Os contributos que os ilustres arqueólogos acima elencados quiseram prestar, estenderam-se às duas monografias dedicadas a Leceia. Assim, a monografia publicada em 1989 foi objecto de recensão publicada em Espanha, da autoria de Almudena Hernando, da Universidade Complutense de Madrid, do mesmo modo que a publicada em 1994 foi objecto de recensão da autoria de Carlos Tavares da Silva e de J. Léon Leurquin, publicada em Paris, conforme acima se

referiu (ver p. 538). Deste modo, o efectivo prestígio desta revista, viu-se assim reforçado e confirmado, por diversas instâncias e ao mais alto nível.

A recente disponibilização, em regime aberto e gratuito, através da plataforma OJS (*Open Journal Systems*) da totalidade da colecção e, individualmente, de todos os artigos que integram os 30 volumes publicados, constituiu um passo decisivo para a universalização da revista, acessível em qualquer lugar do mundo.

Por outro lado, a divulgação directa, através de palestras, conferências e comunicações, com destaque para as visitas guiadas, regular e previamente programadas, foi uma realidade que desde sempre constituiu dos vectores mais importantes de actuação do CEACO, logo a partir de 1988. A importância do trabalho desenvolvido neste domínio encontra-se bem evidenciada no Capítulo 14, a que se junta a disponibilização de materiais didácticos digitais, e outras informações sobre Leceia, acessíveis na página do CEACO alojada no sítio da CMO. Particularmente relevante foi a preparação de vídeo animado, com cenas da vida quotidiana reconstituídas digitalmente, inteiramente realizado no CEACO, disponível desde 2020 na plataforma "Oeiras Educa" e na página do CEACO, no sítio da CMO. Deste modo, foram potenciados os recursos propiciados pelas novas tecnologias digitais para dar mais um passo qualitativo na divulgação de Leceia, a começar pela população escolar, tendo em vista a formação de cidadãos cada vez mais conscientes, esclarecidos e interventivos.

Enfim, a divulgação dos resultados passou também pela intervenção junto dos órgãos de comunicação social, a par de entrevistas às televisões e intervenções em programas de grande audiência, incluindo televisões estrangeiras, como a TVE, para a qual se gravou no próprio sítio arqueológico um programa de grande audiência da série "El Túnel del Tiempo". A diversidade das reportagens produzidas por órgãos de comunicação nacionais, regionais e locais, para além das recorrentes reportagens de televisão realizadas, encontra-se bem evidenciada no Capítulo 17. Tais acções foram sobretudo importantes nos primeiros anos das escavações, para que Leceia fosse não só conhecida do grande público, mas também do público local, designadamente dos habitantes de Leceia, esclarecendo-os das verdadeiras razões que movimentavam tão grande equipa, recorrentemente, sempre no mês de Agosto. Prova do sentimento positivo de pertença assim suscitado, foi a afixação de recortes emoldurados de algumas dessas entrevistas, no "Gomes", restaurante excelente e aconchegado, dirigido pelo Senhor Gomes e pela D. Conceição, ainda hoje existente no centro da povoação de Leceia e que constituiu uma base de apoio essencial às escavações arqueológicas.

12 – Depois de tudo o que ficou registado nas páginas deste livro, importa fazer um balanço final dos 50 anos de trabalhos desenvolvidos pelo Autor em Leceia. Avulta o sentimento de terem sido ultrapassadas, de longe, todas as expectativas que se pudessem ter à partida, mesmo as mais ambiciosas ou sonhadoras que o espírito de um então jovem aluno do liceu pudesse acalentar.

A investigação exaustiva do sítio arqueológico, seguindo uma estratégia sólida e permanentemente escrutinada pelos pares através dos resultados publicados, e a valia patrimonial dos vestígios arquitectónicos postos a descoberto, suportou o projecto de valorização e de requalificação do sítio arqueológico desenvolvido em paralelo, envolvendo extensas acções de restauro, que viabilizaram a sua divulgação consequente e de qualidade, com a animação da estação arqueológica com a visita de grupos de centenas de jovens e de muitos outros interessados, de grande diversidade etária, cultural e social.

Na verdade, foram milhares os participantes envolvidos nas acções de divulgação de Leceia, sob as diversas formas enunciadas ao longo das páginas desta obra. E têm sido eles os principais responsáveis pela visibilidade adquirida por Leceia, constituídos em parceiros de um projecto partilhado cuja continuidade está assegurada. Longe de um espaço morto e abandonado, a maioria esmagadora

dos sítios arqueológicos do nosso País, Leceia constitui exemplo de como uma investigação de qualidade pode e deve suportar múltiplas acções de valorização e de animação, transfigurando-se, graças à presença de milhares de visitantes, cuja diversidade constitui uma mais-valia, num espaço cheio de vitalidade e tractivo.

Assim, se o reconhecimento público da qualidade científica dos resultados obtidos se encontra de há muito certificada pela comunidade científica e por três prémios nacionais concedidos pela Academia Portuguesa da História a outras tantas obras do Autor respeitantes a Leceia, já a demonstração da utilidade prática das investigações realizadas tem sido publicamente aferida, a cada ano que passa, pelos visitantes que ali acorrem, usufruindo de um espaço único, publicamente partilhado, estendido depois às visitas às exposições permanentes de Arqueologia patentes na Fábrica da Pólvora de Barcarena e ao acesso à diversificada informação disponibilizada em papel e *online*.

Em suma, Leceia configura, como nenhuma outra estação pré-histórica do nosso País, a viabilidade da manutenção para fruição pública de um sítio arqueológico de grandes dimensões implantado numa área urbana: seja pela forma como foi investigado e recuperado, oferecendo adequadas condições de visita; seja pela existência de informação disponível e facilmente acessível, potenciada pelas ferramentas da sociedade de informação que é a nossa; seja ainda pela sua fácil acessibilidade; seja, enfim, pela existência de uma estrutura municipal criada em 1988, estável e permanente, vocacionada para o apoio à sua fruição pública, complementada pelas visitas às três exposições permanentes de Arqueologia patentes ao público na Fábrica da Pólvora de Barcarena, uma delas dedicada ao povoado pré-histórico.

Símbolo desta realidade de todos os dias foi a construção de um belíssimo monumento, inaugurado em Leceia a 10 de Julho de 2020, alusivo à própria estação arqueológica, o único com tais características existente Portugal.

Por tudo o que foi dito, Leceia corresponde a um projecto cuja continuidade está assegurada pela forma sustentada como foi concebido e levado à prática, ano após ano, década após década. Mas o que até agora feito corresponde apenas aos primeiros 50 anos de um Projecto que tinha todos os ingredientes, como tantos outros, no difícil campo da Arqueologia portuguesa, para soçobrar à primeira dificuldade, não fosse a continuidade do Projecto que lhe está subjacente, corporizado desde 1985 e em cada ano que passa, sob o signo da inovação permanente e esclarecida.

Nos próximos 50 anos outras iniciativas se irão seguramente desenvolver, muitas das quais não é possível sequer imaginar, como há 50 anos também não seria possível imaginar o longo e exigente caminho que foi desde então percorrido, que obrigou a renúncia a muitas horas de lazer, de convívio e de descanso, mas nunca de desânimo.

Entre tantas incertezas que o futuro nos reserva, permita-se ao Autor, partilhar, com o Dr. Isaltino Morais, uma certeza: a de ter chegado o momento de, mais uma vez, e sempre, de forma sustentada, dar o passo seguinte, com a instalação do CEACO em Leceia, junto da própria estação arqueológica, potenciando a proximidade desta, e, assim, conferir um novo alento à vida deste local, várias vezes milenar.

Que extraordinário exemplo será a criação de uma Casa da Arqueologia de raiz, a um tempo dedicada à investigação, divulgação e gestão do património arqueológico concelhio e da vasta região geográfica envolvente, constituindo um pólo agregador cuja actuação ultrapassará largamente os limites concelhios, protagonizando Oeiras, mais uma vez, a diferença e a mudança!

ANEXO

Para a historiografia do povoado pré-histórico de Leceia: algumas datas relevantes, por ordem cronológica

1877	Identificação da estação por Carlos Ribeiro e primeiros trabalhos no local (recolha de materiais à superfície e exploração integral de pequena gruta sepulcral na escarpa do moinho da Moura (ou do Pires).
1878	Publicação pela Academia das Ciências de Lisboa, da monografia de Carlos Ribeiro: *Estudos Pré-históricos em Portugal. Notícia de algumas estações e Monumentos Pré-históricos. 1 - Notícia da estação humana de Licêa.*
1963	Classificação como "Imóvel de Interesse Público", sem que, contudo, tivesse sido definida a área classificada (decreto n.º 45 327, de 25/10/1963), a não ser a "linha de entricheiramento" definida por Carlos Ribeiro, de aplicação prática inviável, por abarcar a totalidade da povoação de Leceia.
1975	Primeira publicação dedicada ao povoado pré-histórico de Leceia no âmbito do reconhecimento sistemático da estação iniciado em 1970 pelo Autor parceria com O. da Veiga Ferreira: "Flauta, chamariz ou negaça de caça de osso encontrada no Castro de Liceia (Barcarena)", *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisbo*a, Série III. Esta publicação dá continuidade à pequena notícia sobre as escavações realizadas por Joaquim Fontes em Leceia, apoiadas por Álvaro de Brée, da autoria do primeiro e publicada em 1955.
1979	Publicação da síntese do estudo da colecção arqueológica reunida pelo Escultor Álvaro de Brée (CARDOSO, 1979), e de artigo sobre os resultados da análise química de peças de cobre do povoado pré-histórico de Leceia por métodos não destrutivos, o primeiro desta natureza que se realizou e publicou no nosso País (GIL, FERREIRA & CARDOSO, 1979).
1980 1981	Publicação em dois volumes sucessivos da *Revista de Guimarães* do inventário, seguido do estudo sistemático da colecção do Escultor Álvaro de Brée (CARDOSO, 1980, 1981).
1982	Primeira publicação da Câmara Municipal de Oeiras dedicada ao povoado pré-histórico de Leceia – "*O Castro de Leceia*" – complemento do estudo global da colecção do Escultor Álvaro de Brée (CARDOSO, 1982).
1983	Início dos trabalhos de escavação no povoado pré-histórico (de 1 a 14 de Agosto), perante a destruição iminente da jazida devido à degradação do local, em risco de urbanização imobiliária, dando início ao primeiro Projecto de Investigação aprovado pelo então IPPC, coordenado pelo Autor, com o apoio de Carlos Tavares da Silva e de Joaquina Soares.
1984	2.ª campanha de escavações, que decorreu de 8 a 28 de Agosto.
1985	3.ª campanha de escavações, que decorreu de 29 de Julho a 20 de Agosto.
1986	Protecção legal da área arqueológica assegurada com a publicação oficial dos respectivos limites, pela Portaria n.º 470/86, de 27 de Agosto (delimitação rigorosa da área de interesse arqueológico (zona *non aedificandi*) e a respectiva zona de protecção especial envolvente); Instalação de uma vedação provisória, em rede elástica metálica, pela Câmara Municipal de Oeiras, coincidente com a demarcação do limite da zona *non aedificandi* por forma a garantir a protecção física da estação arqueológica, alvo de frequentes depredações facilitadas pela sua fácil acessibilidade; 4.ª campanha de escavações, que decorreu de 4 a 29 de Agosto.
1987	Inauguração da exposição "Oeiras há 5000 anos", no Palácio do Egipto (Oeiras) e apresentação da respectiva monografia (23/02/1987); 5.ª campanha de escavações, que decorreu de 3 a 28 de Agosto; Início de um vasto programa de recuperação e requalificação das estruturas arqueológicas postas a descoberto, a cargo de firma da especialidade, com uma dupla finalidade: conservação e valorização (em continuidade anual até 1994).

1988	6.ª campanha de escavações, de 1 a 26 de Agosto; - Criação do Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras (CEACO), Unidade Orgânica da Câmara Municipal de Oeiras (aprovada por unanimidade, sob proposta do Presidente, Dr. Isaltino Morais, em sessão de Câmara a 2 de Novembro); - Contratação de Maria da Conceição André como Técnica Superior para prestar serviço no CEACO; - Contratação de Bernardo Lam Bruno Ferreira, em regime de Avença, como desenhador de Arqueologia, para prestar serviço no CEACO; - Recuperação do moinho existente na estação arqueológica, custeada pela Câmara Municipal de Oeiras, tendo em vista a criação de um espaço expositivo e de uma plataforma superior de onde se pudesse visualizar toda a área arqueológica.
1989	7.ª campanha de escavações, de 31 de Julho a 25 de Agosto; Publicação da monografia pela Câmara Municipal de Oeiras "Leceia – resultados dos trabalhos realizados – 1983-1988" (CARDOSO, 1989), que sintetiza os resultados obtidos nas seis primeiras campanhas; Inauguração a 24 de Julho de 1989, pelo Presidente da Câmara Municipal de Oeiras Dr. Isaltino Morais, de exposição de arqueologia no moinho existente no povoado pré-histórico de Leceia, depois de recuperado. Entre os presentes, uma delegação do Município de Oeiras do Piauí (Brasil), e o Dr. Fernando Real, então Director do Departamento de Arqueologia do IPPC.
1990	8.ª campanha de escavações, de 1 a 24 de Agosto.
1991	Publicação do primeiro volume da revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras* totalmente dedicado à reedição em fac-símile da obra *Notícia da Estação Humana de Leceia de Carlos Ribeiro*, com notas e comentários de João Luís Cardoso, apresentado no Terraço das Araucárias, nos Jardins do Palácio do Marquês de Pombal, em Oeiras, no Dia do Município, 7 de Junho; Publicação do segundo volume dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* intitulado: *O Homem pré-histórico no Concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física* da autoria de João Luís Cardoso, Armando Santinho Cunha, e Delberto de Aguiar, apresentado no ano seguinte, a 20 de Fevereiro de 1992, no restaurante Pérgula, em Santo Amaro de Oeiras; 9.ª campanha de escavações, de 5 a 30 de Agosto.
1992	10.ª campanha de escavações, de 10 a 28 de Agosto.
1993	11.ª campanha de escavações, de 9 a 27 de Agosto; Plantio de espécimes arbóreos diversos (carvalhos, oliveiras, ciprestes), na zona *non aedificandi* do povoado, em colaboração com a Divisão de Espaços Verdes/CMO.
1994	12.ª campanha de escavações, de 8 a 26 de Agosto; Submissão, pelo Autor, de novo Projecto de Investigação ao então IPPC, a 21 de Julho de 1994, dando suporte legal à realização das futuras campanhas de escavações.
1995	Aprovação de novo Projecto de Investigação, pelo IPPAR, em 12/4/95; 13.ª campanha de escavações, de 7 a 25 de Agosto. Elaboração do ante-projecto do Museu de Sítio do povoado pré-histórico de Leceia, a ser construído num sector da área extramuros ao dispositivo defensivo, por uma equipa do Departamento de Projectos Especiais/ CMO.

1996	14.ª campanha de escavações, de 5 a 23 de Agosto; Os resultados obtidos da escavação arqueológica efectuada no espaço extramuros do dispositivo defensivo, com a identificação de uma importante estrutura arqueológica no local previsto para a construção do Museu de Sítio, segundo ante-projecto elaborado pelo Departamento de Projectos Especiais/CMO, inviabilizaram a construção da estrutura museológica para ali prevista; Concretização do projecto de circuitos de visita com construção de passadiço de madeira com o objectivo de facilitar a circulação dos visitantes pelo interior da área escavada, e melhor compreensão das estruturas postas a descoberto, sem as danificar; Instalação de nova vedação metálica sobre sapata contínua de cimento, ao longo do limite correspondente à zona *non aedificandi*, substituindo a anterior, de rede elástica, ali colocada em 1986.
1997	Inauguração de Exposição Monográfica sobre o povoado pré-histórico de Leceia, intitulada "Povoado de Leceia Sentinela do Tejo no Terceiro Milénio a. C." no Museu Nacional de Arqueologia promovida pela Câmara Municipal de Oeiras e pelo Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia. Esta exposição esteve patente ao público numa das alas do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, de 17 de Julho de 1997 a 6 de Abril de 1998, tendo sido inaugurada pelo Senhor Ministro da Cultura e pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras; 15.ª campanha de escavações, de 4 a 22 de Agosto.
1998	Inauguração da Sala de Arqueologia na Fábrica da Pólvora de Barcarena, integralmente dedicada à exposição monográfica permanente sobre o Povoado pré-histórico de Leceia, intitulada "O Povoado de Leceia sentinela do Tejo no terceiro milénio a. C.", no dia 7 de Junho, Dia do Município, com a presença do Senhor Secretário de Estado da Administração Local, Dr. José Junqueiro; Prémio Dr. Possidónio Laranjo Coelho, da Academia Portuguesa da História, entregue a 8 de Julho, atribuído à obra *O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo* (1997). Lisboa/Oeiras. Museu Nacional de Arqueologia, Câmara Municipal de Oeiras, 128 p. que serviu de catálogo à exposição realizada em 1997 no Museu Nacional de Arqueologia acima referida; 16.ª campanha de escavações, de 3 a 21 de Agosto ao abrigo do novo Projecto "Arqueologia no Concelho de Oeiras", superiormente aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia.
1999	17.ª campanha de escavações, de 9 a 27 de Agosto;
2000	18.ª campanha de escavações, de 7 a 25 de Agosto; Publicação da obra *Sítios, pedras e homens, trinta anos de arqueologia no concelho de Oeiras*, correspondente ao volume 9 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (CARDOSO, 2000).
2001	19.ª campanha de escavações, de 6 a 17 de Agosto.
2002	Entrega do Prémio Eng. Aboim Sande Lemos, da Academia Portuguesa da História, a 10 de Julho, atribuído à obra *Sítios, pedras e homens - trinta anos de Arqueologia em Oeiras* publicada pela Câmara Municipal de Oeiras, e que constitui o volume 9 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*; 20.ª e última campanha de escavações, de 5 a 16 de Agosto, ao abrigo do um novo Projecto de Investigação, superiormente aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia, com o mesmo título e objectivos: "Arqueologia no Concelho de Oeiras".
2003	Requalificação arquitectónica da entrada do povoado pré-histórico de Leceia, inaugurada a 28 de Novembro, seguida no mesmo dia da apresentação do livro *O Povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do Património Arqueológico Português*, no restaurante "Albapólvora", na Fábrica da Pólvora de Barcarena (CARDOSO, 2003 a).
2004	Publicação do volume 12 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, de natureza monográfica, intitulado *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de história regional* (CARDOSO, 2004 c), obra distinguida pela Academia Portuguesa da História com o Prémio Prof. Doutor Pedro Cunha e Serra, cuja entrega foi realizaa no dia 14 de Julho;

2005	Inauguração das novas instalações do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, na Fábrica da Pólvora de Barcarena, no dia 24 de Junho de 2005 pela Senhora Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr.ª Teresa Zambujo.
2006	Publicação, no volume 14 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* do extenso artigo, inaugurando a publicação de estudos temáticos de grande extensão e carácter exaustivo sobre conjuntos arqueológicos recolhidos em Leceia, neste caso dedicado ao estudo das produções cerâmicas decoradas, acompanhado, nesse mesmo ano, do estudo apresentado ao XV Congresso da União Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, reunido em Lisboa dedicado ao estudo exaustivo dos objectos cultuais, depois publicado naquela mesma revista e em revista internacional. De referir que, àquele mesmo Congresso, foi apresentado um estudo de síntese sobre o povoado pré-histórico de Leceia, antecedendo a visita ao local dos congressistas.
2007	Participação na Festa dos Museus, no âmbito das comemorações do Dia Internacional dos Museus, com a realização do transporte dos interessados entre as exposições patentes no Museu Nacional de Arqueologia e o povoado pré-histórico de Leceia, em que se integraram sucessivos grupos, com visitas guiadas em regime "non stop" (dias 17, 18 e 19 de Maio); Realização do I Colóquio de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa/Câmara Municipal de Oeiras, a 30 de Outubro. Nele foi apresentada a comunicação sobre o uso de marfim no decurso do Calcolítico na Estremadura Portuguesa, tomando como caso de estudo os artefactos recolhidos em Leceia, depois publicada no volume 15 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (2007), apresentado publicamente na Sociedade de Geografia de Lisboa a 4 de Junho de 2008.
2008	Colaboração entre o Museu Nacional de Arqueologia e a CMO na Comemoração do Dia Internacional dos Museus. Nesse âmbito foram realizadas, tal como no ano transacto, diversas visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia, nos dias 17 e 18 de Maio, sendo assegurado o transporte dos visitantes por autocarros da CMO, entre o referido Museu e Leceia, em regime "non stop"; Realização do II Colóquio de Arqueologia promovido pela Sociedade de Geografia de Lisboa/Câmara Municipal de Oeiras, no dia 3 de Dezembro de 2008; Comemoração dos 20 anos do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras no Palácio Anjos, a 9 de Dezembro, com apresentação do volume 17 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* "Octávio da Veiga Ferreira – homenagem ao Homem, ao Arqueólogo e ao Professor", dedicado à memória do ilustre investigador.
2010	Participação na 1.ª edição da Festa da Arqueologia, no Museu Arqueológico do Carmo (de 3 a 4 de Julho) através de um stand alusivo às escavações arqueológicas realizadas em Leceia e seus resultados, numa perspectiva didáctica vocacionada para as famílias, com a disponibilização de um autocarro, pela Câmara Municipal de Oeiras, em regime "non stop", entre Leceia e o Museu Arqueológico do Carmo, para facultar a visita ao povoado pré-histórico de todos os interessados.
2011	Inauguração da Exposição Permanente "Arqueologia do Concelho de Oeiras", e apresentação do livro/catálogo "Arqueologia do Concelho de Oeiras – do Paleolítico Inferior Arcaico ao século XVIII" (CARDOSO, 2011), na Casa do Salitre da Fábrica da Pólvora de Barcarena (16 de Junho). Nela e no respetiva publicação, o povoado pré-histórico de Leceia encontra-se devidamente apresentado.
2012	Participação na 2.ª edição da Festa da Arqueologia, no Museu Arqueológico do Carmo, com possibilidade de visitas guiadas ao povoado pré-histórico de Leceia (de 4 a 6 de Maio) nos moldes anteriormente adoptados, com a apresentação de materiais didácticos respeitantes a Leceia, destinados ao público em geral e às famílias em particular; Publicação de extensa entrada alusiva a Leceia, no Dicionário de Arqueologia Portuguesa. Porto: Figueirinhas, garantindo a difusão dos resultados mais recentes obtidos em Leceia por um vasto público; Com as 37 visitas guiadas e mais de 1000 visitantes, 2012 foi um dos anos com maior número de afluência do público a Leceia, só ultrapassado em 2007 com 1288 visitantes.

2013	Participação na 3.ª edição da Festa da Arqueologia, no Museu Arqueológico do Carmo (de 8 a 9 de Junho), de natureza e objectivos semelhantes aos das duas anteriores edições. Publicação, em prestigiada revista internacional, de estudo genético sobre restos faunísticos de Leceia, que veio demonstrar a presença de burro doméstico na Península Ibérica desde pelo menos o último quartel do 3.º milénio a.C.
2014	Seminário de Arqueologia, dedicado à figura de Carlos Ribeiro, na comemoração dos 200 anos do seu nascimento, sendo o quarto a ser organizado pelo CEACO, numa parceria entre a Câmara Municipal de Oeiras e a Academia das Ciências de Lisboa, tendo decorrido no Salão Nobre desta Academia: "Carlos Ribeiro, Geólogo e Arqueólogo (1813-1882)" (23 de Junho). A figura de Carlos Ribeiro foi devidamente valorizada no respeitante à sua ligação a Leceia, como responsável pela identificação da estação arqueológica e seu primeiro explorador; Apresentação do volume 20 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, no final do Seminário acima referido, contendo as comunicações apresentadas ao mesmo, somadas a outros contributos também nele publicados.
2015	Apresentação do volume 21 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* no Palácio Marquês de Pombal em Oeiras antecedendo a inauguração da Exposição "Arqueologia subaquática do Concelho de Oeiras" (11 de Dezembro), em sessão presidida pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Paulo Vistas, e pelo Senhor Director-Geral do Património Cultural, Arq. João Carlos Santos.
2017	1.º Colóquio Internacional História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia, organizado pelo CEACO, realizado no Auditório da Câmara Municipal de Oeiras na Universidade Atlântica – Fábrica da Pólvora de Barcarena (27 de Maio), seguido da apresentação do volume 23 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* dedicado à memória do arqueólogo Rui Boaventura. Ambas as iniciativas foram presididas pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Paulo Vistas.
2018	Comemoração do XXX aniversário do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (1988-2018), na Casa do Salitre, na Fábrica da Pólvora de Barcarena, com a apresentação de uma conferência sobre vasos campaniformes a cargo do Prof. Doutor Jean Guilaine e a apresentação pública do volume 24 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, a cargo do Prof. Doutor Carlos Fabião (20 de Outubro). Ambas as iniciativas foram presididas pelo Senhor Vereador Doutor Pedro Patacho, em representação do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras.
2019	2.º Colóquio Internacional História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia, realizado na Fábrica da Pólvora de Barcarena, Casa do Salitre – Sala de Arqueologia Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira (19 de Outubro de 2019), seguida da apresentação do volume 25 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, e da inauguração da *Sala de Arqueologia Prof. Doutor Octávio da Veiga Ferreira.* Ambas as iniciativas foram presididas pelo Senhor Vereador Doutor Pedro Patacho, em representação do Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras. Carregamento dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* na Plataforma *Open Journal Systems.* Adesão ao Programa "Oeiras Educa" do Departamento de Educação/CMO, destinado a escolas do Concelho.
2020	Inauguração da rotunda viária de Leceia – Evocação do povoado pré-histórico de Leceia através de um monumento impressivo (10 de Julho), em cerimónia presidida pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr. Isaltino Morais. Publicação dos volumes 26 e 27 da revista *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Disponibilização do vídeo didáctico, integralmente produzido no CEACO, alusivo ao povoado pré-histórico de Leceia, intitulado *Leceia 2500 a.C.* na plataforma "Oeiras Educa" da CMO.
2021	Publicação, entre outros, do estudo em revista internacional dedicado às contas pré-históricas peninsulares de fluorite, entre as quais a recolhida em Leceia; e do relativo aos dentes de tubarão fósseis utilizados como adereço na indumentária provenientes de Leceia, no volume de Homenagem publicado pelo Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa a Carlos Tavares da Silva.

2022	Publicação do estudo mineralógico ao microscópio de luz polarizada das pastas de produções cerâmicas campaniformes de Leceia, dando continuidade aos trabalhos laboratoriais desenvolvidos no CEACO e em articulação com investigadores estrangeiros; Publicação do estudo genético de restos faunísticos de cão doméstico recolhidos em Leceia e em outros sítios calcolíticos peninsulares, com incidência na caracterização das origens e história das populações ibéricas, igualmente resultante de trabalho de equipa multidisciplinar, publicado em revista internacional de grande prestígio.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. T. & CARDOSO, J. L. (1995) – Ictiofauna do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 187-192.

BLASCHIKOFF, L.; SERRA, O.; GUIMARÃES, S.; SIMÕES, F.; DETRY, C.; GINJA, C.; FERNÁNDEZ-RODRÍGUEZ, C.; PORFÍRIO, E.; CARDOSO, J. L. & PIRES, A. E. (2019) – Iberian Chalcolithic Canis: a genomic approach to know them better. Poster. 8th meeting of the International Council for Archaeozoology (ICAZ) Archaeozoology, Genetics, Proteomics, Morphometrics (AGPM). Paris, Outubro de 2019.

BLASCHIKOFF, L.; DAZA-PEREA, A.; REQUICHA, J.; DETRY, C.; RASTEIRO, R.; GUIMARÃES, S.; UREÑA, I; SERRA, O.; SCHMIDT, R.; VALERA, A.; ALMEIDA, N. J.; PORFÍRIO, E.; SANTOS, A. B.; DELICADO, C.; SIMÕES, F.; MATOS, J. A.; AMORIM, I. R.; PETRUCCI-FONSECA, F.; DAVIS, S. J. M.; MUÑOZ-MÉRIDA, A.; GÖTHERSTRÖM, A.; FERNÁNDEZ-RODRÍGUEZ, C.; CARDOSO, J. L.; GINJA, C. & PIRES, A. E. (2022) – A multidisciplinar study of Iberian Chalcolithic Dogs. *Journal of Archaeological Science. Reports*. 42 April 2022, 103338.

CARDOSO, J. L. (1972) – Arqueologia - Leceia. *Ensaio.* Caxias, 6, p. 4 e 8.

CARDOSO, J. L. (1979) – O povoado pré-histórico de Leceia. Nota prévia sobre a colecção de Álvaro de Brée. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, Vol. XXI, fasc. 2-3, Lisboa.

CARDOSO, J. L. (1980) – O povoado pré-histórico de Leceia. (Lisboa/Portugal) Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée (1ª parte). *Revista de Guimarães*, Guimarães. 90, p. 211-304.

CARDOSO, J. L. (1981) – O povoado pré-histórico de Leceia. (Lisboa/Portugal) Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée (2ª parte). *Revista de Guimarães*, Guimarães. 91, p. 120-233.

CARDOSO, J. L. (1982) – *Castro de Leceia*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras, 57 p.

CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia – resultados dos trabalhos realizados – 1983-1988.* Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras, 146 p.

CARDOSO, J. L. (1991) – A reconstrução de grandes estruturas em povoados calcolíticos. O exemplo de Leceia (Oeiras). *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990), p. 139-146.

CARDOSO, J. L. (1994) – Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial*. Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras, 164 p.

CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo.* Lisboa/ Oeiras. Museu Nacional de Arqueologia, Câmara Municipal de Oeiras, 128 p.

CARDOSO, J. L. (1997/1998) – A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.

CARDOSO, J. L. (2000) – Sítios, pedras e homens, trinta anos de arqueologia no concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 9, 191 p.

CARDOSO, J. L. (2003 a) – *O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português. Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002).* Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 70 p.

CARDOSO, J. L. (2003 b) – Qualificação arquitectónica da entrada do povoado pré-histórico de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 11, p. 333-336.

CARDOSO, J. L. (2003 c) – Lançamento do livro "O povoado Pré-histórico de Leceia no Quadro da Investigação, recuperação e valorização do Património Arqueológico Português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 11, p. 337-343.

CARDOSO, J. L. (2004a) – Polished stone artefacts at the prehistoric settlement of Leceia (Oeiras). *Madrider Mitteilungen*. Mainz. 45, p. 1-32.

CARDOSO, J. L. (2004b) – O uso do marfim, no território português, durante o Calcolítico. *Volume de Homenagem ao Doutor Fernando Guedes*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, p. 115-128.

CARDOSO, J. L: (2004 c) – A baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História Regional. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras 12, 332 p.

CARDOSO, J. L. (2006) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 9-276.

CARDOSO, J. L. (2011) – Arqueologia do concelho de Oeiras. Do Paleolítico Inferior arcaico ao século XVIII. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 178 p.

CARDOSO, J. L. (2013) – A evolução do paleoestuário da ribeira de Barcarena entre os finais do VI milénio e os finais do III milénio a.C. segundo a presença de *Ostrea edulis* L. *In* SOARES, J. (ed.), *Prehistory of wetlands*. (Setúbal, 2011), p. 113-122 (*Setúbal Arqueológica,* 14).

CARDOSO, J. L. (2014 a) – Manifestazioni del vaso campaniforme nel território portoghese. In De MARINIS, R. C. (ed.) – *Le manifestazioni del sacro e l'Età del Rame nella regione alpina e nella pianura padana. Studi in memoria di Angelo Rampinelli Roca.* Brescia: Euroteam, p. 279-319.

CARDOSO, J. L. (2014 b) – Absolute chronology of the Beaker phenomenon North of the Tagus estuary: demographic and social implications. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid.71 (1), p. 56-75.

CARDOSO, J. L. (2014 c) – A presença campaniforme no território português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 21, p. 295-348.

CARDOSO, J. L. (2017) – O povoamento campaniforme em torno do estuário do Tejo: cronologia, economia e sociedade. In GONÇALVES, V. S. (ed.), *Sinos e taças junto ao Oceano e mais longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica.* Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 126-141 (Estudos & Memórias, 10).

CARDOSO, J. L. (2019) – Los vasos campaniformes maritimos y su difusión desde el estuario del Tajo (Portugal). In *Un brindis por el príncipe! El vaso campaniforme en el interior de la Península Ibérica (2500-2000 a.C.).* Delibes, G. & Guerra, E. (ed. cientificos), Madrid: Museo Arqueológico Regional de la Comunidad de Madrid, p. 109-133.

CARDOSO, J. L. (2020 a) – Os artefactos de pedra polida do povoado Pré-Histórico de Leceia (Oeiras, Portugal). In R. VILAÇA & R. S. AGUIAR, *(I)mobilidades na pré-história. Pessoas, recursos, objectos, sítios e territórios* (Coimbra, 2020). Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 91-133.

CARDOSO, J. L. (2020 b) – Um machado de alvado do Bronze Final recolhido em Leceia (Oeiras): acerca da distribuição dos machados de alvado e duas argolas no ocidente peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 26, p. 67-76.

CARDOSO, J. L. (2020 c) – Evocação do povoado pré-histórico de Leceia através de um monumento impressivo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 27, p. 397-404.

CARDOSO, J. L. & ANTUNES, M. T. (1995) – Dentes de tubarões miocénicos em contextos pré-históricos portugueses. Estudo comparado dos materiais de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 199-211.

CARDOSO, J. L. & CARVALHOSA, A. B. (1995) – Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análises de proveniências. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 123-151.

CARDOSO, J. L. & DETRY, C. (2001/2002) – Estudo arqueozoológico dos restos de ungulados do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras.* Oeiras. 10, p. 131-182.

CARDOSO, J. L. & FERNANDES, F. B. (1995) – Estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 153-164.

CARDOSO, J. L. & GIBAJA, J. F. (2019) – Conociendo las foicinhas líticas del poblado prehistorico de Leceia (Oeiras, Portugal). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 76 (2), p. 357-370.

CARDOSO, J. L. & GUERRA, M. F. (1997/1998) – Análises químicas não destrutivas do espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia, Oeiras e seu significado no quadro da intensificação económica calcolítica da Estremadura. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 61-88.

CARDOSO, J. L. & HENRIQUES, R. (2018) – Resultados da intervenção realizada na Zona Especial de Protecção do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Contribuição para o conhecimento da evolução geomorfológica da envolvente do espaço arqueológico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 24, p. 171-180.

CARDOSO, J. L. & MAGRO, F. (1999/2000) – Moedas medievais e modernas achadas nas escavações do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Câmara Municipal de Oeiras, 8, p. 431-445.

CARDOSO, J. L. & SCHUHMACHER, T. X. (2012) – Marfiles calcolíticos en Portugal. Estado de la cuestión. *Elfenbeinstudien. Marfil y elefantes en la Península Ibérica y el Mediterrâneo occidental. Actas del coloquio internacional en Alicante el 26 y 27 noviembre 2008.* Darmstadt/Mainz: Verlag Philipp von Zabern, p. 95-110.

CARDOSO, J. L.; ANTUNES, M. T. & MEIN, P. (1996) – Pequenos mamíferos do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 121-133.

CARDOSO, J. L.; BRANDHERM, D. & BOUTOUILLE, L. (2018) – Instrumentos líticos para a deformação plástica de metais do povoado calcolítico de Outeiro Redondo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 24, p. 291-306.

CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. S. & AGUIAR, D. (1991) – O Homem Pré-Histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 2, 85 p.

CARDOSO, J. L.; DOMINGUEZ-BELLA, S. & MARTÍNEZ-LÓPEZ, J. (2012) – Ocorrência de contas de fluorite no Neolítico Final e no Calcolítico da Baixa Estremadura (Portugal). *IX Congresso Ibérico de Arqueometria (Lisboa, 2011)*. Actas. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, p. 35-42. (*Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 19).

CARDOSO, J. L.; QUERRÉ, G. & SALANOVA, L (2005) – Bell Beaker relathionships along the Atlantic coast. *VII European Meeting on Ancient Ceramics (Lisboa, 2003)*. Actas: Instituto Português de Arqueologia, p. 27-31 (*Trabalhos de Arqueologia*, 42).

CARDOSO, J. L.; SILVA, C. T. & SOARES, J. (1983/1984) – O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). 1.ª e 2.ª campanhas de escavação. *Clio/Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 41-68.

CARDOSO, J. L., SOARES, J., & SILVA, C. T. (1985) – O Povoado Calcolítico de Leceia (Oeiras). 1.ª e 2.ª Campanhas de Escavação (1982 e 1983). *Clio/Arqueologia.* Lisboa. 1, p. 41-68.

CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. T. (1987) – *Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L.; BOTTAINI, C.; J. MIRÃO, R. J. & BORDALO, R. (2020) – O espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Inventariação e estudo analítico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras.* Oeiras. 26, p. 41-66.

CARDOSO, J. L.; VILSTRUP, J.; EISENMANN, V. & ORLANDO, L. (2013) – First evidence of *Equus asinus* L. in the Chalcolithic disputes the Phoenicians as the first to introduce donkeys into the Iberian Peninsula. *Journal of Archaeological Science*, 40, p. 4483-4490.

COITO, L. C.; CARDOSO, J. L. & MARTINS, A. C. (2008) – *José Leite de Vasconcelos. Fotobiografia.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Editorial Verbo, 319 p.

CONVERTINI, F. & CARDOSO, J. L. (2022) – Les poteries campaniformes de la fortification chalcolihique de Leceia (Oeiras, Portugal): étude pétrographique, analyse des provenances et degraissants. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 30, p. 11-34.

DOMÍNGUEZ-BELLA, S.; QUERRÉ, G.; CALLIGARO, T.; LÓPEZ, J. M. & CARDOSO, J. L (2019) – Iberian variscite: ICP-MS-LA and PIXE analysis of recent prehistory beads and pendants from Spain and Portugal. In G. QUERRÉ; S. CASSEN & E. VIGIER (edts.), *La parure en callaïs du Néolithique européen*. Oxford: Archaeopress Publishing Ltd., p. 201-239.

FERREIRA, O. V. (1975) – Acerca dos monumentos de planta quadrada ou rectangular encontrados em Portugal. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa. Série III, 81, p. 49-55.

FERREIRA, O. V. & CARDOSO, J. L. (1975) – Flauta, chamariz ou negaça de caça, de osso, encontrada no castro de Leceia (Barcarena). *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. Lisboa. Série III, 81, p. 57-63.

FONTES, J. (1955) – Estação eneolítica de Leceia (Barcarena). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 65 (3/4), p. 341-352.

GARRIDO-CORDERO, J. A.; ODRIOZOLA, C.; SOUSA, A. C.; GONÇALVES, V. S. & CARDOSO, J. L. (2020) – Distribution and consumption of fluorite and translucent beads in the Iberian Peninsula from 6th to 2nd millennia BC. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 71 (2), p. 274-284.

GARRIDO-CORDERO, J. A.; ODRIOZOLA, C.; SOUSA, A. C.; GONÇALVES, V. S. & CARDOSO, J. L. (2021) – Shine on you crazy diamond: Symbolism and social use of fluorite ornaments in Iberia's late prehistory. *Journal of Lithic Studies*, 8 (1), p. 1-17.

GIL, F. B., FERREIRA, G.; CARDOSO, J. L. (1979) – Análise por fluorescência de raios X de peças de cobre do Castro de Leceia. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 5, p. 103-119.

GONÇALVES, V. S. (2000/2001) – O trigo, o cobre, a lã e o leite: um guia bibliográfico e uma curta introdução às sociedades camponesas da primeira metade do 3° milénio no centro e sul de Portugal. *Zephyrvs*. Salamanca. 53/54, p. 273-292.

GOURICHON, L. & CARDOSO, J. L. (1995) – L'avifaune de l'habitat fortifié Chalcolitique de Leceia (Oeiras, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 165-186.

GUERREIRO, A. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – A fauna malacológica encontrada no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo sistemático e respectivo significado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 89-129.

GUIRY, E. J.; HILLIER, M.; BOAVENTURA, R.; SILVA, A. M.; OOSTERBEEK, L.; TOMÉ, T.; VALERA, A.; CARDOSO, J. L.; HEPBURN, J. C. & RICHARDS, M. P. (2016) – The transition to agriculture in south-western Europe: new isotopic insights from Portugal's Atlantic coast. *Antiquity*, p. 604-619.

KUNST, M. (1987) – *Zambujal. Glochenbecher und kerblattverzierte Keramik aus den Grabungen 1964 bis 1973*. Mainz: Verlag Phlipp von Zabern (*Madrider Beitrage*, 5, 2)

KUNST, M. (1996) – As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 257-287.

KUNST, M.; CARDOSO, J. L. & WATERMAN, J. (2014) – Human bones from Chalcolithic walled enclosures of Portuguese Estremadura: the examples of Zambujal and Leceia. In VALERA, A. C. (ed.), *Recent prehistoric enclosures and funerary practices in Europe.* Oxford: BAR International Series 2676, p. 83-98.

LILLIOS, K. T. (2000) – A biographical approach to the Ethnogeology of Late Prehistoric Portugal. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 57 (1), p. 19-28.

MARQUES, G. (1968) – Castros. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa. 86, p. 77.

MONTEIRO, P. D. & CARDOSO, J. L. (2019) – Contributo para o conhecimento do coberto vegetal no decurso do 3.º milénio a.C. na região de Oeiras: resultados dos estudos antracológicos de Leceia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 25, p. 75-86.

MULLER, R. & CARDOSO, J. L. (2008) – The origin and use of copper at the chalcolithic fortification of Leceia (Oeiras, Portugal). *Madrider Mitteilungen*. Wiesbaden. 49, p. 64-93.

ODRIOZOLA, C. P.; CARDOSO, J. L.; GARRIDO-CORDERO, J. A.; SOUSA, A. C. & GONÇALVES, V. S. (2018) – Translucent beads, shinier worls. A preliminar approach to fluorite beads from tne Iberian Peninsula. XVIII Congrès Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques (Paris, 4-7 Juin 2018). *Poster*.

ODRIOZOLA, C. P.; GARCIA, R. V.; BOAVENTURA, R.; SOUSA, A. C.; MARTÍNEZ-BLANES, J. M. & CARDOSO, J. L. (2013) – Las producciones de adorno personal en rocas verdes del SW peninsular: los casos de Leceia, Moita da Ladra y Penha Verde. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 605-622.

OLIVEIRA, F. P. (1884) – Note sur les ossements humains qui se trouvent dans le Musée de la Section Géologique de Lisbonne. *Actas do IX Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas* (1880). Lisboa. Actas. Tipographya da Academia Real das Ciências de Lisboa, p. 291-305.

PAÇO, A. do (1959) – Castro de Vila Nova de S. Pedro XI. – *Nota sobre un tipo de cerámica del estrato Vila Nova I. Ampurias*. Barcelona. 21, p. 252-260.

PAIS, J. (1989) – Análise polínica de Leceia. Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Relatório inédito.

(PEREIRA, F. A. (1912) – A antiguidade em Belver. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 17, p. 265-275.

PEREIRA, M. A. H. (1968) –Indústria lítica proto-histórica. Notícia de um protótipo enimático e de seus congéneres. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 2, p. 25-33.

PIRES, F.; CARDOSO, J. L. & PETRUCCI-FONSECA, F. (2001/2002) – Estudo arqueozoológico dos carnívoros do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 183-247.

RIBEIRO, C. (1878) – *Estudos Pré-históricos em Portugal. Notícia de algumas estações e Monumentos Pré-históricos. 1 - Notícia da estação humana de Licêa*. Memória apresentada à Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia.

RIBEIRO, C. (1880) – *Monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas*. Memoria apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Typographia da Academia.

ROZEIRA, A. (1926) – O Bronze em Liceia. *Cultura. Revista de Letras*. Lisboa. 1.ª série, n.º 2, p. 36-38.

SCHUHMACHER, T. X.; CARDOSO, J. L. & BANERJEE, A. (2009) – Sourcing african ivory in Chalcolithic Portugal. *Antiquity*, 83, p. 983-997.

SCHUHMACHER, T. X. & CARDOSO, J. L. (2007) – Ivory objects from the Chalcolithic fortification of Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 15, p. 95-118.

SILVA, C. T.; SOARES, J. & CARDOSO, J. L. (1995) – Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia. Elementos para um estudo comparado. I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras (1987). Actas. *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica*. Lisboa: IPPAR, p. 159-168 (Trabalhos de Arqueologia 7).

SOARES, J.; SILVA, C. T. (1974/1977) – O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3, 7/9, p. 101-112.

VASCONCELOS, J. L. (1895) – Castros. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 1, p. 3-7.

VASCONCELOS, J. L. (1897) – *Religiões da Lusitânia*. 1. Lisboa: Imprensa Nacional.

VASCONCELOS, J. L. (1917) – Archeologia liceense. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 22, p. 203-206.

VASCONCELOS, J. L. (1922) – Encabamento de instrumentos de pedra prehistoricos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 25, p. 288-298.

WRIGHT, E.; WATERMAN, A. J.; PEATE, D. W.; KUNST, M.; CARDOSO, J. L. & DETRY, C. (2019) – Animal mobility in Chalcolithic Portugal: isotopic analysis of cattle from the sites of Zambujal and Leceia. *Journal of Archaeological Science*: *Reports* 24 (2019), p. 804-814.

ZBYSZEWSKI, G. (1984) – Palavras do homenageado. In *Hommage au Géologue Georges Zbyszewski*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, p. 48-54.

Câmara Municipal
de Oeiras

ISSN 0872-6086